

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português

SUMARIO

Artigos desenvolvidos:

- Tradições populares de Santo Tirso (continuação)—por Augusto C. Pires de Lima: 5.
Dialecto indo-português de Negapatão—por Sebastião Rodolfo Dalgado: 40.
Turquel folclórico—por José Diogo Ribeiro: 54.
Estudos camonianos (continuação)—por Gomes de Brito: 81.
Contos populares de Évora (continuação)—por Bernardino Barbosa: 107.
Nomes de ventos (continuação)—por Oscar de Pratt: 119.
Tradições populares do Baixo Alentejo—por D. Maria da C. Portugal Dias: 129.
Vocabulário barrosão—por Fernando Braga Barreiros: 137.
As janelas e os reis (Algarve)—por Guerreiro Gascon: 175.
Textos antigos portugueses—por J. J. Nunes: 185.
Migalhas etnográficas—por João da Silva Correia: 209.
Glossário dialectológico dos Arcos de Valdevez (continuação)—por Félix Alves Pereira: 239.
Investigações ethnographicas (artigo postumo)—por A. Thomas Pires: 257.
Retalhos de um adagiário—por José Maria Adrião: 295.

Miscelanea:

- "Mais vale um gôsto que quatro vintens."—por J. L. de V.: 162.
"Bacaqueira."—pelo mesmo: 162.
Nomes de ventos—pelo mesmo: 162.
Para "encantar," os ratos—pelo mesmo: 168.
"Haver," (impessoal) no plural—pelo mesmo: 165.
Etymologische Einfälle—por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: 317.
Carta à Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—por J. Leite de Vasconcellos: 319.

- Sufixo -iscar—por Bernardino Barbosa: 321.
Notas filológicas—por João da Silva Correia: 322.
Cartas de amor populares—por Claudio Basto: 323.

Bibliografia:

- I. Livros (e opusculos):—*Um capítulo de Semantica*: 167—*A superstição e o crime*: 168—*Contribuição para a lexicologia luso-oriental*: 173—*Historia de Nala e Damantã*: 328—*O anel de Policrates*: 328—*A evolução do Sebastianismo*: 329.
Alguns temas filológicos: 333—*A viagem de Antero de America*: 334—*A Marquesa d'Alorna*: 335. II. Periodicos:—*Modern Language Notes*: 336—*The Journal of American Folklore*: 336. III. Varia quadam:—*Linguagem medica popular*: 336—*A linguagem medica de Fiado*: 336—*Da ortografia do pronome-artigo*: 337—*Glossas ao Relatorio da Orthografia*: 337—*Orthografia portugueza*: 337—*Revisitas dos liceus*: 337—*Historia do Museu Etnologico*: 338—*Ethnografia artistica*: 338—*Cantigas quadradas*: 338—*Arte popular do Alentejo*: 338—*Mealhetros*: 338—*Sobrevivencias neolíticas de Portugal*: 334—*Lusa*: 338—*Figueira*: 338—*Portugal Medico*: 338—*Terra Nossa*: 339.

Necrologia:

- Ataide de Oliveira—por B. Barbosa: 340.
Giuseppe Pittre—por J. L. de V.: 341.

Cronica:

- Exposição ethnographica em Lisboa—por L. Chaves: 343.
Investigação vocabular (O. de Pratt): 345.
Congresso transmontano: 35.
Congresso de portuguezes numa Universidade da America: 345.

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917

SINTAXE HISTORICA PORTUGUESA

POR

Augusto Epiphonio da Silva Dias

1 vol. encadernado 2\$00

RICARDO JORGE

CONTRA UM PLAGIO

DO

Prof. THEOPHILO BRAGA

Dados para a etho-psicologia litteraria
duma pedantocracia

1 vol. \$70

JOSÉ JOAQUIM NUNES

GRAMATICA HISTORICA DA LINGUA PORTUGUESA

I—FONÉTICA

1 vol. (a concluir)

JOÃO LUCIO D'AZEVEDO

VIDA DE ANTONIO VIEIRA

Com factos e documentos novos

1 vol. (no prélo)

REVISTA LUSITANA

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
114, Rua José Falcão, 122—Porto

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português



VOL. XX

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917

REVISTA LUSITANA

VOL. XX

1917

N.^{os} 1-2

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.^a série)

(Continuação do vol. XIX da *Rev. Lusit.*, pág. 233-257)

IV

Bruxas, feitiçaria e Mouras encantadas

1. — O pai da tia Ana era muito *afouto* (corajoso) e andava aos carretos. Quando via as bruxas vestidas de branco, deitava a fralda de fora, e as bruxas não desapunham o carro, nem lhe faziam mal (S. Martinho de Bougado).

2 — Para que as bruxas não venham a nossa casa devemos dizer as seguintes palavras:

Nesta casa, *contista*,
S. João *Avangelista*,

Entre Nosso Senhor *Jasu-Cristo*,
Assista, assista.

(Areias)

3 — Uma mulher deu um bôlo ao conversado a fim de o prender. O rapaz, adivinhando o perigo, passou o presente a um burro, que, daí por diante, não largou mais a porta da esperalhona.

A tentativa deu origem a esta cantiga:

Tu chamaste-me tolinho,
Eu joguei pelo seguro;

Não quero que tu me faças
O que *fizestes* ó burro... ¹

(Areias)

4 — Algumas mulheres, em vez da tradicional beberagem, seguem outro sistema: Cortam com uma tesoura a camisa dos homens que desejam seduzir. Se alguém vestir a camisa, depois de cosido o golpe, nunca mais poderá abandonar a autora do feitiço a não ser que descosa a costura (Santo Tirso) ².

¹ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 45, n.º 11.

² Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 30, n.º 4, e 44, n.º 45.

5 — As crianças por baptizar são moiras ¹ e conhecidas pelos nomes de Custódio ou Custódia ². Aquelas que nascem mortas enterram-se por baixo da porta do forno, para receberem a luz quando há cozedura, pois, como não foram baptizadas, vivem na escuridão (S. Martinho de Bougado).

6 — São interessantes as lendas que correm em volta da *Torre Alta* (Areias) ³.

Na mina que liga o rio Ave com as ruínas do antigo castro, entrou um dia o tio-avô do informador, e voltou de lá gelado pelo frio e pelo terror, porque a ventania era medonha.

Uma moira muito linda aparecia sôbre um penedo a fiar, e cantava que era uma maravilha! Todos tinham medo de se aproximar.

Uma ocasião, um rapaz pôs-se a cantar ao desafio com a moira, a qual lhe disse ficar desencantada se elle fôsse animoso: Ela havia de transformar-se numa serpente, subir por elle acima, dar-lhe um beijo na cara e abraçá-lo.

À hora marcada, appareceu a serpente com rugidos medonhos, e o rapaz deixou-se abraçar e beijar. A serpente ficou logo numa mulher linda que o mandou buscar ferramenta, e elle foi. Voltando, começou a cavar, e levantou uma pedra, vendo no chão muitas meadas de ouro e peças de diferentes qualidades, estando a guardar a toca dois leões, cada um com a sua espada.

O rapaz e a moira ficaram muito ricos e *arreceberam-se*.

Na Torre Alta encontram-se à superfície da terra restos de cerâmica, e de lá saiu um fragmento de lucerna que o illustre arqueólogo de Santo Tirso, P.^e Joaquim da Fonseca Pedrosa, conserva no museu organizado nos claustros do mosteiro.

7 — No *Jornal de Santo Thyrsó*, de 15 de Março de 1888, encontrei desenvolvida em folhetins uma lenda parecida, cuja acção é posta no Penedo da Moira, em Portos, freguesia da Lama.

O penedo assentava sôbre dois calhaus, formando uma espécie de gruta por onde os moiros traziam os cavalos a beber ao rio Ave. No alto do penedo via-se tôdas as noites uma formosíssima moira, que foi requestada por um morgado de Riba d'Ave, desaparecendo ambos.

O snr. Alberto Pimentel registou na sua obra — *Santo Thyrsó* —

¹ Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 36, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 262 e 210.

² Informação de meu amigo, Dr. Dias de Sá, de Landim (Famalicão).

³ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 47, n.^o 18.

so de Riba d'Ave, pág. 311 — uma tradição relativa a Alvarelhos, segundo a qual os mouros trariam os cavalos a beber por uma passagem subterrânea entre o monte de S. Marçal e o rio Ave.

V

Várias superstições

1 — Não se deve ir à horta colher couves no domingo de Ramos, senão elas ganham piolho. Nesse dia é costume fazer-se ao jantar caldo de castanhas (Areias).

2 — Em certos dias não se pode lavar. No dia de Santo António lavrou o caseiro de Carapeços (Areias), mas uma junta levantou-se e os bois estragaram-se, tendo de ser vendidos por metade do custo. Não se pode lavar também no dia de S. Pedro de Rates (S. Simão de Novaes).

3 — O centeio não pode cortar-se no mesmo dia em que caírem os Santos Inocentes: Se os Santos Inocentes caírem à segunda-feira, não pode ser a segada à segunda, se caírem à terça, não pode fazer-se à terça, etc. (Areias).

4 — Cozendo-se o pão na sexta-feira santa, aparece com raios de sangue (Areias) ¹

5 — Sôbre a superstição registada na *Rev. Lusit.*, v. XVII, pág. 50, n.º 21, li em *Filinto Elysio* uma nota curiosa: «*Dizem as nossas velhas que o vinho entornado, é agouro de festa, e de alegria; como o é de perda e de desgraça o derramado sal na mesa. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos, com muitas que fora longo referir, e mais longo ainda de arrancar*» ².

6 — As melancias não crescem se alguém apontar para elas (Areias).

7 — Quando se *deita* ³ uma galinha, é costume pronunciar as palavras:

Em louvor de S. Salvador,
Que nasçam todos pitas
E um só galador.

ou

Em louvor de Santa Rita,
Que nasçam tudo pitos
E uma só pita ⁴.

(Areias)

¹ V. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 38, n.º 14.

² *Obras*, Lisboa, 1896.

³ *Deitar uma galinha* é pô-la a chocar ovos.

⁴ Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 299, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 154.

8 — Não se devem matar as andorinhas e as boieirinhas, porque levam água para lavar os pés ao Senhor (Areias) ¹.

9 — Os sardões são amigos dos homens e inimigos das mulheres, como se pode ver dos seguintes exemplos:

— Uma cobra ia a entrar pela boca dum homem; o sardão presenciou o perigo e salvou o dorminhoco, batendo-lhe com o rabo na cara para o acordar.

— Uma mulher ia de cêsto à cabeça com o jantar para o homem; um sardão perseguiu-a de tal modo que ela teve de gritar por socôrro (Areias) ².

10 — Teem virtude, servindo para defumadoiros as ervas (cidreira, salva, etc.) colhidas na manhã de S. João.

11 — Para se descobrir a qualidade da pessoa com quem se há-de casar, põe-se ao sol no S. João, um pouco antes da meia noite, um copo com água.

Quebra-se um ovo e deita-se a clara dentro do copo ao mesmo tempo que se diz:

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,

Depara-me a minha sorte
Neste copinho de vidro.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai examinar-se a figura formada pela clara: Se o futuro marido tiver de ser brasileiro, ver-se há um navio com todos os seus *trabalhos*; se pedreiro, um martelo; se alfaiate, uma agulha a coser; se lavrador, uma vara. O tear representará uma tecedeira, a fouchinha uma lavradeira, etc.

A informadora botou a sorte e saiu-lhe um martelo, vindo realmente a casar com um pedreiro ³.

¹ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 40, n.º 24.

² Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 144; e *Rev. Lusit.* vol. XVII, pág. 31, n.º 16, e 55 n.º 54 e 55.

³ Ao colher a tradição referida, lembrei-me dum passo das *Decadas* de João de Barros, quando os mouros de Calecut se consultam sobre a ida de Vasco da Gama: «...hum d'elles, dizendo, que o anno passado sobre duas ndos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas pessoas, que usam do officio de Astrologia, e d'outras artes, que daqui dependem, huma das quaes pessoas, que elle daria por testemunha, como autor da obra, em hum vaso d'agua lhe mostrára as ndos perdidas, e mais outras á vella, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes.» *Asia*, Dec. I, Liv. IV, Cap. IX, pág. 341 (ed. de 1778). Cfr. *Lusiadas*, c. VIII, e. 45.

— No comentário da tragédia pastoral de d'Annunzio — *La fille de Jorio* (Tradução de Georges Hèreille, Paris, Calmann-Lévy, pág. 187) — encontrei outro exemplo de visão: «*La Plais est une petite montagne à l'est de l'Introdacqua. Les habitants du pays ont coutume d'y monter pour la Saint-Jean; les caravanes se mettent en marche vers minuit, et, lorsque le soleil se lève, les plus favorisés voient apparaître à l'intérieur du disque le ciel du Baptiste, tout ruisselant de sang.*»

— Para um rapaz saber a rapariga com quem há-de casar, aproveita a meia noite de S. João para deitar num copo de água vários bilhetinhos com os nomes das conversadas, e expõe o copo ao rol da noite.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai ver o copo, e encontra aberto o escrito com o nome daquela que lhe há-de caber em sorte, permanecendo todos por abrir, se o rapaz não tiver de casar com nenhuma (Areias).

12 — Depois do dia de S. Bartolomeu não se podem comer amoras; o diabo urina nelas (Areias).

13 — No dia 28 de Outubro (dia de S. Simão) há sempre muito temporal: é S. Simão a varejar os castanheiros. Cfr. o ditado: Fugi, marinheiros, não vos tome S. Simão no mar (S. Simão de Novais) ¹.

14 — A cabeceira da cama não deve pôr-se para o lado do mar (Areias) ².

15 — Em pequeninas (antes de terem um mês) as crianças riem para os anjinhos (Areias).

16 — Tenho ouvido narrar histórias de cartas caídas do céu (Areias) ³.

17 — Nenhuma mulher pode entrar virgem no céu; se lá chega nesse estado, é desflorada por Santo Hilário (Santo Tirso).

18 — A gente morre à mesma hora que nasce (Santo Tirso).

19 — Não é bom ter as crianças a dormir, quando vai a passar um entêrro (Areias) ⁴.

20 — Na passagem dum cadáver, não devemos pôr-nos do lado da sombra (Areias) ⁵.

21 — Sonhar com porcaria é sinal de dinheiro (Santo Tirso).

22 — Os pingos de leite que espirram do peito da mulher produzem sardas desde que caiam na cara (Santo Tirso).

23 — Matar sardoniscas faz chover (Rebordões) ⁶.

¹ Freguesia próxima de Santo Tirso, mas pertencente ao concelho de Famalicão.

² Em Vila Rial disseram-me não ser bom estar a cama de modo que os pés fiquem voltados para a porta da rua, por ser essa a posição dos defuntos.

³ Entre vários agouros lê-se na *Cólia* de Sá de Miranda: «... *er caio* | *Del cielo um breve que no hai quien lo lea* (Poesias, ed. de D. Car. Mich. de Vasc., Halle, 1885, pág. 296).

⁴ Não devemos conservar-nos deitados quando passa um cadáver na rua (Vila Rial). Cfr. *Rev. Lus.*, vol. xvii, pág. 48, n.º 3.

⁵ Cfr. *Rev. Lus.*, vol. xvii, pág. 49, n.º 5.

⁶ Informação de meu amigo, sr. Julio Padrão, professor oficial de Rebordões. O termo «sardonisca», com o sentido de largatixa, registado no *Novo Dicionário* como *t. de Penafiel*, é usado geralmente no Minho.

24 — Matando-se uma saramela à sexta-feira, tira-se uma alma do purgatório. (S. Tiago de Bougado) ¹.

VI

Provérbios e ditos populares

1 — Primeiro, a bôca to dirá;
Segundo, guardarás;
Terceiro, irás a S. Brás ².

2 — Se queres ser bom alheiro, *pranta* alhos em Janeiro ³.

3 — Do cerejo ao castanho Do castanho ao cerejo
Bem me eu amanho; É que me eu vejo... ⁴.

4 — A 20 de Janeiro sobe ao *iteiro*; se vires verdegar, põe-te a chorar, se vires terrear, põe-te a cantar ⁵.

5 — Se a Senhora das Candeias estiver a rir, está o inverno para vir; se estiver a chorar, está o inverno a acabar ⁶.

6 — Em Fevereiro põe a mãe ao *sôlheiro*, e vem-lhe um co-risqueiro ⁷.

7 — Vinho, que nasce em Março, vai no regaço ⁸.

8 — Entre Março e Abril, se o cuco não vier, está a "fim do mundo p'ra vir.

9 — Em Abril queima a velha o carro e o carril, e uma camba que lhe ficou ainda em Maio a queimou, e deixou ficar o melhor tição para o mês de S. João ¹⁰.

10 — O chasco deve dar carne para a Páscoa (S. Simão de Novais) ¹¹.

¹ Informação de meu amigo, sr. Julio Padrão.

² Explicação: 1.º—Jejum na véspera da Senhora das Candeias; 2.º—dia santo de guarda na Senhora das Candeias, que tem romaria em Landim, concelho de Famalicão; 3.º—romaria de S. Brás na mesma freguesia, no dia seguinte à Senhora das Candeias. Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pag. 268.

³ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pag. 6.

⁴ Outros dizem: Do cerejo ao castanho bem vai...; e pior é do castanho ao cerejo! O ditado applica-se tanto aos lavradores como às aves que lutam com falta de recursos no inverno.

⁵ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pag. 17. 20 de Janeiro é o dia de S. Sebastião.

⁶ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pag. 73, e IV, pag. 15.

⁷ Saraiveiro. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pag. 6, e *Rev. Lus.*, vol. XVII, pag. 292, n.º 129.

⁸ V. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pag. 283, n.º 11, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pag. 8.

⁹ Nas palavras *fim do mundo*, *fim* emprega-se geralmente como do género feminino.

¹⁰ Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pag. 284, n.º 13, e *Ens. Ethnogr.*, t. III, pag. 74, e IV, pag. 629.

¹¹ Para que o tempo corra propício aos lavradores, é preciso que haja ninkos com passarinhos pela Páscoa.

- 11 — Maio, maiola, Junho, Junheta,
O mês que te rebola; O mês que te remeta.
- 12 — Em Maio come o gaio a cereja ao borralho ¹.
- 13 — Maio pardo... Não há Maio sem trovões, nem homem sem... ².
- 14 — Chuva de S. João quita vinho e não dá pão ³.
- 15 — E melhor que chova sete Maioes que um Junho ⁴.
- 16 — Queres ver o teu homem morto? — Dá-lhe couves em Agosto ⁵.
- 17 — Em Agosto a poupa preleva a perdiz no gôsto.
- 18 — Em dia de S. Lourenço ⁶, nem nascido, nem no lenço ⁷.
— Em dia de S. Lourenço, vai à vinha e enche o lenço ⁸.
- 19 — Em Setembro levanta-se o mar debaixo da pá do remo (Castelo de Neiva) ⁹. Em Santo Tirso dizem: Fugi, marinheiros, que não vos cace S. Simão no mar ¹⁰. Talvez a êsse ditado se ligue outro muito conhecido: Por S. Simão e S. Judas colhidas são as uvas ¹¹.
- 20 — Logo que se passe S. Martinho, cada dia um car-rinho ¹².
- 21 — Pelo S. Martinho barra o teu vinho, e mata o teu por-quinho ¹³.
- 22 — Dos Santos ao Natal, ou bem chover, ou bem nevar.
— Dos Santos ao Natal, inverno natural ¹⁴.
- 23 — Pelo Natal, sacha o faval.
- 24 — Ano de neve, paga o que deve (Vila Rial) ¹⁵.
- 25 — Lua nova e lua cheia, preia-mar às duas e meia (Viana do Castelo) ¹⁶.

¹ Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 44; e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 15, e 18 n.º 136.

² Termina o ditado por uma palavra obscena, que substitui o termo *calções* dos *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 17.

³ Cfr. *Philosophia pop. em prov.*, 2.º ano, 6.ª série, pág. 6, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 19.

⁴ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 30.

⁵ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 61, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 15.

⁶ O S. Lourenço cai a 10 de Agosto.

⁷ Ensina o ditado que deve semear-se o nabal nesse dia.

⁸ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 6.

⁹ Informação de meu amigo, E. Machado Cruz, professor do Lyceu de Braga.

¹⁰ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 287.

¹¹ V. *Philosophia pop.*, pág. 62.

¹² O ditado refere-se ao centeio: Se bem compreendi, a sementeira deve fazer-se até S. Martinho, havendo, no caso de dâmore, prejuizo de um carro por dia.

¹³ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62, e *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 21.

¹⁴ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62.

¹⁵ Informação de meu amigo, Dr. Aguiar, médico da armada Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 72.

¹⁶ Informação de meu pai, Fernando Pires de Lima.

- 26 — Vento suão, chuva na mão ¹.
 27 — Vermelho ao mar, pega nos bois e vai lavar.
 — Vermelho ao nascente, chuva de repente.
 — Vermelho ao nascente, chuva no poente.
 — Vermelho ao nascente, pega nos bois e foge sempre ².
 28 — Quando aparecem os peneireiros, é costume dizer-se:
 temos chuva! (Areias)
 — Ouvi a mesma frase ao passar um amolador, tocando na
 sua gaita (S. Martinho de Bougado) ³.
 29 — Ano de bogalhos, ano de trabalhos ⁴.
 30 — Galinha pedrês, não a comas, nem a dê ⁵.
 31 — Criados e bois, um ano até dois.
 32 — A tranca . . . atranca ⁶.
 33 — Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu ⁷.
 34 — Não batas no cão, que não sabes se ainda virás a ser
 como êle ⁸.
 35 — Sete abogões matam um homem e oito um *bigueiro* ⁹.
 36 — Aos seis assenta e aos sete *indenta* ¹⁰.
 37 — Três de cada vez, sete cada dia e uma cada mês ¹¹.
 38 — Casa Maria com Pedro . . . é um casamento negro ¹².
 39 — Quem se não farta de comer, também se não farta de
 lamber ¹³.
 40 — A ladrão de casa, nada se lhe fecha ¹⁴.
 41 — O que não mata, engorda ¹⁵.
 42 — Os homens não se medem aos palmos ¹⁶.
 43 — Mãe diligente, filha preguiçeira.

¹ Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop.*, pág. 48, e *Rev. Lusit.*, vol. xvi, pág. 288.

² Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 12, e *Rev. Lusit.*, vol. xvi, pág. 168 e 288.

³ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 12.

⁴ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. xvi, pág. 288.

⁵ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 7.

⁶ Os lavradores, em geral, podam as vides das uveiras, ano sim e ano não, e querem dizer com o ditado que a produção do vinho é maior quando as vides não são podadas.

⁷ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 274.

⁸ Ouve-se este dito, que existe em forma de provérbio. V. *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 71.

⁹ O povo acredita que os abogões podem matar realmente um homem e até um burro.

¹⁰ Aplica-se às crianças de seis e sete meses.

¹¹ Devemos beber três copos de vinho ao jantar: um no principio, o segundo no meio e o outro no fim; dormir sete horas, e confessar-nos todos os meses.

¹² Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 19.

¹³ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 20.

¹⁴ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 20.

¹⁵ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 20.

¹⁶ «Les ome aro, bregand, por sêntre; S'à la cano o au pan se dévon mesura! Mitrão, c. v.

- 44 — Quem faz a vontade ao sono, Nunca pode ter na cama
Tôda a vez que êle quer vir, Bô's lençois para dormir.

45 — À direita de Deus Padre, à esquerda do alfaiate, e do sapateiro de nenhuma parte ¹.

46 — Os sapateiros *fede* em vivos ².

47 — Quem mina, fica minado ³.

48 — Quem canta antes de almoçar, ou é tolo, ou quer casar.

— Quem canta antes do almôço, chorará antes do sol pôsto.

49 — De-vagar se vai ao longe . . . bem tolo é quem se mata.

50 — Tanta vez vai o cântaro à fonte, que de alguma vez lá fica ⁴.

51 — O que pelo diabo vem, pelo diabo vai ⁵.

52 — No tempo de figos, não há amigos ⁶.

53 — Honra, sem proveito, faz mal ao peito.

— Honra e proveito não cabem num saco ⁷.

54 — Quem todo o seu guarda, todo o alheio perde ⁸.

55 — Quem foi ao ar, perdeu o lugar.

— Quem foi ao vento, perdeu o assento ⁹.

56 — Mandamentos do demandista: Bôca calada, burra aberta, e burra selada (Amarante) ¹⁰.

57 — Quem compra sem poder, vende sem querer (Pôrto).

— Quem adeante não olha, atrás torna ¹¹.

58 — Quem gasta tudo o que tem, é ladrão ¹².

59 — Ninguém é cheio senão do que tem em casa.

60 — O de baixo é meu e o de cima é dum judeu ¹³.

¹ O alfaiate trabalha com a mão direita, o sapateiro com ambas as mãos.

² Chamam-se sapateiros aos carrapatos do mato, os quais teem um cheiro desagradável.

³ Apontam-se algumas casas arruinadas pelo facto de os proprietários terem mandado fazer várias minas. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 189, n.º 12.

⁴ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 291, n.º 110; *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10, e *Philosophia pop.*, pág. 57.

⁵ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10.

⁶ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

⁷ Idêntico na *Philosophia pop.*, pág. 41. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

⁸ Isto é, ninguém lhe dá nada.

⁹ Idêntico nas *Trad. Pop. de Port.*, pág. 49.

¹⁰ Informação de meu amigo, sr. Belarmino de Vasconcelos, professor do Liceu de Alexandre Herculano.

¹¹ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 42.

¹² Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 37.

¹³ Diz-se quando se é pisado por alguém.

- 61 — Ainda há-de comer muita rasa de sal ¹!
- 62 — Pesa-te pelo que fica?! ²
- 63 — Já mijou ossos... ³ Já mijou no mar ⁴... Mijar fora do têsto ⁵.
- 64 — Fica a perca pelo proveito...
- 65 — São voltas que dà o mundo: Uns p'ra cima, outros p'r'ó fundo.
- 66 — Abaixo da cama se quebram as pernas ⁶.
- 67 — Agora, assobia-lhe às botas... ⁷.
- 68 — Não é caso de morte de homem, nem de casa queimada ⁸.
- 69 — Frases que exprimem uma ironia ou dúvida:

D'ouro do rabo do touro...

De prata, do rabo da gata...

- 70 — Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.
- 71 — Gaba-te, cesta, que para o ano vais à windima ⁹.
- 72 — Tomar os câezinhos ¹⁰.
- 73 — É como a Maria Chiça: quanto vê, quanto cubiça!
- 74 — Que é dela (ca dela)? — Anda ós cães.
- 75 — O demónio é tendeiro, fêz a tenda sem dinheiro ¹¹.
- 76 — Fazer secar uma figueira em pé ¹².
- 77 — Que fazes, que não danças ¹³?
- 78 — Ai, pipo, pipo, que nem as borras te *fico!* dizia um homenzinho, bebendo mesmo pela vasilha.
- 79 — Nem bonita que espante, nem feia que meta medo...
- 80 — Quem não vai em novo, de velho não escapa ¹⁴.

¹ Lança-se êsse dito a pessoas novas e inexperientes.

² Queres comer tudo?!

³ Já mijou ossos uma mulher que teve filhos.

⁴ Já foi ao Brasil.

⁵ Deesmandar-se em comportamento.

⁶ Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 56.

⁷ V. Camillo, *Corja*, pág. 23 (edição de 1903).

⁸ *Sempre me tens com huns casos de morte de homens*. Ant. Ferr. Cioso, pág. 103 (*Poemas Lusitanos*, ed. de 1771).

⁹ Aplica-se a quem se está a gabar.

¹⁰ Zangar-se, cortar as relações, virar a cara.

¹¹ V. T. Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 113. O *Novo Dicion.* regista o termo como popular, com o sentido de *diabo*. Ora tendeiro aqui e noutras frases significa enredador, astucioso.

¹² Diz-se duma pessoa muito maçadora.

¹³ É a resposta que se dá a quem pede um serviço, que podia realizar sem auxilio.

¹⁴ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. 3, pág. 482.

81 — Quem quiser roubar, vá para a Serra da Curbiã ¹.

82 — «Maia é terra de muita abelha; se o mel fôsse bom não faltaria quem o lambesse...» — dizia um rapaz da Maia a um apaixonado de fora que lhe pedia informações sôbre uma rapariga.

83 — Quem lá vai, lá vai... ²

84 — Bem jejua, quem mal come...



VII

Romanceiro e anfiguris

1. D. Martinho ⁽³⁾

Mal hajas tu, rainha,
Mal haja a tua geração!
De sete filhas que temos,
Nenhuma saiu varão.

A filha mais nova diz: — Sou varão,
Dê-me espada e cavalo,
Que eu sirvo de capitão.

— Tendes o pé pequeninho...

Por isso vos conhecerão.

— *Veste-se* sapatos de homem

Que êles grandes se farão.

— Tendes os peitinhos grandes...

Por isso vos conhecerão.

— Ó meu pai, dê-me umas ligas,

Que eu meto-os no coração.

— Tendes os olhos pisqueiros...

Por isso vos conhecerão.

— Quando passar por os homens,

Deito os olhos ao chão.

— Tendes os cabelos grandes...

Por isso vos conhecerão.

— Meu pai, dê-me umas tesouras,

Que êles vão já ao chão ⁴.

— Ó meu pai, ó meu paizinho,

Eu morro do coração;

Os olhos de D. Martinho

São os que me acabarão;

O corpo de homem é,

Os olhos de mulher são.

— Roga-a tu, ó meu filho,

P'ra contigo ir feirar;

Pois ela, se mulher fôr,

Ao ouro há-de atentar:

— Ó que ricas prendas de ouro,

Para meninas gostar!

— Ó que rica espora de prata,

Para um homem montar!

— Ó meu pai, ó meu paizinho,

Eu morro do coração;

Os olhos de D. Martinho,

São os que me acabarão;

O corpo de homem é,

Os olhos de mulher são.

— Roga-a tu, ó meu filho,

P'ra contigo ir jardinar;

Pois se ela mulher fôr,

Às flores há-de atentar:

¹ Serra no extremo do concelho de Famalicão, afamada pelos assaltos que nela davam antigamente os ladrões.

² O pior é dos que morrem; quem fica esquece depressa. . .

³ Este romance apresenta algumas variantes daquele que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 296. Cfr. a mesma *Revista* e vol., pág. 57.

A acção passou-se, segundo a informadora, no tempo em que todos tinham de dar um filho para a guerra.

⁴ D. Martinho andou na guerra sete anos e um verão até que por ela se apaixonou o capitão.

— Ó que ricas limas doces
 Para as meninas gostar!
 — Ó que rico limão verde
 P'ra um homem atirar!
 — Ó meu pai, ó meu paizinho,
 Eu morro do coração;
 Os olhos de D. Martinho
 São os que me acabarão;
 O corpo de homem é,
 Os olhos de mulher são.
 — Roga-a tu, ó meu filho,
 P'ra contigo ir nadar:
 Pois ela, se mulher fôr,
 De ti se há-de acautelar ¹.

— Ó que ao meu coração chega
 Uma carta tam sentida;
 Que o meu pai que é morto,

Minha mãe já não é viva!
 De seis irmãs que lá tenho,
 Aqui as ouço chorar:
 Os sinos da freguesia,
 Aqui os ouço tocar;
 Avança, meu cavalo, avança,
 Que ainda hoje lá vais dar.
 Os sinos da freguesia
 Aqui os ouço tinir;
 Avança, meu cavalo, avança,
 Que ainda hoje lá hás-de ir.

Aqui tem, ó meu paizinho,
 Pôs a sua filha varão,
 O tempo que andou na guerra —
 Sete anos e um verão —
 Ninguém me lá conheceu
 Senão o senhor capitão ².

2. O Conde d'Alemanha ³

.

 — Eu te amaldiçoo, filha,
 E o leite que mamaste:

Um conde tam bonito,
 A morte que lhe causaste!
 — 'scuila, 'scuila, minha mãe,
 Enquanto que me eu calei;
 A morte que o conde leva,
 Não a leveis vós também . . .

3. O cego ⁴

— Abre-me essa porta,
 Abre-me o postigo;
 Dá-me um lenço, Ana,
 Que eu venho ferido.
 — Se você vem ferido,
 Vá-se daí embora;
 A minha portinha
 Não se abre agora.
 — Se ela não se abre,
 Ela se há-de abrir;
 Contigo, menina,
 Quero ir dormir.

— Acorde, minha mãe.
 Do doce dormir;
 Venha ouvir o cego
 Cantar e pedir.
 — Se êle canta e pede,
 Dá-lhe pão e vinho,
 Para o triste cego
 Seguir seu caminho.
 — Não quero o seu pão,
 Nem quero o seu vinho;
 Quero que a menina
 Me ensine o caminho.

¹ Deixou-o meter na água e disse o que se segue.

² Havia outro episódio em que o pai aconselhava o filho a ir dormir com D. Martinho, mas este mete a espada entre ambos.

Seria talvez uma reminiscência do punhal de Reginaldo ou Gerinaldo.

³ Ouvi mais alguns versos para acrescentar aos publicados na *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 297.

⁴ Cfr.: a versão que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 300; Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.* pág. 31; e Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Rom. Pop.*, pág. 47 (Coimbra, 1913).

7. Agostinha

— Agostinha, Agostinha, Que fazes a esta hora? Ou o teu pai te bateu, Ou te êle mandou embora . . . — Eu já estava dormindo, <i>Ascordei</i> estremunhada; Ouvi minha mãe gritar, O meu pai a dar pancada; Vesti-me, vim p'r'a rua	P'ra me livrar da rascada. . . . — Se ouviste, Augustinha, Vou-me deixar aqui 'star, Aqui a tornar-te o mêdo; Vou-te levar a teu pai Pela manhã muito cedo; Eu te faço um protesto De te não pôr mão nem dedo.
--	--

8. Emilia ¹

. Levanta-te, ó desgraçada, E faz a tua confissão <i>geral</i> ; 'stá ali o teu filho à porta C'uma faca p'ra te matar.	Emília, negra Emília, Negra vida te hei-de dar, Por me dares um punhal Para a minha mãe matar: Hei-de ir para a África, E tu has-de-me acompanhar!
--	---

9. Beatriz ²

Beatriz era filha dum conde, Sua mãe era D. Maria; Quando sua filha se deu à <i>disgrácia</i> , Que paixão sua mãe não teria! — Beatriz, onde vai a esta hora?	Meia noite no meu coração. — De Coimbra <i>vê-las</i> doutores Se inda sabe tocar violão. ³
--	---

10. O canário ⁴

Certo dia fui à caça, Lindo canário agarrei; Fui levá-lo de presente À filha do nosso rei; A filha do nosso rei, A princesa brasileira, Mandou fazer a gaiola Da mais fina madeira; A gaiola 'stava pronta, O canário foi p'ra dentro; Quer de noite, quer de dia,	Tinha o seu divertimento; O canário adoeceu, Foi duma constipação; A filha do nosso rei Enchen-se de raiva e paixão; Mandou chamar uma junta De trinta um <i>surgeião</i> : À primeira lancetada, O canário 'stremeceu; À segunda lancetada, Deu às asas e morreu.
--	--

¹ É um fragmento de romance, cujo tema é bastante conhecido: Uma mulher aconselha o marido a matar a mãe.

² Fragmento de romance?

³ Celhi mais algumas palavras desordenadas. A informadora disse-me que os versos eram para cantar, dançando.

⁴ Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. xvi, pág. 119, e xviii, pág. 281.

II. Entre canas e caninhas... ¹

— *Antre canas e caninhas*
Auga debe de nascer;
 Menina, que 'stá na fonte,
Benha-me dar de *bober*.
 — Eu a *auga num* la nego,
Pucarinho num le dou;
Num quero que o senhor se gabe
 Do que ninguém se gabou.
O pucarinho é de bidro,
Tocadinho do amor,
 Por ditosa me daria
 Dar *auga* a tal senhor.
 Dar *auga* a tal senhor
 E à Senhora da Guia;
 Diga lá, seu manatinha ²,
 Se *bem* cá por minha *bía* ³.
 — Por sua *bía num* benho
P'ra le falar a *berdade*;
Benho por passar o tempo
 Na forma da mocidade.
 — Na forma da mocidade...
 Eu só queria saber:
 Nem todos os letrados
 Se *tornam im* saber ler ⁴.
 — Eu sei ler e sei 'screber,
Tamém sei tocar *biola*;
Inda 'spero de aprender,
 Menina, na tua 'scola.
 — Na 'scola de Cupido ⁵
P'ra te amar, aprendi;

Cum penas de te *num ber*
 Uma carta te 'screbi.
 — A carta que me 'screbestes,
Inda cá me *num* chegou;
 Se me queres *algũa* cousa,
 Fala-me que eu aqui 'stou.
 — Eu te *beijo* ai 'star,
Bonitinha e profeita;
Só desejaba saber
 Se serás a minha *sujeita*.
 — A tua *sujeita num* sou,
 Que o meu pai *num* é contente ⁶;
 Pode-me deixar no mundo
 Uma fama para sempre.
 — Quanto respeito à fama,
 Agora te *bou* falar;
 Se eu cá chegar a *bir*,
 Meu sogro *Thei-de* chamar ⁷.
 — Como *l'hás-d*: chamar sogro
 Se são falas escusadas?
 Que eu sou rapariga *noba*,
 Eu *num* posso *remir casa* ⁸.
 — *Oitras más nobas qu'a ti*
Reme casa e tem marido;
Fôra-lo mesmo, menina,
 Se tu casasses comigo ⁹.
 — Já *oubi* tua *palabra*,
 Repara o que *dissestes*;
 Se *num* sabe-lo caminho,
 Torna por onde *biestes*.

¹ Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 317.

² *Emprega-se* *manato* no sentido de conversado. O *Novo Dicion.* regista *manata*.

³ *Por minha via*, por minha causa.

⁴ Variante:

se é manato ou 'scribão
s'ençarra im saber ler.

⁵ Sobre Cupido na poesia popular, V. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 131.

⁶ *Ser contente*, concordar, consentir. É dizer clássico: V. Mello, *Epanaphoras*, pág. 95 (ed. de 1880), e Ant. Ferreira, *Briso*, pág. 44 (ed. cit.).

⁷ Variante:

Menina, <i>num arreceic</i> ,	Mã fama <i>num</i> na tenho,
Nem <i>tenha</i> que <i>arreciar</i> ;	Mas ela me pode <i>bir</i> ;
Se eu a meter em fama,	Fale baixo, <i>num ascorde</i>
Eu dela a hei-de <i>librar</i> .	Meu pai, que 'stá a dormir.

⁸ *Remir casa*, governar casa. É costume dizer-se: «*Num se rime co que ganha*»

⁹ Variante:

Assim te há-de acontecer, menina,
 Sím que tu casares comigo.

— Pega daí em 'stôpa,
Pega daí em linho;
E ao triste cego
Ensina o caminho.

— Acabou-se-me o linho,
Acabou-se-me a 'stôpa;
Siga o triste cego
Por essa *caldrosta* ¹.
— Acabou-se-me a 'stôpa,
Acabou-se-me o linho;
Siga o triste cego
Por êsse caminho.
— Sou curto da vista,
Já não vejo bem;

Quero que a menina
Venha mais além.
— De condes e duques
Eu fui perseguida;
Agora dum cego,
Me vejo vencida!

Adeus, minha mãe,
Adeus, minha tia;
Adeus, minha mãe,
Que bem no sabia.
Adeus, minha mãe,
Adeus, minha terra;
Adeus, minha mãe,
Que tam falsa me era.

4. Santa Iria ²

— Estando eu a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Veio um cavaleiro,
Pedi-me pousada.
Se meu pai lha desse,
Muito lhe pesava;
Meu pai não lha deu,
Não lhe pesou nada.
Deu-lha minha mãe
Por ser confiada;
Entrou para dentro,
Pousou sua espada.

De três que nós éramos
Só a mim levou;
Por essa terra larga
Êle me perguntou
Como me chamava.
Eu lhe respondi
Que na minha terra:
Iria, fidalga,
E na terra alheia:
Triste, malfadada.
— Pelas falas que tu dás
Deves de ser degolada.

Pegou num cutelo
E ali me matou;
Coberta de ramos,
Ali me deixou;
Dali a sete anos
Por ali passou:
— Pastorinhos novos,
Que olhais o gado,
Que erinida é aquela,
Que está naquele adro?
— É Santa Iria,
Que o traidor matou.
— Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro;
Perdoai-me a morte,
Sou vosso romeiro.
— Como te hei-de perdoar,
Ladrão carnicheiro,
Que da minha garganta,
Fizeste carneiro,
E do meu cabelo
Fizeste dinheiro?! . . .
Veste-te de azul,
Que é da côr do céu;
Farás penitência,
Irás para o céu.

¹ Como a palavra *congosta* ou *cangosta* não é empregada pelo povo, foi facilmente corrompida em *caldrosta*.

² Fica completa com algumas variantes curiosas a versão publicada na *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 391.

Cfr. Leite de Vasc. *Romanceiro Port.*, pág. 50, e *Rev. Lusit.*, vol. xviii, pág. 281.

5. Rosa ¹

— Deus te salve, Rosa,
 Claro serafim;
 Linda pastorinha,
 Que fazeis aqui?
 — Eu guardo o meu gado,
 Que anni — — —?
 — Se aqui o *perdestes*,
 Aqui o *ha-des* achar;
 Linda pastorinha,
 Vamo-lo *prêcurar*;
 Tam gentil senhora,
 A guardar seu gado!...
 — Eu nasci, senhor,
 Para êste fado;
 Olhe como vem grave
 De meia de sêda;
 Olhe que a não rompa
 Por essa resteva.
 — Sapatos e meias
 Tudo romperei,
 Só p'ra lhe dar gôsto,
 Meu pai, minha mãe (?).
 — Vá-se daí embora,
 Não me dê mais pêna;
 Aí veem meus amos
 Trazer-me a merenda.
 — Se aí veem seus amos
 Trazer a merenda;
 Êles não são lobos,
 Que *coma* a gente.
 — Vá-se daí embora,
 Não me dê tormento;
 Já o não posso ver
 Nem por pensamento.
 — Ó bela Rosinha,

Ó bem agastada;
 Falavas comigo,
 Já me não dizes nada...
 — Se son agastada,
 Faço muito bem;
 Quero ser ingrata,
 Que assim me convêm.
 — Se queres ser ingrata,
 Sejas bem, embora;
 Vou tocar teu gado
 Pela serra fora.
 — Torna ali, amor,
 Torna ali, correndo;
 Que o amor é firme,
 Já se está rendendo;
 Quando diz que não quer
 É que está querendo;
 Vamos para a sombra,
 Que o mundo está ardendo.
 — Se eu fôr para a sombra,
 Não vou na má tenção;
 Juro-te, menina,
 Que sou teu irmão.
 — Se és meu irmão,
 Mil perdões te peço
 Que não contes nada
 Do nosso processo.

Tam grande calor
 Por êste deserto!
 Ó gente da aldeia,
 Acudi ao gado,
 Que foge a pastora
 Com seu *pastorado*.

6. A filha do Rei de Espanha ²

Sou filha do rei de Espanha,
 Da rainha Constantina;

Meu pai tem *jinelas* de oiro,
 Vidraças de prata fina.

¹ Cfr. a *Pastorinha* na *Rev. Lusit.*, vol. xvii, pág. 303, e Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 41.

² Encontrei entre as canções colhidas os versos seguintes, que evidentemente pertencem a um romance já diluído.

Devem ser da *Enfeitada* do *Romanceiro* de Garrett. V. T. Braga, *Romanceiro Geral* (Romances da *Infanta de França*), e *A filha do Rei de Hespanha* na *Rev. Lusit.*, vol. ix, pág. 285.

*Onde*¹ teve a maldição
Que nenhuma pariria.
Aí chegaram pastores,
Com seu festejo e canto,
Festejar a Deus Menino
Naquele lugar tam santo.
Aí chegaram os anjos,
Todos cheios de alegria;
Visitaram a Jesus,
S. José e mais Maria.

(Areias)

Já a Virgem parido tinha;
Pariu num pobre deserto,
Nem um só paninho havia.
Desceu um anjo do céu,
Paninhos de ouro trazia;
Tornou a subir ao céu,
Cantando: Avê, Maria.
Lá no céu lhe perguntaram
Como ficou a Maria.
—A Maria ficou boa,
Numa sala recolhida.
Mandou fazer três conventos,
Todos de pedra *ladrilha*:
O primeiro é o inferno
P'r'onde vão os condenados;
O segundo é *pergatório*
Onde se *pena* os pecados;
O terceiro é o céu
Para os bem-aventurados².

(Areias)

b) Lá na noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminharam para Belém
S. José e mais Maria.
Quando a Belém chegaram,
Já tôda a gente dormia;
S. José foi buscar lume
Para alumiar a Maria.
Quando S. José chegou,

2. Reis

a) Reis Grandes ou Reis Velhos

Ó da casa nobre gente,
Escutai e ouvir-nos heis;
Vimos dar as boas festas³
Na vinda dos Santos Reis:

Depois das culpas de Adão,
Rezavam as profecias
Que havia de vir ao mundo
O verdadeiro Messias.
Chegando àquele tempo,
Que estava determinado,
Nasceu a mais linda flor
Naquele jardim sagrado.
Naquela noite ditosa,
Que ao mundo deu alegria,
Nasceu o Verbo divino
Das entranhas de Maria.
Mandou o Padre Eterno,
Com poder *onipotente*,

Que *inspirasse*⁴ os corações
Dos três Reis do Oriente;
Êles, que já esperavam
Por êsse grande Amor,
Em ver que era nascido
Seu eterno Criador,
Encheram-se de alegria
E, cheios de amor divino,
Com seus humildes vassalos,
Se puseram ao caminho⁵.
Chegaram à côrte de Herodes,
Com grande poder de gente;
Perguntaram onde era
Nascido o *onipotente*.
Herodes, que já estava
Com soberba e rigor,
Em ver que era nascido
O monarca superior;
Herodes, como malvado,

¹ *Onde*, pelo que. É vulgar o emprêgo dessa palavra com tal sentido, e significando também—nessa ocasião...: «*Estávamos nós à porta, onde chegou ali uma mulher...*»

² Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 86, e P. F. Tomás, *Velhas Canções e Rom.*, pág. 61.

³ *Inspirasse*.

⁴ Variante: Se expuseram ao caminho.

Com seu intento *malino*,
 Às avessas ensinou
 Aos Santos Reis o caminho ¹.
 Mas o alto Deus pod'roso
 Le dava luz e sciência,
 Para atinar com a estrada
 Da verdade *onipotência*.
 Guiados por uma *estrela*,
 Lá foram ter a Belém,
 Onde estava o Deus Menino,
 Que é todo o nosso bem.
 Ficaram admirados
 Em ver tamanha pobreza,
 Sendo êle o Rei dos reis,
 Senhor de tam grande alteza.
 Vinde, grandes e pequenos,
 Trazei todos na memória:
Nũas palhinhas deitado
 Um sob'rano Rei da Glória!
 Vinde, grandes e pequenos,
 Vinde, soberbos do mundo,
Nũas palhinhas deitado
 Um sob'rano Deus profundo ²!
 Fizeram-*le* seus presentes,
 Tiveram grande alegria;
 S. José é que aceitava,
 E a Senhora *aguardecia*.
 Estas *dábitas* ³ e presentes,
 Vós, Senhor, tudo nos destes,
 Em desconto de nossas culpas,
 Quanto faço que nos preste.
 Duas cousas vos pedimos
 Humildes do coração ⁴;
 O perdão das nossas culpas ⁵
 E por fim a salvação.
 Glória seja a de Deus Padre,
 E a de Deus Filho também;
 Glória seja o Espírito Santo
 Para todo o sempre. Amém.

b) Deus vos dê festas felizes,
 Estimados moradores;
 A *benção* de Deus vos cubra
 De virtudes e favores.
 Deixai as vossas moradas
 E marchai alegremente;
 Ide buscar a Jesus,
 Como os Reis do Oriente,
 Que os seus tronos deixaram
 Sem nisso sentir pesar,
 Pela grande fé que tinham
 De *Jasus* ir adorar.

Os três Reis do Oriente
 Já foram para Belém
 Adorar a Dens Menino
 E à Virgem mãe também;
 Ficaram *admirados*
 Daquele infante divino,
 Coberto com pobres panos,
 Figurando de *pelingrino*.
 Sendo do céu a beleza
 Mais do que os querubins,
 Merecendo ter panos de oiro
 E o leito de marfim.
 Ajoelharam em terra
Suáveis hinos cantaram;
 Suas vozes maravilhosas
 Até aos céus agradaram.
 Aceitai, disseram êles,
 Os três Reis do Oriente,
 Oiro, incenso e mirra,
 Que vos damos de presente;
 Oiro, incenso e mirra,
 Mirra e oiro e incenso;
 Não lhe ofereceram mais nada
 Porque êle era um Deus imenso:
 — Dai-nos, meu Deus Menino,
 Dai-nos do céu a palma,

¹ Numa versão que colhi seguem os versos:

Herodes, tendo consigo
 Os sentidos bem diferentes,
 Desembainha o seu cutelo
 No sangue dos inocentes.

Cometen mil desatinos,
 Matou cinco mil meninos,
 Só para haver *faltte* luz (falta de...)
 E para morrer Jesus.

² No *Jornal de Santo Thyrsso*, n.º 296, de 1888, vem uma versão da Ilha de S. Jorge bastante diferente.

³ Dádivas.

⁴ Variante: Com humilde coração.

⁵ Variante: Que nos deis a vossa graça.

— Eu de *donde* 'stou bem *beijo*
 Caminhos por *donde* eu *vim*;
 Inda 'spero de *lobar*
 Esta rosa para mim.
 — Esta rosa para ti,
 Ou a *lobarás*, ou não;
 Eu *num* quero nem por *q'anto*,
 Que tu me *ponha-la* mão.
 — Pois eu a mão *num* ta ponho,
 Nem sequer bolir *combosco*;
 Só *im* 'star na *bossa* *ausença* ¹,

Nisso faço muito *gôsto*.
 — Se tu fazes muito *gôsto*,
 Eu ó pai o *bou* *dezer*,
 Que bi chamar o padre-cura
 Que nos *benha* *arreceber*.

 Padre-cura, *benha* cá,
 E *benha* já, sem demora;
Benha *arreceber* os *noibos*
 Já nesta *própia* hora 2.

12

A vinte e um de Fevereiro,
 Dia de entrudo chamado,
 Dia tam infeliz,
 P'ra mim tam desgraçado!
 Eu fui ter uma desordem
 Com um (bem quieto que 'stava!);
 Por minha triste sorte,
 Por minhas mãos me matava:
 Veio-me um tiro de canhão
 Disparado á minha sorte;
 Por muitos poucos *Pilatos*,
 Terrível a minha morte!
 Assim me fui arrastando,
Trepolando ³ pelo caminho,
 Pedindo socôrro por 'smola
 Á porta de um vizinho;
 E êle, como benfeitor,
 Da cama se levantou,
 Da casa dêle saiu,

P'r'a minha me acompanhou.
 Quando eu cheguei a casa,
 Que a mulher me presentiu,
 Depressa, bem contente,
 Logo a porta me abriu;
 Mas quando ela viu
 No 'stado em que eu 'stava,
 Dava ais de quando em quando,
 Desgraçada se chamava:
 — Triste sorte foi a minha,
 Quem me dera em S. Mamede ⁴
 Ainda hoje solteühina!

Ó pais, que tendes os filhos,
 Educai-os capazmente
 Na salvação do Senhor,
 P'ra que ôles não padeçam
 Uma tam cruel dor ⁵.

¹ Por comodidade do verso naturalmente, substituiu-se a palavra *presença* por *ausência*, não sendo de admirar que o povo empregue este último termo imprópria-mente, porque é de uso pouco comum.

² Conservei tôdas as particularidades da linguagem da terra:

Entre canas . . . dá-nos conta das principais, de uso mais geral.

³ *Trepolar*, tropeçar. Derivará de *trepo*?

⁴ S. Mamede de Coronado, freguesia do concelho de Santo Tirso.

⁵ O caso foi este: Um homem de S. Tiago de Bogaço embriagou-se, e meteu-se com outro que o espancou. Um historiador anónimo contou o caso nuns *pasquins*, que se ouvem já com várias formas. As minhas informadoras, erianças de 11 e 12 anos, disseram-me que o herói tinha morrido afogado no rio Ave há anos.

A moralidade foi já acrescentada aos *pasquins* pelos narradores. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. ix, pág. 252.

Há-de o facto esquecer e os *pasquins* viverão muito tempo ainda modificados e acrescentados. Assim deviam ter-se formado muitos romances.

13. Senhora Aninhas ¹

Fui a casa da senhora Aninhas
Com tenções de lá entrar;
Saiu-me o senhor Zezinho:
— Você, que vem cá buscar?
— Trago fitas *ingalesas*,
Se a senhora quiser comprar;
Também trago o meu pintinho,
Para com ela gastar.

Vi as gatas pelo ar,

Botei-me duma *jinela* abaixo,
'scoleguei, caí no chão;
Logo meu coração disse:
'stá prêso, seu maganão!
Eu meti a mão ao bôlso,
Peguei em meio tostão;
Dei trinta réis ao barqueiro,
Quinze réis ao 'scrivão;
Fiquei cá com cinco réis,
Foi a minha perdição.

14 ²

Quando em Belém se formou
Palácio de grande altura,
Muita gente lá passou,
Outra foi p'rá sepultura;
Casa rica tem fartura,
E quem doba tem seu sarilho:
As galinhas vão ao milho,
Enche o papo como os mais;
Tôda-las aves come e bebe,
Quem paga são os pardais;
O pente é para a cabeça,

Menina, não endoudeça,
Pode-se dar por feliz,
Que tem tamanho nariz,
Nariz de palmo e meio;
Tôda a gente passa e diz:
Ó que homem tam feio!
Tem calcanhar de trombeta
E nariz de murrão.
Diz o povo: Santo nome de *Jasus*,
Ó que grande figurão!

VIII

Janeiras e Reis

1. Janeiras

a) Lá na noute de Natal ³,
Noute de tanta alegria,
Caminhavam para Belém
S. José e mais Maria.
Quando a Belém chegaram
Já tôda a gente dormia ⁴:
— Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria!
Ele perguntou quem eram:
— É S. José e mais Maria.
Lá pediram agasalho
Na cidade de Belém;

Não lhe deram agasalho,
Inda foram mais além.
Foram ter a um curral,
Que de longe já se via,
Onde estava o boi e mula
Que nesse lugar *jazia*.
A horas de meia noute
Nasceu aquele menino:
S. José e mais Maria,
Dando graças ao divino;
O boi bento *bafijava*
E a mula remoía,

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 32.

² Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. xviii, pág. 232, e A. Gomes Pereira, *Ling. Pop. de V. Real*, pág. 93.

³ Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. iv, pág. 249.

⁴ Variante: Nem meia noute seria.

Despedidas:

Vou botar as *espedidas*
 Por cima da carvalheira;
 Deixei o gato ao lume
 E o caldo na borralheira.

Vou botar as *espedidas*
 Vou botá-las a Belém;
 Adeus, meus senhores todos
 Até ó ano que vem.

IX

Orações e Romances ¹ religiosos

I Orações para o deitar

- a) A Deus Padre me encomendo
 E o 'Sprito Santo me dê luz;
 Encomendo a minha alma
 Ao Santo Nome de *Jasus*.
 Anjo da minha guarda,
 Semelhança do Senhor,
 Que do céu fostes mandado
 Pra nosso amparo e guardador;
 Peço-vos, anjo bendito,
 Pelo vosso santo poder,
 Que das obras do maldito
 Me ajudeis a defender.
 Encomendo-me a Deus Padre,
 E ao filho que me *garde*,
 À *Virge*, Nossa Senhora,
 E à Santíssima Trindade,
 E à *arbe* da *Bela Cruz*,
 Que é bandeira de *Jasus*,
 Onde foi crucificado,
 Pra me livrar do diabo.
Inda os mortos por morrer,
 E nada poderá ser,
 Baptizado, por baptizar,
 Do mais pequeno *intê minual* ².
 Em louvor de Nossa S.^a do Carmo,
 Que me livre das penas do Inferno,
 E más tentações do diabo.
- b) Com Jesus me deito,
 Com Jesus *crucificado*,
 Que se deite no meu peito,
 Que me meta no seu lado,
- c) Meu Senhor crucificado,
 Êle se deite a meu lado,
 E me tire a minha alma de penas
 E o corpo do pecado.
- d) Meu Senhor crucificado,
 Filho da Virgem Maria,
 Me guarde esta noite,
 E amanhã por todo o dia,
 Pra que o meu corpo não seja prêso,
 Nem minha alma perdida.
- e) Com Deus me deito,
 Com Deus me levanto,
 Com a graça de Deus
 E do Espírito Santo;
 A Virgem Nossa Senhora
 Que me cubra com seu manto;
 Se eu com êle coberto fôr,
 Não terei medo, nem pavor,
 Nem coisa que má fôr;
 Senhor, deitar-me quero,
 Minha alma vos entrego;
 Se eu dormir, *ascardai-me*,
 Se eu morrer, *alumiái-me*
 Com as três tochas da S.^a Trindade.
 Três vezes me deitar,
 E três vezes me alevantar,
 E, se a morte por mim chamar,

¹ Incluímos neste capítulo vários romances recitados como orações.

² Maioral.

- E eu não puder falar,
Diga o meu coração três vezes:
Jasus, Maria José,
Lá no dia da *mã* (?) companhia, ^{h)}
Um Padre-Nosso e uma *Avé-Maria*¹.
- f) Anjinho da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do céu *fostes* mandado,
Meu amparo e guardador;
Guardai-me, ó Anjo bendito,
Por o vosso santo poder;
Daquele laço maldito,²
Ajudai-me a defender.
Deus comigo e eu com êle,
Deus adiante e eu atrás dêle.
- g) Santo anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se em ti me confiou
- A piedade divina,
Sempre me rege, guarda e ilumina.
- ^{h)} Persigno-me com três cravos,
Abraço-me numa cruz;
Venha uma cruz do céu,
Lance-se em cima de mim
Para que o Anjo Custódio
Fale e responda por mim³.
- i) Amorosíssimo *Jasus*,
Amor do meu coração,
Perdoai-me os meus pecados,
Vós sabeis quais êles são;
Dai-me nesta vida paz
E na outra a salvação;
Botai-nos a vossa *benção*,
Dai-me a vossa *ausso*lvção;
Pelas vossas cinco chagas,
Pela vossa sagrada morte e paixão⁴.
- j) Senhor meu *Jasu*-Cristo, livrai-nos de todos os demónios, mortos, vivos, grandes e pequenos e do *moral*⁵ do inferno, por vossa infinita misericórdia⁶.

2. Oração para o levantar

Bendita seja a luz do dia,
Bendito seja quem na cria,

Bendito seja o Santo ou Santa dêste dia.
Padre-Nosso, *Avé-Maria* 7.

¹ Esta oração deu origem a uma anedota muito generalizada: «Foi o homem confessar-se e disse ao confessor:

— Eu sou Deus! — Porquê? perguntou o confessor — Pois a mulher tôdas as noites diz: Com Deus me deito... e ela deita-se comigo; é porque eu sou Deus. Outros dizem: «Com as cinco tochas de Nosso Senhor Jesus-Cristo!

Ofr. *Rev. Lusit.*, vol. ix, pág. 233, e xviii, pág. 186.

² Variante: Que do *delace* do demónio. Ofr. Cardoso Martha e Augusto Pinto. *Folclore da Fig. da Foz*, t. I, pág. 23 (Espozende, 1913).

³ Reza-se ao mesmo tempo que se faz o sinal da cruz.

⁴ Esta oração tem um grande valor, como se conclui do seguinte caso: «Estava uma pessoa a confessar-se e acusava-se de não se ter confessado há muito tempo. Nessa ocasião ouviu uma voz do lado: — Ainda hoje! Ainda hoje! É que a confessada costumava dizer todos os dias aquela oração.»

⁵ *Maiforal*.

⁶ A grande quantidade de orações para o *deitar* indica-nos o terror que se apodera de muita gente ao aproximar-se a noite.

⁷ Êste hino à luz era invariavelmente rezado por meu avô, homem do povo, e arquivo das mais belas tradições, que o ensinou a todos os filhos. Representa bem a alegria dos homens ao romper do dia, que afasta para longe as trevas cheias de mistério e de terror.

Levai-nos ao celeste império
 Nosso coração e alma;
 Botai-nos a vossa *bença*,
 Virgem, mãe dos pecadores;
 Brilhe no céu com os anjos,
 Na terra com as flores.

Levantai-vos, pombas brancas,
 Dêsse leito em que estais;
 Vinde-nos dar os Reis,
Indas que não nos conheçais;
Qué-los deis, *qué-los* não deis,
 Sempre com alma ficiais.
 Glória seja...

c) Deus vos dê festas felizes,
 Estimados moradores;
 A *benção* de Deus vos cubra
 De virtudes e favores;
 Deixai as vossas moradas
 E marchai alegremente,
 Vamos visitar *Jusus*.

Os três Reis do Oriente
 Já chegaram a Belém;
 Já adoraram Deus Menino
 E a Virgem Mãe também;
 Admirados de verdade,

Daquele ente divino,
 Coberto com pobres panos,
 Figurando de peregrino;
 Sendo dos céus a beleza,
 Mais belo que querubim,
 Deviam ser panos de oiro
 E o leito de marfim;
 Entenderam os três Reis,
 Que eram senhores de grandeza,
 Mostrou naquele mistério
 Que não amava riqueza;
 Fizeram suas ofertas
 Naquela gruta feliz,
 Ouro, incenso e mirra,
 Produção do seu país;
 Aceitai, disseram êles,
 Os três Reis do Oriente,
 Ouro, incenso e mirra,
 Que vos damos de presente;
 Aceitai, meu Deus Menino,
 E dai-nos do céu a palma;
 Levai ao celeste império
 Nosso coração e alma;
 Assim como vós nos destes
 Uma *'strêla* para guia,
 Dai-nos eterno descanso
 E a vossa companhia.
 Glória seja...

d) Reis galegos ¹

No portal de Belém,
 Cidade de Galileia,
 Como 'stais, *virgen* parida?
 Como 'stais, *virgen doncella*?
 Como 'stais, *virgen* parida?
Pedenixe a S. Gonçalo,
 Não deve de *tenguir* pena,
 Por *vê-lo* filho de *Dios*
 Nado em tanta miséria.
 Não tem nada em que o envolva,
 Senão uma pouca *d'elva* ².

A mula *mochila* come,
 E o boi *mochila* *l'erga* ³.
 Ah, *mi* amigo, ah, *mi* amado,
 Pois a morte assim se ordena,
 Se *fores* o monte Calvário,
 Lá vereis 'star *ũa* *'scalera*,
 O *crucero* é o *letrero*,
 Que dirá de tal *manera*:
 Aqui morreu *Jasu-Cristo*,
 Rei do céu e rei *dí* a terra;
 Morreu pelos pecadores,

¹ A mulher que me cantou estes Reis é de Areias e disse-me que a versão era muito antiga. A *cantadeira* pronunciava: *Virrem, Xudas, micéria, quicera*, etc. Cfr. Rev. Lusit., vol. II, pág. 232.

² Corrução de *herba* ou *erba* (ant.). Hoje *yerba*. *Diccion. Español Port.* de Mascarenhas Valdez, Lisboa, 1864.

³ *Mochila*, sacco de pano ou de couro *Hacer mochila*, fazer alforça, provisão. V. *Diccion.* cit. onde se regista também o termo *erger*, levantar, usado só na Galiza. Será *-erga*—corrução de *llega*, chega?

A minha informadora explicou: A mula comia a erva e o boi chegava-a para a beira do menino.

A todos *le* deu remédio;
 Pilatos *le* teve a culpa,
 Pilatos culpa tivera;
 Judas foi que o vendeu
 Por trinta dinheiros de prata,
 Porque *êle* mais não quisera;

Hoje é dia de *los* Reis,
 É princípio de bom *ajo*
 Onde donas e *doncellas*
 D'El-rei pediu Aguinaldo,
 Que nos dê indulgência,
 Aquelas que *Dios* nos dava.

Noutro estilo:

Perdixi, Senhor,
 Pelos bem cantados,
 Pelos mal cantados;
 'stava noite escura,
 'stava encatarrado.

Bem cantados, mal cantados,
 Bem haja quem os cantou;
 Eu 'stava muito rouquinho,
 Bem haja quem me ajudou.

Além das cantigas publicadas nesta *Revista* (vol. xviii, pág. 199) ouvem-se muitas mais. Nos Reis do ano corrente cantaram-se à porta de meus pais as seguintes:

Viva lá o senhor F...,
 Alfinete de oiro ao peito;
 Quando passa pelas mças
 Empisca-lhe o olho direito.

Viva lá o senhor F...,
 Raminho da oliveira;
 Eu espero que inda case
 Co'a princesa primeira.

Viva lá o senhor F...,
 Garrafinha de licor;
 Venho-lhe fazer a festa,
 Em nome do seu amor.

Viva lá o senhor F...,
 A flor da peonia;
 Foi o mais *profeito* cravo,
 Que nasceu na freguesia.

Viva lá o senhor F...,
 Onde põe as suas botas?
 No meio da sua sala,
 Parecem duas canhotas.

Viva lá o senhor F...,
 Correntes de oiro ao peito;
 Quando vai p'ra qualquer parte,
 Todos lhe *guarda* respeito.

Viva lá a senhora D. F...,
 Raminho de peonia;
 É bonita como o sol,
 E clara como o dia.

Viva lá o senhor F...,
 Raminho de bem querer;
 Quando se põe à janela,
 As pedrinhas faz tremer.

Viva lá a senhora D. F...,
 É *profeitinha* em tudo;
 A boquinha redondinha,
 Os beicinhos de veludo.

Viva lá o senhor F...,
 Alfinete de oiro ao peito;
 É o *home* da nossa terra,
 Que eu entendo de mais respeito.

Viva lá o senhor F...,
 Raminho de salsa branca;
 O seu corpo é de neve,
 E a sua alma 'stá santa.

Viva lá o senhor F...,
 Vou-lhe pedir um favor:
 Que trate a sua senhora
 Com carinho e amor.

Viva lá o senhor Fernando,
 Os anos que Deus *quizer*,
 E a senhora D. Clementina
 Que Deus *ihe* deu por mulher.

— As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor *Jesu-Cristo*, as quatro são *as* quatro Patriarcas, etc., etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as seis.

— As seis são os seis cirios de Bento que *nascera* no monte *Sinal*¹ p'ra alumiar a Nossa Senhora, as cinco são as cinco chagas, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as sete.

— As sete são as sete dores de Nossa Senhora, as seis são os seis cirios, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as oito.

— As oito são as oito do Corpo Santo, as sete são as sete dores, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as nove.

— As nove são as nove horas dos anjos, as oito são as oito do Corpo Santo, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as dez.

— As dez são os dez mandamentos, as nove, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as onze.

— As onze são as onze mil *Virges*, etc. etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as doze.

— As doze são os doze apóstolos, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as treze.

¹ Sinai.

— As treze são os treze raios de sol, que arrebenta o diabo mais pequeno até ao maior, as doze... ¹.

8. Oração para a coisa ruim

Nossa Senhora me assista,
Nosso Senhor me dê luz,

Valha-me o Padre Eterno
E o Santíssimo Nome de Jesus ².

9. Orações e romances de Nossa Senhora

a) Valha-me a Virgem Maria,
Valha-me a Virgem Sagrada,
Valha-me a cruz do Senhor,
Valha-me o Anjo da Guarda.
— Para que nasceste, filho?
Para ser crucificado;
Quando vieste ao mundo,
Tudo foi alumiado;
A *lã* co'as estrêlas,
Tudo foi *remanguado* ³;
Os panos que te envolviam
Ero de fina *holanda* ⁴;
Os peitos que leite *daio*
Ero da *Virge* sagrada,
Que desceu do céu à terra
No dia da Ascensão,
Para ver os Santos Padres
C'o divino *sáingue* bom;
Dente ⁵ daquele *pundão* ⁶
Vai um cruzeiro armado;
A virtude que êle leva
É *Jasus* crucificado,
C'o seu *sáingue* derramado,
Seu coração *'strepassado*.
Quem esta oração disser,
Um ano continuado,

• Neste mundo será rei,
E no *oitro* rei c'roadô;
Três dias antes que morra
L'aparecerá Nossa Senhora,
Dizendo-lhe: Filho, ou filha,
Confessa os teus pecados,
Que eu sou a *Virge* Maria
Que vos venho lembrar;
Vou pedir a *Jasu-Cristo*
Que vos queira perdoar;
Tua alma será salva
E posta em bom lugar.

b) Estando a Senhora naquele *iteiro* ⁷
Fazendo oração,
Chegou *Madanela* e mais S. João.
— Senhora, que fazeis aí?
Vosso filho vai ali.
— A Senhora *assubiu* àquele *iteiro*
E já o *num* viu;
Botou de porta em porta,
De rua em rua
Inté à rua da Amargura.
— Ó cabeça sagrada, coroad
de espinhos,
Atravessada com juncos marinhos;

¹ Esta oração deve dizer-se quando a gente sai de casa.

² A velhinha que me ensinou a oração succedeu o seguinte: «Uma noite ia por um caminho fora e viu uma luz a *meter-se* a ela. Disse as palavras e a coisa deu um estofo e desapareceu».

A informadora, já paralítica, dizia-me isso com uma convicção profunda, acrescentando que a avó dela assegurava poder-se ir a toda a parte, sem medo, dizendo-se a oração.

³ Aterrado, assombrado?—A minha informadora explicava: Tudo foi iluminado com os raios. Talvez seja esta a interpretação mais exacta—ofuscado até perder os sentidos—, pois quando alguém cai sem sentidos, o que é vulgar nas igrejas, diz-se: *remanguou para o lado*.

⁴ Nunca ouvi empregar este termo ao povo—o que me leva a supor: Ou a oração é muito antiga, ou tem origem literária.

⁵ Deante.

⁶ Pundão.

⁷ Outeiro. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 280.

3. Oração de S. Gregório

Padre nosso, S. Gregório,
Assubiu o *pregatório*...
Ūa era Santa Ana,
Outra era Santa Catarina;
Usavo de penitência,
Vestidinhas de burel,

P'ra alcançar as cinco chagas,
Do divino Manuel;
Manuel 'stá no céu,
Embanando o S. Josè,
Os anjinhos 'stão cantando:
Patre nostre dominé.

4. Oração para quando se está a morrer

Santo Inácio de Lió ¹,
A *fromatura* de Jasus...
Valha-me a luz da luz,
Valha-me o Santo Nome de Jasus,

Valha-me a *Virge* e a Virgindade,
Valha-me a Santíssima Trindade,
Vão os demónios todos p'r'o inferno
E mais o *mòral*.

5. Oração para a trovoadra

Santos Deus,
Santos Fortes,
Santos Imortais,
Miserere nobis;

Corações feridos,
Sangue derramado,
Nosso Senhor Jasu-Cristo
Se meta entre nós e o p'riço ².

6. Oração do Santíssimo Sacramento ³

Por aquela noite escura,
Morreu uma criatura
Seni *arreceber* o Sacramento,
Mas com grande arrependimento;
Com culpas e pecados,
Foi dar à face de Cristo.

Diz a alma:

— Ó Senhor meu Jasu-Cristo,
Eu visitar-vos venho;
Sou a ovelha mais perdida,
Que do vosso rebanho venho.

Diz Jasu-Cristo:

— *Escuita-me, ó alma dezelosa,*
Que eu primeiro te *escuitei*;

Trouxe-te na outra vida,
Não me foste de proveito;
Ensinei-te a benzer,
Não quiseste aprender;
Ensinei-te a rezar,
Não me quiseste honrar;
Lá te deixei os meus calvários,
E sempre te vi correndo;
Lá te deixei os meus jejuns,
E sempre te vi comendo;
Vai-te, alma condenada!
Foi-se a alminha muito triste:

— S. Miguel, vinde abaixo,
Botai pesos à balança;
Os pecados eram tantos,
A balança ia ao chão!

¹ Loiola.

² Cfr. Rev. Lusit., vol. xvii, pág. 184. A oração diz-se quando o trovão estala e após o grito—S. Jerónimo, Santa Bárbara Virge!

Chagas abertas.

³ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 30 e 35.

Vem a Senhora e diz:	Por milagre da Senhora, Ficou a alma contente.
— Ó meu filho bem amado, Ó meu filho bem criado, Pelo leite que mamastes, Pelo sangue que derramastes, Salvai-me essa alminha, Que já se me vai perdendo.	Quem esta oração disser ¹ Doze anos continuamente, Será tam certo salvar-se... E irá para o céu eternamente.
— Minha mãe me manda Que passe o ano correndo. A Senhora tirou a sua touquinha, Ficou o péso <i>incelente</i> ;	Quem a sabe e não a diz, Quem a ouve e não a aprende, Lá no dia do juizo Verá como se arrepende!

7. Oração do Anjo Custódio ²

— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me a uma.
— É a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amê, *Jasus*.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as duas.
— As duas são as duas tabuinhas de Moisés, a uma é a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amê, *Jasus*.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as três.
— As três são as três *Arangelistas*, as duas são as duas tabuinhas..., a uma...
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as quatro.
— As quatro são as quatro Patriarcas, as três as três *Avangelistas*, etc., etc.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as cinco.

¹ Variante do fim:

Devotos, rezei o *rosário*,
Não o *tragaeis* pelo chão,
Que a *Virge* é *piadosa*,
De nós tem compaixão.

Quem esta oração disser
Sexta-feira da paixão,
Indo na procissão,
Tirárá quatro almas do fogo do purgatório.

² Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 209, *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 262, e XVII, pág. 287.

Se *num* quereis crer,
Assubide àquele *iteiro*,
 Vereis a rua regada
 C'o *sáingue* verdadeiro;
 Mais *adente* vai o cordeiro,
 Amarrado à *queluna*;
 — Ajuda-me aqui, Simão.
 — Sim, Senhor, ajudarei.
 Quinta-feira de endoenças,

Co'a Santa Divindade
 Correrei tôda a cidade.
 C'o tamanho pêsso da cruz,
Inté os caminhos *davo* luz,
 E as pedras *airomentavum*;
 E *Jasus* ia entrando
 Pelas portas de *Jêrusalêm*;
 Para todo o sempre. Amên.

- c) Indo indo a Seuhora
 Pela rua da Amargura,
 Pela rua de Tristura,
Incontrou filhas de fiéis,
 Mòças de *Jêrusalêm*;
 Senhora *le prêguntou*:
 — Vistes por aqui meu filho?
 — Vosso filho não conhecemos,
 Mas dai-nos sinais certos,
 Resposta vos tornaremos.
 A senhora foi andando,
 Encontrou uma mulher
 (*Pilatrôna* ¹ se chamava)
 E *le prêguntou*:
 — Vistes por aí meu filho?
 — Vosso filho aí vai,
 Cercadinho de inimigos,
 E *le* vão chamando:
Galiléu, Galiléu,
Sapateado malvado!
 E eu a êle me cheguei
 C'o esta toalha o alimpei ².
 — Bendita sejais, mulher,
 Que três nobrezas tendes,
 Bendita sejais, mulher,
 Que tam *amorable* és!
 A Senhora foi andando
 Até o Monte Calvário;
 Quando lá chegou,
 Já viu o Senhor crucificado:
 — Ó meu filho tam amado,
 Ó meu filho tam querido,
 Pelo leite que mamastes,
 E o *sáingue* que derramastes...
 — Não importa, minha mãe,
 Tudo tinha de passar,
 A *pequeninhos* e grandes,

¹ Deve estar por *pelitrôna*, rôta, mal arranjada.

² «Era a *Madanela* que falava e estendia a toalha à Senhora».

A todos hei-de salvar;
 Venha cá, minha mãe,
 Que quero fazer testamento
 Dos meus *alqueridos* ¹ bens:
 A S. Miguel o Anjo deixo as balanças
 P'ra pesar as almas p'r'a bem-aventurança;
 A S. Pedro deixo as chaves
 P'ra abrir as portas do céu a quem o merecer;
 E a vós, Minha Mãe Santíssima,
 Deixo-vos essa santa oração;
 Quem se *quijer* aproveitar dela
 Tirará quatro *aurmas* do fogo purgatório:
 A primeira será a sua,
 A segunda de seu pai,
 A terceira de sua mãe,
 A quarta por quem mais bem *quijer*
 Ou no coração trazer.
 Quem esta oração disser
 Um ano continuamente,
 É tam certo salvar-se
 E ir p'r'ó céu *internamente* ²;
 Quem *na* sabe, não *na* diz ³,
 Quem *na* ouve, não *na* aprende,
 Lá no dia do Juízo verá como se arrepende.

d) Pus-me a pé de madrugada ⁴,
 Fui varrer a Conceição;
 Encontrei Nossa Senhora
 Com um ramo de oiro na mão;
 Eu pedi-*le* um bocadinho,
 Ela me disse que não;
 Eu tornei-*lo* a pedir,
 Ela deu-me seu cordão,
 Que me dava nove ⁵ voltas
Derredor do coração,
 Que me dava outras nove
 Da cabeça até ao chão.
 Ó meu padre S. Francisco ⁶,
 Ó meu padre S. João,
 Aceitai-me este cordão,
 Que me deu Nossa Senhora
 Sexta-feira da paixão,
 Sábado da Aieluia,

Domingo da *'Surreição*,
 Que me deu o sen lencinho,
 Bordado por sua mão;
 Numa ponta tem Sant'Ana ⁷,
 Noutra tem S. João;
 No meio tem o retrato
 Da Virgem da Conceição.
 Amém. *Kirie leison!*

e) Confissão da Senhora

A *Virge* se confessou
 Numa *minhão* ao domingo;
 Não era por ter pecados,
 Nem *pe-los* ter cometido,
 Nem era por dar honras
 Ao seu *ingénito* filho;
 O padre se assentou

¹ Adquiridos.

² Eternamente. Cfr. *Incidente* por excelente. V. *Ens. Etnogr.*, t. III, pag. 208.

³ O sentido é: Quem *a* sabe e não *a* diz . . .

⁴ Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, t. I, pag. 209.

⁵ Variante: *Seis* voltas . . .

⁶ Variante: Ó meu padre S. Dinal!

⁷ Variante: Duma banda tem S. Bento. As bandas pertencem ao cordão.

E a *Virge* se ajoelhou;
 O que a *Virge* trazia no seu ventre
 Tôda a terra alumiou,
 E o padre seu sentido duvidou.
 — Não vos admireis, padre,
 Que nós *semos* todos do mistério
 Da Santíssima Trindade;
 O primeiro que eu amei
 Foi a Deus, Nosso Senhor;
 Aqui o trago em meu ventre
 Criado a meu favor;
 O segundo que eu roguei
 Foi a vossos pais mais que a vós;
 Eu não sei se pecaria
 Em rogar a Deus por vós;
 O terceiro que eu matei
 Foi um *adragão* infernal,
 P'ra conseguir o meu menino
 Sem pecado original.
 — *Alevanta-te*, pomba branca,
 Olhos do Cristianismo,
 Espôsa do Espírito Santo,
 E mãe do Verbo divino.
 — Fica-te daí, padre,
 Que eu vou p'ra Belém,
 Que é nascido o meu menino,
 P'ra imparo de todo o bem.

f) — Mulher cheia de *prisada* ¹,
 Mulher cheia de *tristura*,
 Que vos cai, *pela vintura*;
 É um *home* que vi *lovar*
 Pela rua da amargura;
 Esse *home* era *Jasus*,
 E *Jasus* *lovava* a cruz;
 A cruz era tam pesada,
 Que nem sete a *lovavo*;
 E cada passada que dava
 Ajoelhava ao chão, dizendo:
 — *Assim, assim*,
 Senhor meu, e Senhor *min*,

Senhor, lembrai-vos de mim;
 Sou aquela *Madanela*
 Que sempre vos ofendi;
 No alto cruelmente,
Nua cruz tam diligente;
 Se me chegará a paixão,
 Meus cabelos tirarão
 Por *donde* me arrastarão,
 Por caminhos e por aldeias;
 De *scandoloso* e caudeias
 E companhia
 Enquanto não vem o dia.

(Areias)

g) Avé, Maria, de grande valor,
 Rainha dos Anjos,
 Do céu *resplander*;
 Muitas maravilhas
 Àquele Senhor;
 Orações divinas
 À Virgem Maria;
 A Virgem Maria,
 Deus a escolheu;
 P'ra ser mãe sua,
 Pois ela nasceu;
 Dela nasceu
 O nosso bom *Jasus*,
 Salvador do mundo,
 Espelho de luz;
 Espelho de luz,
 Já nos Deus salvou;
 E nós tam ingratos,
 Sempre a pecar...
 Que contas havemos de dar
 Àquele divino Senhor,
 Que nos há-de julgar,
 Nos juugará bem?
 Pedimos a Deus pelo reino do céu
 P'ra sempre. Amém.

(Areias)

h) Doze excelências que deu o Senhor à Senhora da Graça ²

Ôa Avé-Maria,
 Cheia de graça;
 Cheia de graça,

Ó de graça cheia!
 Quando o mar abrandá,
 O sol *alumeia*;

¹ Desprezada?

² Cantam-na as romieiras, primeiro uma vez; a seguir começam: *Duas excelências*, etc. e cantam-na duas vezes; depois: *Três excelências*, etc., três vezes, e assim por diante até doze. É pecado começar a oração, não acabando.

Se êle *alumeia*,
Deixá-lo alumiar;
Nasce na serra
Põe-se no mar;

Se êle se põe,
Deixá-lo lá pôr;
São as cinco chagas
De Nosso Senhor.

II Doze excelências da Senhora do Rosário

— *Ua* excelência, que deu a Senhora,
À Virgem do *Rosairo*;
Filho do vosso ventre,
Se fez um *sacrairo*;
Sacrairo aberto,
Vai o Senhor fora;

Visitar *ña* alma
Que vai para a glória,
Pr'ó céu, triunfar,
Dar as boas contas
Do bem e do mal.

(Arcias)

10. Romance de Santa Catarina de Siene¹

Santa Catarina do *Sena*
Era filha dum rei moiro;
Ela matou a seu pai,
Ela com uma *'spada* de oiro;
Seu pai era um turco,
Sua mãe *arrenegada*;
A tódas as horas do dia,
Muito castigo *le* dava,
Com *ñas* cordas grossas
E outras mais delgadas,
A ver se Catarina *'scrementava*;
Catarina o que dizia:
— Com *Jasus* era casada.
— Anda cá, ó Catarina,

Anda, *Jasus* que te chama;
Anda contar teus contos
Da tua vida passada;
— Os meus contos são bem poucos,
A minha vida é bem larga;
Desceu um anjo à terra,
S. Gabriel se chamava.
Ó que bodas *hão* no céu,
Ó que bodas haveria!
Que se vai *arreceber*
A ditosa Catarina,
O Senhor por espôso,
A Senhora por madrinha.

(Arcias)

11. Oração de S. Francisco

Meu terceiro S. Francisco,
Confessor foste de Cristo,
Pelo livrinho que abristes,
Pelo cordão que cingistes...
Que linda Senhora vós vistes!
Seu amado lhe perguntou
Se por aquela rua passou,
Cheio de *bagualas*,

E feridas no seu coração.

Quem esta oração disser
Sete anos continuados,
Sexta-feira da paixão,
Terá cem mil anos de perdão
Para a sua salvação.

¹ De Siene naturalmente. Pelo contexto da oração parece tratar-se de Santa Catarina de Alexandria e não da mística religiosa italiana. V. *Les Nouvelles Fleurs des Vies des Saints* par un Solitaire, Lyon, MDCCLX. Tome Second, pág. 301.

— O Responso de Santa Helena, publicado a pág. 208 dos *Ens. Ethnogr.*, começa:

Santa Helena
Rainha de Sena,
Moira fostes,
.....

V. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 290 e seg.—Santa Catarina e Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Port.*, pág. 48.

X

Orações irónicas

I

Os Sacramentos

a) O primeiro é baptismo,
Onde foste baptizado?
Que saíste tam perfeito
Dessa água sagrada.

O segundo é confirmação,
Olha o que vais confirmar!
Dos pés do confessor
Ao inferno vais parar.

O terceiro é comunhão,
Olha o que vais comungar!
Uma hóstia consagrada,
Um corpo particular.

O quarto é penitência,
Que penitência tens feito?
Ainda não fiz só uma
Que a Deus guardasse respeito.

O quinto é *'stremunção*,
*'stre*mece o sangue nas veias;
*'stre*mece a alma no corpo,
Se Deus a falseia.

O sexto é *orde*,
Sacerdote à bela palma;
Arranjais por vossa mão
Perdição da vossa alma.

O sétimo é matrimónio,
Matrimónio da memória;
Fazei-nos filhos de Deus
E herdeiros da glória ¹.

b) O primeiro é baptismo,
Creio que és baptizada;
Se assim fôr, quero que sejas
Para sempre minha amada.

O segundo é confirmação,
Confirma, amor, a verdade;
Também quero que me digas
Se me tu tens amizade.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da *'Surreição*;
Também quero que me digas
Se me tu queres bent *ó* não.

O quarto é penitência,
Eu *algũa* tenho feito;
Tenbo cometido mil faltas
Só para te andar *ó* geito.

O quinto é *'stremunção*,
É um sacramento forte,
Que se dá *ó* *penetente*
Na hora da sua morte.

O sexto são *ordes*,
Que tu tens p'ra me prender;
Na cadeia dos teus braços
Não se me dá de morrer...

O sétimo é matrimónio
.....

¹ Nestes sacramentos observa-se uma certa compostura, não cabendo, portanto, sob o título — *Orações irónicas* — mas coloco-os aqui para serem confrontados com os seguintes.

Por aquilo que vai ler-se concluir-se há o seguinte: Algumas orações eram próprias para rezas; a essas opõe o povo canções burlescas; e finalmente misturam-se por vezes as orações com as paródias, sendo já difícil separá-las.

Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. xviii, pág. 282.

2

Os Mandamentos da Santa Madre Igreja

O primeiro é ouvir missa,
Eu nunca fiquei sem ela;
Só daquela vez, menina,
Que eu 'stive à tua janelá.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da 'Surreição . . .
Menina, busca a Igreja,
Se não corres 'scomunhão.

O segundo é confessar,
Eu sempre me confessei;
Só não disse ao confessor
O que contigo passei.

O quarto é *jejûar*,
Bem *jejûa* quem mal come . . .
Os beijos *dña* menina
São *nos* sustentos dum *home*.

O quinto é pagar dizimos,
Eu nunca os fiquei devendo;
Só o ano que acabou
E êste que vai correndo.

3

Mandamentos do Padre

Primeiro, amar a Deus por dinheiro;
Segundo, enganar todo o mundo;
Terceiro, comer boa vaca e *bô* carneiro;
Quarto, *jejûar* depois de farto;
Quinto *bober* vinho branco e que não *le faurte co tinto*¹;
Sexto, que, se assim fôr, tudo *le* corre *d'reito*;
Sétimo, nunca *faconteça* comer nabos sem cabeça²;
Oitavo, comer bacalhau sem 'spinha nem rabo³;
Nono, dormir quando tem sono;
Décimo

Êstes dez mandamentos se encerram em nós:
Tudo p'ra mim e nada p'ra vós⁴.

4

Os cinco sentidos

a) Amar e saber amar,
Amar e saber a quem;
En amo ao meu amor,
Não amo a mais ninguém.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Estes meus cinco sentidos
Em ti andam empregados.

¹ Não faltar com coisa nenhuma a alguém é dar-lhe tudo quanto precisa.

² Nabos sem cabeça são as nabijas.

³ Bacalhau sem espinha nem rabo, isto é, do melhor.

⁴ Cfr. *Ens. Etnogr.*, t. IV, pág. 182, e *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 284.

O primeiro diz que é ver
As culpas que cometemos;
Confessá-las e dizê-las
Ao confessor que escolhemos.

O segundo é ouvir,
E eu que gosto de *'scuitar*
Tua conversa, menina,
Que é capaz de me encantar ¹.

O terceiro é cheirar
Falsos gostos desta vida;
Cega e eterna glória
Já ta Deus tem prometida ².

O quarto é gostar
Do Divino Sacramento;
Recebê-lo em graça
Dá paz e acatamento.

O quinto é *apalpar*
O corpo à abstinência;
Abrangê-lo com cilícios
E sofrê-los com *pacência* ³.

b) O primeiro diz que é ver,
Só em te ver me alegro;
São os cinco sentidos
Que eu na menina emprego.

O segundo é ouvir missa,
Pois eu nunca fiquei sem ela;
Sòmentes aquela vez
Que en *'stive* à tua *jinela*.

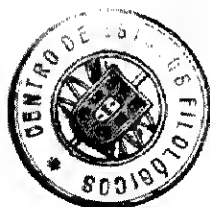
O terceiro é cheirar
O raminho de alecrim;
As falas que dás a outro
São facadas para mim.

O quarto é gostar,
Bem desgostoso fico;
Desculpe-me, menina,
De quanto *le* tenho dito.

O quinto é apalpar,
Não apalpo, mas passeio;
Diga-me, menina,
Se vive com *arreceio*.

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.



¹ Variante:

.....
A missa com atenção . . .

Estar atento a ela
Fugir à murmuração.

² Variantes:

Consid'rar na eterna glória
Que p'r'ós bons 'stá prometida.

³ Variante:

O quinto é apalpar
O corpo com *penetência*,

Cheio de cilícios,
E sofrer com paciência.

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE NEGAPATÃO

O Sr. Dr. Hugo Schuehardt, fundado em princípios étnicos, divide o ázio-português, ou os dialectos portugueses da Ásia, em quatro grupos: gauro-português, drávido-português, malaio-português e chino-português ¹. Os dois primeiros grupos são mais conhecidos sob a denominação geral de «indo-português».

A contraposição dos termos «gaura» (própriamente *ganda*) e «drávida» (*dravida*) é antiqúissima na Índia com relação a classes dos brâmanes, que se distinguem em *pancha-gauda* e *pancha-dravida*, ou cinco ramos setentrionais e cinco ramos meridionais. A base da distinção é inteiramente geográfica; é por isso que o grupo meridional abrange duas regiões áricas — Maharástra e Gurjara ou Guzarate, e três turânicas — Telinga, Drávida (país tamúlico) e Karnafaka ou Canará.

Os termos «gáurios» e «dravidicos» são modernamente empregados pelos europeus, assim para designar a diferença de raças, como para marcar a classificação lingüística. As línguas gáurias ou neo-áricas são flexivas e pertencem à família indo-europeia; as dravidicas, pelo contrário, são aglutinativas e fazem parte da família turânica. Foi o professor Hoernle o primeiro que empregou a palavra «gaurian» para denotar o conjunto dos idiomas áricos actualmente falados na Índia.

Com respeito aos dialectos portugueses da Índia, a sua distinção em gáurios e dravidicos teria muito cabimento se, além da notável influência lexical e até gramatical do idioma indígena a que cada qual se sobrepõe, houvesse traços específicos de cada grupo, proveniente da respectiva família lingüística. Mas a mángua de textos numerosos e variados de diversos crioulos, especialmente da zona dravidica, não permite enunciar juízo seguro.

A julgar, porém, pelos espécimes até hoje publicados, parece que a feição característica consiste principalmente em os crioulos gáurios, tais como os de Mangalor, Goa, Bombaim (com Taná, Baçaim, etc.), Damão e Dio, eliminarem, em grande escala e por influência das respectivas línguas vernáculas, vogais e até sílabas finais de vocábulos portugueses: o que se não dá, na mesma proporção, com os dravidicos, como os de Cochim e

¹ *Beiträge zur Kenntnis des kresolischen Romanisch*, V.

de Mahé. O crioulo de Ceilão tem de entrar neste último agrupamento, pôsto que agora seja geralmente aceita a opinião de que o singalês, idioma indígena da ilha, procede do tronco árico.

Cumpre também ter em conta que, assim como os portugueses tinham no Oriente considerável vocabulário comum de palavras peregrinas, que levavam consigo para onde quer que fôsse, do mesmo modo os dialectos que elles ocasionaram, se bem que geográficamente muito afastados, nos apresentam numerosas analogias, quer lexicológicas, quer gramaticais. Tais similaridades não se podem justificar, na sua totalidade, pela identidade de processos evolutivos, determinados pelas mesmas leis psicológicas e fisiológicas, nem pela afinidade das linguas do solo onde germinaram. É necessário, além disso, admitir frequente contacto dum com outros e reciproca transfusão parcial, proveniente da constante migração da grande parte dos indivíduos que os falavam.

Com o conhecimento que eu tinha adquirido do crioulo de Ceilão, em que, além de conversar, prégava e confessava, quando lá estive na qualidade de superior da missão, podia comunicar-me sem nenhuma dificuldade em Calcutá com as poucas pessoas, de ordinário mulheres velhas, que ainda preferiam praticar no dialecto português local. Tinha sómente de evitar dições singalesas e dravidicas, não generalizadas ¹.

*

* *

O referido dialectologista, que já publicou trabalhos acêrca dos crioulos de Dio, Mangalor, Cochim e Mahé, observa que lhe não foi possível alcançar nenhuma amostra dos crioulos da costa de Choramânde ². O motivo é que êsses crioulos, que outrora eram em avultado número, falados em Meliapor, Madrasta, Cudalor, Pondicheri, Carical, Tranquebar, Negapatão, estão agora muito reduzidos por diversas causas, e quasi a ponto de

¹ Seria sem dúvida de grande valor dialectológico o estudo comparado do vocabulário e da gramática, se não de todos os nossos crioulos, pelo menos dos ázio-portugueses, para o qual há já bastantes elementos. As referências ocasionais, feitas em trabalhos singulares, não são suficientes.

² Os nossos indianistas dos séculos XVI e XVII orthografaram *Choramandel*, *Choramandel*, em harmonia com o tamul *Choramândala*, «país dos Choras», título dos antigos reis de Tanjor, na mesma costa. Os estrangeiros (holandeses e ingleses) corromperam o nome em *Coromandel*, por entenderem mal o valor fonético do nosso *Cho* palatal. Vid. Yule & Burnell, *Hobson-Jobson*.

desaparecer. Cumpre, portanto, salvar já o que se pode, antes da sua completa extinção. Fora do domínio português, sómente os dialectos *norteiro*¹ e ceilonense possuem poderosos elementos de vitalidade e de duração.

Também eu, depois de muitas diligências, só pude alcançar, por favor dum amigo², duas poesias para canto, que lhe recitou um cristão da missão portuguesa de Negapatão, situada na referida costa ao sul de Madrastra e pertencente à área linguística do tamul. Os textos, além de serem muito limitados, não tem grande valor para o estudo do genuino crioulo actual, se é que na realidade existe; porque as cantigas são migratórias, tem formas em parte cristalizadas e representam a linguagem esmerada. Demais, o canto demanda vogais de encôsto e ocasiona o deslocamento do acento tónico³.

*
* *
*

Em 1883 escreveu um missionário estrangeiro ao Sr. Schuchardt que havia em Negapatão umas vinte famílias que falavam indo-português, mas não lhe enviou nenhuma amostra dessa fala. Os individuos que praticam em crioulo tem a consciência de que a sua língua está corrupta, e não a querem expor ao ludibrio dos estranhos. Donde provém a dificuldade de colhêr espécimes dos crioulos exclusivamente colloquiais.

Se a informação foi exacta, deve-se concluir que o número das famílias está ao presente muito reduzido, e estas são bastante esquivas, visto que o meu solícito correspondente, que esteve algum tempo como missionário na localidade, não pôde coligir mais textos⁴.

¹ Na Índia Portuguesa por Norte se entende a região que fica ao norte de Goa, e por *norteiro*, o habitante cristão das Praças do Norte e o seu crioulo português, Vid. *Dialecto Indo-português do Norte*, publicado por mim na *Revista Lusitana*, vol. ix. fasc. 1 e 2.

² Padre Ludovico da Caridade Ferrão, a quem consigno aqui o meu entranhado reconhecimento.

³ É costume, muito generalizado, na Índia cantar poesias deste género, às vezes estropeadas com o andar do tempo, em ocasiões festivas nas famílias que se gloriam de descender de portugueses. Mas tais famílias nem sempre falam português em casa, por o terem substituído pela língua vernácula ou pela inglesa.

⁴ Eis a lista que se me enviou dos cristãos (da missão portuguesa e da estrangeira, que lhe foi agregada pela última concordata) que sabem o indo-português: Mrs. C. Ferreira, Mrs. J. Ferdinand, Mrs. Bronkhurst, Mrs. & Mr. Rosário, Mrs. & Mr. Narcis, Mrs. Cooper, Mrs. & Mr. Vandersveen, Mr. S. Johnson. Vê-se daqui que os descendentes de holandeses e ingleses também falam, como em Ceilão e outras partes, o crioulo português.

Foi em 1905 que recebi estas poesias, mas não tratei de as dar logo à estampa, pois quis ver se conseguia mais materiais da mesma procedência. E de facto, por diligência do referido amigo, chegou-me em 1907 um pequeno espécime em prosa, em que se tenta, com pouco êxito, retratar a linguagem colloquial; e dois anos depois fui favorecido com certos esclarecimentos, que se me afiguravam indispensáveis para se formar um conceito mais preciso do dialecto.

Não nutrido agora esperanças de obter outros textos, julgo que não devo retardar mais a publicação dos que possuo, para que se não percam. Não posso, por este motivo, dar ao presente trabalho o mesmo desenvolvimento dialectológico que dei aos outros concernentes aos dialectos de Ceilão, Goa, Damão e Bombaim.

Negapatão — *Naga-ppattanam* em tamul, provavelmente *Nigama Metrópolis* de Ptolomeu — é um pórtio de mar, situado no distrito de Tanjor, cuja população orça por 60:000, sendo 5:000 católicos. Nos séculos XVI e XVII era um grande empório de comércio e núcleo de intensa actividade de evangelização. Foi um dos nossos mais antigos estabelecimentos na costa oriental, onde residia uma numerosa e florescente colónia portuguesa, que por vezes defrontava com as arremetidas dos maometanos, com as invasões dos *naiques* ou régulos vizinhos, e com as incursões dos ferozes *badagas* de Telinga. Foi occupada em 1660 pelos holandeses, que ali estabeleceram a sua principal feitoria do comércio dessa região da península ¹.

Mas agora tem bastante decaído da sua antiga importância, como tem acontecido a tantos outros portos e cidades da Índia.

Era, por tanto, natural que os descendentes de portugueses por via de mulheres da localidade, e até muitos indígenas por necessidade de convívio, falassem, à semelhança doutros centros populosos, um português corruído e simplificado ou criouloizado, que, por evolução espontânea e por influência do meio e dos crioulos congêneres, se iria distanciando da lingua-mãe. ²

¹ «Do Jafanapatam escreverão [em 1619] aos Eleytos de Negapatão (assim se governava então aquelle povo Portuguez, que depois veio a ter o titulo de Cidade, e governo posto por El Rey)». Padre Fernão de Queiroz (1627), *Conquista de Ceilão*, p. 512.

² Observei em Calcutá, quando era vigário geral da missão portuguesa de Bengala, que os dois ou três portugueses europeus, ali estabelecidos e casados com mestiças, estavam quasi esquecidos da sua lingua e falavam em familia o crioulo local. Tenho pena de não ter collido apontamentos dêsse dialecto; mas não dava então muito valor a semelhantes assuntos, posto que me servisse d'elle (e do de Ceilão) em conversa com as poucas pessoas que o falavam. Agora, porém, o seu numero deve estar muito reduzido.

Os descendentes de portugueses (e posteriormente de outros europeus), verdadeiros ou supostos, que trajavam à europeia, praticavam em ázio-português, professavam a religião católica e se empregavam como intérpretes e soldados, eram geralmente conhecidos na zona dravidica pelo nome de *topazes*, tamul *tuppási*, do sânscrito *dvibhāxya*, «aquele que fala duas línguas», isto é, no caso presente, portuguesa e vernácula.

É óbvio, por conseguinte, que as ocupações predilectas de tal gente lhe não permitiriam fixar-se para sempre no solo do seu berço e manter a sua tal ou qual independência étnica, mas os vaivéns da fortuna de cidades e reinos a traria dispersa e migratória. Acresce que a classe ilustrada ou um grupo módico e isolado substitui, como língua de casa, a portuguesa pela inglesa, à vista das vantagens que daí lhe resultam, e no decurso do tempo não se recorda ou não quer recordar-se da sua origem portuguesa, e passa por *eurasian* ou curasiático.

Ficam assim expendidas as razões por que o ázio-português, fora dos domínios actuais de Portugal, está extinto ou a extinguir-se em várias partes, onde era antes tão florescente, e a crivar-se de palavras inglesas.

Efeitos de vicissitudes políticas! Outrora o português era a língua franca do Oriente, particularmente da Índia, onde os europeus de nacionalidades diferentes — missionários, comerciantes e viajantes — o tinham de aprender e de se servir d'ele a fim de se communicarem entre si e com os naturais. Agora, os que o falavam como língua materna procuram olvidá-lo, e pretendem encobrir a sua procedência estropeando os seus apelidos, sendo *Correia Curry*, *Couto Cout* (pron. *Caut*), *Gomes Gomesse*, *Soares Swaries*, *Pires Pieris*.

Cantigas

I

Crioulo	Português
<i>Sinhora Saôdi!</i>	Senhora de Saúde
<i>Né áltu cheralá,</i>	(Que estais) na alta charola,
<i>Avári d'ós brágu;</i>	Abri o braço de vós;
<i>Par mi dá ung esmolâ.</i>	Dai-me uma esmola.
<i>Sinhora Saôdi!</i>	Senhora de Saúde!
<i>Sinhora Vellengani!¹</i>	Senhora de Valangani!
<i>Sinhora Saôdi!</i>	Senhora de Saúde!
<i>Mostrá bós milágri.</i>	Mostrai vosso milagre.

¹ Em Velangani — missão pertencente ao bispado de S. Tomé de Meliapor — há um santuário de muita devoção e popularidade, dedicado a Nossa Senhora de Saúde, a quem se atribuem frequentes milagres e se fazem numerosos votos, como a Nossa

Sinhor de Restádu!
Né áltu palácia;
Cantigas lô cantá eu
Ne você's presença

Senhor Ressuscitado
 (Que estais) no alto palácio;
 Eu cantarei cantigas
 Na presença de você (vossa).

II

*Adivaita*¹ ôgu,
Metádi metádi;
*Gralhá cându té bôcá*²,
Lô contá verdádi.

Dividi o ovo
 Em metades;
 A gralha, quando abrir a bôca,
 Contará a verdade.

Alá té vi barca,
*Alança balançá;*³
Dentru aquíli barca
Té minha princesa.

Lá vem um barco,
 A balouçar e balançar;
 Dentro daquele barco
 Está a minha princesa.

Anela de ourú
*Nicu cavú*⁴ dedú;
Lô mandá um anela eu
De minha cavellú.

O anel de ouro
 Nunca acaba o dedo;
 Eu hei de mandar um anel
 Do meu cabelo.

Casa sobredádi,
Janelá de vidrú;
Minha pomba branca
*Já perdê mariadú*⁵.

Casa sobradada
 (Com) janelas de vidro;
 A minha pomba branca
 Perdeu o marido.

Senhora de Lourders. Duante a novena é a festa, especialmente, concorrem ilharos de fiéis de diversas regiões e fazem grandes oblatas, que montam a alguns cotnos.

¹ Do tamul *arigirathu*, «cortar, amputar; partir, dividir».

² Conjectura-se, naturalmente, que o sentido do verbo *locá* é «abrir a bôca para falar, falar»; mas não é fácil saber donde provém a palavra. Se do «bôca», seria um derivado singular. Nos dialectos do Damão e de Dio *bothé* quer dizer «beijo». O Dr. Schuchardt dá também *bocós* com o mesmo significado.

³ *Alança* é o mesmo que *balança*, com a supressão da consoante inicial, á imitação dos idiomas indianos; e ambas as formas representam os dois movimentos laterais do barco.

⁴ «Come, corróia. Não parece ser o verbo *cavar*, cujo sentido é expresso do dialecto de Ceilão por *gavertá*, no de Macau por *gavartá*, no malau por *gabartá* e no norteiro por *garvitiá* = esgravatar. *Cabá* = acabar é geral.

⁵ Variante do dialecto de Mangalor:

Ai casa sobirana, Margarita,
 Janela de vidro;
 Ai minho pombo branco, Margarita,
 Já nu tem marido.

Variante do dialecto norteiro:

Casa sobroda, Raminho,
 Janela de vidro, Raminho;
 Minha pominha branca, Raminho,
 Já perdeu amigo, Raminho.

Variante do dialecto de Damão:

Caz sobradad,
 Janel de vidr;
 Minh pomb brane, Surumbá,
 Ficou sem marid.

*Já sai lumará
Frónti de meu rostú;
Isti bós amôrí
Já dá um desgóstú.*

*Ondéas de mar,
Ondéas areadú;
Levá minha irmã
Com grândi cuidadú.*

*Unanga, dossú, tressú,
Catrí, cincú, sessú;
Ninas de Pucheri,
Bisti cê vuta ¹ messu.*

*Já saín (apareceu) a lua
Defronte do meu rosto;
Esse vosso amor
Já deu um desgosto.*

*Ondas de mar,
Ondas areadas (espraiadas?);
Levai minha irmã
Com grande cuidado.*

*Um, dois, três,
Quatro, cinco, seis;
Meninas de Pondicheri,
Vesti (calçai) as vossas meias de
algodão (?).*

Prosa

Qui lei ² tem saude? — De que laia (como) é a saúde?
Minha nómi tem Narcis. — O meu nome é Narciso.
Ê devi nascê ³ esta terra. — Eu devia de nascer (nasci) nesta terra.

Minha pai e mãe morreu. — Meu pai e minha mãe morreram.

Eu tenho muito coitado. — Eu sou muito pobre.

Para mim mais ninguém nu tem que suster (?). — Eu não tenho mais ninguém que me sustenha.

Senhor mast ⁴ prendê esta pobre ⁵ carta, and ⁶ Senhor mast fazer qui-ser ⁷ por mim. — O Senhor deve aprender (ler com atenção) esta pobre carta, e o Senhor deve fazer o que fôr (*quid-quid sit*) por mim.

Para mim tem muier com 3 crivanças. — Eu tenho mulher com (e) três crianças.

Senhor mast oiar Deus rost ⁸ and mast fazer qui-ser por mim. — O Senhor deve olhar para o rosto de Deus, e deve fazer o que fôr por mim.

¹ Presumo que é o mesmo que o tamul *vattam*, que quer dizer «pano, tecido». Parece que se alude à óca ostentação das raparigas da colônia francesa.

² Esta frase, mais ou menos modificada foneticamente, voga em toda a área do ázio português no sentido de «como». *Laia-laia* ou *lai-lai* querê dizer «vário, diverso», ou «assim e assim, sofrivelmente».

³ Parece ter ressaibos da frase inglesa — *I should have born*.

⁴ Inglês *must*, «deve»; pron. *masf*.

⁵ Esta carta dum pobre.

⁶ Inglês *and*, «e».

⁷ É possível que represente a locução inglesa — *whatever do*.

⁸ É reflexo do idiotismo indígena. *Olhar para a face de Deus* é «ter a Deus em vista».

Eu tem serviço sem tem. — Eu estou sem ter serviço (sem emprêgo).

Para mim ninguém nu tem um bocá arroz pô dar. — Eu não tenho ninguém para me dar (que me dê) um bocado de arroz.

*

* *

Observações gramaticais

Dos espécimes acima reproduzidos se vê que o crioulo da costa de Choramândel não difere notavelmente dos outros ramos do indo-português. Apresenta, porém, mais pontos de contacto com o crioulo de Ceilão, seu vizinho.

I. — Quanto à fonologia, cumpre notar em particular o seguinte:

Atenuação de *a* átono em *e*: *cherala* = charola; *sobredâdi* = sobradado. Dial. ceil. *sobredade*, *soberdade*. Talvez por influência da preposição *sôbre*. Também *uç* = na, *lei* = laia. — De *a* em *u*: *nuicu* = nunca. — De *e* tônico em *i*: *isti* = êste, *aquili* = aquele; de *e* átono: *bisti* = vestir; *sínhor*, *sínhora* = senhor, senhora. *I* por *e* final surdo é comum a todos os crioulos que o não eliminam: *frónti*, *grândi*, *verdâdi*. O mesmo se deve entender do *o* final: *bârcu*, *dêntru*, *vidru*, *maridu*.

Mudança de *o* tônico em *a*: *cherala* = charola, por influência das líquidas; de *o* final, provavelmente por causa da rima: *palácia* = palácio. — De *u* tônico em *o*: *saôdi* = saúde. Dial. ceil. *saôde*; *savôdi*, forma moderna.

Simplificação dos ditongos — tendência comum: *sêssu* = seis, *mêssu* = meias; *dôssu* = dous, dois; *câtru*, *cându*. *Dós*: dial. ceil. e nort. *Catro*, *cando* são populares no continente.

Desnasalização: *té* = tem, *núcu* = nunca, Dial. ceil. e coch. *nuca*; dial. dam. e nort. *nuc*. *Nu* = não.

Nasalização medial: *lumáru* = luar, significando também «lua». Dial. ceil. *lumar*, *lumara*; também *luma*. Port. arcaico *lũa*, do lat. *luna*; assim como o lat. *una* deu *ũa* (ou *hũa*) e depois «uma».

Guturalização de nasal pura, como no dial. macaista: *ung* = um, *unanga*, por *unga*.

Palatização de *l* postônico: *cavêlhu* = cabelo. Dial. ceil. *cabelho*, *cavelho*; dial. nort. *cavelho*.

Despalatização: *oiar* = olhar, *muier* = mulher. *Lh* é o fonema da mais difícil prolação nos crioulos.

Troca de consoantes. De *b* e *v* é comum nos crioulos, como no norte de Portugal: *bós* = vós, *bisti* = vesti; *avari* = abri, *cavêlhu* = cabelo. *G* por *v* medial: *ôgu* = ôvo. Dial. ceil. *ogo*; *nogo* = novo¹.

Supressão de fonemas:

Afêrese: *prendê* = aprender, *cavá* = acabar (comuns); *ós* = vós (por assimilação)²; *ninas* = meninas; *cê* = você, como no dial. nordestino.

Síncope: *restádu* = ressuscitado, *Pucheri* = Pondicheri.

Apócope: de *r* final nos verbos — fenómeno comum: *mandá* = mandar, *perdê* = perder, *nascê* = nascer (mas *dar*, *fazer*), *vi* = vir; *pô* = por; *par* = para (comum); *rost* = rosto; *Narcis* = Narciso; *d'ós* = de vós, como nos dial. nort. e dam. Em *ló* = logo, partícula do futuro em muitos crioulos, em *bocá* = bocado e em *devi* = devia, cai a sílaba inteira.

Acrescentamento de fonemas:

Prótese: *ala* = lá. Dial. ceil., nort. e caboverd. — Port. arcaico.

Epêntese: *ondêas* = ondas, *avari* = abri, *unanga*, por *unga* = uma; *presência* = presença, como em Ceilão; *crianças* (= *cri-wanças*) = crianças, para se desfazer o hiato, que as línguas vernáculos não toleram.

Paragoge: *anela* = anel — fenómeno geral. *Lumáru* = luar; *amôru* amor, por ênfase na rima. *Dôssu*, *trêssu*, *sêssu* = dous, três, seis.

Deslocação de acento tónico: para a última sílaba, talvez sómente no canto: *sinhorá*, *cheralá*, *vidrí*, *dedú*. Parece que o que se nota no original como acento é antes o alongamento do fonema final. *Sinhora* há também no dial. dam. Em *ondêas* desloca-se o acento, mas com mais uma sílaba.

11. — Quanto à morfologia, dão-se os mesmos fenómenos que notamos nos outros crioulos indianos. Assim, o tempo presente do indicativo forma-se perifrasticamente com *tê*: *tê vi* = vem; o pretérito perfeito, com *já*: *já dá* = deu, *já perdê* = perdeu, *já sai* = saiu; o futuro, com *ló*: *ló cantá* = cantarei, *ló contá* = contará. O verbo *ter* emprega-se no infinito na sua forma do presente, *tem*. *Minha* por «meu»: *minha pai* = meu pai, *minha nómi* = meu nome, *minha cavêlhu* = meu cabelo. Não ocorre o artigo

¹ «Em *lougor* de S. Gonçalo. Em *lougor* de S. Salvador». J. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, pág. 154.

² Dial. nort., dam., dio. *V* equivale a *se* em todos os crioulos indianos.

definido, pouquíssimo usado nos outros crioulos: *micu cavá dêdu* = não corrói o dedo; *gralhá cându té boca* = quando a gralha falar; *minha nómi* = o meu nome.

O plural forma-se normalmente: *cantigas, uinas, ondêas*. Mas, *metádi metádi* = metades. Talvez caso excepcional de plural por reduplicação: fenómeno vulgar nos dial. noroeste e malaio.

III.—Com respeito à sintaxe, há pouco que notar:

Ocorre na poesia a colocação do pronome sujeito no fim da preposição: *cantigas lô cantá eu*; *lô mandá um anela eu*.

Também se antepõe ao verbo o regime directo: *cantigas lô cantá* = cantarei cantigas; *serviço sem tem* = sem ter serviço; *um boca arroz pô dar* = para dar um bocado de arroz. Igualmente, o regime indirecto pronominal, com preposição: *par mi dá* = dai-me.

Dá-se também transposição do complemento possessivo: *Deus rosto* = rosto de Deus; *d'ós bráçu* = braço de vós, vosso braço; *né você's presêcia* = na presença de você. O *s* neste exemplo é desinência do genetivo formal, facto que se dá em outros crioulos, especialmente no de Mangalor. «Você» é *pronomen reverentiae* em todos os ramos do iudo-português.

Eliminação de preposição: *nascê esta terra* = nascer nesta terra; *um boca arroz* = um bocado de arroz; *Sinhora Velangani* = Senhora de Velangani; *metádi metádi* = em metades ou em metade e metade.

Redundância de preposição: *Sinhora de Restádu* = Senhor Ressuscitado. Também em Goa se diz: *Senhora de Sant'Ana*.

Há orações elípticas: *Sinhora Saôdi* (que estais) *né áltu che-rala*; *Sinhora de Restádu* (que estais) *né áltu palácia*.

IV.—Com relação à sematologia: emprega-se o verbo *ter* por «ser» ou «estar», como nos outros ramos do indo-português: *Minha nome tem Narcis* = o meu nome é Narciso. *Qui lei tem saúde?* = como é ou está a saúde? *Dêntu aquili bárcu té minha princesa* = naquele barco está a minha princesa. *Eu tem serviço sem tem* = estou sem ter serviço.

O sentido próprio de *ter* (= *habere*) expressa-se antepondo o sujeito em regime indirecto (dativo), à maneira dos idiomas vernáculos e do latim com *esse*: *Para mim tem muier* = há mulher para mim (*est mihi mulier*); tenho mulher. *Para mim ninguém nu tem* = não tenho ninguém. Idêntica construção voga em sânscrito, mas com genetivo.

Coitado quer dizer «pobre ou mendigo» em quási todos os crioulos.

Não se podem abranger o «pai e a mãe» sob a designação de *pais*, por o não permitirem os idiomas indígenas.

Figuram duas negativas numa mesma oração antepostas ao verbo: *Para mim ninguém nu tem* = eu não tenho ninguém.

V. — Pelo que toca à lexicologia, é muito natural que se tenham infiltrado e se infiltrem, em maior ou menor escala, nos crioulos vocábulos provenientes da língua vernácula, em que estão enxertados, e da inglesa onde essa seja a oficial. É porêem notável que figure na amostra o inglês *and* pela conjunção «e» e *must* pelo verbo «deve».

*

* *

O genetivo formal ou orgânico (-'s), que figura em alguns crioulos portugueses da Ásia, é um fenómeno de importância capital na nossa dialectologia colonial. Convém por isso averiguar se proveio da evolução própria, se da influência das línguas indígenas ou do reflexo da inglesa.

O Sr. Schuchardt ventitou a questão com referência ao crioulo de Mangalor, propendendo pela intrusão do genetivo inglês. Versei-a eu sucintamente com relação ao dialecto de Ceilão, inclinando-me pela intervenção vernácula. Vou tentar agora esclarecer um pouco mais o assunto, tendo em vista o conjunto dos ramos de ázio-português.

Dialecto de Ceilão: *Eu sua vida* = a vida de mim (= a minha—); *vossos sua gloriação* = a jactância de vós (= a vossa—); *êle sua falsa esperança* = a falsa esperança dêle (= a sua—). *Peter sua filho* = o filho de Pedro. *Per sua tanta sua casa* = para a casa de sua tia. — Formas modernas na poesia: *Espírito's Santo dom* = dom do Espírito Santo. *Com Jesu's grand dors* = com grandes dores de Jesu.

Dialecto de Singapura: *Eu sua corpo tem sujo* = o meu corpo está sujo. *Já matá eu sua cavallo* = mataram o meu cavallo.

Dialecto de Batávia e Tugu: *Nossóter* (nós outros) *nempódi sabê nós sua bida qui sê* = nós não podemos saber o que será a nossa vida. *Ilóter* (êle outro) *sua cabeça* = a cabeça dêle. *Sua muler sua pai* = o pai de sua mulher. *Dios sua poder* = o poder de Deus.

Dialecto do Norte: *Fula su cheio* = o cheiro da flor. *Mim pai-tiu su filh* = o filho de meu tio paterno. *Outro tod você's casa* = todos os outros da casa de você (=vossa). *Mais noss caz sus pai* = mas o pai de nossa casa (família).

Dialecto de Cochim: *Por conta de manchua su luguer* = por conta do aluguer da manchua (barco).

Dialecto de Macau: *Maria são eu sa mãe* = Maria é mãe de mim (=minha—). *Cô êl sa têrço no braço* = com o têrço (contas) dêle (=seu) no braço.

Dialecto de Negapatão: *Né você's presênciã* = na presença de você. *Deus rost* (provavelmente por *Deus's rost*) = o rosto de Deus.

Dialecto de Mangalor: *Riu's banco* = o banco (margem) do rio. *Hombre's olho's casco* = o casco do ôlho do homem. *Riu's dentro* = dentro do rio. *Com minha amigo's junt* = junto com os meus amigos. *Su's paixões* = as suas paixões. *Su's lisa superficie* = a sua superfície lisa. *Et passim* ¹.

Vê-se das amostras transcritas: a) que o genetivo anteposto era acompanhado de *sua*, que desempenhava o papel de caso, sendo depois reduzido a *su* ou *sa*; b) que se empregava de preferência com *você*, que então equivalia a *vosso*, e com os pronomes de qualquer pessoa, naturalmente por terem formas diferentes para os sujeitos e para os regímes; c) que figura em crioulos que excluem a hipótese de influência inglesa e indígena, como o macaísta e o malaio; d) que -'s aparece, além do crioulo de Mangalor, no de Ceilão e da cidade de Bombaim, mas só modernamente; e) que se usa com diversas palavras em que a gramática inglesa o não toleraria, como são os pronomes, os possessivos e as preposições; f) que ocorre mais frequentemente com os vocábulos que terminam em vogal, formando sílaba admissível no português normal: *Jesu's*, *Espírito's*, *amigo's*, *riu's*.

Cumprê também observar: a) que as linguas gáurias não tem propriamente genetivo desinencial, mas o pronome possessivo e o adjectivo derivado do respectivo nome, e declináveis em concordância do género, fazem as suas vezes, como em canani: *tátsó pút* (masc.) = seu filho (*ejus filius*), *tíchi dhúv* (fem.) = sua filha, *táchêm tsákar* (neut.) = a sua criada; b) que o tal genetivo antecede invariavelmente o nome determinado: *Rámátsó bháv* (*Rameus frater*, equivalente a *Ramae frater*) = irmão de Rama; *namhichí tad* = margem do rio; c) que nas linguas dra-

¹ Nos crioulos de Damão e Dio, sujeitos à constante influência de português, não se encontram casos análogos.

vidicas sempre e nas gáurias muitas vezes o genetivo é representado pelo primeiro elemento do composto, como em tamul: *cherippu* = sapato; *cherippisi* (*úsi* = agulha) = agulha de sapato, sovela; — em neo-árico: *ráj-pút* = filho de rei, príncipe; d) que em várias línguas gáurias as preposições regem a forma temática do adjectivo possessivo (ou genetivo do pronome), como em concani: *majê lágim* = perto de mim; *tujê kuxím* = ao lado de ti; *tichê kadé* = com ela; e) que a sintaxe dos dialectos mais crioualizados denuncia acentuada influência da sintaxe vernácula, como no de Mangalor: *Bossa perto* (= *tum'chê lágim*): perto de vós; *minha junto* (= *majê kadé*): comigo¹; *minha trás* (= *majê páthi*): atrás de mim; *su diante* (= *táchyá mukhár*): diante d'ele; *filha's perto* (= *dhuvé kadé*): com a filha; f) que, quanto aos crioulos de Mangalor e do Norte, o concani e o marata, línguas indígenas, respectivamente, não pronunciam a vogal final (e muitas vezes a medial) átona, do que ministram provas a cada passo os referidos dialectos.

Julgo, portanto, que se pode inferir do que fica exposto que a tendência geral do ázio-português é antepor em certos casos o complemento possessivo ou determinativo, e que ela provém na Índia da índole dos idiomas vernáculos. Creio também que se demonstra historicamente que *-s* é contracção de *su* ou *sa* = sua. É possível que na difusão houvesse alguma influência do inglês, devida aos individuos que o praticavam ou o traduziam. Não se pode, porém, asseverar que o genetivo dessa língua é o seu protótipo.

Fenómenos análogos também ocorrem em outros crioulos remotos, como no da ilha de Santiago: *Paulo si* (por *sê*) *bida é dentro cartore* = a vida de Paulo é no cartório; e no caboverdiano em geral: *di-meu* = meu, *di-seu* = seu, *di-nós* = nosso, *di-sês* = seu, d'elles; *gramática di nós lingua*.

As frases *eu sa* = meu, *êl sa* = d'ele ou seu, que figuram no macaísta, tem a sua correspondência em chinês, que não conhece *possessivos* formais ou derivados: *vó* = eu, *vó ti* = de eu: meu; *tá* = êle, *tá ti* = d'ele: seu.

Idênticamente, com relação aos crioulos malaio: *sahya* = eu, *sahya punya* = de eu: meu; *dia* = êle, *dia punya* = d'ele: seu. Em outra situação, o complemento restritivo segue o nome sem nenhuma partícula: *chara China* = modo ou moda da China, empregado por Fernão Mendes Pinto (*charachina*); *orang*

¹ Dial. de Damão: *minh juní*.

hítan = homem das selvas: *orango-tango*. E no seu crioulo: *tabaco buceta* = boceta de tabaco.

Uma vez justificada a anteposição do complemento determinativo (em obediência à sintaxe vernácula), acompanhado da partícula caracterizante *sua*, *su*, *sa* ou *'s*, e reconhecida a sua conveniência, não admira que se tenha aplicado a regra a todos os casos em que na língua-mãe se usa *de* (*de êle* = sua), ou se usaria, se não houvesse pronomes possessivos (*de nós* = nosso), ou pronomes regimes (*de eu* = de mim = meu).

Assim se explicam locuções como estas: *boz's* = *vós-su*: de vós, vosso; *êle sua* = dêle; *eu sa* = meu; *su's superficie* = a superfície sua dêle, para intensificar o sentido ou para evitar a ambigüidade, como se diria em português: «sua superfície dela».

Cumpre também atender a que os crioulos, além da sua feição individual, originada em grande parte da língua indígena, tinham, como fica dito, alguns factores da gramática comuns, em resultado da mútua comunicação. O da Malásia, por exemplo, exerceu grande influência no de Macau, e o de Ceilão no de Malaca.

Mas qual seria a razão de se preferir *sua* para denotar o genetivo? Não saberei apontá-la com segurança; posso, porém, aventar algumas conjecturas: a sua freqüente ocorrência no falar português; a sua peculiaridade de se poder referir a uma ou muitas pessoas ou cousas de ambos os géneros (*sua* = dêle, dela, dêles, delas), e à pessoa ou pessoas com quem se fala (2.ª pessoa: *sua* = do senhor, dos senhores; de você, de vocês); a afinidade fonética com a última sílaba de alguns pronomes: *vossa*, *você*, *vós*; e com a desinência do genetivo de algumas línguas indígenas: *zó* ou *zá*, *jó* ou *já*, *tsó* ou *chó*.

Quanto à preferência da forma feminina, *sua*, é facto bem conhecido que o ázio-português emprega a forma feminina dos adjectivos possessivos indiferentemente para ambos os géneros: *minha* = minha, meu; *sua* = sua, seu; *vossa* = vossa, vosso. O Dr. Schuchardt aponta por motivo da preferência o serem as formas femininas mais extensas e sonoras. E pode-se acrescentar que muitos dos nomes, que em várias línguas indígenas se empregam por preposições (*perto*, *junto*, *com*), são do género feminino, e requerem que os pronomes possessivos que os antecedem também o sejam, como mostram os exemplos acima aduzidos.

Turquel folklórico ⁽¹⁾

SUPERSTIÇÕES

PARTE I

Entidades estranhas

I — Bruxas e feiticeiras

(Aos meus conterrâneos)

¿ Quem, passando habitualmente, a horas mortas, junto de rio ou pego situado em valle soturno e insulado, não ouviu ahi alguma vez um ruido de palmadas, acompanhado de gargalhadas estrepitosas, como de diabretes que andassem revolteando sôbre as águas em desenvolta sarabanda? ¿ Quem, vivendo em casal solitário onde haja crianças por baptizar, não sentiu ahi nunca, nessas noites em que tudo jaz sob o pêso de trevas caliginosas e a tempestade sacode doidamente as árvores da floresta, um diabólico alarido sôbre os telhados? ¿ A quem não pungiu o insistente chôrô d'essas crianças? ¿ Em conjuncturas taes, quem é que não foi tomado de estranhas somnolências?

¿ A que afoito noctívago não succedeu já perder de todo a tramontana? andar, andar, e achar-se sempre no mesmo sitio? ter de empregar um enorme esforço para mover as pernas, teimosamente emperradas?

¿ E a que attribuir, verosimilmente, tão surprehendentes e extraordinários effeitos? Ao bruxedo; vós o sabeis. O bruxedo constituirá, pois, o assumpto d'este artigo, no qual eu vou expôr, em resumo, as noticias que por aqui me hão subministrado algumas pessoas discretas, e de grande sabença em pontos de demonologia.

Ha bruxas que o são em virtude d'uma lei do fado; assim, a mais nova de sete irmãs é necessariamente bruxa, salvo se lhe deram por madrinha a irmã mais velha; a maior parte d'ellas,

¹ [A maior parte dos factos mencionados neste artigo são já conhecidos, pois constam de trabalhos de outros investigadores. Como porém me falta tempo para os anotar, destringendo o que é inédito do que o não é, e como alguns d'eles constituirão variantes, não hesitei em os publicar, tanto mais que se referem a uma unica localidade ou região, e estão expostos com método e elegancia.—J. L. de V.].

porém, de seu mótu-próprio se fizeram iniciar nos mystérios da bruxaria.

Toda a bruxa possui uns novellos de que não posso precisar particularidades; sei apenas, por vagas informações, que são, para ellas, um indispensável adminiculo, e que nenhuma pôde morrer sem ter a quem os deixar. A êste propósito conta-se que estando certa bruza nos mais angustiosos paroxysmos, não podia findar, ainda assim, por nenhuma das pessoas presentes se resolver a aceitar-lhe as diabólicas insignias. — «Quem herda?!... quem herda?!...» — repetia ella precipitadamente, com a afflicção do estertor. Alguém então suggeriu: — «Herde-os aquelle pote!» Êste deu immediatamente um grande estoiro, despedaçando-se, e a bruxa pôde enfim acabar. Os novellos fazem parte indivisa da herança, segundo a opinião de pessoas bem informadas, que dizem, a modo de provérbio: — «Quem lhes herda os bens, herda-lhes os novellos».

O principal maleficio praticado pelas bruxas é chupar, de noite, o sangue de crianças de tenra idade, as quaes se vão finando, até que morrem de inanição. Acommettem, de preferênça, as que estão por baptizar, quando nos respectivos aposentos não haja luz. Como as aves nocturnas e agoireiras, as bruxas só agem desemepeadamente no meio das trevas.

Ao emprehenderem alguma das suas nocturnas digressões, as bruxas desembaraçam-se do vestuário, e ungindo o corpo com certo óleo contido num púcaro ordinariamente occulto numa cavidade praticada na lareira e coberta com um tijolo, proferem a fórmula: — «Voa, voa, por cima de toda a fôlha», e ahí vão ellas chaminé acima, já invisíveis, já metamorphoseadas em morcegos. Dirigem-se seguidamente a uma encruzilhada ¹, ou a algum desamparado pardieiro, onde, á meia-noite, apparece o diabo, que se assenta numa trempe collocada ao meio do recinto, indo logo todas dar-lhe um beijo... no orificio de trás. É d'ahi que ellas, após desenfreada folia, se espalham para vários pontos, auctorizadas a fazer das suas até ao cantar do gallo, isto é, até ás duas horas, próximamente. Entre as bruxas corre o prolóquio: — *Gallo branco? não me espanto; gallo loiro é agoiro; gallo preto? não me metto!*

¹ A usança que chegou até nós, de exigir cruzeiros nos pontos aonde convergem três ou quatro caminhos, vem da idade média, e tinha por fim afugentar as bruxas, visto ser ahí que ellas evocam o matarrico para o commettimento de maleficios vários. [Para a idade média veio já da antiguidade o costume: *Religiões da Lusitania*, III, 596. —J. L. de V.].

Se alguém, brandindo pau ou análogo instrumento com a mão canhota, ferir uma bruxa e lhe fizer sangue, quebrar-lhe-á o fado. Essa bruxa, retomando a sua natural figura, cairá nua e já então para sempre livre do fado aos pés do que a feriu, o qual terá de a acompanhar a casa, sob pena de cair no desagrado, muito para recear, de suas companheiras.

Existem, felizmente, vários amuletos contra as bruxas; os mais usados são a figa, a noz de três esquinas, uma cabeça de alhos, o corninho esquerdo d'uma carochia e o chifre esquerdo d'um carneiro branco.

*

As bruxas, como muitas das superstições do nosso povo, têm sua origem em velhas crenças pagãs.

Em tempos de lamentável obscurantismo foram supplicia-das muitas d'essas infelizes alcunhadas bruxas, para as quaes se consignavam nos códigos de todas as nações da Europa cruéis punições. Em Portugal datam do principio do século xv as primeiras leis contra o bruxedo. Este, comtudo, tomou notável incremento nos séculos xvi e xvii. No século xviii começou a declinar; e hoje apenas pelos recôncavos sombrios de antigos e cerrados bosques, ou em algum valle medonho e solitário, se deixa ainda ás vezes entrever ao nosso povo aldeão, em noites tenebrosas, a sombra deminuida, quasi aniquilada, da velha bruxa.

Ampliando o artigo precedente, publicado no *Almanach de Lembranças* de 1888 e ao qual fiz agora algumas correcções, vou expor o que desde então, sôbre o assumpto, me hão noticiado.

Em regra, as bruxas possuem faculdades divinatorias.

O alho, como dito ficou, é um preservativo de seus malefícios; e até confere, aos que o utilizam como alimento ou conducto, um certo ascendente. *Quem come alhos com casca || dá pancada que lasca*,—é um dictado lá d'ellas.

Quem avista, ao longe, uma bruxa, e deseja evitá-la, faz-lhe, com a mão esquerda, uma figa, e diz três vezes:

*Tôscã e môscã saramantôscã:
Saramago, mostarda e alho.*

A bruxa muda logo de direcção.

Ha outras formulas, como:—*Tôscã marrôscã!*—*Tôscã marrosca para fóra do concelho!*—*Vá para as areias gordas!*—Etc.

Quem tem alguma criança por baptizar e receia que as bruxas lh'a molestem, espalha no telhado, ou sôbre o fôrro da casa, mostarda em grão. Enquanto se entretêm a apanha-la, não se importam da criança.

Se uma bruxa entrar numa casa, não poderá d'ella sair se puserem uma trempe ou uma tripeça de pernas para o ar, ou um sapato com a sola para cima. (Parece que o mesmo resultado se obtem lubrificando os lemes das portas com toicinho velho)—Também não sairá d'uma igreja se na pia da água benta, e entre as elevações da Hóstia e do Cálix, alguém deitar uma antiga moeda de prata do valor de seis vinténs, ou um objecto qualquer (ramo, flor, etc.) apprehendido ao tempo em que no céu se haja visto correr uma estrella ¹.

O definhamento d'uma criança attribue-se, por vezes, a bruxedo, o que se averigúa immergindo as roupas d'essa criança numa panella com água, que se faz ferver, e picando-as depois repetidas vezes com um objecto ponteagudo.—Caso houvesse maleficio, a sua auctora—bruxa ou feiticeira—recebe no corpo tantas pontoadas quantas se dão naquellas roupas, o que a levará a apresentar-se e pedir misericórdia; ás vezes, contudo, não apparece, ouvindo-se entretanto no telhado certa ringida.

Um caminheiro que de noite se transviara, viu na sua frente um grande cannavial, que se afastava ao passo que elle se ia aproximando. Andou, andou, e o cannavial diante d'elle, sempre diante d'elle, até que por fim, sem saber como, se achou ao pé de sua casa!

A partida, é bem de ver, foi logo attribuída a alguma bruxa travessa e jovial.

*

Certa bruxa matava as rezes d'um lavrador com quem tinha embirração. Suspeitou elle da manobra; e, ao esfolarem a última que suceumbira, mandou que com força lhe vergastassem a pelle. Assim se fez; e logo ali appareceu, a pedir perdão, a bruxa que praticava aquelles maleficios, e que, pelos geitos, recebia aquellas vergastadas no próprio corpo.

*

Notou um sapateiro que sua mulher, ás sextas-feiras, só

¹ Allude-se ás estrellas cadentes ou aerólithos.

muito tarde recolhia á cama; pelo que, uma noite, tratou de a espiar. E viu tudo. A mulher foi á cozinha, untou o corpo com um óleo negro contido num púcaro escondido debaixo d'um tijolo, proferiu, depois, a fórmula—*voa, voa, por cima de toda a fôlha*, e enfiou pela chaminé acima.

Então o homem, sem perder um momento, unta-se com o mesmo óleo e diz: *Voa, voa, por baixo de toda a fôlha*. E ahi vae elle tambem, chaminé em fôra. Mas, porque errara a fórmula, teve de romper, á fôrça, por entre brenhas e silvados, chegando soffrivelmente arranhado ao termo do percurso, que era um casinéu, onde muitas bruxas estavam já reunidas.

Á meia-noite chegou ahi o diabo, para presidir á assembleia, e logo todas lhe foram beijar o traseiro. O sapateiro tambem foi, porque a isso o compelliram; e como levava a sua sovela, espetou-l'ha no rabo.

—Irre!—gritou o diabo, dando um grande pinote—êsse sujeito sempre tem as barbas bem ásperas!

—Credo! Santo nome de Jesus!—brada então o sapateiro, amedrontado.

E logo toda aquella súcia desapareceu, ficando elle sôzinho no meio do casinéu.

Um moço aldeão que, fôra de horas, houve de atravessar uma funda e medonha ribeira, ouviu ahi muitas gargalhadas, e ao mesmo tempo um barulho como de pessoas que andassem chapinhando e dando palmadas umas nas outras. Surpreso e um tanto assustado, trepou lesto a um salgueiro que ahi havia, e escondeu-se na ramagem.

Momentos passados bispou elle um magote de bruxas que andavam retoçando, e ás quaes uma retardatária veio ali ajuntar-se.

—Porque vieste tu hoje tão tarde?—inquiriram as primeiras.

—Estive a enfeitiçar a mais rica e invejada moça do vizinho casal. (E nomeou-a).

—Pelo systema dos alfinetes?

—Sim, senhoras. Peguei num sapo, perfurei-lhe a cabeça e o peito e, para maior segurança, fui-lh'o metter dentro da cabeça. Assim, os padecimentos do animalejo bem depressa ella os sentirá.

Estavam nisto, quando, ao longe, se ouviu cantar um gallo. A caterva, portanto, debandou; e o aldeão, descendo do salgueiro, foi logo avisar os paes da indigitada moça. Revistaram-

lhe a cabeceira; e com effeito lá estava o sapo, traspassado de alfinetes. E como quem os tirasse soffreria os effeitos do maleficio, segundo as leis da feitiçaria, fizeram vir ali a bruxa, que o aldeão reconhecera, e obrigaram-na a arrancar êsses alfinetes. Ella assim o fez (porque não pudera escapar-se); e dando seguidamente um grande berro, rebentou.

*

Jornadeavam dois almocreves com as suas bêstas carregadas. E iam caturrando acêrca d'aquelle velho ditado: *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.*

Dizia um d'elles: *Mais vale quem Deus ajuda*; teimava o outro: *Vale mais quem muito madruga.*

Nenhum transigia.

E então apostaram mulas e cargas, devendo a questão ser decidida pelos três individuos que primeira encontrassem.

Deparou-se-lhes logo um (era o diabo em figura humana). E elles perguntaram-lhe:

—Qual vale mais? quem Deus ajuda, ou quem muito madruga?

—Quem muito madruga, — respondeu o diabo; e, transpondo invisivelmente o espaço, foi-se postar lá adiante

Chegam ahi os almocreves; e cuidando ver outro homem e não o mesmo diabo, pois êste mudara de apparencia, repetiram a pergunta.

—Quem muito madruga, — foi a resposta do diabo, galgando outra vez lá para a frente.

Ao passarem novamente por elle, os almocreves, que nunca o reconheciam por elle tomar sempre differente aspecto, repetiram a pergunta, recebendo, já se sabe, a mesma resposta.

Teve pois um dos almocreves de entregar ao companheiro a mula com a sua carga, indo depois, muito triste, pernoitar na toca d'uma penha que havia perto, ao pé d'um rio. E d'ali pôde elle ver, alta noite, uma caterva de bruxas que, cabriolando na ágoa, como é seu costume, falaram da filha do rei, que estava muito doente, por ter — disseram ellas — uma cobra na barriga e um sapo debaixo da cabeceira. Que a cobra saíria se chegassem um pouco de leite á bocca da princesa; e que esta rocobraria de todo a saúde se, levando o sapo para o jardim, ahi o deixassem ganhar fôrças.

Mal rompeu a manhã, foi o almocreve a palácio e contou isto ao rei, que, reconhecido, lhe apresentou um monte de oiro

e o auctorizou a levar o que quisesse; o almocreve, porém, não quis senão o bastante para se indemnizar do prejuizo que soffrera.

Na categoria das bruxas include o povo, á falta de particular designação, as mulheres de maus olhos. Estas mulheres, involuntariamente, e, ás vezes, a seu pesar, exercem damnoso influxo em tudo aquillo em que pousam demoradamente a vista. O definhamento d'uma criança, o aggravamento d'uma nascida, o sustar da fermentação, o emperramento d'um vehiculo, etc.. attribuem-se, por vezes, a mau olhado.

Terminarei com duas palavras sôbre as feitiçeras.

Têm ellas o seu tanto de bruxas, pois adivinham; mas são, sobretudo, curandeiras, associando, em regra, aos medicamentos communs actos de devoção e práticas supersticiosas.

A sua clientela compõe-se de indivíduos affectados por doenças attribuidas a sortilégios, ou lesados por furtos cujos auctores desejam conhecer. Neste último caso, as suas respostas são sempre ambiguas, prestando-se a várias interpretações.

Não ha aqui feitiçeras, nunca as houve; algumas pessoas d'estes sítios vão, ainda assim, a Leiria ou á Nazareth, como em tempo iam á Marinha Grande, consultar as que, nessas localidades, exercem o mesmo modo de vida.

II — Lobishomens

São entes passivos que uma força estranha arrasta, e nunca agentes de maleficios. Entre elles e as bruxas ha, comtudo, certa affinidade.

Quando uma mulher tem sete filhos, o mais novo é fatalmente lobishomem, a não ser que lhe hajam dado por padrinho de baptismo o irmão mais velho.

Um lobishomem denuncia-se ordinariamente pela excessiva pallidez do rosto.

Ás sextas-feiras, que são as dias do fadário, e lá a certa hora da noite, o lobishomem deixa tudo, e ei-lo ahi vae numa correria doida, pois tem de percorrer sete freguesias antes do romper de alva.

Nessas occasiões toma elle a figura de algum animal em cujo espojeiro se deitasse; quasi sempre a d'um burro. Ás vezes,

porém, semelha uma roda de carro a girar, ou apparenta uma forma indefinida que se escoa ao longo dos caminhos ou através dos campos.

Se, durante alguma das suas correrias nocturnas, alguém, ferindo-o, lhe fizer sangue, no mesmo momento elle retomará a figura humana e ficará, para sempre livre do fado.

III—Moiras encantadas

D'entre os várias lendas e tradições populares, — algumas tão curiosas, já consideradas em si mesmas, já em relação às sciências históricas e ethnográficas, a que prestam, não raro, subsidios importantes — sobrelevam, por sua feição deliciosamente poética, as que dizem respeito às gentis filhas da imaginação popular conhecidas pela denominação genérica de *moiras encantadas*.

D'esse florilégio de ficções graciosas apontarei aqui algumas das que correm nesta localidade e convizinhas.

A duas pastoras que iam amiude com os seus rebanhos para as immediações do Cabeço de Turquel apparecia ás vezes a moira que ali habitava, e a cujos pedidos ellas acquiesciam subministrando-lhe bolos sem sal (pão ázymo, bilhas de leite — dizem algumas variantes). Agradecida por taes provas de bemquerença deu a moira um dia a cada uma d'ellas um vaso de barro, cuidadosamente tapado, recommendando-lhes não examinassem o seu conteúdo senão depois de haverem decorrido três luas. — Não pôde uma das raparigas conter-se, e momentos depois destapava o seu vaso, que — ao menos assim se lhe afigurou — continha terra (segundo outra versão continha carvões). A outra conseguiu dominar a natural curiosidade; e ao abrir opportunamente o vaso que lhe coubera, achou-o atestado de reluzentes peças de ouro.

*

— Ao colher água numa fonte na alvorada do dia de S. João vieram á bilha de certa moça alguns caracoezinhos, de que ella tratou logo de se descartar. Escapou-lhe um, ainda assim, que depois se lhe deparou, transmutado então já num brilhante aderêo de ouro.

*

— Foi proposto a uma jóven camponesa desencantar certa moira metamorphoseada em cobra. Appareceria esta numa fonte;

e depois de dar três giros na água endereçar-se-ia à camponesa, que lhe quebraria o encanto e a restituiria à fôrma humana se nessa ocasião lhe desse um beijo sem manifestar medo nem repugnância. — A moça accedeu; quando, porém, a cobra lhe trepava ao collo, tomou-se d'um grande susto e caiu desmaiada. «*Ai, que me dobraste o meu encanto!*» — ciciou a moira tristemente, acolhendo-se de novo á mãe-d'água.

*

— A uma alta e anfractuosa penha chegou na noite de S. João um cavalleiro que ia ali encantar uma grácil princesa moira que comsigo trouxera, e a cujo casamento se queria obstar. Introduzindo, pois, a desditosa num recôncavo da penedia — «*Aqui estás e d'aqui não sairás,* — bradou — *salvo se alguém aqui vier borrifar esta penha três vezes com três púcaros de água, em três noites de S. João*». Deu fê de tudo isto um pastôr que ali re occultava, e que teve a boa fortuna de desencantar a moira. Esta voltou ao seu país e galardouo generosamente o seu libertador, chegando a mandar-lhe navios carregados de presentes.

Ao que precede, e foi publicado por mim nas *Memórias de Turquel*, vou aqui ajuntar novos respigos.

Nas immediações da Casa da Moira, situada no alludido Cabeço de Turquel, via-se ás vezes, cá ao longe, um estendal de roupa alvíssima; chegando-se lá, porém, tudo desaparecia. Ainda assim, a moira que habitava aquella gruta, várias vezes foi surprehendida pelos pastores, ora assoalhando os seus thesoiros, ora fazendo a sua costura, para o quê se servia d'umas tesoiras muito delicadas.

*

Também o Lombo Ferreiro, segundo a lenda, foi occupado por moiros, que possuíam ahi um grande thesoiro. E tamanho elle era que, receosos, ao que parece, de algum assalto, andaram com sete mulas durante sete luas a transportá-lo d'um cabeço para outro cabeço.

*«Lombo Ferreiro! Lombo Ferreiro!
Lá me fica o meu dinheiro...»*

exclamavam elles, quando, por fim, se viram obrigados a deixar definitivamente estes sitios.

*

Próximo do Poço das Vinhas, não longe da apontado Lombo Ferreiro, ha um oiteirinho que aloja em si — diz a lenda — uma talha com oiro e outra com peste. Receosos d'esta, os fariscadores de thesoiros moiricos teem-se abtido, até hoje, de averiguar o caso.

*

Uma parteira de Évora (Alcobaça) foi uma noite chamada ás Boisias, onde a introduziram numa cavidade cuja entrada era uma pequena e despercebida abertura.

Fez a parteira a sua obrigação; e em paga deram-lhe um fragmento de tijolo, que ella aproveitou para uma consciencia ¹, pois era tambem tecedeira.

Um dia chega-lhe á porta um mendigo a pedir esmola.

— Deus o favoreça, irmãozinho. Muito estimaria eu ter que lhe dar; mas também sou pobre.

— Tambem é pobre?! Pois não o parece.

E descobriu-lhe então, o mendigo, que aquella consciencia era um pedaço de oiro em barra.

*

A pouco mais de cem metros ao sul da fonte da Granja nasce numa cavidade ou pequena gruta, hoje quasi atulhada, a fonte da Moira.

Nessa gruta habitou outr'ora uma moira encantada, — diz a tradição popular. Por manhãs de S. João foi ali algumas vezes surprehendida, penteando as suas longas e sedosas madeixas côr de oiro.

*

Num Algar, hoje quasi obstruido, que se abre ao sul da fonte da Moira e que com esta — dizem — tem communicação subterrânea, vivia, noutro tempo, uma moira encantada.

Um dia appareceu ella a uma mocinha que por ali andava guardando o seu rebanho e pediu-lhe que, a trôco d'um lindo presente, lhe obtivesse de sua mãe um bolo sem sal cozido num forno novo, e que houvesse sido amassado num alguidar tambem novo com ágoa da fonte nova.

A rogos da filha, a mulher, sim, fez o bolo, mas sem attender a nenhuma das condições requeridas; e assim, quando a pastorita o apresentou á moira, esta, tomada d'uma súbita tris-

¹ Pedra suspensa por um cordel, nos teares manuaes, para retesar a teia.

teza, exclamou: «*Ai que me dobraste o meu encanto!*» E deu-lhe então um cordão de ouro, com a expressa recomendação de o passar immediatamente ás mãos de sua mãe. Mas a pequena descuidou-se; e pendurando-o ali no galho d'um sobreiro, êste, d'ahi a algum tempo, deu um estoiro e ficou logo estilhaçado. O cordão, nunca ninguém mais o viu.

Outra menina, que á sobredita moira prestara alguns bons officios, foi brindada com um cabazinho de carvões, os quaes quando a menina chegou a sua casa brilhavam como pedras preciosas. E em pedras preciosas, com effeito, elles se haviam transmutado ¹.

*

Achando-se um homem do vizinho lugar de Santa Catherina num país distante, pessoa desconhecida entregou-lhe ahi três bolos e pediu-lhe os trouxesse ao *Cabeço do Castil*, devendo collocá-los sobre o Penedo Amarello e dar seguidamente três voltas á roda do mesmo penedo. Apparecer-lhe-ia então uma princesa moira, que elle, por essa fórma, desencantaria, cumprindo-lhe conduzi-la immediatamente ao seu país. A esse fim, daquelles três bolos surgiriam três cavallos, — um para elle, outro para a princesa e o terceiro para transportar o seu thesoiro.

Prometteu o homem desempenhar-se da ponderosa incumbência, e regressou logo á terra; chegando, porém, a sua casa, a mulher revistou-lhe o alforge, e encontrando os bolos, não pôde resistir: — um foi logo encetado.

Quando isto soube, teve o homem grande desprazer, e previu logo algum insuccesso. Com effeito, no dia seguinte, ao poisar os bolos no Penedo Amarello, ouviu uma voz, que magoadamente lhe bradou: — «*Vae-te d'aqui, que me dobraste o meu encanto!*» ²

Desencantada a moira, iria ella unir-se ao eleito do seu coração, — união essa a que os seus tenazmente se oppunham. Por isso a haviam encantado no Penedo Amarello.

*

Além d'este penedo ha no Cabeço do Castello, sôbre o valle

¹ Vasos cheios de ouro sob a apparencia de terra ou de carvão, davam-nos ás vezes as moiras como brinde. Tambem se têm deparado a alguns camponeses, que ordinariamente os desprezam. Se, tempo depois, vão por elles, nada já encontram. — Seriam acaso urnas cinerarias antigas esses vasos da lenda?

² Quando a uma d'essas moiras se dobrava o encanto, os seus thesoiros convertiam-se em carvão.

do Sórtão, o *Penedo da Cabelluda*, que encerra também uma moira encantada, e juntamente um sino de oiro e uma talha com peste. Por temor d'esta, nunca ninguém o explorou.

Segundo a mesma lenda, os pastores, em tempo, atiravam por ali ao gado com pedaços de oiro, que lhe pareciam pedras.

IV — Almas errantes, espíritos, visões

Occupar-me-ei primeiramente das *almas errantes*, que, em certos casos, vagueiam nos arredores das moradias em que habitavam quando unidas aos respectivos corpos.

Manifestam-se quasi sempre a deshoras, já despedindo ternos lamentos, já soltando gritos raivosos e uivos dilacerantes. Estas últimas são almas de réprobos que não encontram descanso em parte alguma; as primeiras, essas esperam ainda ingressar na bem-aventurança, para o quê imploram de seus parentes alguma restituição, ou o cumprimento de promessas de que não puderam desempenhar-se.

As almas precitas tomam ás vezes, de noite, a apparencia d'um cão preto, d'um gato da mesma côr, d'um porco. etc. (figuras essas que se desvanecem quando alguém procura attingi-las), denunciando-se tambem pelo escarcalhar de muros á sua passagem, e por certos estrondos que se ouvem fóra de horas nos aposentos em que morreram pessoas mal reputadas ¹.

E' nas trovisqueiras que as almas errantes preferentemente se abrigam; pelo quê algumas pessoas fogem de as cortar, como outras evitam colhêr as migalhas da mesa, de que essas almas, dizem, se aproveitam.

Iam uma noite, de jornada, alguns rapazes d'estes sítios, quando a um d'elles se lhe entorpeceram as pernas, tendo, por isso, de ficar um pouco atrás. Appareceu-lhe então ahi seu pae, havia pouco fallecido, que acalmando com palavras serenas o sobresalto que ao rapaz causara a sua apparição, lhe rogou pedisse á mãe que fôsse á Nazareth pagar uma promessa que em sua vida anterior elle fizera e não cumprira, — aliás por ali teria de errar perpetuamente.

A outro individuo d'aqui appareceu-lhe uma vez, de noite, uma galga preta, á qual, porque se lhe não tirava da frente, elle mandou uma paulada, desfazendo-se ella então, no ar, assim a modo de remoinho.

¹ Entre estas salientam-se as que, mediante um escrito rubricado com o próprio sangue, entregaram a alma ao diabo em troca da felicidade terrena.

As almas errantes introduzem-se ás vezes no corpo de certas mulheres, que lhes servem de *médiuns*, e então dizem-se *espiritos*, ou mais communmente, *spritos*.

Á aproximação d'um *sprito*, essas mulheres, ordinariamente novas, caem num estado comatoso, interrompido, a espaços, por fortes convulsões, e emittem opportunamente, ou quando interrogadas, uns sons estranhos e mal articulados, de cujo sentido alguem ahi vae dando conta á assembleia, quasi sempre numerosa.

Ha *spritos* bons e *spritos* maus ou diabólicos. Estes esbravejam, dão urros, presagiam catástrophes; aquell'outros pedem tão sómente a satisfação de compromissos.

Podem incluir-se na classe dos maus *spritos* os fantasmas ¹ ou avejões, a que o povo dá a designação genérica de *coisas ruins*, e que tomam, na maioria dos casos, figuras humanas de proporções gigantescas e côr sombria,—por vezes alvacenta. Apparecem ordinariamente em sitios insulados e lá pela noite velha, movendo-se quasi sempre a uma certa altura do solo. As suas formas um pouco indefinidas, e que se esvaem a pouco e pouco, dissipam-se inteiramente com os primeiros clarões da alvorada.

Vindo de Alcobaça e passando, alta noite, junto a uma ribanceira, viu ahi certo homem um avejão ².

—Quem está ahi?—bradou elle. Quem é, fale! Ah, não responde? Pois lá vou eu.

E foi; mas propondo-se dar uma cacetada, e levantando, para isso, o pau de que ia munido, uma força estranha lh'o deteve ³, caíndo então o avejão sôbre o atrevido, e estrafegando-o.

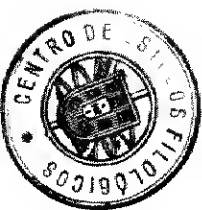
O pobre homem, moído como sal, ainda conseguiu arrastar-se até sua casa, mas saiu de lá pouco depois, — para o cemitério.

De outras visualidades, — luzes estranhas, sombras que perpassam, vultos indistinctos, etc, — deixo agora de falar, por brevidade.

¹ O povo, aqui, diz *pantasma*, *l.*, por *fantasma*, *m.*

² Ha quem aponte o sitio e nomeie o individuo com quem o caso se deu.

³ Ha casos em que o pau se esgueira da mão de quem o volteia.



PARTE II

Prejuízos vários

I—Agoiros e maus influxos; dias aziagos

São agoiros ¹: os pios e lamentos do mocho, da coruja e do noitibó (*pardal da morte*), os uivos do cão, o canto nocturno do gallo antes da meia-noite e o da gallinha que arremeda o do gallo.

Os corvos são também agoirentos, e bem assim os besoiros pretos e as borboletas negras de grande corpulência.

Entre as árvores, o cypreste tem algo de sinistro, attribuindo-se-lhe certa influência mórbida. Nas casas de habitação, a sua madeira gera doenças.

Não é bom augúrio sonhar com ovos. E menos o é sonhar com peixe fresco, indício de morte.

O cheiro da cera, espalhando-se muito pronunciado por toda a igreja, e o encontro inesperado do toque das Ave-Marias com o bater das horas, são também annúncios de morte.

Quem, no propósito de matar um sapo, o espancar, deixando-o, porém, ainda com vida, penará em quanto o sapo penar e morrerá quando elle morrer. — Bruxas e feiticeiras servem-se frequentemente d'esse animal para os seus malefícios.

As cobras, ás vezes, mamam nas vaccas, as quaes, lá a certa hora e em virtude d'uma mysteriosa attracção, correm pressurosas ao sítio onde aquellas lhes costumam apparecer.

Com o mesmo fim procuram também as mulheres que aleitam crianças. Quando a cobra se chega a uma d'estas, adormenta-a, e sem ser presentida, trepa-lhe ao collo e mamma com muita suavidade, mettendo no entanto a extremidade da cauda na bocca da criança, para a entreter.

Depois de mamar, a cobra toma a si a peçonha, que antes d'isso vasara na depressão d'uma rocha. Se, porém, a não encontra, por lh'a haverem subtraído, despedaça-se, raivosa, vergastando a pedra com o próprio corpo.

As cobras, com a idade, tornam-se muito corpulentas, criam asas e desertam para ignotas regiões. A sombra que pro-

¹ *Agoiros*, na linguagem popular, são prenúncios de successos mais ou menos desagradáveis, ás vezes funestos.

jectam quando voam é letal, tanto para os animaes como para as plantas.

Quando se atira a uma cobra, erra-se quasi sempre o alvo.

A vibora tem necessidade de morder diáriamente; o primeiro animal em que ella morde, morre; a primeira planta, sécca. — «Não se poderia viver no mundo se o licanço ¹ visse e a vibora ouvisse», — costuma o povo dizer.

Contrahir matrimónio á terça-feira, ninguém aqui ousa fazê-lo, por ser dia aziago. Importa, tambem, não começar viagem nesse dia, apontando-se ainda outros actos que é prudente evitar. *Á terça-feira não cases filha nem urdas teia*, — diz um adágio.

É tambem aziago o dia de S. Bartholomeu (a 24 de agosto), no qual anda o diabo solto duas horas.

Cortar as unhas ou fazer a barba á sexta-feira, só os judeus o fazem.

Quando se mata porco ou se faz a salga na segunda-feira do *entreluo* ², a carne estraga-se. — ¿Que segunda-feira é essa? Ignora-se; sabe-se apenas que no anno ha só uma e vem logo depois de lua-nova. Na incerteza, na primeira segunda-feira depois de novilúnio ninguém por aqui mata porco.

II. — Malefícios

Se ao varrer a casa, alguém passar a vassoira sôbre os pés de pessoa solteira, dificultar-lhe-á o casamento.

Se, quando um ausente nos estiver depreciando, puxarmos do lenço e lhe dermos um nó com a mão esquerda, mordendo seguidamente esse nó, o mal-dizente trincar-á ao mesmo tempo a lingua ³.

Cobrir-se-ão de bubões as nádegas da pessoa sôbre cujos dejectos alguém haja lançado um têlho de brasas.

Uma recusa de perdão dificultará, a seu tempo, a morte natural do offensor, que lhe custará muito acabar sem se reconciliar pessoalmente com o offendido.

Se tivermos uma verruga e a golpearmos de modo que verta sangue, faremos nascer tantas verrugas no corpo de al-

¹ O mesmo que *licanço*.

² Significa *interlúdio*.

³ Por um grande calor que ás vezes sentimos nas orelhas sabemos que falam de nos. (Veja *Revelações, preságios*).

guem, quantos forem os pontos em que com esse sangue o tocarmos. — Alguns deitam o sangue num lenço, que deixam ficar em qualquer lugar público; quem levar o lenço ficará com as verrugas.

Caem certas as pragas rogadas contra alguém entre a elevação da Hóstia e o Cálix (quer dizer, entre a elevação da Hóstia e a do Cálix, durante a missa).

Se intencionalmente fizermos corte ou rasgão no fato de alguma pessoa e ella o coser, ir-se-á definhando, — salvo se pegar na agulha com a mão esquerda. — Ha quem empregue esse ardil para suscitar amores; alguns, a este fim, preparam beberagens e confeições que, se não despertam o amor, ao menos estragam muito satisfactoriamente a saúde de quem as ingere.

III — Revelações; preságios

Se, pondo em alguém o pensamento, deitarmos no brasido alguma d'aquellas folhas de oliveira a que chamam *sortes*¹ e ella estalar, essa pessoa não nos estima. — Dois émulos utilizam também ás vezes a *sorte*, por esta fórma: cada um pega numa ponta, ambos puxam, e a folha rasga-se. O que ficar com a parte ligada ao peciolo terá a preferênciã.

Com o mesmo fim de saberem se determinada pessoa lhes quer bem, tomam algumas uma flor de margaça e vão-lhe despegando as pétalas uma por uma, dizendo successivamente: «*Bem me quer; mal me quer; bem me quer; mal me quer; ...*» As palavras que á última pétala correspondam, esclarecem o caso.

Tem as orelhas quentes a pessoa de quem, na ausência, se está falando. Se se diz bem, aquece a orelha direita; se mal, a esquerda.

Estão dizendo mal de nós se, quando estamos á lareira, a chamma produz, por momentos, um som mais forte, como de torrente ou ventania. — Segundo outros, isso corresponde a uma deprecação das almas do purgatório, que soffrem, na conjunctura, fogo mais ardente.

Caem da mão as coisas dadas de má vontade.

As pintas brancas das unhas são indícios de outras tantas mentiras pregadas.

Quando alguém sonha três vezes com um thesoiro, elle existe realmente. A revelação é feita simultaneamente a sete

¹ Folhas duplas com um só peciolo.

peessoas, podendo qualquer d'ellas descobrir um thesoiro, se do respectivo sonho a ninguem houver falado.

Quem sonha com uvas pretas está para receber uma carta.

Está para receber um presente aquelle que veste do avesso, inadvertidamente, qualquer peça do vestuário.

Receberá uma boa nova a pessoa a quem apparecer uma borboletinha branca.

Ninhos de andorinha no beiral de uma casa, são bom preságio.

A configuração tomada por um ovo que se vasasse num copo e se deixasse ao sereno na noite de S. João, revela ás jovens namoradas a profissão de seus futuros consortes.

É bom augúrio para uns noivos *chover-lhes na boda* (quer dizer, — consorciarem-se em dia de chuva).

Bens de padres não chegam a terceiro passuidor (por heranças successivas).

O rumo a que um gato leva a mão quando lava a cabeça, indica a parte d'onde soprará o vento no dia seguinte.

O soão persiste durante uma temporada cujo número de dias é, em regra, impar.

O vento que soprar do Natal ao Anno-Bom predominará no anno seguinte.

O carácter dos meses do anno, por sua ordem, é respectivamente *arremedado* pelos 12 dias que precedem o Natal do anno antecedente, e *desarremedado* pelos 12 dias seguintes. Assim, os dias 13, 14, 15, ... de dezembro *arremedam* janeiro, fevereiro, março, ...; e os dias 26, 27, 28, ..., até dia de Reis, *desarremedam* dezembro, novembro, outubro, ...

O que se faz no dia de Anno-Bom repete-se todo o anno.

IV—Consequências estranhas; factos surprehendedentes

O primeiro leite sugado por um recém-nascido influe no seu natural, que terá analogia com o da mulher que, na alludida circunrância, lhe deu o peito.

Porque Adão foi feito de barro, todo o homem turva a água em que se lava.

Leveda em pouco tempo a amassadura feita por pessoa de de mau génio, ou coberta com alguma peça de fato de homem iroso.

Depois de enornado, o pão crescerá, se deitarmos uma mancheia de sal no brasido e voltarmos costas.

Às vezes, as qualidades que caracterizam os habitantes de certas povoações provêm das águas que bebem.

A quem mata um gato passará trabalhos. — O gato tem sete fôlegos.

O sangue de quem padeceu morte violenta, por muito tempo se conserva líquido e vivamente corado, recrudescendo estes accidentes quando o assassino é levado ao pé do cadáver.

A quem conta estrellas nascerão verrugas; tantas, quantas as estrellas que contou.

As pessoas que comem focinheira (tromba de porco) quebram muita loiça.

Lançar ás chamas o negalho de cabello que saísse com o pente; cuspir no lume («o fogo é sagrado; saiu da bocca d'um anjo»); deitar-se numa cama, ficando com os pés para o lado da porta¹: são actos de que resulta sempre algum dissabor.

A surdez, total ou parcial, provêm da morte ou doença do bicho do ouvido.

Deitar para a rua o lixo, quando, á noite, se varre a casa, é enxotar a fortuna.

Se dermos o seu próprio nome aos ovos depostos no ninho de alguma ave não doméstica, irá lá a cobra comê-los (o que não succederá se lhes chamarmos *seixos*).

Havendo questões sôbre posse de fontes ou nascentes, quasi sempre a água ahi escasseia, ou desaparece. «A água não se quer ralhada», — costumam dizer.

Quando se adquire um cão e se receia que elle volte para casa do dono, untam-se-lhe os pés com azeite.

Cabellos providos do bolbo ou raiz, postos em água, convertem-se em cobras².

A dôninha, que, pelo visto, não é insensível á lisonja, pára quando lhe chamam *bonita*.

O alecrim floresce todos os sábados.

As avezinhas suspendem a construcção de seus ninhos no dia da Ascensão.

V — Usos recomendáveis; práticas devotas

Pôsto que facultativa, é de bom aviso a observância dos actos que vou apontar:

¹ A propósito, lembra-me este adágio: — *Quem se deita com a cabeça para o norte, deita-se fraco e levanta-se forte.*

² Ha uma espécie de filária que apparenta um cabello animado e muito comprido. D'ahi podia provir a crendice.

Proporcionar a uma mulher grávida quaesquer gulodices que lhe appetiteçam.

Ministrar a uma criança recém-nascida uma gota da água em que foi lavada. «*Agoinha do c... não faz mal nenhum*», dizem as parteiras.

Empregar a fórmula impetratória: *Benza-te Deus; bons olhos te vejam*» («*e os maus quebrados sejam*», — accrescentam alguns), quando se vê pela primeira vez uma criança de tenra idade.

Dizer a quem espirra, se for criança: — «*Para bem cresça!*» e, se for adulto: «*Dômis teco*» (*Dominus tecum*), ou «*Viva!*», ou *Deus o ajude!*»¹.

Fazer uma cruz sôbre o amassilho, premendo-o, para isso com a mão direita posta de cutello, e dizer:

San-Mamede te levede,
San-Vicente te accrescente,
San-João te faça bom pão.

Outra fórmula:

San-Bento e San-Vicente te accrescente,
Para sustento d'esta gente.

Fazer cruces com o pollegar deante da bocca, quando se boceja.

Benzer-se com o primeiro dinheiro recebido em cada dia.

Estando-se deitado, soerguer-se quando na rua passa algum entêrro.

Deitar uma mancheia de terra na sepultura aberta a que baixasse um cadáver.

Colhêr um raminho de alecrim quando esta planta se nos depara. Diz um rifão:

Quem pelo alecrim passou
E um tranquinho não apanhou,
De Nossa Senhora se não lembrou.

Na dia de N. S. das Candeias (a 2 de fevereiro), a fim de que as oliveiras *encandeiem* ou floresçam bem nesse anno, frigar em azeite qualquer coisa, sejam embora umas folhinhas de oliveira (a praxe é fazer *filhoses*²).

Plantar os alhos num sábbado, sachá-los três vezes (não em maio) e recolhê-los, para não engelharem, antes do S. João.

¹ Na escola primária que frequentei, quando o mestre espirrava, faziam os discípulos uma inclinação de cabeça.

² *Filhos* (sing.) e *filhoses* (pl.) são fórmulas populares de *filho* e *filha*.

Semear as abóboras na primeira sexta-feira de março (semeadas por um velhaco, medram muito, — dizem alguns, por fécia) e os mangericos em dia de S. José (a 19 de março).

Rezar ao SS. Sacramento quando nasce o sol ¹.

Rezar a Santa Apolónia quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação.

Rezar pelas almas quando, á noite, se accende a candeia.

Rezar pelas almas errantes quando se encontra uma trovisqueira.

VI.—Medicina e prophyláctica

Accidentes; mau successo. — Beber água quando se tem uma luz na mão é beber o próprio juízo; segundo outros, predispõe para accidentes ². — Se uma mulher grávida o fizer, será mal succedida, como também o poderá ser se montar jumenta prene, pois neste caso terá mau successo ella ou a jumenta.

Asthma. — Comer um gato preto. É remédio geralmente aconselhado. Os curandeiros de profissão — cirurgiões, lhes chamam por aqui — recomendam-no com toda a segurança.

Banhos. — Um número par de banhos é desvantajoso, devendo preferir-se sempre um número impar ³.

Braveza de crianças. — Tornam-se pacíficas e sossegadas as crianças bravias, logo que durmam um somno em cima do altar de Nossa Senhora. — Meios preventivos: não lhes baloiçar o berço vazio; não lhes mostrar a lua; ao lavar-lhes as fraldas, não aß bater na pedra do lavadouro.

Cabello. — O cabelo crescerá vigoroso e abundante a toda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal d'uma canna em crescimento o negalho que o pente tirasse.

Chagas. — Melhoram sensivelmente quando lambidas por um cão. — Os cães têm a língua benta desde o tempo em que alguns d'esses animais dulcificaram, lambendo-as, as úlceras de S. Lázaro ⁴.

Cobrêlo ⁵. — Curam-no, borrifando-o com água pura por

¹ «Por aquella luz divina que nos alumia» (o sol) é uma fórmula que o vulgo emprega frequentemente nas suas juras.

² *Accidente*, na linguagem popular, equivale a syncope ou deliquio.

³ Nas fórmulas e práticas folklóricas, o emprêgo de números pares é muito restricto; os impares 3, 9, 7 e 5 são ahi os preferentes.

⁴ Trata-se do pobre Lázaro da parábola evangélica (*Luc.*, xvi).

⁵ *Zona*, segundo a terminologia médica.

meio d'um pequeno aspersório de fios de esparto. Entretanto vão dizendo:

Eu te curo, bicho,
Com San-Pedro e Christo,

Com ágoa da fonte
E asparto do monte.

Tambem o atalham, escrevendo sôbre elle algumas palavras ás avessas, ou *cortando-o* com as costas d'uma faca. Neste caso, a fórmula é a seguinte:

Quando San-Romão era estudante,
Todos os bichos andavam para trás, nenhum para deante.
Aqui te corto, aqui te ralo,
Corpo, cabeça e rabo.

Para o evitar, passar com ferro quente ou defumar com alecrim a roupa branca, sôbre a qual bem podia haver passado, no estendal, algum bicho peçonhento. Nossa Senhora, segundo o povo, perfumava tambem com essa planta as faixas do Menino Jesus.

Crianças desmedradas.—Evite-se passar ou saltar por cima d'uma criança, porque com isso tolhe-se-lhe o crescimento.

Dentes botos.—Para que os alimentos ácidos não embotem os dentes é bom ferrá-los num marmello pendente da árvore na alvorada do dia de S. João.

Dentes que caem.—Quando a alguma criança cae algum dos dentes do leite, e para que outro o venha prestes substituir, costuma ella dizer:

Moirão, moirão:
Toma lá este dente podre e dá-me cá um são.

E tambem:

Dente fóra,
Outro na cova.

Seguidamente atira-o para trás das costas, ou para o telhado.

Descôramento do rosto.—Quem o quizer evitar, no primeiro dia de maio levante-se antes de nascer o sol. Não o fazendo, entrar-lhe-á o maio no corpo, e por consequência andar-á todo o anno descôrado.

Desmancho.—De uma queda ou trambolhão resultam ás vezes *desmanchos*, que podem ser do *bucho* ou da *espinhela* ¹.

¹ *Espinheia*, termo popular, é a extremidade inferior e cartilaginosa do esterno, ou osso do peito.

Para o averiguar, manda o curandeiro que o paciente se deite no chão, de costas, levando-lhe elle então os braços ao alto e repuxaudo-lhe as pernas. (Nota-se qualquer differença no comprimento dos membros pares? É porque ha desmancho: da espinhela, se essa differença é nos membros superiores; do bucho, se é nos inferiores.

Para concertar a espinhela, o curandeiro fricciona com a mão os antebraços do doente, começando nos sangradoiros, e untando-a para isso com azeite no qual se frigissem certas ervas medicinaes (losna, alfavaca de cobra, etc.).

Tratando-se do bucho, as fricções fazem-se no ventre, de cima para baixo.

Depois o concertador pendura o doente nos próprios ombros, anda cam elle, assim, d'um lado para o outro, dá-lhe umas sacudidelas, põe-lhe depois emplastros de pez loiro na bocca do estômago ¹ e sôbre os rins, e recommenda-lhe, a final, que, durante nove dias, coma bem, evite todo e qualquer trabalho, não faça grandes movimentos ambulatórios e se conserve de cama, pelo menos, nos três primeiros dias.

Estes processos admittem algumas variantes.

Dores.—Fricções com um preparado de bôdanha, devendo excluir-se a que trepasse a alguma figueira.

Dores de dentes.—Quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação, ajoelhar perante ella e dizer:

Deus te guie, lua-nova,
Em todos os teus crescentes;
Em louvor de Santa Apolónia,
Que me livre da dor de dentes.

Padre noso... Ave-Maria...

Diz-se três vezes.

Empigens.—De manhã, estando-se ainda em jejum, humedece-se a empigem com saliva, dizendo:

Tanto medres tu aqui,
Como eu já hoje comi.
Boas noites!

Repete-se isto á noite; mas então, em lugar de *Boas noites!* diz-se: *Bons dias!*

E assim se continua por algum tempo, até a empingem desapparecer.

¹ Este emplastro faz-se ás vezes com as plantas a que me referi.

Enguiço.—Para preservar do enguiço, ou quebranto, as crianças de peito, aproveita collocá-las às avessas, quando mamam. (Veja também *Amuletos*).

Entorse.—A um leve desarranjo das articulações entre a mão e o antebraço ou entre a perna e o pé, chamam *ar* ¹. «*Metteu-se-me aqui um ar nesta perna, neste pulso*»,—costumam dizer. E é assim que *tiram o ar*:—Tomam uma púcara cheia de água a ferver, emborcam-na dentro d'um alguidar, collocam uma tesoura em cruz sôbre o fundo da púcara e põem, depois, o pé ou a mão em cima da tesoura. Se a água se for recolhendo á púcara,—o que, de ordinário, acontece, em virtude de o ar estar ahi rarefeito pelo calor—o incommodo dissipa-se-á.

Erysipela.—Com uma penna de gallinha preta embebida em azeite ² besunta-se a parte lesada, dizendo:

—Pedro Paulo, foste a Roma;

Que viste lá?

—Muita gente com erysipela e bôlha má.

—Pedro Paulo, torna lá,

E unta com óleo de oliveira e penna de gallinha preta.

Esipla ³ (enxaqueca).—Pedir a um mendigo, *pelo amor de Deus*, uma moeda de cinco réis, furá-la e pendurá-la ao pescoço.

Espigas das unhas.—Não cortar estas á sexta-feira.

Falar tardio.—Ás crianças que tardam em falar,—resultado, ás vezes, de se verem ao espelho—dá-se-lhes água da amassadeira.—Usa-se tambem o seguinte ensalmo:

O senhor San-Luis

Dê fala a esta criança,

Que não sabe o que diz.

Farpão.—Passar pelo olho doente um objecto de oiro.

Hérnia ou *quebradura*.—A cura das crianças rendidas obtem-se por esta fôrma, na madrugada de S. João.—Reúnem-se três Marias, um João e um Manuel ao pé d'um carvalhinho ou d'um vimeiro, ao qual o Manuel fende longitudinalmente a haste.

¹ Distinguem, aqui, entre *ar* o *ramo de ar*. Esta última expressão designa um ataque de paralysisa.

² É particularmente recommendável o azeite da lâmpada, o qual entra na constituição de vários remédios populares, bem como a *cera belia*, amarella, não curtida; a *cera do gallo* ou *vela Maria*, isto é, a que, na Semana Santa, occupa o ápice do candeiro triangular; a *água benta*, sendo preferivel a que se tira da pia entre a elevação da hóstia e do calix; etc.—Alguns curandeiros usam nas suas mixteias urinas, excremento de rato, pós de sardão tisanado, etc., etc.

³ Não confundir com *erysipela* ou *erysipéla*.

O João e uma das Marias passam então alternativamente a criança um ao outro pela abertura do vime, cujas metades o Manuel mantem afastadas, e dizem: — «*Dá cá, Maria!*» — «*Toma lá, João; ahí tens êsse menino doente, dá-m'o cá são*». Repetem isto três vezes.

Entretanto, uma das outras Marias fia uma estriga, para o que se provê de roca e fuso; a outra rasga em tiras a camisa da criança: e todos, com o auxilio d'essas ligaduras, unem de novo as duas partes da vergôntea. Se estas, com o tempo, forem soldando, a deformidade da criança ir-se-á ao mesmo passo resolvendo, até desaparecer.

Ictericia. — Urinar nove dias a fio sôbre um tufo de marroiros.

Incontinência de urinas. — As crianças que passam o serão á lareira, não brinquem com o lume; aliás, nessa noite urinarão na cama.

Incubação. — Para que a incubação dos ovos d'uma gallinha decorra sem incidente, e os pintos não morram na casca por occasião de alguma trovoadá, collocam-se dois ferros em cruz por baixo do ninheiro.

Influências maléficas. — Provem de origens várias: — bruxedo, feitiçaria, mau olhado, mal de inveja, etc. Como podem evitar-se, veja em *Amuletos*.

Influência da lua. — A lua exerce tambem uma influência maléfica sôbre as criancinhas cujas faixas e cueiros ficassem ao relento em noite de luar, e ainda sôbre aquellas que attentam nesse astro.

Uma criança *apanhada da lua* anda triste e mofininha, não tem síria, não tem vigor, ri-se quando dorme, os seus excrementos tem côr esverdinhada, etc.

É simples o remédio que póde oppor-se a tanta lástima: — cifra-se em pendurar ao pescoço da criança uma meia-lua de pau de aroeira, feita pelo padrinho.

Com a erva-da-lua tambem se prepara um remédio contra esse incómodo das crianças, para o qual, aliás, se conhece um preservativo, que é dar-lhes a lua por madrinha.

O folklore infantil consignou este último facto. Dirigindo-se á lua, costumam as crianças dizer:

Ó minha madrinha:

Dê-me pão com sardinha.

Inguas. — Quem tem uma ingua, assenta um dos pés, descalço, numa pouca de cinza, e retirando, depois, o pé risca uma cruz sôbre a pègada.

Outros, traçando uma cruz sôbre a ingua com um dente de alho, dizem:

Íngua corto,
Íngua talho;

Em louvor de San Bento
E de San-Bernardo.

Padre nosso ... , Ave Maria ...

Insolação. — O curativo faz-se num quarto escuro, mas no qual, por uma pequena abertura, entre uma réstea de sol. Ahi, põem sôbre a cabeça do doente uma toalha dobrada, e em cima da toalha, invertido, um copo com água, collocando o paciente por fôrma que a réstea incida nessa ágoa, e a aqueça. Ora como o calor, assim, persiste no interior do copo, e a evaporação — causa de resfriamento — é ahi muito restricta, a ágoa bem depressa entra em effervescência, e ao mesmo tempo o incômodo — dizem — vae-se a pouco e pouco dissipando.

Ha quem prefira, para *tirar o sol*, o processo que expus para a cura da entorse; mas, emborcada a púcara (a tesoura é dispensável), terminam a operação pondo o alguidar sôbre a cabeça do doente. O sol, então, vae-se escapulindo á medida por que a ágoa vae entrando na púcara.

Leite que falta ou que escasseia; seios doentes. — Mulher com criança de peito não se debruce na cama d'uma parturiente, porque, fazendo-o, a esta seccar-se-lhe-á o leite.

Quando uma gata, uma cadella, ou outro animal que ande amamentando seus filhos, ingere, por qualquer fôrma, leite de alguma mulher (o que ás vezes acontece quando as crianças o bolsam), a essa mulher escassear-lhe-á bem depressa o leite, e o do alludido animal augmentará.

Esta inversão poderá a mulher desfazê-la dando ao animal, numa tigela, algum do seu próprio leite, e bebendo ella, depois, o que elle deixar.

Algumas mulheres que soffrem dos peitos, ou não têm leite sufficiente para criar seus filhos, pegam-se com S. Romão, que se venera na Lameira (Aljubarrota), a quem ellas brindam com garrafas de leite, vasando-o numa pia ahi destinada a essas offerendas.

Para propiciar S. Romão ha este este ensalmo:

San-Romão, San-Romão coroado,
Em Belém foi nascido, em Belém foi criado,
Que nos livre de serpentes e sezões quartãs,
Inimigos baptizados e por baptizar:
E sempre a San-Romão me hei-de encommendar.

Mordedura de cão.—Applicar á ferida um emplastro em que entrem alguns pêlos do mesmo cão.

Nascidas.— Havendo de apontar-se, no próprio corpo, o local em que alguém tenha um abscesso, diz-se: *Aqui salvo seja*; ou então: *Sôbre tal lugar*. A omissão de alguma d'estas fórmulas pode fazer que no local apontado appareça um abscesso igual àquelle a que se fizesse referência. As nascidas aggravam-se, vendo-as ao espêlho.

Olhos inflamados.— Lavá-los com a ágoa em que um boi, bebendo, deixasse alguma espuma.

Parto difficil.— Promovem o bom successo algumas badaladas dadas num sino da paróchia pelo marido da parturiente. Enfiar na cabeça d'esta um barrete do pae do nascituro, dá também bom resultado.

Pé dormente.— Fazer sôbre o peito do pé uma cruz com saliva. As crianças dizem:

Desadormenta-te pé,
Que lá vem o lobo Mé
Por a vinha do Thomé,
Que te ha-de querer comer
E não has-de poder correr.

Raiva.— Evite-se que os cães lambam sangue humano, para se não damnarem. — Suspeitando-se que elles, ou outros animaes, fossem mordidos por cão hydrôphobo, mandam-se benzer.

Rebanhos.— Avigora-se-lhes a saúde, defumand-os junto ás fogueiras de S. João.

Sapinhos.— Contra os *sapinhos* ou aphtas das crianças, metter-lhes na bocca a chave do sacrário.

Sarampo.— Envolver a criança num estofo de côr vermelha, —prática esta modernamente rehabilitada pela chromotherapie.

Sezões.— D'ellas se livram alguns, comendo qualche coisa que muito lhes appeteça. Diz-se: *As sezões vão-se com desejos*. Ha quem tome uma aranha viva e a encerre num canudo, pondo este, depois, ao pescoço. A aranha vae-se mirrando e as sezões vão decrescendo, até que findam. Tambem aproveita comer pão de milho novo, cozido num forno novo.

Sombra de figueira.— É nociva. Para que o não seja, quem se acolhe a essa árvore despega-lhe préviamente três fôlhas.

Tympanite.— Tratando-se de animaes, fustiga-se-lhes a barriga com uma palma benta, ou, na sua falta, com um ramo de figueira baforeira (figueira brava).

Usagre. — Sobrevêm ás crianças ainda não baptizadas, quando se lhes passa uma luz por cima da cabeça.

Verrugas. — Esfrega-se cada verruga com sua pedra de sal, que depois se deita no lume, e foge-se rápidamentee, para não ouvir a crepitação. Tempos depois, as verrugas desaparecem.

VII—Amuletos

Contra as bruxas, nozes de três esquinas e cabeças de alho são amuletos de apregoadado valor. Figas, cruzes, chifres de carneiro e corninhos de carocha também o são; mas estes preservam cumulativamente da feitiçaria, do enguiço ou quebranto (mau olhado), etc.

Também a arruda tem virtude contra o enguiço e outros maus influxos. Quando ella em nosso caminho se nos depara, é de bom aviso não passar adeante sem a cheirar. Diz um adágio:

Quem por um pé de arruda passou
E a não cheirou,
Se pouca saúde tinha, com menos ficou.

Mencionarei ainda o aipo (*onde está o aipo branco não põe o Diabo quebranto*), palbas-alhas, o fumo das mesmas, o da arruda e o de lascas de corno, etc.

Contra os encantamentos é bom o sino-sâmão.

Uma meia-lua feita de pau de aroeira preserva da influencia da lua as crianças de tenra idade.

Nunca as descargas eléctricas attingem o local em que se guarda uma pedra de raio ¹, nem aquelle onde vegetam rosas de Santa Bárbara.

Uma cabeça de víbora apprehendida na primeira sexta-feira de março confere immunidadade contra sortilégios, e proporciona certas vantagens aos jogadores, e a todos que se dão ao exercício das malas-artes.

Turquel (Alcobaça), 26-12-916.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

¹ As chamadas *pedras de raio* são authênticos machados neolíticos. Por occasião de trovoadas e segundo a crendice do vulgo, aquellas pedras, a que chamam *coriscos* quando pequenas e provêm dos *astros* (por *astros* entende o vulgo as altas regiões atmosphéricas), introduzem-se sete braços pela barra dentro, adquirindo depois um movimento ascensional em virtude do qual, ao fim de sete annos, chegam de novo á superficie do solo.

ESTUDOS CAMONIANOS

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, págg. 227-232)

II

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a tudo está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, neste tempo em que mais se cuida das *armas*, do que se presta atenção ás *letras*».

No «Prólogo» de Aldo Manucio ao *Thesaurus Cornuoplae* — 1497.

As Duas Portadas dos *Lusiadas* de 1572

Dando a público, em 1880, a sua excelente monografia — **A Primeira Edição dos *Lusiadas*** — escrevia Tito de Noronha a pág. 23:

«Seja como fôr, do que não pode restar duvida, é que a edição dos *Lusiadas*, authenticã, impressa em 1572, por Antonio Gonçalves, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado à *esquerda* do leitor.»

Nove anos depois, imprime Francisco Gomes de Amorim, nosso sempre lembrado amigo, a sua «edição crítica» — **Os *Lusiadas* de Luís de Camões** —, e no tomo I, cap. XXVI, pág. 125 da «Introdução», desenganadamente declara:

«... de nenhum dos auctores que tenho lido, até hoje, cõlho prova alguma que contrarie a minha convicção inabalvel: a edição considerada *segunda* por todos os criticos (excepto pelo sr. Tito de Noronha) é a que foi primeiro impressa.»

Por último, outro nosso muito prezado amigo, sr. Dr. Xavier da Cunha, dá a lume, em 1893, a tão estimada poliglota — **Pretidão de Amor — *Endechas de Comões a Barbara escrava*** —, e em Nota I, de pág. 100, adverte:

«(Chamo edição *princeps* à que em Lisboa sahiu, estampada na officina de Antonio Gonçalves em 1572, com o bico do pelicano que figura no entablamento da portada frontispicial voltado para a *esquerda* do leitor).»

Nestas três transcrições, pois, está patente o testemunho de que já desde 1880 vinha publicamente *afirmado*, ainda que não perentoriamente *provado*, ser a verdadeira edição *princeps* dos **Lusíadas** a que apresenta na gravura frontispicial o Pelicano, que aí se vê, em lugar de honra, com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

Decorrendo, porém, o ano transcurso, fica, emfim, o facto indubitavelmente *provado* pela inclusão no *Catálogo N.º 8* da Livraria alfarrabista do sr. Manuel dos Santos, estabelecido no Largo do Calhariz, desta capital, da «reprodução zincográfica da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, das três que Germão Galharde imprimiu, a ultima, a de 1548.»¹ Esta portada foi a que o impressor António Gonçalves empregou (já mutilada e desfigurada, quasi, no tempo do seu primeiro possuidor) vinte e quatro anos depois, na 1.ª ed. do célebre Poema. Innocência, que descreveu a 1.ª das preditas três impressões da *Regra*, a de 1540, limitou-se a apontar as datas das duas seguintes, sem mais esclarecimentos de nenhuma espécie. No artigo a que em Nota *infra* nos referimos demos de tudo sumária conta, e segundo no-lo permitia a índole de uma folha diária, que não admite longas explanações erúditas, narramos as peripécias que matizaram este interessante assunto da bibliografia portuguesa.

O que resta, pois, agora, é contar os antecedentes históricos e literários do assunto, explicando o porque foi que nem Tito de Noronha, nem Gomes de Amorim, nem quantos antes destes dois autorisados criticos versaram o assunto, puderam explicar a dualidade frontispicial da 1.ª ed. do Poema, e por conseguinte o porquê; nem um, nem outro dos nomeados puderam *provar* a prioridade do frontispicio:—Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

É o que passamos a fazer, adicionando à nossa narrativa a interpretação *simbólica* da célebre portada; o que não será, assim o cremos, menos estimado pelos estudiosos. Ela contribuirá igualmente para corroborar o que em nosso já lembrado artigo do jornal *O Dia* deixámos afirmado:—«A gravura frontispicial aplicada á portada da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, de 1548, é a que serviu, mutilada, á 1.ª ed. dos **Lusíadas** de 1572; é a que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

¹ Expressões do começo do nosso artigo no jornal *O Dia*, de 19 de Junho de 1916. Cumpre explicar que há uma *Regra* desta Ordem, impressa em Setúbal em 1509, pelo alemão «Nermann de Kempis», de que nós fizemos «Armão de Campos».

Proximo ao último quartel do século XVI saiu à luz, nesta «mui nobre, leal cidade de Lisboa», um livro que tinha por título e mais dizeres:

Na parte superior do frontispício:

OS / LVSIADAS / DE LUIS DE CA / MÔES

Ao centro:

Com privilegio / real

Na parte inferior;

*Impressos em Lisboa, com licença da / Santa Inquisição, & do
Ordina / rio: em casa de Antonio / Gôçalves Impressor.*

1572

Enquadra este título uma gravura em madeira, executada em quatro peças soltas, representando uma portada, composta de envasamento, duas colunas e frontão, no meio do qual figura um *Pelicano*, que alimenta os filhos segundo a crença do tempo, isto é, recurvando o bico sobre o peito, e rasgando-o, para aquele fim.

Saiu este livro «in 4.º, contendo 186 folhas numeradas pela frente, além das duas primeiras inumeradas, que contem o frontispício, privilégio, e informação do qualificador»¹.

Pormenor que adiante se vai ver quanto se torna necessário ter em vista:—o alvará que concede a licença e privilégio ao autor para poder imprimir o Poema, e gozar os direitos da edição por dez anos, está assim composto:

«Em Lisboa a xxiiij de Setembro de MDLXXI».

O Livro é o que sabemos. *Dez cantos de um Poema em que o Divino Camões*,—no que muito pese à crítica assombradiça de um José Agostinho—exaltou:

«... o peito illustre lusitano

«A quem Neptuno e Marte obedeceram.»

¹ *Diccion. Bibl.* Tom. v, art. «*Luis de Camões*», pag. 239 e segg. Não entramos no ajeizar do como deva classificar-se o formato do livro: se em 4.º, se em 8.º Limitamo-nos apenas a transcrever a informação do douto Innocêncio.

Mil cento e duas estâncias, em que o Poeta deixou para todo sempre celebrizada a nação que alcançou a suprema ventura de o ter por compatriota; *oito mil oito centos e dezasseis* versos feitos para honrar o nome português, immortalizando o «genio sumo» que os entreteceu com a história do seu país: *cincoenta e cinco mil seis centos trinta e um* vocábulos inspirados pelo mais nobre de todos os sentimentos; — o do amor pátrio, e destinados a serem vertidos em *doze* linguas vivas, desde Castela até à Rússia, de Veneza a Cracóvia, de Londres a Copenhague. Quere dizer: — um total de *oitenta e três* traduções a ajuntar às *cem* edições nacionais que os *Lusíadas* teem tido no espaço de *quatro* séculos ¹, não contando as diversas edições das *Obras*, as *sete* versões latinas, a grega, de Verdier, que se perdeu, e a hebraica, de Lusetto, que Mickle e Delstrich citaram; — muito mais de *doze milhões* de palavras, só pelo que toca ao Poema em si mesmo.

Considere-se ainda o número infinito de comentários e de estudos biográficos e criticos, tanto nacionais como estrangeiros, os excertos e inúmeras citações a que a obra monumental do Poeta de há séculos tem dado matéria, assim como as referências às suas outras obras; considere-se, enfim, a extensão bibliográfica, necessária ao perfeito recenseamento de toda esta operosa e vastíssima aplicação literária, por um só mas potentíssimo engenho suscitada, e não será demais que se computem em *vinte milhões* de termos os que formam a «bibliografia Camoniana»; tudo quanto, enfim, se tem trabalhado para fundir com a luz do Sol a glória do Imortal Poeta, e com ela a glória de Portugal! ²

Quanto à gravura frontispicial que serviu para ornamentar a *primeira edição* do Poema, célebre ficou ela também, não tanto por ter sido empregada no Livro, como pela força das circunstâncias que a acompanharam no glorioso emprêgo.

Como execução artística, pertence esta gravura, na verdade, ao número das que o douto Ribeiro dos Santos achava «mostrarem bem a falta de desenho que então havia, e quanto era vacilante e mui pouco destra e assentada a mão de seus artifi-

¹ Tanto o número das traduções como o das edições nacionais se acham de presente mais aumentadas.

² A economia estatística dos *Lusíadas* foi por nós dada a lume em Nota 1, do 1 artigo d'estes Estudos Camonianos, no *Boletim da Sociedade de Bibliophilos «Barbosa Machado»*. Anno III, N.º 3—Lisboa, 1916.

ces». Nem por isso deixaria, contudo, de possuir títulos que a viessem a recomendar ao estudioso, ao bibliógrafo e ao bibliófilo, ainda que a estes títulos se estivesse, em 1572, muito longe de supor especie alguma de importância, e que tal gravura não tivesse sido ocasionalmente empregada pelo impressor para frontispício dos *Lvsiadadas*.

Porque o facto é que, não só semelhante frontispício não foi executado *de propósito* para esta obra, mas nem sequer tinha já, no ano em que a ela foi aplicado, novidade alguma. Bem pelo contrário:—havia vinte e cinco anos que vira a luz da publicidade, empregado em certo livro, para o qual longe de lhe succeder como a respeito dos *Lvsiadadas*, fôra propositada e mui expressamente desenhado e aberto.

Não contando, porém, a obra em que originariamente figurou, havemos de ver que, ao menos de conhecimento já averiguado, foi o frontispício de que se trata utilizado em mais cinco, impressas na officina onde nascera, e que uma vez entrando na posse do impressor António Gonçalves, ainda, que se saiba, êle o empregou noutro livro, dois anos antes de o fazer servir à edição *princeps* dos *Lvsiadadas*.

Supondo que de todas as oito obras, pois, a que, de sciência certa, este frontispício até então servira se hajam tirado, uns por outros, 300 exemplares ¹, reproduziu-se êle em 2:400 tiragens, o que vale como attribuir-lhe outros tantos esmagamentos num grosseiro prelo do XVI século.

Devia, portanto, estar bem estafada e gasta semelhante gravura, e razão não deixava de ter, neste particular, Antonio da Silva Tullio, para alegar em favor de seus engenhosos raciocínios a fácil deterioração do artístico artefacto ².

E com efeito, como êle ficára, depois de tirada a célebre primeira edição do Poema Canoniano, se pode ver na sua reparação aplicada à raríssima obra intitulada *Regra do Glorioso Patriarcha S. Bento*, que António Ribeiro, provável successor de António Gonçalves, e proprietário do material que a êste pertenc-

¹ Não formamos, na verdade, precisa ideia do número de exemplares que, por êstes tempos, comportaria qualquer edição normal.

Reportámo-nos à natureza das matérias, e ao volume das obras e sua importância relativa, considerada sob o triplice aspecto de *devção*, de *curiosidade* e de *interesse geral* (como era, por exemplo, o *Reportório dos Tempos*), em que êste célebre frontispício conhecidamente figurou. A consideração de que o número de exemplares devia de aumentar, em proporção com o dispendio da obra, para valer a pena imprimi-la, sem risco de prejuizo, pesou também no cômputo suposto.

² Nos artigos do *Archivo Pittresco*, a que adiante nos referiremos.

cera, imprimiu em Lisboa, em 1596. Facilita este exame a reprodução zincográfica do rosto da aludida *Regra*, publicado, com as mais gravuras que acompanham a obra, incluindo o famoso frontispício que nos ocupa, entre a pág. 590 e 591 do *Catálogo* N.º 7 da Livraria do mesmo inteligente alfarrabista, sr. Manuel dos Santos, a quem já nos referimos, o qual dispunha então de um exemplar, mencionado sob o n.º 4718.

Em pleno século xvii. porém, descobriu-se que andavam no público *duas impressões* ou *edições*, dizia-se, tão semelhantes e iguaes, que apenas por certas diferenças materiais e graficas se discriminavam.

Dera pela duplicação o comentador Manuel de Faria y Sousa, o qual na «*Vida del Poeta*» (2.^a), inserta no tomo I da sua edição das *Rimas Varias*, se exprime nos seguintes termos:

«27... El gasto desta impression fué de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el Mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo: por diferencias de caracteres; de ortografía; de erratas qué ay en la primera, y se ven emêdadas en la segunda; y de algunas palabras con que mejorò lo dicho.»

Manuel de Faria e Sousa publicára em 1639 uma edição comentada dos *Lysíadas*, e falecera dez anos depois, vindo o 1.º tomo da edição das *Rimas*, por êle comentada, a sair póstumo em 1685. Do passo transcrito se vê que o acérrimo comentador do Poeta, uma vez entrando no conhecimento da revelada duplicação, e acusando as diferenças «de caracteres» e de ortografia, e assim mesmo as *erratas* que observara entre os dois diversos exemplares, de que veio a declarar-se possuidor, um dos quais demonstrou não conhecer ainda em 1639, nem por sombras desconfiou da genuinidade de uma de tais duas edições;—a que era do seu uso. Bem pelo contrário; vinte e cinco anos de trabalho sôbre um exemplar da edição que, de 1880 em diante, se indicou ser a *segunda* das duas datadas de 1572, acostumaram de tal modo o indefesso comentador a te-la por *única* daquele ano, que, em presença da que de novo conhecia, acha-

va ser ela «segunda» aperfeiçoada pelo Poeta, por emendas e «algumas palavras con que mejoró lo dicho»!

Ora do mesmo modo que as diferenças gráficas, e outras, das duas edições, nenhum abalo produziram neste entusiastico admirador do grande Poeta, e nenhum reparo lhe mereceram, para as estudar e comparar, existindo, aliás, em uma delas, como êle notára, sem lhe entrever o alcance, a prova incontestável do propósito feito e assente de se substituir em todo o Poema um sistema ortográfico por outro — «por diferencias de... ortografia», escrevera, — ficando desta sorte para todo sempre inconfundíveis as duas tiragens, também lhe não atraiu a inadvertida atenção a circunstância, pelo menos extraordinária, de se ter ao mesmo passo procurado, sem a menor sombra de dúvida, confundir uma com outra a gravura frontispicial do livro, adoptando-se o expedito processo de copiar por transparência, e o mais exactamente que se soube, a que devera ter sido a *primeira* desenhada e gravada.

A isto, porém, se reduzira a característica principal desta subrepticia imitação, por isso que, além das diferenças entre um e outro dos dois exemplares, a que Faria e Sousa aludiu em termos gerais, referindo-se ao Poema, logo no texto do Privilégio e no da censura de Fr. Bartolomeu Ferrreira se encontram as diferenças ortográficas e de partição que o Visconde de Juro-menha notou em sua edição, vol. vi, pag. 480 e segg., e que mal se comprehendem como fruto de uma imitação persistente. A disposição da data do Alvará de privilégio é tópico de primeira ordem, para ajuizar do inegável valor das dissimilhanças apontadas.

Assim, ao passo que na *primeira* edição verdadeira, a do Pelicano, colo para a *esquerda* do leitor, se imprimiu:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a xxiiij: de Setembro de MDLXXI»;

Na *segunda* verdadeira compôs-se o texto pela seguinte forma:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a vinte & quatro dias do mes de Setembro, de MDLXXI».

Seguem-se depois, no Poema, as diversificações graficas, a que decerto se referia Faria e Sousa, e as alterações de texto e de grafia, a que dão começo os já tão comentados versos:

«E entre gente remota edificaraõ

«Nouo Reino, que tanto sublimaraõ.»

substituídos por:

«Entre gente remota edificaram
«Nouo Reino, que tanto sublimaram.»¹

Pelo que toca, porém, à imitação do frontispício, saiu esta, ao primeiro aspecto, tão semelhante ao original, que a não se dar a circunstância de estar em uma representado o Pelicano, a que nos referimos, com o colo voltado para a *esquerda do leitor*, e em outra, o mesino palmipede, com o colo voltado para a *direita*, nem pelo próprio frontispício seriam imediatamente destrinchados os dois diversos exemplares, apesar de, além daquela, outras mais divergências de desenho se revelarem a um exame atento.

É, portanto, da singular contradição existente neste facto:— que, enquanto se procurava confundir num só os dois frontispícios, se operavam, de propósito feito, e subordinadas a um outro sistema gráfico, profundas alterações na redação e na ortografia de um dos textos, e até se diversificava a composição tipográfica de muitos vocábulos,—que veio a nascer o infortúnio dêste assunto interessantíssimo da literatura pátria, protraindo-se assim até nossos dias a resolução de um dos mais notáveis problemas da bibliografia nacional.

Manuel de Faria e Sousa, porém, nada disto viu, nem previu. Entusiasmado com o Poema que tantos cuidados e cancelas, por tão largo espaço de anos, lhe havia custado, não teve olhos para alcançar mais do que a glória—desculpável cegueira, por tão generoso motivo!—do seu Poeta querido, sintetizada na, por elle suposta, necessidade de levar-se, no mesmo ano, a efeito a nova edição, para satisfazer à procura extraordinária que attribuiu ao livro. Daqui procedeu que, não o deixando a agradável impressão que do facto recebia em nada mais pensar, nem reflectir, pela mesma ordem porque lhe viera o conhecimento das duas edições, na aparência irmãs, o transmitiu, infelizmente, à posteridade, nem sequer advertindo que sendo *só* para se realizar segunda impressão *melhorada*, no mesmo ano, não era absolu-

¹ Note-se que nosso sempre lembrado amigo Francisco Gomes de Amorim, comentando esta 1.ª estância em sua «edição crítica e anotada» *Os Lusíadas de Luis de Camões* — Lisboa, 1889, estabelece que a conjunção *E*, posta na *primeira* edição verdadeira, no começo do v. 7, está fora do seu lugar, colocando-a o competente comentador, por isso que poeta e sabedor, portanto, das regras métricas, na restituição que empreendeu, no v. 5, como Visconde de Juromenha opinou também.

Inteiramente alheio às exigências da metrificação, entendemos, que, a não resolverem ellas, difficil ha-de ser, perante a ordem do pensamento, decidir em qual dos dois versos, na verdade, o Poeta collocaria tal conjunção, se é facto, como Gomes de Amorim pretende, que Luis de Camões não reviu as provas da sua obra.

tamente necessário que para ela se imitasse o frontispício da que elle tinha por original.

É óbvio, pois, que se Faria e Sousa, todo enlevado na que tomou por tão extraordinária excepção, que julgava dever empenhar o seu testemunho de escritor e homem público, para ser acreditado, nenhuma atenção prestou a qualquer dos dois frontispícios, não deixaria igualmente, se lhe tivera ocorrido confrontá-los, de tomar a imitação pelo original, tão persuadido estava, sem mais reflectir, que a prioridade das duas edições correspondia, sem discrepância, a ordem cronológica porque elle successivamente as fôra adquirindo.

Ora, aos que depois d'elle vieram, sem darem, a seu turno, pelo equívoco em que Faria e Sousa laborava, outro tanto succedeu, e eis como se engendrou este *qui-pro-quo* literário que só ao cabo de séculos devia ser desfeito.

Foi depois do apparecimento, em 1685, da edição das *Rimas*, comentadas por Manuel de Faria e Sousa, isto é, trinta e sete anos após a sua morte, e sabe Deus quantos depois que elle dera pela duplicação cujo conhecimento deixou inédito, que se entrou na posse do facto pela maneira, infelizmente viciada, que deixamos exposta, e que tanto havia de influir no juizo de pósteros escritores, no tocante à procedência e crédito literário das duas famosas edições.

Que, pelo que toca à intenção que terá presidido ao empreendimento da, já agora, declarada *segunda* edição, o sincero entusiasmo de Faria e Sousa esteve bem longe de ser seguido pelos que depois d'elle versaram o assunto. Bem ao inverso, com effeito, de terem a duplicação por decisória prova da pretendida popularidade do Poema, os criticos que succederam ao entusiasmado comentador, vendo nela intenções de manifesta fraudulência, mais ou menos extensa e grave nas consequências, mais ou menos atentatória do Direito, segundo a procedência que lhe era assinalada, ou chegaram a supôr o próprio Poeta conivente na *fraude*, por motivos que em certo modo o absolveriam dela, ou o fizeram a elle, ou a sua veneranda mãe, victimas de especuladores derrancados, explorando cinicamente a miséria do Poeta, e a completa ignorância de Ana de Sá em assuntos em que interessava o seu direito ¹.

¹ Gomes de Amorim, entre outros, em sua «edição critica», já citada, escreveu, com effeito, na *Introdução* do I vol., a pág. 114:

«A segunda edição do poema, não é, pois, senão uma contrafeição da primeira.

Entretanto, em 1861, António da Silva Tullio, versando por sua vez o assunto, dera uma nova face à questão.

Para êle, se havia dois frontispícios, não havia *duas* edições: Discorria Tullio que:

«As alterações e emendas que se notam nos exemplares que existem, não provam diversidade de edições, não só porque muitos erros da primeira se repetem na que se julga ser *segunda*, mas porque esta traz erros que não vem n'aquella outra. — Isto prova, accrescentava, que houve mais de uma tiragem, que as emendas se fizeram na fôrma, e que algumas folhas saíram mais correctas que outras, aproveitando porém o editor todas quantas se imprimiram, de que resulta não sabermos qual seja o exemplar mais conforme ao original, ou antes, á copia que serviu para esta primeira edição.»¹

Procederiam estas razões, ainda que mais hipotéticas do que provadas, mais engenhosas do que verosímeis, se, como objectou outro não menos competente critico e analista, se não demonstrasse, pelas diferenças ortográficas de *todas as folhas*, haver evidente e manifestamente mais de uma edição².

Mas, se não tinha havido, como Tullio pretendeu, *duas* edições, perfeitamente caracterizadas, ou melhor, *duas* series de exemplares da mesma obra, acobertadas sob *dois* frontispícios, tão iguais que só uma diferença de desenho mais em evidência em um dos attributos dêles denunciou a dualidade, para que serviria o emprêgo de um segundo frontispício?

Tullio, que assim como todos os mais escritores que o antecederam, e alguns dos que depois dêle vieram, entrou no êrro de julgar a questão dando mais atenção á obra, tal como tipográficamente se apresenta, do que aos *frontispícios* que acompanharam as duas edições, como que responde a esta pergunta, explicando a existência de uma das duas gravuras do seguinte modo:

«O argumento da gravura, que serve de tarja ao rosto dos exemplares de 1572, estar ás avessas em muitos deles, também não prova que houvesse duas edições, porque as

Saiu tanto mais incorrecta, quanto maior foi a ignorancia dos que a tentaram subrepticamente, com a intenção criminosa de roubar a mãe do poeta, provavelmente no mesmo anno de 1580, em que falleceu seu filho; ou ainda no de 1579, adquirida a certeza previa de que elle se não levantaria mais do seu leito de tormentos.

¹ *Archivo Pittoresco*, 1861. A pag. 173 começam os artigos deste escritor.

² Gomes de Amorim, in «edição critica», cit.—«Introdução».—Em diversos passos dela, e nomeadamente a pag. 125, onde, resumindo, escreveu: «... porque se prova, segundo já fartamente demonstrei, que em *todas as folhas* de ambas se acham mudanças, desde o principio até ao fim...»

gravuras de madeira mettidas no prelo deterioram-se facilmente, e por isso, inutilisando-se a que servira para a primeira tiragem, fez-se outra desenhada por um dos rostos impressos (do que resultou ficar ás avessas) para se continuar a impressão».

Ora, nada se oporia, com efeito, a que uma gravura que, segundo já deixamos notado, presumivelmente se prestara no largo espaço de vinte e quatro anos a mais de 2:000 tiragens, estivesse realmente gasta e incapaz de aguentar toda ou parte da tiragem do Poema, qualquer que houvesse sido o número de exemplares a que, segundo a suposição de Tullio, ela pudesse ainda ter aproveitado.

Sem nos termos por obrigado a aceitar, pois, a hipótese engenhada pelo distinto crítico, e não tendo, sequer, a certeza de que todas as obras que tem aparecido com o célebre frontispício original sejam as *únicas* em que êle foi empregado, devendo, pelo contrário, esperar-se que averiguações mais persistentes, dentro e fóra do país, aumentem a lista dos *oito* exemplares já conhecidos, impressos até 1572, não nos repugnaria crer que por efeito do só trabalho conhecido, a gravura de que se trata, de todo incapaz de continuar a servir, se dessem por terminados os seus dias, ao terminarem também os trabalhos tipograficos da *primeira* edição dos *Lusiadas* ¹.

Mas o que Tullio não advertiu, e lhe dá em terra com a afirmativa, que não provou, de se ter feito nova gravura, para acabar a tiragem da edição que afirmou ser *única*, é que é justamente em *todos* os exemplares que vieram a lume a coberto do referido frontispício, repetido, «por se ter inutilisado — como êle, architectou — o que servira à primeira tiragem», que se observa a persistência sistemática da mudança em *am* do ditongo *ão*, tanto nos simples substantivos e advérbios, como em todos os tempos da infinidade de verbos que o Poema comporta, onde tal mudança pode caber, contra o canon ortográfico de Duarte Nunes do Lião, vulgarizado desde 1573 ²; é que é nestes

¹ Já vimos que decorridos 14 anos (1586) ainda ela apparece na rarissima *Regra de S. Bento*.

² Querê dizer: se a verdadeira *segunda* edição dos *Lusiadas* de 1572 é obra, como Tito de Noronha se persuadiu, de André Lobato, e foi levada a efeito, como ella crê, entre os anos de 1584 e 1586, teve o zeloso refundidor da ortografia camoniana, o igualitário seguidor do «*am*», farto ensejo de ver que o ditongo «*ão*» expresso por *am*, o declarou Duarte Nunes «erro manifesto».

«Finalmente, diz ainda o célebre gramatico, com o dito ditongo se hão de escrever, na final terminação, to-

exemplares da que, por mofina, correu por serem os da verdadeira primeira edição, que se observa a tendência para prestar ao y as honras de membro do alfabeto português, nas emergências preconizadas por Pero de Magalhães de Gandavo ¹; é que é nestes exemplares que as vogais coroadas de *til* figuram como sílabas perfeitas—ã por *an*, ê por *en*, û por *um*, etc., em obséquio à abstrusa doutrina do velho grâmatico Fernão de Oliveira, e seus amoucos. O que Tullio não advertiu, também, é que é nestes exemplares que se atribui a Luis de Camões linguagem de preto, quando se refere aos *ingleses* ², é que é nestes exempla-

delos nomes, que vulgarmente se escrevem per *am*, dizendo capitão, alemão, galeão, tabalcão, se queremos escrever como pronunciames.

E ainda adiante:

«... que nenhum nome nem verbo se escreva no fim per *am*, que hê pronunção alheia da que nos damos aos dictos vocabulos.»

Orthografia, per João de Barreira, MDLXXV.

¹ A famosa trilogia do I. «jota, comprido, y, grego, e i, pequeno» está consagrada pelo autor citado no texto, em suas *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa*, dadas a lume em 1.ª ed. por António Gonçalves, Lisboa, 1574.

Pelo que respeita ao y, diz-nos o autor:

«Este y. grego, se seguirá sempre em meyo de dicam, quando acontecer entre duas vogaes, & nunca terá pronunção de consoante, assi como jeya, mayor, moyes, etc.»

Em obediência a este belo canon orthografico, ainda ha bem poucos anos certos letreiros das vias públicas de Lisboa ostentavam o indispensavel Y nos vocabulos *Arroyos*, *Ataiaya*, *Atayde*, *Poyacs*. Orthografia igual, e que ainda não tere emenda, nas taboletas dos «*Alfayates*».

«E noutra nenhuma parte se deve vsar, nem será soffrivel, salvo se for em cabo de diçam diante vogal, assi como, Rey, darey, foy, muy, etc., que parece bem em semelhantes lugares & não offende a pronunção da linguaem.»

Innocencio, que introduzira este autor entre o numero dos que, por nome proprio, se chamam *Pedro*, sem remeter os leitores, na abreviatura *Pero*, para o lugar que lhe assignou na letra inicial, declara não ter logrado ver nenhum exemplar, das três edições que cita, das «*Regras que ensinam*, etc.

Por nossa parte, afirmamos que tomámos os nossos apontamentos do exemplar da ed. de 1590, existente na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional, sob o n.º A-428.

² Conquanto na 1.ª ed. verdadeira do Poema esteja estampado «*Inglesa*» e «*ingleses*», reconhecemos que bem poderia o Poeta escrever tais vocabulos tal qual a primitiva forma:—preferência do *r* ao *l*—pois que, seguindo esta, ainda no século XVII.º tal vernáculo prosador, qual foi D. Francisco Manuel de Melo, a usou em uma de suas *Epanaforas*, e apesar de escrever «*Inglaterra*», escreveu «*ingrezes*».

Este exemplo, porém, excellentemente prova que ao promotor da edição contrafeita mingua o especial critério linguistico de que tantas provas o Divino Poeta nos deixou em sua Obra. Ela não é só, com efeito, um inspirado hino apoteótico à Pátria, que tanto amou, mas um verdadeiro repositório, também, de castiça, polida e aprimorada linguagem.

res, emfim, que se notam as emendas mais crueis e os lapsos de revisão mais censuráveis que podiam ter escandalizado o zêlo do Poeta pela possível integridade do seu pensamento, se êle tivera passado pelo desgosto de ver o seu bom senso, as suas letras e o seu saber tão atrozmente comprometidos.

Por conseguinte, quer pelo motivo engeñado por António da Silva Tullio, quer pelos que Tito de Noronha ¹ e Gomes de Amorim ² aduziram, para afirmar que a que tem sido considerada *primeira* edição é que é realmente a *segunda*, e que esta não passa de ser condenável contrafeição daquela, sempre é certo que, de quantas folhas tem o Poema, *duas* edições se fizeram, perfeitamente distinguíveis uma da outra por diferenças que não só se não concebem em nenhuma imitação, destinada a fazer-se passar fraudulentamente pela verdadeira, mas, por isso mesmo, se não prestariam a considerar tal, quer uma, quer outra, quando se não soubesse, como hoje de certeza o sabemos, que a edição imitada da *princeps* é a que tem no frontispicio o Pelicano, com o colo para a *direita* do leitor.

Somos chegados ao memorável ano de 1880, e sai a lume, escrita por Tito de Noronha, a Memória—*A Primeira Edição dos Lusíadas*.

Nesta excelente monografia opina finalmente o conspicuissimo escritor que o verdadeiro frontispicio da edição *princeps* dos *Lusíadas* não podia ser, em suma, senão o que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor.

Tito de Noronha conta, com effeito, ainda que um tanto menos bem disposta a sua narrativa, que em 1554 dera a lume o impressor Germão Galharde, de nação francês, uma obra em que apparece a gravura frontispicial què serviu à estampagem da edição verdadeira dos *Lusíadas*, tal qual a gravura era, antes de sofrer a mutilação por que passou em fins desse mesmo ano de 1554 ³.

¹ *A primeira Edição dos Lusíadas*—Porto e Braga, 1880.

² Na obra sup. cit.—«Introdução».

³ Eis o principal do título da alludida obra:

«*Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol... san luan*
compuesto por el P. F. Diogo de Estella»

Tem no fim a seguinte subscripção:

«*A Loor y Gloria de Dios, acabose el tratado de la vida e excelencias del glorioso evangelista sant luan, en la muy noble e siempre leal ciudade de Lisboa, en la impronta de German galharde imprimidor del rey nuestro senor. Acabose a nueve del mes de*

Mas esta gravura, dir-se-há também agora, assim como fôra propositadamente desenhada para a obra onde em 1548 veio pela primeira vez a lume, ao passo que demandava certa largueza de margens, ocupava bastante campo no espelho, ou espaço destinado ao titulo das obras em que fosse aproveitada.

Tal inconveniente, junto ao mais elevado custo de papel que se prestasse a maior formato, seriam origem de transtornos técnicos e económicos. Quer por tal motivo, pois, quer pelo não menos plausível, explicado por Tito de Noronha ¹, ou por ambos os motivos juntos, certo é que se resolveu, como fica dito, operar na gravura de que se trata considerável mutilação, não parecendo que, depois de 9 de agosto de 1554 até 13 de novembro do mesmo ano, em que se sabe ter saído a lume o famoso frontispício, em seu novo e já agora definitivo aspecto ¹, nenhuma outra obra produzisse Germão Galharde, em que tal portada, figurasse, modificada ou não pela mutilação sofrida.

Depois desta obra, mais duas se publicaram executadas pelo mesmo impressor, tendo por frontispício a gravura mutilada de 1548. Nem uma, nem outra, porém, declaram, como aliás se vê em tantas do século, a data em que foram acabadas, sendo lícito

Augusto, Año de mil quinientos y cinquenta y quatro.—Biblioteca Nacional. Reserva dos A-246.

Padro João Baptista de Castro, tratando dos «Escritores Portuguezes» em seu *Mapa de Portugal*, tom. II, P. 1.^a, enumera entre os expositores da Sagrada Escritura a Fr. Diogo de Estella, do qual diz, apoiado em Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*:

«Fr. Diogo de Estella, religioso franciscano da provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do reino de Navarra, sendo verdadeiramente portuguez.»

Lá terão sabido o porquê...

¹ «A gravura, com o trabalho da impressão, sofreu alguma coisa, principalmente as partes destacadas do cheio da peça, onde a compressão era mais violenta...»

Certos atributos «foram mais ou menos esmagados...».

Mem. cit., pag. 81.

² Eis o titulo da obra em que foi aproveitada:

«De las Sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diversos Autores escritas, &c.»—Cit. por Innocencio, que lhe transcreveu igualmente a subscrição final, onde consta a data que se lê no texto. Vid. *Diccion Bibl.* tom. VII, pág. 264.

Uma das duas razões por que Innocencio incluiu esta obra em seu Dicionário, sendo escrita em castelhano, e por autor anónimo, foi, como elle o declarou, «a singularidade com que nos restos d'ella se apresenta a mesma tarja que dezoito anos mais tarde, isto é, em 1572, apparece tambem nas primeiras edições dos *Lumiadas*, feitas na officina de Antonio Gonçalves.»

Vamos ver adiante que este impressor já dois anos antes fizera servir a uma outra obra a mais que discutida tarja.

supor por vários indícios, que ambas pertençam ao ano de 1555 ¹.

O aspecto do frontispício de que se trata ficou tal, com a mutilação sofrida, que, a não serem certos atributos de maior evidência, quasi poderia passar por ter sido outra a chapa que o produziu ². Não foi tal mutilação, porém, tão dextramente praticada, que não deixasse nas peças que a sofreram vestígios evidentes. Por isso, e porque os atributos restantes são e estão de todo o ponto conformes com o primitivo desenho e sua disposição, há a mais absoluta certeza de que a chapa frontispicial das obras apontadas em Nota é a mesma a que Tito de Noronha se refere.

Faleceu Germão Galharde em 1560, deixando viúva e um filho de menor idade, que não parece, se continuou a existir, ter praticado a arte de seu pai. Manteve-se a viúva à testa da casa, acabando a impressão do *Reportorio dos tempos em linguagem portugues*, que seu marido começara, e que já em sua oficina fôra também reimpresso em 1557 ³.

Como não vimos exemplar algum destas duas edições, não podemos saber se na portada de uma ou de outra, ou de ambas, terá figurado a tão discutida gravura. Tito de Noronha, em nota (68) de pág. 80 da sua Memória, também se refere à edição que a viúva Galharde terminou, sem dizer, contudo, cousa alguma acêrca do rosto dela.

Mas em 1563 voltou a viúva do activo impressor a fazer nova edição do mesmo *Reportório*, que segundo se vê, era reim-

¹ As obras a que nos referimos no texto são, pela ordem que lhes presumimos, as seguintes:

1.ª «*Princípios e fundamentos da christandade, ou dialogo com um breve summario de lembranças do que cada um deve guardar no estado da vida que tomou*».

Este é o título transcrito por Innocencio, differindo bastante do que se lê em Tito de Noronha, *Memoria* cit., não duvidando nós que de qualquer das maneiras se intitulasse a obra, que o douto bibliografo classificou «opusculo».

2.ª *Summario til que brevemente se contem algumas cousas (assi ecclesiasticas como seculares) que ha na cidade de Lisboa*.

Declara-se autor desta obra, no verso da página frontispicial, o Guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, «Cristouão Rodriguez doliveira».

Quer seja esta, quer a inversa, a ordem da publicação destas duas obras, cousa é de pouco momento. O que, em todo o caso, cremos, é que o *Summario* não saiu a lume, senão em princípios de 1555; pelo menos, no fim do ano anterior.

² Adiante daremos a justificação desta afirmativa, transcrevendo certo passo da *Bibliotheca Historica Portugueza*, de Jorge Cesar de Figueiredo, que tem ligação íntima com este assunto.

³ De que Innocencio dá noticia em seu *Dicion. Bibl.*, não no lugar proprio, mas tratando de Valentim Fernandes, tom. viii, pág. 397.

presso trienalmente. Ai foi, de certeza, empregado o célebre frontispício, pois que, apesar de Inocencio não mencionar esta edição, vimos na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional o exemplar B-10, achando-se exarado na parte inferior da famosa gravura o ano referido, e no fecho do livro a subscrição:

«em casa da viuua mulher q̃ foy de Germão Galharde.» (sic)

Aqui estão, portanto, os seis exemplares de obras saídas da oficina de Galharde, e de sua viúva, em que figura o frontispício: — Pelicano, colo à *esquerda* do leitor.

Trespasou, porém, Ana Picaia, a viúva de Germão Galharde, a sua oficina—e dizemos «trespasou», se é que não falecera, — porque presumimos ter sido para ela que Marcos Borges mudou a que, em suas obras, dizia ter «atrás de Nossa Senhora da Palma». Ou porque a nossa presunção se não verifique, ou porque a Marcos Borges, tendo material próprio, só lhe conviesse a casa, certo é que o que pertencia à viúva Galharde passou ao poder de António Gonçalves, acaso «obreyro de emprimidor» do velho tipógrafo francês, e que, em contrário do que diz Tito de Noronha, já a meados de 1566 se achava estabelecido, como em outro nosso escrito o deixamos patente ¹.

Cinco anos depois (1570), reedita este impressor o imprescindível *Reportório*, não se achando também esta reimpressão compreendida no *Dicion. Bibliogr.* entre o número das mencionadas no tom. VII, pág. 77, mas existindo um exemplar, o n.º B-11, na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional. Ora, o frontispício adotado por António Gonçalves para este livro é ainda a famosa gravura de que nos temos ocupado.

Finalmente, dois anos depois, utiliza-a de novo este impressor na *primeira* edição dos *Lysiadas*, verificando-se ultimamente que em 1586 ainda ela esteve no caso de figurar, posto que um tanto fora de propósito, na *Regra de S. Bento*, como anteriormente notamos.

Eis como este misterioso frontispício, desenhado e aberto em 1548, deitou até este último ano, tendo sucessivamente servido, que se saiba, a *nove* obras diversas, das quais *duas* o reproduziram tal qual primitivamente fôra desenhado, e *sete* o

¹ Acêrca de Germão Galharde e sua viúva, bem como a respeito de Marcos Borges, António Gonçalves e outros impressores do século, veja-se a nossa *Noticia de Livreros e Impressores em Lisboa, na 2.ª metade do Seculo XVI*, 1911 — Imprensa Libanio da Silva, Travessa do Fala-Sô, 24—Lisboa.

repetiram tal qual, depois da mutilação sofrida, ficou para sempre estampado no Immortal Poema.

Mas, — e redobra aqui o infortúnio que tem maisinado este assunto — aproximando-se a época da celebração do Tricentenário Camoniano, ocorreria muito naturalmente, — e excelente fôra a inspiração, se mais cedo se manifestára, — a Tito de Noronha, dar forma literária a apontamentos desde anos laboriosamente coleccionados, para pôr em público a sua notável Memória — *A Primeira Edição dos Lusíadas*: — ; notável, com efeito, apesar de alguns senões, tanto mais para lastimar, quanto é sobejamente sabido como houvera sido fácil ao autor evitá-los, se não foram precipitações de ocasião.

Tarde levada a efeito a resolução, faltou já ao autor o tempo necessário para subordinar os seus numerosos apontamentos, os seus especiais estudos criticos, os seus largos conhecimentos das espécies que mais de perto se relacionavam com o tentador assunto principal, a um quadro bem delineado, e ao sossêgo necessário para o aperfeiçoar e bem ligar.

Sucedeu, pois, o que era natural: — saiu a obra acentuadamente mal digerida no plano, e a parte informativa, tão copiosa e interessante, senhora, como podia ter ficado, do grande êxito da Memória, para o assegurar ao autor, que tanto o merecia, incompleta, contraditória e confusa em sua redacção. A própria revisão técnica, em suma, foi de tal modo descurada, que gera pena o pensar-se que ha de haver quem, não tendo conhecido, nem a pessoa, nem a competência e letras do autor, lhe ajuize da gramática pelas repetidas provas de precipitação de que o revisor dá testemunho, deixando passar, sem a corrigir, a gramática dos tipógrafos.

Declara Tito de Noronha, no final da nota (68), da pág. 80, que do impressor Germão Galharde conhecia — e concebe-se bem que conhecesse — «mais de *setenta* edições». Só o catálogo das composições portuguezas e traduções para o idioma pátrio, de nós conhecidas e notadas, comporta 86 números, entre obras de tomo e simples folhetos. Ora, entre aquelas figuram *três* edições da obra onde, e em uma das quais, a terceira, appareceu o célebre frontispicio, objecto dêstes estudos. Sairam dos prelos de Galharde em 1540, 1542 e 1548. A obra é a *Regra de Santiago*. A ela nos referimos em nosso citado artigo do jornal *O*

Dia, de 10 de junho de 1916, ao qual aludimos no comêço dêste II Capitulo de nossos *Estudos*.

—¿É possível, preguntamos agora; é possível admitir a presunção, sequer, de que Tito de Noronha não incluísse o conhecimento de tal obra entre o número de «mais de setenta edições» que se gabava de ter visto, saídas dos prelos de Ger-mão Galharde? É realmente possível que Tito de Noronha não conhecesse esta *Regra* e esta edição dela, principalmente, familiar como se mostra com todas as produções dos séculos da infância da «arte impressória»? É possível conceber ainda, que Tito de Noronha — que desde longe se andava preparando para lançar no mundo dos estudiosos, e dos interessados nos assuntos da bibliografia portuguesa dos seculos xv e xvi, e principalmente no circulo dos Amadores Camonianos, esta grande, esta decisória verdade: — «a edição verdadeira *princeps* dos **Lusiadas** é a que tem na portada o pelicano, com o colo voltado para a esquerda do leitor!»; — é possível, repetimos, conceber que Tito de Noronha, encetando a parte *informativa* da sua tão útil Memória, salte por cima da *prova provada* da sua asserção, deixando-a em inexplicável olvido, para preferir referir-se ao primeiro dos livros conhecidos, que, depois da obra a que lhe conviria ir direito, appareceu, ostentando a célebre portada, mas já incapaz, ela própria de apresentar ao leitor o testemunho irrecusável da sua verdadeira origem?

Pois foi o que aconteceu! — Mas como? — Outro inexplicável caso!

«Examinando os productos da imprensa portugueza durante o seculo xvi — escreve — pode-se tambem determinar qual seja a 1.^a edição. (dos *Lusiadas*, bem entendido)

«Em 1551 sahiu das oficinas de Galharde o *Summario de Lisboa*. O rosto é mettido em uma portada de madeira, que se tornou celebre. Compõe-se a portada de um plintho com seus adornos; de duas columnas, com caneluras na metade inferior, cahindo da esquerda para a direita do leitor, e a meio d'ellas dois capacetes sobrepujados com uns festões que não chegam a pousar na gola dos capiteis; *pela parte de trás dos capacetes, em guisa de tropheus, umas alabarças cruzadas*; no entablamento vê-se um pelicano, com o collo voltado á esquerda do leitor, entre dois golpinhos de *phantasia*.»

Pedimos ao leitor benigno se sirva tomar nota de que tudo que nesta descrição transcrevemos em *itálico*, é por nós sublinhado. Já vamos ver o que é que, na realidade, está por detrás des-

tes capacetes, e lá mais para diante mostraremos que a «*phantasia*» dos golfinhos foi fantasia do autor.

Continua, porém, logo Tito de Noronha, escrevendo:

«Em 1554 o mesmo impressor imprimiu o *Tratado de la vida loores y excellencias del glorioso apostol... San Ioan*, de Diogo d'Estella; serve a enquadrar o rosto a mesma portada.» (!)

Passa depois a explicar como, e por que se resolveu mutilá-la, e acrescenta:

«Foi assim que a portada tornou a servir, em 1554, no livro impresso também por Germão Galharde *Primera parte de las Sentencias que... estan por diuersos Autores escritas*.

«A mesma portada, já sem as lanças, serviu ainda na edição da *Doctrina d'principios e fundamentos d'christãdade*, do bispo do Algarve D. João de Mello.»

Sublinhamos «já sem as lanças», porque além de intempestiva, neste lugar, semelhante advertência, na descrição da portada referira-se Tito de Noronha, como acabamos de ver, a «umas alabardas cruzadas». Da própria fotogravura da mesma portada, uma das quatro que acompanharam a Memória, se vê que não há nela lanças nenhuma, e alabardas, há *uma só*. Tudo o mais que forma o resto dos trofeus está longe de se parecer com alabardas e com lanças.

Seguem-se as referências ao falecimento de Germão Galharde, e á actividade industrial da sua viúva, limitada pelo autor ao ano de 1563 ¹.

E logo, concluindo a sua explicação de como a gravura do *Summario* e do livro de Diogo de Estela veio a ornar a edição verdadeira *princeps* dos *Lusiadas*, escreve, por fim Tito de Noronha:

«Antonio Gonçalves estabeleceu prelos em Lisboa em 1568, tendo adquirido typos e utensilios que anteriormente haviam sido de Galharde, e imprimiu em 1572 a primeira edição dos *Lusiadas*, servindo-se no rosto do livro da mesma

¹ Outra distração de Tito de Noronha:

Ana Picaia, viúva de Germão Galharde, só depois de 21 de março de 1564 desfez a oficina, ou faleceu, acaso. O *Exemplo para bien vivir*, de Fernão Peres de Gusmão, a 4.ª das obras que se sabe terem sido por ela impressas, traz, com efeito, no fecho aquela data como a do acabamento da obra. (Cf. o n.º A-443, dos *Reservados da Biblioteca Nacional*.)

portada que servira ao *Summario*, á *Vida de S. Juan*, e depois de *aparada* (é nosso o italico) ás *Sentencias* e á *Doctrina de principios*.¹

Agora, o verdadeiramente extraordinário da parte de um bibliógrafo bem farto de saber, decerto, que o que estava deixando imprimir não passava de um infeliz agregado de inexactidões, e de inexplicáveis confusões:

«Alem desta portada, tambem ainda Gonçalves possuia outra, que anteriormente fôra de Galharde: é a que aquelle empregou na edição do *Reportorio dos tempos* de 1570, e servira noutra edição anterior do mesmo *Reportorio*, impressa em casa da viuva Galharde em 1563.»

Não há pontos de admiração bastantes para comentar semelhante infortúnio informativo!

Em primeiro lugar, não foi em 1551 que o *Summario*, dito de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, «saiu das oficinas de Germão Galharde». No próprio livro está a prova de que no ano seguinte ainda se não achava a imprimir. No verso da pag. C (as páginas deste livro não são numeradas)², referindo-se aos muito mil cruzados que a Misericórdia recebia de esmolas, cada ano, escreve quem quer que foi, Cristóvão ou outra pessoa:

«E o ano de quinhentos E cincoenta e dous recebeo mais de sesenta mil cruzados:»

A?nosso humilde ver, o *Sumario*, poderá como já dissemos, —e sempre que a ocasião o tem permitido o temos afirmado— ter vindo a lume em fins de 1554, e em todo o caso, depois do *Tratado* de Fr. Diogo de Estela, por isso que este livro é, que se saiba, o que após a *Regra de Santiago* de 1548, em que a célebre portada primeiro appareceu, a repetiu *inteira*, eliminada já, todavia, nela a lâmina de dois gumes cravada no punho e

¹ Tito, assinando o ano de 1563 ao termo da actividade impressoria da viuva, e o de 1568 ao estabelecimento de Antonio Gonçalves, abriu uma margem de 5 anos ao destino que teriam «os prelos, os tipos, as vinhetas», que «passaram naturalmente a outros possuidores».

Em nosso sentir —e assim o exprimimos em nossa alegada *Noticia*— não ha nada disto. A viuva, ou morreu ou trespassou a casa, depois de 21 de março de 1564, a Marcos Borges, se são certas as suspeitas que, a respeito deste, já fizemos entrevêr, e o material não havia de ter muito tempo para andar perigrinando, antes de ir parar ao poder de Antonio Gonçalves, pois que em 17 de setembro de 1566 já nós o encontramos estabelecido, como declaramos supra.

² Aos menos versados no assunto cumpre explicar que ha uma 2.ª edição deste livro, datada de 1755, tão rara, porém, como a primeira.

guardas em forma crucifera, que é o distintivo da Ordem, e campeava no espelho do envasamento, a que a corôa de louros serve de moldura.

Por conseguinte, tendo sido o *Tratado de la vida loores y excelencias del... apostol San Iuan* o unico em que se amostrou intacta, depois da sua primeira aparição, a portada de que se trata, salvante a pequena eliminação a que nos referimos, a descrição que Tito de Noronha dela faz, applicando-a à do *Summario*, que toda a gente pode ver que não tem alabardas nem lanças, que não tem troféus, que não tem nada «pela parte detraz dos capacetes»; que não é, em suma, senão o *terceiro*, ou, pelo menos, o *segundo*¹ dos exemplares, conhecidos, que saíram a lume depois da mutilação operada, é, não só descabida, mas causadora de confusões, difíceis de desfazer perante os menos versados na matéria.

Ora, estas confusões aumentam-se, dizendo Tito que em 1554 saíra o *Tratado*, servindo a enquadrar o rosto «a mesma portada». — A mesma, decerto, mas, apenas com a ablação do emblema da Ordem, *completa* em tudo mais; *completa*, como poucos a hão-de conhecer, porque o que raros sabem, ou saberiam antes de Tito de Noronha o contar, mal contado, como vemos, é que desde 9 de agôsto, pelo menos, de 1554, tal portada não ficou sendo senão um reflexo do que fôra em 1548. Com a mutilação que sofreu nas armas, nos «troféus», que Noronha attribuiu ao *Summario*, em vez de os descrever applicados ao *Tratado* do frade navarrino, êste frontispicio ficou sendo uma espécie de Abelardo, das artes de impressão portuguezas do seculo XVI.

Manifesto se torna daqui, que o que Tito diz acêrca da *Doctrina de principios* é puro pleonasmô, no tocante à ausência das «lanças». Êste livro está no caso do *Summario*, *mutatis-mutandis*, no que respeita às datas de aparição, circumstância que nenhuma importância tem para o caso. Apareceram ambos sem troféus².

¹ Conforme se quizer estabelecer a precedencia, entrê este livro e a *Doctrina de principios*, visto que nem um nem outro têm data, como ficou dito.

² Fixemos em breve *Quadro* as datas de aparição de todas as obras mencionadas:

Regra de Santiago—3.^a ed. de Galharde—15 de Junho de 1548—Frontispicio *ad hoc*.
Tratado de Fr. Diogo de Estella—4 de agosto de 1554—Frontispicio tal qual, menos o distintivo da Ordem.

Sentencias—13 de novembro de 1554—Frontispicio mutilado.

Principios de christandade—Fins de 1554, ou principios de 1555.

Agora, pelo que toca a António Gonçalves, o que Tito escreveu é que tem importância suma; não pela dos acertos, em que não abunda, mas pela das gravíssimas inexactidões, de que está cheia, comprometedoras, até, dêsse mesmo incompleto êxito a que ficou limitada a sua, aliás, tão oportuna monografia.

Tito de Noronha fixa o estabelecimento de António Gonçalves em 1568, por ser dêste ano que viu datados os primeiros testemunhos da actividade independente deste impressor. Abstraindo da questão de saber-se se não haverá algum trabalho de António Gonçalves, produzido antes daquele ano, devendo-se atender a que a cautela nos manda pôr de sobre-aviso a êste respeito, uma vez que é fácil de provar, até pelos próprios frontispícios, conhecidos, do século xvi, que obras houve de tal século que não chegaram até nós, ¹ de certo, temos o que já dissemos:—que em data de 17 de setembro de 1566 já António Gonçalves estava estabelecido. E acrescentaremos agora:—na Costa do Castelo, «na rua que vai do Postigo de Santo André ao Baluarte de Sam Lourenço», no bairro conhecido pela designação (antes, do que denominação) de «rua das casas de Manoel Afonso», antigo assento da chamada Vila Quente; tudo tal qual consta da nossa já alegada *Notícia*.

Não sendo natural que entre tal data e o ano de 1568 António Gonçalves permanecesse inactivo, aí está já margem larga para se reconstituir a bibliografia industrial do impressor dos *Lusiadas*, se tal cometimento fôr possível.

Bem sabemos que não podia Tito, com respeito ao tão falado impressor, ter outra notícia, que não fosse a indirecta, resul-

Summario de Rodrigues de Oliveira—Idem, idem.

Reportorio dos tempos—1563.

Dito—1570.

Lusiadas—1572.

¹ O do n.º A-149, da Sala dos Reservados da Biblioteca Nacional, por exemplo, que, assim como o de que estamos tratando, foi expressamente feito para uma outra obra, diferente desta em que foi aplicado, mas que se não conhece.

¿Entanto, quem nos dirá que sumisso levou a 1.ª ed. da *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que em 1561 teve nova edição, e que feições, teve a 1.ª ed. da *Comedia Ulyssipo*, do mesmo autor? ¿Quem nos dirá se realmente existiram os *Triumphos de Sagramor*, e se as conjecturas de Innocencio, acêrca da existencia desta obra prevalecem ou não? ¿Quem nos resolverá o problema das edições portuguezas do *Palmeirim de Inglaterra*, de que se diz ter havido uma edição em 1564, a qual seria já terceira, a respeito de duas outras anteriores, que totalmente se não conhecem? Quem nos resolverá tantas e tantas dúvidas desta materia e valor, que estão esperando, e continuarão, provavelmente, por largo espaço a esperar solução satisfatoria;—noticias de vista pelos reconditos de tantas bibliotecas de amadores, ciosos de seus recatados tesouros?!—Veja-se, a respeito do *Palmeirim*, o que diz Manuel Odorico Mendes, em seu *Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra*,—Lisboa, Tip. do Panorama, 1860. 8.º grande, 79 pag.

tante da primeira data, conhecida, de uma impressão da sua officina, as *Poesias* de Cadaval Gravio. Circunstâncias excepcionais nos permitiram dar os pormenores que aqui se têm lido, acêrca dêste impressor, e da viúva Galharde, respigados em a *Notícia* que em 1911 publicamos, e a que já aludimos. Não é, pois, o atribuir Tito de Noronha ao ano de 1568 o estabelecimento de António Gonçalves que nos admira. O que nos causa sincera pena, é ver o illustre bio-bibliôgrafo, como que trabalhando contra o principal empenho da sua muito bem vinda monografia, afirmar que António Gonçalves, além da portada que servira ao *Summario*, à *Vida de San Juan*, e depois de aparada, às *Sentencias* e à *Doctrina de princípios*, ainda possuía outra, que também pertencera a Germão Galharde, e êle, António Gonçalves, aproveitou, em 1570, para a reimpressão do *Reportorio dos tempos*, dêsse ano! Isto é que nós achamos estupeiando, numa obra que se applica a mostrar, embora mal, que o frontispicio verdadeiro dos *Lusiadas* de 1572 é o mesmo que serviu ao *Tratado* de Fr. Diogo de Estela; o mesmo que «depois de aparado», para usar o vocábulo empregado por Tito, serviu, às *Sentencias* e restantes obras citadas!

—¿Pois então a gravura do *Reportorio dos tempos*, de 1570 não é a mesma gravura dos *Lusiadas*, de 1572?!

¿E a gravura dos *Lusiadas* de 1572 não é a mesmíssima gravura do *Reportorio* de 1563, do *Summario* e da *Doctrina*, do provável ano de 1554; a mesmíssima das *Sentencias*, de certeza publicadas em novembro dêsse ano?—¿E todas estas estampagens não se apresentam no estado em que ficou a chapa, em resultado da mutilação nela realizada, quando, tendo sido empregada no *Tratado* de Diogo de Estela, após a sua primeira e original applicação ao livro para o qual fôra desenhada e aberta, a *Regra de Santiago* de 1554, se resolveu reduzi-la ao aspecto em que veio a tornar-se para todo o sempre célebre?!

¿A que vem, portanto, o estabelecimento, mais do que intempestivo, inexacto, de uma *dualidade* que o próprio autor não reconheceria, se tivera tido tempo para pensar o seu escrito, e lhe não pode senão prejudicar o judicioso empenho?

Fiquemos, pois, nisto, que é preito à Verdade, e concedamos que também o proprio Homero dormita às vezes.

Apesar destes senões, e de um que outro mais, por aqui, por ali espalhados, a Memória de Tito de Noronha—*A primeira*

Edição dos Lusíadas—teve um grande mérito, que a precipitação com que foi ordenada e impressa obstou a que se elevasse às merecidas culminâncias do grandíssimo triunfo que devia recompensar o seu autor conspícuo, por tanto, e tão a propósito trabalho ¹.

A Memória de Tito de Noronha teve o grande mérito de deixar demonstrada a inutilidade,—mais do que a inutilidade— a esterilidade de todas as discussões, acêrca da prioridade tipográfica, méritos e deméritos gráficos das duas célebres edições, intuitos inocentes ou culposos da que ficou patente ser *segunda*, a do Pelicano com o colo para a *direita* do leitor.

Este só serviço a redime, em nosso sentir humilde, de todos os apontados senões com que a precipitação no pensá-la, e a urgência no imprimi-la, a tornaram menos perfeita, do que, em verdade, se podia e devia esperar de seu autor.

Com efeito, desde que nesta Memória se revelou a existência anterior à publicação dos *Lusíadas* por António Gonçalves, de umas poucas de obras, em que figura o frontispício: Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor; desde que neste escrito se contou a variedade de peripécias porque passara esta famosa gravura de feições duplas, e se mostrou à evidência que a sua homonima não podia de modo algum continuar a disputar preferências de *original*: toda a questão de verdadeira, suposta ou positivamente afirmada, contrafeição fraudulenta e criminosa do Poema morreu. Morreu, como lhe teria acontecido no dia em que um de tantos críticos que, depois de 1850, versaram a matéria, se tivesse lembrado de averiguar o que, porventura, queria dizer certa observação ao frontispício da *Regra de Santiago* de 1548, feita por Jorge César de Figanieri, em sua *Bibliografia Histórica Portuguesa*, naquele ano publicada ²; *Regra* da qual declarou possuir um exemplar.

¹ Esta Memória—escrevemos para aqueles de nossos benignos leitores que, porventura, a não conheçam—não se limita só à parte noticiosa que temos examinado, e que é, afinal, a menos extensa, e sob o ponto de vista literário, a menos copiosa de elucidações. A parte histórica e crítica da excelente monografia tem verdadeiro valor, e patenteia de modo muito completo a grande extensão dos conhecimentos poligráficos de seu respeitável autor, e a subida competência que lhe assistia para tratar o assunto.

² Entre os críticos anteriores ao ano de 1850 avulta o Morgado de Matens, que assentou em que a 2.ª ed. deverá ter sido a *primeira*:

1.º porque aquela tinha *menos erros* do que a outra;

A isto respondeu Tullio que, «a chamada *segunda*» (isto é a *princeps*) tem 133, e a reputada *primeira* 160.»

2.º porque a portada da que reputou 2.ª ed. «está gravada de avessas».

Por nossa parte, perguntamos só:—¿Onde foi o Morgado de Matens adquirir se-

Todos êsses conflitos «*de Deo trino et uno*», em que diversos Arnobios se empenharam pela genuinidade de uma das duas famosas edições, existiram pela mesma razão que eternizaria hoje em nossos tribunais uma questão de «propriedade industrial», em que o autor, ao revés de se limitar a provar a contrafeição feita à sua *Marca de fábrica*, se empenhasse, mal aconselhado, em pretender demonstrar a falsificação do produto exhibido no mercado pelo seu desleal concorrente. Se os críticos que ventilaram o assunto, em vez de consumirem o tempo a enclavilhar os seus argumentos,—pró e contra,—sôbre as estâncias do Poema, a ver qual as arrancaria do tribunal da severa crítica lidimas de culposa fraudulência, se tivessem voltado para o que cumpria;—tratar de indagar de *vita et moribus* daqueles dois, por igual, suspeitos frontispícios; de onde vinham, por onde tinham andado, a quem haviam servido, antes de 1572, já tudo estava desde muito resolvido ¹. Um dêles teria saído triunfante do inquérito.

Veio, porém, em 1880, Tito de Noronha, e se, por grande infortúnio seu, não pulverizou tudo isso, como podia com um título e uma data apenas, trouxe ao menos à questão eficazes revelações, ainda que menos bem apresentadas, nos domínios da execução artística frontispicial do Poema. De tal iniciativa ninguém lhe poderá negar o mérito. Mostrou a Verdade, ainda que a não soube *demonstrar*.

Seguiu-se-lhe, em 1889, Gomes de Amorim, a quem também escapou o ensejo de resolver definitivamente o assunto, e apesar

meilhante certeza, não tendo jamais conhecido a gravura executada em 1548, nem, por conseguinte, sabido que ela fôra reduzida, em 1554, ao estado em que a mostrava o verdadeiro exemplar primeiro dos *Lusiadas* de 1572?

A observação de Fignaniere é esta:

«Esta edição traz no frontispício uma portada de gravura em madeira, muito semelhante á que vimos em uma das edições dos *Lusiadas* de 1572».

— O' Verdade! Quão longe, e quão perto!

¹ Nosso sempre lembrado amigo Gomes de Amorim, que chegou a tocar na porta, por onde poderia ter entrado com melhor exito, no muito bem entendido empenho de afirmar a prioridade da edição geralmente reputada por *segunda*, quando se lembrou, «*Introd.*» cit., pag. 109, do «direito de propriedade litteraria, que naquele tempo era garantido pelo privilegio real», demonstrava, a pag. 74, final da nota 1, de pag. 71, que desconhecia por completo este meio, graças ao qual na actualidade, um reivindicador da genuína edição poderia provar a contrafeição do frontispício dela, e por tal prova, a da propria edição, afirmando ficar demonstrado que «só pelo exame comparativo dos caracteres tipographicos do rosto, pelos do privilegio e das licenças, e pelas diferenças orthographicas é que as edições do anno de 1572 se podem distinguir entre si». — Todo o nosso grande sentimento, é que a Morte nos não permitisse levar á esclarecida consideração de nosso tão distinto quanto affectuoso amigo a prova de que era, pelo contrario, no exame analítico da gravura que principalmente se deveria ter insistido, para se chegar á verdade.

da muito positiva afirmação de nosso prezado amigo sr. Dr. Xavier da Cunha, incidentemente feita em 1893, certo é que este assunto ficára para resolver de modo indubitável e terminante, até á aparição da estampa zincográfica que motivou o nosso artigo do jornal *O Dia*, confirmatório dêste facto:— «A gravura frontispicial da *Regra de Santiago* é que é, modificada pelas mutilações de que foi objecto, a gravura frontispicial dos **Lusiadas** de 1572. Esta gravura é a que mostra o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

Passaremos agora ao exame pormenorizado da predita gravura, sob o ponto de vista da sua execução artistica, tal qual ella se mostra no 4.º gótico da *Regra de Santiago* e no *Tratado* de Fr. Diogo de Estela.

Este detido exame se rematará pela comparação dos dois frontispícios do Poema, referida á execução, por cópia transparente, do falso frontispício, tendo por fim corroborar e deixar bem explicita e indubitavelmente *provada* a genuinidade e prioridade do desenho onde o colo do Pelicano se amostra voltado para a *esquerda* do leitor.

Explicaremos, por ultimo o *simbolismo* dêste desenho, e mostraremos que as portadas das mais obras em que elle se apresenta, incluindo a dos **Lvsiaças** de 1572, já mutiladas, são quanto resta das quatro peças que compunham a primitiva gravura original, na *Regra* sobredita.

Lisboa, Janeiro, 1917.

GOMES DE BRITO.

Contos populares de Évora

Vol. REVISTA LUSITANA, XIX. 27-35

XX—A Flor da Rosa

Era uma estalajadeira e tinha uma filha. A mãe chamava-se Rosa e a filha a Flor da Rosa. E a mãe era muito vaidosa e perguntava a toda a gente:

—¿Qual é mais bonita, é a Rosa ou a Flor da Rosa?

E entraram-lhe a dizer que era a Flor da rosa. E ela com enveja escondia a filha e por fim mandou-a matar.

E mandou-a por uns homens que a levassem para o mato e que a matassem e lhe trouxessem a língua dela. E a menina tinha uma cadelinha e a cadelinha foi atrás da dona. E os homens levaram a menina e com dó dela não a mataram e ataram-na a uma árvore e cortaram a língua á cadela e trouxeram-na á mãe.

E a mãe ficou muito contente e perguntava a todos que iam á estalajem se já tinham visto cara mais bonita que a dela e todos lhe diziam que não.

E a menina lá ficou. E passou uma quadrilha de ladrões e viram a menina presa á árvore e soltaram a menina e ela contou tudo aos ladrões e porque é que a mãe a tinha mandado matar. E os ladrões gostaram muito da menina e levaram-na para casa deles.

E ela ficou com os ladrões e tratava da casa e fazia o comer para quando os ladrões vinham á noite.

E ia a estalajadeira perguntava a toda a gente:

—¿Já viram uma cara mais bonita que a minha?

E entraram a dizer á estalajadeira que havia uma cara mais bonita do que a dela.

E ela tinha uma pobre a quem dava esmola. E disse á pobre que visse ela se sabia quem era uma menina assim e assim como os sinais que lhe davam.

E a pobre tanto procurou que foi bater á da menina; e appareceu-lhe a menina e deu esmola á pobrezinha. E a pobre veio logo dizer á estalajadeira.

E estalajadeira mandou fazer uns sapatos envenenados que quem os calçava parecia morto.

E a velha levou os sapatos á menina a ver se ela os queria comprar. E a menina não queria os sapatos; e a velha começou

a ateimar e a dizer que os experimentasse que lhe haviam de ficar muito bem. E a menina foi a calçar os sapatos e ficou como morta.

E à noite vieram os ladrões e viram tudo às escuras. E entraram e deram com a menina no chão. E tiveram muita pena da menina e mandaram fazer um caixão muito rico e vestiram a menina muito bem e encheram-na de flores e fecharam o caixão e deitaram-no ao mar.

E o caixão andava a boiar e o príncipe daquela terra estava à janela e viu aquilo a luzir e mandou apanhar o quer que era.

Trouxeram-lhe o caixão; e abriram o caixão e deram com aquela menina morta. E o príncipe tinha mãe que era a rainha e a rainha gostou muito dos sapatinhos que a menina trazia nos pés. E mandou-lhe tirar um para ver melhor e quando lhe tiravam o sapato e a meniua começou a mexer e a abrir os olhos e depois descalçaram-lhe o outro sapatinho e a menina ficou boa. E a menina contou então tudo ao príncipe e o príncipe disse logo à mãe que queria casar com a menina e casaram e lá ficaram muito bem, e bendito e louvado está o conto acabado.

XXI—Empada matou Feliz

Era um rei que tinha uma filha muito sábia que explicava tudo quanto havia. E o rei deitou um pregão que se houvesse alguém que fôsse capaz de dizer uma cousa que a princesa não explicasse, se fôsse homem casava com ela e se fôsse mulher dava-lhe uma grande soma de dinheiro. Isto souu-se pelo reino todo. E havia um rapaz, muito abrutado, lá do campo, e disse à mãe que queria ir à presença da senhora princesa. E a mãe entrou-lhe a dizer que não fôsse e ele tanto teimou que abalou. E a mãe com medo que lá o matassem e o fizessem penar meteu-lhe no alforje uma empada envenenada para ele morrer no caminho.

E ele levou a burra e a burra chamava-se Feliz. E ele lá no meio do caminho sentiu vontade de comer e puxou da empada para comer e teve dô da burra e deu um bocado da empada à burra e a burra entrou a estrebuchar e morreu. E ele foi andando e pôs-se a pensar:

—Ora já tenho uma adivinha para a senhora princesa: empada matou Feliz; vamos a ver se ela é capaz de explicar o que isto quiere dizer!

E armou-se uma grande trovoadas e começou a chover mui-

to e veio a cheia. E ele foi ver a cheia para cima dum penedo. E a burra vinha na cheia com cinco corvos em cima a comerem nela.

E diz ele:

—Já tenho outra adivinha: estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E chegou a palácio e bateu à porta e foi levado à presença da princesa.

E todos se riram dele. E a princesa perguntou-lhe o que é que ele queria que lhe explicasse.

—Empada maton Feliz estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E a princesa pôs-se a pensar e não podia atinar com o que aquilo fôsse e disse-lhe que fôsse ele lá no outro dia que logo lhe dava a resposta.

E a princesa vestiu-se de homem e foi à estalagem onde estava o rapaz e puseram-se a cear. E por fim continuaram a dormir no mesmo quarto. E ela perguntou-lhe o que é que ele fazia naquela terra, e tanto, que ele contou-lhe tudo e explicou-lhe a adivinhação.

E deixaram-se dormir. E pela manhãzinha ela acorda e viu claro e vestiu-se a correr e com a pressa e vestiu a camisa dele e abalou.

E ele acorda e o companheiro já lá não estava; e vai a vestir-se e quando ele vê uma camisa de mulher toda bordada. E logo percebeu que tinha sido a princesa que o tinha enganado e vestiu-se e enrolou a camisa e meteu-a debaixo do braço e pegou nos seus alforjes e foi a palácio.

E mandaram-no entrar e já estava a princesa e o rei e a côrte toda. E a princesa pediu-lhe para ele repetir. E ele tornou a dizer:

—Empada matou Feliz...

E ela disse-lhe logo:

Isso é muito simples: empada matou Feliz: foi uma empada que trazias e deste-a à burra que se chamava Feliz; estando nem no ar nem no chão: estavas com certeza em cima dalguma pedra; viste passar um morto com cinco vivos às costas: era a burra que vinha na cheia de ontem à tarde e os cinco vivos deviam ser cinco corvos.

E ele esteve a ouvir, esteve, esteve e quando ela se calou e diz-lhe assim:

—Ora se você não fôsse dormir no meu quarto já você não era tão esperta.

E pregou-lhe com a camisa na cara e abalou a fugir e ninguém mais o viu e todos da côrte conheceram a camisa e a princesa ficou muito envergonhada e nunca mais quis ser sábia e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXII—Os quatro vinténs

Era de uma vez um compadre pobre e um compadre rico. E o compadre pobre era sapateiro e era muito pobrezinho e vivia com muita precisão. E o compadre rico também era sapateiro e era muito fona e não era capaz de dar nada a ninguém. E uma vez o compadre pobre com muita necessidade e pediu quatro vinténs emprestados ao compadre rico. E o compadre rico emprestou-lhe os quatro vinténs. E passaram-se tempos e o compadre pobre já tinha muita vergonha de dever aquele dinheiro e não o podia pagar. E um dia disse à mulher:

—Ora mulher, já tenho tanta vergonha de devermos aquele dinheiro ao nosso compadre!

E diz-lhe a mulher:

—Ôlha, tu fazes-te doente e eu vou-lhe pedir para nos perdoar a dívida e êle com certeza que perdoa.

Assim foi. O marido meteu-se na cama e a mulher foi a casa do compadre rico:

—Ai, meu compadre, o meu marido está muito mal e sabe Deus quando melhor, se o meu compadre, ao menos nos perdoasse aquela dívida!

—Ora comadre, deixe lá a dívida, não lhe dê fezes, o seu marido em se pondo bom logo paga.

E não quis perdoar a dívida. E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

—Ôlha, eu vou dizer ao nosso compadre que tu morreste e êle, com certeza, perdoa os quatro vinténs e ao depois diz-se que foi uma cousa que te deu e pronto e ficamos livres da dívida.

E assim foi. E a mulher foi a chorar:

—Ai, meu compadre, que o meu marido morreu, se o meu compadre nos perdoasse aquela dívida!

E diz o compadre:

—Bem, então visto isso, quando êle se enterrar eu perdoou a dívida.

E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

— Ôlha, eu vou a casa do nosso compadre sacristão e combina-se o entêrro para as ave-marias e êle diz que já é tarde para se enterrar o defunto e que de madrugada se enterra e o nosso compadre perdoa os quatro vinténs e depois diz-se que tu voltaste a ti e pronto e ficamos livres da divida.

E assim foi. A mulher foi á do sacristão e contou-lhe tudo e lá combinaram como tudo havia de ser.

E cá o compadre rico e vestiu o fato preto e foi ao entêrro. E chegaram á igreja e o sacristão disse logo:

— Bem, isto já é tarde e eu amanhã de manhãzinha cá enterro o defunto.

Diz logo o compadre rico:

— Pois eu fico a acompanhar o meu compadre e aproveito e vou buscar o serão.

E foi a casa buscar o serão e veio para a igreja.

E o compadre pobre estava no esquife, no meio da igreja a fazer de morto.

E o compadre rico pôs-se a ver adonde havia de ficar melhor para ver a fazer o serão e lembrou-se e levou a trepeça para cima do púlpito e pôs-se a amanhar uma obra.

E lá ficaram.

E uma quadrilha de ladrões e traziam uma manta cheia de dinheiro que tinham roubado naquele dia e tinham de fazer as partilhas. E chegaram ao adro da igreja e viram luz e foram espreitar e viram um morto.

E entraram e estenderam a manta no chão e puseram-se a contar o dinheiro. E o compadre rico ouvia aquilo e morto de curiosidade e começou a debruçar-se do púlpito para ver o que era e tanto se debruçou, tanto, tanto que pregou com a alcofa da ferramenta do púlpito abaixo. E as ferramentas bateram no taboado e fizeram um grande barulho.

E os ladrões e ouviram aquele grande estrondo e puseram-a olhar e o compadre pobre do que é que êle se havia de lembrar: assenta-se no esquife e grita:

Acudam-me os meus irmãos defuntos
Se não forem poucos, muitos.

Ora os ladrões assim que ouviram aquilo, ô pés para que te quero, abalaram a fugir.

O compadre pobre não quis ver mais nada: salta do esquife, vai á porta da igreja, dá volta á chave e pronto e lá ficaram os dois vá de repartir o dinheiro.

Cá os ladrões, passado um bocado foram outra vez à igreja ver o que seria aquilo. E viram a porta da igreja fechada e puseram-se à escuta e quando êles ouvem lá dentro uma voz:

—Ó compadre, os meus quatro vinténs que não esqueçam.

E diz um dos ladrões:

—Ôlha quantos êles são, que de tanto dinheiro só calha quatro vinténs a cada um!

E foram-se embora e os compadres lá ficaram e bendito louvado, conto acabado.

XXIII—A mão do almofariz

Era um velho e tinha una filha que era pastora e o velho um dia encontrou uma mão de almofariz de ouro. E veio para casa muito contente e amostrou à filha aquela prenda tam rica e a filha disse-lhe assim:

—Ôlhe pai, ninguém mais pode dar aprêço a esta prenda senão o rei e o melhor é vocemecê ir a palácio porque só o rei pode ter um almofariz para essa mão e se não o tiver só êle é que o pode mandar fazer e mais ninguém.

E o velho foi e lá conseguiu entrar em palácio. E o rei perguntou ao velho quem lhe tinha dito para lá ir e o velho disse-lhe que tinha sido a filha dele e o rei diz-lhe:

—A tua filha é muito esperta, pois has-de-lhe dizer que quero que ela cá venha para eu a conhecer mas ôlha que ela ha-de cá vir nem de noite nem de dia, nem vestida nem despida, nem calçada nem descalça, nem a pé nem a cavalo, senão tu vais a morrer.

E o velho veio para casa muito triste e contou à filha o que o rei lhe tinha dito. E ela disse-lhe logo:

—Não lhe dê fezes.

E arranjou uns alforjes e encheu-os com terra e pôs os alforjes em cima da burra. E calçou um sapato e deixou só ficar a camisa no corpo e escarranchou-se na burra e lá foi a caminho do palácio e chegou à noitinha. E ia nem de noite nem de dia, e ia nem vestida nem despida porque levava a camisa, e ia nem calçada nem descalça porque levava um pé calçado e o outro não, e ia nem a pé nem a cavalo porque ia na burra mas levava os pés na terra.

E o rei assim que viu aquilo e achou-lhe muita graça e gostou muito dela e casou com ela.

E ela ficou sendo a rainha. E era muito esperta e resolvia

tudo e fazia justiça a todos. E todo o povo gostava muito dela e ela entremetia-se em todos os negócios do rei e resolvia tudo melhor que o rei. E quem queria um conselho ia ter com a rainha. E o rei entrou a não gostar daquilo, porque ela sabia mais do que êle.

E um dia e um homem tinha uma égua e a égua tinha um potro. E ia por uma estrada adeante e o potro ia a brincar atrás da égua. E passou um homem a cavalo num cavalo e o potro na brincadeira e começou a ir atrás do cavalo e deixou a mãe. E o homem da égua e começou a gritar ao outro para lhe enxotar o potro e diz-lhe o outro:

— O potro é meu.

E começaram numa grande questão porque ambos queriam o potro.

E vieram ao rei. E o rei ouviu-os e disse assim:

— ¿Para que lado é que o potro ia?

E êles disseram-lhe que ia atrás do cavalo.

— Pois se êle ia atrás do cavalo é porque é do dono do cavalo.

E o homem da égua e foi para casa muito desconsolado porque o rei não lhe tinha feito justiça; e aconselharam-no a que fosse ter com a rainha. E o homem foi e contou tudo à rainha e a rainha riu-se muito e disse-lhe assim:

— Ôlha, amanhã, o rei há-de passar a tal sítio assim e assim; e tu põe-te a cavar no meio da estrada e o rei ha-de-te perguntar o que andas tu a fazer e tu respondes-lhe que andas a ver se apanhas umas sardinhas e êle ha-de-se admirar e tu responde-lhe que um cavalo ter potros ainda é mais para admirar.

E assim foi.

E o homem e pôs-se a cavar no meio da estrada e vem o rei e viu o homem a cavar e perguntou-lhe:

— ¿O que andas tu a fazer homemzinho?

— Ó meu senhor eu ando a ver se apanho aqui umas sardinhas.

Diz o rei:

— ¿Sardinhas em estrada, foi cousa que nunca vi!

— Pois cavalos terem potros foi cousa que também nunca ninguém viu.

E o rei lembrou-se logo da questão da véspera e disse:

— Bem, vai buscar o potro que o potro é teu, mas isso aí andou a rainha.

E foi muito zangado para palácio e disse à rainha que se fosse embora porque elle não a queria mais ver; mas que em paga do bem que ella o tinha tratado que podia levar de palácio a prenda que ella mais gostasse.

E ella calou-se e preparou a sua roupa. E às escondidas e mandou comprar dormideiras e deitou-as no chá que o rei havia de beber.

E o rei bebeu o chá e deixou-se dormir que nem uma pedra. E ella meteu-se numa seje e levou o rei para casa do pai dela. E deitou-o na cama dela que ella tinha quando era solteira.

E de madrugada e o rei acordou e olhou para o teto e viu a claridade a entrar pelo telhado porque o telhado era de telhavã; e percebeu que estava deitado na palha e quando elle começou a ouvir os borregos:

— Mé, mé.

E diz:

— Mas onde estou eu?

E diz-lhe ella logo:

— Ora essa, está em casa de meu pai. Vossa Alteza disse-me que trouxesse a prenda que eu mais gostasse; e que melhor podia eu escolher?

E o rei achou-lhe muita graça e levou-a outra vez para palácio e nunca mais se zangou dela se meter nos negócios dele e pelo contrario queria-a ouvir sempre em tudo e lá estão muito felizes e nunca mais houve um rei que melhor governasse que o rei daquele reino e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXIV—Terroxoxô

Era uma mulher casada e dizia a toda a gente que o marido gostava muito dela e que se ella morresse o marido não casava com outra. E uma vezinha dizia-lhe que não, e tanto, tanto que a vezinha uma vez disse-lhe:

— Ôlhe, vossemecê finja-se morta e depois ha-de ver.

E assim foi. O marido veio para casa e encontrou a mulher morta.

E a vezinha veio logo a correr e disse ao homem que não lhe desse fezes que ella arranjava tudo. E puseram a mulher no meio da casa e a vezinha disse-lhe assim:

— Ôlhe vezinho, eu não posso cá passar a noite mas mando para cá a minha filha para lhe fazer companhia para o vezinho não ficar só.

E fez uma cama para a filha ao pé da cama dele. E o homem foi-se deitar primeiro e a vezinha mandou a mulher dele deitar-se para lá e o homem julgava que era a filha da vezinha.

E ela pela noite adiante e deu-lhe vontade e pôs-se a urinar e êle então dizia-lhe assim:

Ai minha alma, meu serafim
Que até no mijar fazes terlintintim
Que a outra que o diabo levou (pronunc. *levô*)
Quando mijava fazia terroxoxô.

E a mulher acendeu a luz e deu-se a conhecer e só assim é que ela ficou sabendo o que os homens são e bendito louvado conto acabado.

XXV—Enl-rei passaro verde

Era duma vez um homem e tinha uma filha; e casou com uma mulher que tinha também uma filha. E a madrasta tratava a enteada muito mal. E a filha disse ao pai que já não podia sofrer a madrasta e o pai pôs-lhe casa à parte.

E um dia a menina viu vir um passarinho muito bonito e o passarinho entrou a falar e disse-lhe:

—Arranja-me uma bacia de água, outra de leite e um laço de pita.

E abalou a fugir.

E ela assim fez e o passarinho veio e caiu no laço, e banhou-se na bacia de água e depois banhou-se na bacia de leite e saiu um príncipe.

E o príncipe disse-lhe que era êl-rei pássaro verde e que ela é que lhe tinha quebrado o seu encanto. E que nunca lhe fizesse nenhuma falsidade porque se lhe fosse falsa só o tornaria a encontrar depois de ter estragado três pares de sapatos de ferro.

E entrou a ir lá todas as noites; e ia, caia no laço, banhava-se na bacia de água, depois banhava-se na bacia de leite e saía um príncipe.

E a menina andava muito satisfeita. E a madrasta entrou a desconfiar. E disse-lhe que a irmã havia de lá ir passar uma noite com ela e ela mandou comprar dormideiras e deu-as à irmã na água e ela deixou-se dormir e não viu nada. E quando veio para casa e disse à mãe que não tinha visto nada e a mãe perguntou-lhe se ela tinha bebido água. E ela disse que sim e a mãe ensinou-lhe que para a outra vez deitasse a água fora.

E a irmã voltou lá outra vez e pediu água e fingiu que bebia e aventou-a para o lado da parede. E viu tudo e veio contar à mãe que tinha entrado um príncipe assim e assim.

E a mãe fez um laço de navalhas e pôs o laço na janela.

E no outro dia veio o passarinho e caiu no laço das navalhas e feriu-se todo e abalou a fugir e não tornou a aparecer.

E ela veio à janela e viu tudo cheio de sangue e o laço das navalhas. E logo viu que tinha sido falsidade da madrastra. E mandou fazer três pares de sapatos de ferro e foi correr mundo à busca de êl-rei pássaro verde.

E foi andando, andando e já tinha estragado um par de sapatos de ferro. E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— A senhora sabe-me dizer adonde mora êl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas o meu filho é o sol, êle anda por todo o mundo talvez êle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

À noite veio o sol.

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filho, é uma pelingrina que procura êl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma nós e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade e a pelingrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— A senhora sabe-me dizer adonde mora êl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas a minha filha é a lua, ela anda por todo o mundo, talvez ela saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Pela manhã veio a lua:

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filha, é uma pelingrina que procura êl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma boleta e disse-lhe que só a par-

tisse quando tivesse muita necessidade e a pelingrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado o outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao longe e foi lá bater à porta.

Apareceu-lhe uma velhinha:

—A senhora sabe-me dizer adonde mora el-rei pássaro verde.

—Ôlhe eu cá não sei, mas o meu filho é o vento, êle anda por todo o mundo, talvez êle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Dai a bocado veio vento:

—Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

—Ora, filho, é uma pelingrina que procura el-rei pássaro verde.

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma castanha e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade, e a pelingrina e foi-se embora.

E fez-se noite e ela meteu-se debaixo de uma árvore. E as rolinhas faziam ninho naquela árvore.

E começaram a recolher-se e entraram a falar umas com as outras.

—¿Então que naticias há de el-rei pássaro verde?

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida.

—¿E então já não se poderá pôr bom?

—Pode, pode, mas as paredes tem ouvidos.

—¿Então como?

—Ai se alguém ouvisse! ôlhe, as nossas cabeças cortadas e torradas e feitas em pó e depois polvilhar três vezes o príncipe com êsse pó; põe-se logo bom.

E ela não quis ouvir mais nada. Esperou que as rolinhas sossegassem, sobiu à árvore, foi-se a elas, torceu-lhes o pescoço, cortou as cabeças e pela manhã foi a um monte ¹ pedir para lhe torrarem aquelas cabeças e ao depois moeu-as num almofariz e guardou aquele pó.

E foi andando e foi bater à porta do príncipe e pediu pouxada. Mandaram-na para a casa das pelingrinhas.

E ela partiu a nós; e apareceu-lhe uma dobadura de ouro,

¹ Monte em sentido alemtejano: casa de herdada.

a prenda mais rica que se pode imaginar. E pôs-se a dnbar. E as criadas da rainha e viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da dobadura e disse à pelingrina se lhe queria vender. E a pelingrina respondeu:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria porque o príncipe já estava a acabar, mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina porque o príncipe já nem dava por ela e a rainha tanto e tanto e deixou a pelingrina ficar no quarto do príncipe. E ela foi e polvilhou-o todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a boleta; e appareceu-lhe uma roca de ouro, uma prenda ainda mais rica do que a outra. E ela pô-se a fiar. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da roca e disse à pelingrina se lh'a queria vender.

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha tanto e tanto, lá a deixou ficar no quarto do príncipe.

E ela e foi e na mesma, tornou-o a polvilhar todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a castanha; e appareceu-lhe uma galinha com pintos, tudo de ouro, uma prenda, se as outras eram ricas, esta ainda o era mais. E pôs-se a dar de comer à galinha. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar á rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da galinha e disse à pelingrina se lh'a queria vender:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha lá a deixou ficar.

E ela foi e tornou a polvilhar o príncipe e assim que acabou de o polvilhar, o príncipe abriu os olhos e conheceu-a.

Ela então contou-lhe tudo, disse-lhe que a falsidade tinha partido da madrasta e ao depois o príncipe contou tudo à mãe e quem era aquella pelingrina e casou com a menina e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

BERNARDINO BARBOSA.

NOMES DE VENTOS

III

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos ¹ refere-se a *noruega* como nome de um vento rijo e frio na Beira-Alta. A expressão *vento noruega* é já antiga e indicava provavelmente um vento frio do norte.

Do *Auto de Rodrigo e Mendo*, por Jorge Pinto, cita o Dr. João Ribeiro estes versos:

«A lua faz mil mudanças
onde o vento é noruega». ²

Ainda hoje em Turquel (Alcobaça) chamam *noruega* ao vento frio de entre norte e oeste, acompanhado às vezes de grão ou aguaceiros. Na Ilha da Madeira *noruega* é o «tempo tempestuoso» ³.

Na revista brasileira *Sciencias e Letras* ⁴, o sr. Dr. João Ribeiro, menciona os ventos *alcoucês*, *maestro* ou *maastral*, *libecho* e *vendaval* (*vent d'aval*) «nome específico do vento sul entre os clássicos de quinhentos».

Alcoucês ou *algovês* era o vento do sul, de *alcouço* = sul, o lado do sul ⁵. Por *maestro* ou *maastral*, e ainda *maestral*, se designou o *mistral*, vento que no Mediterraneo sopra de entre o poente e o norte. Os marinheiros espanhoes chamam-lhe *mes-tral*, *mistral*, *minstral*, *maestral*. Em provençal: *maestral*, *magis-tral*. *Libecho* era o vento do sudoeste; em espanhol *leveche*, *lleveche*.

Vendaval significa hoje, de um modo geral, «vento tempestuoso, temporal». Antigamente, porém, era o nome do vento sul ou sudoeste, a par de *austro* ⁶. Em esp. *vendaval* = «viento fuerte, de la banda del Sur, inclinado á poniente» ⁷. Estas duas

¹ in *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa, 1911, pág. 431.

² *Frases Feitas*, I, pág. 159. (Rio de Janeiro, 1908).

³ *V. Folha de Viana* (de Viana do Castelo), de 9 de Agosto de 1916.

⁴ Rio de Janeiro. Ano V, pag. 22.

⁵ V. Viterbo. *Etudicário*, s. voc. *ALCOUCE* e *ALCOUÇO*.

⁶ O Dr. João Ribeiro, no artigo citado, dá varios exemplos clássicos para provar que *vendaval*, ou *duetro*, eram designações do vento do sul.

⁷ Rodríguez-Navas. *Diccionario Completo de la Lengua Española*. Madrid, 1907. s. voc. *Vendaval*.

formas proveem do fr. *vent d'aval* = «nom. que l'on donne, sur les côtes de l'Océan, aux vents du large, c'est-à-dire aux vents d'O., et particulièrement à ceux qui s'inclinent vers le S.» ¹.

Levante e poente, ou *ponente*, eram designações genéricas, respectivamente, dos ventos de leste ² e de oeste. Os marinheiros portugueses só aplicam hoje estas designações aos ventos que sopram no estreito de Gibraltar. No entanto elas estendem-se ainda algumas vezes às terras interiores e às costas do sul de Portugal: «*Lagos*, 23. Devido ao grande levante que fez ontem arribou aqui uma canôa de nome Violeta, procedente de Vila Rial de Santo Antonio...» ³. Na Póvoa-de-Varzim chamam *levante-corre-costa* ao vento de leste.

«Entre os quinhentistas, e sobretudo em Gaspar Correia (*Lendas da India*) *viração* é o vento que vem do mar; com ela entram nos portos e rios os navios, e com ela não podem sair. Só quando cessa a *viração* ou sopra o terral é possível a saída dos portos» ⁴. Também em espanhol *Virazon* é o «viento que suele soplar, de día, de la parte del mar [com buen tiempo]» ⁵. Em galego diz-se *maraxe* ⁶.

A *monção* dos trópicos, e especialmente do Oceano Índico, é o vento que sopra do mar para a terra, no estio, e inversamente no inverno. «A *monção* era muito conhecida dos antigos navegantes portugueses nos mares orientaes e elles a subdividião em *grande e pequena, monção do cedo e m. do tarde*, conforme os meses do anno, e o que lhes espantava era que, ao contrario da Europa, o peor tempo e tormentoso jazia entre Maio e Agosto, por isso chamavam ás épocas de monção: *tempos bonanças*» ⁷.

A antiga designação de *vento xarôco* = «vento terral», como define Moraes ⁸, ou = «vento quente de sueste, sobre o Mediterraneo», como diz o *Novo Dicionario*, provém do it. *Sirocco* = vento quente e sêco que sopra do Sará sobre o Mediterraneo. É ainda conhecida em Torres Vedras ⁹; e no Alentejo, como

¹ *Nouveau Larousse Illustré*, s. voc. *aval*. Oposto a este vento ha o *vent d'amont* — «Nom donné, sur les côtes et les rivières, au vent opposé à celui de l'aval, et venant de l'E, ou de l'intérieur des terres.» — *Ibidem*, s. voc. *amont*.

² «... porque vindo com tempo claro e bom vento Levante correndo a terra para o Cabo da Boa Esperança...» — *Historia Tragico-Maritima*, x, 63.

³ *Diário de Noticias*, de 20 de Fevereiro de 1916.

⁴ Nota obsequiosa do Dr. João Ribeiro.

⁵ Rod. — Navas. *Dic.*, citado, s. voc. *Virazon*.

⁶ Informação de D. Avellino Rodriguez Elias, jornalista, de Vigo.

⁷ Anotações à *Geographia* de P. Maria de Lacerda, pelo Dr. João Ribeiro, na edição Garnier, Rio de Janeiro.

⁸ *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1813, s. voc. *Xarouco*.

⁹ L. de Vasc. *Lições*, pág. 427.

«vento frio que no inverno sopra do Levante e a que tambem chamam *espanhol*» ¹. Na Trofa chamam *samôco* ao vento de entre leste e sueste. Evidentemente este *samôco* é outra deturpação do vocábulo italiano, talvez por influencia do nome toponimico *Samouco*. Dizem ali, a respeito deste vento:

«Vento *samôco*
venta muito e chove pouco» ².

A este vento chamam tambem, na Trofa, *soão*, ou *vento da Castanheira*, porque sopra dos lados da povoação daquele nome.

Ainda a respeito da nomenclatura dos ventos tirada dos nomes das regiões ou lugares donde eles sopram, acrescentarei o seguinte:

A maior parte das vezes um vento recebe em uma povoação o nome de outra que lhe está próxima, pelo simples motivo de soprar dos lados dessa povoação. Outras vezes porém essas designações teem character de apodos, quando applicadas a ventos violentos ou malsãos. «Em todos os ditados que se referem a ventos é regra constante que cada povo tenha má disposição contra o que está do lado do vento que mais nocivo lhe possa vir para a saude pública e para a agricultura» ³.

O ditado:

«De Espanha,
nem bom vento,
nem bom casamento».

representa um exemplo de velha animadversão, que estabeleceu uma fórmula largamente utilizada em Portugal nos apodos entre povoações próximas ⁴.

¹ Candido de Figueiredo. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1913. s. voc. *Xarôco*.

² Cp. *vento do Samouco*=vento do nordeste, no Vale-do-Cóina. *Samouco* é povoação do conc. de Alcochete. Relativamente ás povoações de Palhais, Santo António, etc. (Vale-do-Cóina), *Samouco* fica no rumo daquelle vento. V. *Revista Lusitana*, vol. xvii, pág. 199.

³ *El Folk Lore Betico-Estremeño*, pág. 114, por citação de T. Braga in—*O Povo Portuguez*, I, pág. 94.

⁴ Teófilo Braga cita como forma originária o ditado tópico espanhol:

«De Jerez	ni buen casamiento
ni buen viento,	ni mujer que tenga asiento»

(*O Povo Port.*, I, 94)

Nos *Essais Ethnographiques*, IV, 36, apresenta o Dr. Leito de Vasc. esta forma franceza, como o eco de uma tradição espalhada: «De l'Auvergne ne vient ni bon vin, ni bon vent, ni bon argent, ni bonnes gens».

Em Turquel (Alcobaça) chamam *vento de Teira* ao vento do sueste, para onde fica situada a povoação deste nome ¹. Como este vento é percursor de chuvas abundantes dizem:

«*Vento de Teira*
ceiva os bois e larga a geira».

ou então:

«*Vento de Teira*
toma os bois, derrega a geira» ².

Vento de Santa-Catrina, ou *catrineiro*, é ali o vento do sudoeste, porque a povoação de Santa-Catarina fica, relativamente a Turquel, naquele rumo. Ao vento do noroeste chamam *vento da Nazaré*, ou *atravessado*.

Em Cucujães (Oliveira-de-Azemeis) *vento de San-Marcos* é o vento do nordeste. O do norte é *vento do Marão*.

Lá para o Rabal (Bragança) dão o nome de *vento de Montouto* ao vento do noroeste. Como é vento impetuoso que derruba as árvores e produz estragos nas culturas, dizem:

«*Vento de Montouto*
não chega o pão de um ano ao outro».

Também lhe chamam *vento galego* ³, ou *furacão*.

No Alentejo *vento espanhol* é o vento de leste (=soão) ⁴, como na Guarda ⁵.

Ao vento do nordeste, que sopra dos lados de Burgos (Espanha), dão em Rabal o nome de *vento burgonês*, ou *cieiro* ⁶. Este vento causa às vezes prejuizos consideráveis nas vinhas,

Além dos exemplos portugueses que já registei nos dois artigos anteriores, e dos que inairo neste, cf. mais:

«Da Arruda
nem mulher,
nem mula,

nem venta,
nem casamento.»

(T. Braga. *O Povo Port.*, II, 352)

¹ Lagarejo a sueste do Turquel, na freg. das Alcobertas.

² V. José Diogo Ribeiro. *Memórias de Turquel*, Porto, 1908, pág. 72.

³ «Ha um vento particular chamado *vento galego*, quando elle sopra diz-se que foi algum galego que morreu arreventado. (Torre-de-Dona-Chama).—Leite de Vasconcelos. *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, pág. 47.

Em Hespanha chamam *viento gallego* «al viento cauro é noroeste, porque viene de la parte de Galicia».—*Ency. Séguir*, s. voc. *Gallego*.

⁴ V. Soeiro de Brito. *Astronomía, Meteorología e Chronologia Populares*. Espo-sende, 1890, pág. 23. (in-*Collecção Silva Vieira*, I).

⁵ V. Gomes Pereira. *Tradições Populares, Vocabulario e Toponymia da Guarda*. Espo-sende, 1912, pág. 48.

⁶ Cf. L. de Vasc. *Lições*, 428.

nas cearas e nas árvores de fruto, aí pelos meses de Abril e Maio. Dizem por lá que o que muito lhe modera a fúria destruidora é o facto de «passar por uma serra de alecrim». Mas em todo caso:

«*Vento burgonês*
é o que seringa o português».

De inverno este vento é frigidissimo, por isso lhe chamam *barbeiro de navalha muito áspera*. Como ele vem da banda da povoação de Aveleda, dizem os de Rabal:

«De Aveleda
nem bom vento,
nem bom casamento».

Em Elvas diz-se que o vento que sopra do sudoeste é *tramoceiro* (= *estramoceiro*), por vir das bandas de Estramores (Estrémoz). É mau vento, porque traz sempre chuva. No Vimieiro, quando sopra este vento diz-se que vem *das adegas de Évora* ¹.

Ao sul da Ilha de San-Miguel chamam *formigueiro* ao vento do sueste, porque vem dos lados dos ilhéus das Formigas.

Vento da Covilhã é o vento do sul, na Guarda, Em Melgaço chamam *vento da Grova* ao vento do nordeste ².

Em Macieira-de-Alcoba dão o nome de *vento do Caramulo* ao vento do sul. A este vento, ou ao do sudoeste, que precedem ou acompanham chuvas abundantes, chamam no concelho de Ponte-da-Barca *vento braguês*. E dizem:

«*Vento braguês*
chuva um mês».

Diz-se que o vento norte afasta as chuvas, ou «varre as nuvens e trovoadas». Em França chamam-lhe *balai du ciel*. «*Il balaye les nuages*» ³. Ao vento do noroeste, ou *galego*, chamam os espanhoes *la escoba del cielo*:

«El viento gallego
es la escoba del cielo» ⁴.

Nos concelhos de Espôsende e Póvoa-de-Varzim chamam também *escova* ao vento norte ⁵.

¹ V. Soeiro de Brito. *Astronomia*, etc. pág. 32. Cf. L. de Vasc. *Lições*, pág. 429.

² V. *Jornal de Melgaço* (Melgaço), de 23 de Fevereiro de 1909.

³ V. P. Boissière. *Dictionnaire Analogique*. Paris, s/d. s. voc. *vent*.

⁴ T. Braga. *O Povo Português*, I, 96.

⁵ V. Candido Landolt. *Folk-Lore Varzino*. Póvoa-de-Varzim, 1915, pag. 162.

Em Turquel chamam ao vento norte *rei-dos-ventos*, por ser vento seguro, portador de bom tempo. Ainda assim dizem também por lá:

«Q'ando Deus q'ria
do norte chovia».

Quando este vento sopra com violencia, é bom desconfiar dele, porque indica mudança de tempo:

Norte brabo
chuba no cabo».

«Norte bravo
ou soão, ou orvalho» ¹.

(conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez).

(Turquel).

Norte-alto, em Turquel, é o vento do nordeste. No Alentejo dão este nome, e também o de *serrenho*, *sarrenho*, *serrano* (por vir do lado das serras), ao vento do norte ². *Vento da montanha*, ou *da penha*, é o vento de leste (Guimarães) ³. Ao vento do nordeste dão pitorescamente, na Póvoa-de-Varzim, o nome de *prega-calotes*. ⁴

A antiga designação de *vento de baixo*, aplicada ao vento do sul, usa-se também em Turquel ⁵. Na Póvoa-de-Varzim chamam a este vento *rasteiro-neblinoso* ⁶. No Alentejo, ao vento do sul, ou do sudoeste, dão o nome de *vento do pégo*, «que é o vento da chuva ou da inverna» ⁶.

Do vento do sueste dizem no Tejo que «é a mãe da auga». Aos ventos do sueste e do sudoeste chamam, respectivamente, na Póvoa: *morno*, e *alimpa-gata* ⁷.

Vento do mar, ou *marreiro*, em Turquel, é o vento de oeste. A este vento chamam na Póvoa *gaivoteiro* ⁸. No Tejo denominam também *vento de fora* o *vento do mar* = vento de oeste ⁷.

¹ Ao vento norte, frio e de intensidade violenta, que produz às vezes consideráveis prejuízos, chamam em Espanha *cierzo* (lat. *circius*), ou *transmontano*. Nas litorais da Istria e da Dalmácia sopra um vento violentíssimo do nordeste, a que chamam *bora*.

² V. S. de Brito. *Astronomia*, etc. pág. 22.

³ V. Leite de Castro. *Folk-Lore Vimaranesse*. Esposende, 1908, pág. 24.

⁴ Landolt. *Folk-Lore*, pag. 162.

⁵ «En la parte S. O. de Galicia soele decirse que quando sopra el viento de Portugal [=vento do sul], viene mal tiempo. Aunque á veces según el dicho popular gallego:

«Cando Dios queria
tamen do norte chovia»

(Inf. de D. A. Rodríguez Elias)

⁶ Brito. *Astronomia*, pág. 162.

⁷ Em fr. *vent de mer*, ou *vent d'aval* (=vento de oeste), em opposição a *vent de terre*, ou *vent d'amont* (=vento de leste).

Por opposição a *vento mareiro* = vento que sopra do mar, dizem em Esposende *vento campêiro* = vento de leste, que sopra do lado dos campos.

Vento terrenho era o mesmo que *vento da terra*, ou *terral*: «... fomos velejando ao largo da costa com ventos terrenhos...»¹.

Ao vento que acompanha o curso do sol ([*ventus*] *solanus*) chamam também *soão* em Rabal (Bragança), em Turquel, e em geral por todo o Alentejo. Naquela povoação transmontana attribuem a este vento a criação dos bichos nas cejas. Como ele queima as cejas e obriga por isso os proprietarios a aumentarem os salários aos cegadores, costumam estes dizer:

«Aperta soão
que as geiras elas darão.»

«Aperta soão
que a mim me chamarão.»

Em Turquel teem este vento como doentio, por causa das mudanças bruscas de temperatura que ele provoca. Dizem que este vento «matou o pai com calor na ceifa, e a mãe com frio no apanho da azeitona». Refere-se-lhe o seguinte ditado:

«Ano soão
Ano de pão,

— chovendo,
se não, não»².

No Alentejo diz-se que o *soão* «é o vento mais frio *d'enverno* e mais quente de *v'rao*»³. No Vale-do-Côina crê-se que o *soão*, como o vento norte, ou nordeste, de verão, faz danar os cães. «São ventos sequeiros que queimam os pastos e fazem secar a *auga*»⁴.

Como o *soão*, em Turquel, vem do lado da serra dos Candeeiros, ou de Albardos, chamam-lhe também *vento da serra*, — e *calceteiro da serra*, porque faz secar as lamas dos caminhos, endurecendo o solo⁵.

A *rafada*, que em linguagem marítima significa «violência súbita mas passageira de um vento»⁶, equivale *refrega-de-vento*, ou simplesmente *refrega*: «...o impeto de vento tão incompor-

¹ F. Mendez Pinto. *Peregrinação*, cap. 23.

² Diogo Ribeiro. *Memorias de Turquel*, 72.

³ Brito. *Astronomia*, pág. 23.

⁴ É o *solano*, ou *viento solano*, da Espanha (*ventus solanus*), galego *soan*. (Algunos [em Galicia] dicen *soao*. — Inf. de Rod. Elias).

⁵ Ribeiro. *Mem. Turquel*, pág. 72.

⁶ V. O. de Pratt. *Nomes de Ventos*, II. (Separata da *Rev. Lusit.*, vol. XVIII).

tavel e de refregas tão furiosas que não havia homem que as podesse esperar com o rosto direito» ¹. «... que uma refrega de vento lhe levara tres homens ao mar, e os lançara tão longe como quási um tiro de pedra...» ².

A par de *rafada* ha *rafa* no mesmo sentido. «[A polaca] era embarcação vulgar no Mediterraneo e própria para amainar com facilidade a qualquer rafa violenta e imprevista» ³.

Vulgarmente, a uma súbita violencia de vento, com pouca duração, dá-se o nome de *pé-de-vento* (fr. *pied de vent*), ou *rabanada-de-vento*. Antigamente dizia-se *pêgão-de-vento*: «... sendo já passadas as duas horas depois da meia noite, nos deu um pegão de vento tão rijo, que todas as quatro embarcações, assim como estavam, vieram á costa e se fizeram em pedaços» ⁴.

Em linguagem náutica *vento largo* é o vento que a embarcação recebe pelo través da pôpa: «O navio que navegar com vento largo deve deixar livre o caminho do que navegar á bolina» ⁵. Em fr. *vent large*; em ingl. *Free* ou *Leading wind* ⁶.

Os torvelinhos, que resultam do embate de duas correntes opostas de vento, chamam-se popularmente *remoinhos*, *ramoí-nhos*, *remoinhos-de-vento*, *redemoinhos*, *balborinhos* (Briteiros), *barborinhos* (Guimarães), *puginhos* (Alentejo). O povo attribue-lhes influencia maléfica, e foge deles, esconjurando-os ⁷.

Quando o vento sopra do nordeste, no inverno, e caem alguns aguaceiros, diz-se que está *nordeste mijão*; no Tejo ⁸. *Mijão* «diz-se [em Setúbal] do vento noroeste, porque traz aguaceiros» ⁹. Se o céu se apresenta toldado de *cirrus-cumulus*, quando

¹ F. Mendez Pinto. *Peregrinação*, cap. 61.

² *Ibidem*, cap. 62.

³ Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*. Lisboa, 1903, pág. 13.

Em espanhol ha *ráfaga* e *racha*, com equal sentido.

⁴ Mendez Pinto *Peregrinação*, cap. 53.

⁵ Regras para evitar os abalroamentos no mar. (Decreto de 26 de Novembro de 1884.

⁶ Couto, no seu *Diccionario da maior parte dos termos homonimos e equivocos da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1842. s. voc. Vento, cita os seguintes ventos: «Diz-se em t. de mar. vento ponteiro, rijo, tezo; em pôpa, pela pôpa; pela prôa, a huma larga, pelo olho, á trinca, escasso, pé de vento, redemoinho, id. de cima, de baixo, da barra, .. geral, briza... tufão, pampeiro, vendaval, feito, durável, favoravel, á feição, contrario...»

⁷ V. L. de Vasconcelos. *Tradições*, 45; S. de Brito. *Astronomia*, 23; Cardoso Marta e A. Pinto. *Poeciore da Figueira da Foz*, II, 72; L. de Vasc. *Ensaíos*, II, 113; P. Sebillot. *Le Folk-Lore*, 129.

⁸ O nordeste e o norte são em geral ventos seguros, mas não é bom fiar. Lá diz o ditado:

«Quando Deus queria
do norte chovia».

De um modo geral diz-se em França: *Il pleut á tous vents*.

⁹ Novo Diccionario, s. voc. *Mijão*.

sopra o nordeste, classificam este vento de *nordeste encaramujado*; no Tejo.

É crença geral entre os marítimos do Tejo que os ventos começam a soprar, ou aumentam de intensidade (refrescam), quando se lhes assobia. «La croyance commune dans les marines européennes, d'après laquelle on voit venir le vent en sifflant, existe en Annam, dans l'intérieur de l'Afrique, etc.»¹. Também é costume, no Tejo, invocar os ventos exclamando: *refresca San-Lourenço!*

Os prenúncios de ventos pela observação das núvens são vulgaríssimos. No Tejo chamam *rabo-de-galo* (Vale-do-Cóina), ou *pé-de-craveiro* (Barreiro, Aldegalega) a uma aglomeração de núvens alongadas (*stratus-cirrus*), que irradiam em várias direcções, divergindo de um centro comum. Anunciam ventos fortes e às vezes chuvas.

Também é prenúncio seguro de vento uma nuvem pequena, de forma arredondada que, num céu muito limpo, corre velozmente em determinada direcção. O vento virá do lado donde ela vem (Tejo).

Olho-de-boi é uma nuvem avermelhada, no seio de uma massa de núvens brancas. Quando ela aparece deve esperar-se vento ou chuva. «*Oeil de boeuf*, nuage rougeâtre qui annonce du vent»².

Vários ditados meteorológicos que se referem a ventos:

«Ceu escamento
Ou chuva, ou vento».

(Vale-do-Cóina).

«Ceu pedrento
Ou chuva, ou vento».

(Estremadura, Alentejo).

«Tempo traz tempo,
E chuva traz vento».

«Mudam os sempos,
Mudam os ventos».

Diz-se em Turquel que «o vento não paga a barqueiro», aludindo-se á presteza com que ele salta de um para outro quadrante.

A inconstancia ou ausencia absoluta dos ventos é por vezes a causa das demoradas viagens dos veleiros. Para significarem a facilidade com que os barcos a vapor navegam com todo o tempo, dizem os marinheiros dos navios de vela que eles «tra-

¹ P. Sébillot. *Le Folk-Lore*. Paris, 1913. pág. 129.

² P. Boissière. *Dict. Analogique*. s. voc. vent.

zem o vento no porão». Na Galiza «tambien suelen decir algunos marineros veleros, envidiando la suerte de los que navegan en buques de vapor, que estos *levan o vento no ventre*, alusión al vapor de la caldera, que es lo que impulsa la nave» ¹.

As grandes agitações dos ventos sucedem por vezes largos períodos de calma, no mar. Diz-se *calma*, *calmaria*, *calmeiro*, *calmiço* (esp.: *calma*, *calmaria*, *calmazo*, *calmia*; it.: *calma*, *calmeria*). «Mar *calmão*», dizia-se antigamente. *Calmiço* é a calma poriódica de pouca duração, a certas horas do dia, em determinadas épocas ².

A calma diz-se *chata*, *branca*, *podre*, *estanhada*, *ralassa* (fr.: *calme plat*; ing.: *dead* ou *flat-calm*; esp.: *calma chicha*). Para se significar que ela é absoluta diz-se que «não ha um bafo de vento». Em fr.: *il ne fait pas une haleine de vent*, ou *une bouffée de vent* ³. No Minho: *nun bole ña folheirinha*.

«O ceu annuviado, de côr plúmbea ou cobreada em tempo calmoso, forma o que se chama [tempo] *emechornado*, do hespanhol *bichorno*» ⁴.

À aragem branda dá-se o nome de *bafagem*, ou *bafugem*: «...para d'ahi com as primeiras bafugens da monção fazerem sua viagem» ⁵. Em galego ha *arela* e *airexa* = cast.: *ventolina* e *brisa*.

Dezembro de 1916.

Azinhaira—BARREIRO.

ÓSCAR DE PRATT.

¹ Inf. de D. Avelino Rod. Elias.

«Les marins de la Manche racontent qu'un capitaine ayant été chercher les vents dans leur pays pour les mettre à souffler sur l'Océan, les enferma dans des sacs à fond de cale...»—P. Sébillot. *Le Folk-Lore*, pág. 127.

² «Aproveita-se o calmiço da madrugada, ou a agua estar parada, para com maior facilidade fazer este trabalho.»—Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*, pág. 143.

³ P. Boissière. *Dict. Anal. s. voc. vent*.

⁴ S. de Brito. *Astronomia*, pág. 25. «Este mesmo estado de inverno, acompanhado de vento frio, chama-se *Caramelero* e *Escaneve*.»—*Ibidem, idem*.

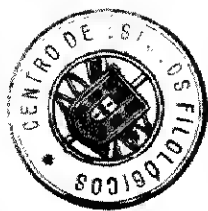
⁵ Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 53.

TRADIÇÕES POPULARES

DO

BAIXO ALEMTEJO

(OURIQUE)



I. O conto do pastorinho

Era uma vez um pae que tinha um filho que era pastorinho. E o pae ia todos os domingos de quaresma á missa. O padre prégava uns sermões muito bonitos e lá um certo dia ouviu ele dizer que o sermão do outro domingo havia de ser mais bonito ainda.

Ele veio de lá e disse ô mocinho que havia de ir á missa naquele domingo. E o rapazinho disse-lhe que não sabia aonde era.

— Olha, uão tem nada que saber. Vae aqui por este caminho fôra; p'radonde vires ir muita gente, vai tu tambem; onde pararem, pára tu tambem. E deixa-te estar ali na rua. Quando vires entrar muita gente p'ra uma casa, entra tu tambem, que lá é que é a igreja. E tudo que vires lá fazer, faz tambem.

O pequenito assim fez. Via ajoelhar, ajoelhava; via benzer, benzia-se; via levantar, levantava-se. Depois quando veio lá o tempo, o padre foi prégear o sermão. E prêgou que isto estava tudo pior, que estava tudo perdido. Que nontro tempo a estrada do ceu era tão larga, que cabiam dois carros á parelha; e a do inferno que não lhe cabia uma ovelha sem tocar com a lâ no mato. E agora era o contrario. Que estava a do inferno tão seguida, que lhe cabiam os dois carros á parelha, e a do ceu tão estreitinha que lhe não cabia uma ovelhinha sem tocar com a lâ no mato. E o rapazinho ouviu aquilo e ficou com aquela cousa nos ouvidos.

E veio outra vez p'rô pé do gadinho ¹. Depois, vê ele uma ovelhinha—lá a sua escolhida—vê ele tomar a ovelhinha por uma verêda fora.

—Olha a minha ovelhinha, vae alem por aquela veredinha tão estreitinha... Talvez que aquela seja a estrada do ceu.

E seguiu atrás da ovelha. Foi indo, foi indo, até que chegou lá a um convento. E a ovelha desapareceu.

¹ Expressão deminutiva muito usual dos pastores.

Foi para voltar para trás... «então eu agora não sei o caminho!» E foi á porta do convento perguntar se queriam ali concertar um rapazinho p'ra mandados. E os frades disseram que sim.

— Olha, calha bem, que o moço dos mandados saiu. Ajustamos-te.

Depois, ajustaram o rapazinho. Depois, assim que veio lá a hora do jantar, deram-lhe a sua reçanita ¹. Depois ele começa a andar ali pelo convento, e um dia foi ter lá á capela onde estava o Senhor crucificado. Diz-lhe assim:

— Coitadinho!... que está tão magrinho! Tem aqui este desgraçadinho... — Isto é com fome! Deixe estar que eu hei-de vir todos os dias comer a minha reçanita consigo.

E assim foi: No outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi lá p'rô pé do Senhor comer. E o Senhor fingia que comia. Depois, todos os dias, em lhe dando a reçanita, ia comer com o Senhor. D'ai lá ô fim de uns poucos de dias, começou ele a dizer:

— Coitadinho, já está melhor. Se eu aqui não venho dar, deixavam-no morrer aqui á ne'ssidade.

D'ai os frades deram am notar que ele todos os dias desaparecia com a reçanita e deram em espreita-lo. Um dia ouviram-no estar a falar, e escutaram o que era. Ouviram-no dizer:

— Coma, meu camaradinha, coma. Coitadinho! Já está mais gordinho. Se eu aqui não viesse dar, deixavam-no morrer de fome.

Depois, o frade, veio de lá e disse ôs outros: .

— Sabem lá? O que a gente tem no convento, é um santo.

E contou o que tinha ouvido. Depois os frades combinaram de dar um jantar, e disseram ô rapazinho que dissesse ô seu camaradinha se queria vir jantar com eles.

— Quer si senhora (*sic*), quer. Ora ele come o que lh'eu levo, não hade querer cousas tão boas. Quer si senhora (*sic*).

Depois, no outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi, e disse ô Senhor se queria vir jantar com os senhores frades lá no dia que eles destinaram. O Senhor disse que sim. Abanou-lhe a cabeça que sim.

Os frades trataram de arranjar tudo p'rá'quele dia. Mataram capões, piruns ⁽¹⁾, galinhas, vitelas... Tudo o que era bom. E

¹ O povo diz *reção* em vez de *ração*. Por isso o diminutivo *reçanita*.

¹ Forma popular de *perus*.

prepararam tudo muito bem composto. Tudo o que havia de grandeza naquele convento: pratas, roupas, tudo. Assim que tiveram tudo prompto, disseram ô rapazinho:

—Bom. Está tudo pronto. Vai dizer ô teu camaradinha que em querendo vir que venha.

E o Senhor disse-lhe:

—Desprega-me lá este braço.

E o pequenito foi e despregou-lhe o braço. Ele jogou-o aqui por cima do hombro do rapazinho. Depois disse-lhe que despregasse o outro. O rapaz despregou. O Senhor jogou-lhe o outro braço por cima. Depois que lhe despregasse os pés. E abraçou-se ô rapazinho, e veio até á casa onde estava a mesa posta.

Os frades estavam todos de pé á roda da mesa, á espera que o Senhor viesse.

Assim que o Senhor appareceu alem, caiu tudo por terra. Menino e tudo. Mas salvaram-se todos. Foram todos directamente para ô ceu.

Aquele convento estava todo em pecado. E o menino estava em graça; é que o salvou.

II. Romance

Estando uma bela princesa
No seu jardim assentada,
Deitando os olhos ao mar
Vi vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha
Muito bem a governava.

—Diga-me o meu capitão,
Diga-me pela sua alma,
Se lá vii morto na guerra
Uma prenda que eu estimava.
—Diga-me ô minha senhora
Os signaes que ele levava.
—Levava cavalo branco,
Cavalo branco levava;
Levava uma cruz de ouro
Na ponta da lança atada.
—Pelos signaes que vós dá (sic)
Lá o vi morto na guerra.
Detrás dum pinheiro os seus
Sepultura lhe fizeram.
—Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim triste coitada!

Que morreu o meu marido,
Já no mundo não sou nada.
—Quanto deras (sic) vós, senhora,
A quem vos (sic) trouvera aqui? ...
—Todo o dinheiro que eu tenho
Todo te eu dera a ti.
—Não quero o seu dinheiro
Que me não pertence a mim,
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui? ...
—De tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti.
Um moe cravo, outro canela,
O outro a folha do jasmim.
—Eu não quero os seus moinhos
Que me não pertence a mim.
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui.
—De tres filhas que eu tenho,
Novas, tres, te dou a ti:
Uma p'ra te descalçar,
Outra para te despir,
E a mais bonita que achar

Para convosco dormir.

—Não quero as suas filhas
Que me não pertence a mim.

Que darás mais senhora,
A quem vos trouver aqui:

—Não tenho mais que te dar
Nem vós mais que pedir.

—Eu queria de vós, senhora,
Era o seu corpo gentil.

—O' maroto que tal pede
Que tal se astreve ¹ a pedir!

Altos, altos, meus criados,
Venham todos já aqui:

Atem-no ao rabo do meu cavalo,
Corram pelo meu jardim.

—Veja lá minha senhora,
Veja lá se está lembrada,
De um anel d'ouro que eu parti
Numa cadeira assentado.

Mostre-me a sua ametade
Que a minha, vê-la aqui.

—Se vós eras (sic) meu marido,
Para que me tratas (sic) assim!

—Eu estava a ver, ó menina,
O amor que eu tinha em mim.

III. Origem popular do proverbio:

Preso por ter cão || Preso por não ter cão

No tempo em que os Hespanhoes governavam cá na nossa terra, era uma grande desgraça. De cada tantos porcos, de cada tantas galinhas, ovelhas, rêses ou chibos que a gente possuía tinha de dar um lance que era de cada quatro um.

—Ninguém ajuntava pé com orelha. Era uma desgraça.

E depois os moleiros eram obrigados a ter um cão, sob pena de ir para a cadeia. Mas um cão que não comesse farinha. E como não havia meio mais seguro de vigiar isso, era obrigação que o animal tivesse o focinho preto.

Uma certa vez, um moleiro que havia nesse tempo, tinha lá um canito que era muito bom, mas por infeliz sorte, tinha o focinho branco. Veio de lá a justiça um dia, e bumba! prendeu-o. O homenzinho tinha muito genio, e vae e mata o cão. Torna a justiça outra vez... O moleiro não tinha cão. E bumba! cadeia outra vez com ele. O homenzinho então costumava dizer:

— Isto é assim: preso por ter cão, preso por não ter cão.

IV. A procissão das almas

Muito espalhada no Baixo-Alemtejo esta crença, não é difficil encontrar pessoas que vissem ou ouvissem contar a outras mais velhas casos como estes succedidos em Ourique, do desfilar terrificante dos mortos.

Na rua da Umbria vivia em tempo uma mulher muito boa-

¹ Forma muito usual do verbo *astrear*.

zinha, e que não era de mentiras. Um dia levantou-se cedo para ir p'rô pégo, e ô depois, quando ela vê uma procissão. E vai a mulher e mete-se na procissão. E depois deram-lhe uma vela e a mulher aceitou. A mulher sempre metida na procissão deu uma volta á roda da Senhora da Assumpção (capela que serve de matriz em Ourique). E depois desapareceu tudo. E a mulher muito admirada veio p'ra casa. Quando foi olhar a vela, estava uma canela de defunto. Á noite estava ela ô lume: trás, trás (á porta).

— Quem está ahí?

— Faz favor de me dar o que trouxe ontem á noite!

E a mulher meteu a canela pela gateira.

— P'ra outra vez faz favor de se não meter onde não fôr chamada.

*

A senhora Ignacia Joaquina, uma boa mulher já falecida, que exercia o mister de parteira, e cujos braços honestos foram os primeiros que me ampararam quando eu vim ao mundo, também viu uma noite a triste procissão das almas. Naquela casa havia um costume, de estar sempre o postigo aberto enquanto a sua gente não entrava toda.

Uma noite ouve ela, parece-me que era uma hora, um hu-ri muito grande.

Vae a mulher, assoma-se ô postigo, vê ela vir uma procissão pela rua de S. Luis (a rua onde a Senhora Ignacia Joaquina morava). Ouve ela umas vozes muito tristes, muito tristes:

— Anda para diante.

— Como hei-de eu andar, se a minha mãe quando eu morri nunca me deu o apertilho com que eu amarrava o meu fatinho ¹.

A senhora Ignácia Joaquina jurou para nunca mais assomar-se assim àquelas horas da noite.

V. Abel e Caim

Eram dois irmãos. Um era Abel e o outro Caim. E depois, o Abel era muito bom e o outro um jogador. O Abel estava sempre a dizer:

— Ai, irmão Caim, não faças isso, olha que te perdes.

¹ É costume alentejano (pelo menos nalgumas terras do Baixo Alentejo, não deixar ir para a sepultura uma criancinha sem a cinta que segure os coeiros. A palavra *apertilho* tem aqui uma significação muito lata.

E ele nada de se emendar. Jogava com o Diabo e chegava a ter o chapéu já acagulado de almas ganhas ao Diabo. Mas o Diabo dava-lhe taes voltas, que l'has ganhava todas outra vez.

E o Abel sempre:

—Ai, irmão Caim, que te perdes!

—Ai, irmão Caim que te perdes, arremedava o irmão. E pegou numa caveira de um burro e matou o irmão.

Os anjos vieram buscar Abel e cantavam:

Já Caim matou Abel,
Duma morte inocente,

Já os anjinhos o levam
Para o ceu eternamente.

E o Caim perdeu-se. É um dos grandes Satanazes que ha no Inferno ¹.

VI. Oferecimento á Lua

Para ter sempre dinheiro:—De cada vez que a lua é nova e logo que qualquer a lorigue, não tem mais que mostrar-lhe uma moeda enquanto recita:

Deus te salve lua nova!
Lua luar!

Aqui tens o meu dinheiro,
Ajuda-mo a casar.

Repete-se tres vezes e reza-se um Padre Nosso e uma Avè-Maria a Nossa Senhora.

Para passar a dor de dentes:

Deus te salve lua nova!
E lua luzente!

Quem t'a ti fez lua nova,
Que me tire a dor de dentes.

Para as crianças não serem atacadas de lua, para não andarem aluadas:

Deus te salve, lua noval
Lua luar!
Aqui tens o meu menino,
Ajuda-mo a criar:

Eu por mãe,
E tu por ama.
Cria-o tu.
Que eu lhe darei mama ².

VII. Pesar a terra

Eficaz para livrar as crianças do maleficio do bruxedo:—Á meia noite leva-se a uma encruzilhada um Manuel e uma Maria, ambos virgens, e a criança embruxada. Esta é posta num prato de uma balança, dentro de uma alcofa.

¹ Já depois de ter isto escripto, soube que a narradora contava, não simplesmente uma lenda, mas sim uma lenda revivida num episodio de teatro de *Orra bibas*. *Orra bibas* é a corrotela da saudação favorita dos *fanteches*.—Ora viva! seria pouco comico.

² Acerca d'estes costumes cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, §§ 33-35.

A Maria diz:

— Cava, Manuel.

E ele responde depois de cavar a terra.

— Apanha, Maria.

Os dois ao mesmo tempo:

— Pra que Deus nos livre desta bruxaria.

Repetem isto até ter a terra suficiente na alfofa que serve de contrapeso á criança. O pai, se o tem, é que pega na balança.

Depois quando o peso está certo, isto é, quando a alfofa que contem a terra e a que contem a criança se equilibram, a Maria tira desta a criança que conserva nos braços enquanto o Manuel emborca a outra com a terra, no sitio onde se fez a pesagem. Colocam-se então frente a frente, *aternando* na direcção das quatro estradas e passam assim, dos braços dum para os doutro, a criança embruxada, de forma que se descrevam cinco cruzes. A roupinha que a criança trajar nesse momento fica lá.

VIII. Virtudes da envide ¹

Para que as bruxas não tenham entrada com as crianças:— Logo que a criança nasce, volta-se de bruços e com a envide, diz-se-lhe o credo em cruz nas costas.

Tambem se usa esfregar-lhe a cara com a envide para que saia córada e bonita, e as sardas lhe não peguem.

IX. Para a quebradura ²

Agarra-se num lagarto vivo e golpeia-se tanta vez quantas sejam necessarias para que ele deite sangue. Logo que isto succeda, unta-se a quebradura com ele, e deixa-se o largato em liberdade. Conforme este se for curando assim se curará o quebrado ³.

X. Outra receita

Eficaz nas criancinhas:— Faz-se uma incisão numa amoreira (e na falta desta, noutra qualquer arvore), ao comprido, e metem-se-lhe uns fios dos cueiros. Reza-se a Nossa Senhora.

¹ Ou *vide*—cordão umbilical.

² «Hernia».

³ Esta receita fornecia eu já ha tempos ao Dr. Claudio Basto para um dos seus estudos sobre medicina popular. Não sei porem se já está publicada.

XI. Para a diarreia verde

Quando as crianças têm dejecções verdes, pega-se num cueiro sujo e põe-se em cima do telhado e deixa-se lá para sempre. Reza-se a Nossa Senhora.

XII. Um esconjuro

Eu te benzo, eu te esconjuro,
Com a pata do meu burro
E a cebola albarran,

Para que te dê uma terça,
Que não dures
Té amanhã pela manhã.

Aljustrel, 19-12-916.

MARIA DA CONCEIÇÃO PORTUGAL DIAS.



VOCABULARIO BARROSÃO

A

a. Exemplo do seu emprego como preposição: *passar a* (em tal sitio); *fia-dor a uma divida; num entrei á igreja.*

abalar, ir-se embora (no sentido de ser para muito longe): «F. abalou para o Brasil».

abaluar, avaliar.

abanado, acabrunhado.

abanar, sacudir, abalar, agitar: «Abanar uma arvore».

abascada, nome insultuoso entre mulheres. Vid. «apaseada».

abecas, aivecas, (Pedrario e Tourem).

abelrado, beiral do telhado.

abelha, homem astuto: «F. é uma abelha!»

abental, peça de vestuario da mulher.

Em algumas povoações como Pádrôso é Vilar de Perdizes tem o mesmo nome uma especie de saia que usam os homens sobre os omellos, a qual aperta no pescoço.

abentar, abrir a boca dum animal para se saber a sua idade.

abéspora, vespera.

àbêsse, ás avessas (Fiães do Rio).

abestunto, bruto.

abezar, ter. Aquele sempre abeza uma saia quadrada!

ablichar, conseguir alguma coisa.

abô (int. admirativa e dubitativa), ágora!

abobeda, abobora.

abocanbar, melhorar o tempo (querendo significar uma *aberta* em tempo de chuva: «Parece que vai abocanhar».

abolada (a vaca), coberta sem efficacia.

abôno, estrume: um carro de abôno. Emprega-se muito.

abotecado, hipotecado.

aboucar, bater, esmoucar, e tambem fazer barulho, falar alto.

abrigado, pouco batido: caminho abrigado da chuva.

abrólega e **abrótiga**: certa planta dos montes. Ás *abrótigas* depois de sêcas, chamam *aguços*; os aguços são usados pelos pobres para iluminação das casas. Vid. Agnço.

acabáramos, acabámos.

acaçar, caçar.

ações, vermes que aparecem na carne e no queijo.

acendalhas, lenha meuda, chamiça.

achabouçado, mal feito: pião achabouçado.

achair, gradar (a terra). (Tourem).

achentar, aquentar. (Fiães do Rio).

achi, aqui. (Fiães do Rio).

acirrar, desafiar.

aclar (o cubêlo), agêitar.

aclimar-se, habituar-se, afazer-se.

açobar e **açogar** (o cão): açular.

acordar, recordar. «Eu até me acordo do Cocles belho (velho) andar a guiar o telhado».

Adelaide, Adelaide.

adelhas, polainas brancas usadas pelas mulheres (Salto).

á dependura (estar), a morrer, na pobreza.

adiante, adiante.

adital, edital.

á divina (estar), sem nada.

adjunto, ajuntamento. «Havia lá um grande adjunto».

adoada (a criança), carinhosa.

adotar, dar dote.

adregar, conseguir: «tanto andou, que adregou o negocio».

adruvilo, mentiroso, aldravão.

advertido, pandego, alegre.

advertir, advertir. Perguntando na serra do Larouco a um pastor por-que é que fumava, respondeu:—

- «A gente fuma p'r'advertir o genio».
- afifar**, bater?
- afinado**, zangado.
- afinhado**, apoquentado: «afinhado c'os remorsos».
- aflege**, aflige (flexão verbal)
- afumados** (chouriços), bons, já curados pelo fumo.
- afumar**, enegrecer com fumo: «deixaram afumar a casa».
- agachar-se**, esconder-se, abaixar-se: «está agachado detrás das messes».
- agamar**, respirar com dificuldade.
- agano**, certa doença dos bois.
- agarimo**, afago. «O cão é o menino || vão p'ra onde lhe fazem o agarimo».
- agarradiça** (terra), que se agarra ao calçado.
1. **agantahar**, subir ás arvores: «agata-tanha como um gato».
2. **agatanhar e apresunhar**: agarrar, prender.
- ageltar**, compôr, concertar. O termo mais usado neste sentido é *guiar*.
- agôra**, agora.
- agóra** (int.), oh! pois é isso?!
- agràdar** (o terreno), gradar,
- agråde**, grade para gradar o terreno. Compõe-se de *varaes*, *travessas e dentes*. (Pedrario). Em Outeiro ouvi chamar respectivamente: *baúços*, *outões e dentes*.
- agrónico**, agronomo.
- aguço**, panzito de urze sêca que acêso se mete num buraco do forno para o iluminar quando se mete ou tira o pão. Vid. *Abrótegas*.
- agulha**, 1) pedra colocada ao meio do tranqueiro para lhe aliviar o peso; 2) sabor acido do vinho. «Tem uma agulha que se não pode levar».
- agulhas**, pessoas intriguistas.
- Águsto**, Augusto.
- ai, ai!**—resposta que se dá a algumas perguntas. Então tu já vieste? —Ai, ai!
- ajoujado**, adoentado.
- alagar**, cair. «O muro alagou-se».
- alambazar**, comer muito: alambazou-se na comida.
- alanzoar**, dizer mentiras.
- alhardeiro**, mentiroso.
- alberlicoque**, certo damasco.
- alhernó**, casaco de mulher.
- alhidar**, olvidar.
- Alcace e Alcacio**: Acacio.
- alçafrão**, certa herva aromática.
- alcanfora**, canfora.
- alcanforado**, canforado.
- alçaprema**, pequena pedra ou pedaço de madeira no qual os pedreiros apoiam a alavanca quando querem remover alguma pedra grande.
- alcarradas**: 1) argolas usadas pelas mulheres nas orelhas (Fiães do Rio); 2) pêlos que crescem nas orelhas dos bezerros; 3) dois apêndices carnudos que alguns porcos tem pendentes na mandíbula inferior.
- áldeagante**, vadio, sem morada certa.
- aldrabão e aldrabôna**: que mente muito.
- aldrava e aldrave**: fecho de ferro de uma porta.
- aleitar**, dar leite. A vaca aleita bem o filho.
- alfacia**, alfaca.
- algarozes**, lajes de granito colocadas de cutelo nos extremos dos telhados de côlmo (Pedrario). Em algumas povoações chamam-lhes *guardas-ventos*.
- alha**, alho sem dentes.
- alheira**, enchido feito de couracha, bucho de porco, vitela, galinha, meôlo de trigo, alhos e pimenta.
- allança**, anel.
- alifante**, elefante.
- alimal**, animal.
- alimpar**, limpar.
- alinheiro**, leite novo tirado depois de separada a *cria*. Vaca alinheira.
- alivião**, alvião.
- almalho**, -a, bezêrro. É muito empregada.
- alma negra**, apostrofe insultuosa. Também se diz por brincadeira.

almario, armario.

almazem, armazem.

alumlar, nomear.

alonso, que se finge bruto ou parvo.

F. faz-se alonso. Não te faças alonso.

alpargatas, alpercatas.

alqueire, raza. Tratando-se de castanhas ou batatas, são precisas duas razas para fazer um alqueire.

alquitete, que se mostra servil.

alustrar, relampejar.

alustro, relampago.

alvelra. Vid. *alveiro*.

alveiro (pão), moido na pedra *alveira*. Ha ainda a pedra *centeira*.

Alziria, Alzira.

âmá (int.) exprimindo rallo. Âmá que apanhas!

amadurar, amadurecer (Vilar de Perdizes).

amanhão e amanhê: amanhã.

amanhar, fazer qualquer trabalho.

amarelas e loiras: libras.

amargôr de bóca, ciúmes. Também se diz *zêlos*.

amassucar, dar pancadas. Ele amassucou-o.

amatado, escondido no mato.

âmbria, fome. Trago uma âmbria!

amedouchar, fazer *medouchos* ou *medouchas*.

ameixil, nome duma peça do arado (Pedrario).

amerôso, macio, brando. O tempo está ameroso.

amigado, amantizado.

amolar, murmurar, ludibriar alguém. Andas a amolar a navalha nas minhas costas.

amontaria, almotolia.

amora e mora: fruto da silva.

ambos e dois, ambos.

amorfanhado, preso. Deitei-lhe as unhas e amorfanhei-o.

amouchar, adoecer. F. amouchou.

anaguas, o mesmo que *inaugas* (Sirvozêlo).

anainho, anão.

andadeira, 1) que anda muito. Pôtra

andadeira; 2) pedra superior do moinho.

andar ó fato, diz-se da *rês* (rebanho) que anda guardada isoladamente.

andar á veseira, diz-se da *rês* que anda pastando em rebanhos juntos e guardados á vez pelos donos.

andilhas, cadeiras em que se assentam as mulheres quando vão a cavalo.

aneiras ou de contra-fôlhas (terras), que produzem em anos alternados. E costume combinarem-se os lavradores para deixarem os terrenos contíguos de *folha vazia* para ali poder pastar o gado.

anga, asa do balde de *acomodar* os leitões (Vilar de Perdizes).

angorêtas, pipos de forma achata-da.

anho, a, cordeiro.

Anibel, Anibal.

antes-trasantonte. Emprega-se esta frase, não sabendo eu porém qual a sua significação exacta.

Antonho, Antonio.

antrada, entrada.

apàjár, acompanhar. F. anda sempre a apàjár as crianças.

apancar (a janela), fecha-la.

apanhar lebres, cair nos caminhos.

aparlado, bem posto, aperaltado. Em Pitôcs diz-se *bem postado*.

aparelho e aparelhos: aprestos do cavalo.

apascado, -a, 1) tólo; 2) nome insultuoso entre mulheres.

apeiria, apeirias, jintura e jinturas: jugo com os seus pertences. Em Sirvozêlo ouvi dizer *jintura*.

apeiro, jugo com os seus pertences (Fiães do Rio).

apelido, nome. Cada monte tem seu apelido.

apertar, economizar. Um homem não deve apertar de mais, nem de menos.

apilarada (obra), bem feita. Emprega-se muito em sentido ironico.

apontar, 1) alinhar; 2) aguçar. Foi

- apontar os picos ó ferreiro; apontar estacas, estadulhos, etc.
- aporrinhado**, muito oprimido.
- aporrinhar** e **aporrinhar**: apoquentar com pedidos, serviço, etc. Aporrinhado c'o trabalho.
- apreslgo**, bocado de carne ou peixe com que se acompanha o pão.
- apujar**, o ato de as porcas darem leite ás crias.
- apoladoiros**, cunhas de madeira para ajustarem as treitoiras (Pedrasio).
- aquela**, 1) odio. Tenho-lhe uma aquela! 2) falta de juizo: «Tem uma aquela!»
- á que sim**, sim. Expressão afirmativa em contraposição a *á que não*.
- arado**, compõe-se de rabiça, *tumão* (*turnão* em Frades), áteiró, abecas ou ibecas, meixil (meixêlo em Tourem) e ferro (em Tourem rêlha). Em Tourem ha a palavra *pescunhos* no arado. O ferro compõe-se de orelhas, tubo e ponta.
- aranhas**, homem fraco, que não presta para nada.
- aranhões**, patranhas. Quem te meteu aranhões na cabeça?
- aranzel**, pessoa fraca.
- arca**, caixa. As caixas grandes em que se recolhe o centeio teem junto ao fundo uma abertura chamada *câna*.
- arcadias** e **arcadas**: atrecadas.
- arcado**, que tem arcos: «fôrno arcado».
- arco da velha** e **arco celestial**: arco-iris.
- Ardãos**, Ardães.
- ardiume**, ardôr.
- «**ardupa** o Borges», arde o fôrmo (gíria dos pobres do fôrmo).
- arestas**, particulas que se separam do linho no *spadar* ou no *assedar*.
- argainho**, certa herva.
- arganassa**, ratazana.
- arganel**, arame que se coloca no focinho dos porcos para não fossarem.
- aricar**, (o centeio), tirar-lhe herva por meio do arado.
- ariôso**, sal (gíria dos pobres do fôrmo).
- armação**, conjunto de peças que constituem o teto e o soalho duma casa. O teto compõe-se de tirantes, filête, terceiras, caibros, pião, pontaletes, escora real e soleiras. No soalho ha traves, garrotes e piso ou sôlho.
- armar** cordas, termo de pescador.
- armadilhas**, dispositivos para caçar passaros. Ha a enxó, as costelas e as esparelas.
- armela**, assim chamam em Frades do Rio ao fecho do carro.
- arnache**, decisão, coragem. Marchou com arnache (Sarraqinhos).
- arnaz**, 1) genio, qualidades. Ter bom arnaz; 2) zanga forte. Tenho-lhe um arnaz!
- arochas**, brincadeiras. Em Vilar de Perdizes depois de ter feito algumas perguntas de *folk-lore*, ao despedir-me, disse um dos presentes: «Nunca me ri tanto como agora com estas arochas».
- aromado**, perfumado, com aroma.
- aperslgar**, acompanhar o pão com um bocado de chouriço, carne ou bacalhau.
- arrã**, rã.
- arrabar** (o gado), fugir com a mdsca.
- arrabunhar** e **arrebunhar**: arranhar.
- arraiano**, raiano.
- arralar**, tornar *ralo*.
- arrascanhar**, arranhar.
- arrate**, arratel.
- arrates**, arrateis.
- arrebitados** (sapatos), com a biqueira um pouco levantada.
- arreceber**, receber.
- arrecuar**, recuar.
- arregalar** (os olhos), ahri-los muitos.
- arreganhar**, 1) mostrar. Arreganhou-lhe os dentes; 2) levedar. O pão já está a arreganhar.
- arrellicas**, reliquias.
- arreguiçado**, levantado. Cabêlo arreguiçado.

arreguiço, raquitico.
arreigar, arrancar.
arreitado, guarrido, aperaltado.
arremangar, arregaçar. Arremangar as calças.
arrencar, arrancar.
arrendatario, caseiro (Vilar de Perdizes).
arrendo, aluguer de casa, arrendamento. Emprega-se muito.
arrimar, 1) arrumar; 2) arremessar.
arrimar-se, encostar-se. Arrimou-se á parede (Padrôso).
arrlizar, melhorar.
arrolar, cantarolar para adormecer uma creança.
arrocinar, chegar a egoa ao cavalo a ver se anda *sáida*.
arrudilhar, enrudilhar.
arrumendar, remendar.
artife, pão (gíria dos pobres do fôrmo).
artifícios, artefactos indeterminados.
 Perguntando em Séla a um lavrador os nomes das diferentes partes do arado, respondeu-me = a gente por aqui usa estes artificios.
artilmanha, arte e manha, imposturice: «É preciso ter artimanha || p'ra comer o que o outro ganha».
arujo, argueiro.
asado, arranjado, ageitado. F. ia bem asado. Homem mal asado = defeituoso. «Está muito asado» = a ameaçar mau tempo. As camas aqui (Montalegre) são todos asadinhas = bem feitas.
ascondar, acordar.
ás de copas, assento, anus.
assador, peça de cozinha para assar castanhas. E' semelhante a uma peneira.
assadura, lombo de porco.
assancanhar, querer andar depressa, mas não poder.
assegular, seguir.
assistencia, 1) acção de assistir a um moribundo; 2) residencia. Dizem que no *Crasto* de Medeiros era a assistencia dos Mouros.
assubir, subir.

assuceeder, succeder.
assucrer, assucar.
assustentar, sustentar.
atado e atadinho: sem rasgo, sem expediente.
atador, o individuo que ata as messes na ocasião da ceifa.
atafais, peça dos albardões.
atão, então.
atapulhar, tapar com trapo ou tapupulho.
ateiró, travessa que segura o temão á rabiça.
atempar, dar tempo. As batatas ainda não estão atempadas.
atestar, tomar testo, entesor.
atijçar, 1) ativar. Atiça o lume! 2) bater. Atiça-lhe!
atinar, acertar. Atinar c'o camiinho.
atirar (a vaca), escomar.
atolambado, tólo.
atourada (a vaca), que já foi coberta.
atrás, 1) ha pouco tempo. Apareceram muitos javalis numa neve que caiu atrás; 2) a seguir. «Quem coze agora atrás?»
atrevidura, atrevimento.
atufado, zangado.
atuir, atupir.
atupir, tapar com terra ou pedras. O fogo está atupido.
auga, agua.
auguardente, aguardente.
augas vertentes, encosta. Augas vertentes p'ra cá é português.
auqueduto, aqueduto.
aussevar, observar.
autente, mais crecido, desenvolvido.
 O rapaz está autente. (Fiães do Rio).
ave, passaro grande.
avergalhado, marôto.
avezeirar (a rez), reuni-la para a vezeira.
aviado, desembaraçado.
aviar-se, andar depressa. Avia-te rapaz!
azeitelra, almotolia.
azeitelro, 1) que anda pouco limpo; 2) que vive á custa duma mulher.

azête, azeite (Vila da Ponte).
aziume, excesso de fumo na cozinha.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
azul, que anda com algum vinho.

B

bacatela, bagatela,
bacamarte, mulher mal asada.
bacéios, bacélos (Vilar de Perdizes).
bachôco, ravina, buraco fundo.
bacia, vasilha de cobre para conter brasas para aquecimento no inverno. É o que em algumas partes se chama *braseira*.
bacoia, mulher mandriõna.
bacros, e leitões de veiga: porcos pequenos que acompanham uma porca pelos campos.
badalar, falar muito.
badalhoca, 1) pedacito de excremento e terra pendente das pernas das ovelhas; 2) mulher que traz a saia molhada e suja.
badameco, homem sem força moral ou física.
badana, saliência na parte inferior do pescoço das vacas.
badanas, nome insultuoso.
bafareira, 1) bafio de embriagado; 2) fervura da água.
bagalboça, dinheiro, riqueza. «F. *trouve* bagalhoça a *barulho*. Ter-mo chulo.
baganho, a cabeça do linho, na qual está a semente.
bago, dinheiro.
bagueiro, -a, jumento. É muito empregado.
baixâme, vexame.
bajoujo, ingenuo.
balancé, recreio de rapazes.
balboleta, balboreta o borboleta: borboleta.
baldrilhada, barulho.
balisas, 1) pequenos paus que dividem os lameiros (Vilar de Perdizes); 2) pauzitos espetados no ter-

no para regularem a sementeira, e que limitam as *embelgas*.
bambo, cambado. Homem bambo das pernas.
banabola, vadio.
banca, mesa.
banços, 1) Vid. *agrade*; 2) as duas travessas extremas do scâno (Tourem).
banda, lado. P'rá banda do Rio (povoações que ficam nas margens do Cavado e a jusante de Montalegre).
bandalho, nome insultuoso entre mulheres.
bandijar, acção de dar impulso a uma bandeja de madeira para fazer levantar a massa do pão antes de entrar no forno. Pão bandijado.
bandoleiro, mandrião.
bantal e bental: avental.
banzé, desordem, barulho.
baraças, cordões dos coletes das mulheres (Paredes).
barandinha, chapeo da carda dos sapatos. As cardas fundidas quantas saem, quantas ficam c'o a barandinha ó ar.
barbeiro, vento forte.
barbilha e regaço: rasgo cavado em pedra para nele encostar uma porta. Regaço do tranqueiro.
barbucho, cabrito.
barbuchinho, dim. de *barbucho*.
bareiros, duas traves que os serradores dispõem de maneira que sustentem o pau que deve ser serrado.
barcla, pau com que os rapazes impulsionavam as buchas no *stourote*.
barisas, varises.
barja, vagem.
barjóco, terreno fundo, precipicio, barranco.
barra, especie de soalho que num dos lados se apoia numa das paredes dum coberto, é no qual se guardam alfaias de lavoura, lenha, etc. Vid. *barrela* ou *póia*.

barraco, a, 1) casa pequena, córte para bois; 2) casita ligeira feita no campo com madeira, terra e còlmo.

barracucho, pequena casa no campo.

barranhão, especie de pote de barro com duas asas e sem pernas em que se deita o *pingo* do porco.

barrela ou **pôia**: soalho a certa altura dum cobêrto para arrumação de alfaías de lavoura (Tourem). Vid. *Barra*.

barrête, carapuça.

barricha, barriga (Donões).

barriga (andar de), prenhe.

barrigada, choque entre piões que giram.

barrosão, de Barroso. Os moradores de Santo André e Vilar de Perdizes não se consideram Barrosões.

barrote, rapariga gorda e baixita.

barruma, verruma.

basculho, 1) vassoura de varrer o forno, as eiras, etc. No forno emprega-se geralmente o *matão*; 2) mulher suja e que não sabe vestir-se; 3) nome insultuoso entre mulheres.

batatas (operações de cultura das): 1.º Deitar o abôno no terra; 2.º Virar a terra com arado ou enxada á ponta d'alma; 3.º sacher; 4.º Deitar as batatas na terra; 5.º lavra-las; 6.º Engrada-las; 7.º Sacha-las; 8.º Amontoar (chegar a terra). Foi o que me disse um lavrador de Frades do Rio.

bater, chegar: «bateu aí o regedor».

batibarba, reprimenda.

batoque, 1) rôlha da borracha ou pipa; 2) rapariga baixinha e gorda.

baucê, você.

bazulaque, homem gordo e baixo.

beata, 1) ponta de cigarro; 2) moeda de cinco reis.

bêbeda, bebedeira.

beche, carne de cabra.

beiras, planos inclinados do telhado: «Telhado de duas *beiras*».

beiril, fiada de pedras salientes numa

parede para impedir a entrada da agua num telhado que em plano inferior encosta á mesma parede.

bedrelho, e budrelho: 1) pequenina pedra; 2) jogo infantil com pedrinhas.

belancia, melancia.

belantina, certa planta de vasos.

beleira, que funciona bem. A chabe está bem beleira.

belfo, que não tem ou não ajusta bem os dentes, que pronuncia mal por não ter dentes.

beliscadura, arranhadela.

beliscão, golpe ou incisão com a unha.

belótiças, bolotas.

belouro, bola feita com neve.

bem, muito. Tem aqui bem feno.

bem cá bol, oíeh, toma, toma—int. de fazer parar os bois.

bençado, avençado.

benção, pronuncia-se com acento tónico na ultima sílaba.

bens, propriedades: «F. tem muitos bens».

bêrças, couves cruas ou cozidas.

berdosas, couves (gria).

bêrgas, varas de carvalho proprias para cestos.

bergontea, castanheiro novo.

berguelro, pau grosso de mão.

berinho, certa variedade de carvalho. Ha ainda o molar ou cerquinho.

berra, certa ave noturna cujo pio faz lembrar o vagido das ovelhas. Em Sarraquinhos disseram-me que se chamava assim no verão, e *narceja* no inverno.

berrear (a criança), gritar, chorar.

berreiro, grande gritaria.

berrelas, rapaz que berra muito.

berrialho, barulho feito pelas vacas quando no monte alguma está abortada ou fareja animal bravo. Oh! c'os diabos as vacas lá arriam um berrialho!

berríngalho, homem ordinario.

bertalhas, 1) as escorridas que transbordam de medir liquido; 2) o ex-

- cesso de agua que rega um lameiro.
- bertôlido**, bruto.
- berzunda**, bebedeira.
- bessadeiro**, arado de bessar.
- bestia**, casaco.
- bestigo**, 1) cobra grande; 2) qualquer animal grande; 3) homem muito alto.
- bêta**, 1) membrana sub-lingual; 2) lista, malha. Cavalo de estrela e bêta; 3) homem de estrela e bêta e pé calçado = homem de alto lá com ele.
- bêu**, veio (Fiães do Rio).
- bezerra**, a camada immediata á codea de baixo, nas brôas de pão quando este sae do forno mal cozido por ser a massa mal levedada ou a farinha ter sido muito remoida no moinho.
- bezerreiro**, comprador de bezeros.
- bezerro** de leite, bezerro (Fiães do Rio).
- bezínhos**, vizinhos na acção de moradores, habitantes.
- bianda**, couves, batatas e feijão do caldo. Deita-me muita bianda.
1. **bica**, bôlo espalucado que se coze com a fornada. Ha a bica *assua*, *milha*, *fôfa*, *sobada* (=çobada) e *centeio*, sendo esta feita com os restos que ficam na masseira, e que são muito bem amassados.
2. **bica** de manteiga, pequena porção de manteiga que se oferece ou vende.
- bich**, bich, bichinho, — int. de chamar os gatos.
- bicha**, órgão genital das fêmeas.
- bicheiro**, abertura feita numa parede para passagem do gado. O' tal, abre lá o bicheiro. Na Vila da Ponte dizem *biqueiro*.
- bichiche**, bicharia.
- bichocas** (batatas), furadas pelo bicho.
- bifar**, furtar.
- bilhestres**, dinheiro.
- bilhó**, castanha assada.
- bingaia**, bengala.
- bios**, pauzitos com que se fecham os cortiços.
- biqueiro**, 1) que come mal ou pouco; 2) abertura numa parede fechada por taboas dispostas de cutelo entre duas pedras chamadas *ocheiras*, em cada uma das quaes ha uma fenda para nela entrarem as taboas (Sirvozêlo) Vid. *debiqueiro*.
- birra**, o defeito dos cavalos roerem a mangedoira.
- bisca**, pessoa falsa. Ó que bisca me saiu!
- biscato**, sapateiro remendão.
- biscatos**, pechinchas, boas mulheres. Na feira de Montalegre andavam bons biscatos.
- Bito**, Bitro e Bitulo: Victor.
- b'landrau**, balandrau, habito do juiz de direito.
- blusia**, blusa, especie de camisola de riscado que os homens usam entre a camisa e o colete.
1. **bô!**, bom! (int. administrativa).
2. **bô!** bô! bom! bom! Expressão confirmativa que pode traduzir-se por: é isso, não ha duvida.
- bôa**, boa.
- bóca**, int. de mandar os cães.
- bocanho**, bocado de bom tempo.
- bochada**, miudezas do boi.
- boche**, bofe. «Ter os boches ao pé da lingua» = ser muito sucetivel.
- bôda**, casamento na acção da festa de noivado.
- bodalhão**, bodegão e boldrião: homem sujo e imundo.
- boelra**, 1) certa ave; 2) mulher que tem grandes as nadegas.
- bogalhão**, valente, forte. O touro está bogalhão.
- bôguinha**, dim. de bôga.
- boi-tourão**, boi inteiro.
- bôla**, pão espalmado que se coze com a fornada do pão. Por semelhança diz-se = o pão ficou todo numa bôla.
- bolacha**, bofetada.
- bolas**, bocados de madeira que se

- colocam nos extremos das galhas das vacas.
- bolcar**, voltar. Bolcou o copo.
- bolsa**, saquinha de guardar o dinheiro.
- bombada**, grande prejuizo.
- bonda**, basta.
- bondar**, bastar.
- boqueiro**, passagem para o gado, feita num muro. No boqueiro ha as *hombreiras* (Tourem). Ha ainda *portêlo e portal*, porta por onde entram os carros. Vid. *biqueiro*.
- borborinho**, remoinho.
- bordão**, pau de trazer na mão.
- bôrdio**, 1) bordado, bainha; 2) *Arrázou*, mas deixou um bôrdio (no alqueire, falando-se de centeio, milho, etc.).
- bordoada**, pancada. A vaca atirou-lhe uma bordoada (com um galho).
- borges**, forno (giria dos pobres do forno). Adupa o Borges=arde o forno.
- bornal**, bolso grande no interior da jaqueta.
- borne** e borno, meio quente, mórno.
- borracha** e bôlha: empola da pele.
- borrajos**, terrenos de cultivo destinado ás despesas da junta de parquia. São trabalhados á roda, e o produto é destinado ao vinho distribuido no fim de cada dia de trabalho em comum, concertos de caminhos, colheita do fêno para o boi, etc.
- borralheira**, 1) grande calor quando o sol está encoberto; 2) rescaldo da lareira ou lar.
- borralho** e brasas: 1) carvão de lenha meuda; 2) rescaldo do forno.
- borrão**, 1) porco de cobrição; 2) individuo femeeiro.
- borrego**, a, 1) carneiro pequeno; 2) nome insultuoso entre mulheres.
- bossais**, cestas que se colocam na boca das vacas quando se arrinca o centeio.
- botar**, ir. «Onde bota?»
- boteco**, ôdre pequeno.
- botelha**, cabaça seca para vinho.
- botelho**, 1) botija pequena; 2) nome insultuoso.
- boteno**, falha nas abas dos pratos, boca dos pucaros, etc. Este pucaro está *esbotenado*.
- botije**, botija.
- bouch**, bouch,—int. de afagar os bois.
- bravo**, frio. «O nosso Barrôso é mui bravo».
- branquejar**, diz-se quando se aponta a algum um terreno que ao longe parece mais claro que o que lhe fica proximo. É acolá onde está a branquejar.
- braseira**, panela de barro com buracos onde se queima carvão.
- brêspa**, vespera. Vid. *abêspora*.
- bríga**, luta.
- brígar**, ter questões, lutar.
- brilheiro**, mal castrado.
- briol**, vinho.
- Briza**, Brizida.
- brôa**, pão. Brôa de centeio.
- broadá**, barulho. Quando é de inverno a agua faz ali uma broadá!
- brocar**, voltar um objecto com o fundo para cima. Brocar uma malga. Vid. *bolcar*.
- brocha** (andar á), estar atrapalhado, em dificuldades.
- brôchas**, atacas do calçado (Paredes).
- broeiro**, que come muito pão.
- brosque**, bosque.
- brugêso**, estúpido.
- brutidade**, brutalidade.
- buber**, beber.
- buelro**, anus.
- bufarda** e cheminé: pequeno orificio no fêto de cômlo para sair o fumo (Vilar de Perdizes).
- bufarda**, pequena janela (Tourem).
- bufarinheiro**, vendedor ambulante.
- bufas**, batatas.
- bugo**, bugo, buguinho,—int. de chamar os porcos (Fiões do Rio).
- bulha**, luta.
- bulôr**, bolor.
- bumba**, bumba: expressão de quem diz que correu alguém á pedra.

burmelho, vermelho.

burra, egoa. É muito empregado.

burra, aparelho de madeira que numa ou noutra cozinha substitue a *gramalheira*.

burrancas, rapaz sem graça.

burreco, a, 1) dim. de burro; 2) rapariga nova e boa.

busarão, lambão.

bustela, obra mal feita.

busteleiro, mau artista.

buziar, ha a frase: Ora vai buziar.

búzio, 1) moribundo. Já está búzio; individuo que acaba de chegar duma viagem cheio de frio.

C

cá, expressão de afirmação. «Então guardam segredo?—Cá!»

cá: perguntando no Cortiço as operações do fabrico da lã, respondeu-me uma mulher: primeiro obra-se na cá. É palavra desconhecida noutras povoações.

cabaça, abobora.

cabaço, pião fraco que se coloca no terreno quando se perde.

cá baixo e cá bot'ábalxo: int. de fazer descer a rês (Sirvozêlo).

cabana, 1) corte no monte para guardar um rebanho ou pequena casa onde ficam os pastores; 2) vaca com os galhos baixos; o oposto é *pinheira*.

cabanelro, homem pobre que trabalha por conta d'outro.

cabano, 1) bruto; 2) animal que tem os galhos mal dispostos.

cabeça de casal, chefe de família.

cabeceira, 1) cabide; 2) a camada inferior da mesma na eira; 3) cabeça de casal. Neste ultimo sentido só ouvi empregar a palavra falando-se de enterros. Se o morto é adulto, mas não chegou, a herdar diz-se *meia cabeceira*.

cabirto, cabrito.

cabo, fim extremo. É no cabo do povo.

cabouco, 1) bruto; 2) buraco; 3) buraco onde trabalha o rodizio do moinho.

cabrada, rebanho de cabras.

cabrêsto, 1) cabeçada; 2) corda que prende um animal; 3) membrana sub-lingual.

cabrioleira, rapariga que não tem amor ao trabalho.

cabritinho, dim. de «cabrito». Se passa de tres meses, diz-se *rexêlo*. «Bota-me p'ra cá os cabritinhos».

“cabucho, cábucho, cabuchinho”, interjeição de chamar os cabritos.

cabunho, pequena pedra de amolar os instrumentos cortantes.

cacabina, certo cogumelo. Ha ainda o *cogumelo de sapo*.

cacariar (a galinha), cacarejar.

cacedela, sova.

cachaça, aguardente.

cachaço, sôco, tabefe.

cachafurno, 1) o mesmo que fundão; 2) sitio fundo num rio.

cache, caché... qui, int. de chamar os porcos pequenos.

cachicha! expressão de nojo.

cachoeira, sitio em que a agua do rio se despenha.

cachola, 1) jogo em que o dinheiro é batido num pau; 2) cabeça. «Cachola do porco».

cachopa, rapariga.

cachôrrros, pedras salientes na parede para suportarem a soleira duma varanda. Em Montalegre chamam-se *cachotes*.

cacifo, gigo em que os pescadores recolhem as trutas.

caco, cabeça.

caço, tacho.

caçoila, caçarola.

cadável, cadaver. —

cadeias, travessas que ligam a parte inferior do chedeiro do carro (Fiães do Rio).

cadête, aperaltado.

cadime, pratico. «Está muito cadime».

cadóicho e cadoucho: pequeno novelo.

cadouchinho, dim. de cadoucho.
caduco, fulto de juízo.
cafetelra, chapeo alto (gíria).
cafúlo, casulo.
caga-lume, pirilampo.
caganêtas, excremento dos carneiros.
caída, queda. «Ia dando uma caída».
caisquer, qualquer.
cajateiro (rapaz), que brinca muito com paus.
cajato, cajado.
cajo, quasi.
calaceiro, preguiçoso.
calão, mandrião.
calça de colete, calça ligada ao colete, e usada pelos rapazes.
calço, pedra de segurar as panelas na lareira.
caldeiro, pôço fundo num rio.
caleiro, cano de conduzir a água do telhado.
calhamaço, mulher velha ou de maus costumes.
calhandras, mulher com as saias molhadas e sujas.
calhatras, 1) mulher com a saia molhada e suja; 2) nome insultuoso.
calheiro, cano de madeira pelo qual se deita da cosinha para a pia a lavagem dos porcos.
calhelha, caminho estreito.
calhoar, jogar o calhau.
calido, duro. Couro calido.
Calistro, Calixto.
calma, calor. Está muita calma.
caloio, caloteiro.
caltivar e coltivar: cultivar.
cambalhota, volta, colocando a cabeça no chão.
cambas, os semi-círculos das rodas dos carros. Em Pedrário as cambas são de *oculo redondo*.
cambão, 1) pau, corda ou cadeia para camboar; 2) pau de *acamboar* o rebôlo dos ferreiros.
camboar (um carro), reforçar com uma ou mais juntas de vacas.
Camilio, Camilo.
camisa, rabôna, rabôta e redonda: que chega até á cinta, e é usada

pelas mulheres. São de estôpa. Já vão sendo substituídas pela camisa moderna.
camlsa-saia. Na ata de camara de 17 de setembro de 1867 estabelece-se a condição de os paços do concelho serem por cima forrados de *camisa-saia* de madeira de castanho.
camoeça, bebedeira.
câna, arma. «Tenho lá a câna furada!» Vid. *arca*.
canado, vasilha de folha para receber o leite das vacas.
canalha, crianças. «Finta-se em canalha!»
canastro, espigueiro. Se é pequeno e formado por encanastrado de forma aproximadamente circular, chama-se *caniço*. Em Fiães do Rio disse-me um lavrador que se compunha o canastro das seguintes peças: soleiras, pés, têtos, traves, travesseiros, grade, filête, cantacucos, côlmos, forro e balaustros. Em Pitões noto: tolhão, piso, columnas, grade, cantacucos, que coberto de pedras e cápias ou capiado, a que também se chama *corniçe*, quando é feito com moldura.
cancelão, especie de cancelas sem dobradiças: tem num dos extremos uma travessa que gira num orifício feito numa pedra saliente á parede e chamada *folhão* (Vilar de Perdizes).
cancêlo, cancela feita á tôa.
candieiros e campainhas: laminas de neve pendentes das arvores ou dos beirões dos telhados.
candorca, 1) egoa velha; 2) mulher velha a magra.
candiola, candeia velha.
candiotte, candieiro pequeno ou ordinario.
câneiro, 1) o buraquinho nos cantaros de medir vinho; 2) dispositivo no rio para apanhar peixe. «Ageitar um caneiro»; 3) angulo formado pelas duas paredes dum *fôjo*.

canelas, massarocas de estôpa, linho ou lã.

caneleiro, instrumento de fazer canelas.

canêlha e caneilha: caminho estreito.

canêlo, pernil de porco. Olha que canêlos tem o porco!

canêlos, ferraduras das vacas.

cangaço, 1) ossos que ficam da comida; 2) esqueleto de animal.

cangalhos e cacarecos: peças de mobília, tarcos.

cangos, 1) caibros das casas cobertas de *ripias*; 2) pauzitos sem aparelho que substituem os caibros, e que se apoiam no *cumio*.

cangorça, 1) egua velha; 2) mulher magra e idosa.

canhões, armas velhas.

canhóto, 1) torgo pequeno da urze; 2) individuo a quem falta algum braço ou que faz uso do esquerdo em vez do direito.

caniço, 1) canastro pequeno; 2) encastrado para secar as castanhas por cima da lareira.

cantada, canto, cantoria.

cantadeiras e cantadoiras: recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços*, que ficam apertados entre as treitoiras. Em Frades do Rio chamam *conqueiros* às cantadoiras.

cantadeiro, -a: que aquece o forno á segunda-feira e *marca as vezes* para toda a semana. Será por este motivo que se chama cantadeiro, ou será corrupção de *quentadeiro*, (= aquentadeiro: também dizem *quecer* por aquecer?)

cantador, galo. É termo bastante empregado.

cantador e cantadeira: que canta nas bôdas, ao desafio, etc. Diz-se *de nota* quando tem boa voz e improvisa bem.

canté!, agrada-me!

canto, quanto. «Canto antes!»

cantro, cantaro.

cão, individuo que apoquentá muito

as mulheres. «Não imagina como ele é cão!»

capão, galo capado.

capelicha, capelinha.

capilota, tarefa.

capitões, capitães.

capôna, cavalo castrado.

capucha, capa que usam homens e mulheres. Tem de nela se considerar: *dibração*, *fila*, *ourêlo* e *corucho*, que é a parte superior talhada em triângulo e que assenta na cabeça. No Rio dizem com mais frequência *capa*, mas no resto de Barrôso é generico o nome de «capucha». Esta, era primeiro de burel regional, veio depois a saraçoça e por ultimo a capa de pano em que ha ainda as fôrras e que é usada pelas pessoas mais abastadas. Os homens, para cumprimentarem, levantam um pouco a capucha, pois que com ela não se usa qualquer outra corbertura. Nos trabalhos de campo e até em viagens fóra da povoação, como por exemplo na ida á feira de Montalegre, não se usa chapeo ou qualquer barrete, ainda que não levem capucha. E em seu lugar usam os homens um lenço que envolve a cabeça á maneira de turbante. Os homens de cada freguesia tem a sua maneira especial de usar o lenço. Nos *coutos* realizados na *casa do povo* homens e mulheres conservam as capuchas na cabeça.

carabana, tralha dos tendeiros ambulantes.

carabeira, artefacto de ferreiro.

carabunha, caroço de cereja, etc.

carabunhar (a gadanha), estender-lhe ou espalmar-lhe o fio.

caracha! caramba!

caracois, bôlhas feitas pelos rapazes com agua e sabão.

carada, tacada. «Foi mesmo na carada».

carambêlo, gêlo. O tanque tem muito carambela.

carapelas, crosta duma ferida.

caras, faces. O filete é aparelhado às tres *caras*.

caravela, presunto, chouriços, etc. que se manda a um estudante.

caravelho, bocado de pau que girando verticalmente serve para segurar as portas. Se gira no sentido horizontal, chama-se *fecho*.

carcassa, mulher velha.

carcela, abotoadura da calça.

cardanho e cardenho: casa pequena e ruim.

cardar, passar a lã pela carda ou pente.

cardiela, vento frio, aspero. Está uma cardiela!

cardina, bebedeira.

carga, bebedeira.

carga d'ossos: diz-se de uma pessoa magra.

cargória, carga pequena.

carmlar, esfriar a lã com os dedos para se colocar na roca. Perguntando a um individuo de Vilar de Perdizes quaes as operações do fabrico da lã, respondeu: corta-se, lava-se, carneia-se (carda-se; no Barrôso), fia-se, doba-se, orde-se, tece-se e leva-se ao pisão.

carneiro meirinho, carneiro com a lã fina.

carnigão, carôço de um tumor.

caroal, fértil.

caroca, cabeça. Disse-me uma mulher de Vilar de Perdizes: «meu avô andou numa guerra de dez nações contra *Napólião* e chegando aos altos Pirineus de França (sic) numa batalha uma bala levou-lhe a barretina e ia-lhe dando na caroca».

carôço, parte central da espiga do milho.

carola, beato.

carôlo, 1) bocado de pão. Oh que grande corôlo!; 2) pão distribuido á porta da igreja por ocasião dum enterro.

carpaeta, bebedeira.

carpino ou meiotes: pingas. No Rio dizem *carupins*.

carpinteiro (instrumentos de): garlopa, plaina, enxó, rasgador, guilherme meio fio, badame, formão, garaminho, barrilête, rebaixador, pua, serrote de coto, meia esquadria, cortu-não, juntoira, meio fio de engargalar, compasso, machada, desvão, meia cana de filêtes, meia cana redonda, imprensa, scoupro, traço, macha-femea e banco de carpinteiro.

carraço e carrapato: certo bicho que se agarra ao gado.

carrada, transporte das messes em carros. «No tempo das carradas».

carral (porta), por onde entra o carro.

carrancudo, com mau aspecto. O dia está carrancudo.

carranhas, moncos (Sirvozelô).

carrapito e carrapiço: carvalho pequeno e rachítico. Ha ainda os dimin. carrapitinho e carrapicinho.

carrar, transportar em carro.

carraspana, bebedeira.

carrasquinha, jogo de rapazes.

carrêto, transporte de leuha em carros de bois. É costume juntarem-se os lavradores para fazerem os carrêtos. «F. vae amanhã p'ra um carrêto.»

carriola, grande porção. Carriola de versos. Na estrada vai uma carriola de homens.

carro (termo do). O carro de bois é formado de duas partes: o *chedeiro*, que dizem chadeiro, e o *rodeiro*. O *chedeiro* é o estrado (em Tourem *silhado* ou *lastro*, em Padomêlos *pisoad*, em Gralhós *piso*, e *soalho* ou *sobrado*, noutras povoações), que assenta em cima do eixo, e se compõe das peças seguintes: *chêdas*, peças lateraes, que unindo-se formam o *fecho* (*armela* em Frades do Rio), o qual, prolongado é atravessado pela *chavelha* no *pinhalho* (Cervos) *pino* (Montalegre) ou *pinho* (Tourem), *travessas* (em Do-

nões *cadeias* ou *grade*), peças que ligam entre si as chêdas pela sua parte inferior; *enchumaços* (em Vilar de Perdizes *couchões*), peças que se pregam na parte inferior das chêdas, os quaes assentam directamente sobre o eixo; *treitoiras* (em Tourem *trêitoiros*), especie de estadulhos curtos que servem para segurar o chedeiro ao eixo; *cunhas* (Montalegre) ou *apuladoiras* (em Tourem apeladoiros), umas cunhas de madeira que apertam mais ou menos as treitoiras contra o eixo; *chavelha* (*cavilha* em Donões), peça de madeira que prende o pinhalho ao tumoeiro; *estadulhos* (no Rio *fueiros*) que entram nas *furas*; *ladrais* (no Rio *ladrelhos*), uns resguardos de madeira que circundam o carro, e que se podem tirar ou pôr. O carro pode ter 8 ou 10 estadulhos. Em Tourem são todos de oito estadulhos.

O rodeiro é formado pelo *eixo*, que dizem *eixe*, e *rodas*. O *eixo* é um cilindro de madeira fixado às rodas que liga entre si e que gira com elas. As rodas são formadas pelas peças seguintes: *mião*, peça central da roda; *cambas*, peças lateraes da roda ligadas ao mião pelas *rêlhas*, que são umas peças de madeira que atravessam interiormente o mião e as cambas. Nas faces das rodas assenta e é pregada a *ferrage*, composta das *cante-las* (em Vilar de Perdizes *cante-bras*?), que são as chapas de ferro que revestem o trilhão das rodas; *meias-luas* (em Montalegre *meias-rêlhas*, se são direitas), que são as chapas de ferro em forma de semi-circunferencia que prendem as cambas ao mião, e das *abraçadeiras*, que são uma especie de aneis de ferro que abraçam o mião junto ao buraco onde entra o eixo (se não abraçam por completo, chamam-se *gatos*); *margarida do ei-*

xe, a parte compreendida entre a cantadeira e o mião; *bios*, pequenos tornos que atravessam cada extremo do eixo e exteriormente ao mião; *cantadeiras* ou *cantadoiros* (*conqueiros* em Frades do Rio), recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços*, ficando apertados entre as treitoiras. Chamam-se *malhaes* duas peças de madeira que atravessam o carro, e *sobreixe* uma peça também de madeira sobre a qual assenta alguma trave ou tronco de madeira que se transporte. A parte curva do interior das cambas chama-se *degolas* das cambas, e a parte inferior do estadulho é a *espiga* ou *espigão*. O carro chama-se *segundeiro*, se tem duas pequenas peças de madeira entre o mião e as cambas.

carroucho, caminho de pé posto, carreiro.

cartola, bebedeira.

cartucheira, saca em que os pastores levam a merenda (pão de centeio).

carual, crual.

carujar, chover meudinho.

carujo, chuva meuda.

carumal — «Maio é mais carumal ao trobão» (Pedrario).

carvalhice, sitio onde ha muitos carlhos.

carvalhuda, pouco amoravel: «Mulher carvalhuda».

casaca, tareia.

casaco de ferro, casaco de burel.

cascada, sem casca. «Orzeira cascada».

cascar, bater.

cascalho, dinheiro.

cascão, que dá casca.

cascaria, cascos do cavallo.

caseiro, o que cultiva propriedades que não lhe pertencem.

casqueiro, pão (giria).

cassaco, casaco (Friães).

cassôco, caçoulo de barro.

cassafêlhos, as rãs na sua primeira fase. «Estás um cassafêlho!»

cassola, certã, caçarola.

1. castanhas, pancadas.

2. castanhas e castanholas: batatas.

Ha quatro variedades: de Peniche, do Porto, brancas, e vermelhas. Para se diferenciarem do fruto do castanheiro, chama-se a este *castanhas do ar*, em contraposição às *castanhas do chão* ou batatas. Em Frades do Rio chamam às batatas «castanhas da Índia».

3. castanhas do ar, castanhas. Ha as qualidades *rebolão*, *vilarinha*, *cor-tiçal* e *longal* ou *enxêrta*.

castelo, emprega-se muito esta palavra para designar um sítio fragôso e elevado.

castanheiro e **castinheiro**: castanheiro.

castiça (vaca), que cobre cedo.

castiçar, cobrir o animal.

casufita, casita ligeira e pequena.

casulos, poquenas casas.

cátel, int. de *virar* os cabritos (Sir-vozêlo).

catenga, *maștiço* de coelheiro e perdigueiro.

catrala, egua velha e fraca.

catre, cama de madeira. Ha ainda a cama de bancos, que consiste numa especie de tarimba apoiada em quatro pés.

catréfula, grande porção.

catropiar, dobrar.

caturnos, piugas e sapatos (?).

caudel, individuo nomeado pela Camara e encarregado do *fôjo* e montarias aos lobos em cada povoação. A ultima nomeação foi feita em 14 de janeiro de 1815, e hoje já muita gente não sabe o que era um *caudel*.

causo, caso.

cautela, expressão de elogio. F. é boa professora? — Cautela c'o ela?

cavaca, certo doce.

cavaco, acha.

cavada, ter. agricultado num monte.

cavalos, nuvens carregadas. Lá está a cavalaria!

ceba, porco na engorda.

cega, toupeira.

cegonha, neveeiro.

celouras, ceroulas.

centeio (operações da cultura do), 1.º decruar a terra com a arado; 2.º atravessar os sucros; 3.º engredar; 4.º outra lavoura; 5.º stercar; 6.º espargar o abôno; 7.º lavar p'ra cobrir; 8.º estender o pão com o arado; 9.º assucar; 10.º aricar.

centieiro, 1) Vid. *alveiro*; 2) cogumelo que nasce na terra do centeio.

centieira ou **aneira** (terra), que dá pão (centeio) em anos alternados.

centrábel, que tem pouco centro. A terra é pouco centrábel, logo abaixo é salão, rejeste pouco á secura (Sêta).

cêpas, columnas com que exteriormente se reforçam as paredes da casa do fôrno. (Pedrario).

cerdeira, cerejeira.

cerne, o interior duma arvore. Segue-se o *sâme* e a *casca*.

cernideira, grade em que se fazem mover as peneiras.

cerrar, fechar. Cerrar a porta.

cessão, humidade. A terra inda tem cessão.

cestado, -a, cesto. Cestado de pão, cestada de trutas.

cesta de aricar, o mesmo que *bos-sais*.

ceva, engorda. Tenho dois pörcos de ceva.

cevado, porco engordado.

chabouçar, dar a primeira mão. Chabouçar os socos. Pão chabouçado = feito com o podão.

chachinar, matar (falando de animaes).

chaço, pedaço de madeira ou de ferro que serve para, batendo-lhe com um massô, apertar os arcos das vasilhas.

chadeiro, chedeiro.

hafulgo e chafurgo: buraco muito fundo no terreno.

chamberieira, o sitio onde se pendura a carne de porco.

chamiças e chamiços: acendalhas de lenha meuda.

chamuscada e chamusco: bocado de carne assada no espeto.

chanato, sapateiro remendão.

chança, 1) réplica. Não te admito chanças; 2) vaidade. Diz-se aos rapazes nas vespas de casarem:

Casado te veja eu,
Para de ti ter vingança,
Para te ver atrapalhado,
Já que tinhas bem chança.
(Fiães do Rio).

chancos, socos. Ha-os abertos e fechados (Tourem).

chanfalho, navalha grande e velha.

chanfões, 1) paus apertados no terreno para divisão de lameiros; 2) em Covêlo do Gerez tem as seguintes significações: a) patas dos bois; b) rólhas de madeira para vedação dos poços.

chão, chã. A terra é mui chão.

chapado, completo. É um burro chapado.

chapejar, ação de bater na agua ou humedecer alguma coisa com pano molhado.

chapelatos ou chapeos das paredes, certa herva.

chapeo, palavra com que se imita o som que o ferro da espingarda paoduz batendo em falso.

cbarca, pequena pôça onde se junta a agua para as regas (Fiães do Rio).

charreia, perdiz cinzenta que apparecia no ~~no~~ Alto do Grito e cuja especie parece estar ali extinta.

charuga e çaruga: envulcro da espiga do centeio que na parte superior tem a *argana*.

chasco, 1) certa ave; 2) fraco. É como um chasco.

cbavascos, socos.

chavelha, cunha de madeira que liga o jugo ou antes o *tumoeiro* preso ao jugo com o *pinhalho* do carro.

chaveibão, a chavelha maior que atravessa o chedeiro.

chê-cá-chei... chi, chi... int. de guiar o gado lanigero (Padornélos).

chê-cá-chu, int. de fazer parar um porco (Padrôso).

chê-cá-deina, int. de guiar as cabras (Travassos do Rio).

chê-cá-dônê, int. de guiar as cabras. (Morgade).

chei-cá-p'atrás-bicha, int. de fazer parar as cabras.

cbefre, chefe.

chegante, proximo, immediato. Este é o chegante ao mais velho.

cheminé, chaminé.

chêto ou chito: quieto.

chi-chi-ss... int. de enxotar as cabras (Vilar de Perdizes).

chiasco, vento frio e cortante. Está um chiasco!

chiba, nome insultuoso entre mulheres.

chiba-chibinha, bicha, int. de chamar as cabras.

1. **chibo e godalho:** bode destinado á cobrição. O nome generico é «godalho».

2. **chibos,** tendões por onde penduram alguns animaes mortos, como o cabrito, o porco, etc,

chica-chica, int. de *tocar* (tanger) uma jumenta.

chicha, carne (termo infantil).

chicharra, 1) certa ave; 2) bicho do centeio.

chichelas, chinelas.

chico-chico, int. de chamar um burro. Se é pequeno diz-se checo-checo (Ponteira).

chicra, chicara.

chincharrabêinha, certa ave.

chínêio, chinelo.

chinfre, fasquia de um canastro, tapamento, etc.

chino, negro.

1. **chino-chino**, int. de chamar os porcos (Sarraqinhos).

2. **chino-chino**, reco-reco, int. de chamar os porcos (Cervos).

chiqueiro, 1) loja de gado; 2) sítio lamacento.

chiscar, 1) induzir alguém a não responder. Estiveram a chisca-lo; 2) picar. Chiscaram a burra; 3) Olha que te chiscam, — diz-se a alguém que não nos importuna e se quer retirar; 4) chegar. Chiscou fogo; 5) Chiscar o lume=mexê-lo.

Chisco, Francisco.

chisnar, estorrar, queimar.

chispa, faísca de lume.

chisquices, intrigas, mexericos.

chito, jogo com pedras.

chô-chô, int. de fazer parar os burros.

choca, e também *reca* e *porca*: jogo de rapazes. Fazem uma cova a que chamam *nicho* (Montalegre), *celeiro* (em Vilar de Perdizes), *fôjo* (em Cervos), *currul* (em Fiães do Rio), *côxo* (em Tourem e Padrôso), *nicha grande* (em Sarraqinhos), e em volta e a uns dois metros outras mais pequenas chamadas *nichas* (em Montalegre), *neichas* (em Tourem) e *nichas pequenas* (em Sarraqinhos). Começa o jogo por *coquerrarem* (Montalegre), *coquia-rem* (Tourem), *coqueliarem* ou *da-rem coques* (Sarraqinhos), o que consiste em atirarem ao ar a *choca* ou *reca* (bola de madeira) e em a apararem com o pau o maior numero possível de vezes, indo com ela o que menos vezes a aparar. Logo que o *porqueiro* consegue meter a *choca* no *nicho* com o auxilio do seu pau ou atirando-a com a mão, todos os jogadores mudam de *nichas*, dizendo o que coloca o seu pau na *nicha* doutro: *sarramu-que-muque*, e o que dela sae: *bu-que-truque* logo que toma a nova *nicha*, indo com a *porca* o que não conseguiu *ter nicha*. Enquanto os jogadores *livram*, se o *porqueiro*

consegue *ter nicha*, o seu *dôno* pode tomar outra que veja *vasia*. Sucedendo tomar o *porqueiro* a *nicha* ao mesmo tempo que o seu *dôno*, dizem os jogadores que *livram par a par porqueiro a andar*. Vi algumas vezes o *porqueiro* andar com a *choca* e em lugar de metê-la no *nicho* por meio de pau faze-lo com os pés, tendo também deste modo de tomar uma *nicha* de cujo *dôno* recebe então o pau para *livrar*, enquanto este vai com a *porca*. A's pancadas que se recebem nos pés com os paus chama-se *coques*. Se o *porqueiro* já fatigado ou por outra circunstancia não quer continuar a jogar a *choca*, os jogadores colocam os seus paus cruzados no *nicho*, e agarrando-o em charola fazem-lhe dar com o corpo sobre eles, fazem-no ir á *bata-cu* (na expressão dum rapaz de Sarraqinhos), sendo depois posto fora do jogo. Para continuarem, tomam depois a *coquerrear*. Em Padrôso, em vez de *coquerrear*em, vi que atiravam os paus para o *nicho* á distancia duns quatro metros, indo com a *choca* o que não conseguisse meter o seu no *côxo*. Em Sarraqinhos, quando o *porqueiro* mete a *porca* na *nicha grande*, os jogadores, mudando de *nichas pequenas*, dizem *remeluja—porca suja*. Em Tourem quando são apenas dois os jogadores, um a *livrar* junto do *côxo* e o outro a jogar a *choca*, diz-se: *jogar os santos*.

chôco, adoentado.

chocalhar, 1) andar com contos; 2) abanar (falando duma ferradura, prego, etc.).

chocalheiro, intrigante.

chocalho, campainha quasi cilíndrica suspensa do pescoço dos animaes por meio duma correia. Ha também campainhas com a forma vulgar.

chumeca, sapateiro.

chuss-chuss, int. de guiar os porcos.

cibinho, poucoquinho. Inda foi ha um cibinho.

cibo, bocado pequeno.

cifro, alimentação que os passarinhos levam no bico aos filhos.

cigadonha, cidadonha (Padrôso).

cilindo, cilindro.

cinco chagas, quinas das armas portuguesas.

cinta, facha preta usada pelos homens.

cipó, cacete.

ciranda, certa dança.

cirrar, falar bem. Já cirra,—diz-se por exemplo de quem regressou de Lisboa.

ciscar, dejetar.

cisco, lixo.

ciso, rodela de cortiça no interior da roca.

citote: é assim que nas aldeias chamam a um official de diligencias ou qualquer individuo com serviço semelhante.

cizainas, ciumes (?). Meter cizainas no corpo a alguém.

classia, classe.

clauastro, caustico.

clime, clima.

clipse, eclipse.

cobertas, peles de cão com que se cobrem as molhelhas.

cobêrto, alpendre (Touren).

cobrar, quebrar.

cobrejão, manta que se coloca debaixo do selim.

cobres, dinheiro.

coca, mau cheiro.

coça, 1) sova, tarefa; 2) marcha grande. Foi uma coça boa.

côco, malga de pau de coassia.

cocharra, colher (nunca ouvi este termo, e é talvez por influencia hespanhola).

cochicha, certa doença no pescoço.

cochichar, falar baixinho.

cochinada, porcarias.

cochino, sujo, pôrco.

côca, pancadas.

côdeas, pessoa suja.

codilhar, ganhar ao jogo.

côdlo, gelo. Os caminhos teem muito codio.

coiceiros, emigrados politicos sob as ordens de Paiva Couceiro.

coidos e cuidados: cuidados. Estar em cuidados. Aquele home stá in coidos de te levar (expressão para atemorizar uma criança,—que ouvi em Pedrario).

coima, multa camararia sobre o gado.

coio, calhau que se atira com a mão.

coirato, coiro dos porcos.

colros, ôdres (Fiães do Rio).

colandrina, mulher de fraca nota.

côldre, desavergonhada, descarada.

colhedeira, pá de tirar brasas ou cinza.

colheita, lugar onde no fundo dos rios se refugia o peixe.

côlma e colmaça: telhado de colmo. Tanto monta colma como colmaça (Sirvozêlo).

colmar, cobrir casas com colmo.

colmedeira, pá chata de cortiça ligada a um cabo de madeira, e que serve para colmar.

colmial, sitio onde ha colmeias.

1. **côlmo**, palha que fica das malhadas.

2. **côlmos**, molhos de palha inteira para cobrir as casas.

1. **cambarro**, alpendre, cobêrto. É muito empregado.

1. **combarrinho**, dim. de combarro.

comestives, comestiveis.

comnôsko, comnôsko.

comparança, comparação.

compôsto, compôsto.

comua, latrina.

comunidade, grande porção. Por aqui ha uma comunidade de perizes.

concelhio (terreno), baldio, que é de todos. Ha tambem os terrenos das juntas de parquia.

conclencia, injustiça. É uma concien-cia!

1. **concho**, ufano, contente.

2. **concho!** int. exclamativa.

- conduto**, comportamento.
- confita** (*à certa*), finalmente.
- côngara**, congrua.
- cônhadeira**, vassoura de *limpar* (varrer as espigas).
- consante**, conforme, consoante.
- constar-se**, constar. Não se consta.
- contador de contos**, intrusão, intriguista.
- contemos**, contamos.
- contos**, intrigas.
- cootra-cunhado**, concunhado.
- contra-foiha** (terreno de), que dá *fruto* em dois anos consecutivos.
- contraíro**, contrario.
- convidar** (alguem), oferecer-lhe alguma coisa, dar-lhe *de peita* ou de gratificação.
- copela**, cópia (verbo).
- copernóstigo**, repenteio.
- coquerrar**. Vid. *choca*.
- coques**. Vid. *choca*.
- coquiar**. Vid. *choca*.
- côra**, brasido à porta do forno durante a cozedura do pão, para não deixar abaixar a temperatura. Em Fíães do Rio dizem *côr*, e em Padornelos *côr*.
- córado** (pão), que tem a *côra*.
- corga**, vale apertado; cortada.
- coriscada**, mudança rápida do tempo.
- corla**, líquido que se vomita do estomago.
- cornada**, gaihada dada por uma vaca.
- cornêlho**, canto dum trigo.
- cornêlhos e cornichos**: 1) os dois bicos nos fundos dos sacos; 2) cravagem do centeio.
- cornicho**, ponta dum chifre em que se mete trapo queimado para servir de isca.
- cornipos**, chifres pequenos.
- côrno**, corno.
- côrre! côrre!** (Pedrário).
- correal**, vadiagem. Andar no correal.
- corre-corre e moinho de vento**: papel que se fixa no extremo duma cana e que os rapazes conduzem correndo a fim de o fazerem girar.
- corrupto**, criança que não faz senão correr e saltar,—sinal de que ha de ser esperta.
- cortada**, corresponde ao francês *ravine*.
- cortar**, 1) fazer estragos. Um lobo às vezes corta a rez; 2) sair apressadamente, romper. Gira, corta!
- côrte**, açougue.
- cortelho**, corte pequeno.
- cortesões**, cortesãos.
- cortiço**, 1) aparelho de cortiça enrolada para sobre ele bater o linho com a *spadela*. É igual ao *cortiço das abelhas*, mas descoberto por cima; caixote de madeira onde na cosinha se conserva o sal (tambem lhe chamam *teco*).
- côrtilho**, quartilho.
- cortinha**, terra lavrada e cercada.
- côscos, limpadelras e reboelheiras**: detritos que ficam da malha do centeio.
- coscovilheiro**, homem de contos.
- cosquinhas**, massa que fica agarrada á maceira e com que se fazem as bolas. Vid. *bica*.
- costanha**, uma das duas paredes duma casa. Em Pedrário dizem *costãos*. Vid. *outão*.
- costela**, armadilha de apanhar passaros.
- cotio**, uso. Roupa de cotio, em opposição a roupa de guarda.
- côto**, 1) caule com os ramos cortados; 2) dedo cortado.
- couceira**, comichão. O fêno dá couceira.
- couciar** (o animal), dar couces.
- couracha**, pele dos porcos que se tira antes do *subentre*.
- couto**, 1) terreno em que pela camara ou junta de paróquia é vedado fazer carvão, apacentar gado, etc.; 2) reunião na *casa do povo*, a fim de se tomar alguma deliberação.
- covia**, pandega. Andar a correr a covia.
- covilhete**, malga pequena.
- côxo**, erupção cutanea que se attribue ao rasto de bicho que passaram

sobre a roupa que estava secando ou sobre a pele. Para evitar o *côxo* passa-se sempre a roupa pelo lume.

cozedôr de louça, homem que compõe louça.

craboneto, carboneto.

crastão, chibo. Disseram-me que havia esta palavra, mas nunca a ouvi. O nome geralmente empregado é *godalho*.

Craсто, Castro.

craveirão, utensilio de ferro.

creação, epoca. É da minha criação.

credol expressão de saudação a alguém que acaba de espirrar.

cria, 1) criação. Leitão de cria; 2) que cria. Egoa criadeira.

criadlho, creado pequeno. É criadlho cá da casa, mas vale poucas nozes.

criador, abundante. O rio Cavado é muito criador de truitas.

críca, certã. Nunca porém ouvi esta palavra.

crôa, a parte mais elevada. Crôa duma arvore, dum monte, etc. E' muito empregada.

crochudo (pinto), com poupa na cabeça.

cronha, cara. Tem fraca cronha p'ra santo.

crossa, especie de capote de *jangos* usado pelos homens.

crosseira, mulher que faz crossas.

crôssô, crossa pequena com capuz, usada pelas mulheres.

crostes, o primeiro leite que dá a vaca depois de punida.

crucifício, crucifixo.

curijidade, e **curijidade**: curiosidade. Filho da curijidade ou que nasceu atrás das *gestas* = filho natural falando-se duma criança; se fôr adulto diz-se mais geralmente *zôrro*.

curijdôso, **curijdôso** e **curijidôso**: 1) amador curioso; 2) cuidadoso.

cruzes, sinais gravados em pedras naturaes ou artificiaes, e tambem

feitos no terreno, para delimitação dos *termos* das freguesias. Ha o costume de *limpar as cruzes*, que consiste em dia previamente marcado em reuniões ou *coutos* irem os povos interessados raspar o musgo que as possa encobrir ou renovar as que teem sido cavadas na terra por no local não haver fragas. As cruzes gravadas nos penedos são pequenas, vão succedendo o mesmo com as que são cavadas no chão.

cubêlo, covêlo.

cucho-cucho, int. de guiar os porcos (Cabril).

cucho-pé (andar), andar numa perna cuco, homem cuja mulher lhe é infiel.

cuecas, calças usadas pelas mulheres.

cuja, dita. Na cuja casa.

cum, com.

cumio, trave mestra. Se é *obra fina*, chama-se *fita*.

cumpanhia, companhia.

cunca, malga grande. Nunca porém ouvi empregar esta palavra.

Cundino. Secundino.

cunques, dinheiro.

curral, sitio fechado onde dorme o gado ao ar livre no verão.

curtir (o linho), demolha-lo no rio.

D

dada, doença nos peitos da mulher.

dado, costumeado. Não é dado dar tabaco aos cegadores.

daimosa (criança), dadivosa.

danadas (cardinhas), salgadas. Danadas como pilha.

dar fala, pretender namoro ou casamento. F. deu fala a F.

dar ó registo, fazer um registo civil. Vamos dar ó registo.

data, sova.

debaluto, devoluto.

debelidade, fraqueza fisica.

debelltado, fraco.

debiqueiro, que come pouco ou mal.

Vid. *biqueiro*.

- debotar**, perder a côr, desbotar.
- decahir** ou **cahir** (o fômo), arrefecer. Deixam decahir o fômo.
- decór**, respeito. Não guarda decór a ninguém.
- decrua**, a primeira mão de enxada ou a primeira lavra.
- decruar**, fazer a decrua.
- definbar-se**, emagrecer muito.
- defumar**, queimar alecrim, alfazêma e cangorça. Defumêmo-lo, a ver se lhe vae o ar.
- deia**, dê.
- deixáras-m'as**, deixasses-m'as. Deixáras-m'as trazer.
- delgado**, delegado (do procurador da Republica).
- Delovina**, Ludovina.
- delubar** (o linho), pô-lo depois de massado em pequenas porções para o poderem spadar.
- demão**, ajuda. Deu a a ultima demão. Dar *um* demão.
- demolhar**, deitar de mólho na agua.
- Demoncre**, Demonio.
- Denões**, Donões.
- dentes**. Vid. *ágráde*.
- dentuça**, 1) dentadura; 2) mulher que tem os dentes muito grandes.
- depenado**, sem vintem.
- dependurai**, cabide.
- derramada**, estragada. Está a faca derramada!
- derramado** (cão), danado.
- derrangado** (animal), com a anca decahida.
- derreaço**, cansaço.
- derrota**, pégadas. Derrota do gado.
- des**, desde.
- desabrochar**, transpirar. Saltava-se logo a desabrochar.
- desarado**, vadio.
- desanuiar**, diz-se de quem corre muito. Parece que desanuviá.
- desarreigar**, arrancar.
- desarriscar**, riscar.
- desaforido**, pouco sofredôr, desenfreado.
- desapacientar**, irritar, fazer perder a paciencia.
- desapôr**, tirar as vacas do carro.
- desapundoar** (o centeio), limpar a espiga.
- desasado**, desajeitado.
- desaugar**, desaguar.
- desaustinado** e **desalmado**: furiôso ou fora de si.
- desbandar**, desfazer o bando. Desbandar as perdizes.
- descampar**, rapar a herva para apodrecer na terra.
- descascar**, tirar a casca. Descascar batatas.
- descolmar**, desfazer a cólma.
- descomparada**, muito batida pelos ventos, desamparada. Veiga descomparada.
- descordar**, acordar.
- descorrimento**, juízo, boa ideia.
- desembaranhar**, descamaranhar.
- desencabrestada** (rapariga), leviana.
- desenguiçar** (o cabelo), desmanchalo com o pente.
- desenhadôr**, emprehendedor. Isso era um desenhadôr!
- desfalecer** e **expedir**: estar a perder as forças, falecer.
- desgraça**, desgraça.
- desimbandeirar**, tirar as bandeiras.
- desinçar**, destruir. Agora os lobos estão quasi desinçados.
- deslareirar**, mexer as brasas no fôrno com um *larebro*.
- desmancho** e **abôrto**: a primeira palavra emprega-se, falando de mulher, e a segunda, de femêa irracional.
- desmasia**, demasia.
- desnocar**, deslocar. Hombro desnocado. Não sei como se não desnocou nenhuma peça do carro.
- desobriga**, confissão religiosa.
- desougar**, dar qualquer alimento em pequena porção.
- despear**, tirar as peias.
- despicar**, desafrontar.
- despiques**, satisfações. Tirar despiques.
- despôr**, plantar. Despôr couves.
- desterrar**, desaterrar.

desterro, desaterro.
destrocado, trocado. Destrocar di-
 heiro.
deteriorar, deteriorar.
Déus, Deus.
dezedélas, contos, intrigas.
dezer, dizer.
dezêres, nomes de diferentes peças.

O tiar tem muitos dezeres.

dezoito, cacête.
diabo-alma, pobre diabo.
diacho, dialho, diamo e dianho:
 diabo. Ora o dialho do home!
dia obito, dia de obito (Fiães do Rio).
dinheiral, dinheirão.
disputa, dialogo.
disputos, questões.
distingir, distinguir.
ditajio e ditajo: ditado.
ditâmes, historias. São ditâmes.
divede-se, divide-se (flexão verbal).
dixeram, disseram.
dizende, dissei (flexão verbal).
dobadoira, dobadoira. E' mau dobar
 linhas aos domingos, porque foi
 neste dia que os judeus dobaram
 o linho com que teceram a corda
 para prender o Senhor.
dondo e dondinho: mole, brando. A
 sola depois de molhada fica donda.
d'orredór, ao redor.
dosa, grande sova.

E

edra, era.
ei-bol-ei, int. de chamar os bois (Vi-
 lar de Perdizes).
eich, int. de chamar os bois (Para-
 dela).
eido, 1) quinteiro; 2) logar certo. Ei-
 do no scâno.
eilo-eilo-eilo-anhinho, int. de chegar
 os anhos ás mães quando acabam
 de nascer (Montalegre).
eira (*faser*), entreter, demorar o ser-
 viço de proposito.
eito, tira de terreno. Cada cegador
 leva o seu eito.
eito (a), seguir, a direito.

eixar (o carro), apertar o eixo.
eixe, eixo.
êla, ela.
eletico, electrico.
embanar, embalar.
embaranhar, emaranhar.
embelar, embalar. Eu imbelo.
embeloirar, rolar, volver. Embeloirar
 uma bola de neve.
embelgas, faixas em que, ao ser se-
 meado, se divide o terreno por
 meio de *balisas*.
embezerrado, de poucas falas.
embezerrar, teimar, amuar.
embida, envide:
emboiar, quasi a morrer. Esteve a
 emboiar.
emboladas (vacas), com as pontas
 dos chifres metidos em *bolas*.
embôxa, empola ou bôlha.
embrear, untar com breu. As vasilhas
 de barro destinadas a conservar
 vinho, são *embreadas* para não
ressumarem.
embuchádo, 1) farto, cheio; 2) indi-
 viduo que deixou de falar numa
 conversa.
emmedar, pôr em mêda (falando so-
 bretudo do centeio). Cada mêda
 pode levar, oito, dez ou mais car-
 ros. Vid. *cegar* e *emedouchar*.
emmedouchar e emmedoucar: pôr
 em *medouchos*, *medouchas* ou *me-
 rouchas* (o centeio). Cada medou-
 cha ou mêda pequena regula por um
 carro, e tem de ordinario cincoen-
 ta molhos. Diz-se *medoucha* quan-
 do os molhos de centeio são dis-
 postos no campo, pois que sendo-o
 na eira já se emprega a palavra
 mêda. Vid. *cegar* e *emedar*.
empachado, impedido de dejetar.
empairado, amparado. Tem o dinhei-
 ro mal *empairado*.
empenados e empenadas: caixilhos
 das janelas.
empecilho, tropeço. Anda sempre a
 pôr empecilhos.
empernar, prender a caça (coelhos e
 lebres) ao cinto.

emperrada, perra, difícil de abrir.
empontar, despedir de casa.
emprasto, emplasto.
emprêgado, entrevado.
empregado, guarda fiscal.
encadolado e encandelado: empenado. Taboa encadolada.
encalacrado, logrado.
encante, encanto. «Consta-se que na fonte do Salgueiro ha um encante».
encastelar (a perdiz), subir muito depois de ferida.
encatado, prêso, agatado.
encêrto, o primeiro bocado que se tira dum pão.
enchumaços (do carro), chumaços.
encontremos, encontramos.
encorrilhar, dizer a seguir.
encravelhar (alguem), *armar-lhe laços*, ciladas.
encrispar-se, sahir fora de certos limites.
endes, ovo para atrahir as galinhas ao ninho.
enferrar (as vacas), feri-las com o ferro do arado.
enfermidade, enfermidade.
enfurniscada, suja. A moeda está *enfurniscada* (Solveira).
engaldrapada, mulher que se sujou.
engaranhado, 1) encolhido com o frio; 2) que trabalha pouco. Sempre estás um engaranhado!
engastalhada (perdiz), pousada num galho de arvore. Tambem se diz *empoleirada*.
engrolado, mal cozido. Batatas engroladas (por não ferverem seguidamente). Couves engroladas (por não ferverem a tempo).
engronhar-se, envergonhar-se. Quem deve está sempre a engronhar-se.
engrudar, iludir.
engrnnbar, encolher. Engrunhar as pernas.
enguçado (cabelo), por pentear.
enjadadas, enfezadas. Crianças *enjadadas*.
enlela, cordel.
enlodar, ganhar lodo.

enraivar-se, irar-se.
enrodilhadas, intrigas.
enrolar, afagar, ameigar a criança.
enroscado (rabo), um pouco torcido (falando dos porcos). E' sinal de boa qualidade terem-no assim.
enruga, ruga.
ensarilhar, enredar.
entalar (alguem), mete-lo em serias dificuldades. F. entalou-se.
entesoadado, têsso, duro. «Roupa entesoada com o gelo».
entolhar-se, entusiasmar-se. Entolhou-se por o chapéo e comprou-o.
entremoços, tremoços.
enxadão, instrumento de lavoura que faz lembrar uma picareta.
enxaragão, enxergão.
enxermado (leite), o que é tirado á vaca depois de vendida a cria.
enxinar, ensinar (Fiães do Rio).
enxó, armadilha para caçar passaros.
enxopado, zangado, irado.
enzarel, pessoa palida e fraca, que está a expedir. *Anda por enzarel*.
enzoneira, mulher que mente muito.
éo-éo, int. de guiar os cabritos (Sirvozêlo).
erguer (o forno), aquecelo. Em contraposição a *descahir*.
Ermegildo, Hernenegildo.
ervilhôto, fruto de certa planta do monte.
esbandalhar, escangalhar.
esbarrondar, desmoronar, desfazer. Casa esbarrondada.
escabelar (o cavallo), largar o pêlo.
escada (de mão), compõe-se de *varaes* e *travessas* (Tourem).
escafular, esfolhar.
escãleira, escada exterior de pedra para subir a uma casa. Tambem se chama a cada degrau.
escalheiro, pereira brava.
escarabelhó, rapaz traquina. Diz-se tambem do peão quando não *dorme*.
escariote, rapaz inquieto.
escarolado (pão), que tem o meolo separado da codea.

escatlar, chamar por alguém em voz alta, prolongada e seguidas vezes.

O' Maria ú...

escorrichar, enxotar. Escorrichar as galinhas.

escouparão, escorpião.

escuchar, cortar. Está a escnchar couves.

escusa-merendas, certa flor.

esfrangaihar-se, rasgar-se.

esgaçar: esgaçava agua com força.

esgalhar (a lingua), falar de mais.

esgalhar (uma arvore), cortar-lhe as galhas.

esgalhada (vaca bem), que tem os galhos hem dispostos.

esgravatar, rascar na terra.

esgravatar p'ra fora, diz-se duma mulher muito franca e perdularia.

esguedelhado (cabêlo), mal ageitado.

esgueirar-se, fugir, mudar de logar. Esqueire-se d'ái.

esipela e zipela: erisipela.

esipelão e zipelão: erisipela brava.

esmolêr, esmoler.

esmonegar, esfrangaihar com os dedos. O home podia *emonegar* a ponta do cigarro, que já os empregados não sabiam que era tabaco hespanhol (Solveira).

esmorangar, esfrangaihar.

esmoocado, 1) ferido; 2) destruido.

A sepultura aberta na rocha tem em volta um rebaixo já *emoucado*.

espantalho, 1) boneco para afugentar os passaros; 2) mulher alta e mal composta; 3) rapaz estouvado e travêso.

espant'demos, estouvado, travêso.

espantar-se e pôr-se no mundo: fugir.

espargedeira, pequena forquilha de madeira com tres ramos para esparger o *abôno*.

esparger, espalhar. Esparger o *abôno*.

esparrinhar (a agua), saltar.

espocado, parado, á espera de alguém. O que me faltava era estar lá *especado*.

espeilhado, bem trabalhado. Pão *espeilhado*.

espera, logar determinado a alguém nas batidas aos lobos, javalis, etc. *Cada casa tem a sua espera*.

espetar—O cavalo espetou-me um couce.

espelar, acabar. A minha roca já está *espiada*. A candeia *espiou*.

espicha: da roca. Pode ser de osso ou de madeira.

espiche, pequeno tórmo para tapar um orificio feito numa vasilha de madeira.

espigueiro, o mesmo que canastro.

espoldrinhar-se, diz-se dos cavalos quando se espojam.

espolinhadoiro, logar onde se espolinham os animaes.

espolinhar-se, roçar-se na terra (falando sobretudo das aves).

esposada, casada. Só ouvi empregar esta palavra em referencia ao dia do casamento.

esqueceu-se-me, esqueceu-me.

esquerdino, que faz uso do braço esquerdo.

estaca, vara ou espeque dos feijões.

estadulheira, colecção de oito estadulhos que competem a um carro, podendo tambem ser de dez.

estadulho, pau metido ao lado do carro para segurar a carga. Na região do Rio dizem *fueiro*.

estaindes, estais.

estafêta (antiquado), condutor do correio.

estalar, quebrar. Estalaram-na aí, dizia um lavrador de Vilar de Perdizes referindo-se uma falhazita de louça numa jarra.

estanqueira, mulher que numa povoação vende tabaco.

estar entre as dez e as onze, não saber para onde ir.

estarrecido, -a, sucumbido.

estátula, 1) estatua; 2) mulher alta, magra e feia.

esticar, 1) fazer figura, apresentar-se bem; 2) morrer. Está a *esticar*.

esticadôr, bonito. Tens um anel esticador. Vinha todo esticador.

estilar, destilar.

est'outro, este - outro. Emprega-se muito.

estrafogueiro, ferro colocado na frente da lareira a fim de nele se apoiar a lenha que está ardendo. E' sustentado por dois suportes às vezes prolongados superiormente e terminados por descansos circulares para neles se poder colocar uma caneca, malga, etc. Na falta do estrafogueiro usa-se a *pedra do lar*.

estrafollinhar e estrafogar: dar cabo de qualquer coisa. Estrafogou tudo.

estrafonar, gastar perdulariamente o que foi herdado.

estrapalhar, escangalhar.

estampidôr, utensílio de ferreiro.

estrangalhar, estragar.

estrela, figura de papel que por meio

de uma linha a que está presa, os rapazes levantam no ar, como brinquedo.

estrela da alva ou do pastor: planeta Venus.

estremadura e strêmo: orla ou limite de povoação.

estrômpado, estropeado.

estroplado, muito fatigado (falando de animais).

estropiar, fazer barulho na rua com os socos.

estudar para galgo, estar muito magro.

étlgo, ético.

éu, eu.

exemplo, raridade. Quando casa um rapaz rico com uma rapariga pobre é um *exemplo*.

extração, extracção.

extrêmazinhas, pequenas pedras cravadas no terreno para demarcarem os sitios em que cada um pode cortar mato, lenha, etc.

(*Continúa*)

FERNANDO BRAGA BARREIROS.



MISCELANEA

Mais vale um gôsto que quatro vintens

(Vid. REV. LUSIT., XVI, 289-299)

Comparavel a *quatro vintens*, quanto ao número, é a expressão francesa *quatre deniers*, que se lê num poema do sec. XII.

Quando Carlos Magno enumera quais são os deveres a que seu filho Luis *le Débonnaire* tem de satisfazer para merecer a coroa real, diz-lhe imperativamente:

Ne veve fame tolir *quatre deniers* ¹

onde *denier* significa uma moeda antiga.

J. L. DE V.

Baçaqueira

Nome de uma quinta em Azeitão, pertencente ao nosso illustre historiador D^or. Gama Barros. Lembro-me se este nome será metatese de *cabaceira*. Cfr. no onomastico outros nomes do mesimo radical: *Cabaçal*, *Cabaços*, *Cabaça*, *Cabacinho*. A metatese originar-se-hia em não ser muito usual a palavra *cabaceira*, embora da lingua comun.

J. L. DE V.

Nomes de ventos

1. *Pégo*.

A's designações de ventos estudadas por mim nas *Lições de Philologia*, pags. 427-432, e depois pelo Sr. O. de Pratt em instructivos artigos da *Rev. Lusit.*, XVII, 198 ss. XVIII, 219 ss., e XX, 118 ss. juntase mais esta: *de Pégo*. Ouvi-a em S. Bartolomeu de Castro-Marim em 1896, e tenho-a apontado desde então em uma das minhas carteiras. Refere-se ao vento de Sudoeste. O *tempo está de Pégo* é frase usual. Tambem se diz:

Quando Dês q'ria,
Do Pégo aventava
E do Norte chovia,

ditado que tem paralelos noutras regiões. *Pégo* tem a mesma origem que o substantivo comum *pégo*, de pelagus «mar».

¹ *Li coronemens Loûis*, v. 84, ed. de E. Langlois, Paris 1898 (Société des anciens textes).

2. *Xarôco*.

Em 1899 ouvi no Bombarral os seguintes versos:

O vento Xarôco	Mas, se porfia,
Promete muito e dá pôco ¹ ;	É de noite e de dia ² .

Tenho-os na minha carteira n.º LXXI, pag. 74. Cfr. os que o Sr. Pratt inseriu na *Rev. Lusit.*, xvii, 199, que são variantes d'estes.

3. *Ao sopê*.

Vento ao sopê. É o vento Leste, em Baião, na linguagem geral.

4. *Vento Cerzêdo*.

É o vento de Noroeste. Assim lhe ouvi chamar em Castelo-Branco, por soprar do lado de Çarzedas, antiga vila.

5. *Vento Palmelão*.

Cf. Soropita, *Pocs. e pros. ined.*, pp. 6 e 78.

J. L. DE V.

Para «encantar» os ratos

Nas *Religiões da Lusitania*, III, 569, n. 1, disse eu que ao passo que E. Rolland citava na *Faune pop.* (Mammif.), pág. 23, uma fórmula contra os ratos, eu em Portugal não conhecia nada semelhante. Em vez de «que não conhecia», devia dizer «que não me lembrava», porquanto já em 1896 (fins de Dezembro) eu havia ouvido no Algarve, a uma pessoa da aldeia de Vaqueiros, concelho de Alcoutim, uma curiosa fórmula mágica, ou ensalmo, que servia «para encantar qualquer animal, *principalmente ratos*». Aqui a transcrevo da minha carteira LXVII, 43 v.—44:

Ha um santo chamado *S. Brezabúm*, que tinha nove filhos. —Péga-se, com a *mão canhota*, em nove pedras, ou nove objectos semelhantes a elas, como carços, e diz-se, *jogando* («atirando») sucessivamente uma pedra:

Tanto aumentem vòcês aqui,	De nove tornam-se em ôito,
Como os filhos de Brezabum,	5. De ôito em sete,
Que de nove não ficou nenhum!	De sete em seis,
	De seis em cinco,

¹ Isto é, promete muita chuva, e dá pouca.

² Entenda-se: a chover.

- De cinco em quatro,
De quatro em tres,
10. De tres em dois,
De dois num,
D'un em nenhum.

(*E vai-se rezando um P. N.
e A. M. a cada um d'estes no-
ve versos que se recitam*).

Tanta parte tenham vocês nesta carniça ¹,
Como a ama ² do padre tem parte na missa! ³

15. Sejam sconjurados e dêtados
Pra ôtra banda da agoa do mar,
Onde nã oiçam galinhas nem galos cantar,
E nem mãi por filhos bradar!

*

S. Brezabum é evidentemente *Belzebuth*. palavra que tam-
bem deu *barzabii* na lingua popular. O Diabo foi aqui santifi-
cado, por ironia, ou por confusão com os santos que figuram nos
ensalinos d'esta especie. Os filhos são em número de nove, como
noutros ensalmos em número de tres: vid. *Ensaíes Ethnogra-
phicos*, III, 195; cfr., *tres novelos* a pag. 205. Este ensalmo, onde
os numeros vão diminuindo de nove á zero, pertence á classe es-
tudada pelos Srs. Adolfo Coelho e Vasconcellos Abreu na *Renas-
cença*, 47 e 115: á proporção que os numeros vão diminuindo, a
causa do mal vai pouco a pouco desaparecendo. Aplica-se assim
o principio da analogia (falsa), que é um dos mais fecundos nas
coisas mágicas. Começa o ensalmo por uma analogia ou com-
paração, e logo abaixo, nos vv. 13-14, se torna a estabelecer ou-
tra, que é, em verdade, muito satirica! O mago supõe que certos
fenomenos se manifestam por imitação, ou lembrança, de outros
que para esse efeito ele produz. Cfr. os citados *Ensaíes Ethnogr.*,
III, 183; aí transcrevi várias comparações, ou exemplos, de magia
imitativa. As pedrinhas, que á recitação dos versos se atiram
fóra, como se simbolizassem o aniquilamento de cada um dos
filhos de Brezabum, completam o circulo de ideias em que a fór-
mula se enuncia.

A *mão canhota*, ou esquerda, tem grande significação nos
ritos mágicos: vid. *Ensaíes Ethnogr.*, IV, 357-358, onde, a propo-

¹ Se o bicho [ou o rato] ataca a carne.

² Isto é: *comê ama* «como a ama».

³ Porque não tem nenhuma.

sito de «cruzes, canhoto!», que figura num conto de Trindade Coelho ¹, falei já da importância supersticiosa do lado esquerdo.

A *ôtra banda da agoa do mar* para onde os filhos de Brezabum, isto é, os ratos e quejandos animais causadores do mal, são esconjurados, corresponde a um lugar deserto, longinquo. As coisas más mandam-se para o *mar coalhado* (vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 368-d) e desterradas para Côira, que fica em um extremo (*Rev. Lusit.*, xix, 337-338). As mesmas ideias vigoram noutros países: vid. *Méhusine*, III, III e 112; Tylor, *Civilis. primitive*, III, 165, 167. É em parte por concepções analogas que alguns povos crêem que as almas dos mortos vão para o Ocidente, para além-mar: L. Marillier, *La survivance de l'âme*, Paris, 1894, pág. 6. Também entre nós se espalham as trovoadas,

... p'ra a serra do Marão,
onde não haja palha nem grão,

Nem meninos a chorar,
Nem galos a cantar

(*Trad. Pop. de Port.*, pág. 65), fórmula que se assemelha ao final da que estou estudando.

*

Os nossos ensalmos relacionam-se com os exorcismos eclesiásticos, e uns e outros provêm da antiguidade: cfr. *Religiões da Lusit.*, I, 174, n. 2. Já Horacio, *Epistulae*, I, 34-35, disse:

Sunt verba et voces quibus hunc lenire dolorem
Possis et magnam morbi deponere partem,

onde *verba* significa «ensalmo» ou «fórmula mágica», e *voces* designa o tom musical da recitação: vid. as notas de Nauck, 11.^a ed., Leipzig 1882, pág. 177, e as de Schütz, Berlim 1872, pág. 11, autores que citam passos gregos de Homero e Eurípides a que os versos horacianos correspondem, e mencionam paralelos em Macrobio e Aulo Gelio. Vid. também: *Corpus inscript. Latinar.*, I, 818-820, e III, 961 (e as notas); Marquardt, *La culte chez les Rom.*, I, 135, n. 4; e principalmente Heim, *Incantamenta magica Graeca Latina*, Leipzig 1902, *passim*.

J. I. DE V.

*

Haver (impessoal) no plural

Dizer *houveram homens* por *houve homens*, como muita

¹ Também Camilo emprega «cruzes canhoto!», por exemplo, n.º *santo da montanha*, cap. XIX.

gente individualmente diz e escreve, é êrro crasso, pois que *homens* é complemento e não sujeito.

Todavia no Algarve, pelo menos em certas regiões, é corrente dizer-se *hòvêrê pãdêras*, *hàiê azinhêras*, segundo ouvi nuns versos que me recitaram em 1896 em S. Bartolomeu de Castro-Marim; e ouvi *hàiê homês* em Tavira. *Hàiê* é o plural (analogico) de *hai*, fôrma impessoal não sómente da lingua arcaica, mas da lingua popular de muitos pontos do pais, e do proprio Algarve (*Rev. Lusit.*, IV, 330): temos em *hàiê* o mesmo fenomeno morfologico que em *hãdem* e *hândem* da linguagem vulgar de Lisboa. Como a 3.^a pêssoa do plural termina em *-em* no presente indicativo dos verbos da 2.^a conjugação, terminação que como que se junta à 3.^a pessoa do singular (*deve-devem*, *tem-temem*), o povo deu-a tambem a *hai*, d'onde *hàiê* (a nasal final é *-ê*, não *-em* = *-êi* ou *-âi*). É por motivo analogo que várias pêssoas cultas dizem *tem*, isto é, *têem*, embora o falar castiço exija *tem* no plural, com a mesma fôrma do singular: cfr. as minhas *Lições de Philologia*, pag. 96.

Em *hàiê*, a par do fenomeno morfologico, ha um fenomeno sintatico e um fenomeno sematologico, pois o povo fez concordar o verbo com o complemento, como se este fosse sujeito e aquele significasse «existir».

Claro está que, desde que o povo deu a *haver* a significação de «existir», devia fazê-lo concordar com o sujeito; d'ai a suposta terminação do plural. Praticou um êrro, supondo que corrigia outro. O impulso para se dar a *haver* a significação de «existir» partiu de casos como *ha um*, *havia um*: isto provocou *haviã dois*, e frases congeneres.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

Um capítulo de Semantica, por Americo de Moura, S. Paulo, Brasil, 1916, folheto de 16 paginas.

O folheto do Sr. Americo de Moura em primeiro lugar põe em relevo que nem todas as orações tem sujeito, apesar de que «do conceito de proposição com todo o rigor logico se infere a absoluta necessidade de figurar entre os actores da frase um protagonista que a todos os outros domine» ¹, e em segundo lugar procura averiguar as causas deste facto syntaxico.

Demonstra que «é forçoso admitir, no estádio de formação de linguagem que a todo o momento se reproduz, a existencia de expressões synteticas e vagas, equivalentes de juizos e proposições perfectas, mas destituídas dos elementos logicos que a estas caracterizam» ². Dentro da categoria das orações indeterminadas, o autor considera dois tipos: as de sujeito pessoal indefinido, mas analiticamente determinavel, e as desprovidas do proprio conceito de sujeito. Pertencem ao primeiro tipo orações como *atunt, dizem, on dit*, e ao segundo orações como *mingit, chove, e' plove, it rains*. Todavia em homenagem à logica, alguns gramaticos sustentam que tambem às orações do ultimo tipo se pode dar sujeito. Atribuem aos verbos um sujeito divino—*dominus*... «Pode ser que tais construções tenham derivado de outras outrora dotadas de sujeito. Ideias bem diferentes das que hoje temos podiam elas representar para o homem primitivo, que attribuía a uma divindade cada um dos fenomenos da natureza» ³.

Depois, por abstracção, ter-se-hia passado da categoria pessoal para a impessoal, ao contrario do que provavelmente em tempos primitivos acontecerá às formas vagas, que pouco a pouco se definiram, facto linguistico de que ha um exemplo moderno no infinito português.

O limite do campo definido e do indefinido não é bem claro: «Para exprimir com toda a nitidez os conceitos de determinação e indeterminação, os recursos da linguagem usual são

¹ Pag. 3.

² Pag. 13.

³ Pag. 12.

muito insuficientes; evidencia-se a sua pobreza até nos casos em que se poderia esperar bem nítida diferenciação, em virtude de concurso de processos analíticos e de outros determinantes qualitativos e quantitativos» ¹. Também não é muito mais nítido o processo por que se chega a um ou outro daqueles conceitos: «Ou a linguagem teve um estágio original concreto, em que ao surto da abstracção no espirito humano se operou o movimento de impessoalização, a que se foram juxtapondo os outros, ou, o que parece mais natural, em se tratando de um periodo de intelligencia rudimentar, mais passiva do que activa, ou de todo inconsciente, formas primitivamente vagas, sem um sentido definido, se foram pouco a pouco definindo» ².

Inclinado para esta ultima hipotese, a mais verosimil efectivamente, o autor conclue «que as palavras e os morfemas que designam a pessoa gramatical tinham provavelmente a principio um sentido colectivo ou indefinido, de que se desenvolveu o de pessoa definida e que, constituída logicamente a linguagem, na evolução dessas formas ha sempre acções e reacções, continuando a pessoa indeterminada, como a determinada, visto que os seus conceitos são tão relativos como os do abstracto e do concreto, a ter o mesmo direito de figurar no sistema de conjugação» ³.

Salienta-se o folheto do Sr. Americo de Moura pela riqueza dos factos que apresenta para comprovação das suas ideias.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

A Superstição e o Crime, pelo Visconde de Carnaxide, 1916, edição da Academia das Sciencias de Lisboa.

O livro — *A Superstição e o Crime*, do Sr. Visconde de Carnaxide tem por objecto demonstrar que o Código Penal em vigor na metropole não pode servir para julgar actos criminosos cometidos nas nossas possessões de alem-mar. Fornece pretexto e materia para esta demonstração um acórdão da Relação de Lisboa, sob um caso de assassinio praticado por um indigena da provincia de Moçambique na pessoa de uma mulher que um adivinho local indicou como causadora, mercê de seus feitiços, da doença de uma irmã do réo, indicação esta que, segundo o

¹ Pag. 16.

² Pag. 16.

³ Pag. 18.

uso e costume dos negros da região, determinou a pratica do crime.

O estudo deste assunto dá ensejo ao autor para fazer a historia pormenorizada da feitiçaria em Portugal, e muito especialmente do lugar que ella occupa nas nossas antigas ordenações, e para expor com desenvolvimento as suas ideias sobre qual deve ser, á luz da medicina e da psicologia, a orientação do direito penal de hoje.

O Sr. Visconde de Camaxide aprccia em primeiro logar o acórdão da Relação de Lisboa que iliba de culpa o adivinho condenado pela Relação de Moçambique como cúmplice do assassinio, pois aquella reconhece que o réo não havia aconselhado a morte da feitiçeira, mas tinha unicamente denunciado esta, o qual acórdão, todavia, não iliba de culpa o autor do crime, embora á pratica dêle o réo fosse levado por uma superstição local.

Não era possível, ao que parece, julgar doutro modo dentro das apertadas malhas da nossa legislação penal. Iliba-se de culpa quem é possível ilibar, e que, todavia, não é menos criminoso que o assassino, visto que os indígenas estão persuadidos de que «revelada a existencia de alguma feitiçeira no povoado, pela indicação infalivel do adivinho, o exterminio dela, como encarnação do proprio Satanaz, sendo de uma necessidade inevitavel não só para as pessoas já lesadas por seus maleficios, mas para todas as outras da região, incluindo os mais próximos parentes de tão malefica criatura, faz crer que os autores da sua morte se atribuem, como um acto de justiça indispensavel, uma acção até de benemerencia assinalada» ¹.

As superstições dos indígenas são tão opressoras e tenazes, que podem provocar, por medo, a morte fulminante dos que nelas acreditam. O adivinho goza de soberano prestigio. Ninguém ousa desobedecer aos seus esconjuros, nenhum criminoso ha que consiga iludir as suas investigações ou occultar o seu crime. Quando elle recorre, por exemplo, ao julgamento pelo fogo, que consiste em passar pelas mãos dos presentes, colocados em linha, o ferro em braza de uma enxada, por forma tal «que parecendo tocar com elle em cada um, venha, todavia, a deixar queimado só o culpado e nunca os innocentes» ², o delinquente absolutamente convencido da efficacia deste processo de investigação

¹ Pag. 9.

² Pag. 12.

criminal, porque cegamente crê nos altos poderes e virtudes do adivinho, denuncia-se com a maior facilidade.

Dêste elevado prestígio faz o adivinho uso imprudente quando decreta de sciencia certa que tal ou tal pessoa se entrega á feitiçaria, pois isso equivale a formular contra ela uma sentença de morte irrevogavel.

O Sr. Visconde de Carnaxide occupa-se depois incidentalmente da historia da feitiçaria. Transcreve alguns dos capitulos, aliás bem curiosos, que lhe consagrava a nossa antiga legislação (Posturas Municipaes, Ordenações do Reino, Constituições Diocesanas); compara os nossos textos juridicos com os estrangeiros; e comenta com grande erudição e espirito critico o que está na legislação e o que dizem os tratadistas e os doutos.

Já no seculo iv os concilios hispanicos se occupavam da feitiçaria, punida depois até com pena de morte nalgumas Ordenações do Reino. Pelas Ordenações manuelinas os feiticeiros «eram ferrados em ambas as faces com um ferro para isso mandado fazer» ¹.

O açoite, a prisão e o degredo eram tambem applicados como castigo desta especie de crimes, como se vê, por exemplo, nas obras de Gil Vicente. A magia alquimica, que procurava obter o oiro, era tambem prohibida na nossa antiga legislação. As disposições sobre crimes de feitiçaria foram-se reproduzindo nos varios textos legislativos, até que totalmente desapareceram em 1852 doCodigo Penal português, passando tais crimes a serem considerados burlas.

Ao fazer a historia da feitiçaria, o Sr. Visconde de Carnaxide é naturalmente levado a enumerar os crimes que a nossa antiga legislação considerava atentatórios da religião do Estado, e dos actos que constituíam heresia aos olhos da Inquisição, no número dos quais passaram a entrar, por bula de Sixto v, as adivinhações, sortilegios e feitiçarias. No Regimento Inquisitorial de 1640, encontra-se esta disposição: «Se alguma pessoa fizer feitiçarias, sortilegios ou adivinhações, usando de cousas e superstições hereticais incorrerá na pena de excomunhão, confiscação de bens, e em todas as mais que em direito estão postas no crime de heresia, e contra elas procederão os Inquisidores da mesma forma que procederão contra os herejes da nossa Santa Fé» ².

Antes de tirar as conclusões da sua obra, e para que elas

¹ Pag. 26.

² Pag. 57.

redundem mais fortes, o autor aponta varias deficiencias da nossa legislação penal e deixa entrever o que ela deve ser para estar de acordo com os verdadeiros sentimentos humanitarios e com o progresso scientifico. O Sr. Visconde Carnaxide manifesta-se partidario da individualização da pena: «Era preciso um novo grau de individualização a realizar posteriormente à sentença condenatoria e assim depois de exercida a função do poder judicial e no decurso do cumprimento da pena»¹. É todavia, contrario ao direito de graça dos chefes de Estado, embora nêle haja alguma coisa de bom, porque se exerce geralmente como especulação politica, e tem o inconveniente de readmitir na sociedade delinquentes não regenerados, enquanto outros, que já o estão inteiramente, continuam no carcere, se não ha acontecimento que solenizar. O indulto deve ter uma razão scientifica. A pena só deve ser fixada nos seus traços gerais no Código; no pormenor é a administração penal que compete individualizá-la nas casas de educação moral que devem ser as cadeias.

Depois de ter demonstrado que a nossa legislação penal é já atrasada e deficiente para a metrópole, o Sr. Visconde de Carnaxide conclue que tal legislação, extensiva a colonias diversissimas pelas condições locais, indole e costumes dos seus habitantes, é um absurdo, se, por ventura, não é uma monstruosidade. A legislação metropolitana sobre casamento e duello que o autor compara às legislações da mesma natureza dos outros países, é extensiva às nossas colonias, em opposição manifesta com os costumes locais. Para o negro, que tem da honra uma noção, que não é a europeia, o duello, visto indulgentemente pelas nossas leis, é um crime como outro qualquer; ao contrario, a poligamia e a infidelidade da esposa, condenadas com veemencia na nossa legislação penal, são para ele uma necessidade economica e até um motivo de orgulho. Se sómos indulgentes para com os nossos usos e preconceitos, devemos sê-lo para com os dos negros tambem. Requerem-se codigos penais privativos de cada colonia. Uma legislação unica entibia e desorganiza a vida propria dos povos indigenas, leva a falencia de todas as tentativas de assimilação, com prejuizo do progresso colonial e dos interesses economicos e até politicos da metropole. Apenas se deve tentar uma lenta aproximação de instituições juridicas, à medida que a cultura local fôr aumentando.

Para obstar a crimes de origem supersticiosa importa sobre-

¹ Pag. 93.

tudo instruir, se bem que haja superstições compatíveis com altos graus de cultura, como a do ocultismo. Nas colônias, porém, onde os crimes de feitiçaria são mais frequentes, a instrução precisa ser acompanhada da intimidação para se evitar que imprudentemente alguém seja apontado como feitiçeiro.

Crimes de caracter supersticioso entende o Sr. Visconde de Carnaxide que devem ser julgados por um júri: «Se as superstições não podem perante a lei constituir circunstancias extintivas de responsabilidade, perante a consciencia e soberania do júri é que, quando os seus sentimentos de justiça em algum caso lhe ditem a necessidade moral da absolvição, a dificuldade que para o juiz togado seria invencível, é inteiramente removida pela sua faculdade absoluta de responder que o crime não está provado o que no elogio e não para censura da instituição os ingleses chamam uma pia fraude» ¹.

É o Sr. Visconde de Carnaxide partidario entusiastico dos júris esclarecidos, com attribuições amplíssimas: «Ha necessidade de subtrair à jurisdição de juizes singulares e mechanicos o julgamento dos delictos mais graves para nesses casos — não podendo por motivos praticos ser tambem em quaisquer outros — se fazer a entrega dos accusados ao unico poder das consciencias. A essa necessidade acresce manifestamente como seu indispensavel complemento, o que até hoje está longe de ser realizado — a organização do júri com as cautelas e em condições de tal confiança que, quanto humanamente seja possivel, garantam o bom uso da omnipotencia, que, sendo da instituição attributo inseparavel, não pode deixar de lhe ser conferida. Restará, porrem, ainda completar a entrega ao júri tambem, embora com a presidencia do juiz togado, da decisão sobre a propria pena a aplicar» ².

E, embora o atraso seja grande nas nossas colônias, e a impossibilidade de ali constituir um júri à maneira da metropole seja evidente, o Sr. Visconde de Carnaxide entende que ele deve contudo organizar-se lá e do modo «como em cada comarca melhor se ofereça, tanto na categoria ou qualidade das pessoas, como na quantidade» ³.

Com a demonstração da sua tese — os codigos metropolitanos não servem para as colônias — o Sr. Visconde de Carnaxide

¹ Pag. 42.

² Pag. 123.

³ Pag. 123.

não honrou apenas a literatura jurídica contemporânea, porque enriqueceu também a nossa etnografia colonial, e chamou a atenção para varios problemas sociológicos e morais. A *Superstição e o crime* sendo essencialmente um livro de sciencia e de erudição jurídica não é menos uma obra de largo alcance para o progresso geral das nossas colonias. Às vezes os livros valem tanto pelo que dizem, como pelo que sugerem. O do Sr. Visconde de Carnaxide é dos que hão-de fazer surgir problemas novos, e ao mesmo tempo hão-de projectar luz sobre erros velhos. Assim, após a leitura da sua obra, immediatamente nos acodem ao espirito perguntas como esta: Deve a instrução primaria das nossas colonias ser igual em materias á que se ministra na metropole? Ou então são reflexões desta natureza as que nós fazemos:—Se a mesma legislação para a metropole e colonias é um absurdo, a pretensão que de longe vem de converter os negros ao cristianismo, a mais abstracta das religiões, é uma loucura!

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Contribuições para a lexiologia luso-oriental, pelo Dr. Sebastião Rodolfo Dalgado, Lisboa, 1916, edição da Academia das Sciencias.

Este trabalho é, por assim dizer, a reciproca de outro, também publicado pela Academia das Sciencias, tres anos antes do que agora veio a lume e que se intitulava—*Influencia do vocabulario português em linguas asiaticas*. O autor nota no prefacio das *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* que «se avultado foi o numero dos termos portuguezes que penetraram nos idiomas indigenas», como demonstrou no seu estudo lexicologico de 1913, «tambem não é somenos a quantidade dos vocabulos vernáculos que transitaram para a lingua portuguesa, passando desta muitos para outras linguas europeias, e até para a nomenclatura scientifica, especialmente botanica», como demonstra no presente trabalho. O Dr. Sebastião Dalgado lembra como causas da passagem dos vocabulos orientais para a nossa lingua: «a intensidade e a amplitude da acção civilizadora de Portugal; a sua precedencia no oriente e a sua mentoria, posto que involuntária, ás outras nações da Europa; a sua adaptabilidade á maior parte das linguas asiaticas, e vice-versa, reconhecida por mais de um sabio estrangeiro; o rápido e perdurável desenvolvimente da raça eurasiatica e os seus consequentes crioulos».

Classifica em várias categorias as palavras que se introduziram em português, das quais — «umas circunscreveram-se á lingoaem asiatica»; «estas acompanhavam os objectos que designavam na sua peregrinação pela Europa e America»; «ainda outras, e estas são poucas, entraram na fala comum com fôcos de perfeita naturalização, mas modificaram-se pela maior parte nas suas significações originarias, sujeitando-se a representar na nova patria coisas e conceitos já conhecidos».

As dições de origem asiatica não estão todas registadas nos dicionarios, ou estão-no por vezes com a filiação deturpada, mercê do «desprezo das legitimas fontes de estudo» e da «etimologia empirica» ou «etimologia de palpite», que, estribando-se inteiramente na homofonia, leva a «disparates palmares e desastrosos». O processo que ao notavel saôscritologo se afigura indispensavel no estudo da lexiologia asiatica, e de igual modo no da africana, é o de «percorrer com paciencia as obras de todos os nossos escritores, e as principais dos estrangeiros antigos, que com reconhecida competencia trataram das coisas da Asia meridional, e colher ai os vocabulos exóticos com a sua definição ou descrição e com a sua pátria ou derivação».

Nas *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* segue o ilustre orientarista este exaustivo processo, unico que acha «racional e frutifero».

Elas compreendem o estudo historico-etimologico de cerca de duzia e meia de vocabulos, estudo que termina por um modelo da inscripção da palavra asiatica nos dicionarios. Mais honografias deste teor nos promete o sr. Dr. Sebastião Dalgado, antes de dar a lume a obra monumental que tem entre mãos *O glossario luso-asiatico* e que declara já abranger «mais de dois mil vocabulos copiosamente abonados com autoridades nacionais e estrangeiras».

JOÃO DA SILVA CORREIA.



REVISTA LUSITANA

VOL. XX

1917

N.^{os} 3-4

AS JANEIRAS E OS REIS

(ALGARVE)

Entre as cantigas e usos tradicionaes de Monchique notam-se pela variedade e originalidade das musicas ou *estilos* (como por aqui se diz) as Janeiras e os Reis, que são um mixto de cousas religiosas e pagãs.

De religioso, afinal, só tem alguns versos, pois que, na verdade, as Janeiras e os Reis são simplesmente um pretexto para os janeireiros se divertirem e fazerem colheita de esmolas com que arranjam depois as suas *funções* (ceias) a que não falta, *pre-môd'o frio*, o vinho carrascão e a bella *di a madrouhêra* ou *lagarta*, nomes que, alem de muitos outros, empregam para designarem a aguardente.

Janeiras são pois os canticos que por aqui se ouvem na noite de S. Silvestre (31 de Dezembro) e *janeireiros* os individuos (homens, mulheres e crianças) que compõem os grupos, sempre numerosos, que cantam as janeiras.

Um ou dois dias antes, os janeireiros tratam da organização dos seus grupos e, na noite indicada, pouco depois do anoitecer, percorrem cantando as casas da villa, indo tambem alguns grupos para o *monte* (para fóra da villa, para o campo), havendo outros que chegam até aos Casaes, que é uma pequena povoação distante de Monchique, uns nove kilometros, e d'onde voltam no outro dia... se podem. Na villa os canticos terminam quasi sempre ahí por volta da meia noite.

Os grupos (*joldas* ou *joldras*) de janeireiros são organizados de diversas maneiras: umas vezes compõem-se sòmente de cantores (só homens, homens & mulheres, só mulheres, *môços*); outras vezes estes mesmos grupos fazem-se acompanhar por uma *harmonica* («accórdéon») ou por uma *gaita* (ou *flaita*—instrumento que no commercio tem o nome de «harmonica» e a que muitos tambem chamam *harmonio de boca*); outros grupos ainda são formados por differentes tocadores de instrumentos de metal

e madeira ou cordas, tendo junto o respectivo grupo de cantores com o *apontador* á frente.

Todos os grupos, com excepção d'estes ultimos, costumam apparecer tapados por uma manta ou cobertor que os resguarda um pouco do frio e sob o qual os janeireiros se encolhem, muito juntos, escondendo cuidadosamente a cara para evitarem quanto possivel o serem reconhecidos.

Os grupos em que ha instrumentos de metal ou de corda não usam a manta, envergando os respectivos janeireiros, varinos, capas alemtejanas ou gabões, e tendo as caras descobertas.

Em todos os grupos indistinctamente ha um janeireiro que desempenha as funcções de tesoureiro e cujo distinctivo é um sacco em que guarda as esmolas, e ha tambem um outro que *aponta*, isto é, que canta «a solo» dois versos que o coro repete a seguir.

Em geral, para apontar, é escolhido um janeireiro que saiba os versos e tenha boa voz, sendo muitas vezes este cargo confiado a uma mulher, mas nem por isso deixa de haver cada vez de chibato que é de fugir.

Os grupos compostos só de cantores usam tres ou quatro estilos e, algumas vezes, tambem cantam os estilos usados pelos grupos de musicos, mas estes é que nunca usam os estilos d'aquelles e costumam até arranjar um para cada anno.

Ha portanto duas especies differentes de estilos: os estilos usados pelos cantores, que são evidentemente os mais antigos, escritos quasi sempre em compasso quaternario e executados num andamento muito vagaroso; os estilos usados pelos grupos dos musicos (aquelles em que cntram instrumentos musicos), que são mais modernos, escriptos em geral em compasso ternario e cujo andamento é aproximadamente o do chamado = tempo de valsa.

A letra é indifferentemente usada por todos os grupos e, em geral, só cantam duas ou tres quadras por que as casas que costumam receber estes hospedes preparam d'antemão as esmolas (que consistem em *sonhos*, *fritos*, *filhoses*, figos secos, chouriças, murcellas, dinheiro, etc.) e, cantada uma ou duas quadras procuram livrar-se dos janeireiros (que muitas vezes se tornam incommodos), dando-lhes logo a esmola que elles se apressam a meter no sacco, cantando uma quadra mais de despedida ou agradecimento e procurando immediatamente outra casa a que vão levar... a boa nova.

Poucas vezes cantam os versos todos, e só faz isso um ou

outro grupo mais teimoso que gosta de levar as cousas com *pá-sua* e *precêto*, pois a maioria dos grupos gosta mais de receber as esmolas do que estragar as guellas com cantigas, e ha tal que começa pela quinta quadra ou outra parecida, por que dizem elles:

cantigas são pataratas,
pataratas são asneiras,

e... não vae o tempo
p'ra brincadeiras.

Dos versos que damos a seguir ha muitas variantes, conforme o gôsto dos cantores que muitas vezes tambem improvisam as suas quadras. Ora ahi vae uma para amostra:

Senhora dona de casa,
que tem o *pial* até *abáxo*,

Dê le dê *munta* saude,
a si, *má'ou* sé macho.

Muitas vezes os janeireiros, quando encontram uma casa que dê esmolas de que elles gostem, fazem a partida de ali voltar diversas vezes, mudando de apontador, por prudencia, já se vê.

Eis os versos mais geralmente usados:

Recordae, nobres senhores,
qu' é tempo de recordar:
ouvireis a boa nova
qu'eu trago p'ra vos dar:
nasceu o Rê da Gloria
p'ra nós todos salvar.

Esta noite é de janeiras,
é de grande mer'cimento,
por ser a noite premêra
em que Dês passou tormento.

Senhora dona de casa,
raminho de salsa crua,
lá aos pés da sua cama
nasce o sol e põe-se a lua.

Tormentos que Dês passou
foi por que os quis passar,
suas carnes cortou,
suas carnes deixou cortar.

Senhora dona de casa,
tem 'ma flor no chapeu:
quando vae p'ra a igreja,
parece um anjo do ceu.

O sé sãigue derramou,
sé sãigue dêxou derramar:
essas tres pingas de sãigue
Dês as quêra aprovêtar.

Esta casa está bem feita,
talhadinha a picão:
ôs senhores que nella *morom*
Dês le dê a salvação.

Da premêra se faz o pão,
da outra o vinhô cristal,
a outra que sobeja
espalha p'la cristandade.

Ainda le canto mais esta
em louvor de San Alberto:
mande-nos dar a esmola,
qu'o sacco já 'está aberto.

Ora dae, senhora, dae,
Ora dae, que todês dão,
que de Deus tereis o pago
e da *Virj'ou galhardão*.

Ainda le canto mais esta
em louvor de San João:
não le canto mais nenhuma,
sem saber o que me dão.

Esta ultima quadra é muito pouco usada, por que, nesta altura, já a esmola está dada, e só é cantada quando a esmola se demora.

Cantada esta quadra, calam-se e esperam, e, logo que recebem a esmola, cantam para agradecer:

Quem tan boa 'jmola deu,
dada no seu pratinho,

Dês a livre das más linguas,
ou pé da porta um má vezinho.

Ou:

Quem tan boa 'jmola deu,
Oh! que lindo *convindado!*

fique-se com D's. senhora,
Dês le paigne! muito obrigado.

Ou ainda est'outra que é mais vulgar:

Fique-se com Dês, senhora,
qu'è com Dês me vou embora:

quêra Dês que nos vejamos
lá no *rêno di a gueloira.*

Se se dá o caso, muito raro, de ser negada a esmola, os jâneiros, que não gostam nada da graça, castigam com satiras a sovinice (temos de suprimir o mais rude!):

Sete estrello vae em pino
e o cajado vae de volta:

já que não deu a esmola,
aqui.....

Ou:

Senhor lavrador honrado,
cara de *palaio* crú,

já que não deu a esmola,
.....

Ou ainda:

Senhora dona de casa,
olhos de porca morta,

mande-nos dar a esmola,
senão.....

A's vezes tambem dão aos jâneiros, ou por brincadeira ou por pirraça, um bocado de tripa cheio de farellos ou serradura ou um *sedenho* embrulhado num papel, o que facilmente passa por chouriça ou murcella: e os jâneiros, assim enganados, agradecem e vão-se embora com grande gaudío de quem fez a partida; mas os jâneiros, logo que dão pelo logro, e se sabem quem os enganou, devolvem immediatamente a esmola cantando:

Ainda agora aqui estive,
já cá volto outra vez

venho trazer a esmola
á gran *porca* que a fez.

Como se vê, os senhores jâneiros são pessoas muito pre-

videntes e que sabem fazer face a todas as eventualidades. Tem remedio para tudo! E o caso é que se divertem a valer com tudo isto.

Os grupos de musicos cantam quasi sempre muito menos que os grupos de cantores: cantam duas ou tres quadras, esperam um pouco pela esmola, se é preciso, e, recebida ella, tocam para agradecer uma musicazinha qualquer (a maior parte das vezes uma valsa ou mazurka, que não vae alem de duas partes) que não repetem, — e toca a andar, que o tempo está frio e é preciso pensar na *função* do dia seguinte!

São muito mais praticos os musicos!

No dia immediato, isto é, no dia de Anno Bom, numerosos grupos de rapazinhos (de ambos os sexos) percorrem as casas da villa e campo, quasi todos munidos d'uma alcofinha, a *pedir as janeiras*, o que fazem batendo às portas e dizendo:

Janeiras, janeiras,
Nosso Senhor dará boas sementeiras!

Quasi toda a gente lhes dá qualquer coisa: fritos, filhós, bolos, figos seccos, 5 reis, etc., mas quando querem *dar perdão* (que é não dar nada) dizem aos rapazes:

— As janeiras, meninos? ... já se acabaram.

Ou então em voz mais ou menos aspera:

— *Arrojem* um pau p'las cadeiras.

E, como são crianças, lá se vão embora sem dar o *convite* aos sovinas.

Neste dia tambem, á noite, os janeireiros de cada grupo reúnem-se em qualquer parte para, com as esmolas recebidas, fazerem a sua função, juntando-lhes pão, vinho, ou qualquer outra coisa que falte. Nestas funções cada um conta o que lhe succedeu, na noite anterior, as partidas feitas e recebidas etc. E' claro que sempre ha que contar, por que, demais a mais, S. Martinho não se esquece de acompanhar os janeireiros.

Sucedem, como é natural, partidas mais ou menos engraçadas, e agora me está a lembrar aquelle caso succedido a um flautista—janeireiro que perdeu quasi metade do instrumento junto d'uma fonte cujo caminho provavelmente foi ensinar a algum *irmão* que ali teria de ir para *atrasar a pelhêga*, como dizem os profissionaes e entendidos em negocios de pinga.

Ainda me está a lembrar tambem que, pouco tempo depois de um ter começado a reger a banda da «Sociedade Recreativa

Monchiquense», que aqui houve ha já uns annos, fui convidado para assistir a uma d'estas funcções, dos grupos de janeiros que, como regente da banda eu tinha organizado mas que, conforme o uso, não tinha acompanhado. Contavam historias os meus musicos, riam e estava tudo muito bem disposto, quando, a certa altura, se levanta um janeiro que, depois de ter pedido silencio com um gesto solemne e ar impertigado de quem tem graves cousas que dizer, diz, segurando na mão um copo de vinho e dirigindo-se a um *collega*:

Faço esta saude ao Snr. Zê Florenço,
que tem cara de *tenso*.

Todos riram do disparate e da ridicula figura do autor do brinde, mas o brindado, levantando-se immediatamente e brandindo no ar um enorme copo d'agua, cheio de vinho, diz, com comica seriedade e gestos muito attenciosos:

Pois eu bebo á saude do Snr. Sabugo,
que tem cara de *jagujó*

Foi o bom e o bonito. O amigo Sabugo, que era muito sensivel, zangou-se, e, no meio de grande hilaridade e coberto de chufas, sahio todo embezerrado e não tornou a apparecer. Elle que não queria que lhe chamassem Sabugo!

Para os Reis seguem-se em tudo as mesmas praxes e usos das janeiras, divergindo sómente os canticos e os versos, se bem que, muitos empregam tanto para as Janeiras como para os Reis as quadras de pedir, agradecer, etc.

A' vezes os que cantam as janeiras e que são os mesmos que em 5 de janeiro á noite cantam os Reis, reúnem numa só funcção, no dia 6 á noite, todas as esmolas recebidas nas duas noites para a funcção ser melhor.

Os rapazinhos que no dia 6 vão *pedi'lo'Rês*, dizem:

Rês, rês,
Nosso Senhor dará sês.

Não diz a historia que seis são estes que Nosso Senhor possa dar aos que *convidam* os que pedem os *Rês* nas ruas de Monchique.

Ahi vão os versos dos Reis:

Aind' agora aqui cheguí,
Más dois camaradas meus;

Fallar bem pouco nos custa,
Santas noites *le dê Dés*.

Tambem começam por estes:

Dizem que Santa Justa
É irmã de San Matheus:
Falar bem pouco nos custa
Boas noites lhes dê Deus.

Já lá vae Zé mais Maria,
Já lá vão para Belem;
S'elles vão cantal-o *Rês*,
Vamos nós cantar tambem.

San José vae muito triste
Porque vae p'rás montanhas;
A *Virja* vae munt'alegre,
Que leva *Jasus* em companhia.

Quaes são os tres cavalheiros
Que fazem sombra no mar?
São os tres reis do Oriente
Qu'a *Jasus* tam resitar.

Não perguntam por poisada,
Nem por quem Pa possa dar,
Perguntam por *Dês* Menino,
Onde o irão achar.

Foram-n'o achar em Roma,
Revestido em sé altar:
Missa nova quer dizer,
Missa nova quer cantar.

Sua Mão 'stava a pedir.
Sua Mãe 'stava a rogar:
O' filho, confessa as almas,
Levae-as as bom lugar.

Um menino tan pequenino
Todo o mundo quer salvar:
Cem mil e almas á roda
Todos mil p'ra communhar.

Chegae, pecadores, chegae,
Se fores bem confessado,
Ajudae-me a comer
D'este pão sacramentado.

Tres palavras disse a *Virja*,
Condo Dês era Menino:
Vindes cá, *mê* bago d'ouro,
Mê sacramento *devino*.

Senhora, que 'stá deitada
Nesse leito d'ouro fino,
Mande-nos dar a esmola
Em louvor de Deus Menino.

Já que Deus me fez tão pobre,
Saio esta noite a pedir:
De casa de gente nobre
Sem esmola nã tu'hê-d'ir.

Esta casa cheira a ouro,
É a dona é 'ma princeza:
Abra-se esse tesouro,
Faça-se bem á pobreza.

Esta casa está bem feita,
Talhadinha *ou* comprido:
Por dentro prata lavrada,
Por fora ouro batido.

Esta casa está bem feita,
Tem quatro cantos iguaes:
S'o dono é munt' honrado,
Ind'a dona é munto mais.

Senhora, que está deitada,
Deixe-se estar que está bem:
Mande-nos dar a esmola
Por uma filha (ou criãda) que tem.

Nesta altura esperam pela esmola, se a não tiverem já recebido porque, nesse caso, continúa a cantiga assim:

Quem tan boa 'smola deu,
Dada p'la vossa mão,

Seja a primeira que ache
No *rêmo* da salvação.

Ou:

Dês le dê nesta vida fortuna,
Na outra a salvação.

Quem tan boa 'smola deu.
Dês le paigue munto ôbrigado;

Dês le dê o ceu por s'mola,
 Que não ha melhor morgado.

Outros versos dos Reis:

Senhores, já são chegados
 Os tres *Rês* do Oriente:
 São os tres que veem ver
Rê devino omnipotente.

Mais a soberba d'Herodes
 Sua falsa humanidade
 Agora o ceu a descobre,
 Fugi da sua impiedade.

Chegando a Jêr'zalém,
 Onde o *Rê* Herodes 'stá,
 Perguntam nos tres *Rês*
 Se nascid'er'ou Menino.

Apressae-vos com *cuidado!*
 Agora os Reis animados
 Ditôsos companheiros
 Das *estrellas* samos guiados

Rê'rodes, como malvado,
 Como travesso, malino.
 Logo ensinou *ou Rês*
 A's avessas o caminho.

Apartam-s'os tres *Rês magros*
 A'parte do O'riente,
 Cada qual com *sê* presente
 Ofrecerom-l'ouro fino,

Os tres *Rês*, con'verom santos.
 Nunca perdírom n'ô tino,
 Iam chegando a Belem,
 Viram 'star o Deus Menino.

Encenso comum *devino*,
 E a mirra com'ô mortal,
 Ninguém se pode salvar
Enconto esta porfia for.

Os tres *Rês*, munto contentes
 De verem uma prenda tão bella!
 Cantam anjos: aleluia,
 Alegre-s'ô ceu mais a terra!

No dia d'hoje
Enforcecem flores,
 Dá-m'alviceraz
 Os peccadores.

Da Glôria nasce Deus
 Tod'ou mundo d'alegriz:
 Já nasceu o Deus Menino,
 Filho da *Virja* Maria.

De tan longe encanúnhæ-os,
 Sã *Rês* do Oriente,
 Aqui nos viemos achar
Rê devino *ômpotente*.

Sol, *estrellas*, luz do ceu
 Lá vem *Jesus* que nasceu!
 Já nos deu a sua luz
 Pra sempre Amien *Jesus*.

Para pedir esmola e agradecer, usam-se as mesmas quadras dos outros Reis ou mesmo das Janeiras.

Os grupos de musicos tem em geral os seguintes instrumentos:—uma flauta, um ou dois clarinetes, um cornetim, duas trompas ou dois trombones, um baritono e um contrabaixo, ou então: uma flauta, dois ou tres bandolins e uma *guiterra*, se a ha, e uma ou duas violas, havendo ainda outras composições diferentes, que não vale a pena mencionar.

Manchique.

JOSÉ ANTONIO GUERREIRO GASCON.



TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Cf. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 63)

VII

No vol. XI da *Romania* publicou J. Cornu, o apaixonado cultor da nossa lingua, entre outros textos, um referente á *Vida de Maria Egípcia*, do qual extraira do códice alcobacense, n.º 266, existente no Arquivo da Torre do Tombo. Mas, além dessa narrativa, no Códice n.º 771, cuja existência ele parece ter desconhecido, outra existe sobre o mesmo assunto que daquela diverge algum tanto, motivo este que me leva a trazer-la agora a lume. Uma e outra são tradução, a meu ver, da que em latim se encontra a fls. 41 v. do Códice n.º 283 (ou 453) da Biblioteca Nacional de Lisboa, de idêntica proveniência, sendo contudo esta mais completa do que aquela, da qual em certos passos se pode considerar uma verdadeira paráfrase, como facilmente se reconhece comparando as duas ¹.

É realmente de estranhar que, havendo já uma versão da vida da santa, outra se fizesse com pouca distancia de tempo, mas o carácter romanesco da lenda explica perfeitamente a predilecção, que por ela houve na Idade-Média. Com effeito, tendo sido originariamente escrita em grego, aí pelos seculos quinto ou sexto, segundo parece, foi depois traduzida para a maioria das linguas orientaes e no seculo IX para latim por Paulo, diacono da santa igreja de Napoles, a pedido de Carlos, o Calvo, falecido em 877, e por outro autor anónimo, sendo depois aquella versão, menos fiel, editada por Surio ² e melhorada por Roswind, e esta, mais completa, inserta pelos Bolandistas na sua collecção ³. Afora estas duas traduções, outra existe, tambem anónima, que não ha muito foi publicada pelos Beneditinos do Monte Cassino, segundo um manuscrito do século XI. Nos séculos XIII e XIV um erudito, talvez eclesiástico, ampliou o texto latino, tomando para base as duas primeiras versões citadas, enquanto outros trata-

¹ Note-se que, enquanto esta está dividida em capitulos com os respectivos titulos, naquela nada disso ha, apresentando-se a narração seguida.

² É esta a que figura no Códice n.º 283, segundo informa o *Índice dos Códices de Alcobaca*.

³ São muito parecidas a versão dada por Roswind na sua *Vitas Patrum* (Antuerpia, 1615, pág. 381 a 392) e a dos Bolandistas (*Acta Sanctorum*, aprilis, 76 a 83), ambas começam por um prólogo que falta na de Surio.

ram de o resumir; destes resumos os mais conhecidos são os de Vicente de Beauvais e Jacques de Vitry.

Em harmonia com o costume do tempo, logo após o seu aparecimento, foi a versão latina posta ao alcance do povo por meio de traduções, umas em prosa, outras em verso, na maioria das línguas vulgares da Europa. Em português existem, que eu saiba, afora as duas que se fizeram no mosteiro de Alcobaça no século xiv, uma resumida no *Flos Sanctorum*, traduzido no século xvi da *Historia lombardica* ou *Legenda Aurea*, do ultimo dos dois abreviadores citados, outra mais extensa do que esta, e é a que dou a seguir à alcobacense ¹, embora não tão completa como aquelas, que o P.^e Diogo do Rosario inseriu no seu *Flos Sanctorum* ², e duas paráfrases em verso, uma de Sá de Miranda, ha pouco publicada pelo Dr. Teófilo Braga, outra de Leonel da Costa ³.

Quanto à linguagem direi que, sendo o primeiro dos textos a seguir da mesma proveniência e época que os publicados no ultimo volume desta *Revista*, as observações que fiz a estes valem para aquele; quanto ao segundo, embora posterior quasi dois séculos, ainda nele occorrem bastantes resaios da antiga lingua. Como espécime da grafia dos tempos diversos em que ambos foram escritos, dou-os tais quais se encontram nos respectivos originaes, com excepção apenas das abreviaturas que desfiz ou do til que substituí por *n* ou *m* conforme os casos.

J. J. NUNES.

1. Vyda de Sancta Maria egiciaca e do sancto homem Zozimas

Em os moesteyros da Palestina. foy huum velho nobre per obras e virtudes. custumes e palavras bem dotado. o qual de sua voontade e mocidade foy criado e doctrinado em sciencia spiritual e monastica disciplina. per nome chamado Zozimas. Nom pensse nen huum que este Zozimas ffoy huum outro que ffoy hereje que assy avya nome. por que este foy huum. e o outro hereje foy outro e antre elles foy grande deferença. e este

¹ Sobre a sua linguagem e volume donde é extraída cf. snr. Estêves Pereira, *Vida de S. Paulo de Thebas*, Coimbra, 1904.

² Cf. edição de 1767, págs. 693 a 703.

³ Para mais esclarecimentos veja-se a erudita Introdução do mesmo snr. Estêves Pereira à versão etiópica por ele publicada em 1903.

escolheo vida de monjes em os moesteyros de Palestina. e andou e converssou com os padres do hermo. e ffoy achado antre todos os monjes nobre e avantajado e precipuu in abstinencia e vida monastica. e o outro nom. Este sendo moço e de hydade pequena guardou todas as reglas e costumes dos sanctos monjes. e de sua propria natura emcalçou muytas boas ensinhanças com que subjugou a carne ao espirito. Este velho era conhecedor das tentações e vencedor das batalhas. em tanto que muytos monjes e de longas provyncias viinhm a el. pera aver del doctrina e ensinhança e modo de viver. Este velho em toda sua obra e fectos temporaes. sempre pensava nas sanctas scripturas e comendo e nom comendo nom cessava obrar de mãos. Este velho de moço pequeno foy dado a servir Deus em aquel moesteyro. e vyveo em el um annos fazendo em el vida perfecta de monje. E depoyz desto ffoy muyto afficado de pensamentos e cuydações e dizia a ssy meesmo: Tu ja perfectoes em toda vida monastica. tu ja nom as mester doctrina. nen ensinhança doutro nen hum. Per ventuyra pode seer achado algum outro antre os monjes que me possa doctrinar em algum bem. ou emsignar e dizer algũa cousa que eu non sabha. ou hedificar em algũa obra monastica que eu nom aja ffecta? Certo nom. Per ventuyra pode seer achado algum philosopho no hermo que me preceda em sciencia e obra spiritual e monastica? Certo nom. Penssando el consigo estas cousas. pareceo ante el hum sancto padre e disse: Zozima. em a vida monastica e em as obras que a ella pertecem. bem e perfectamente batalhaste. pero sey certo que nen hum homem he perfectoe. Por que muytos camynhos e carreyras som de salvaçom. as quaes se tu quiseres saber. parte-te da tua terra e dantre teus parentes. e da casa de teu padre. assy como fez Abraham grande patriarcha. antre os grandes patriarchas. e seguy-me e ven-te a hum moesteyro que esta acerca do ryo de Jurdam. Tanto que Zozimas esto ouvio. sayo-sse daquel moesteyro em que vyvia de sua mynif[n]ice. e foy-sse depos aquel velho que lhe as sobreditas palavras disera. E tanto que chegou ao ryo de Jordam ouvyo hũa voz que o levou ao moesteyro ao qual nosso Senhor mandara viinr. E como chegou ao moesteyro e ferio aa porta del. logo veo hum monje que gardava a porta e disse-o ao abbade. E o abbade veo logo. E veendo ssua converssaçom e ssua reverença recebe-o ¹ muyto bem. e deytou-sse em terra. assy como

¹ Leia-se *recebê-o*, isto é, *recebeo-o*.

he custume dos monjes e orou. E fecta a oraçom, preguntou o abbade e disse: Hyrmaão onde viveste, e por que razom veeste aos pobres? E Zozimas respondeo e disse: Padre nom me parece necessario de te eu dizer onde venho, may's sey certo que eu venho aquy por seer hedificado, por que eu ouvy de ty grandes signaaes e maravilhas e de grande louvor de ty per que as almas podem chegadas seer a Deus. E o abbade respondeo e disse: Deus soo he aquel que sabe curar a ffraqueza humanal. El querra emsignar a ty e a nos, pera cumprir a ssua voontade, e obrar todas as cousas que boas som, por que nen huum homem non pode hedificar outro, salvo se cada huum em ssy meesmo trabalhando for honesto e temperado em boos costumes, sempre gardando e ffazendo as obras que boas som, e per ellas seja chegado a Deus. Pero pör que a caridade de Jesu Christo te convidou pera veeres a proveza dos nossos velhos, e pera ficares e viveres connosco, sse pera esto veeste pera nos, e a graça de Deus que he boom pastor que a ssua alma deu por nos remiir, e chamou as suas ovelhas per seu nome fica com nosco. Quando esto disse o abbade logo Zozimas enclinou outra vez a sua face em terra, e todos em huum fizeram oraçom ao Senhor e ffecta a oraçom, disserom todos Amem.

Da regla do moesteyro em que viveo Zozimas.

Morando este sancto Zozimas em aquel moesteyro vyo aly os sanctos padres per virtudes e per obras splandecer, continuamente, servindo ao Senhor, stando per toda a nocte per suas maãos obrando, cantando pssalmos e louvores a Deus de suas bocas, nom saya palavra, nem dizer secular, nem outra cousa e falamento deste mundo, ssoo os seus pensamentos eram, mortificar a ssy meesmos, pera fugir e escapar aos feitos e negocios do mundo. Os seus mantimento e manjar era falamentos spirituaes, e aos corpos davam soo aquello que era necessario, s, pam e agua, pera darem gloria ao Senhor, e mostrar caridade, amor e boom exemplo huuns aos outros. Quando o sancto homem Zozimas vyo estas sanctas obras, foy muyto hedificado, aproveitando em sanctidade e crescendo em as requezas spirituaes como via fazer aos outros. Depoys desto per muytos dias acerca do tenpo sancto do jejuum da quaresma, apostou-sse cada huum, e Zozimas, do que lhe mester fazia pera a paxom do nosso senhor e salvador Jesu Christo. E pera os monjes viverem espiritualmente e em mayor folgança das almas, a porta do moes-

teyro sempre era çarrada, e non se abria salvo quando algum monje por algũa cousa spiritual e necessaria viinha. Este lugar era deserto, em tanto que nom tam solamente os camynhantes nom sabiam del parte, mays aynda os que moravam acerca del. E tal regra foy do começo sempre gardada em aquel moesteyro e porem trouxe Deus Zozimas a el. Em o dito moesteyro era tal custume e regla, s. em no primeiro domingo da quaresma eram chamados todos os monjes daquel moesteyro e faziam e celebravam o officio divynal, segundo custume dos cristãos. E cada huum delles recebia o corpo de Jesu Christo. Depoys desto comyiam muy pouco, e junctavam-sse a oraçom e perfectã a oraçom, os geolhos em terra ficados, e abraçados, davam-sse paz huuns aos outros, e ao [a]bbade, e rogavam-lhe que rogasse e fizesse a Deus oraçom por elles que os ajudasse em suas temptaçõs. E depoy de esto abriam a porta do moesteyro e sayam-sse todos os monjes cantando e dando graças a Deus e dizendo: *Dominus illuminatio mea et salus mea quem timebo? Dominus protector vite mee a quo trepidabo?* que quer dizer: O Senhor Deus he meu lume e luz, e minha saude de quem averey eu medo? O Senhor he defensor e garda da minha alma, de quem averey eu temor? certo de nenhuum. E quando sse assy hyam leyxavam no moesteyro huum ou dous monjes por garda, nom por gardarem o que hy ficava, por que nom ficava hy cousa tal que [furtassem]¹ ladrões mays por nom ficar o oratorio sem monje que em el fizesse o divynal officio. E cada huum de aquelles monjes que se assy hyam apartar ao hermo levavam aquello que lhes fazia mester pera sua vyda, huuns levavam pam pouco pera sosteerem a fraqueza do corpo. Outros levavam figos passados. Outros levavam thamaras. Outros levavam legumes molhados. Outros non levavam [nehũa]¹ cousa, senom seus corpos e os vestidos e aviam mantimento das hervas que nasciam no hermo. E cada huum delles tomava propria regla em seu vyver a qual nom mudava e nom sabia parte huum do outro como vivya, nen como obraya, e cada huum se apartava a ssua parte per a beyra do rio de Jurdam, e assy vivyam apartadamente, e nunca se ajunctavam em toda a quaresma. E se acontecia que huum delles visse outro longe de ssy, logo leyxava a carreya e o caminho per que viinha, e hya-sse per outro, cantando e dando graças a Deus. E cada huum comya o que lhe fazia mester pera seu mantimento. E depoy que eram compridos os dias do jajuum da quaresma segundo seu

¹ Cf. a versão do Codice 226.

custume. tornavam-sse ao moesteyro ao domyngo da festa de ramos. E cada huum tragia em sua consciencia fructo de seu trabalho. conhecendo em sy ineesmo como obrara ¹ em aquel sancto tenpo. e o fructo que ouvera. E nenhuum delles non preguntava a outro como obrara ou que fizera. por que a regra e custume era tal em o moesteyro que o que cada huum obrasse em o hermo soo o mostrasse a Deus e nom a outro. por fugir aa vãagloria e louvor do mundo. e non perder o espiritual e o celstial que he e dura pera sempre. por o louvor do mundo dâpnoso e sem fructo.

Como Zozimas achou sancta Maria egiciaca.

O sancto homem Zozimas em aquel tempo da quaresma fez segundo a regla daquel moesteyro. E passou o rio de Jurdam e levou pam pouco pera sustimento de seu corpo. e pano de que se vestia. E compria a regla passando e andando por o hermo. e por satisfazer a natura comya as suas horas e pouco. dormya em terra e em qualquer lugar que lhe acontecia a nocte. E dya claro. fazia e seguia seu curssu per o hermo. e com boom desejo sperando de achar algum padre que o podesse bedificar segundo lhe fora prometido. E depoyz que andou per spaço de viinte dias. hora de sexta folgou huum ponco de seu trabalho por que el avia em custume a hora de terça e de sexta. e hora de noa. fazer sua oraçom e rezar. E huun dia a hora de sexta levantou os olhos ao ceo. e teve mentes contra a deextra parte. vyo em huum lugar. assy conio soombra de corpo humanal. e foy muyto spantado e torvado. E cuydou que era fantasma aquello que vya. e fez o sygnal da cruz e orou. E fecta e perfecta a oraçom. vyo huun corpo contra a parte do meo dia andar. todo muy negro e da queentura do sol muyto queymado. Os cabellos da ssua cabeça eram alvos como a llaã alva. pequenos e chegavam ataa o collo. Quando esto vyo Zozimas ouve gram prazer. e começou de correr. com muy grande alegria contra aquella parte onde vira aquel corpo por que avya muytos dias que nom vira semelhança de natura humanal. nem figura de outra animalia. nem de ave. E inaravylhou-sse muyto Zozimas que cousa era aquello que assy vira penssando que era algũa nobre e grande pessoa. E quando ella vyo Zozimas de longe e que se viinha chegando a ella. começou muyto a pressa fugir pera dentro do deser-

¹ No texto *obraua*.

to. E Zozimas. nom como velho e fraco e do longo camynho muy canssado. começou muyto a pressa hyr em pos ella. Pero que ella fugia o mays que podia. Zozimas corria mays que ella. e pouco e pouco chegou acerca della. E quando foy acerca della. e per spaço que ja o poderia ouvyr. braadou Zozimas. e disse: Servo de Deus por que fuges de mÿ que som homem velho e peccador? rogo-te quem quer que es que me atendas. e conjuro-te por o nosso senhor Deus em que tu as bõa sperança da vida perduravyl per os teus trabalhos. que falles comygo palavras sanctas e de edifficaçom. Rogando esto Zozimas com muytas lagrimas chorando. chegaram ambos a huum regato seco ella passou da outra parte do regato. e pareceo em tal modo que a vyo Zozimas. O sancto homem Zozimas era ja muyto canssado ¹. e nom podia mays correr e steve quedo. E aquella que fugia steve queda e disse: Padre Zozimas. por que me segues e corres em pos mym? Rogo-te por Deus que me perdões. que nom posso tornar contra ty mynha face. por que som mulher e ando nua. mays lança a mym esse teu manto. pera com ² que possa cobrir a vergonha de meu corpo. e assy hyrey a ty pera receber as tuas orações. Quando o sancto Zozimas esto ouvyo. s. seer chamado per seu nome. ficou spantado e muy torbado. Mays por que el era comprido do spirito e graça divynal. emtendeo que o non poderia chamar per seu nome aquel que o nunca vira nem ouvyr. ssem lhe scendo revellado e demonstrado per a sciencia e ssabedoria de Deus. E el. com a fface atras tornada enviou-lhe huum pano muyto velho que tragia vestido com que cobrisse sua vergonça. Ella tomou-o e cinge-o ³ arredor de ssy e cobrio a parte necessaria de seu corpo. E teve mentes ao sancto homem. e disse-lhe: Padre que fezeste em queres verer hũa molher peccador? ou por que tomaste tantos trabalhos. pera me aver de conho-cer? E o sancto homem ficou os geolhos em terra. rogando-a que o ⁴ beenzesse. Ella lançou-sse em terra e adorava o sancto homem. E assy stavam ambos em terra lançados adorando huum o outro rogando-sse que sse dessem a beençom e non diziam outra palavra se nom: Padre beenze-me. E estando em esta referta quem beenzeria primeyro o outro. respondeo ella primeiro e disse: Padre Zozimas a ty compre beenzer e orar. por que tu as offi-

¹ No texto *canssado*.

² Uma destas particulas está a mais.

³ Leia-se *cinge-o*, isto é, *cingeo-o*.

⁴ O copista escreveu por lapso *a*.

cio sancto do sacerdocio e muytos annos ha que serves em no sancto altar. e na tua mente es complido das sanctas orações. Quando esto ouvyo o sancto hñmem espantou-sse e foy muyto torvado e disse: Certo madre ora vejo eu que tu es complida de toda graça spiritual. por que tu demostraste em mym o officio do sacerdocio. que tu nunca viste. Mays por que a graça spiritual nom he dada ao homem por a dygnydade. nem por o ssacerdocio mays por os boos costumes e obras sse guanha. eu te rogo e per o senhor Deus te conjuro. que eu receba de ti primeyro a beençom. e me des tua oraçom. E ella consintio as palavras do sancto homem e disse: Bcento seja o senhor Deus remiidor das nossas almas. el te de goyvos e alegrias pera sempre perduraviis. E o sancto homem respondeo Amen. Entom levantarom-sse ambos da terra. e ella disse ao sancto homem: Rogo-te padre que me digas. por que quiseste viñr a mym pecador. ou que queres de mym que som molher enferma de todo bem. O sancto homem respondeo: Non foy esto soo por a mynha voontade, mais por prazer assy a Deus que nos [fez tam grande] ¹ graça que nos vissemos ambos. Ella respondeo e disse: Verdadeiramente assy he como tu dizes. mais rogo-te padre que me digas. como vivem em no mundo os cristaãos e como stam os reys e os pastores da Igreja. E o sancto homem respondeo e disse: Leyxando as muytas palavras. digo-te madre que o nosso senhor Jesu Christo e nosso remiidor deu ao sseu poboo firme paz. mays rogo-te que demandes em tuas orações a Deus por estabilidade e firmeza da sua Igreja. e por meus pecados. Respondeo a sancta molher e disse: Padre Zozimas cousa razoavyl he e necessaria. que tu rogues á Deus por todos e por mym pecador. por que tu es honrrado do officio do sacerdocio e delle bem merecedor. e pera esto es chamado. Pero por cumprir teu mandado. quero obedecer. e com toda virtude e meu poder. pero som pecador. rogarey a Deus. E levantou os olhos contra o ouriñte. e as mãos ao ceo. e começou sso ssilencio orar. movendo seus beyços. mays sua voz non era ouvya. entanto que o sancto Zozimas non pode entender o que ella em sua oraçom dizia. Mays dava el em testemunha nosso Senhor e dizia que enquanto aquella sancta molher fazia sua oraçom que a viia el. estar levantada de terra em no aar acerca de hum covodo. E el veendo tal vysom ouve gram temor. e com espanto cayo em terra e ouve ffortes suores. e nom pode dizer outra cousa senom

¹ Cf. a versão alemã citada.

Kyriel[eison], que quer dizer: Senhor Deus amercea-te de mym. E em tanto ella assy stava, começou o velho muyto duvydar sse era fantasma, e em esta duvyda, fingeo que orava, e lançou-sse em terra. E a sancta molher chegou-sse a el e levantou-o de terra e disse: Padre por que torvam tanto teus penssamentos, e es e[m] mym scandalizado, cuydahdo que eu era fantasma e spirito maaõ, e fingia fazer oraçom? Senhor sey certo, que eu som molher peccador, pero som baptizada do baptismo de nosso senhor Jesu Christo e spirito maaõ nom som, ssom terra e ciinza e non hey nen hũa obra do spirito maligno. E esto dizendo fez o ssignal da cruz em sua fronte e em seus olhos e em seus pectos e disse: Padre Zozimas, Deus todo poderoso nos livre daquel maaõ enmiigo antigo contrayro ao linhagem humanal, e nos ajude contra el, por que el nom cessa lidar e batalhar contra nos. Quando esto ouvyo o sancto homem, lançou-sse em terra aos pees da sancta molher e disse com lagrimas: Conjuuro-te per Jesu Christo Deus verdadeyro nosso Senhor que naceo da virgem Maria por remiir e salvar os homeens, por o qual tu atormentaste assy as tuas carnes, que nom ascondas nem negues a mym teu servo, quem es e donde es, e como e per que guysa e em que tempo veeste a este hermo e rogo-te que me digas estas cousas todas per o meudo, pera que eu claramente possa conhecer as grandes obras e maravyllhas da sabedoria de Deus e thesouro escondido, o qual o mundo nom he digno conhecer. E por que na sciencia emçarrada e thesouro ascondido nom ha provecto, por Deus padre todo poderoso te rogo que me digas todo e nom leyxes ¹ cousa por dizer. Esto que digo non o pergunto por vaangloria do mundo, mays soo por aver bõa hedificaçom. E creio em Jesu Christo ao qual tu ofrecisti a tua alma, que tu veeste a este hermo pera as obras maravyllhas de Deus seerem demostradas, glorificadas e exalçadas per ty, por que nen huum nom pode escoldrinhar nen saber os avissos dos juyzos de Deus. Se ao nosso senhor Deus nom prouvera de te eu em este hermo conhecer e saber todos trabalhos e aflições que em el ouveste e pasaste, nom te me mostrara, nem leyxara a mym pasar e padecer tantos trabalhos e aflições per este deserto. Quando estas cousas e outras semelhaviis disse o abbade Zozimas, a ssancta molher o levantou da terra e disse: Abbade Zozimas, torpe cousa e muy vergonhosa he a mym dizer esto que perguntas, pero rogo-te que me perdoes, e direy. Tu me viste

¹ No texto *lhezies*.

nua. ora te quero mostrar e dizer mynhas obras. pera que sabhas todas mynhas maldades. e nen hũa dellas te asconderey por que tenho que nom fiz obra em que aja de tomar gloria. em como eu fosse facta vaso escolheyto do diaboo. Som certa sse começar a contar as mynhas obras fugiras de mym. assy como de serpente. e as tuas orelhas nom poderom ouvyr nẽm receber quantas e quaes obras e maldades fiz e obrey. pero que te dírey todo e nem hũa cousa te asconderey. E rogo-te padre. que nom ceses rogar por meus pecados. pera que per tuas orações mereça aver misericordia no dia do juyzo. O velho altas as mãos ao ceo. de seus olhos lançava muytas lagrimas e a ssancta molher começou contar e dizer suas obras.

Como a sancta disse de que terra era e como e por que leyxara seu padre e madre.

Eu. padre som natural da terra do Egipto. e vivendo aynda meu padre e mynha madre. seendo eu em hydade de XII annos parti-me delles. e leyxey-os e fuy-me a ciidãde de Aleyxandria em a qual como e com quanta corrupçom. luxuria e fornicacõ usey e dey meu corpo. eu nom o posso dizer nem contar. pero que brevemente padre te dírey a gram maldade da mynha fornicacõ. Dez e sete annos e mays stive no lugar publico usando publicamen'e de meu corpo. dando-o sem vergonha a quem o queria. sem me dando de meu trabalho nen hũa cousa. nen avendo outro provecto. ssoo provecto grande era a mym luxuriosamente viver. jogos. cantares de caçurrias e de bevedices avya eu por thesouro e requeza. Muytas vezes o dinheiro e outro guaanho que me davam por meu trabalho nom o queria tomar. pera aver mays amygos pera conprir me i maaõ desejo. Esto nom o fazia eu por requeza que eu ouvesse. mais sso por satisfazer ao maaõ desejo. O meu grande amor e desejo de dia e de nocte era. usar de pecados e maldades e fazer emjuria aa natura. Estas maldades. pecados e torpidades usey em tempo da mynha mocidade e mancibia.

Como sse partio sancta Maria egiciaca do Egipto quando veo adorar a vera cruz.

Aconteceo em o tempo do veraão. que vy muyta gente de terra do Egipto e de terra de Lybia viir contra o mar e preguntey huum homem que acerca de mym stava. pera onde hya

aquella gente assy apressa e que camynho era o sseu. E el respondeu e disse: Estes todos sse vão aa ciidade de Jerusalem. com desejo pera veer e adorar o lenho da vera cruz em o qual padeceo o nosso Salvador que ham de mostrar depouys de dous dias. Eu dixi aaquel que me esto dizia. O hymnao per Deus te conjuro que me digas sse eu quiser hyr com elles. sse me daram lugar e lecença. El respondeo e disse: Se deres dinheiro e teveres despesa. nom te pode nen hum enbargar. E eu lhe respondy e dixi: Por certo hymnao te digo que eu nom hey dinheiro. nen despesa. mays eu me esconderey em hũa destas naves. e sey certo que elles me levarom. e darom o que ouuer mester. aynda que nom queyram. por que eu lhes darey por frete e despesa meu corpo. Rogo-te padre Zozimas que me perdoes. Eu dcejava hyr com elles. soo por comprir meu maao e pessimo desejo da carne. Eu te dixi padre e roguey que me nom preguntasses. nem quisesses saber as mynhas vergonhas e fectos. que nom som de dizer e com gram tremor. temor e spanto os digo. O senhor que vive sahe que nom soo as tuas orelhas sse çujam com as mynhas palavras. mays aynda o aar sse conrrompe. E Zozimas esto ouvyndo com muytas lagrimas disse: O hymna eu te conjuro per Deus que dygas e fales. e nom leyxes a historia começada de nobre hedificaçom. E ella começou de explanar e dizer. Aquel homen que eu preguntey pera hu hya aquella gente. ouvyndo as mynhas palavras viis e torpes. ffoy-sse sorrindo. E eu muyto apressa ffoy e cheguey ao mar. e na praya do mar vy x mancebos fazer jogos e trebelhos vaãos do mundo que aguardavam por seus companheyros pera navygar. e muytos outros eram ja nos navyos. Eu muyto apressa e ssem vergonha me junctey com elles e dixi: Levade-me com vosco ao lugar onde hydes. que provecto averedes de mym. E elles levarom-me comsiguo e entraron elles e seus companheyros e eu com elles no navyo. E o padrom do navyo mandou levantar as ancoras e alçar a vella. e [o] navyo começou fazer seu curssu e sua viagem. Em toda aquella viagem meu fecto era. jogos. comer. beber. fornygar. adulterio. rysos stranhos. torpes palavras. e outras cousas a estas semelhaviis. que a lingua nom pode dizer. falar nen declarar. nen orelhas podem soffrer ouvyr as palavras e dizeres pessimos. que eu naquel navyo fazia e dizia. Das quaes obras pessimas e maliciosas. o espanto e temor das ondas e tremor do mar. nen as tormentas dos ventos nom me castigavam nem emmendavam das mynhas maldades. E nom

solamente convydava eu per a mynha [mizquindade] ¹ os garções e luxuriosos mays aynda os que eram castos e honestos eu tragia aa mynha miseria e çugidade. e era perdiçom das almas delles. Onde me muyto maravyllho e me spanto como o mar soffreo tanta mynha maldade. ou como a terra nom sse abrio. e o inferno me nom sorveo ² vyva. Mays segundo eu vejo. o nosso senhor muy misericodioso Deus quis soffrer. e aguardou e atendeo a mynha penitencia. por que el nom quer a morte do pecador. mais que sse converta e vyva. E em este ³ modo e maneyra chegamos muyto a pressa a Jerusalem. E em todos os dias que stevemos em Jerusalem ante da festa de sancta cruz. nom cessey eu fazer mynhas obras. e peores que ante fazia por perdiçom de muytos. Quando chegou a festa de sancta cruz do Salvador. andando eu pella ciidade assy como avya em custume mirando as gentes pera caçar as almas dos inocentes pera perdiçom. Em aquel dia viinham os homeens todos bem cedo aa igreja. e eu fuy-me com elles e cheguey aas portas da igreja. E quando foy hora de adorar a sancta vera cruz. queria eu entrar na igreja con os outros em tal guysa era embargada e de huuns e doutros empuxada. que nom podia em nen hũa guysa entrar com a campanha na igreja. E queria-me chegar aas portas pera veer a sancta cruz e aadur podia chegar a ellas e esto com choro e grande trabalho. E quando eu mesquinha chegava e poynha os pees no portal das portas pera emtrar. entravam todos lygeyramente. e a virtude de Deus empuxava a mym soo e me non leyxava dentro entrar. E eu provava pera dentro entrar e em nen hũa guysa nom o podia fazer. assy que eu soo fiquey no adro e toda a outra companhia entrou. Eu penssey que esto era por a mynha ffraqueza porque era molher. e trabalhey de entrar com as outras molheres per muytas vezes. mays todo era em vaão. por que tanto que eu poynha o pee em o portal. logo era empuxada e posta fora. assy que o sancto templo recebia os outros todos sem embargo nen huun mays a mym soo cativa nom queria receber em nen hũa guysa. e assy como aaz de cavaleiros que estevessem e fossem contra mym. e me nom leyxassem entrar. asy me empuxavam cada vez ataa as portas do adro. Depoys que me esto per muytas vezes aconteceo. fiquey muyto fraca e canssada. em guysa que nom podia estar sobre meus

¹ Cf. a versão já citada.

² No texto *soffreo*.

³ *Id esto*.

pees. Entom asseentey-me em hum canto do adro apartada e soo. pensando e cuydando em mym donde me vynha tanto mal. e non poder entrar no templo. Estando assy pensando. entendi que esto me viinha por a gram çugidade das mynhas maas obras e porem non podia entrar adorar o lenho da sancta vera cruz. Entom comecey eu mesquynha chorar e feryr meus pectos. e dar grandes sospiros de coração e sparger muytas lagrimas. E tive mentes do lugar donde estava. e vy hũa ymagem da Virgem Maria que stava figurada adeparte em hum lugar. e torneý-me a ella de toda voontade e de todo coração e dixey: Oo virgem sancta que geeraste o filho de Deus emcarnado. eu sey ben que non som merecedor de olhar a tua grande nobreza. por que som çuja de grandes e muytas çugidades. peccados e mezquindades. som certa que o nosso senhor quis tomar carne e seer homem. por os peccadores chamar e trager a penitencia. porem madre de Deus rogo-te que me ajudes. ca eu ja nom hey esforço nen conforto nen hum. e ffaize-me entrar as portas da sancta igreja. Rogo-te senhora que me ffaças conhecer o honrrado lenho da ssancta vera cruz. em o qual foy posto Deus em carne o qual tu geeraste e eu senhora daqui endeante ja mais nom ençujarey esta carne com maas obras. E senhora tanto que me tu outorgares. que eu adore o lenho da sancta vera cruz. logo eu renunciarey o mundo e todas suas cousas. e me hyrey ao lugar que tu mandares e mostrares o camynho e carreýra da saude. E tanto que eu esto dixey tive firmemente em meu coração. que a madre de Deus me guanharia todas estas cousas que lhe eu demandava. de nosso senhor Jesu Christo. e tirey-me daquel lugar em que orava e junctey-me com os outros que emtravam no templo. E como eu quyge emtrar nom fuy lançada nen enpuxada de fora. como ante era. mayss assy entrey a pressa com os outros no templo. como se ondas do mar me empuxassem e lançassem dentro. e cheguey-me ao sancto lugar que ante nom podia hyr. Entom pero com grande prazer ouve pavor e gram temor. por que me viia estar em aquelles sanctos lugares. em os quaes ante por as mynhas maldades non podia emtrar. e sem nen hum trabalho adorey o lenho da sancta vera cruz. Entom sinty hum odor nobre e muy precioso. e de grande dulcidom. e merecy de veer todos os sacramentos de nosso senhor. E say-me do templo e torneý-me aaquellea que me aly trouvera per ffe. E tanto que cheguey aaquel lugar em que fezera o promittimento aa madre de Deus ffiquey os geolhos em terra e comecey a dizer estas palavras: Tu senhora te amer-

ceaste de mym. e nom engeytaste os meus rogos. e per ty merecy eu de veer a gloria de Deus. que os pecadores nom podem veer. e ora sse achega o tenpo pera eû comprir o que te eu prêmety. rogo-te que me adherences. assy como a ty plaz e mostra-me a carreyra da penitencia e da saude. E tanto que eu esto dixe. ouvy hûa voz. quê dizia: Sse passares o rio de Jurdam. aly acharas boa folgança. Quando eu ouvy tal voz. crey que por mym fora dita e levantey a mynha voz com lagrimas e dixe: O madre de Deus. senhora mynha. non me desepares. e sey ssempre en mynha guarda em o lugar hu me mandares hyr. E depoy que esto dixe say-me do adro do templo. e vio-me hum homem piadoso e deu-me em smolla tres dinheiros. e disse-me: Madre toma estes dinheiros por Deus. E eu tomey-os. e comprey delles tres paães. e trouve-os conmygo no camynho por beençom. E preguntey aaquel homem de que comprey os paães. per que lugar era o camynho pera hyr ao ryo de Jurdam. e el me mostrou a porta da ciidade per que ffosse ao rio de Jurdam. E quando eu adorey o lenho da sancta vera cruz era ora de terça. e comecey andar meu camynho. e ante que ffosse sol posto. cheguey a oragoo de sam Joham Baptista que sta na riba do rio de Jurdam. e em el lavey a fface e os pees. e em aquel oragoo e moesteyro de sam Joham Baptista recebi os sanctos sacramentos. E aly comy a meatade de hum pam e bevy da agua do rio de Jurdam e dormy essa nocte em riba do rio. Em outro dia entrey em hûa barca e passey o rio. rogando muy afficadamente a madre de Deus que me mostrasse a carreyra da saude assy como a ella prouvesse. E vii[m]-me e entrey ao hermo e des aquel tempo ataa ora. me alonguey e apartey morando em os lugares desertos. atendendo e sempre sperança avendo em o nosso senhor Deus que salva todos aquelles que sse a el convertem.

De como sancta Maria egiciaca disse a Zozimas o que passara no deserto e como se tornou Zozimas pera o moosteyro.

Quando estas cousas ouvyo o sancto homem Zozimas disse a ssancta molher: Senhora dyme quantos anos ha que moras em este hermo? Respondeo ella e disse: Eu pensso que som xl annos que eu say da ciidade sancta de Jerusalem. E o sancto homem disse: Em este hermo que achaste pera comer depoy que aquy moraste? E ella respondeo e disse: Eu trouxe dous paães e meyo quando passey o rio de Jurdam. os quaes per

tenpo foram duros como pedra. e per alguuns annos comy delles. E o sancto homem lhe disse: Dy-me se em tantos annos vivyste sem trabalhos. ou por que fuste assy revatada e convertida ouveste graça e viveste ssem elles? Respondeo ella e disse: Padre tu me preguntaste ora cousa em que ha muyto temor. porque se eu quisesse contar os periigos e tentaçoens e as inssidas. penssamentos e cuydaçoens que padecy. muyto temo que sse me renovem como de primeiro. E o sancto homem lhe disse: Senhora non leyxes nen hũa cousa que me todo non digas e declares. por que eu te roguey que me contasses todo per meudo. E a sancta molher respondeo e disse: Cree-me padre que per xvii annos lydey com as tentaçoens e penssamentos carnaaes em este deserto que me conqueriam e bravamente eombatiam. quando me nembrava da avondança dos manjares que ssoya aver. e desejava as eanes e os pescados que comya no Egito e cobiiçava o beber do vynho muyto quando era no segre e no secular. E outrossy era contenta das dellectaçoens dos maaos cantares. dos demoes que ante aprendera. ¹ mais tanto que me vya tentada começava chorar e braadar por aquella que me nembrava que fora mynha guyador. e a que posera mynha ffe. quando emtre y em este hermo. e assy como sse estevesse ante a ymagem da madre de Deos a rogava com muytas lagrymas. que afastasse de mym as maas e muytas e çuias cuydaçoens da mynha mente. E depoy de muytas lagrymas vya a redor de mym lume muyto splandecente e as mynhas lagrymas eram cercadas de lanpadas splandecentes. E depoy desto combatiam-me as cuydaçoens dos fornizios que assy como ffogo guastavam as emtradanhas do meu coraçom. e emduziam-me aos maaos desejos e torpes. Quando taes lydes. e tentaçoens como estas continuadamente e muyto a meude me combatiam. acoria-me as armas da oraçom. assy como avya acostunado. e lançava-me em terra com muytas lagrymas. rogando a mynha guyador que me acoresse em tal guisa que eu non falssasse nen trespassasse o que prometera. pera non hyr aas penas perduraviis. E non levantava a mynha face da terra. ataa que passava todo o dia e nocte e ataa que veesse aquel splendor muy doce e glorioso lume que me cercava toda em redor. e lançava e fazia fugir de mym todos emduzimentos e penssamentos de muytas fortes e maas tentaçoens. E per esta guisa fuy eu defesa e consollada da ssancta fê, e da virgem mynha fiador e guyador e assy tres-

¹ *aprenhêra*, tem o texto.

passey xvii annos de muytos perigos scapando. E des aquel tempo aca sempre acho prestes a virgem Maria mynha fiador e ajudador. que me vigia e guarda de toda parte. E o sancto homem a preguntou e disse: Des aquel tempo ouveste myngua do comer ou do vistir? E a sancta molher respondeo: Verdadeiramente te digo padre que eu per xvii annos comya das hervas que achava no deserto e as vestiduras com que eu passey o rio de Jurdam pera o deserto todas apodrecerom e forom rotas e eu fuy muy tribulada e tormentada das gcadas e frios do yverno e no veraão da queentura do sol. E des aquel tempo ataa agora a misericordia do Senhor livrou o meu corpo e a mynha alma de todos os periigoos. em tal modo e guisa que quando me nembram os grandes periigos e muytos de que scapey pella graça de Deus me crece grande prazer e sperança grande de mynha saude e salvaçom e a palavra de Deus he a myn manjar. beber e vistidura. porque o homem nom vive soo no pam mais em a palavra que saae pella boca de Deus e a scriptura diz que os que non tiverem vestidura. que sse vestam de pedra e outrossy os que sse desvestirom das maldades. Quando o sancto homem vyo que ella falava por as sanctas scripturas disse: Senhora rogo-te que me digas sse lias em o hermo ssalmos ou livros das scripturas. E ella disse: Homem de Deus cree-me. que eu non vy outro homem depoyz que passey o rio de Jurdam. se nom soo a tua presença. nem vy besta. nem outra anymalia. Eu nunca aprehyndy leteras. nem vy nen huum que mhas¹ ensinasse mas a palavra de Deus que sempre vive. enssina ao homem toda sciencia. Hora te contey e dixi declaradamente todas mynhas obras. Ora te rogo padre como te ante roguey. e te conjuro per o verbo de Deus encarnado. que rogues ao nosso Senhor continuamente por my pecador. Depoyz que esto disse a sancta molher e acabou suas palavras. o sancto homem ficou os geolhos em terra e levantou sua voz com lagrimas e disse: Beento es tu senhor Deus e todo poderoso. que a my pecador demonstraste todos os beens que tu deste aos que te temem. e nunca desempa- ras os que te demandam. E a sancta molher levantou o sancto velho de terra e disse-lhe: Homem de Deus. eu te conjuro per Jesu Christo nosso salvador. que non digas estas cousas que ora ouvyste a mym a nen huum. ataa que nosso senhor me mande hyr deste mundo. Ora te vay em paz. e em este anno que ha de

¹ Entenda-se mi as.

viñr me veeras outra vez. e eu veerey a ty com a graça de Deus. E rogo-te que em toda a quareesina deste anno que a de viñr non passes o rio de Jurdam segundo o custume do moesteyro. Quando o sancto homem ouvio que ella lhe falava da regra sollene do moesteyro maraylhrou-se e non dizia outra cousa se nom: Gloria a ty Senhor Deus que das grandes e nobres dões aaquelles que te amam. E a sancta molher lhe disse: Tu mora dentro no moesteyro assy como te eu dixi e nom sayas fora assy como a regra manda. e posto que tu queyras sayr non te leyxarom e aa vespera da sancta cea de nosso Senhor toma o corpo sancto e o sangue de Jesu Christo em hum vaso muy linpo e trage-mho e atende-me da parte dalem do rio de Jurdam. e aly hyrey eu e receberey o sancto sacramento do corpo e sangue de Jesu Christo. porque depoyes que comunguey em oratorio de sam Joham Baptista ante que passasse o rio de Jurdam. non receby depoyes o sancto sacramento e amoesta e dy ao abbade Joham do moesteyro em que moras que sse perceba e vigiee bem sobre seus ifrades por que algũas cousas sse fazem em el que compre e faz mester de seer emmendadas. E depoyes que esto disse a sancta molher enadeo e disse: Ora por mym padre. E partio-sse del e ffoy-sse dentro pello deserto.

De como Zozimas trouve o sacramento sancto a sancta Maria egiciaca.

O sancto homem Zozimas ficou os geolhos em terra e beyjou a terra em que a sancta molher posera os pees e ledó e com gram prazer da alma e do spiritu dando muytas graças ao salvador Jesu Christo sse partyo do hermo e em aquel dia que sse partyo chegou ao seu moesteyro em que morava. E per todo aquell anno sse calou e daquello que vyo non disse cousa a nen hum. E acabado o anno quando veerom os dias do jajuum da quaresma. em o primeiro domynguo depoyes da sollepnidade. ssayrom-sse os outros frades do moesteyro cantando segundo a regra. mays o sancto padre Zozimas era muy doente e emfermo de febre e non pode sayr do moesteyro. Entom se nembrou da palavra que lhe disse a sancta molher quando stava falando com ella no hermo que posto que quisesse sayr do moesteyro que nom poderya. Mais a cabo de poucos dias ffoy saão da emfermydade e esteve no moesteyro. E quando veó o dia da sancta cea de Jesu Christo. trabalhou-sse de ffazer o que lhe dissera e mandara fazer a sancta molher e levou comsygo em hum caliz pe-

queno o sacramento do corpo e do sangue de Jesu Christo. E tomou huuns poucos de datilles e de figos passados e lentilhas em agua molhadas e aa ora de vespera chegou aa riba do rio de Jurdam e steve atendendo a sancta molher e ella por que tardava e non viinha tam asinha o sancto homem esguardava e parava mentes contra o deserto sperando veer aquella que muyto desejava veer. E antre ssy dizia: Per ventuyra os meus pecados lhe fezerom que non veesse a my ou per ventuyra veo ja primeiro que eu a este lugar e por que me non achou tornou-sse. Esto dizia o velho com grandes lagrimas e grande door de coração. E levantou os olhos ao ceeo e fez oraçom e rogou a nosso senhor em estas palavras: Senhor Deus, rey de todas as criaturas, nom me faças mynguado de veer eu aquella que desejo veer outra vez, nem me prives nem leyxes partir sen veer a ssua presença. E dictas estas palavras, começou cuydar antre ssy e dizendo: Que farey se veer a sancta molher? Aquy non ha navyo em que ella sse veer possa passar este rio de Jurdam, pera viinr a mym pecador. Ay de mym non digno, como som privado de tanto bem e de todo meu desejo. Dizendo o sancto homem antre ssy estas palavras pareceo a sancta molher que stava ja na riba do rio. E quando a vyo o sancto homem, alegrou-sse muyto e ouve gram prazer dando muytas graças ao nostro senhor. E cuydando el como a sancta molher poderia passar o rio parou mentes e vyo como ella fez o signal da cruz sobre as aguas do rio e começou de andar per cima da agua com seus pees e chegou muyto a pressa ao lugar hu el stava. O velho veendo tantas maravyllhas lançou-sse em terra e quisera-a adorar. E ella começou altas vozes braadar e dizer que o nom fizesse por que tu trages comtygo o sancto sacramento e as aynda dynidade de sacerdocio, e disse: Padre beenze-me. E elle tremendo disse: Eu sey que a verdade nunca ffalece, que prometeo e disse que os seus servos fariam milagres e grandes maravyllhas como el e mayores. Quanta virtude he de aquelles que fugem ao mundo e con linpo coração e boom desejo se cheguam ao senhor Deus. Gloria seja a ty nosso senhor Deus que me non privaste nem fezeste mynguado do desejo do meu coração nen tiraste a tua misericordia de mym e me mostraste quanto som alongados de mym os camynhos e carreyras da verdadeyra saude. Depoys que o sancto homem esto disse rogou-lhe a sancta molher que lhe dissesse o ssynbollo da ffe que he o *credo in Deum* e a oraçom-do senhor que he o *pater noster*. E acabada a oraçom deu a sancta molher paz ao sancto homem e

assy recebeo a sancta molher o sancto sacramento do corpo e sangue de Jesu Christo. Entom a sancta molher alçou as mãos aos ceos e disse: Senhor Deus ora leixas tu a tua serva em paz. segundo a tua palavra porque virom os meus olhos a tua saude. E disse ao sancto homem. Rogo-te que em outro anno que compras e faças o meu desejo e venhas em o anno que ha de viir ao lugar hu primeiro falei contigo. e ora vay-te com paz ao moesteyro e rogo-te por nosso Senhor Deus que toda vya venhas pera me veer assy como prouuer a Deus. E o sancto homem disse a ela: Rogo-te que coymas e gostes huum pouco desto que eu trago commygo. E ella entom tomou tres graãos de lentilhas molhadas e deu a Deus graças e disse: A graça do Spirito Sancto nos avonde pera podermos guardar os preceptos e mandamentos de Deus sem pecado. E tu padre ora por mym a nostro Senhor e sey nembrado de mim. E o sancto homem disse: E tu ora e faze oraçom a Deos pella sancta igreja e por a cristindade e por mym pecador. E salvarom-sse e espidio-sse ¹ huum do outro. E a sancta molher signou-sse e fez o ssygnal da sancta cruz e passou o rio de Jordam com seus pees como fez da primeira. E o sancto homem ficou e reprehendendo a ssy muyto porque a non preguntara por o sseu nome proprio e ffoy-se pera seu moesteyro.

Como e onde se finou sancta Maria egíziaca.

Em outro anno trabalhou-sse o sancto homem Zozimas pera hyr ao hermo assy como avya em custume e andou tantos dias ataa que chegou ao lugar maravilhoso que lhe a sancta molher disera e aly sperava achar alguuns signaaes do seu desejo. E quando vio que non viinha nen huum começou muyto a chorar e dizer: Senhor Deus mostra-me o teu thesouro. que nom pode seer furtado o qual tu ascondeste em este hermo. amostra-me o teu anjo encorporado do qual este mundo nom he digno. Depois que esto disse. chegou a huum lugar de huum regato hu jazia o corpo da sancta molher finado. suas mãos e seus pees assy postados como convem aos finados e a ssua face tornada contra a parte do ouriinte. Quando a vyo o sancto homem. correo muyto a pressa contra ella. e começou de beyjar os seus sanctos pees e rega-los com muytas lagrimas. e non ousava de tanger nen hũa outra parte do corpo da sancta molher. E começou

¹ *espídióssse* no texto.

dizer e cantar salmos quaes conviñham a tal officio e fazer e dizer outras orações ssollêpnes. E cuydava antre ssy dizendo: Eu queria soterrar este sancto corpo. mas temo que non praza aa sancta molher. Cuydando el e pensando em esto vyo letras scriptas em terra aa cabeça della que diziam assy: Zozimas. em este lugar em terra Maria e da o sseu corpo a terra e ora por mym ao nosso Senhor per cujo mandado o segundo dia do mes d'abril leixey este mundo. Quando o sancto homem leeo as letras ficou muy alegre e ouve gram prazer por que per ellas soube o nome da sancta molher e foy certo que tanto que ella recebeo del o sancto sacramento em no anno trespassado que logo se foy aaquel lugar em o qual acabou sua vida. E aquel camynho que o homem sancto aadur pode andar em viinte dias andou-o a sancta molher em hũa ora e deu a alma ao nosso Senhor Deus. Entom disse o sancto homem antre ssy: Tenpo he que eu compra o mandado e voontade da sancta molher mays que farey eu mezquinho? nom-sey como possa cavar a terra. nem tenho com que a cave. E tanto que o sancto homem esto disse vyo huum lenho pequeno e tomou-o e começou a cavar a terra com ell pera a cova fazer pera o sancto corpo e a terra era muy dura e nom sse podia per nen hũa guysa cavar. E o sancto homem como era velho trabalhava muyto e suava em cavar a terra e sospirava muyto de coração. E em esto teve mentes e vio huum grande leom estar aos pees da sancta molher beixando as suas peegadas. E quando o sancto homem vyo o leom ouve gram medo e nembrou-sse da palavra que lhe dísera a sancta molher que nunca vira besta fera em aquel hermo. E entom fez o sinal da cruz e creeo que lhe nom faria mal aquel leom por a vertude daquel sancto [corpo] E o leom começou a fazer signal ao sancto homem mostrando ssy meesmo a el com humildade. E o sancto homem lhe disse: Esta sancta molher mandou que eu soterrasse seu corpo em este lugar. eu som velho e nom posso cavar a terra. nem tenho ferramenta tal com que a cave. mas tu toma este trabalho e cava a terra pera que possamos enterrar este sancto corpo. Tanto que o sancto homem Zozimas esto disse. logo o leom começou a cavar a terra com as unhas e fez hũa cava qual compria pera o sancto corpo. Entom tomou Zozimas o sancto corpo e o pos em na cova e cobri-o da terra estando com el e ajudando-o o leom. nuu assy como andava fora. tirado que hya cuberto nas partes necessarias com o pano roto que lhe dera o sancto homem quando a primeyramente vyo. Entom partio-sse

daly o sancto homem. e o leom assy como cordeyro mansso (e)¹ ffoy-sse pera o deserto. e o sancto homem tornou-sse dando muytas graças ao Senhor beenzendo. cantando e dizendo hynos e louvores a Deus. E depoyz chegou a sseu moesteyro e contou todas estas cousas aos inonges e non lhe emcolbrio nen hũa cousa de todo o que vyo e ouvyo a sancta molher. E elles quando ouvyrom estas cousas glorificarom e derom muytas graças ao Senhor que tam grandes maravyllhas faz e trabalharon-sse de fazer festa en cada huun anno em honrra da sancta molher Maria do Egyto em o dia do seu passamento. E o abbade Joham abbade daquel moesteyro. achou que alguuns monjes eram em seu moesteyro de reprehender por as palavars que lhe mandou dizer a sancta molher e castygou-os. E o sancto homem Zozimas morou em aquel moesteyro per spaço de cento annos. fazendo e vyvendo muy sancta vida. glorificando e louvando a Deus dos ceeos. que abre a porta da mysericordia aaqueles que o demandam de todo coração e com todo boom desejo, ao qual he honrra e gloria *in secula seculorum Amen. Explicit vita sancte Marie egypciac. Deo gratia.*

Do Codice n.º 771 no Arquivo da Torre do Tombo desde folhas 128 v (numeração antiga CXIX) até 145 (antiga CXXXV) verso.

II.— A vida de sancta Maria egypciaca

Sancta Maria de Egypto que era dita molher muy pecadora viveo em o deserto quorenta e seis ânos e hum abade que chamavam Zozimas nom podendo passar o rio de Jordam foy-se pera huun grande hermo a ver se por ventura poderia passar por ally: ou se acharia algum sancto homem: e vio hũa cousa negra e andava espiida e queymada da quentura do sol: e logo Zozimas começou de correr de pos ella muy aa pressa e ella disse. Zozimas porque me persegues: perdoa-me por que eu nom te posso ver sem vergonha porque som molher e estou nuua mas da me ho teu manto com que me cubra porque te possa veer sem vergonha. e elle ouvindo esto ouve medo e deu lhe o manto e lançou se a seus pees della: e rogou lhe que lhe desse a sua bençam e ella disse. padre tu me debes dar a tua por que es sacerdote: e elle veendo que sabia seu nome e seu

¹ Está a mais esta conjunção.

officio maravillhou se muyto: e rogava lhe afincadamente que o benzesse: e ella disse. beento seja deus que remio nossas almas. e ella alçando as mãos ao ceo e rogando a deus vio a alçar hum covado da terra e o velho duvidou se por ventura era diabo e fazia oraçom e ella disse. perdoe te deus que cuidas que soom diabo e som molher ¹. E entom Zozimas conjurou a por Deus que disesse sua vida: e disse ella. perdoa me, padre que se eu te contar minha fazenda espantar te as de my e fugyras de my como da serpente e as tuas orações ² se espantariam com as minhas palavrias e com minhas çugidades. pero dir tey minha fazenda por que vejas quanto ama deus aos pecadores. primeiramente eu naçi no egypto: e avendo doze ânos vim me a alexandria. e xvii ânos andey no mundo como molher publica e nunca foy homem que eu o meu corpo negasse comprindo os deleytos maaos da carne. e eu estando em alexandria vy huuns homens que entravam em huua nave pera hyr a jherusalem em romaria e roguey lhes muy afficadamente que me deixassem hir la. E pedindo me o marinheiro que lhe desse algũa cousa por que me levasse na nave asi como os outros e eu lhe disse. ir-mão nom tenho que vos dar se nom este meu corpo: e assi me receberam na nave. ca por o navio ouverom meu corpo. E quando cheguey a jherusalem vym aa porta da ygreja com os outros pera adorar a cruz: e nom veendo quem o fazia empuxava me e nom me deixava entrar dentro: e esto provey tres vezes e nom pude entrar dentro, e os outros todos entravam dentro sem embargo algum. E eu quando esto vy começey de chorar e ferir meus pectos por que assy me contra estavam meus pecados: e olhey e vy estar fora da ygreja hũa ymagem de sancta maria e comecey a de rogar com muytas lagrimas que me ganhasse perdõ de meus pecados e que me deixasse adorar a cruz: e promety lhe de desemparar o mundo e que viviria em castidade. E acabada minha oraçom levantey me: e foy me pera as portas da ygreja e emtrei com os outros dentro e adorey a sancta vera cruz: e deu me hum homem tres dinheiros: e comprey tres pães: e ouvy huua voz que me disse se passares a jordam seras salva: e logo passey o rio jordam e vym me a este deserto onde morey quorenta e sete ânos que nunca vy homem do mundo: e aquelles tres pães que trouxe comigo endurecerom

¹ malher no texto.

² No texto latino *auris tuas a sermonibus meis contaminabuntur et aer a sordibus polluetur.*

assi como pedra: e durarom me dez e sete ãnos comendo delles pouco e pouco. e as minhas vestiduras grande tempo a que som perdidas ¹. e em os xvii ãnos primeiros fuy aqui tentada da carne. mas ja grande tempo ha que o nom som: nem soffro tentaçom nenhũa: ante tomo grande alegria com os anjos: e rogo te que rogues deus por my. E Zozimas quando esto ouviu louvou a deus pollo que ouvira desta sua serva. e disse ella. rogo te que a quinta feyra da çeea que venhas ca: e traze o corpo de deus: e viinrey a ty e o tomarey da tua mão: ca despois que aqui vym nunca comunguei. E Zozimas tornou se a seu moesteiro. e a cabo de huum ãno quando veo a quinta feyra da çeea tomou o corpo de deus e veo aa ribeyra do rio: e vio da outra parte hũa molher fazendo o signal da cruz. E andou a molher sobre as hondas do rio atee que chegou ao velho. E elle quando esto vio maravillhou-se muyto e deitou se na terra e quis lhe beyjar has mãos e os pees com grande humildade: e disse ella. olha nom faças porque teens o corpo de deus contigo e es sacerdote: e rogo te padre que no outro ãno que queyras tornar a visitar me: e ella comungou logo e fez ho signal da cruz e passou o rio como primeiro pera o hermo. E o velho tornou se a seu moesteyro: e veo o outro ãno a aquelle mesmo lugar. e achou a morta e começou de chorar: e nom ousou de ha tocar: e disse antre sy: eu que farey deste corpo. enterraloya e ey medo que lhe pese. e cuydando esto: vio aa sua cabeça letras de ouro escriptas que deziã assi. Zozimas enterra o corpo de maria. e da o poo aa terra: e roga a deus por my que me mandou sahir deste mundo ho segundo dia de abril: entom conheço ho velho que quando tomou ho corpo de deus e se tornou ao deserto que logo se ella sayo deste mundo: e o deserto que andou Zozimas em trinta dias todo o ella andou em huum: e querendo o velho cavar a terra pera fazer a cova nom podia. mas vyo huum lyom que se vinha a elle muy manso: e disse Zozimas ao lyom. mando te da parte de deus que caves a cova pera enterrar esta molher: que eu nom posso cavar que som muy velho e nom tenho com que. E logo o lyom começou a cavar a cova: e quando a acabou foi se seu caminho como cordeiro manso. E o velho louvou o nome de deus e tornou se pera seu moesteiro.

De *Ho Flos Sanclorum em lingoagem portugues*, edição de 1513, a fols. lvi verso.

¹ Talvez por *podridas* o lat. diz: *putrefacta sunt*.

MIGALHAS ETNOGRAFICAS

I. — Cancioneiro de Espáriz

As cantigas que se seguem foram colhidas em Espáriz, freguezia do concelho de Taboia, no districto de Coimbra, em periodos successivos de ferias:—pelo Natal, nos descantes dos serões em casas palheiras: pela Pascoa, na ocasião do sacho dos milharais e da monda dos trigos; e no verão, nas tardes de vindima e nas noites de escamisada.

Como é de crer estas trovas não constituem senão pequena parte do rico tesouro de moura encantada que é o lirismo local, constantemente renovado pelas modas e cantigas trazidas pelos habitantes da região que para o Brasil, Lisboa e Alentejo emigram em grande numero.

- | | |
|---|---|
| 1 Os primeiros amores qu'eu tive,
mandei-os ao rosmanninho:
estes qu'eu agora tenho,
vão pelo mesmo caminho. | 7 Se tu viras o qu'eu vi,
tu te riras com'a mim:
uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim. |
| 2 A ponte da vida chora,
que lhe cortaram a mãe:
tambem os meus olhos choram
saudades por alguém. | 8 O beijo que tu me deste
sem a tua mãe saber;
pega-o lá, já o não quero,
que já lh'o foram dizer. |
| 3 O anel que tu me deste,
nem o dei, nem o vendi:
deitei-o da ponte abaixo;
o mesmo fazia a ti. | 9 Já lá vae o sol abaixo,
deixá-lo ir que eu não choro:
inda cá fica no mundo
outro sol a quem adoro. |
| * 4 Andas morta por saber
de meu peito a verdade:
se tu andas dentro dele,
quem melhor qu'a ti o sabe?! | 10 Atiraste-me, atirei-te,
ao coração c'uma bala;
desta sorte se castiga
quem ao seu amor não fala. |
| 5 O tocador da viola
tem precisão de encosto:
um travesseiro de linho,
e uma menina a seu gosto. | 11 O limão é fruta verde,
que nasce de uma flôr branca:
quem quizer o amor firme
há-de-lhe mostrar carranca. |
| 6 Assubi-me á oliveira,
p'ra apanhar uma azeitona:
p'ra quem entende bem
duas palavras lhe bonda. | 12 Balas descaminhadas,
matae o capitão-mór:
que pôs o meu amorsinho
na cabeceira do rol. |

- 13 Oh! que lindo luar está,
p'ra apanhar a marcela;
nos olivães de Coimbra
daquela mais amarela.
- 14 A silva que me prendeu
sae da bica da fonte;
deixa-me silva magana
amar quem tenho defronte.
- 15 Uma silva, duas silvas,
É uma brenha fechada:
uma pica, outra arranha,
com silvas não quero nada.
- 16 Os olhos pretos são falsos,
os castanhos matadores;
os olhos da côr do céu
são esses os meus amores.
- 17 Uma só palavra tua
decide da minha sorte:
dar-me o sim—é dar-me a vida,
dar-me o não—é dar-me a morte.
- 18 Eu hei-de ir ao céu em vida,
hei-de ir tocar as trindades;
hei-de chamar por São Pedro,
que me venha dá-las chaves.
- 19 Rosa que estás na roseira,
deixa-te estar fechadinha:
qu'eu cá vou p'ra minha terra,
quando eu vier serás minha.
- 20 Fui á fonte das tres bicas,
dei a mão á liberdade:
estava varia dos sentidos,
quando te fi-la vontade.
- 21 Pus-me a chorar saudades
á sombra da verde cana;
uma flor me respondeu:
muito padece quem ama.
- 22 Amanhã, se Deus quiser,
fará sol, se não chover;
hei-de ir ver o meu amor,
se a ribeira não encher.
- 23 Fui á fonte dos alívios,
voltei pela dos cuidados:
enchi a cantara de rosas,
fi-la rodilha de cravos.
- 24 Só tu, ó meu amor, só tu,
só tu tiveste-la dita:
de entrar neste meu peito,
numa sala tão bonita.
- 25 Cada vez que vou á missa
no adro faço reparo:
vejo ninita cara linda,
só tu és do meu agrado.
- 26 A' entrada desta terra
me quizeram conhecer:
meti a mão á algibeira,
ou retirar, ou morrer.
- 27 Venho aqui por te ver,
por te ver eu aqui venho:
venho saber novas tuas,
esse é qu'è o meu empenho.
- 28 Trago dentro no meu peito
um ramo de violetas:
no dia em que te não vejo
as minhas galas são pretas.
- 29 Cada vez qu'eu considero,
que de ti me hei-de apartar;
enchem-se-me os olhos d'agua,
não faço senão chorar.
- 30 A' entrada desta terra...
logo á entrada—não,
está uma perdigotinha...
quem me fôra perdigão!
- 31 Fui á ponte dos tres bicos
olhei p'ra dentro e vi:
uma cobra a tirar agua,
não sei como não morri.
- 32 O jasmineiro é verde,
os jasmims que dá são brancos:
não pode ter amor firme
quem se adiverte com tantos.

- 33 Meu amor em alvas, brancas,
encostado ao jasmim;
meu amor em braços d'outrem,
não sei como não morri.
- 34 Venho aqui por te ver,
por te ver aqui cheguei:
tantos anjos me acompanhem
como de passadas dei.
- 35 Mal hajam os teus olhos,
que tão fagueirinhos são:
logo á primeira vista
prenderam o meu coração.
- 36 Atirastes ao meu peito,
á parte mais delicada:
quem ao meu peito atira,
pouco bem me quer ou nada.
- 37 Atirei com o verde ao verde,
atirei com o verde ao mar:
atirei com os meus sentidos,
onde não pude chegar.
- 38 A' entrada desta terra
me quizeram dar pancadas:
não duvido que m'as deem
s'eu tiver as mãos atadas.
- 39 Eu já fui ao teu jardim,
eu já fui teu jardineiro:
eu já comi da tua fruta,
eu já não fui o primeiro.
- 40 Cada vez qu'eu vou á missa,
e te não ouço tossir;
não vejo santo nem santa,
nem missa posso ouvir.
- 41 Os olhos do meu amor
são duas azeitoninhas:
fechados são dois botões,
abertos, duas rosinhas.
- 42 Atirastes-me ao peito,
á parte mais melindrosa:
Deus permita qu'eu não morra,
que te logre minha rosa.
- 43 Eu bem sei a quem tu amas,
tu a mim sempre me negas:
lá no adro da igreja
veremos a quem te entregas.
- 44 Depois que o mundo é mundo,
muita gente tem morrido:
nem no céu tem abaixado,
nem na terra tem crescido.
- 45 Eu bem sei a quem tu amas,
a quem mostras os carinhos:
inda m'o has-de dizer,
quando estivermos sósinhos.
- 46 Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar, que estás bem:
mimosa e regalada,
á sombra da tua mãe.
- 47 Alegria e tristeza,
tudo por mim tem passado:
se muito me tenho rido,
muito mais tenho chorado.
- 48 Por um olhar dos teus olhos
dera da vida a metade:
por um riso dera a vida,
por um beijo a eternidade.
- 49 E' noite, o sol é posto,
e o meu Antonio não vem:
isso são alguns amores
que o meu Antonio lá tem.
- 50 Se ouvires dizer qu'eu morro,
não tenhas pena, meu bem;
a morte de um desgraçado
não causa pena a ninguém.
- 51 Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar em botão:
aberta leva-a vento,
fechada sempre tem mão.
- 52 O' rosa, vem tu comigo,
deixa ficá-la roseira:
que lá baixo vem a chuva,
rosa molhada não cheira.

- 53 Não ha flor como o suspiro,
na minha opiuião:
todas as flores se vendem,
só os suspiros se dão.
- 54 Os meus olhos mais os vossos,
de longe se estão mirando:
os vossos dizem que sim,
os meus preguntam-lhe quando?
- 55 Das flores do meu jardim,
a mais estimada é o jacinto:
penas que eu por ti padeço,
Deus as sabe, e eu as sinto.
- 56 Os campos de mim tem penas,
as aves de mim tem dó;
os campos por ver-me triste,
as aves por ver-me só.
- 57 A alegria dos meus olhos,
mal haja quem m'a levou:
alegre como eu era,
e agora tão triste sou.
- 58 Quem fez a casa na praça,
a muito se aventurou:
uns dizem que ela que é baixa
outros que d'alta passou.
- 59 Assubi ao altar-mor,
a acender velas ao trono:
bem tolo é quem se mata
por amor que já tem dono.
- 60 Tu prantaste-me em fama,
mas eu hei-de-me tirar dela:
agua clara não turva,
por mais que mexam com ela.
- 61 O' morte, crue! ingrata,
contra ti tenho mil queixas:
quem has-de levar não levas,
quem has-de deixar não deixas.
- 62 Alegria e tristeza,
tudo em mim has-de achar:
alegria em te ver,
tristeza em te deixar.
- 63 Triste seja, triste ande,
quem m'a mim entristeceu:
sempre chore, e nunca ria,
saiba que mal é o meu.
- 64 O' amor, pergunta agrado,
não preguntes formosura:
que formosura sem agrado,
é pior que a noite escura.
- 65 Se te eu quisera dar penas,
se t'as eu quisera dar,
fôra te ver ao ribeiro,
onde estavas a lavar.
- 66 Assufiste-me ao cipreste,
quem m'ha-de agora descer?
tu prantaste-me em fama,
quem m'ha-de agora querer?
- 67 Eu bem vi andar a morte,
numa vinha a apanhar uvas:
vae-te embora, morte negra,
desamparo das viuvas!
- 68 Olhos pretos vão á fonte,
que irão eles lá buscar?
ou eles vão buscar agua,
ou penas para me dar.
- 69 Eu hei-de-me ir, hei-de-me ir,
á porta me hei-de sentar:
onde eu vir que desconfiar,
aí hei-de aporfiar.
- 70 Hei-de cantar e bailar,
emquanto solteira tôr;
as faladeiras da rua
não tem nada que me pôr.
- 71 Dá-me uma pinguinha d'agua,
não m'a dês pela panela:
dá-m'a pela tua boca,
qu'eu não tenho nojo dela.
- 72 Lá vae uma, lá vão duas,
lá vão tres, pela primeira:
lá vae o meu coração,
em cata de quem no queira.

- 73 Eu hei-de amar o val verde,
emquanto tiver verdura:
hei-de amar a quem quizer,
que eu inda não fiz escritura.
- 74 Visto eu aqui chegar,
haja paz e união;
haja prudencia nos bomens,
deitem-se as armas no chão.
- 75 Daqui onde estou bem vejo,
quem na minha saia corta:
não me cortem eles a carne,
qu'eu da saia não me importa.
- 76 Minha mãe que me criou
ao peito com tanto mimo:
agora vou para a guerra,
penar como o passarinho.
- 77 A laranja quando nasce,
logo nasce redondinha:
tambem vós, minha menina,
nascestes para ser minha.
- 78 Tenho sono, vou dormir,
na cama me vou deitar:
levo-te no pensamento,
contigo hei-de sonhar.
- 79 Já lá vae pelo mar fóra,
quem cá não há-de toruar:
quem cá fica, fica a rir,
quem lá vae, vae a chorar.
- 80 Agora, meu pae, agora,
agora é que estou morrendo:
ao pé do poço vi a neve,
toda me estou derretendo.
- 81 Liberdade, liberdade,
quem na tem, que a possua;
que eu não tenho liberdade,
nem de passear a rua.
- 82 O' meu amor se tu fores,
ao tribunal das formosas,
agarra-te ás trigueirinhas,
que as brancas são enganosas.
- 83 Ando rouca e rouquinha,
não é catarro nem tosse:
é o ladrão do amor,
que de mim quer tomar posse.
- 84 Quem me dera cá o verão,
o tempo das escamisadas;
para dar ao meu amor
quatro castanhas assadas.
- 85 Rosa branca, toma a côr,
não sejas tão descórada;
que dizem nas outras rosas:
—rosa branca não me é nada.
- 86 Despedida, despedida,
eu inda me não despeço:
quem se despede, acaba,
e eu inda agora começo.
- 87 Rua abaixo, rua acima,
sempre de chapeo na mão,
namorando as casadas,
que as solteiras minhas são.
- 88 Rapariga, a tua vida,
não na contes a ninguém:
uma amiga tem amigos,
outra amiga amigos tem.
- 89 Se eu a tua casa ia,
bom tempo é que passava:
se comia e bebia,
culpa tinha quem m'o dava!
- 90 Já lá vae a nau p'rá Índia
já lá vão os navegantes:
choram os paes pelos filhos,
as damas pelos amantes.
- 91 De Coinabra me mandaram
cinco peras num raminho:
quem me dera agora a ver,
quem fez o ramalhetinho.
- 92 Cheguei á cruz de te amar,
calvario dos meus martirios;
queira Deus que os meus afetos
sejam bem correspondidos!

- 93 Toma lá o que me deste,
tornae-o a arrecadar;
tenho ouvido dizer
que quem aceita qu'ha-de dar.
- 94 Se eu a tua casa ia,
era por tempo passar:
eu amor nunca t'ò tive,
dessa me posso gabar.
- 95 O meu amor me disse hontem:
adeus ó minha menina;
não dês falinhas a outrem,
que não é vontade minha.
- 96 Oh! que noite tão escura!
Oh! que céu tão estrelado!
quem nunca tivera amores,
que dormira descansado!
- 97 Quem quer bem, dorme na rua,
à porta do seu amor:
dos braços faz travesseiro,
das estrelas cobertor.
- 98 Deita p'ra cá os olhos
amor, de quando em quando;
em modo que não perceba,
a gente que anda no bando.
- 99 Fostes dizer a meu pae
qu'eu que namorava bem;
tambem meu pae nos seus tempos
namorou a minha mãe.
- 100 Coração, não andes triste
dois dias qu'has-de viver:
anda alegre como dantes,
inda mais podendo ser.
- 101 O' minha rosa encarnada,
não te exponhas no chão:
que eu te darei um logar,
dentro do meu coração.
- 102 O meu amor me disse hontem
que não fosse á brincadeira:
tudo isso lh'eu farei,
não tenho a quem inaiá queira.
- 103 Deitae p'ra cá os olhos,
meu amor, deitae, deitae:
que não são perolas d'oiro,
que roubaes a vosso pae.
- 104 Minha mãe, por m'eu casar,
prometeu-me tres ovelhas:
uma côxa, outra cega,
outra musga, sem orelhas.
- 105 Por te amar deixei a Deus,
vê amor o qu'eu perdi:
agora vejo-me só,
eu sem Deus, e tu sem mim.
- 106 O meu amor me pediu:
que não fosse á brincadeira;
isso é que lh'en não faço,
enquanto estiver solteira.
- 107 O meu amor foi-se e disse:
que eu por ele não chorasse;
se lhe tinha algum amor,
que o não mortificasse.
- 108 Esta noite sonhei eu,
a outra sonhado tinha:
qu'estava na tua cama;
acordei, estava na minha.
- 109 Eu pedi a Deus a morte,
Ele disse, que m'a não dava:
que lhe pedisse eu a vida,
que a morte certa me estava.
- 110 O meu amor emonou-se,
eu mandei-o ás amoras:
vem tu cá, meu emonado,
qu'isto dura poucas horas.
- 111 Quero cantar á salaia,
já qu'outra moda não sei:
minha mãe era salaia,
en com ela me criei.
- 112 Não vires p'ra cá os olhos,
como virastes agora:
que nesse virar dos olhos,
às vezes tambem se namora.

- 113 O amor, enquanto novo,
ama com todo o cuidado:
depois da prenda na mão,
mostra cara de enfadado.
- 114 Eu pedi a Deus a morte,
agora já estou doente:
já me Deus fe' la vontade,
eu não hei-de viver sempre.
- 115 Tendes dois olhos na cara,
parecem grãos de pimenta:
pareces-me bonitinha,
algum pecado m'atenta.
- 116 Deita-me p'ra cá os olhos,
por cima dessa ramada:
antes que eu sou pequenina,
dei a palavra, está dada.
- 117 Os olhos querem olhos,
os corações, corações;
tambem as boas palavras,
requerem as boas ações.
- 118 Laranjeira do pé d'oiro,
nem só uma laranja tem:
debaixo ninguem lhe chega,
acima não vae ninguem.
- 119 Quem me dera agora a ver
o meu adorado bem:
ou alguem, que me dissera,
—lá o vi,—saude tem.
- 120 Cantigas ao desafio,
comigo ninguem as cante:
qu'eu tenho quem m'as ensine,
—o meu amor é estudante.
- 121 Já o sol vae arraiando,
por cima das oliveiras:
varejae, varejadores,
apanhae, apanhadeiras.
- 122 Varejae, varejadores,
apanhae, apanhadeiras:
que isto são pérolas d'oiro,
que caem das oliveiras.
- 123 Dizeis qu'eu não sei cantar,
eu tambem digo que não:
quem estuda, sabe ler,
eu nunca andei na lição.
- 124 Chamaste-me farrapeira,
ao portal da minha vinha;
chamaste-me mal asada,
sendo eu tão asadinha.
- 125 Quem me dera agora a ver,
quem m'inda agora lembrou:
amorzinho da minh'alma,
que tão longe d'ele estou!
- 126 Vae-te deitar, que são horas,
passaro desaninhado:
—inda não é meia noite,
já os galos tem cantado.
- 127 Cantigas ao desafio,
p'ra mim são escusadas:
as minhas vão de repente,
as suas são estudadas.
- 128 Noite escura, noite escura,
eu bem sei quem te arreccia:
quem tem os amores longe,
que toda a noite passeia.
- 129 Dá-me da pêra madura,
da maçã uma talhada:
se me não deres da pêra,
da maçã não quero nada.
- 130 Sei um saco de cantigas,
tambem sei uma sacalhada:
se as hoje canto todas,
amanhã não canto nada.
- 131 Noite escura, noite escura,
p'ra mim nunca amanhece:
nem a agua me mata a sede,
nem o meu amor me esquece.
- 132 Dá-me da pêra madura,
da maçã um bocadinho:
da laranja um só gômo,
dessa bôca um beijinho.

- 133 Quero cantar e não posso,
nem meu coração me ajuda:
morreu-me meu pae ha pouco,
sou filha duma viuva.
- 134 Quero cantar, ser alegre,
que a tristeza nada tem:
nunca vi que a tristeza
desse de comer a ninguém.
- 135 Não me namora o teu brio,
nem os brincos das orelhas:
namoram-me esses teus olhos,
debaixo das sobraucelhas.
- 136 Não me namora o teu oiro,
nem o teu colête aos ramos:
namoram-me esses teus olhos,
que t'os hei-de roubar ambos.
- 137 Fostes muito atrevida,
em me acabar a cantiga:
qu'en bem na sei acabar,
antes que sou rapariga.
- 138 Eu queria-me casar,
eu queria dormir só:
eu queria ter meninos,
dâ-los a criar a avó.
- 139 Se és coelho larga a pele,
se és pinto larga a penuge;
se tu aqui estás por fama,
pega nos tamancos e fuge.
- 140 Setestrelô, sol e lua,
descobre campos e mar:
até as pedras chorarão,
se o meu amor me deixar!
- 141 Fostes muito atrevida,
fostes muito confiada,
de me acabar a cantiga,
que eu tinha começada.
- 142 Toma lá colchetes de oiro,
aperta o teu coletinho:
corpinho que é de nós ambos
deve de andar apertadinho.
- 143 Não venho aqui por fama,
nem tirá' la a quem na tem;
venho por me adivertir,
assim como você vem.
- 144 O' minha bela menina,
consigo fica o engano:
sacudo o meu capote,
vae-se o pó e fica o pano.
- 145 O meu coração é ten,
bem no podes entender:
se o queres amar, ama,
se não deixa-o padecer.
- 146 Minha terra, minha terra,
minha terra, e eu aqui;
os anjos do céu me levem
à terra aonde eu nasci.
- 147 Quem me dera agora estar,
aonde está meu pensamento:
destas portas para fóra,
doutras qu'en sei para dentro.
- 148 Coração, por coração,
amor não deixes o meu:
olha que o meu coração
sempre foi leal ao teu.
- 149 Adeus terra de Espàriz,
adonde eu tenho mais ou menos:
adonde eu tenho os meus amores,
e não são dos mais somenos.
- 150 Adeus terra de Espàriz,
mal de ti nunca o direi:
ou no cimo, ou no fundo,
ou no meio, ficarei.
- 151 Quem me fôra passarinho,
que avoára a direito:
que fôra fazer o ninho
no adro desse teu peito!
- 152 O' minha mãe, dê-me as chaves,
qu'eu quero ir ao jardim:
quero ir apanhar rosas,
para dar ao Joaquim.

- 153 Tendes coração de açúcar,
que na agua se derrete:
dae-me uma pedrinha dêle,
p'ra que o meu se não sêque.
- 154 Assubi-me a aquele oiteiro,
só p'ra ver a minha terra:
os doentes sarariam
dos ares que vinham d'ela.
- 155 Silva verde, não me prendas,
olha que me não seguras:
olha qu'eu tenho quebrado
outras algemas mais duras.
- 156 O' meu amor de tão longe,
chega-te cá para o perto:
que me chora o coração
de te ver nesse deserto.
- 157 Lá no céu vai uma nuvem
todos dizem: —bem na vi:
todos falam e murmuram,
ninguém olha para si.
- 158 O' mar largo, ó mar largo,
ó mar largo, sem ter fundo:
mais vale andar no uar largo,
qu'andar nas bôcas do mundo!
- 159 Esta noite choveu oiro,
diamantes orvalhou:
lá vem o sol com seus raios,
enxugar quem se molhou.
- 160 O mar também é casado,
o mar também tem mulher:
é casado com a areia,
dá-lhe beijos quando quer.
- 161 Esta noite, à meia-noite,
ouvi um lindo cantar;
eram os anjos no céu,
ou as sereias no mar.
- 162 O' meu amor de tão longe,
inda o tornarás a ser;
casarás, viuarás,
tornarás ao meu poder.
- 163 O setestrelô vae alto,
e o cajado revirou:
diga-me, ó minha menina,
a que horas se deitou.
- 164 Olhos pretos são falsarios,
os azues são lisonjeiros:
os olhos acastanhados
são os leaes verdadeiros.
- 165 O' castelo não te rendas,
bota bandeira de guerra:
na batalha do amor
quem vence são as donzelas.
- 166 Agora respondo eu
à flor que ali cantou:
—em que vaso foi nascida,
em que jardim se criou?
- 167 A roseira, com as rosas,
toda se humilha ao chão:
quando as rosas se humilham,
que fará o meu coração!
- 168 Perguntei ao setestrelô,
que é magano, sabe ler,
em que altura fica a lua
quando quer amanhecer.
- 169 Tendes dois olhos na cara,
parecem duas flores:
se eu assim tivera os meus,
não estava sem ter amores.
- 170 Eu venho da ilha dos vidros,
dos cristaes, dos diamantes:
venho por agua perdida,
p'ra ver teus olhos brilhantes.
- 171 Donde eu estou, bem vejo,
estar uma candeia açêsa:
não me atrevo a apagá-la,
com dois beijos à francesa.
- 172 O' alta serra da neve,
aonde o penedo caíu:
ninguém diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

- 173 Entre o trigo nasce o trevo
atado ás molhadinhas:
oh! nunca t'eu conhecera,
nem te dera falas minhas.
- 174 O' Coimbra, ó Coimbra,
ó Coimbra roubadora:
se não fôra os estudantes,
mal te vae, peor te fôra!
- 175 Heide-te amar, se me amares,
querer-te, se me quiseres;
deixar-te se me deixares,
fazer como tu fizeres.
- 176 Dei um ai entre dois vales
ouviam-me dois penedos:
a culpa tive-a eu
em te contar meus segredos.
- 177 A capa dos estudantes
é um jardim de flores:
toda cheia de remendos,
cada um de varias côres.
- 178 O amor dos estudantes
não dura mais que uma hora:
toca a cabra vão p'rá aula,
vem as ferias vão-se embora.
- 179 Nunca eu fôra a Coimbra,
nem passara por Sansão:
nunca eu vira os teus olhos,
que tanta pena me dão.
- 180 Estudantes á aula, á aula,
lá cima a Universidade:
quem mais estuda, mais aprende,
quem mais aprende, mais sabe.
- 181 Canta, canta rapariga,
que eu te ajudarei:
se te vires empenhada,
eu te desempenharei.
- 182 José amo, José quero,
José trago no sentido;
por via de ti José,
trago o meu sóno perdido.
- 183 Os estudantes de Coimbra
são pobres, não tem dinheiro:
mandam solar os sapatos
com folhas de castanheiro.
- 184 A laranja foi á fonte,
o limão foi atrás dela:
a laranja trouxe a agua,
e o limão ficou sem ela.
- 185 As estrelas do céu correm
todas numa carreirinha:
assim correm os amores
da tua mão para a minha,
- 186 As telhas do teu telhado,
as pedras do meu balcão;
hão-de jurar a verdade:
—se t'eu quero bem ou não.
- 187 P'ra ver Coimbra, eu subia
á torre a todas as horas:
p'ra ver se descobria
a casita onde tu moras.
- 188 José, pega na pena,
escreve que eu vou notando;
escreve—que eu hei-de ser tua,
não sei a hora nem quando.
- 189 Meu amor por despedida,
nem uma fala me deu:
pregou os olhos no chão,
pôs-se a chorar a mais eu.
- 190 Eu escrevera-te uma carta
c'o sangue das minhas veias:
mas tornei a consid'rar...
sangue meu por mãos alheias!
- 191 A pena, p'ra ser pena,
deve ser a do pavão:
a pena, p'ra ser pena,
deve ser do coração.
- 192 Já lá vae abril e maio,
já me março não engana:
agora vou conhecendo
a arvorinha pela rama.

- 193 As telhas do teu telhado
o mais delas tem virtude:
passei por elas doente,
logo me deram saúde.
- 194 Eu escrevêra-te uma carta,
se a tu souberas ler:
mas tu dá-la a ler a outrem...
tudo se vem a saber.
- 195 O gosto que a salsa tem,
tem meus olhos de te ver:
trago-te no centro d'alma,
não me podes esquecer.
- 196 Com penas escrevo cartas,
com cartas relato dores:
com penas hei-de escrever
cartas para os meus amores.
- 197 Já lá vai abril e maio,
já lá vão esses dois meses:
já lá vão as palavrinhas
com que t'eu falava às vezes.
- 198 Fui ao Douro á vindima,
não achei que vindimar:
vindimaram-me as costelas,
olha o que eu lá fui ganhar!
- 199 O' meu amor não me deixes,
por ditinhos de ninguém:
que eu a ti nunca te deixo,
nem por quanto o mundo tem.
- 200 Rapariga do meu tempo,
vejo-te andar a pedir:
não sei se te dê esmola,
se cama para dormir.
- 201 A cantiga que cantares,
não a cantes duas vezes:
que a semana tem seis dias,
e o ano tem doze meses.
- 202 Uma vez que eu disse adeus
muita lágrima chorei:
jurei para nunca mais
dizer adeus a ninguém.
- 203 O balão quando subiu
às estrelas foi bater:
p'ra ver os anjos do céu,
mas Deus não lh'os deixou ver.
- 204 Se vires os meus filhinhos
na estrada a trabalhar:
dá-lhe um bocado de pão,
qu'eu não no posso ganhar.
- 205 Raparigas do meu tempo!
rapazes da minha idade!
paga tu qu'eu já paguei
o tributo da mocidade.
- 206 Não canto por bem cantar,
nem por boa fala ter:
canto por cegar os olhos
de quem me não pode ver.
- 207 Se canto dizem qu'eu canto,
se choro dizem qu'eu choro:
se me veem olhar p'ra ti
dizem que eu que te namoro.
- 208 Os olhos da minha cara
já os tenho repellido:
que não chorem por ninguém,
que está o mundo perdido.
- 209 Antes que erreí a cantiga
não deixarei de cantar:
também o bom caçador
errou a perdiz no ar.
- 210 Erga-se, senhora noiva,
da cadeira da rainha:
erga-se, pegue no ramo,
que lhe dá sua madrinha.
- 211 Se os olhos comessem sopas
mandava-lh'as eu fazer:
mas eles não comem sôpas,
o seu regalo é ver.
- 212 Os meus olhos são dois pretos,
que me vieram d'Angola:
inda não foram cativos,
cativei-os eu agora.

- 213 O cantar não é sciencia
p'ra quem tem boa fala:
p'ra mim, que a não tenho,
custa-me os olhos da cara.
- 214 Eu sei que sou atrevida
em na terra alheia cantar:
agora peço licença,
para quando cá tornar.
- 215 Hei-de embarcar os meus olhos
para o Rio de Janeiro:
olhos que não tem ventura,
que vão p'ra fóra do reino.
- 216 Lá venho da chameca,
lá do mato florido;
venho fugindo da calma,
chegando-me ao teu abrigo.
- 217 Mandaste-me um ramalhete.
d'alecrim, meu cavalheiro;
atadinho d'uma junça,
que o retroz custa dinheiro.
- 218 Antes qu'eu nasci no mato,
entre o tojo florido:
sei usá' lá a cortesia,
com quem na usa comigo.
- 219 O anel que tu me deste
era-me largo no dedo:
se me tu quiseras bem,
o anel andava quedo.
- 220 O meu coração é terra,
hei-de mandá-lo cavar:
p'ra semear desejos,
qu'eu tenho de te falar.
- 221 Adeus minha terra, adeus,
Adeus meu pae, minha mãe:
que eu cá vou p'ra terra alheia,
peça a Deus que me dê bem.
- 222 Fui ao jardim dos afetos
colher cravos no outono:
menina, não se autorise
do meu amor, — que tem dono.
- 223 Quem quiser ver olhos tristes
Olhe p'ra os meus desgraçados:
que já são aborrecidos
de quem eram desejados.
- 224 Quem quiser ver olhos tristes
olhe para estes meus:
que já são aborrecidos
de quem lhe chamava seus.
- 225 O meu amor não é este,
o meu amor traz chapéo:
o meu amor, ao pé d'este,
é um anjinho do céu.
- 226 O meu amor engeitou-me,
por isso não ando triste:
depois que ele me deixou
outro melhor me assiste.
- 227 Tenho corrido mil terras,
mil terras tenho corrido:
muito cão me tem ladrado,
mas nenhum me tem mordido.
- 228 Tenho corrido mil terras
da maior parte da Beira:
nunca achei melhor amigo
qu'ô dinheiro na algibeira.
- 229 Toma lá esta laranja,
toma lá, que te dou eu:
é a primeira novidade,
que o pomar do meu pae deu.
- 230 A menina, que é bonita,
nunca havia de nascer:
é como a pera madura:
todos a querem comer.
- 231 Toma lá esta laranja,
é da China, vem do mar:
que te tire este fastio,
que tu tens, de me falar.
- 232 E' desgraça, é desgraça,
é desgraça ser mulher:
se é bonita — é perseguida,
se é feia — ninguém na quer.

- 233 O meu amor não é este,
a mim alguém m'o trocou:
que estas não são as falinhas
com que ele me namorou.
- 234 O balão da minha ama
é com'a roda de um carro:
quando vae para a cozinha
faz abanar o sobrado.
- 235 O' meu amor, não inores
este meu pouco saber:
qu'eu sou rapariga uova,
tenho tempo de aprender.
- 236 O meu amor engeitou-me,
eu tambem o engeitei:
se m'ele virou as costas,
eu tambem já lh'as virei.
- 237 Não se me dá que vindimem
vinha qu'eu já vindimei:
não se me dá qu'outro logre
amores qu'eu já logrei.
- 238 Toma lá esta laranja,
tira-lhe o sumo de dentro:
das cascas faz um barquinho,
embarca o teu pensamento.
- 239 Atirei c'uma laranja
á janela do morgado:
acertei na morgadinha,
ai de mim, qu'estou culpado!
- 240 Não ha pão como o pão alvo,
nem carne como o carneiro;
nem peixe como a pescada,
nem amor como o primeiro.
- 241 Não repares em cantigas,
cantigas leva-as o vento:
quem em cantigas repara
é leve do pensamento.
- 242 Os olivães de Coimbra,
semeados, que darão?
—Darão moças bonitas
para a minha perdição.
- 243 D'aqui para a minha terra
tudo é caminho chão:
tudo são cravos e rosas
dispostas por minha mão.
- 244 Lá cima naquela serra
está um burro a escrever:
tanto sabes tu cantar
como o burro sabe ler!
- 245 Hei-de fazer um raminho
de serpão e limonete:
p'ra dar ao meu amor,
p'ra o bolsinho do colete.
- 246 O' limão, ó verde lima,
fá' la fresca limonada:
a agua p'ra regar a lima
vem do chafariz de Almada.
- 247 O' minha larica verde
enleada ao centeio:
quem tem nos amores bonitos
ri-se de quem nos tem feios.
- 247 Sou pintor de loiça fina,
já hoje pinteí um prato:
assim que vi os teus olhos,
pinteí logo o teu retrato.
- 249 Primavera não te enojas
do que has-de vir a ser:
o que tu és já eu fui
o que eu sou has-de tu ser.
- 250 Tudo o que é verde seca
lá pelo pino do verão:
tudo torna a renovar,
só a mocidade não.
- 251 O meu amor é pedreiro
trabalha de cantaria:
fez-me um coração de pedra
com toda a g'lantaria.
- 252 O meu amor é pedreiro
trabalha de cantaria;
não me passa do sentido
nem de noite nem de dia.

- 253 Já lá vae, já se acabou,
o tempo dos agriões:
tambem a rabaça serve
em certas ocasiões.
- 254 O meu amor é tão lindo
ninguem me diga mal d'ele:
ele é do meu coração
eu sou do coração d'ele.
- 255 O meu amor é pequeno
é pequeno, resoluto;
é como o pão da padeira
que se come sem conduto.
- 256 O' alto freixo magano,
ó flor de mim tem dó:
p'ra amor fomos ambos,
p'rá desgrça fui eu só.
- 257 Se passares pelo adro
tira o chapéo á cruz;
que o meu amor é mordonho
da bandeira de Jesus.
- 258 Adeus, oliveira do adro,
azeitonas do Senhor:
nas pedras da sacristia
ajoelha o meu amor.
- 259 De vermelho, encarnado,
vae o meu amor á missa:
fica-me á porta travessa,
fica-me ao correr da vista.
- 260 Eu já tenho casa assente,
em Coja, no Terreiral;
tomei amor nas Esculcas,
fui casar ao Salgueiral.
- 261 Virgem-Santa de Mont'Alto
lá vae ela ladeira acima,
depenicando num cacho:
traz a gente na vindima.
- 262 Andas morta por saber
quem é o meu namorado:
é um rapaz de pé cochinho
das costas acorcovado.
- 263 Meninas, amae o côxo,
que o côxo tambem se ama:
o côxo é rijo da mola,
só de um pñlo vae á cama.
- 264 Adeus, ó vila de Arganil,
não te ponhas de maior;
que a Senhora do Mont'Alto
é tão linda como o sol.
- 265 Virgem Senhora das Preces,
de lá venho eu agora:
em manguinhas de camisa
tocando numa viola.
- 266 Virgem Senhora das Preces,
das Preces, ao Colcorinho:
tudo são altos e baixos
cobertos de rosmaninho.
- 267 Virgem Senhora das Preces,
em que pressas me vi eu:
indo para a vossa casa,
no caminho me choveu.
- 268 Senhora da Conceição,
côr de cereja madura:
bem poderás, vós, Senhora,
repartir a formosura.
- 369 Virgem Senhora das Preces,
vinde-me esperar á aldeia:
que eu sou criada de servir
quero ir fazer a ceia.
- 270 A' carvalha cae-lhe a folha,
ao castanheiro o ouriço:
o homem que não tem barba
pode-se chamar enguiço.
- 271 O homem que não tem barba
não é homem nem mulher:
é uma sardinha assada
embrulhada num papel.
- 272 Com a pena do pavão,
o sangue da cotovia,
escrevêra-te eu uma carta,
ó meu amor de algum dia.

- 273 — O' meu amor de algum dia
queres-me tu inda bem?
— Essa pergunta é boa!
Isso duvida-o alguém?
- 274 Se eu tivesse meu pae vivo,
como tenho minha mãe;
não andava por aqui
aos pontapés de ninguém.
- 275 Quem quiser que eu cante bem,
dê-me uma pinga de vinho:
o vinho é coisa santa
fá-lo cantar delgadinho.
- 276 Adeus ó fonte da Bica
donde matei minha sede:
já me lá armaram no laço
mas eu não caí na rede.
- 277 Quem quiser que eu cante bem
dê-me vinho ou dinheiro:
que esta minha gargantinha
não a fez nenhum ferreiro.
- 278 Já passei o mar a nado
nas ondas do teu cabelo:
agora posso dizer
que passei o mar sem medo.
- 279 Nas ondas do teu cabelo
m'hei-de deitar a afogar:
que é para que o mundo saiba,
que lia ondas sem ser no mar.
- 280 A senhora da Peneda
vae subindo a ladeira;
c'uma cestinha no braço
parece uma lavradeira.
- 281 O' Senhora da Peneda,
Senhora tão pequenina,
comadre da minha mãe;
— adeus senhora madrinha.
- 282 Santo Antonio é meu pae,
São Francisco meu irmão;
os anjos são meus parentes...
oh! que linda geração!
- 283 Minha terra é Poiares
já toda a ribeira arriba:
ó minha mãe quem me dera
de lá uma rapariga.
- 284 Aquela menina,
qu'eu d'aquí estou vendo:
ela dá-me d'ôlho,
eu bem na entendo.
- 285 A Senhora do Pilar
tem no seu pilar de vidro:
que lhe deu um marinheiro
que se viu no mar perdido.
- 286 Já não quero mais ameixas
do quintal do tio Lopes:
que êle foi-me lá apanhar,
fez-me jogar os pinotes.
- 287 O' Coimbra das laranjas,
ó Montemor dos limões:
ó Figueira das cachopas
Buarcos dos corações.
- 288 O' Algaça, ó Algaça,
terra da maganaria:
tambem eu era magano
quando eu a Algaça ia.
- 289 Nesta cadeia estou preso
não é prisão, é regalo:
estou ao refresco das flores
às tuas ordens meu cravo.
- 290 — O' presos do Limoeiro,
porque não limaes as grades?
— Bem fala quem está de fóra
com todas as liberdades!
- 291 Toma lá, que te dou eu,
não olhes ao fraco dado:
qu'isto é uma lembrança
do nosso tempo passado.
- 292 Toma lá, que te dou eu,
do meu coração coisinhas:
já que te não posso dar
de meus olhos as meninas.

- 293 Depois que o mundo é mundo
muita gente tem morrido:
sem no mundo faltar gente,
nem no céu se ter enchido.
- 294 Grande peixe é a baleia,
ela no mar se creou:
tres dias choveu areia
quando se Troia arrason.
- 295 Pus-me a contar ás avessas
pedras áquella columna:
nove, oito, sete, s-is,
cinco, quatro, tres, dois, uma.
- 296 Quatro com cinco são nove,
com mais nove são dezoito:
com mais seis são vinte e quatro,
com mais quatro são vint'oito.
- 297 Santa Tereza de Jesus,
menina de dõze anos;
do céu lhe veio uma carta,
que o mundo era d'enganos.
- 298 Passei pela tua porta,
pu' la mão na fechadura:
estavas lá, não me falastes,
coração de pedra dura.
- 299 Eu fui o pau mais vadio,
que na brenha fui criado:
cheguei-me a certas alturas
sem nunca ser esgalhado.
- 300 Já estive no Limoeiro,
c'umas grades de papel;
todo o mundo me foi ver,
só tu não, amor cruel!
- 301 Como chove miudinho,
lá para as bandas do norte!
e o meu amor, coitadinho,
anda por lá sem capote!
- 302 Salvaterra, Benavente,
Jericó fica no meio:
e as meninas do Samóra
bailam com todo o asseío.
- 303 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
perde de mim o cuidado,
que eu de ti perco o sentido.
- 304 O cravo depois de sêco
bota-se por aí alem:
e a rosa quanto mais sêca,
quanto mais prestime tem.
- 305 —Eu sou cravo, tu és rosa,
qual de nós se estima mais?
—Tu, cravo, pela janela,
tu, rosa, pelos quintaes.
- 306 Eu hei-de ir espreitar a rôla,
eu bem sei onde ela dorme:
debaixo de um castanheiro,
co'a folhinha se cobre.
- 307 —Donle são estas meninas,
donde são, donde serão?
—Todas são da minha terra,
cheiram ao manjaricão.
- 308 —Donde são estas meninas,
que aqui cantaram agora?
—Todas são da minha terra,
sem nenhuma ser de fora.
- 309 Adeus, terra de Espàriz,
heide-te mandar cercar:
c'um fio de oiro á roda,
de prata pode quebrar.
- 310 Tendes o cabêlo d'oiro,
ao martelo rebatido:
nesse nó, que vós lhe daes,
anda o meu amor escondido.
- 311 Esta rua é comprida,
é comprida com'as mais:
no meio tem um castelo,
onde combatem meus ais.
- 312 Esta rua é comprida,
no meio ajunta a lama:
quem na passeia de noite,
melhor estivera na cama!

- 313 O meu amor, coitadinho,
de repente adoeceu:
faltavam-lhe os meus carinhos,
não ponde viver,—morreu.
- 314 Aqui neste canto,—canto,
aqui neste recantinho;
aqui bate a pomba as asas,
aqui tem a rola o ninho.
- 315 Cortei o bico á rola,
as asas ao papagaio:
para livrar as meninas
das orvalhadas de maio.
- 316 Cortei o bico á rola,
as asas ao gavião:
para livrar as meninas
das orvalhadas de verão.
- 317 Heide cercar minha terra
com vara e meia de fita:
á porta do meu amor
hei-de pôr lá mais bonita.
- 318 Sou soldado, assentei praça,
no coração de uma pomba:
ao depois da praça assente,
deram-me baixa redonda.
- 319 Adeus, adeus, qu'eu me vou,
adeus que me quero ir:
dá-me cá esses teus braços,
qu'eu me quero despedir.
- 320 Já me vou, já me aparto,
já largo velas ao vento:
já não ha quem por mim chore
neste meu apartamento.
- 321 O meu amor engeiton-me,
eu dou-me por engeitada:
todo a gente me dizia
qu'eu qu'era mal empregada.
- 322 Hei-de m'ir deitar num poço,
onde estejam cobras vivas:
qu'eu não posso disfarçar
saudades tão activas.
- 323 O' José, cabelo louro,
penteado no deserto;
sobrancelhas de oiro fino
d'olhinhos por quem m'eu perco.
- 324 Tendes o cahêlo loiro,
pelas costas ao comprido:
parecem finhos d'ouro
ao martelo rebatido.
- 325 Dentro d'um copo de vidro,
bebe a cobra, nada o peixe:
ama-me com lealdade,
não te temas que t'eu deixe.
- 326 Chamaste-me cobra d'agua,
eu sou cobra não o nego;
eu sou cobra ribeirinha,
nado no mais alto peço.
- 327 Oh! que bela terra esta!
Oh! que lindo arvoredo!
Oh! que lindas moças tem!
Quem no soubera mais cedo!
- 328 Menina, ate o cabelo,
não no traga desatado:
desengane o seu amor,
não no traga enganado.
- 329 Menina, ate o cabelo,
não no traga ao desdem:
se os tendeiros não tem fita,
meu coração laços tem.
- 330 O' pederneira d'amar,
bota cá uma faisca:
os teus olhos me prenderam
logo á primeira vista.
- 331 Cantigas são pataratas,
que dão volta ao miolo:
quem em cantigas repara
é patetinha de todo.
- 332 Sendes alta com'a cana,
pela cinta não quebraes:
sendes o brio das moças,
sendes moça com'as mais.

- 333 O' altas torres de Mafra,
todas cercadas de murta:
muita gente não se casa
pela presunção ser muita.
- 334 A folha da oliveira,
de comprida é estreita:
o que eu quero é lograr-te,
que o ver-te não me aproveita.
- 335 Oh que lindo amor qu'eu tenho!
Oh que linda formosura!
Não o logro, não o logro,
tenho bem pouca ventura!
- 336 Que rua tão comprida,
no meio tão apertada!
Que linda vista d'olhos
se fosse continuada.
- 337 D'aqui a Braga é longe,
não chegam lá meus suspiros:
e quando elles lá chegassem
iam mais mortos que vivos.
- 338 Chapeu alto, chapeu alto,
chapeu alto, leva-o vento:
muito enganado anda
quem comigo passa o tempo!
- 339 Esta rua tem pedrinhas,
hei-de-lh'as mandar tirar;
com biquinhos d'alfinetes
para o amor passear.
- 340 Tu roubastes-m'o meu amor,
meu beijos de lambareiro:
tanto te logres tu d'ele
como a agua na joeira!
- 341 Já cortei o men cabêlo,
atirei co'ele ao chão:
as faladeiras da rua
inda se não calarão?
- 342 Já cortei o meu cabêlo,
já lá vae a minha gala:
a culpa tive-a eu;
não deixar falar quem fala.
- 343 Já passei o mar a nado
na folhinha da ortiga:
já perdi o norte à terra,
e o amor á rapariga.
- 344 Ai de mim, que vou p'ras Caldas,
caminhando p'ra o vapor:
já perdi o norte à terra,
e a amizade ao meu amor.
- 345 A cana verde no mar
é mais alta que o padrão:
encostei-me á tecedeira,
toda me enchi de cotão.
- 346 Encostei-me á cana verde,
cuidando que não quebrava:
a cana verde era ôca,
eu isso não imaginava.
- 347 Sendes alta, redondinha,
tendes pê de manjarona:
tendes dois olhos na cara,
quem vos caçára, ladrona!
- 348 Eu gosto de ouvir cantar
no mundo quem canta bem:
não tenho com que lhe pague,
pago-lhe a cantar tambem.
- 349 Nem tanto estar á janela,
nem tanto cuspir p'rô chão:
nem tanto puxar de lenço,
d'algibeira para a mão.
- 350 Fui ao Porto, fui ao Minho,
fui a Braga, estou aqui:
quem bem vive, bem acaba,
prantem os olhos em mim.
- 351 A vinte e quatro d'agosto
é o São Bertolameu:
menina, fuja ao seu pae,
qu'eu tambem fujo ao meu.
- 352 Pus-me a chorar ao pé d'agua
lagrimas de sentimento:
a agua me respondeu:
nada cura com'ó tempo.

- 353 Fui-me prantar a chorar .
ao canto do meu jardim:
uma flor me respondeu:
tudo, por tempo, tem fim.
- 354 Quero-te bem, tenho-te odio,
olha, amor, a minha graça:
quero-te bem, porque és minha,
tenho-te odio, porque és falsa.
- 355 Cala-te lá, boca aberta,
cara de sardinha frita:
os meus olhos nunca viram
uma cara tão maldita.
- 356 Cala-te lá, boca aberta,
cara de sardinha assada:
os meus olhos nunca viram
cara tão excomungada.
- 357 O' Entrudo, ó Entrudo,
ó Entrudo vem agora:
eu hei-de ir á minha terra
deitar o Entrudo fóra.
- 358 O' meu amor, se tu fôres,
escreve-me do caminho:
uma cartinha de amores
nas asas de um passarinho.
- 359 O' meu amor, se tu fores,
leva-me, podendo ser:
que eu quero ir acabar
onde tu fores morrer.
- 360 Se eu soubesse, Guiomar,
que tu eras tecedeira:
mandava-te vir do Porto
um tear de laranjeira.
- 361 Cada vez que eu vejo
gaivotas á prêa-mar:
julgo que é o meu amor
que vem para me levar.
- 362 A Virgem Santa Tereza
foi ao inferno em vida:
veio de lá admirada
de ver tant'alma perdida.
- 363 Quando te não conhecia
nada de ti se me dava:
sem pensamentos dormia,
sem cuidados acordava.
- 364 Se ouvires assobiar
não julgues que é caçador:
anda agora uma moda
de assobiar ao amor.
- 365 O meu amor me deu um beijo
quando eu estava a dormir:
não sei se é doce se é agro:
—amor, torna a repetir.
- 366 O' meu amor, se tu fores,
á terra das andorinhas:
escreve de lá uma carta
se quiseses ter novas minhas.
- 367 Algum dia por te ver
saltava trinta valados:
agora p'ra te não ver
saltarei trinta dobrados.
- 368 Já te quis, já te não quero;
já te amei, já te não amo:
a minha pouca assistencia
te dará o desengano.
- 369 Andas sempre—adeus, adeus!
com esse adeus me mataes:
pois receio que me digas
—adeus p'ra nunca mais!
- 370 Andas sempre—adeus, adeus!
com esse adeus me enfadaes:
pois não chegas a dizer:
adeus para nunca mais!
- 371 Eu já fui ao teu pomar,
eu já fui teu pomareiro:
eu já comi da tua fruta,
mas não fui eu o primeiro.
- 372 Já dormi na tua cama,
já tua boca beijei:
já gozei os teus carinhos
e outra coisa qu'eu cá sei.

- 373 Eu de cá e tu de lá
qual de nós canta melhor:
minha fala cobre a tua
cala-te lá reixinol.
- 374 De teu corpo fiz igreja,
de teu peito um altar:
de teus braços sepultura
onde m'eu hei-de enterrar.
- 375 Rapazes quando eu morrer
levem-me de vagarinho:
façam-me uma cova dág'ardente
cubram-me por cima com vinho.
- 376 A rosa para cheirar
deve ser da Alexandria:
a mulher para ser formosa
deve chamar-se Maria.
- 377 Espàriz, ó terra amada,
onde tenho minha esposa,
minha mãe e meus filhinhos,
onde meu bom pae repousa.
- 378 Se tu visses o qu'eu vi
lá no Rio de Janeiro:
uma cobra a bater sola
na testa de um sapateiro.
- 379 O' coração, coração
c'uma faca t'hei-de abrir
que te deixaste prender
de quem podias fugir.
- 380 Ai de mim, ai de você,
ai de nós ambos a dois:
ai de mim primeiramente.
ai de você ao despois.
- 381 Chamastes ao meu pae sogro
à minha irmã cunhada:
nem meu pae é teu sogro,
nem minha irmã te é nada.
- 382 O coração mai-los olhos
são dois amantes leaes:
quando o coração tem penas
logo os olhos dão sinais.
- 383 O' coração retraído,
ó cara cheia d'enganos:
olha a paga que me deste
de t'eu amar tantos anos!
- 384 Tanta silva, tanta silva,
tanta silva, tanta amora:
tanta menina bonita
e meu pae sem uma nora.
- 385 O' meu amor, meu amor,
diz-me que mal é o teu:
amas a quem te não ama...
que culpa te tenho eu?!
- 386 Eu hei-de ir á tua terra
ouvir a missa do dia:
que tanto me tem gabado
essa tua fréguesia.
- 387 Adeus, meu amor, adeus,
até quarta ou quinta feira:
não posso estar sem te ver
uma semana inteira.
- 388 Torradinhas com manteiga
coma a menina se gosta:
foram feitas em Lisboa,
vieram na mala-posta.
- 389 Fui ao mar por vê-las ondas,
ao jardim por vê-las flores:
ao céu por vê-las estrelas,
aqui por ver meus amores.
- 390 Se o mar tivesse varandas
ia-te ver ao Brasil:
mas o mar não tem varandas,
diz-me amor por onde hei-de ir.
- 391 Torradinhas com manteiga,
por cima café, limão:
p'rás mulheres um cacete
até as deitar ao chão.
- 392 O' alta serra da neve
donde o penedo caiu:
ninguém diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

- 393 Eu hei-de m'ir embora,
segunda-feira ou terça:
as saudades qu'eu levo...
queira Deus não adoeça.
- 394 Chapéu de meia moeda
lá o leva a moleirinha:
mal empregado chapéu
andar ao pó da farinha.
- 395 Casadinha de há tres dias
ei-la lá vae a chorar:
coitadinho de quem as cria
para outro castigar.
- 396 Se me tens de dar a rosa
dá-ma emquanto botão:
ao depois dela defolhada
já não tem aceitação.
- 397 O' triste segunda-feira
da semana que há-de vir:
quaes serão os tristes olhos
que te hão-de ver partir!
- 398 No prado colhi fiores,
no mar conchas apanhei:
no céu contei as estrelas
no trabalho a honra achei.
- 399 Tenho ng cós dos calções
piolho tamanho, assim:
quando me virem coçar,
todos tenham dó de mim.
- 400 Adeus, ó estrada nova,
adonde andam os empregados:
lá ao fim de nove meses
não faltarão engeitados.
- 401 Adeus, ó estrada nova,
começada em janeiro:
inda não estás acabada
p'la falta de dinheiro.
- 402 Torradinhas com manteiga,
por cima café com leite:
namorei uma menina
não tenho aonde a deite.
- 403 O' quantos andam de noite
podendo de dia andar!
ó quantos alqueivam terra
para outrem semear!
- 404 Toma lá o que me deste
não é nada de comer:
um lenço de saudades
que tenho de te não ver.
- 405 Eu hei-de m'ir, hei-de m'ir,
hei-de m'ir na verdade;
p'ra donde m'eu hei-de ir
Deus do céu é que o sabe.
- 406 Eu fui o que bati palmas,
palmitas lá no deserto:
eu fui o que tive amores
sete anos encoberto.
- 407 O amor e o dinheiro
não pode estar encoberto:
o dinheiro é chocalheiro
e o amor desinquieta.
- 408 Eu fui que acendi lume
numa chaminé doirada:
eu fui a que reparti
d'amores—fiquei sem nada.
- 409 O encarnado é guerra
vae na prôa do navio:
vae-te embora encarnado
que cá fica o alvadio.
- 410 Atirei c'uma laranja
de Santa Clara ao Cais,
para ver se me esquecias...
cada vez me lembrás mais!
- 411 Dissestes, meu bem, dissestes
dissestes qu'eu bem no sei:
dissestes que me não querias...
eu nessa parte estimei.
- 412 O meu amor é da vila,
mora ao pé da cadeia:
mais vale um amor da vila
que vinte e cinco da aldeia.

- 413 O meu amor não é d'aqui,
eu tambem d'aquí não sou:
o meu amor é de Coimbra,
eu dos arrabaldes sou.
- 414 Fui a Santarem por terra
por ver o Santo Milagre:
nunca vi terra mais linda
gente de tanta maldade.
- 415 Aveiro com ser Aveiro,
com ter marinhas de sal:
não ha terra com'a minha
no reino de Portugal.
- 416 Aveiro com ser Aveiro,
dizem-nos que de lá vem,
que a maior parte das casas
nem alicerces já tem.
- 417 Já o Porto não é Porto,
nem Aveiro é cidade:
é um inferno em vida,
desterro da mocidade.
- 418 De noite tudo são sombras
eu nelas te hei-de ir buscar:
já qu'eu de dia não posso
tuas falas alcançar.
- 419 O' coração de baêta,
d'aquela mais denegrida:
ha dez anos que te amo
inda não estás resolvida.
- 420 Esta noite sonhei eu,
a outra sonhado tinha,
que estava na tua cama:
acordei; estava na minha!
- 421 Dei um ai que fez tremer
as paredes da tua sala:
se estás a dormir, acorda;
se estás acordado, fala!
- 422 Menina que estás na cama
entre dois lenções de linho:
dê um geitinho ao corpo,
faça-me lá um cabinho.
- 423 Se eu venho aqui cantar
não é com nenhum empenho:
não é á falta d'amores,
que eu na minha terra os tenho.
- 424 O cravo depois de sêco,
depois de sêco mirrado;
perde de mim o sentido
que eu de ti perco o cuidado.
- 425 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
perde de mim o cuidado
que eu de ti perco o sentido.
- 426 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
antes qu'eu queira não posso
tirar de ti o sentido.
- 427 O cravo depois de sêco
bota-se por aí alem:
a rosa quanto mais sêca,
quanto mais prestimo tem.
- 428 Deitei o cravo no tanque
fechado, sem um aberto:
é um regalo na vida
enganar quem é esperto.
- 429 O meu coração é arvore
onde se enxerta o amor:
quem vem tarde leva a rama,
quem vem cedo leva a flor.
- 430 Estando p'ra embarcar,
um pé dentro, outro fóra,
lembraram-me os meus amores...
já não embarco agora!
- 431 Já me levam p'ra as Indias,
preso que nem um ladrão,
por beijinhos e abraços...
nas Indias tambem se dão!
- 432 Ai te mando um raminho
com quatro castas de flores:
to'las vão senificando
ausencias dos meus amores.

- 433 Uma rôxa que ele leva
significa sentimento:
oh! quem não ha de sentir
ausencias de ha tanto tempo!
- 434 Uma verde que ele leva
significa uma esperança:
eu de ti tenho esperado,
quem espera sempre alcança.
- 435 Uma azul que ele leva
significa bons costumes;
se tu de mim tens agravos,
eu de ti tenho queixumes.
- 436 Uma branca que ele leva
significa lealdade:
à vista do ramalhete
todo o meu peito se abre.
- 437 Também leva uma silva
que significa a prisão:
oh! bem presa que eu estou,
menina, da sua mão!
- 438 Amanhã me vou embora,
tenho a roupa no barco:
ai Jesus que hoje é o dia,
qu'eu do meu amor m'aparto!
- 439 A açucena c'o pé na agua,
vae abrindo, vae cheirando:
assim são nos meus amores,
quando por mim vão passando.
- 440 A açucena c'o pé n'agua
pode estar quarenta dias:
eu sem ti nem uma hora,
que farão noites e dias!
- 441 O' alecrim, rei das hervas,
ó ciro rei, das nações:
tu de mim tiras inculcas,
eu de ti inquirições.
- 442 O' madresilva cheirosa,
prima do manjaricão...
quem te disse, madresilva,
que o meu bem qu'era João?
- 443 Se os meus olhos te agradam,
vai pedi-los a meu pai;
se ele te disser que não,
retira-te, e dá um ai.
- 444 Os teus olhos são escuros
como a noite cerrada;
apesar dêles serem escuros
sem êles não vejo nada!
- 445 A azeitona por ser preta
vai-se moer ao lagar:
por eu ser trigueirinha
na terra me hei-de gastar.
- 446 Anel d'oiro não é prenda
e o de prata também não:
o anel de coralina
é prenda do coração.
- 447 Salgueiro á borda d'agua
deixa passar os peixinhos:
quem namora ás escondidas
quer abraços e beijinhos.
- 448 O papel com que te escrevo
nasce da palma da mão;
a tinta nasce dos olhos
a pena do coração.
- 449 Cante lá uma cantiga
daquelas que você sabe:
as minhas estão de gaveta,
já perdi o norte á chave.
- 450 O meu amor mais o teu
anda naquela ladeira:
o meu apanhando rosas,
o teu a erva cidreira.
- 451 O meu amorzinho
anda-se gabando
que dormia comigo...
—Diga-me lá, quando?
- 452 O meu amorzinho
é parvo, é louco;
é com'a galinha
quando está no chôco.

- 453 A folha da amendoeira
não se quer enxovalhada:
é como a moça solteira
que espera de ser casada.
- 454 Tudo é amar, amar...
o mar é uma alagôa:
tambem o mar é casado
c'uma sêcia em Lisboa.
- 455 Fui ao mar buscar o lume,
queimei-me num'a faísca:
namorei-me dos teus olhos
logo á primeira vista.
- 456 Pus-me a chorar saudades
ao canto do meu jardim...
uma flor me respondeu:
«tudo por tempo tem fim»!
- 457 Os meus olhos são dois peixes,
navegam numa alagôa:
choram lagrimas de sangue
cá p'r'uma certa pessoa.
- 458 Adeus, ô Fonte de Cima,
adonde eu tanta vez entrei:
adeus, meninas bonitas,
adonde eu tanto namorei.
- 459 Trago dentro do meu peito
duas cadeiras de vidro:
adonde se assenta o amor
quando vem falar comigo.
- 460 A folha de malva-roxa
chega d'aquí a Vizeu:
no teu peito minha amada,
ninguém entra se não eu.
- 461 Antoninho, Antoninha,
Antoninho buliçoso,
heide-te mandar prender
na almofada aond'eu còso.
- 462 Na janela aond'eu còso,
não quero manjaricão:
dá-lhe o sol por entr'as folhas,
vivo numa escuridão.
- 463 Manjaricão orvalhado,
não n'ó leves á cidade:
é um cheiro tão activo
logo colhe amezidade.
- 464 Debaixo da murtinheira
fica o amor a chorar:
mais vale dizer que não
que prometer e faltar.
- 465 O' meu amor não vás hoje
amanhã também é dia:
deixa ficar os teus olhos
para a minha companhia.
- 466 Aquí estou á tua porta
como o feixinho da lenha:
estou á espera da resposta
que das tuas mãos me venha.
- 467 Tendes o carro á porta
é sinal de lavrador:
a sua filha mais nova
ha-de ser o meu amor.
- 468 Eu já vi Lisboa a arder,
as pedras a estalar:
eu já vi o mar crescer
tornar ao seu natural.
- 469 O fado é um ladrão,
roubador do meu dinheiro:
hei-de mandá-lo prender
nas grades do Limoeiro.
- 470 Tenho cinco reis d'amores,
dez reis de saber amar;
quinze reis de prometer,
um vintem de não faltar.
- 471 O' casas avarandadas
viradinhas para o sol;
nelas mora gente rica,
ou algum capitão-mór.
- 472 Casas avarandadas
só o meu amor as tem:
hei-de mandar fazer uma
avarandada também.

473 E' de noite, faz escuro,
ladram os cães, tenho medo:
ou me leve a minha casa,
ou me mandára mais cedo.

474 Já é noite, o sol é posto,
eu não tenho que cear,
senão peixinhos do rio
que inda andam a nadar.

475 Do meu coração fiz sala
para você passear;
você colheu-se servido
não lhe tornou a lembrar.

476 O meu coração é sala
onde passeia a açucena:
amei-te com tanto gosto,
deixei-te com tanta pena.

477 Hoje chove, chovisqueja,
farta-se hoje de chover:
quem tem dois amores na terra
d'algun s'hade aborrecer.

478 Vejo mar e vejo terra,
vejo espadas a luzir,
vejo o meu amor na guerra,
não lhe posso acudir.

479 Vejo mar e vejo terra,
choro não vejo ninguém;
vejo-me perto da morte,
longe de quem me quer bem.

480 Triste vida, triste vida,
oh quem não ha-de chorar:
quem se vê na terra alheia
fóra do seu natural.

II. Calendario popular

No dia treze de junho
Santo Antonio se demove;
São João a vinte e quatro,

São Pedro a vinte e nove;
E São Gonçalo a trinta
Por ser o Santo mais nobre.

III. Arenga popular

Quando alguém se queixa de dores de barriga, é costume retrocar-lhe com a lenga-lenga seguinte:

—Coices de água parida,
sete da mãe, catorze da filha,
nessa maldita barriga.
Em louvor da Senhora da Penha,

se mal estás, pior te venha.
Se com esta receita não abrandar
Deus t'a queira acrescentar.

IV. Vozes dos sinos

Na frêguezia de Espâriz havia quatro sinos, cujas vozes o povo costumava traduzir por frases: era o sino da igreja, a sine-ta da capela do coração da frêguezia, e as campas de duas ou-tras capelas mais excentricas, uma das quais está já destruida hoje.

Explicava o povo que uma das sinetas mais pequenas dizia:

Tem lëndias,
tem lëndias.

E que a outra acrescentava:

Tira-lh'as,
tira-lh'as.

E que a sineta da capela central interrogava:

Com quê?
Com quê?

Ao que finalmente o sino da igreja matriz respondia:

Cum pau!
Cum pau!

V. Vozes de animaes

O povo traduz os ganidos do cão em que se bate por:

Bem hajas,
bem hajas.

VI. Etimologias populares

1. *Elastica* por «ginastica», em virtude de ser coisa de esticar e encolher membros.

2. *Ilústria* por «indústria», sob a influencia de — ilustre. A «industria» é uma contribuição que atinge só os individuos de mais teres, — os lavradores que «dão dias fóra com bois» e os donos de estabelecimentos. D'aqui o identificar o povo a ideia de ilustrismo com a de abastança. É frequente ouvir dizer á gente pobre quando lhe lêem o sobrescrito de uma carta que lhe é endereçada e que abre pelo costumado — illustrissimo senhor: «quem dera cá pão que sem as industrias passo eu bem».

3. *Grães* é o plural de «grão», certamente por influencia da palavra — *pão*, visto que é com o grão que o pão se fabrica.

4. *Atolico* por «atonito» em virtude de uma analogia com *catolico* e *apostolico*, palavras de largo emprêgo na igreja.

5. *Mil-e-um*, por «mildio», por influencia do numero *mil e um*, ao qual está ligada uma curiosa superstição: «todos os dias morrem mil e nascem mil e um» — crê o povo.

6. *Pulgueira* por «purgueira» visto que este adubo é constituido por particulazinhas que lembram pulgas.

VII. Aliteraões

1. Pô-la a pão de pedir.
2. É uma mosquinha morta.
3. Foi de foz em fóra.
4. Ha mais marés que marinheiros.
5. Quem o não conhecer que o compre.
6. Corta o coração.
7. Ficar de queixo caído.
8. Pôr-se na pizeira.
9. Dar em droga.
10. Fiar mais fino.
11. Á fina força.
12. Entre a cruz e a caldeirinha.
13. Fazer falar.



VIII. Formulas rimadas

- | | |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Até amanhã,
se Deus quiser,
e a morte não vier. 2. Quem me quer bem,
diz-me o que sabe,
e dá-me o que tem. 3. Deus lhe dê o que lhe falta,
que é o fole e a gaita. 4. Munto
é uma cabra velha
dar unto. 5. Ora, pois,
morreram as vacas,
e ficaram os bois. 6. E' banana,
pr'a mana. 7. Disse coisas
e loisas. 8. Bom proveito,
á barriga,
e mais ao peito. | <ol style="list-style-type: none"> 9. Não diz a letra
com a careta. 10. Valha-te Deus, a dormir,
que acordada podes fugir. 11. Até loguinho
que é mais docinho. 12. Ora Deus queira
que o burrinho vá á feira. 13. É um santinho
de pau de pinho;
se cae do altar abaixo
quebra o focinho. 14. Olé do lirio roxo
quem casa c'um manco
é mulher de um côxo. 15. Olé do lirio branco
quem casa c'um côxo
é mulher de um manco. 16. Senhor arredae os bancos
que lá vem a tropa dos mancos. |
|---|--|

- | | |
|---|---|
| 17. Quando os mancos querem casar
que fará os que podem andar? | 25. Entre vencedor e vencido
fica um nu, outro despido. |
| 18. Não ha ninguém que não padeça,
uns pelos pés, outros pela cabeça. | 26. Quando eu não tinha nada
boa-noite ninguém m'a dava.
Agora que tenho vaca e vitelo,
todos dizem: «boa-noite, tio Pedro». |
| 19. Arrenego eu o careca,
mais a mulher,
se a tiver. | 27. São mais as vozes
que as nozes. |
| 20. Sim senhor e umas botas,
rotas e por pagar
e o sapateiro á porta a esperar. | 28. Tu morena bem la vês,
quer la comas, quer la dés,
tens palha p'ra um mês. |
| 21. Nem se senta
nem se tenta. | 29. Na casa d'este home
quem não vem não come. |
| 22. Visto isso e os atos,
quem não tem que comer
escusa pratos. | 30. Em louvor de Santa Marta
quem o comer que o parta. |
| 23. São como os grêlos,
uns a paga-los,
outros a comê-los! | 31. É uma desgraça,
morreu o burro á Inácia. |
| 24. Então por onde tem andado
que tão bom cabelo tem criado? | 32. É uma pena,
morreu o pai á pequena. |

IX. Superstições populares

1. Crê-se nas terreolas do concelho de Taboá que é possível em domingo de Ramos conhecer as bruxas da freguesia. Para isso basta untar com um pedaço de toucinho, que ficasse do Entrudo, a porta principal da igreja. A operação deve fazer-se enquanto a procissão está fora, para que ninguém dê pela untura das coiceiras. Recolhida a procissão e continuada a missa as bruxas começam a revelar-se. Querem sair e não podem, porque não encontram objectos, que afinal têm consigo mesmas. Uma pergunta pelo cordão, outra pelo chaile, outra ainda pelos brincos ou pelo lenço. E assim se denuncia.

A pessoa que me elucidou acerca desta superstição, cria nela tão profundamente, que me apontou nomes de bruxas da sua freguezia natal, evidenciadas numa dessas missas de Ramos.

2. Também existe a crença em «bisarmas», isto é, fantasmas de extraordinaria corpulencia que se erguem sobre os vales, com um pé em cada um dos outeiros laterais e que cantam num vozeirão horrendo, toadas monotonas.

3. Crê-se que os lobishomens tem de correr todas as noites sete freguesias e que tomam a forma do animal, cujo dejecto encontram primeiro, depois de ter soado para os mal-aventurados a hora fatídica. Quebra-se-lhes o «fadario» picando-os com uma aguilhada de bois quando eles vão na sua correria desenfreada por montes e vales.

4. Ainda existe a crença em almas do outro mundo, às quais se atribuem frases rimadas como as seguintes:

Quando nós eramos vivos
andavamos por aqui aos figos.

Agora que somos mortos
andamos por estes barrocos.

X. Cruzamentos foneticos

1. O povo diz «sambichuga» por «sanguesuga» em virtude de se ter cruzado o vocabulo tradicional «bicha» com a palavra literaria, empregue pelos medicos, «sanguesuga».

2. Diz-se «penaroso» em virtude de uma contaminação fonetica exercida pelo adjectivo «penoso» sobre o sinonimo «pensaroso».

XI. Costumes populares

1. É costume, hoje em via de fenecer, o «correr a chocalhada aos viuvos». Ajuntam-se varios rapazes, munem-se de latas, chocalhos, campainhas, e vão durante noites sucessivas «matar o bicho do ouvido» ao viuvo ou viuva que de novo vai casar. Em tempos acompanhavam-nos mesmo á igreja e até se efectuar a celebração do casamento estrondeavam nas latas. Não pronunciavam nunca, porém, uma só palavra injuriosa ou sarcastica. Barulho,—e nada mais. Todavia este era ás vezes sufficiente para fazer perder a cabeça aos mais assomadiços e que com a mostarda no nariz iam logo ás do cabo, despejando armas para o monte. E assim ha no concelho de Taboá ainda a tradição de varias destas brincadeiras que terminaram em sangue.

2. Pelo Carnaval usam ainda os rapazes «deitar caqueiradas», isto é, atirar pela porta de uma casa de que se aproximam cautelosamente, um cantaro velho, cheio de bugalhos, por vezes com materias mal cheirosas á mistura, para assustarem os moradores e os obrigarem ao incomodo de limpar o sobrado.

XII. **Comprimentos populares**

1. Santos dias, nos dê Deus.
2. Nosso Senhor nos dê muitos bons dias.
3. Vá com Deus.
4. Deus o ajude.
5. Deus o acompanhe.
6. Salve-o Deus.
7. Meus senhores, vivam. *

XIII. **Frases populares**

1. Pô-lo pela rua da amargura.
2. Ora sêbo de grilo — que é bom p'ra graxa.
3. Quando lhe disser que a burra que é preta, olhe-lhe p'ra o cabêlo,
4. E' boa peça!
5. Ficar sem pinga de sangue.
6. Fiquei com uma nodoa no coração.
7. E' um fraca-tripa.
8. E' de cortar a alma á gente.
9. Ah! pés para que te quero!
10. Anda tem-te não caías.
11. Há-de pagar bom burro ao dizimo.
12. Você sabe muito mas anda a pé.
13. Tem dedo p'ra tudo.
14. Vendeu o burro por dez reis de mel coado.
15. Valha-te um burro aos coices.
16. Anda tudo numa dobadoira
17. O rio ia de lés a lés.
18. Viu-me em entalas.
19. E' papa muito fina.
20. Saiu-lhe a porca mal capada.
21. Pegaram-se por dá cá aquela palha.
22. E' roupa de franceses.
23. Aquilo é o diabo não é homem.
24. Leio-o por dentro e por fora.
25. Ora pelo sim, pelo não...
26. Não dá o braço a torcer.
27. Faz orelhas de mercador.
28. Deixe lá zoar a carvalheira.
29. E' já um homem de barba na cara.

30. Aquilo foi fogo visto linguaça.
31. Isto é fazer, atar e pôr ao fumeiro.
32. E' má rez.
33. Torceu-lhe o nariz.
34. Agora torço a orelha e não deita sangue.
35. Abanou-lhe as orelhas.
36. Vá brincar com a maçã do escaravelho.
37. Caiu-me o coração aos pés.
38. Pos-se na alheta.
39. Foi a toque de caixa.
40. E' uma coisa que se faz num rufo.
41. Anda de trombas comigo.
42. Está prezo pela beija.
43. Muita festa p'r'a festa...
44. Deitou-lhe os gatazios.
45. E' uma boa fatia!
46. Temos o caldo entornado.
47. Não quer ouriço sem castanha.
48. Não a vi por um rez-vez.
49. Passou rentinho dele.
50. Olha contra o governo.
51. E' mesmo um pingão.
52. Aquela bebe azeite.
53. Está estrelôcadinha de todo.
54. Caiu-me o coração aos pés.
55. Ele aí vem co'a justiça carvalhal.
56. Eu dava o que bem fosse...
57. Que Deus lh'o deixe lograr bem anos...
58. Vai todo estonado...
59. Vá pela sombra para se não crestar.
60. Foi no tempo das almotolias de barro...
61. Estar por trás da cortina.
62. Aceite que lh'o dou de boa mente...
63. Mais vale sustentar um burro a pão de ló...
64. Isto aqui é co'o garfo de cinco dentes...
65. Come-lhe bocado que rasgue a orelha...
66. Coma-lhe aqui que na taberna é um roubo...
67. Hoje não se fia, que não ha roca...
68. Ai, mal pecado...
69. Está a fazer papel de comedia...
70. Tinha lá parido a galega...
71. Vinha nas horas de estalar...

72. Está a chincar o meio dia.
73. Já pode ir ao correio á meia-noite...
74. Não comeu nem o dizimo...
75. Deu pancada de criar bicho...
76. Caiu de pernas ao ar.
77. Desatou a fugir...
78. Quem te comeu a papa que te reze o pater-nostre...
79. Perdeu a colher...
80. E' milho d'alem da ribeira, quem o comer que o cas-
que...
81. E' preciso botar os olhos á terra e á semente...
82. E' êle que os faz e que os batiza.
83. Esse é pinto de silveira...
84. Mandou-o comer duas pêras.
85. Então falo eu ou chia um carro.
86. Mareia lá a tua vida.
87. Esse é trigo sem joio.
88. Precisa que lhe tirem a cervilheira.
89. Isto o comer é a raiz do corpo...
90. Cavou terra para feijões...

XIV. Sátira popular

Quando Deus andava pelo mundo, encontrou um moleiro e chamou-o para o céu.

Mas o moleiro que era muito ambicioso respondeu:

Senhor, não tenho vagar:
trago o sarrão a moer,
quero i-lo maquiar.

XV. Comparações populares

1. Direito como um fuso.
2. Torto como um arrocho.
3. Cego como uma toupeira.
4. Feio como um sapo.
5. Bonita como uma doninha.
6. Beber como um ôdre.
7. Comer que nem um barra.
8. Pulava que nem um cabrito.
9. Faz barulho que nem um comboio.
10. Negro como um carvão.

11. Ria que estalava.
12. Dormia como um touco.
13. Fala que nem uma espada desembainhada,
14. Comer que nem um alarve.
15. Sujo como um porco.
16. E' esperto que nem um alho.
17. Canta que nem um rouxinol.
18. E' negro como a ferruge.
19. Está um vento que corta.
20. Azedo como rabo de gato.
21. São como o cão co'o gato.
22. Dão-se como Deus co'os anjos.
23. Dormia como se lhe tivessem dado azougue.
24. Come que nem um ôdre.

XVI. Fabula popular

Era uma vez um lobo e uma raposa que queriam comer um queijo. Ora o queijo que elles queriam comer era a lua que se via no fundo de um poço.

— O' comadre, — perguntou o lobo á raposa, que hei-de eu fazer p'ra comer o queijo?

— Olha, bebes a agoa do poço. E a raposa então vai e mete um casulo no rabo do lobo.

O lobo bebeu a agoa toda e o queijo desapareceu.

Metem-se depois a caminho. Passam num sitio em que estavam uns malhadores. Ao cimo da eira a raposa tira o casulo do rabo ao lobo; e o trigo vai todo de enxurrada pela lage abaixo.

Os malhadores, zangados, correm atraz do lobo. A raposa então vai e come-lhes o jantar.

Lá mais adiante a raposa torna-se a encontrar com o lobo. Diz-lhe que vem morta, que lhe deram tanta pancada que até lhe saltaram os miolos.

Ora o que a raposa trazia ainda nas barbas e na cabeça eram restos do jantar dos malhadores.

E vai então e pede ao lobo que a leve ás costas.

Depois escarranchada em cima do lobo a raposa dizia:

Raposa matreira,
farta de papas,
e á cavaleira.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

GLOSSARIO DIALECTOLOGICO

DO

CONCELHO dos ARCOS de VALDEVEZ

(ALTO-MINHO)

(Vid. REVISTA LUSITANA, vol. XIX, pág. 216)

cubrada (quebrada)—s. f. Bancada ou porção de saibro ou qualquer outra especie de terra, que se desprende de uma trincheira ou corte de terreno por efeito do seu peso proprio ou da acção das chuvas. *Caiu ali ãa cubrada.*

cucho—Porco; principalmente voz apelativa, bem com *cóche*. E' frequente o diminutivo.

cuco—Homem casado, enganado pela mulher. A razão deste vocabulo creio estar em costumes, que se attribuem ao cuco.

cueira—Fiada ou fila de mólhos de trigo ou centeio, paralelamente uns aos outros, colocada a um lado da eira com as espigas para dentro e sobre a qual se começa a encostar, em sentido contrario, já desatado o trigo ou centeio restante para malhar. (C. B.)

cugordos—Cogumelos. R. em Loureda. (C. B.)

cuidos—*Estar, andar em cuidados*; estar em cuidados, andar com aflições, preocupações.

culitra—O mesmo que *cruila*. (C. B.)

cume—E', nos telhados, o que em Lisboa se chama *pau de fileira*.

cumparante (comparante)—Comparavel. *Gosto cumparante ao do mel.*

cumpodouro (compodouro)—*Estar de cumpodouro*; diz-se da fruta que se guarda para amadurecer; tambem se diz, por analogia, das pessoas convalescentes.

cumposteiro (composteiro)—Homem que compõe ou concerta quaesquer objectos; um faz-tudo.

cumpostelar (comp...)—Concertar, fazer concertos (G. V.).

cunca—Grande recipiente semiesferico, fabricado de um só pedaço de madeira; na cozinha serve de alguidar; no trabalho do forno serve para padejar a massa.

«Em Soajo, etc., aunca é uma pequena escudela de madeira, que serve para nella se comer. Aunca da ribeira tem ali o nome de *ga-mêlo*. C. B.»

cunco—Caixão ou balde de madeira para uso da adega. (L. L.)

cunchabar (conchavar)—Conciliar. Usa-se em sentido ironico.

cunchar—O queixume dos cães quando levam pancada. (L. L.)

cundoito—Conducto.

cunfortatible (con...)—Cirurgião de aldeia, curandeiro.

«O proprio emplastro confortativo. M. P.»

cungeminar (con...)—Reflectir, planear, matutar. Diz-se por ironia.

cungeminencia (con...)—Acto de congeminar, locubração, combinação, occorrença. Diz-se por ironia.

cunheira—Abertura feita a *pico* nos penedos afim de meter a cunha para os rachar. (C. B.)

cunsiderar-se—Reflectir, reconsiderar.

«Cfr. a cantiga:

O' cidra, cunsidra, ó cidra,
O' cidra, cunsidr'ó bem,
Cidra, depois de perdida,
Cidra, que remedio tem! C. B.»

cuntar (*contar*) — Diz-se da agua corrente, que fica em um certo nivel relativamente a outro; se o atinge e pôde estabelecer corrente, diz-se que *conta para lá*.

cuntrialiar (*contrariar*) — Colocar uma coisa contra outra, alternar, trocar. Tem apenas sentido material e não moral, como na linguagem vulgar.

cuntratadeira (*con...*) — Qualquer mulher vendedora de generos, fructa, etc.

cuntratador (*con...*) — Negociante de gado. O tipo actual deste homem é o seguinte: Usa varapan e, como anda sempre a cavallo, tráz-lo á *cuxareira*; na cabeça põe um chapéu felpudo preto; calça sapatos e não socos e põe esporas de correia; debaixo do selim, uma pelle de ovelha ou cabra; monta uma *fugideira* de nomeada, e não falta a uma feira...

cuntrato (*con...*) — Negocio, commercio: E. *anda no contracto do gado, do milho*, etc.

curador — Homem que trata do gado cavalgar de uma casa de alquilador.

curbaceiras (*Colnacciras?*) — Pans a atravessar sobre os carrégos nos colmaços. R. em Soajo. (C. B.).

curcôbo — Qualquer curvatura ou parte mais baixa; curva lateral. v. g. lancete de estrada.

curri — E' o imperativo *correi* do verbo *correr*; diz-se aos porcos, chamando-os. O mesmo imperativo, dirigido ás pessoas, é segundo tenho ouvido, *correndo*.

«Preferia chamar-lhe interjeição, imitativa de grunhido dos porcos, quando os chamam. C. B.»

curriola — *Andar numa corriola*; numa roda viva, num motu continuo.

curro — Manchas escuras que a madeira verde produz na ferramenta dos seiradores e carpinteiros; o proprio sumo da arvore que causa estas manchas no aço.

curso — *Agua que rega de curso*, que tem corrente continua, abundante sem ser empoçada.

cutelas ou cutelos — Brôas de pão mais pequenas, que se metem no forno com as outras maiores. R. em Soajo. (C. B.).

cutrachas — Nодоas de sujidades, imundicias.

D

dada — Mau olhado. *As dadas das feiteceiras*, os máus olhados, as obras das feiteceiras.

«Dõe-lhe a cabeça? Foi uma dada! A' pessoa que passar por outra que lhe quer mal e lhe sobrevier uma dôr de testa, diz-se logo: *Foi uma dada!* Cura-se com algumas areias de sal, colocadas na testa, as quaes, se se pegarem a esta, é sinal evidente da *dada* e então diz-se:

Este sal do mar sagrado (será saigado?) me tire d'aqui esta dada; se é de vivo ou de morto ou ar de excomungado, pela graça de Deus e da Virgem Maria, Padre nosso e Ave-Maria. (L. L.).

dala — tábua ou taboleiro onde na cozinha se lava a loiça; é termo mais limpo e apurado do que *barreleiro*.

debalante — Período que medeia entre a lua cheia e a lua nova. «*Agora é o debalante da lua*». (L. L.)

debamboar-se — pendurar-se, oscillar, estar suspenso.

decaidas — *decaidas da galinha*, os intestinos.

«Diz-se tambem das moças des-honestas. (M. P.)»

dechamborado — pendurado. R. na Gavieira. (C. B.).

decidir — v. n. Morrer.

declareza — Declaração escrita; é t. forense popular.

- decruar** — Dar o 1.º sacho no milho; também chamam *picar* (C. B.).
- deçumar** — Secar, falando das madeiras que acabam de ser cortadas; perder *çumo*. (C. B.)
- defegado** — Fraco, debilitado pela fome; cansado por um esforço violento, como de falar muito tempo ou muito alto. (C. B.).
- degoladouro** — Parte da pescada, ou cu outro peixe, por onde se lhe corta a cabeça; quando se vende o *degoladouro*, faz parte da peça a cabeça com uma parte de *posta* e mais a cauda com uma pequena *posta*.
- degraiar** — Cair o grão ás espigas.
- deladeiro** — Inclinado, declivoso: *monte deladeiro*.
- deleirar** — Dividir a terra em leiras depois de lavar, gradar e semear. Vid. *Inleirar*.
- delideira** — Motu contínuo de nma pessoa, muito lida.
- delorcado** — Abatido, enfraquecido.
- delubação** — Fomentação.
- demenio e domenio** — Administração, direcção, tutela: *debaixo do demento do medico*, por ex.
- demonstrança** — Demonstração.
- demonstre!** — Demonio (C. B.).
- dentage** — O conjunto dos dentes da serra. (L. L.).
- dergadichinho** — Adj. Delgadinho (ch explosivo).
- derrabar** — Diz-se dos bois, quando deslocam a base da cauda em consequencia de queda; conhece-se este defeito quando *fragueiam*, porque não podem erguer a cauda, como succede normalmente.
- derradeiro** — *Carro derradeiro* ou *traseiro* é aquelle em que a carga pesa mais para trás do que para deante. *Nunca carro derradeiro leva o boi ao carniceiro*: proloquio popular, talvez porque o gado, não podendo trabalhar assim, não se fatiga ou porque o contrario é que o obriga a fazer esforço e este é que pôde tornar-se prejudicial, quando o dono do gado abusa.
- derrer** — Andar para trás em materia de saude; enfraquecer muito.
- derripa** — Tósa, coça; em sentido figurado também se emprega.
- des** — Dêsde: *des'intoum*, dêsde então; *des'onte*, desde ontem; *des'que*, dêsde que; *de-lo-maio in diênte*, dêsde maio em diante. A pronuncia não autoriza a escrever *des que*, apezar de ser mudo o *e* da conjunção, mas *desque*, acento na 1.ª sílaba por efeito da proclise.
- desamanilhar** — V. n. Tresmalhar (a rês) ou afastar-se da manada, R. em Soajo (C. B.).
- desamestrado** — adj. Deslocado, fóra do seu logar e da companhia habitual, extraviado: diz-se v. g. de um objecto, que é encontrado só quando lhe pertence estar com outros. C. B. explica-me, e bem, que o termo é usado por analogia com a vida das abelhas; uma *Coisa* anda ou está *desamestrada*, quando está como a abelha sem a mestra, isto é, só e fóra do seu logar.
- desandador** — Chave de parafusos.
- desapastorado** — adj. *Rebanho, gado desapastorado*, sem pastor que o guie. Este termo não é como o *desamestrado*, não se emprega senão para seres vivos.
- desapear** — Apear.
- desapbr** — Tirar o gado do carro.
- desaqueloutrado** — adj. Doente, adoentado.
- desarrasar** — Entra na seguinte perlanga que se faz repetir às crianças por exercicio da pronuncia: *Uma rasa bem arrasada; quem na arrasou, a desarrasará*.
- desarremeado** — adj. Desempregado.
- desarrisca** — Desobriga quaresmal.
- desasnear** — Asnear (*Rev. Lusit.*, v. 226).
- desaustinado** — adj. Pessoa destemperada, indisciplinada.
- desbancar** — Lançar abaixo ou cor-

tar á enxada, ao alvião, uma bancada ou banco de terra em trincheira.

descaçar-re — Desafazer-se, deshabetuar-se.

descarga — Abertura longitudinal sobre a padieira duma porta, a toda a espessura da parede. R. em Mourisca de Portela. (C. B.).

descariar = (t. de pedreiro) Assentar uma pedra na prumada da parede, acertando-a com exactidão.

descedouro — Sitio por onde é costume descer, quem passa.

desgomar — Esladrear a vinha.

desi(n)-elxar — Tirar ou saírem as rodas ou o carro dos eixos. A' grafia deste vocabulo com i nasal corresponde a sua pronuncia; escrever *desineixar* seria fazer uma sílaba *nei*, que não se ouve. Diz-se também *leixar um carro*, pôr-lhe o eixo.

desimbançar — Tirar ou caírem os banços de uma escada.

desimprazar — Para as dores de cabeça faz-se uma fumaça em que, além de varios materiaes, entra a *bosta de forno*, tirada em cruz com o ensalmo seguinte: Nossa Senhora pelo Egito passou | manadinhos de alecrim apanhou | e o seu menino defumou. | Assim esta pessoa melhore, | como o Menino Deus melhorou. | Deus te desimpraze | de quem mal te imprazou. — Jesus, Deus, esteja aqui em todo o mundo. | Deus que benzeu a palma, | benzeu a oliveira, | benza esta criatura | de baixo arriba. | Pela graça de Deus e da Virgem Maria, um P. N. e A. M. | Em louvor do senhor S. Silvestre. | para que o Senhor seja seu Divino Mestre.

desincarrigar — v. t. Desenrugar, desembaraçar o cabelo; v. i. passar o chôco á galinha, porque as penas deixam de estar eriçadas ou crespas.

desincôlar — Endireitar uma peça de

madeira, tirar-lhe os altos e baixos.

desinferrar — Sair ou arrancar o ferção ou argola, v. g. de um eixo ou veio da roda do moinho; saltarem fora dos aros ou equivalentes de ferro as peças principaes de madeira.

desingalgar — *Desingalgou a fugir*, deitou a fugir como um galgo, a mais não poder. (C. B.).

desingastalhar — Desembarçar, desprender.

desinjorcado — Mal arranjado, mal vestido. Viterbo tem *ajorcado*.

desintestar — Tirar as fundagens a uma vasilha para as fazer por ex. de menor diametro.

desespir — Despir. (C. B.).

desleigado — Com a barriga vazia, encolbida pela fome, eslazeirada. Diz-se principalmente do gado vacum ou bovino. (C. B.).

desiorcado — Abatido, acabrunhado pela fraqueza e por doença, desleigado. (C. B.).

desmanchar — *Desmanchar o porco* é esartejá-lo nas peças do estilo, depois de morto, 24 horas.

desmear — Serrar uma tábuia no sentido da espessura para obter duas ou mais de menor espessura.

desparidura — Aborto.

desparir — Ter o aborto, parir fora de tempo.

dessequêem e dissequêem — Sensação de sêco produzida na bôca por algum liquido ingerido; o travôr de um vinho muito taninoso dá esta sensação.

destemperar — Diluir uma sensação concentrada; lançar agua fria em quente.

dezedela — Dito ou fraze picante, chalaça, dichote (*dizedela*). (C. B.).

dianteiro — *Carro dianteiro*, que pesa mais á frente. O oposto a isto é carro *traseiro* ou *derradeiro*.

diantre! — Diabo!

doçar (*doçal*) — Uva doçal, especie de uva tinta.

dondo — adj. Mole, flexivel, v. g. cabedal.

Daqui se formou *indondecido*,

duzil — s. Torneira de pau com cavelha; coloca-se no tampo da frente das vasilhas.

E

eibar-se — Ferir-se alguém ou magoar-se por cair ao chão ou por qualquer outro motivo. R. na Gavieira. (C. B.).

eido — Logar povoado em uma freguesia, povoação dentro da mesma freguesia. A mãe que se zanga com o filho, longe da casa, diz-lhe: *Deixa-te vir para o eido, que lá falaremos!* R. na Gavieira. Tem simultaneamente o sentido dos dicionarios. (C. B.).

el má! — Frase exclamativa de espanto. Em Lisboa é *Eua pa!* «Parece que se ouve também em *em mãe!* C. B.».

eirada — Qualquer coisa espalhada como em uma eira os cereaes. Vid. *Larada*.

eirogues — Planta que me dizem parecida com a das cabaças. R. em Soajo. (C. B.).

eitar — *Esta terra não eitou o milho. Este ano os frutos não eilaram bem.* Criar bom fruto e são, vingá-lo.

«Tambem se applica às fêmeas dos animaes. C. B.».

êite-bos! — Exclamação familiar de enfado a pessoas subalternas, quando se tornam impertinentes. Suponho corresponder a *Ide-vos!*

êla por ela — Maneira de enunciar uma troca de objectos ou valores equivalentes: *Fica ella por ella.* É muito raro *êle por êle*; mesmo com objectos do genero masculino ouve-se a frase no femenino.

emenda da camisa — Fralda da camisa de mulher. (L. L.).

encado — Pronuncia-se *âncado*. Arjão para espècar a vinha. *Vinha de encado*. R. em Senharei, etc. (C. B.).

endêgo — Pronuncia-se *ândêgo*. Ovo que se coloca no ninho para atrair a galinha a ir lá pôr outros: *endêz, ninheiro, aninhador*. R. na Gavieira. Soajo, etc. Cfr., *Rev. Lusit.*, ix, 394. (C. B.).

entilheirar — Colocar uma pedra em uma construção sobre duas ou mais, de menores dimensões, para nivelar e endireitar a outra; dispôr objectos ou pedras como as telhas.

enturro — *Calço de enturro*; t. de pedreiro. Calço ou lasca de pedra metida entre duas pedras de uma construção, de modo que as faz sair da prumada.

erva da inbeja — Serve para cortar a inveja às pessoas invejadas da casa que possui essa erva; emprega-se também em emplastos varios de remedios caseiros. Tem raizes fibrosas, caule rasteiro, às vezes de 2.^m pl. min.; dêle saem a espacos outros caules opostos de folhas lanceoladas, opostas, na extremidade dos quaes aparecem flores branco-roxas, inodoras, de 5 petalas. (L. L.).

erba do trebão — Vid. *Trebão*.

êrbanco — Aglomeração, matagal de ervas bravas.

êstrar — Espalhar nos campos inclinados, por entre o milho e antes de lhe dar a primeira rega, hervas arrancadas ou coisa equivalente, para evitar que a agua arraste a terra com a corrente. Vid. *Basculho*.

«Lançar nos curraes palha ou plantas destinadas ao estrume. M. P.».

estro — *Estro do monte*; coração, centro, terra firme do monte ou cabeça. Fundo de algum recipiente, a superficie inferior de algum corpo

ou objecto por opposição á inferior; neste sentido é oposta a *têllo* (tecto). O *estro do monte* é o subsolo firme de um monte, a parte constituida pelo *salão*, granito decomposto e molle, que fica subjacente ao *humus* que é a *gôma* da terra, isto é, a camada aravel. Vid. *astro*.

F

fabécas — Vagens. R. em Soajo.

» Também se ouve em Monção.

L. L.).

fachicos — Bocadinhos, estilhas. *Pôr tudo em fachicos*. (C. B.).

fagulho — Cisco. (C. B.).

falheirento — Vid. *falhento*. «Falho, a que falta alguma opisa para ter certo tamanho ou comprimento. (C. B.).»

falheiro — adj. O mesmo que falheirento e mais usado ainda. (C. B.).

falhento — Que tem uma falha ou dissemetria, incompleto. Também de som a quebrado ou rachado. O mesmo que *falheirento*.

falhôco — Floco de neve. Daí *falho-car*.

falhucó — O mesmo que *falhôco*. Daí *falhucar*. (C. B.).

faiquejar — Cavacar um pau. Lembra *Falx*, *falcis*.

fandango — Caruma (em algumas freguezias de Monção e dos Arcos). (C. B. e F. R.).

fandoleiro — adj. Fraco, quebradiço, debil. Vid. *flandeiro*.

fanêlho e **fanêlho** — Caruma ou gralhalha. R. em Sabadim e Sá. (C. B.).

fanfar — Responder ou falar com modos insolentes, repontadores; blasonar, arrotar grandezas; dizer verdades duras.

fangulho — Fasco ou caruma. Também se ouve *frangulho*. (L. L.).

fanico — *Malhar ao fanico* é debulhar o centeio batendo com as pontas do molho numa tabua ou

num banco colocado no meio da eira. R. na Gaviéria. (C. B.).

faragata — *Andar a mangar com a faragata* é fazer pouco de alguém. Se uma pessoa se ri de um successo qualquer, diz-lhe a outra: *Sim! ri-te da faragata*. No concelho de Caminha dizem *fragata*. (L. L.).

faramenga — Flamenga. Casta de ovelhas vulgares, por serem pequenas e reles.

faramengo — Franzino, raquitico, magro, ensengado. (C. B.). E' verdadeiramente curiosa esta significação, porque corresponde a *flamengo* e foi de certo á vista de productos desta origem, que o povo criou esta designação.

fardelage — Canalha, ralé, farandulagem. (C. B.).

farelar — Dizer coisas mentirosas, de gabarola. (M. P.).

Conheci mesmo um homem que tinha a alcunha de *Fareleiro*. *Ligar-se-á ao vulgar faladrar lisboeta?*

farfalhar — Falar atrapalhadamente, confusamente. (G. V.).

farfalho — Farrapos do leite que coallha ou se altera.

farinhota — Farinhenta. Nunca ouvi senão no femenino. *Batata farinhota*. «*Maçã farinhota*, casta de maçã. L. L.).»

farinhôtos — O mesmo que *paloucos*.

farrapeiro — Trapeiro, que negoceia em farrapos.

farroupeiro — Andrajoso, com a roupa em farrapos.

fasco — As agulhas sêcas do pinheiro. Note-se a diversidade de termos com que se exprime este producto: *fandango*, *fanêlho*, *fangulho*, *caruma*, *murganho*, *resulho*, *gravalha* ou *gravalha* e talvez mais, *fascunho*, *faula*, *fenelho*, *fendrelhos*, *garrilhos*.

fascunho — Caruma ou fasco. R. no Couto. (C. B.).

fasqueiro — Cada uma das hastesi-

- sinhas da folha do pinheiro. *Dá-me daí um fasqueiro para scabichar os dentes.*
- fastar** — Recuar, desviar. *Faste lá um passo atrás!* dizem os caceteiros na primeira provocação ao seu adversário. *Fasta, galhardo!* Voz para o gado recuar.
- fatão-ões** — Os gômos da laranja. (L. L.).
- fatina** — Saca pequena que não leva mais de um quarto de milho. R. em Rio-Frio. (C. B.).
- faúla** — Caruma ou fagulha. (C. B.).
- fazenda** — O gado caprino e lanigero. Recolhido em Gondoriz. Na *Linguagem popular de Soajo* (Rev. de Guimarães, II, 18) do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, vem *fazendinha* com a mesma significação. Noutros pontos do concelho diz-se simplesmente a *rês*. Vid. *begia*. (C. B.).
- fecheira** — Peça da fechadura que recebe a lingueta, do lado oposto á chave.
- fecho** — Sobrescrito. Quasi só nas aldeias é que se usa, acossado pelo tal detestável *envelope*...
- fechuca e fichuca** — Passagem estreita e funda. (C. B.).
- fedúm** — Medo.
- feirão** — Chama-se assim em Ponte do Lima o mercado quotidiano. O mercado quinzenal é a *feira*. (Rev. Lusitana, III, 65). (C. B.).
- Esta particularidade dá-se em outros sitios.
- feiticeira** — Aracnideo negro, maior que a aranha comum. *Feiticeira de cem pernas* é a centopeia (*santo-peia*). (L. L.).
- feiturado** — Com feitios, com desenhos, ornamentado. *Este caco é feiturado*, tenho ouvido nas escavações arqueológicas.
- feixe** — A trave do lagar, debaixo da qual se espreme o bagaço. (C. B.).
- felgas** — Bofes. «*Felgas de gato*, diz-se de uma pessoa de genio assanhado como de um gato. L. L.».
- feloado** — subst. Pano preparado ao fulão. *Uma jaqueta de feloado*, diz-se em Soajo. (C. B.).
- fenagem** — Conjunto de plantas, deervas quaesquer, que semelhem feno.
- fenar** — Segar o feno. (L. L.).
- fenelho** — Agulha de pinheiro. (L. L.).
- fendrelhos** — Fasco ou caruma. Recolhido em Sabadim. (C. B.).
- fentelra** — Pé ou haste de feto (*fento*).
- fentelha** — Feto macho. Chamam-lhe os rapazes *hera dos relógios*, porque extraindo-lhe o casco, fazem do niolo, que é flexivel, roscas concentricas a que chamam relógios. (L. L.).
- Nos dicionarios vem como especie de feto. No vocabulario prosodico registei *fento*, que é a pronuncia de *feto*.
- fernandinhos** — Bocados de pão que ficam das refeições em cima da mesa.
- ferrão** — Ferrã. Recolhido em Soajo. Vi o termo num foral antigo nos *Portug. Mon. Historica*, mas não tenho nota da pagina. (C. B.).
- férreas** — Pás de ferro de despregar a massa de farinha da masseira e de tirar a cinza do forno do pão. (Rev. Lusit., v, 29). A definição enigmatica popular é: *vaca negra que bota as vermelhas fora*; as *vermelhas*, que parecem ser outras vacas, são as *brzas*. Vid. *amata-deira*.
- «A primeira tem *rabo* de ferro; a segunda cabo grande de pau. L. L.».
- ferreta** — Botão de metal. (L. L.).
- fétas** — Espécie de feto. Recolhido na Gavieira. (C. B.).
- fiada** — Reunião ou trabalho de mulheres a fiar. (C. B.).
- fiadeiro** — Fiada ou serão em que se fia. Recolhido em Soajo. (C. B.).

fiado—Novélos de fio de linho fiado, mas não torcido.

fieira—Trancelim fino de ouro para trazer ao pescoço.

firma—Pequeno ramo de giesta para atar a vinha. (C. B.).

«Termo de alfaiate: Tira de ourela que se destina a não deixar torcer a frente do colete ou do casaco. L. L.».

flandeiro—Caneco ou lata de folha de Flandres, principalmente o que serviu para petroleo. Recolhido na Gavieira. Com esta palavra explica-se o adjectivo *fandoleiro*, delgado como a folha de Flandres. *Flandeiro* está, por dissimilação, em vez de *frandeiro*, de *Frandes*, que é a forma portuguesa antiga. (C. B.).

«*Flandeiro* o mesmo que *fandoleiro*. M. P.».

fliz (*Feliz?*)—Taboinha estreita ou fasquia que se coloca um pouco abaixo dos tectos para madureiro de fruta nos quartos, salas, etc. (L. L.).

flondro—adj. Diz-se do gado que está em descanso, folgado, sem trabalhar e por isso, em se apanhando livre, corre, salta, brinca, etc. (C. B.).

florino—Ouvi este adjectivo no seguinte ensalmo:

Quem se tiver de confessar | Muito deve de cuidar. | Cuide bem ou cuide mal | faça bem ou faça mal | Que os Judeus | prenderam nosso Deus, | Levaram-no a casa de Herodes, | Herodes não estava ali; | estavam treze ladrões | que sentença lhe mandaram dar—com seis espinhos d'espinhal. | O Senhor lhe respondeu | que o sangue que delle corresse | nem se vertesse, | nem se derramasse, | mas que as portas do ceu | eram brancas e *florinas* | e as do inferno negras e *denegridas*. | Que lá estavam quatro almas lascarinas. | O

Senhor tamanhas penas viu arder | que chamou seu filho Marques pela mão. | Vem cá meu filho Marques | Alumia estas almas | que em tamanhas penas ardem. | O sol para de dia, o luar para de noite. | O sol tambores e guedelheiras despenteadas. | Quem disser isto na carema | Tirará quatro almas de culpa e pena. | A primeira será a sua | A segunda aquella que mais desejar | Amen Jesus.

flostrias—Basofias. (*Rev. Lusitana*, v., 89).

fôcha—Jogo infantil do botão; também se chama *rodinha*. (L. L.).

fôfa—*Malhar á fôfa*, malhar ao mólho, smolhar ou malhar ao *funico*. Recolhido em Sabadina. (C. B.).

fôgo-lôbo—Erupção de pele acompanhada de prurido e inflamação, fogaçem. Cortar o *fôgo-lobo* é uma das sortes das mêsineiras: A' que d'el-Rei quem acode | Ao fogo-lobo que começa | com funcho do monte | agua da fonte. | Por meu poder e da Virgem Maria | Padre Nosso e Ave Maria.

«Vid. *Rev. de Guimarães*, III, 64. C. B.».

fogueado—*Penedo fogueado*, rachado, fendido. Será *folgueado*?

fôl—Fanfarrão, atrevido. Recolhido em Vila do Conde.

fôle—Ir ao fôle, ao frete, ao pelico, ao lombo, aos untos, aos fungões, á cara, ás orelhas, á carunfa, ao corpo, á figura... é tudo a mesma coisa. (L. L.).

foleiro—O homem que dá aos foles do órgão.

folerpa—Folheca. Recolhido em Soajo. Cfr. *Rev. Lusitana*, VII, 222. (C. B.).

folerpar—Cair folerpa. Idem. (C. B.).

folhas—*Ha que folhas!* Ha quanto tempo! Esta expressão pode ligar-se com o afolhamento ou rotação cultural que no Minho não existe

como sistema vigente, ou ligar-se-ha com a rotação anual da vegetação?

folhato — O folhelho do milho.

folheira — Uma folha de qualquer vegetal, tomada em separado.

folipão — Especie de carrasca, *folipeiros*. Recolhido na Gaviçeira. (C. B.).

folipeiro — adj. Diz-se do gado ou da réz que tem a barriga grande. (C. B.).

folpeiros — O mesmo que *folipão*. Vid. o vocabulo *carrasca*. (C. B.).

fôma — Pequena faísca que se levanta da coluna de fogo. *Esta lenha ao arder, levanta muitas fômas*. (L. L.).

fômento — adj. Faminto, esfomeado. (C. B.).

fôna — *Ver uma fôna com alguém*, ver-se atrapalhado, enredado ou muito ocupado: *andar metido numa fôna*, andar muito ocupado, numa roda viva. Como adj.: somitego, miseravel, avarento.

fonte — Prato de bordos altos e de boca mais estreita que o fundo, donde come ao mesmo tempo a familia inteira. (L. L.).

forcada — Utensilio de lavoura, constante de três longos dentes de ferro, sendo um em opposição aos dois; longo cabo de madeira. Serve para mato e estrume.

forcôa — Forquilha ou estaca de madeira com duas pontas.

fôrma — Botão perfurado. *Jogar a fôrma*.

formal — Faixa de terra lavradia ou inculta, mas do mesmo aspecto e disposição daquelas com que avizinha e das quaes se distingue pelos marcos ou outros sinais de separação.

formigos — O mesmo que *cronhos*. Recolhido na Portela. E' tambem o nome de uma especie de sopa de vinho com pão trigo, mel e outros ingredientes, usada na noite de

Natal em algumas freguesias. (C. B.).

fornalheira — Cada um dos monticulos de terrões secos, nos *labôres*, aos quaes se lança fogo para depois espalhar a cinza no terreno. Pratica-se esta operação nos campos de feno ou de giesta, quando se quer de novo cultivá-los. Usado em Padroso, Rio de Moinhos, etc. Vid. *informar*. (C. B.).

forqueilha — Peça no carro de bois.
forreira — *Tábua forreira*; tábua de pouca espessura, mas de espessura determinada. As tábuas serradas classificam-se em 3 variedades: bitola, fôrro e meio e fôrro ou forreira. As primeiras teem 0,03 de espessura; as segundas $\frac{3}{4}$ das de bitola e as terceiras $\frac{1}{2}$ ou seja 0,02 e 0,015.

*O mesmo que *labças*. (C. B.).

*Em Monção o *forro e meio* parece que tem o nome de *pelote*. Alem destes ha o *meio-fôrro*. (L. L.).

fossão — Especie de arado. (C. B.).

fraca — subst. Galinha da India; voz onomatopaica que substitue a má tradução de *pintada*, que se usa em Lisboa, etc.

frachados — *Frachados* dos lissoes do tear são os fios de véla.

frade — Certo cogumelo pequeno.

fraguear — Defecarem os animais.

fraguedo — Conjunto de fragas ou de frago de animais. (M. P.).

franginha — Mulher franzina; pequena franga e tambem o mesmo que o seguinte:

franganita — Especie de galinha ribeirinha ou aquatica.

franguinho de bintem — Mancebo com fumaças de homem. (L. L.).

franzelha — Feto real (*osmunda regalis*?)

*Já ouvi *fenzelha*. C. B. *

fraqueira — subst. Fome, larica, apeteite.

frêcheiro — Femeeiro. Recolhido em Melgaço. (G. V.).

freicheiro e freichleiro — O freixo.

frescura — As roupas brancas de uma casa, o bragal, a *limpeza*. Asseio, limpeza. (C. B.). Dai o dizer-se *fresco* no sentido de *limpo*.

fresquejar — Lavar com agua limpa.

frétas — Fricções.

frieira — Sitio nos rios aonde as trutas acodem por ser mais fria a agua, em consequencia de nascentes sub-aquatica.

fritlr — Fritar.

«Tambem se ouve *fretir*. C. B.»

friura — Frialdade. *Agua quebrada da friura*.

fronha — subst. Portal largo provido de tejadilho. Tambem se diz *porta fronha*. Recolhi-o em Villa do Conde, mas ouvi-o tambem em Paços de Ferreira.

fudéca — *Malhar á fudeca*, o mesmo que malhar ao fanico. Recolhido em Padroso. (C. B.).

fueiretas ou **fumelretas** — Os dois fueiros de diante do carro de bois; em Rio de Moinhos são uns fueiros mais pequenos entre os outros maiores. (C. B.).

fugideira — Egua de passo travado, mas muito rapido. O *passo travado* é o andamento favorito dos *picadores* do Minho, onde se cria a raça de garranos (Paredes de Coura, Miranda dos Arcos). Consiste no passo mas executado em tempos muito curtos e portanto rapidos.

fumeiro — Fueiro. Recolhido em Prozeló. (C. B.).

fumadeira — Boquilha.

fuméga e fumégas — Homem mal agitado (L. L.).

Será apenas calão local?

fundage (fundagem) — Os fundos, os tampos das vasilhas.

fundão — Vale profundo; pego nos rios.

fundar — Colocar os fundos em uma vasilha.

fundos — As peças de madeira que constituem os tampos das vasilhas e ficam seguras no javre.

funducho — Nome generico das aves ribeirinhas que ora aparecem ao lume d'agua, ora desaparecem como os mergulhões. (L. L.).

funéu — Bainha por onde se introduz e corre um cordão, num saco por exemplo.

fungadeira — Constipação. Caixa de rapé, ponteaguda ou de tal feito que permita introduzir-se nas ventas para aspirar o simonte.

«E' mais proprio para tabaco. B. G.»

fungalhar — Chover miudinho. (L. L.).

fura — Orificio feito com uma verruma, trado ou broca, sobretudo quando traspassa.

turco — Medida de extensão constituida pela maxima abertura de index e do polegar.

fustalha — Conjunto de fustes que ha em uma adega, taberna ou armazem. (L. L.).

fuste — subst. masc. e fem. Diz-se indistintamente o e a. Qualquer *louça* de madeira, seja barril, pipa, tinhalha, em que se guarda o vinho. (L. L.).

fustiga — Vergasta.

futrage — Canalha, gente vil (de *futre*). (C. B.).

G

gábado — Qualquer vaso ou recipiente para liquidos.

gabéla (gavéla) — Porção de *fasco*, reunida pelo *ingapo*.

gabêjo — O mesmo que *gábado*; talvez menor, segundo M. P.

«Tambem usado em Monção. L. L.»

gabião (gavião) — Nas tesouras de podas, a peça curva que não tem gume. A outra peça chama-se *navalha*.

gabilha — Grande numero, malta, jol-

- da, cafla. *Gabilha de rapazes, de ladrões*. Cfr. *gavela* no «Novo Dicionario», onde este termo é relacionado com o hesp. *gavila*. (C. B.).
- gadanha d'agua** — Grande enxurrada ou levada de agua. (L. L.).
- gafol, gafeleiro** — Gabarola. Recolhido em Vila do Conde. Vid. *fol. gaifonas* — Momices.
- gaipêlo** — Pequena *galha* de uma arvore, principalmente de uma uveira. (C. B.).
- gaipo** — Qualquer ramusculo de arvore.
«Parte do cacho de uvas. G. V.».
- galta** — Chifre. *As gaitas do boi*.
- gaiteiro** — Não é o que toca a conhecida gaita de foles, mas qualquer dos executantes da orquestra popular das romarias constituída pelo *sabumba* e *caixa*; a gaita é hoje menos empregada.
- gala** — Inchaço ou ferida na cara proveniente de pancada. Se uma gala é apanhada antes da Pascoa, diz-se: *Arranjaste uma gala para a Pascoa*. Em Caminha (Venade) usam *galo* e *nêco*. (L. L.).
- galamacha** — Lesma. (C. B.).
- galdir** — Comer, mas parece que referindo-se á ideia de engulir, tragar, e não propriamente á de alimentar-se. Por analogia, ouvi a um podador: *a tesoura galdiu a vara da videira*, cortou-a sem dificuldade e de um só golpe. Vid. *gaudir*.
- galear** — Sacudir v. g. uma planta, até arrancar ou quebrar; levantar. Andar um carro com demasiada folga nos eixos, jogar por não ter os *apoladoiros* apertados.
- galeira** — Rego semeado ou para semear de feijão, de ervilha, etc.
- galga** — Além da mó da azeitona, qualquer pedra que rôla por um plano inclinado. (G. V.).
- galgação** — Acto de galgar ou fazer parálêlo; estado de paralelismo; plano.
- galgar** — Traçar, cortar ou serrar parálêlo.
- gualgueira** — subst. Vala aberta e mais ou menos extensa.
Adj. «*Peneira gualgueira*, diz-se da criva ou peneira de malhas pouco apertadas. *A farinha mais grossa é a da peneira gualgueira*. Vid. *algareira*. C. B.».
- galha** — Braço ou pernada da arvore. É mais usado que o masculino *galho*.
- galhada** — Pancada com os galhos ou paus do boi.
- galhardo** — Apelido de boi; o mesmo boi. Nenhum lavrador diz *anda, boi!* mas *anda galhardo! anda cabano!*
- galheiro** — Ramo sêco de carvalho utilizado para pendurar *panêlos*, da cosinha ou qualquer *asado*; especie de cabide ou tábua horizontal munida de tornos, que se prega na parede para pendurar os mesmos objectos.
Cuido ser a isto que o sr. M. P. se refere na significação seguinte: Utensilio fixo das cozinhas, onde se penduram as panelas com a boca para baixo a escorrer».
- galho** — *Pedra de galho*, granito grosseiro, em que os cristaes de feldspato formam saliencias ou *galhos*.
«*Maça de galho tenro*. L. L.».
- galinha-do-Senhor** — Insecto lepidoptero; tem 4 asas multicolores, que largam uma poeira brilhante. (L. L.).
- galo-do-diabo** — Insecto nevroptero que frequenta as margens dos regatos. Tambem chamam *pombinha*; em francês *libellule* e *demoiselle*. (L. L.).
- gamêlo** — Alguidar ou caneca grande de pau, dentro da qual se lava louça, se empadeja o pão, etc. Recolhido em Soajo. Vid. *cunca*. (C. B.).

gamões — Hastes, caules de uma planta bolbosa, que cresce nas montanhas e que serve para alumi-
ar na cozinha.

«Tambem se ouve, mas raras vezes *câmões*; a planta é a abrótea. (C. B.).

gancha — Engaço ou ancinho de ferro. Tem tres dentes paralelos e iguaes.

«Em Monção é um forcado de ferro com 3 dentes curvos de ferro. (L. L.).

gancho — O mesmo que *gancha* ou engaço de ferro de tres dentes. Usado em Padroso. (C. B.). Idem em Monção. (L. L.).

ganchola — O mesmo que *gancho*. (L. L.).

gancheta — Pau apumado no coice do feixo da lagareta, prendendo esta á mesa. A mesa é a trave inferior que tem por cima a *certão*. (L. L.).

gandeiro — Criador de gado. Recolhido em Mazedo, Monção. Vid. *gando*. (C. B.).

gando — Gado. Registrado já no *Noro Dicion*. Vid. tambem *Rev. Lusitana*, VIII, 58 e IX, 25. No concelho dos Arcos, apenas sei que se usa em alguns sitios de Cabreiro e Sistelo. O que é interessante, é conservar-se ainda vestígio da nasal primitiva tanto nesta palavra, como em *canle*. (C. B.).

garampo — (*grampo*?) Utenílio de ferro, com que os carpinteiros apertam por meio de roscas qualquer peça ao banco. (L. L.).

gardacha — Termo de jogo do *pim-pim*. (L. L.).

garda-mão — Sinonimo de *guarda-mato* applicada á espingarda. (L. L.).

gariopim ou **comegente** — Ferramenta do genero da garlopa, mas mais pequena que esta e maior do que a plaina. Tira o pêlo das tabuas que vem da serração. (L. L.).

garnelas — Guelras do peixe. (L. L.).

garotaje — Conjunto de garotos; os garotos em geral.

garrido — Herva dos campos que serve para sustento dos porcos. Raiz fusiforme, caule reptante ramificado, avermelhado, folhas opostas, cujo peciolo sustenta peciolos secundarios, aderentes; flor vermelha, cinco sépalas no calice e 5 petalas na coróla. (L. L.).

garridos — Flor da urze. *Já ha garridos*, isto é, já entrou a primavera. Recolhido na Gaviéria. (C. B.).

garrilhos — Fasco, garavalha, pluma.

garrotaje — O conjunto de *garrotes* ou pregos com que se prendem os *rastos* ás rodas do carro de bois. (C. B.).

garrote — Prego grande de cabeça chata e larga, que serve para fixar as *lamas* ou *rastos* das rodas do carro de bois. Recolhido em Sistelo.

«Rebento de uma uveira que se esponta, sem o destacar do tronco, e se torce a certa altura, e com que se prende uma videira ou braço de videira, servindo de verga. (C. B.).

gás — O petroleo.

gatenho ou **gatêinho** — Mato ou tojo meudo (molar) que se roça para canas de gado e para adubo. Ouvi o termo na Serra d'Arga (C. de Viana). *Tôjo* ali só chamam ao *arnal*, que deixam crescer e depois cortam para o lume. O *Noro Dicionario* tráz no mesmo sentido, como termo da bairrada, a palavra *gatanho*. Na *Rev. de Guimarães*, III, 147, fala-se de uma especie de tojo chamado *tojo gadanho*. (C. B.).

O autor deste glossario ouviu no Alentejo *milho gatenho*.

gaudido — *F. esteve quasi gaudida com o parto*, isto é, quasi morta. (L. L.).

Será uma forma de *galdir* ou *gaudir*?

gazúla — Gazúa.

gêbo — Gougo, seixo rolado. Recolhido em Ponte de Lima.

geira — O mesmo que *abeleira* ou *bezeira*, na lavoura. Recolhido em S. Cosme. (C. B.).

geirar — O mesmo que *abezeirar*. Idem. (C. B.).

genioso — Pessoa que tem genio forte, assomadiço.

gergollna — Aguardente. (C. B.).

godalho — Carneiro. Recolhido em Soajo.

gôgo — Seixo rolado. Em Braga dizem *gôdo* e *gode*. Também doença das galinhas.

gola — Esgalho ou rebento de um pé de cravos para plantar. Colhido em Ponte de Lima. Cfr. *goldra* *goldrar*. (C. B.).

goldra — Rebento ou gomo na couve de 2 anos.

goldrar — Apodrecer, lavar o mal ou podridão nas plantas. *Goldrar uma ferida*, criar pús ou materia.

gôma (da terra) — A parte humosa e fértil da terra, que está ao de cima.

gomada — O conjunto dos gomos novos da vinha ou de qualquer outra planta; a rebentação das arvores na primavera. *As arvores já estão com a gomada*.

gomar — Lançar gomos a arvore ou planta.

gonsalo — Insecto, geralmente chamado *joaninha*. Na conhecida perlenga infantil: *Joaninha, vóá, vóá*, etc. dizem: *Gonsalo, vóá, vóá*, etc. Recolhido em Ermêlo. (C. B.).

gorga — Certa herva dos campos, bem conhecida por crescer entre o linho galêgo e ser preciso limpar depois a linhaça da semente da tal herva. (C. B. e L. L.).

gorgão — Outra herva dos campos, que está para o linho mourisco como a gorga para o linho galêgo. (C. B.).

gorgolejar e **gorgorejar** — Ruido que um gás produz atravessando um liquido e saindo ás bôlhas.

gornifas — Chorincas ou aves frias. (C. B.).

gougar — Rolar como um *gôgo* ou *gougo*. Se algumas vezes posso ter ouvido *gôgo*, nunca ouvi senão *gougar*. Lançar um objecto roliço, rolando.

grabalha — O mesmo que *fasco* ou a caruma do pinheiro.

«Ouve-se também *garbalha* e *garabaiha*. C. B.».

«Em Coura dizem *grabilha*; em Caminha, *grabanha*. L. L.».

grabalheira — O mesmo que *fasqueiro*. Recolhido em Venade. (L. L.).

grabano — Vasilha ou *gábedo* feito da casca de certas cabaças (cabaças do vinho). Usado em Sabadim, Coura, etc. (C. B.).

grabêlho — Fechador das portas.

gradil — Grade de ferro.

gradão — Grade de ferro em redor de jardim; portão.

graia — O tecido lenhoso de uma essência florestal, considerado pelo aspecto que o caracteriza e distingue.

«O aspecto ou qualidade de granito quanto á dimensão dos elementos que o compõe; a *graia da pedra*. G. V.».

gramada — Espadelada. Usado no N. do concelho e especialmente em Paredes de Coura. (C. B.).

gramalheira — Corrente de ferro; cadeia.

gramão — Raizes de certa graminea que se desinvolve nas terras pouco saciadas.

gramar-se — Diz-se da roupa de vestir, muito coçada e que começa a desfazer-se. (C. B.).

gramasso — Coisa como argamasso.

gramilo — Gancho que segura a aldrava ou fecho da porta e o não deixa levantar.

graminhar — Fazer uso do graminho. E' termo de carpinteiro.

gramoento — adj. Diz-se das terras sujeitas ao aparecimento do gra-

mão ou em que ele se desenvolveu.

grandear — Alardear grandezas.

grandeiro — adj. Bastante grande.

Ouvi este termo aplicado a frutos.

greiro — Qualquer grão ou semente, considerada em si: *greiro de milho, greiro de ervilha, greiro de trigo*.

grêlho — subst. Ouvi aplicar este termo a uma rocha da natureza do grés e creio que se aplica a toda a qualidade de pedra broeira ou sem tenacidade e incapaz de ser afeiçoada.

Julgo ser uma outra forma de termo *brêlho*, substituindo *b* por *g*. Diz-se de uma pedra dura: *é dura como brêlho*. (C. B.).

grenho — (*Tôjo grenho*) Qualidade ordinaria de tojo, de apparencia entre o molar e o amal. Vi-o em Ponte de Lima. É raro, muito duro ou lenhoso e difficil de decompôr-se na terra. (C. B.).

grião — Peça do arado.

grimanesa — Louva-a-Deus (insecto). (C. B.).

grisa ou **griso** — Pequena fogueira no lar, *grisol*. Recolhido em Santa Cristina. (C. B.).

grisol — Pequena fogueira no lar. Em Santa Cristina, tição a arder para se alumiar pelo caminho de noite. (C. B.).

gronho? — O grão de milho reduzido a pequenos fragmentos no moinho para se cosinhar como arroz ou sustento dos pintainhos. (L. L.).

grota — Qualquer vala funda.

guarda-montes — Quatro pregos grandes nas *meias-luas* das rodas dos carros de bois.

guerindé e **grindé** — Agua furtada alta e livre por diferentes lados, mirante. Tenho ouvido em sentido depreciativo.

guiceiro — O mesmo que *guicho* ou *guisso*.

guicho — adj. Esperto, vivo. *Olho guicho*.

gulço ou **guisso** — Pauzinho.

guleira — Vento esfusiado, cortante: vento frio; nortada. *Está hoje uma guieira! Por essa frincha vem uma gueira!*

gurbaninha — Ouvi este termo varias vezes a um homem da serra, no sentido de baixa ou chã entre montes mais elevados. Recolhido em Vilela.

gurgo — Gorgulho. Recolhido em Cabreiro e usado tambem em Monção. (C. B. e L. L.).

gurida — Pequena nascente de agua pequena corrente de agua. Vid. *guarida* no N. D. (Supl.) e *goarida* na Rev. Lusit. viii, 58. (C. B.).

gurricho — Pequeno golo de liquido no fundo do copo, garrafa, etc. Daqui deriva *esgurrichar*. Talvez se possa considerar como alteração de *golicho*, diminutivo de *golo*. (C. B.).

H

herdança — Herança.

herdo — Uma herança ou legado: uma deixa.

I

i(n)-arcar — Pôr os arcos a uma valha. Não poderia escrever *inarcar*, porque daria uma pronuncia errada; mais proximo da verdadeira pronuncia, seria *in-harcar*; mas ainda não seria exacta. O mesmo direi de muitas das palavras seguintes, em que o *i* é nasal.

i(n)-eiar — v. n. Ter eira on com que a sustentar; isto é, colher cereais bastantes para dar trabalho a uma eira.

i(n)-eixar — Colocar nos eixos um carro.

igrejôla — Igreja pequena e pobre. (*Ecclesiola?*)

iguaco — Neste adágio: Março, iguaco, | tanto durino como faço.

ilharguelro — *Ilhargueiro da cama*, tábuas laterais, onde apoiam as travessas.

im por mim — Nestas frases: *Eu... im por mim, nunca lá fui! Eu... im por mim, não acredito*. Quanto a mim.

imanetado — Ligado, envolvido em faixas, em panos.

«E' variante de *impanetado* que também se diz. C. B.»

imantado — *Cavalo imantado*; coberto com manta.

imatar — Pôr mato em uma parede, em um portêlo, para impedir a passagem; ensilvár.

imbançar — Pôr os lanços a uma escada de mão.

imbarrar — Empenhar. Tocar em alguma coisa ao de leve. Não me *imbarres!* (*Noli me tangere*)

imbatumar — Fôr massa de vidraceiro ou substancia equivalente. No *Manuel d'Archéologie française* de C. Enlart, I, 6, vejo que este verbo existe em provençal também.

imbladouros — Termo familiar. Garganta ou canal por onde a comida vai para o estomago. (C. B.)

imblar — (enviar) (v. n.) Diz-se do gado que arremete contra as pessoas, que escorna.

«Tambem significa olhar para baixo, como o porco. C. B.»

imbocar — (embocar) Meter á boca. *E' capaz de imbocar um cáunt'ro de vinho!*

imbolber — (envolver) Turvar-se o vinho ou outro liquido que fique com substancias em suspensão, v. g. lias ou outros depositos.

imbornecer — (emmornecer) Aquecer um liquido ou torná-lo morno (bórno).

imborralhar — Turvar ou turvar-se liquido, v. g. o vinho.

«Ensopar ou mergulhar as mea-

das de linho em agua com borralha para depois irem a cozer ao lume e em seguida córarem mais depressa e melhor. G. V.»

imbôstada — Barrela preparada com agua a ferver, bosta de boi e cinza, na qual se mete o pano de linho depois que sai do tear. (C. B.)

imbôstar — (embostar) Meter o pano de linho ou estopa na *embostada*. Mais usado que *embostelar*. (C. B.)

imbostelar — O mesmo que *embostar*. (C. B.)

imbríolar-se — Tomar-se da pinga ou do briol. *Imbríolado*. (C. B.)

imbroscado — Escondido no meio da mata ou do *broscue*, emboscado. Vid. *broscue*. (C. B.)

imbruilar — O mesmo que *envolver* ou *envolver-se*.

imidelrar — Juntar a palha do milho em *mideiros* ou *medeiros*. Pronuncia-se geralmente nasal o primeiro *i*, mas também tenho quido sem o til.

impabear — Comer o gado a herva sofregamente, como que uma paveia de cada vez. (C. B.)

impãdejar — O mesmo que *pãdejar* ou *empêlar*. Recolhido em Soajo. (C. B.)

impalheirar — Estender por entre o milho, nas terras declivosas, o cisco que ficou de alimpar o trigo, o centeio, ou de esfolhar o milho (*côscio*, *coscaria*) a fim de que a agua, ao regar, não arraste consigo a terra. Recolhido em Padroso. (C. B.)

Impanadar — Dispor o tójo ou mato em *panadas*. Um certo numero de panadas carrega um carro de bois (60 panadas).

«Na Miranda 40 *panadas* de arroba cada uma, constituem um carro, por assim dizer, official. M. P.»

Impária — (empara) Termo tecnologico de carpinteiro; significa qualquer construção (ou disposição)

para amparar, para evitar que alguma coisa caia. Assim se diz: *As imparias da ponte*, por as guardas.

impedo (impeto) — Acesso violento de ira ou furor. (C. B.).

impeirar (*uma teia*) — urdi-la e metê-la no tear. Recolhido em Ponte da Barca. (C. B.).

impelar — O mesmo que *empêlar* mas com o *e* surdo ou breve. Recolhido em Rio de Moinhos. (C. B.).

impêlar — Agitar uma porção de massa de pão (de milho) dentro de um alguidar ou cunca, segurando esta com ambas as mãos, de forma que se consiga que a massa fique reduzida a uma *brôa* com a superfície lisa, para o que se atira ao ar, com um impulso giratorio e se torna a aparar no mesmo recipiente, até que fica em estado de enformar. Também se diz *pâdejar*. (C. B.).

E' de supor que venha de *pêla*, porque a massa é jogada como pêla, embora a menor altura.

imperrear — Emperrar, v. g. o eixo do carro de bois.

imperriçar-se — Zangar-se, ter uma perrice. Diz-se principalmente das crianças.

impesar — Meter na prensa ou *impêso*, isto é, debaixo da trave do lagar. *Impesar o brôlho*.

impêso (*do lagar*) — O pêso de pedra que existe nos lagares.

impinar — O mesmo que *impêlar*. Recolhido na Gaviéria. (C. B.).

impinja — Suponho que o mesmo que *empigem*. Ouve-se no ensalmo de *escrever as empigens*.

«Impinja, rabinja, | sai-te d'ahi!
| Tanto tu medres ahi, | como eu
hoje comi e bebi, | pela graça de
Deus e da Virgem Maria, | um Pa-
dre Nosso e uma Ave Maria.

Esta operação é feita em jejum pelo proprio paciente, se sabe, dando traços (o que se diz escre-

ver) com pedaços de herva chamada *cerulha*, *cerúlia* e *cerôlea*, que esvurna um leite amarelado e esse leite é a tinta com que se escreve». (L. L.).

impipar — Empontar, dar cabo de alguma coisa ou despedir alguém.

implamado — Inflamado. *Esipla implamada*. Eis como se corta:

«Pedro Paulo foi a Roma, | Je-
sus encontrou | e elle lhe pergun-
tou: | Pedro Paulo a que vais lá? |
Senhor, morre muita gente | com
esipla implamada! | Pedro Paulo
torna lá, | unta-lhe com oleo de
oliva | e corda de esparto, | que
esse mal logo passará, | pelo po-
der de Deus, da Virgem Maria, | e
do apostolo Santiago. Ave Maria.
L. L.. Vid. *carregueira*.

implasmado — Pessoa coberta de apositorios; pessoa muito doente, cheia de achaques.

impôr — *Impôr o tempo*, occupá-lo inutilmente com segundos fins ou simplesmente sem fim algum; occupar-se em qualquer frivolidade.

imporem — Porém.

imposta — Junta de bois com sua solada para *assolear*. Sendo para puxar para trás o carro numa descida, chama-se *rapa*. Recolhido no Extremo. (C. B.).

imprastar-se — Deitar um emplasto, ordinariamente no peito. E' uma das operações mais acreditadas da medicina popular. *F. já se imprastou!* E' caso serio!

«Quando uma pessoa, sobretudo mulher, se sente falta de forças, fraca de peito ou das costas, ou julga ter a espinhela caída, aconselham-na a imprastar-se. Manda-se então vir da botica um emplasto confortativo, chamado de *bis-ma*, que é feito de pêz preto ou louro, resina amarela, cera amarela, terebentina, banha, azeite, incenso, canela e outros ingredientes, que, como os referidos, não fazem

bem nem mal. Para aplicar o emplasto, chama-se uma mulher, a *imprastadeira*, prática em tais serviços, ou, para os homens, um endriteira qualquer. Depois de applicadas algumas ventosas e posto o emplasto no peito e ás vezes tambem nas costas, a doente ou o enfermo tem de observar durante alguns dias um repouso, quanto possível completo e uma dieta constante de comidas substanciais, a qual dieta e o qual descanso, juntamente com a fé viva nas virtudes curativas do emplasto, dão muitas vezes com o doente perfeitamente são.

Inquirindo o que seria isso de *bisma* ou porque se diz *emplasto de bisma*, disseram-me que deve ser por se pegar muito. Parece pois sinonimo de pêz. Este emplasto é tambem empregado nas fracturas. Quando o vão pedir á farmacia, pedem um emplasto de *bisma*, um *bisma* ou uma *bisma* ou um emplasto das espinhelas. Vid. *Revista Lusitana*, XIII, 227. C. B.).

imprensa — Prensa.

imprestadar, imprestado — Empréstado, sabendo que se fica sem a coisa emprestada. Termo usado por ironia ou enfase. Lembra o *faladraz* de Lisboa.

impribir — Proibir, impedir.

impribir-se — Cohibir-se de fazer alguma coisa.

imprir — (Emprir) Adquirir, aumentar os bens ou haveres. (C. B.).

impular (impolar?) — O mesmo que empêlar ou pádejar. Recolhido na Gavieira. Não ouvi senão no infinitivo. (C. B.).

incabrestar — Assentar *cabrestos* no segundo sentido desta palavra. (L. L.).

incabritado — Amuado. Vid. *cabrito*. (C. B.).

incabritar-se e incabritar — Amuar, ganhar cabrito. (C. B.).

incadinar — O mesmo que *cadinar*.

incaixar — Acondicionar em caixa, encaixotar.

incalar — O mesmo que *encalir*.

incalcar — Calcar.

incalir — Engrolar, atrapalhar, atamancar.

«Cozer incompletamente algumas substancias alimentares para que se conservem mais algum tempo sem se estragarem».

incama (encama) — (T. de pedreiro). Rachas ou lascas de pedra assentes em uma parede em construção para regularizar o assento ou leito das immediatas superiormente.

incamar (encamar) — Dispor as *incamas*.

incanar — Endireitar-se, melhorar de saude; diz-se das pessoas fracas ou doentes quando se restabelecem. Diz-se tambem das plantas, v. g. dos trigos; o que é decerto a significação natural.

incanelado — adj. Pinheiro *encanelado* é o tronco do pinheiro perfurado interiormente a todo o comprimento para fornar a canle nos moinhos. (L. L.).

incançada — Carro cheio só até os bordos das canças. Tapada ou sebe feita a modo de canços. (C. B.).

incaramunar-se — Diz-se do tempo. Enfarruscar-se a atmosfera.

inchedouro — Pessoa de mau humor, intratavel. *Stás um inchedouro!* (C. B.).

inchume — Coisa ou substancia com que se enche.

incinho — Ancinho. Usado em Viana, Caminha, etc. Nos Arcos não tenho ouvido a palavra. Sempre ouvi *engaçô*. (C. B.).

incoirado — adj. Duro como o coiro.

inconchado — subst. Trabalho de costura que consiste em apanhar ou encolher o *repólo*, de modo que se formem conchas. (C. B.).

Vid. *conchado*.

incopelar — Dispôr em copélas a palha, o linho, etc.

incôrrar — Represar ou represar-se a agua. *A agua incóra e não chega lá!* diz-se quando um rego não tem declive, de forma que a agua não corre, *incórando* ou *empoçando*.

incóstas (encostas) — Peças do engenho do linho.

incunca (encunca) — Certa casta de maçã do Alto-Minho. (L. L.).

incuncar (enconcar) — Arquear, abaular-se. Diz-se por exemplo das aduelas e fundos das vasilhas etc. Tomar a fôrma de *cunca*, isto é mais ou menos concavo-convexa.

incunicar e incurricar — Fazer rugas, prégas. *Pelle incurricada*.

incurrica — Ruga, carquilha. (C. B.).

incurtecer — Encurtar, fazer-se curto, encolher. (C. B.).

incutinhar-se — Dobrar-se muito uma pessoa. Não tenho ouvido aplicar senão a coisas. Dai *incutinhado*.

indebida — Individua, epíteto em geral pouco lisongeiro.

indondecido — Coisa que se tornou *donda*. Vid. *dondo*. E' natural que que haja *indondecer*, mas apenas ouvi aquella forma em adjectivo.

infamar — Ter boa fama, ganha-la. Embora não seja significação generalizada, é certo que a ouvi em bom sentido.

infeiturar-ado — (*enfeiturar-ado*). Enfeitar.

infla — Desejo, vontade, appetite forte. *Tenho uma infla de vinho! Tive uma infla de me botar a elle.* *Infla* é a pronuncia.

(Continua).

F. ALVES PEREIRA.



INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

(Artigo postumo¹)

I. Hueste

Canonigos que parecen hueste: A lo mejor de mi mirada entró gran tropa de canonigos bestidos de blanco, las camisas sobre el sayo que yuan entrando al coro, por diferentes puertas, yo (como era la primera vez que vi cosa semejante) pensé que era la hueste: mas despues viendo que eran hombres como los otros les perdi el miedo».

(Licenciado Francisco de Vbeda.
Libro de entretenimiento de la Picara Justina. tomo I, libro II, parte II, fol. 31. Medina del Campo, 1605).

II. Não se cabia la por pés

O povo elvense, querendo significar que ha grande numero de pessoas em qualquer recinto, costuma dizer: *não se cabia lá por pés*. Semelhante locução existe na lingua hespanhola. Na obra *El Criticon*, de Lorenzo Gracian, parte primeira, fol. 135, lê-se: «Aqui se venele, gritaua uno, un remedio unico para quãtos males ay: acudia tanta gête, que no cabia de pies, aunq̃ si de cabeças».

III. Cocos

a) Hum Cupidinho perdestes
E por sinal que imagino
Que me haveis odio cobrado,
Pois haveis amor perdido.

Era de coco o rapaz,
Que junto a gesto tão lindo,
Ficou feito como hum coco,
Sendo bello como um brinco.

.....
(Romance de Jeronymo Bahia:—
A F. que perdeo hum Cupido de coco,
que trazia, de que só lhe ficarão as
azas. Fenix Renascida, tomo I, pag. 334.
Edição de 1746).

¹ [Foi-me ainda enviado pelo autor; porém só agora pôde ser publicado na *Revista Lusitana*.—J.L. de V.].

² (Cfr. *De algumas tradições de Hespanha e Portugal a proposito de Estantigna*, por F. Adolpho Coelho. Paris, 1900).

- b) «Sendo com tão boçal fisionomia
Espantalho do Sol, coco do dia».

(*Fénis Renascida*, tomo V, pag.
276. Edição de 1746).

c) «Llegauan ellos muy secos, quando mas ahogados de reumas; apurados de la sed, á apurar los cangilones, que ellos les bailauan delante, bebian sin tassa, como gente sin cuenta, y era biê de reir, como fundavã credito en hazer la razon, quando mas la deshaziã: y si alguno, mas templado, se detenia, començauã á hazerle cocos, bautizando su atencion por melindre y figureria...»

(Lorenzo Gracian, *El Criticon*.
Parte tercera, fol. 308).

- d) Diz que tras Nise por gala
pendurados em seu peito
hum coração de azeviche,
outro de ouro de grão preço.

Hum de crystal transparente,
outro de estimado electro,

que na nossa lingua he
não mais q alambre amarello.

Hum tras de prata fina,
outro de coco sem medo,
enfim de todas as massas
traz mil corações diversos.

.....

(Antonio Serrão de Crasto, *Romance*. — *Academia dos Singulares de Lisboa*, tomo I, fol. 259. — Lisboa 1665).

IV. Bruxedos

.....

«Passatemplos de amor são laços fortes,
Para saber se a ausencia os quebraria,
Lançou a atafoneyra algumas sortes.

Tinha uma amiga velha, que sabia
Por sua idade tratar estes assuntos,
E quanto o grande Tamorlão fazia.

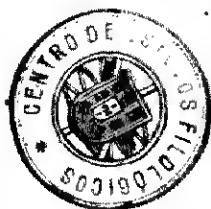
Untava-se ella com diversos untos,
E suçurrando peregrinas vozes,
Appariçoens fingia de defuntos.

Azeyte tinha de estilladas nozes,
De homens coraçãoes, que justicarão,
Tirados pelas mãos de seus algozes.

Em sua casa nunca lhe faltarão
Hervas e pedras, que só ella escolhe,
Embigos de mininos, que engeytarão.

A semente do feto, que se colhe
A noyte do grão Santo, e aiada nesta
O bravo Satanás a veda, e tolhe.

Arruda, herva pinheyra, que só presta
 Parn se pôr em nome do amado,
 O aypo, e o serpão, salva e giesta.
 Berço de lobo, corda de enforcado,
 De gallo branco o pé, mão de topeyra,
 Do gato negro o olho mal mirrado.
 Alguns cuydavam que era feyticeira
 Por estas sirandajes, mas ella era
 Mulher insigne, bruxa verdadeyra.



(*Fénis Renascida*. — *Jornada que Diogo Camacho fez ás Côrtes do Par-naso* —, tomo 1, Lisboa, 1746, fol. 5).

V. Procissão das candêas

«Hũa procissão se faz em dia da purificação da Virgem nossa Senhora, a qual se chama das candêas, porque em esse dia se benzem, & leuão em a procissão.. Sancto Agostinho, o veneravel Beda, Innocencio terceiro, & outros, dizem, que a causa porque a Igreja ordenou a festa da purificação com candeas accezas, foy pera desterrar o antigo ritu dos Gentios, os quais festejavão com muitas luminarias ao Deos Februo a quem tinham dedicado o mes de Feuereiro, & quis a Igreja que o que se fazia a hum Deos falso, se fizesse, com toda a rezão, ao Deos verdadeiros».

(Licenciado Gaspar Pirez de Rabello. — *Thesouro de pensamentos con-dicionaeyros*. Parte primeira, p. 83. Lisboa, 1635).

VI. Amuleto

Cupido de azeviche contra quebrantos

.....
 Esse Cupido não era
 lá na Batalha criado?
 filho de Marte, & de Venus,
 pois como acabou tão fraco?

Não tinha virtude oculta
 para tirar os quebrantos?
 pois quando os quebrantos tira,
 como fica esse quebrado?

(Antonio Serrão de Crasto. — *Romance a hũa dama, que tendo no peito hum Cupido de azeviche, lhe estalou aos rayos do Sol*. — Academia dos Singulares, tomo 1, fol. 153).

VII. A credence popular:

* “cabello de mulher transformado em cobra,”¹

Na secção de *Consultas* do semanario *Gazeta das Aldeias*, 17.º anno. n.º 842, lê-se o seguinte:

«*Pergunta*—Que animal é o que remeto vivo no frasco com água?

Resposta—É um *Phreoryctes*, curiosissimo verme de água doce, que aparece nos rios, regatos e nascentes de águas puras, escondendo-se no inverno entre o lodo, e no verão entre as pequeninas plantas aquáticas, ou aglomerados de seixos e pedra miuda. Nos dias de grande calor, ou ameaçando trovoadas, os *Phreoryctes* agitam-se quasi à superficie das águas, em sitios de corrente mansa, isoladamente ou em grupos, torcendo-se e enrolando-se fortemente sobre si, ou com os colegas, parecendo dar nós de difficil destriça, mas que desfazem tão rapidamente como os fazem, o que lhes valeu o nome vulgar de *Gordio*, em recordação do célebre nó sagrado que o rei Alexandre desfez, cortando-o com a espada de conquistador audaz. Vivem perfeitamente em pequenos aquários bem providos de plantas aquáticas com que parece se alimentam. Mas teem de viver sósinhos, pois se com elles se juntaram peixes, estes comem-os em pouco tempo.

Como, à primeira vista, o *Gordio* parece um cabelo de mulher, no comprimento e grossura, cabelo dotada de vida, a errónea credence popular, diz que, penteando-se uma rapariga virgem junto a uma fonte ou regato, ao romper da manhã, e deitando na água os cabelos que arrancar da cabeça, estes se transformam em seres vivos.

Ora os *Gordios*, com os cabelos da mulher, só teem uma vaga semelhança de tamanho e espessura. Nada mais. São exclusivamente vermes interessantísimos, dignos de estudo, parentes próximos dos vulgares e assaz conhecidos vermes da terra.
—*Eduardo Sequeira*».

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 144.

VIII. Cantigas populares

Na obra *Academia das Singulares de Lisboa*. (Lisboa, 1665-1668) encontram-se as seguintes cantigas populares, na sua maior parte glosadas por Antonio Serrão de Crasto ¹:

Rosa branca tomai cor, não sejais tão descorada, que dizem as outras rosas: rosa branca não val nada.	Ó homem da caravella, levas a morte contigo, que essa mulher que ali levas he casada, & tem marido.
(Tomo I, fol. 40)	(Idem, fol. 62)

Se saudades matarão, muita gente morreria, mas saudades não matão, matais-me vós, minha vida.	Coração de aço puro, entranhas de pederneira, se dentes eras tão firme quem te fez dessa maneira?
(Idem, fol. 81)	(Idem, fol. 169)

O Ceo, & mais as Estrellas, & mais a Lua também, sejão minhas testemunhas como eu sempre lhe quiz bem.	De correr venho cansado, de cansado me assentei; já achei a quem buscava, agora descançarei.
(Tomo II, fol. 35)	(Idem, fol. 197)

Tenho um papagayo verde
Na janella de meu bem:
Ay de mim que estou querendo
Não posso dizer a quem!
(Idem, fol. 421)

IX. Folklore de Antonio Serrão de Crasto

(1)

(Em varios «Romances» da obra: *Academia dos Singulares de Lisboa*)

E pois cabolinha sou	Já andei feito choramingas,
me pôdem metter em restea.	& à cabra cega jugando.

¹ «Parecendo-me que não tinha mais que ver, quiz saudoso deixar tão ameno sitio, quando pagando em mim as nove irmãs, fazendo grandes algazarras; em bandurras, rabiz, citharas, guitarras, me levarão preso diâte do Deos Apollo, dizendo: Este he um barbado, que se metteo a ser Poeta, & falar entre discretos, quando não sabe mais que tratar com os simples da botica, & não podemos extinguir deste jardim, de entre as flores do Parnaso, suas innuteis hortigas, & desprezadas malvas; já vindo disfarçado em Francisco Relê, já em Manoel de Alfama, não ficando cantiga de moça de cantaro, que não deite a perder com suas glosas: culpa tão grande, digna he de exemplar castigo».

(Discurso de Antonio Serrão de Crasto, em 27 de janeiro de 1664. — *Academia dos Singulares*, tomo I, fol. 249).

.....
Deite as barbas de remollo.

.....
Com um cajado senhores,
dous coelhos mato agora.

.....
Não tem dente de coelho.

.....
Digo que de todas tres,
venha o diabo à escolha.

.....
Tão contente está com ella,
que na dança das espadas,
não tendo a espadinha volta,
faz mil voltas, & mudanças.

.....
pois lhe deu hũa no cravo,
& outra na ferradura.

.....
pãra mais não tenho builla,
& o assumpto tenho ditto,
tudo P, A, pa Santa Justa.

.....
Com a candea na mão
fazer quero este Romance,
que por ser feito à candea,
pode ser que a Nise agrade.

.....
A molher, & mais a tea
à candea hão de buscarse.

.....
Vaite chuva, vemte Sol,
não quer que os rapazes cantê,
nem caracol, caracol,
os corninhos ao Sol lance.

.....
Sendo que pela Quaresma
sempre acompanha os rapazes,
porque nas suas charolas
sempre candeinhas trazem.

.....
Em todas as Confrarias
quer por confrade assentarse,
porque dão nas suas festas
candeinhas aos confrades.

.....
Por ver muitas candeinhas
dizê que ha de embebedarse,
por encerar com candea,
que ha de aprender a alfayate.

.....
Se lhe derão a escolher,
qual queria de dous males.
se ter o Sol na cabeça,
ou sentir carnosidades.

.....
Este com ser o peyor,
cuido que escolhera antes,
porque he mal, que com candea
sempre costuma curarse.

.....
Fez das tripas coração.

.....
Este gato nunca foi
em sua vida escaldado,
que se o fora, da agoa fria
tivera medo, & espanto.

.....
Sette folegos que tinha
perdeo num esfolagato.

.....
Nunca máo para subir
lhe derão, foi desgraçado,
sendo que com sua mão
muitas sardinhas tirarão.

.....
A Lua tambem não serve
pois que taes pepinos faz,
que são da colica origem,
da maleita original.

.....
Estrella ninguem lhe chama,
que há dellas contos sem par;
& vellas no meyo dia
és muy vellaca señal.

.....
es abobora, ou pepino,
que ao luar queres crescer.

.....
Sendo que eu joguei de fora
não me quiz meter no corro,
que sempre achei mais seguro
o ver de palanque os touros.

.....
Nise está ferindo lume,
Fubio vem ferindo fogo,
Mã pera fazer migas,
Me chorandoas, que he tonto.

.....
E no livro dos secretos,
diz um Autor curioso,
que orelhas de mercador,
são ouvidss deste modo.

.....
pois que corres Seca, & Meca
& olivais de Santarem.

Jugando com as amigas
agaratuza, ou a polha
nunca ganhava por mão,
mas por pé ganhava a todas.

.....
& às tres o diabo a fez.

Quem tem sangue faz chouriços.

.....
não só tem sangue no olho,
nos olhos o sangue lhe anda.

.....
com quantos dentes tem mête

.....
que sempre do mal o menos,
deve escolher quem he sabio.

.....
porque o mesmo he lá buscaia,
que no palheiro hũa agulha.

.....
Oh não contas as estrellas,
porque será cousa dura,
que quantas estrellas contas
tantas te nasção verrugas.

.....
Se quem se queima alhos come.
diz o nosso adagio antigo,
Nise, pois te queimas tanto,
algun alho tens comido.

.....
Porque neste toque emboque
trocaís de tal modo as boias,
que dando um cabe de amor,
à ré chegaes rigurosa.

(B)

No Poema Os Ratos da Inquisição

.....
.... porque tantas vezes
fazeis roupa de francezes
a de um triste portuguez?

.....
que o homem honrado ha de andar
roto, mas não remendado

.....
porque, remendado o panno,
chega e passa além do anno.

.....
porque vós sois como patos,
que, na casa onde entráis,
comeis, grunhis e sujais.

.....
que de cominhos um real
já não pode estar-se n'ella.

.....
quando tão aproveitados
da Beira são os Ratinhos
dizem que o gato e o ladrão
leva o mal arrecadado;

.....
nem tanto gato-sapato.

.....
e, se gato ou rato apanha.
num sapato mette o rato

.....
Mas, se cada um na feira
diz conforme lhe vai nella.

.....
que até vindo buscar lá,
vós a levais limpa e sã,
sem nunca ser tosquçados.

.....
outros ratos na barriga
me rôem a toda a hora.

.....
como me deixais em vão
neste jogo da almoninha,
tornai lá que não é minha.

.....
Quando em rapaz me nascia
em minha boca um dentinho,
que me nascia um ratinho
então minha mãe dizia.

.....
então dos tolos dizeis
que o pão se come primeiro;
o adagio é verdadeiro.

.....
Meu pão com o olho vejo,
porém como-o com a testa.

.....
que nem sempre ha de durar
para vós o pão da bôda.

.....
tal dom vos hei de fazer
que baileis a sarabanda.

.....
D'elle um bocado só tenho,
vós um pão com um pedaço.

.....
D'esta agua não beberei,
é um dito mui commum;

.....
porque comer pão alheio
a ninguém enfasteou.

.....
mas eu de fome estalando,
e posto a pão de padeira.

.....
levais o melhor quinhão,
gram fatia e bons bocados,
sem serdes meus afilhados,
nem de meu compadre o pão.

.....
que quem trabalha manduca,
mil vezes ouvi dizer.

.....
olhai que algum dia a negra
me podeis vir a pagar:
porque nem sempre ha de estar
o diabo atraz da porta;
porque, se a fortuna torta
bigorna agora me fez,
posso ser malho outra vez,
e assim vingar-me importa.

.....
e quem eom um olho se achar
mui bem se pode chamar,
na terra dos cegos, rei.

.....
para vós pão de violas,
para mim pão bolorento.
Con pan los duelos son buenos
para vós, e são regalos:
sin pan los duelos son malos,
para mim, e são venenos;
tambem que *del mal lo menos*
dizem adagios geraes.

.....
e do mal sempre me vem
com fome ao rosto os signaes.

.....
ficais a duas amarras,
mas eu fico por um fio.

.....
Uma galheta bem cheia
de azeite me derramastes;
como no chão m'o entornastes
ficou sem ella a candeia;
para mim foi má estreia.

.....
conheceis á meia noute
flamengos.....

.....
e sendo cousa tão clara
que o queijo tira a memoria,
vós o tendes por historia.

e sendo tão reprovado
o fazer do queijo barca.

Na arca aberta o justo pecca.

vindes lá de seca e meca.

Os meus fartes tão perfeitos
que pelo Natal me dão
logo d'elles lançaís mão,
e sem terdes de mi d'ó
são para vós fartes só,
para mim famintos são.
E se acaso são de mel,
que são mui bons em tal tempo.

Comerdes-me muito sinto
esses fartes do Natal,
mas o certo é que mal
se doe o farto do faminto.
para vós, mui larga ceia,
e para mi, consoada.

porque entre ruim *ganado*
ha muy poco que escoger.

da maçon mais estremada
vós sois ouriço cacheiro.
sem jogar com vós as peras
vós ganhais as mais maduras,
eu as mais verdes e duras.

mas é minha admiração
que seja, para meu damno,
para vós de peras anno,
e também anno de pão.

Quando peras me levais
então para peras levo.

e me fazeis d'esta vez,
com estrondo e com arenga,
os narizes á flamenga.

então brincar me mandais
com a maçon do escaravelho.

Se achais maçon de craveiro,
que chamamos de capella,
deixais a roupa sem ella,
sendo que lhe dava cheiro.

e por dar-me mais fadigas,
meteis com pressa não pouca
a vós os figos na boca,
a mi nos olhos as figas.

Deixais de ser meus amigos
pelos meus figos comer,
porque é certo não haver
amigo em tempo de figos.

sem os figos nie deixais,
e sem ramo de figueira.

para vós os figos são
do Algarve muito estremados,
todos bellos, e lavados,
todos figos de comadre.

Um jogo de passa passa
de minhas passas fazeis.

.....no melhor cacho
inteiro um bago não acho
para uma espinha carnal.

Passa hoje por lebre o gato
porque com agua passada
no puede moler molino.

que nem para um espantalho
servir pôde a una figueira.

Vós a castanha moeis,
eu a castanha remoio,

a mi me estala na boca
e a vós por baixo estala.

esta grande traquinada
vós com a verde fazeis;
e se a pilada comeis
de maio sois trovoada.

Como a canastra estercada
tendes com a vossa maranha,
temporã é a castanha.

...fazendo eu o custo
d'essa castanha tão bella,
eu não faço nada d'essa,
vós d'ella fazeis magusto.

Mais são as vozes que as nozes.
vós jogais ós arriozes
com ellas muito contentes.

Tambem um salta-martinho
de suas casas fazeis
os miolos lhe comeis
e a mim dais o brinquinho:
para mim marramartinho
tal salta-martinho é;
e de sorte marra que,
em minha canastra entrando,
a tudo vai tope dando,
sem me deixar coisa em pé.

Dizem que uma feiticeira
em uma noite passou
á India, e de lá tornou
numa canastra ligeira.

Mas mais facil de pagar
de Maure-rato ha de ser
este tributo a meu ver,
que o de Maure-gato dar:
porque onde se hão de achar
neste tempo cem donzellas,
se feias, formosas, bellas,
depois que o ouro remou,
a todas em flor cortou
sem ficar flor com flor nellas!

que não sou nestes contractos
já diabo para os ratos.

Assim que a guerra será
não guerra de cão com gato.

pois a casa cae uma hora,
que não cae em cada dia.

me haveis de vir a pagar
de uma vez o novo e o velho.

Porque aos sete de maneira
eu fiz mais males e damnos
do que aos sete Castelhanos
de Aljubarrota a forneira.

em remolho as barbas pôr
vendo arder as dos visinhos.

porque, se nas horas más
não ladram cães.

se não tirar a sardinha
das brazas co'a mão de gato.

E, se em garra tão cruel
algun de vós vivo colho,
se não lhe pozer trambolho,
lhe porei um cascavel:
este fará tal tropel
que aos mais faça fugir.

porque gato meador
nunca é grande morador.

mas a mi mesmo direi:
« larga a gata, larga a gata! »

porque gata que tem fome
para a matar ratos mata.

E minha fome por fina
é peor do que canina.

serei Matia Leitôa
contra vós, porque era boa
Lé-lé para apanhar ratos.

Mas vós podeis dizer,
vendo-me velho e doente,
um a outro mui contente:
« papa-ratos quer morrer ».

Mira Zaida! que te aviso,
quem te avisa bem te quer.

.....	vigiar e acautelar
porque um gato que é atroz	é mui boa medicina.
não vai por hi ás filhós.
.....	porque gatos escaldados
como gato sobre brazas.	de agua fria medo tem,
.....	que de escarmentados vem
que rato que o gato leva	fazerem-se os avisados.
dizem que gualdido vai.
.....	que sempre dizer ouvi,
que um rato um fôlego tem,	é muito bom parecer,
quando sete tem um gato.	que se frade algum tiver
.....	com o ladrão amisade,
E, se o que usa cuida.	que ou ladrão será o frade
.....	ou o ladrão frade ha de ser.
que cuidando não ser nada
uma gata é que se espoja.	tambem ao gato porei
.....	no pescoço um cascavel.
porque ha gato mais azedo
do que é rabo de gato.	e porque em nada bolais
.....	farei de ladrão fiel.
porque sempre ouvi dizer
que farto se lambe o gato.	porque nos adagios anda
.....	um que diz mui bem e certo
que de noute pardos são	que é melhor ruim concerto
ladrões, gatos, e traidores.	do que é boa demanda.
.....	

X. Folklore de Jeronymo Bahia

.....
As mininas dos meus olhos	Dava-me agua pela barba.
Choravão como mininas
Pedaços d'alma que então	Dente de coelho tinha.
De cantaro parecia.	

.....
 E porque rifões desminta,
 De vir tão mal acompanhado
 O vir tão só me não livra.

.....
 Que da gorra se metia.

.....
 Não estava todo o trigo.

.....
 A taes beiços, taes alfices.

.....
 A's doze mil maravilhas.

Deixarão qual peixe na agua.

Morra de morte macaca.

Quem disse barriga farta
Pé dormente, he um madraço.

Se pois estima os adagios,
Depois do seu asno morto
Lance-lhe cevada ao rabo.

Que te terei por bom servo
Se correres como um ganso.

Oh terça feira, lhe disse,
Oh dia sempre aziago!

E teve pão como terra
Porém com cara de Pascoa.

Mas quando veyo por lá
Foi a moça tosquiada.

De tal sorte, que lhe chega
Aos narizes a mostarda.

Não tive pé de cantiga.

Bôa vista tem Almada.

A' gentileza as sereas
São com ellas comparadas,
Estas nem carne, nem peixe,
Aquella carne de vacca.

..... não convêm
Affogar-se em pouca agua.

Que como são tão meus annos,
Com elles peras não jogo.

Regalei-me como um padre.

Comer e callar me agrada,
Darey pois na boca um ponto,
Porque de mim se não diga
Que bem como, e que mal coso.

Se na na minha quinta estou.

E vindo huns ovos com mel,
Me cahio no mel a sopa.

Aquella, que por tão mansa
Parecia mosca morta.

E caminhey tão depressa
Como quem hia com mosca.

Pois não se metia em restea.

A huns Francezes pouca roupa
Achey na popa da barca,
Pois nem roupa de Francezes
Lhe vai por entre as casacas.

Algumas dormem a sono solto,
Outros cantam a muliana.

Qual jogo de toque emboque,
Eu só nos riscos cuidava.

Sendo o dia de segunda
Muito Menezes estava:
Pois se aziago não era,
Era uma noite aziaga.

.....
Fui provando de outra pipa
Tão boa, e bem avinhada,
Que com ter arcos de velha
Nem sinal trazia de agua.

.....
Que ter pevide na lingua
He ter a lingua muy gaga.

.....
O promettido he devido,
Eyla vay á solta-rédea.

.....
Isto dizendo e fazendo
Por não dormirme a fazenda.

.....
..... porque quando
Lhe disser que a mula he preta
Olhelhe para o cabello.

.....
Se ajuntou,
Tanto rapaz, que cuidey
Que alli parira a gallega.

.....
Quando affim pediu a paga
Esta vendeira tão destra,
Tremeo-me a passarinha
Sem comer ave de penna.

.....
Dormimos como humas pedras,
E por sermos pedra em poço
Hum poço alli se nos leva.

.....
Tomou-se a deitar na cama
E socegou hum pedaço,
Que assim não dera nelle
A que diz punhada ao gato.

.....
E sendo a cea muy murta,
Na paga houve contos largos.

Pois sem comermos cozido,
Ja se hia o caldo entornando.

.....
Mas com ser bem dia, eu acho
Que o não metemos em casa,
Pois em jornada o levamos.

.....
Pregação de São Coelho.

.....
Isto são outros quinhentos.

.....
Me hia cantando a chacoína.

.....
Perguntarse-lhe podéra,
vendo seu bico comprido,
Qual se cerolico fora,
Quem te deu tamanho bico.

.....
Lançou barbas de remolho
Vendo arder as do visinho,

.....
E certo que era bem digno
De ser buscado á candêa
Hum cantor tão exquisito.

.....
Então vi que mais valia
Certo rifão desmentido,
Um passarinho voando
Que na mão dous passarinhos.

.....
Morreo como hum passarinho.

.....
Se fez sangrar em saude.

.....
Sem ter nascido Beyrão
Feneceo como um ratinho.

.....
Anda agora homiziado,
E dizem que anda aos grilos.

(A *Fénis Renascida*, tom. 1, pag.
236 a 331. Edição de 1746).

XI. Os portuguezes e a guitarra

«Más le ofendiò un sansonete, como sin guitarra, instrumento vedado so graues penas de la Cordura, y assi refierê, que dixo el Juisio, en sintiendo las cuerdas: Que locura es esta? Estamos entre hombres, ò entre Barberos? Hizose averiguacion de quien la tañia, y hallaron era un Portuguès; y quando creyeron todos, le mandarian dar un trato de cuerda, oyeron, que le rogauan (que à los tales se les ruega) tañesse alguns on moderno, y lo acompañasse com alguna tonadilla: con harta dificultad lo recabaron, y con mayor despues, que cesasse: gustaron mucho, aun los mais serios Ministros de la reforma humana; y generalmente se les mandò à todos los que passan de moços à hombres, que dalli adelante, ninguno tãnesse instrumento, ni cantasse; pero, que bien podiã sir tañer, y cantar, que mas gusto, y más decoro».

(Lorenzo Gracian. *El Criticon*.
Primera parte, fol. 150).

XII. A lenda de Santa Eufemia

«Presume-se que neste tempo (do rei D. Affonso Henriques) foi martyrisada neste Reyno outra Virgem Portugueza, chamada Eufemia, ignora-se como, onde, e quando: e só ha noticia certa da invenção do seu corpo. Em huma pequena planicie nas faldas da Serra do Gerez, raya de Galliza, apascentava os seus gados huma pastora de poucos annos; hum dia, em que estava assás descuidada, lançou os olhos para huma penha, e vio que por uma pequena abertura sabia, e se meneava huma mão formosa com hum anel de ouro com pedra resplandecente; correo à penha, segurou a mão, tirou-lhe o anel, e de repente ficou muda; entrou em casa de seus pays tristissima, por acenos lhes deo parte do caso, e os convidou para verem o prodigio, veyo com ella o pay, e vendo a mão lhe restituiu o anel, e como se a lingoa da filha estivesse naquella mão santa de penhor, fallou a pastora no mesmo instante, em que se fez a restituição, disse com individuação o que por acenos mal se tinha percebido; e quando o pay estava mais attonito ouvio huma voz do Ceo, que lhe dizia tirasso daquellas penhas o corpo de Santa Eufemia, e o sepultasse em huma Igreja vizinha; o que fez logo com piedade Catholica. Daqui o furtarão os Gallegos muitas vezes, e outras tantas fugio de Galliza o santo corpo para o seu jazigo,

até que Pedro Segnino, Bispo de Orense, com orações, e votos conseguiu que lá ficasse no anno de 1153 no governo do veneravel D. Affonso 1.^o.

(*Academia dos humildes e ignorantes*, tomo II, fol. 326).

XIII. As campainhas dos trovões

«Antes desses remedios naturaes contra rayos, e tempestades, dei-nos, que conceito devemos fazer dos sinos das Igrejas nesses perigos, e das campainhas, que vem de Roma feitas dos sinos da Santissima casa do Loureto. No que respeita ás campainhas creyo, que em todo o districto, em que ellas se ouvem, não cahe rayo, e esta he a tradição constante em Roma, e em toda a Europa, provada com milhões de experiencias; e para o crer todas erão escuzadas, sabendo, que as ditas campainhas são feitas de sinos, que tocão a lembrar-nos a hora, em que incarnou o Devino verbo na mesina caza onde elle incarnou, e não fallei nesse remedio por ser difficultozo, e couza que só Príncipes, e poucas pessoas particulares o gozão verdadeiro; porque eu em Roma com dinheiros, e recomendações, apenas me foy possivel alcançar huma, de que tenho escrupulos, depois de inexplicaveis diligencias, que fiz para o não ter, porque entre innumeraveis fingidas, he summente difficultozo, ainda aos grandes Ecclesiasticos da Curia, alcançar as verdadeiras sem o menor escrupulo de fingidas.»

(*Ibidem*, tomo IV, fol. 9).

XIV. Offertas de pontas de boi a S. Cornelio

«S. Cornelio he advogado contra o mal caduco, e outras enfermidades, pelo que os feis em Portugal lhe offerecião pontas de boy, do que os Castelhanos tem feito mofa, e o que mais he o doutissimo Feijó nos seus escritos nos satyriza por esta offerta, no que mostra huma grave ignorancia, que nelle escandaliza, e prova que os Portuguezes ou costumão ler mais, e escrever menos, ou ler com mais vagar que os Castelhanos; porque se offerecemos pontas de boy a S. Cornelio, he porque achamos determinado pela Igreja (como se lê no Padre Alapide, Capitulo decimo, Verso primeiro dos Actos dos Apostolos) que se puzesse na mão do Santo esta insignia para memoria da sua constancia nos tormentos, e outros motivos, porque lhe offere-

cem isto os devotos, como são deixarem-lhe nas mãos as pontas os touros mais ferozes, prodigio que já referimos de varios Santos de Espanha».

(*Ibidem.* Tomo v, fol. 82).

XV. Preservativos supersticiosos

«Aquelle que julga, que trazendo consigo o Evangelho de S. João escripto em pergaminho virgem será por isso invulneravel, e andará seguro contra todos os mãos encontros, além de ser tolo, he supersticioso, e de nada lhe serve tal preservativo.

He igualmente supersticiozo uzar de palavras incognitas para produzir certos effeitos, como quando se pronuncia tres vezes *Onasages* para curar o mal dos dentes: ou quando se diz *Sista, Fista, Rista, Xista*, para não ter mal de gotta.

Ha muita gente que em 5.^a feira de Ascensão vai colher flores porque lhes julga mais virtude colhidas neste dia, como se o dia as santificasse, o que não consta.

Na madrugada do dia de S. João, antes de nascer o sol, ha gente que vai buscar agua á fonte, porque tem mais virtude (não se sabe para que).

Eu conheci gente que na noite de Natal levava hum a melancia para a Igreja; e quando tocavão a Santos a partião: entre a elevação da Hostia, e do Calis lavavão os olhos com ella para se livrarem de sezões ¹.

Ainda ha gente que pela manhã lava as mãos com urina para affugentar os maleficios. Foi por este motivo que o Juiz Paschazio fez burrificar com urina Santa Luzia: porque imaginava que ella era feiticeira, e que por isso zombava dos tormentos. Assim se acha na sua vida escrita por Surio. João Sarisbury, Bispo de Chantres, se ri deste remedio, como se refere no capitulo 8.^o do 1.^o livro de Polycracio.

Eu tenho visto gente que antes de deitarem fora o cabello que cahe quando o penteão, ou quando lho cortão, lhe cospem tres vezes para lhe não fazerem mal pelo cabello. Mulheres tem havido tão supersticiosas, e não sei se ainda haverá desgraçadamente, que para se fazerem amar de seus maridos tomão porção de todos os seus cabellos, e offerecendo-os num Altar com certas ceremonias que occulto, os trazem depois na sua cabeça.

¹ Ainda hoje, em Hespanha, na consuada do Natal, apparece a melancia, que conservam não sei porque processo.

Outras para que seus maridos não sejam mortos por alguém, ou de morte subita, tomão certas palavras sagradas, e escrevendo-as cozem este papel nos vestidos d'elles. E para que não sejam affogados, escrevem certas letras por baixo do Evangelho de tal festa, e lhe põem este papel ao pescoço.

As raparigas para obrigarem os seus amantes á sua amizade, fazem-lhes comer bollos que ellas fazem, misturando-lhes certas porcarias, e coizas que eu não quero dizer.

São immensas, são infinitas as superstições de que muita gente uza para se livrar de fracassos: assim como para adquirir muitos bens. Lembro-me agora daquella algazarra, que se faz na segunda oitava do Espirito Santo á porta da Igreja de S. Bento cá em Lisboa. Ha muita gente que é foreira a S. Bento, isto he, vai todos os annos dar hum vintem ao Sacristão dos Religiozos; e depois vai ao guarda-vento dar pontapés gritando a S. Bento que lhe dê pão. Ora haver entre Catholicos este barbarismo, este gentilismo, he bem lamentavel, bem irrisorio; e em Lisboa!...

(Superstições descobertas. Verdades declaradas, e desenganos a toda a gente, fol. 113. (Lisboa, 1833, terceira edição).

XVI. Adivinhações supersticiosas

«Que significação aquellas tolices que se fazem em noite de S. João deitando ovos em copos d'agoa para saberem o destino de quem os deita?

.....

As fogueiras que se fazem nessa noite, não digo que são supersticiozas; mas seria melhor, visto que se festeja tão grande Santo de tal maneira, que as fogueiras fossem de alecrim, rosmarinho, e outros arbustos odoríferos; mas aquecer mais o ar com o fogo de barricas de manteiga, com pinheiros, carqueija, e outro mato, não ha razão.

O peor então he que na vespera de S. Marçal se fazem tambem as mesmas fogueiras para que o Santo os livre de fogos; como se o Santo se nutrisse de fogo, e se contentasse com aquella fogueira para não fazer mal...»

(Ibidem, fl. 116).

XVII. O Evangelho de S. João

«O Evangelho de S. João, diz Santo Agostinho, que muita gente põe na cabeça quando lhe doe, não foi feito para curar molestias.. *Mettei-o antes no coração*, diz elle »

(*Ibidem*, fol. 10)

XVIII. Superstições

«Acontece muitas vezes, diz S. João Chrysostomo ao povo d'Antioquia (Homil. 21), que quando hum homem ao sair de sua caza encontra hum coxo, um torto, ou hum corcunda, o julga logo de máo agouro, e tem aquelle encontro por máo presagio. He esta huma das pompas do Diabo, que no baptismo renunciamos... »

.....
«Santo Agostinho (Lib. 1.º de Doctr. christ, cap. 20), animado do mesmo zelo, reprehende igualmente muitas superstições: e referindo aquella, em que muita gente tem por máo agouro os ratos roerem os çapatos, lembra-se do que disse Cato a huma pessoa, que o consultou sobre este facto: Que os ratos rôam os çapatos, não me admira, disse elle; o que me poderia assombrar era se os çapatos roessem os ratos.

(*Ibidem*, fol. 129).

XIX. Proverbios

Quem deve, ou roga, ou paga.

Quando o mestre canta, boa vae a obra.

Mais vale magro e contente, do que gordo com falta de ar.

Casar, com seu igual.

Quem não poupa agua e lenha, não poupa outra coisa que tenha.

Em Março chove cada dia seu pedaço.

XX. Superstições

«Ha tambem entre Catholicos vaã observancia horaria, diaria, e temporaria; quando se observão as horas como pouco convenientes, e ominosas de algum funesto presagio; quando se

observão dias como faustos, e infaustos para fazer algum negocio, como para fazer viagem, para começar qualquer cousa; como se os dias, horas, e mezes fossem bons, ou máos por sua natureza, ou tivessem algũa virtude para dirigir os actos humanos. Tal he a superstição daquelles, que não cortão unhas, nem se penteão á sexta feira, nem trabalhão á quinta, nem ao sabbado. &c. Tudo isto vem derivado dos Egypcios, inventores de semelhantes patranhas, como o reputarem infaustos os casamentos feitos á terça feira e no mez de Mayo como toca Ovidio:

*Nec viduae taedis eadem, nec virginis apta
Tempora; quae nupsit, non diurna fuit.
Hac quoque de causa, si te proverbia tangunt,
Mense malas Mayo nubere vulgus ait.*

Não he menor a demencia dos que observão os dias de algũas determinadas festevidades, não para honrar mais especialmente a Deos, e aos Santos, mas para os affrontar com as suas superstiçãoens, e vaãs observancias. Taes são os que imaginão, que o pão cozido na Virgilia do Natal persevera incorrupto dez annos; os que usão destetar os meninos em sexta feira santa, para que não intisiquem; os que imaginão que a agoa benta na Dominga depois das quatro Temporas tem mayor virtude; os que para certos effeitos colhem hervas no dia de S. João Baptista, e no primeiro de Mayo, julgando ter nesses dias mayor efficacia; os que imaginão que ha de chover toda a semana, quando na Dominga se lê na Igreja o Evangelho de S. Marcos; os que guardão ovos, que põem as gallinhas na sexta feira mayor, crendo tem virtude para apagar incendios; os que não mandão lavar roupa de linho nas quatro Temporas, nem tres dias antes de sabbado santo, nem do Natal até a Epiphania, etc., etc.,

«Ha tambem entre Catholicos muitas superstições, e vaã observancia em quanto aos ritos, como v. g. quando para alcançar algum effecto inconnexo, se usão reliquias, Evangelho de S. João, versos de psalmos, e outras palavras devotas; quando se usão medalhas, contas, com diversos caracteres, e figuras: não por motivo de devoção, e piedade; ajuntando a estas cousas religiosas muitas irreligiosas circumstancias».

(Letras Symbolicas e Sâyllinas,
pelo Padre Mestre Fr. Raphael da Purificação. — Lisboa, 1747; pag. 182 a 185).

XXI. Banquetes funebres

«Em Roma e Africa costumavão os antigos Christãos levar ao sepulchro dos Martyres cousas comestiveis, as quaes como santificadas com este contacto, comião, e repartião aos pobres, que nas Igrejas se ajuntavão: isto costumava fazer tambem Santa Monica, como diz Santo Agostinho (L. 6. *Conf.* c. 2.). O mesmo fazião nas sepulturas dos seus defuntos, dos quaes era duvidosa a salvação, para com essas esmolas, e com as orações dos pobres, a quem as repartião, lhes aliviarem as penas, que no Purgatorio padecião. Porém como este rito, e cerimonia parecia imitar os costumes Gentilicos, pois os Gentios com banquetes fazião ás almas dos seus defuntos as honras, e obsequios como diz Virgilio, *Aeneid.* e Plinio l. 8. c. 12., os quaes Festo chama Inferias, os Poetas chamão Cea de Hecate, Livio chama Visce-
rações, Plauto chama Polínturas, Nonnio chama Selicernios, e tambem por causa dos abusos no comer, e beber, se foy tirando aquelle costume, como fez Santo Ambrosio em Milão; cujo exemplo por exhortações de Santo Agostinho seguiu a Igreja Africana; e as esmolas pelos defuntos se distribuião em casa; e se se apresentavão algumas nas sepulturas nas Igrejas, como ainda hoje se costuma, ficavão aos Sacerdotes, para orarem pelas almas dos defuntos».

(*Ibidem*, pag. 262).

XXII. A Cruz

«Sabe-se que a letra *Tau*, figura da Cruz, era symbolo da vida, como diz Marsilio Ficino: *Hæc autem opinio ab Ægyptiis, vel inducta fuit, vel maximè confirmata, inter quorum characteres Crux una erat insignis, vitam eorum futuram significans, cujus figuram pectori Serapidis insculpebant.* E como Serapis, principal Divindade dos Egypcios, era Joseph; pôde ser que lhe esculpisssem no peito da estatua aquella letra, symbolo da vida, porque livrou ao Egypto da morte, que o ameaçava naquella esterilidade de sette annos. A noticia de ser a letra *Tau* symbolo da vida, por ser figura da Cruz, receberão os Romanos dos Gregos, os Gregos dos Egypcios, estes dos Hebreos, como diz Villarando *in Esich.* c. 9. 4^o.

(*Ibidem*, pag. 287).

XXIII. Verónicas

Em huma das medalhas de S. Januario, Bispo de Benavento, se vê o mesmo Santo esculpido com estas tres letras no peito: *S I S*. A mesma palavra *SIS* tem outra medalha de Athanasio, Bispo de Napoles, que viveo em o anno 877. O Illustrissimo Sarnelli, no seu tomo decimo das *Epistolas Ecclesiasticas*, littera 20, diz que lhe parecera em algum tempo serem aquellas letras huma abbreviatura e nota do nome de S. Januario, desta sórte *S. J S*; porém que mudara de parecer, vendo que se achavão as mesmas letras na medalha de Athanasio. Não me parece bastante fundamento para retroceder da primeira interpretação; porque muitas vezes por falta da intelligencia das notas se applicão a hum sujeito as notas, que são proprias de outro, imaginando ser symbolo da dignidade, o que é symbolo da pessoa, e pôde ser que desta sórte o que era proprio de S. Januario, Bispo de Benavento, se applicasse a Athanasio, Bispo de Napoles. Pois aquellas letras se podem explicar como symbolicas de S. Januario, por haver livrado a Cidade de Napoles dos incendios do Vesuvio, como succedeo em o anno 686, como consta da inscripção da mesma medalha: *Liberator Civitatis ab igne*; e nesta conformidade se pôde dar este sentido áquellas letras: *Sistit Ignem Sanctus*; e usando da letra intermedia duas vezes, como se costuma em muitas notas, e inscripções, podem explicar-se assim: *Sanctus Januarius Sistit Ignem*.

(*Ibidem*, pag. 450).

XXIV. Feiticeiras e feiticeiros

«Entra hum destes Medicos Feiticeiros a curar hum copiozo fluxo de sangue; & pondo a mão na parte da ferida, ou em outro qualquer lugar por onde o sangue sahe, rompe muyto devoto nestas palavras, que tras Cardano:

Sanguis mane in te;
Sicut Christus fecit in se;
Sanguis mane in tua vena;
Sicut Christus in sua pœna;
Sanguis mane fixus;
Sicut Christus fuit crucifixus.

As mesmas palavras vertidas em Português ouvi eu na sentença, que se leo a huma destas Medicas feiticeiras no Auto da Fé em

Coimbra no anno de 1715; mas esta para fazer a cerimonia mais solemne, & devota, mandava levantar hum altar, em que accendia quatro vellas, pondo huma a cada canto do mesmo altar».

(*Portugal Medico*, por Bras Luiz de Abreu. Coimbra, 1726; pag. 615).

XXV. Quebranto

«Para obviar, & vencer estas fascinaçoins, ou fossem naturais, ou diabolicas, uzavão os Antigos de certas imposturas & observaçoins, que julgavão efficazes; como bem dizer ao Menino á primeira vista se o ollhavão com admiração, & gosto desta sorte: *Deos o guarde: Deos o benza: Deos o prefaca*. Ou tambem *cuspir logo fora*; porque tinhão para sy, que o cuspo tinha virtude para impedir toda a fascinação, ou natural, ou Magica, como trazem Plinio, & Eliano, a que allude aquillo de Persio:

*Infami digito, lustralibus ante salivis
Expuct, urentes oculos inhibere perita.*

E o lugar de Tibulo:

Despuit in molles, & sibi quisque sinus.

Ou tambem trazer appensa no vestido do menino alguma couza de forma torpe & vergonhoza, para que os olhos dos que o vião se apartassem de o olhar com effícaria; como conta Varrão. Donde se dirivou o uzo de se trazerem nos meninos huns certos dices; como vg. huma mão com todos os dedos contrahidos; & só o do meio estendido; para de alguma sorte trazer à lembrança a forma do priapo, ou genital humano, por ser couza vergonhoza, & torpe; como nota D. Ramirez del Prado, explicando a Marcial (*Martial. lib. 2. Epigr. 28*):

Et tu digitum porrigito medium.

E por isso estas galantarias, que se applicão aos meninos se chamão *dices*, à *digitis*. Mas mudando pello tempo a diante esta mão em forma mais honesta, vierão a dispolla de outra sorte que a quella, a que hoje vulgarmente chainamos *Figa*; cuja materia costuma ser de ouro, prata, de marfim, de quilho, ou de azeviche, como discorre o mesmo Ramirez, & tras para prova estes versos de Castelonio:

*Ut pueri caveant laedentia lumina matrum
Collo apensa regunt signa Priape tua.
Nomine nostrates dixerunt HINGA pudico
Namque malis tantis ista medetur avis.*

Ou também uzar da pedra Bezoar, como conta Elpidado, ou da Ruda Silvestre, como tras Aristoteles: ou da cauda do Lobo, como lembra Ronseo:

Pars caudæ prodesse viris, quos fascina vexant.

Mas todas essas observaçoins, & imposturas são vaãs, falsas, & supersticiosas; como tem o Abulense, João Escaligero, & Pedro Ciruelo. Excepto aquellas couzas, que são naturais alexipharmacos, e contravenenos; porque com a sua virtude poderão destruir o contagio da fascinação. Por isso para ella louva Quinto Sereño Sammonico, o trazer um alho ao pescoço do menino:

*Proterea si forte premit strix atra puellus,
Virosa emulgens exertis ubera labris,
Allia præcipit Titini sententia necti.*

Quem quizer com largueza ver os remedios, que conduzem para este venefico mal, lea o nosso Fr. Manoel de Azevedo (*Correcção de Abusos*. Tratad. 1), aonde também achará resolutas algumas duvidas, que se podem offerecer na essencia, & comunicação desta queixa. Ou se melhor quizer capacitarse na definição, causas, sinais, prognosticos, & cura do quebranto, veja o Dr. Francisco da Fonseca Henriquez (*Soccorr. Delphico*, lib. 2. cap. 1.), que novissimamente tractou da fascinação formal, expedito, & claro, como ninguem; ellegado, noticiozo, & doutrinal, como elle só.

(*Ibidem*, pag. 625).

XXVI. Deuses Lares

«Lares, segun Plauto, eran unos Duses domesticos: porque assi como el Genio se puso para la guarda del cuerpo: assi pusieron Lares para la guarda de la casa, como los Penates; por lo qual algunos tuvieron ser lo mismo Lares, que Penates. Acostúbrauam tener en las casas un lugar comun, que era en los fuegos, donde les hazian grâdes, y alegres sacrificios: en memoria de lo qual hasta oy dia, a los morillos, y a las cadenas en que cuelgan las caldoras al fuego, se dicen llares, de Lares...»

(*Filosofia secreta*, por Juan Perez de Moya. Madrid, 1673; pag. 216).

XXVII. *Pedra de corisco*

As superstições e crenças populares teem, em grande parte, origens cultas. Sabe-se que o povo attribue virtudes ao machado neolithico, a que chama *pedra de raio*; vejâmos o que a respeito desta pedra diz Fr. João Pacheco, a pp. 231 e 243 do tomo I da sua obra *Divertimento erudito*¹:

«*Pedra de corisco*: He uma pedra comprida, e lisa de cor verde escuro, e com figura de cunha, cuja parte mais larga he aguda, e ferida com ferro, ou aço faz muito fogo. Acha-se na terra humas vezes na superficie, e outras mais funda. Segundo Alberto Magno, cahe das nuvens com trovoadas; e diz Vidal Zuccolo, que da exalação accessa inflammada com certa humidade viscosa, e tenáz, com agitação da nuvem se condensa, e endurece, e acompanhada das reliquias da exalação inflamada, rasgando a nuvem, cahe, como setta do Ceo. Diz Bonardo, que quem traz consigo huma destas pedras não pode ser ferido de rayos, nem affogar-se».

«*Ceraunia*: He pedra de varias cores, e figuras; hora branca, hora negra, hora cor de fogo, ou verde; às vezes redonda, outras vezes comprida, e outras pyramidal, ou de figura de cunha. Dizem que resiste ao fogo; e tem virtude contra os rayos. Nasce em muitos logares de Hespanha e Alemanha. Attribuem-lhe a virtude de sarar ou impedir as hernias nas crianças, applicando-a sobre ellas».

XXVIII. *Leitar, ou Pedra de N. Senhora*

«Ha um penedo com huma verruga a modo de peito de mulher, aonde vão mamar as mulheres, a que falta leite para criarem os filhos. Está no termo de Famalicão, no Minho, ao pé de huma Hermida de N. Senhora, a quem se attribue a communição á terra da Capella...»

(Fr. João Pacheco. *Divertimento erudito*. Lisboa, 1724, tomo I, pag. 238).

¹ [Todavia não se ha-de crer que a nossa superstição provem d'aqui. Ela é muito antiga na Península. Vid. *Religiões da Lusitania*, I, 433-404.—J. L. de V.]

XXIX. A pedra Celidonia

«He pedra que se chama assim, por se achar no ventre das Andorinhas novas. He de figura semicircular, delgada, e algum tanto concava; vermelha por dentro, e salpicada de preto. Raras vezes se acha maior que baganha de linho. Atribuem-lhe muitas virtudes. Dizem que metida em huma bôlasinha de ouro tira as dores dos olhos para sempre; e que esfregando os olhos com ella, sabe delles sem dor qualquer cousa, que nelles tenha entrado».

(*Ibidem*, pag. 231).

XXX. A herva Celidonia

A) «A Celidonia, ou Herva Andorinha, porque então floresce, quando as Andorinhas vem chegando, como nota Plinio, e se murcha quando ellas voltão, tem virtude para restituir a vista; e ainda diz Mayolo, para fazer reviver os olhos, que se tiverem seccado ao animal; e por isso se val della a andorinha».

(*Ibidem*, pag. 307).

B) «Os filhos das andorinhas sendo pequenos não tê a vista perfeita, & se assi se sairem dos ninhos não se poderião governar, nem grangear o necessario pera a vida pella falta da vista que tem: o que sabendo as mães ensinadas pello author da natureza, que nunca deixa sem remedio a algũa de suas creaturas, vão buscar hũa erua, à que chamam os latinos Chelidonia, & aproueitandosse della pera socorrer a necessidade de seus filhos, esfregan lhe com ella os olhos, com o qual remedio lhe ficão tão claros, & de tão boa vista, como os de suas proprias mães...»

(Fr. Aleixo de Santo Antonio,
Philosophia moral, Coimbra, 1640, pag.
76).

XXXI. Coco

«He o fructo do Coqueiro. Na segunda casca, que he dura, se vê pelo pé, por onde recebe o nutrimento, huma maneira aguda, que quer assemelhar o nariz posto entre dous olhos redondos, por onde elle lança os grelos, quando quer nascer. Da-

qui vem chamar as mulheres *Coco* a qualquer cousa, quando querem pôr medo ás crianças».

(*Divertimento erudito*, tomo, pag.

311).

XXXII. Superstições

«De muitas superstiçoens faz menção Plinio; mas não as referimos aqui, porque adiante havemos de tratar da Magia. Porém diremos, que em nossos tempos se observão algumas superstiçoens semelhantes a ellas; e entre muitas são os encantos amatorios de Theocrito à cerca dos Gregos; de Catullo, e Virgilio, à cerca dos Latinos. Os versos que Cesar Dictador recitava tres vezes, antes de se pôr a caminho: a invocação de Nemesis contra a fascinação, ou olhado: crer, que com o retenir dos ouvidos se acerta, o que diz outrem contra elle, estando auzente: crer, que se apartão os mãos pensamentos do animo, pondo saliva com os dedos dentro das orelhas: crer, que he máo sinal, cahir o comer da mão, ou encontrar huia mulher fiando: crer que as frechas tiradas do corpo ferido, não tendo tocado no chão, tem vigor para encender os amantes: crer que os numeros impares de Pythagoras tirão a cegueira dos olhos, se se accommodam justamente: crer que o cabelo, que se tira ao menino, cura a gota, pondo-o na parte molesta: crer que o mal dos olhos se repara com o encontro de um coxo de ambas as pernas: crer que se facilitão as partes, cingindo-se a mulher com a mesma cinta, com que concebe: crer que o olho direito do Lobo, salgado, cura a quartã: finalmente outras muitas fantasias ridiculas, do que juntamente com Plinio trattou Fernelio vã, e copiosamente».

(*Ibidem*, tom. III, pag. 7).

XXXIII. Jogos

«Os nossos jogos destes tempos se dividem em pueriz, e de homens: os primeiros são os do pião, pitorra, castellos, botes, alfinetes, pares ou nones, guarda em vão, ponte, gallinha cega, pino, pilouros, e outros muitos. Os segundos são os da bola, larranginha, choca, ôca, truque de taco, pêla, tábolas reaes; xafarráz, damas, ganaperde, xadrez; cartas, com que se joga à primeira, ao pacão, ás pintas, ao trinta, ao estanderete, às vasas, ao truque, ao rentão, aos centos, à espadilha, à manilha, à arreene-

gada, ao quinto, ao quarto em quinto, ao Simão dorme, ao giga joga, ao trunfo, ao vinte e hum, á carteta, ás carregadas, á polinha de ás, e dous, e outras mais, que inventou a ociosidade».

(*Ibidem*, tomo IV, pag. 154).

XXXIV. Ponta de veado

«Outros entendem com Orpheo, que trazendo consigo qualquer desposado huma ponta de Veado, terá perpetua pax com sua espoza, por mais que ella lhe não guarde aquella fé, que he obrigada; & daqui tal vez se derivou o dizer-se communmente, que tem cornos, ou que he cornudo aquelle, que de puro pacifico consente á sua molher as levandades em que ella quer romper, sem que se lembre de a refrear».

(*Portugal Medico*, por Braz Luis d'Abreu; pag. 311).

XXXV. Abada, Rhinocerote, e Unicornio

a) Abada

«He uma fera, que ha na Africa, e terras de Benguela, e nas de Sofala. Alguns entendem ser o Rhinocerote; mas he differente; porque se diz ser hum animal do tamanho de hum Potro de dous annos, com a cabeça mais pequena, e mais chata, que a do Cavallo; tem o pelo denso, e aspero, o rabo de Boy, porém mais curto, pés fendidos, e muito mais grossos, que os do Veado, dous cornos, hum na testa de comprimento de tres, ou quatro palmos, negro, ou pardo, agudo na ponta, e algum tanto revolto para diante, e na base tão denso, e grosso, como a perna de um homem. Temse observado, que quando este animal vay beber, mete primeiro a ponta deste corno na agoa; como se quizesse expellir, ou retundir a venenosa qualidade, que a agoa poderia ter. Por esta observação se estima muito este corno, para contra-veneno; pondo-o sobre a parte offendida d'elle. Para se experimentar se he legitimo, se poem o corno no chão, e em cima huma espada, cujo punho fica suspenso por hum fio; se o corno he bom, fica duro, e não pode entrar a espada nelle, e só anda circulando ao redor de seu centro: não sendo bom, penetra nelle a espada. Os ossos da Abbada reduzidos em pó, e mis-

turados com agoa fazem huma cataplasma, que se applica á parte, aonde se sente alguma dor intrinseca; e atrahe a si o humor peccante; tem tambem virtude para encourar a abertura, que faz. O tal corno, que dizemos, tem a limadura branca, não obstante ser preto. O outro corno da Abada está na nuca deste animal, he mais curto, e chato, que o da testa. Hum destes animais mandou El-Rey D. Manuel de presente ao Papa Leão x^o.

(*Divertimento erudito*, tom. 1, pag.

571).

b) **Rhinocerote, ou Rhinoceronte**

«He animal feroz com um só corno na testa solido, com o qual peleja contra o Elefante, aguçando-o primeiro nas pedras, e busca a barriga do Elefante, por ser branda, e por alli o mata. Não é facil o caçallo: mas dizem que levão ao matto huma Donzella, a qual offerecendo-lhe o regaço, elle deposta a fereza, se lhe deita nelle, como querendo dormir, e então o ferem, e matão. No corpo tem a grandeza de Elefante, mas as pernas são muito curtas. Ha varias especies: huns ha, cujo nome he *Mono-ceronte*, animal muito bravo, semelhante ao Cavallo no corpo, ao Veado na cabeça, ao Elefante nos pés, ao Javali no rabo; tem um só corno negro na testa, do comprimento de dous covados. Não se pode caçar vivo, porque se alguma vez succede prender-se, morre de raiva. Ha outros, cujo nome he *Egoceronte*, semelhante ao Bode, ou Cabra, e do mesmo tamanho, muito ligeiro; tambem com hum só corno na testa. Ha tambem outros na India que são como Boys, mas os pés, ou unhas são como de Cavallo solidas; tem varias pintas, ou malhas brancas; o couro he pelado, e arrugado, e formado a modo de escamas, repartidas em pequenos quadrados, espessas, e tão duras, que nenhuma arma pôde penetrar nellas; e lhe formão ao redor das pernas huma especie de botas. Tem hum corno no nariz, duro, negro, e grosso, de figura pyramidal; com o qual se defende, e mata Bufaros, Tigres, e Elefantes, abrindo-lhes a barriga. No meio das costas tem outro corno, tão comprido, como a mão, pontiagudo, solido, e voltado em figura espiral. O focinho he de Javali; a lingua he tão aspera, que lambendo com ella os animaes, que venceo os esfolia até os ossos. Tambem se acha nos desertos da Africa. Não he naturalmente malefico, mas provocado, e irritado he ferocissimo, derruba, quanto acha, e chega a

desarreigar arvores com o corno. No Cabo da Boa Esperança se achão Rhinocerotes com dous cornos, no nariz, e de cor cinzenta, tirando em huma especie de capello, que traz na nuca. Veja-se *Ganda*. Ha finalmente outros, como Asnos, que tem o corno entre as orelhas, segundo Plinio, Avicena, e Aristoteles».

(*Ibidem*, pag. 630).

c) **Unicorne, ou Unicornio**

«He animal, que tem um fermoso corno na testa, branco, do comprimento de dous palmos; no pescoço tem cabello negro, e curto, e da mesma sorte no rabo; e elle he da feição e cor de hum Cavallo baio. Rara vez sahe do matto, aonde vive embrenhado nos mais solitarios retiros. No Reyno de Goyão na India ha Unicornes do tamanho, e quase da mesma feição de Rocins pequenos, de cor parda, e fermosa. He o que affirmão João Gabriel, e Fr. João do Santos. Porém Marmol diz que o Unicorne se parece com hum Potro de dous annos, mas com barba de Cabra, e no meio da testa hum corno de quatro palmos, liso, branco e raiado de amarello; os pés são da feição dos do Elefante, e o rabo quasi se parece com o de Javali. He tão ligeiro, que ninguem o pode apanhar. Finalmente Luis Romano Patricio diz, como testemunha de vista, que tem o Unicorne a feição de Potro, da cor da Dònhia, com hum corno na cabeça, do comprimento de tres covados, pés de Cabra, e clina de Cavallo. Dizem que perseguido dos caçadores se lança às vezes dos rochedos abaixo, e cahindo no corno, em que tem toda a sua força, nelle se sustenta, sem receber danno da sua queda. Dizem mais, que atravessando com impetuoso furor os mattos, se acaso topa com moça donzella, pára, e descança no collo della tão brando, como hum Cordeiro. Quando quer beber, mete o corno na agoa para a purificar; e tem cobrado este instrumento tão grande fama de contra-veneno, que hum arratel delle se tem vendido por 1536 patacas. Conserva-se em muitos thesouros, e palacios».

(*Ibidem*, pag. 643).

XXXVI. **O numero sete**

«Sobre o capitulo onze do Ecclesiastes descobrem os expositores muitas grandesas do namero septimo, onde o Espirito

Santo manda que se dem sete, & oito. Preceito & Conselho que muitos declaram pertencer á esmola desta vida, & ao premio da eterna nos oito significada. Apollo para si tomou este numero como mais sagrado, segundo conta Plutarcho, & Philo Judeu sobre a criação do mundo, encostandose ás delicadesas de Pythagoras, que foy muy delgado em abrir as minas, & thesouros de algũs numeros. Onde diz Philo que o norte por ter o lugar mais alto do Ceo, & officio de guiar o mundo lhe deram sete estrellas que estivessem como faroes postos em atalaya dando claridade & regimento á terra. O Anjo dos peregrinos Sam Raphael, quando se deu a conhecer a Tobias, foy reuelandolhe que era hũ dos sete Espiritos, que assistiam á diuina magestade, & seguindo a Lyra, era hũ dos sete, que presidem aos planetas, que por serem deste numero tem á sua conta o gouerno principal da terra, figurados tambem nos sete lumes, que o Senhor mandou acender a Moysés no seu alampadario. E quando neste numero se achasse algũa nodoa por tratar em muitos negocios cõ a gentildade, facilmete o poderiamos mandar ao Jordam, em companhia de Namão, pera que lauando-se com elle sete vezes ficasse de todo purificado. Deixo outras prouas, que por serem muitas, ficarãõ do fastio reprovadas».

(Padre Antonio Leite, — *Historia da appariçam, e milagres da Virgem da Lapa*. Coimbra, 1639; pag. 171).

XXXVII. Medidas gravadas nos muros

«Pelo que respeita á grande pyramide do Egypto, e ser a sua base o padrão principal, de que os Gregos tirãõ as medidas, segundo diz Mr. Paucton, repete Romé, e Delaistre, não lhe acho nenhuma difficuldade, quer ella seja exactamente igual ao estadio egypcio, quer não seja; porque os antigos costumavão guardar as medidas nos templos, e marca-las nos edificios publicos, a fim de se não perderem. Prova-se a primeira asserção com estes versos de G. Remio Fanio:

Et de ponderibus superest pars altera nobis.
Humida metiri, seu frugum semina mavis,
Cujus principio nobis pandetur origo.
Pes longo spatío latoque notetur in anglo,
Angulus ut par sit, quem claudit linea triplex:
Quatuor quadris medium cingatur inane,
Amphora sit Cubus, quem ne violare liceret
Sacravere Jovi Tarpejo in monte Quirites.

A segunda asserção prova-se igualmente com a pratica seguida nestes Reinos de gravar as medidas nas portas muralhas das villas e cidades, como ainda se pode ver nas dos antigos muros da Villa-Velha, em Villa-Real de Tras-os-Montes, aonde estão gravadas debaixo da arcada da porta principal, que deita para a rua do Cano-Velho.

(Memorias sobre os pesos e medidas de Portugal, por Teixeira Gyrão; Lisboa, 1833; pag. 13).

XXXVIII. Arratel folforinho.¹

•He chegada a occasião de eu provar com evidencia em como o nosso arratel nos veio do Egypto; pois que 1.º este nome, he egypcio, como se vê da sua terminação em *el*, que já mostrei não ser arabica, e tambem se prova com a auctoridade de Kelly no seu *Cambista Universal*, e com a Dearborn nas suas *Memorias*; — 2.º elle tinha em Alexandria o nome de *ratel forforo*, e daqui lhe vem o nome de *forforinho*, que ainda se conserva nos assentos de nossas Côrtes. Esta palavra *forforo* quer dizer huma certa divizão do *Cantaro*² actual, assim como *zuidino*, e *zauro* significão qutras devizoens, ou, o que valle o mesmo, indicação *rottolos* de diversas grandezas. He claro que os nossos antigos fizeram do vocabulo *forforo* a palavra *forforinho*, dando-lhe huma terminação propria da nossa lingoa, e semelhantemente á de *daninho*, derivada de *damnosus*, *maninho* de *malignus* etc.; pois a nossa lingoa, em razão de ser uma corrupção da latina, tem a propriedade da italiana, e por isso os oriundos daquella nação, residentes em Alexandria, designão o *rottolo forforo* pelo nome de *rotolo forforini*, como se vê escripto no *Cambista Universal*, e como seguramente lhe veio de lá escripto pelo Consul Inglez, quando remetteu os padroens das medidas e pesos. Dearborn porém, que he muito exacto, e que avalia como deve ser a etymologia das palavras, conserva-lhe o proprio sobrenome de *forforo*; eis-aqui as suas proprias expressoens, quando trata dos pesos usados actualmente em Alexandria. «Weights.—The Cantaro is composed of 100 rotulos; and there are several sorts of rotolos, known by the denomination of

¹ Vide *Revista Lusitana* vol. xi, pag. 65.

² Cantaro he peso racional, ou numerico de Alexandria.

forforo, *zauro*, *zaydino*, and *mina*». (Vêde as *Memorias* citadas, vol. II, pag. 409.

Observarei ainda mais, que não ha em nenhuma cidade, ou praça de commercio do mundo conhecido o nome de *ratel*, e de *arratel* senão em Portugal, e seus dominios, e na cidade de Moka; porque esta cidade tem grande commercio com o Egypto, e foi sua antiga conquista, donde provavelmente se lhe introduzirão os pesos e medidas; e conservou o nome de *ratel* sem corrupção, assim como nós o conservâmos, apesar de sermos invadidos por tantos povos diversos.

A circumstancia de escreverem os nossos antigos o nome de *forforinho* com *l* dizendo *folforinho*, em nada altera a sua etymologia; pois tãobem elles escrevião *prioles* em lugar de *priores*: era hum vicio de pronuncia, ou erro de orthografia, e nada mais.

Vejâmos agora o que diz o Sr. Trigozo ¹ ácerca desta mesma palavra *forforinho*. — «Se estes arrateis erão com effeito arabes, como tudo nos leva a crer, parece que a significação daquelle adjectivo se devia deduzir ou dos povos, de quem tinham sido adoptados, ou da materia, de que erão construidos: no primeiro caso he-nos desconhecida a significação; no segundo lembra que sendo as pedras, de que se costumavão fazer os pesos de natureza *siliciosa*, e da mesma, que se fazem as mós, que hoje chamão *urzeiras* (porque as outras qualidades de pedra, humas são muito vulgares, outras de mui facil alteração) pedião com fundamento chamar a estas mós *fulfurinhas* (de *furfur* o farello) e assim os pesos construidos da mesma pedra conservarião o mesmo apelido, que depois se estenderia a todos os outros construidos da mesma materia.» Esta conjectura parece ser destituida de fundamento, e, se não fosse de tão respeitavel Academico, seria desnecessario dizer aos Leitores «que no *Lexicon Etymologico* das Palavras Portuguezas, que tem Origem Arabica, não vem esta, e não temos nem tivemos nunca povoação que tivesse algum nome semelhante» ².

Ora, este peso *forforinho* alterou-se logo no principio da Monarquia; porque no Testamento do sr. D. Sancho I (*Monar-*

¹ Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, na sua *Memoria sobre os Pesos e Medidas de Portugal*.

² A pedra de que fazião os pesos antigos, chamava-se *zebral*: veja-se o foral latino da Villa da Séa, que já citei.

quia Lusitana, Parte IIII, pag. 260) já se emprega a palavra *marchas* para o compvto do ouro e prata. *Marchas* he o mesmo que *marcos* mal pronunciado e mal escripto; porque naquelle tempo se principiou a usar de algumas palavras francezas em razão de ser o tronco da Dinastia eutão Reinante da Nação Franceza e ficar na Côrte este costume: daqui vem muitos galicismos da nossa lingoagem, que já estão naturalizados. Daqui data a introduccão do *marco*, e bem se vê que era de lei; pois que huma *marcha* ou *marca* de ouro naquelle tempo valia 6480 rs., e já no tempo de D. Pedro I. tinha subido ao valor de 7380 rs., e o de prata tinha baixado desde 960 rs. a 700 rs. Este Soberano fez uniformar o peso em todo o Reino; mas condescendendo com as representaçoens dos povos, tornou a permittir o uso do arratel *forforinho*. . . . »

Artigo 80 das Côrtes de Evora do anno de 1361:

«Stem ao que diziam no 80 artigo, que os Poboos dos nossos Regnos hu haviã *arratces folforinhos* nos pediam per mercee, que mandassemos que tornassem a pesar per elles as carnes, ca entendiam que per estes nouos as haviã mais caras, e nom faziam a sas companhas mais auondamento, que per os primeiros. A este artigo respondemos que nos plas de lhes fazer esto per mercee, pois que o elles ham per sa prol, e mandamos que esto se guarde em todo nosso Senhorio, em aquelles lugares hu costumam de uender as carnes a peso, e sejam os *folforinhos* d'aquelles per que pesauão em Santarem ante que nos deffendessemos que non pesassem per elles».

(*Ibidem*, pag. 32).

XXXIX. Teiga

«Esta especie de açafate ou cestinho usa-se muito na minha Provincia e na Beira Alta: he hum traste comodo, e barato que faz qualquer camponez, de palha senteia, e silvas maçadas, para ficarem mui dobradiças, he leve de tecido, mui tapado, e serve para guardar nelle as toalhas de meza e o pão de gasto, que a franqueza hospitaleira de meus Patricios lavradores offerece com facilidade a qualquer passageiro, ainda que seja um Anjo de Abrahão: vós, se allí passardes, e vos anóutecer à porta de qualquer casal, achareis uma Sara, ás vezes da idade da Hebreia, não poucas semelhantes a Leucrecia, fiando em grosseira roca aspe-

ra là; mas que vos traz generosa a sua teiga de pão, e hum grande vaso de vinho.... Como a *teiga* não custa mais do que hum ou duas horas de trabalho, e hum a rasa de madeira custa 1200 réis, por isso fazem algumas de capacidade igual ao seu alqueire do Concelho, e assim se remedeão».

(*Ibidem*, pag. 29).

XL. Comparações populares

Ardeo como canella de Ceilão.
Atira-lhe como a boy ladrão.
Cahio como hum patinho.
Caro como fogo.
Calado como toucinho em saco.
Como D. Luis Cavaco.
Como um pindaro.
Contente como gato com trambolho.
Como Deus com os Anjos.
Como a velha dos trinta reis.
Come como quem se despede.
Chorou cada lagrima como hum punho.
Dormiu como pedra em poço.
Escuro como hum corno.
Frio como hum cão.
Frio como hum corno.
Foi como hum passarinho.
Fiz-me como hum padre.
Ficou como o carrapato na là.
Ficou como o pay de Santo Antonio.
Gente como milho.
Gastou-se como canella.
He grão de milho em boca d'asno.
He um moço como as dobras de hum ceirão.
He linda como sete mil ouros.
He christão velho como hum burro.
He como os patos, que quanto mais os dão ao diabo, mais crescem.
Hade-lhe pagar mais duro que ossos.
Mocetão como um tigre.
Melhor é ser bispo, do que andar nisto.
Mais passou Nosso Senhor no Algarve.

Nu e cru como o galhano.
Orelha como telha.
Pésa como hum judeo morto.
Rir como hum perdido.
Rico como hum porco.
Tem mais dinheiro que sarna.
Tem mais dinheiro que bagasso.
Tem a barriga como hum tambor.
Tem dinheiro que é hum mar immenso.
Unha na palna da mão como trinta.

(Da obra *Infermidades da Língua*, por Manoel Joseph de Paiva. Lisboa, 1759).

XLI. Proverbios e anexins

Abana gallego, que não é para ti.
A cada canto Espírito-Santo.
Amigo que não presta, faca que não cõrta, que os leve o diabo pouco importa.
Barriga lisa, escura camiza. •
Boca que queres, coração que desejas.
Barriga cheia, pé dormente.
Bem sei quantos fazem tres.
Bem te intendo, mas não tenho copas.
Contas com Jorge, Jorge fora.
Custa mais a mecha que o cebo.
Onde cada hum ha de ir não ha de mentir.
Lá se avenha Deos com o seu mundo.
Não ha que fiar em Deos em tempo de inverno.
Não estarão todos os judeos na rua nova.
O dar doe, o chorar faz ranho.
Onde vai o pião vai o ferrão.
Paga o justo pelo peccador.
Pão de rala tambem tufa.
Para aqui, para alli, vai Pedro; para aqui, para alli, burro negro.
Tempo tem a bolla, mais quem a joga.
Tal sois vós marido, tal carne trazeis.

(*Infermidades da Língua*, por Manoel Joseph de Paiva).

XLII. Outros proverbios e anexins

Quem não tem pão, não tem cão.
Anno secco, anno de fome.
Quem pouco sabe rezar, depressa o reza.
Não tem os judeus todos nas suas casinhas.
Dura pouco a alegria em casa de homem pobre.
Quem te mette, João Topete, com a carapuça de gurumete?
Quanto mais te dão, mais amigos são.
Quem não tem arte nem officio, tem todos os vicios.
Cada um sente o seu mal.
Gloria van cresce, mas não gradece.
Os pés lá vão onde quer o coração.
Quem come fiado, descome novellos.
Quem com farellos se mistura, porcos o comem.
Se queres parecer o que és, fala; senão queres parecer o
que és, cala.
Se vires comer, comerás, metter-te na cadeia não vás.
Carne, carne cria, e não peixe d'agua fria.
Quem faz umas calças, remenda uns calções.
O céu é de quem mais faz, e o mundo de quem mais apa-
nha.
O moço que não é castigado, nem será cortesão, nem le-
trado.
De graça nem os cães entram na igreja.
Quem não especula em reaes, não ajunta cabedaes.
Se queres brilhar, cuida em trabalhar.
A agua tudo lava, menos a má palavra.
Ajuste faz lei.
A mulher e o ar andam sempre a virar.
Quem se gaba, sempre se suja e nunca se lava.
Quem tem, tem, quem não tem, não tem, dizem os sinos do
Trem.
Ou queira, ou não, ature a mècha até ao S. João.
Quem quizer comer, depenne.
Por dentro miolos de burro, por fora casquete de velludo.
Dormir, comer e trabalhar, mas em mulheres não fiar.
O que mãos não levam, paredes o dão.
Quem muito se apura, pouco dura.
Criado que gosta de figurar, não pode dinheiro ajuntar.
Com o olho vê-o e com a testa comê-o.
Guarda-te do tolo, se tens algum miolo.

Quem liso joga, liso fica.

Deus os fez, o diabo os ajuntou.

Mais ha quem suje a casa, do que quem a varra.

Quem não tem que fazer, compre uma pata e torne-a a vender.

Todos os gostos da vida são aguados.

Ha lembranças que parecem esquecimentos.

Quem mal cospe, em si cospe.

Quem não pode repousar, não pode durar.

Quem está bem não se inexe.

Nunca o castigo tarda a quem o tempo avisa e se não guarda.

Quem não quer trabalho, não quer ganho.

Separa-te do mau vizinho, e do excesso de vinho.

Quem só come o seu gallo, só sella o seu cavallo.

O vinho e o medo descobrem o segredo.

E' viuvo: tem o «Deus te perdõe» atrás da porta.

XLIII. Superstições e crenças alentejanas

O enxoval da noiva não deve ser começado pelas toalhas, porque, começando-se por ellas, desmancha-se o casamento.

Para volver a si qualquer pessoa a quem deu um deliquio dão-lhe um sapato velho a cheirar.

Para a cura da ronqueira no boi, põem a caveira de um cão sobre a cabeça do animal.

Quando a tesoura cae no chão e fica com os bicos espetados, é signal de visita.

Quando os gatos se lavam por diante das orelhas é signal de visita sem cerimonia; quando se lavam por detrás das orelhas é signal de visita de cerimonia.

Elvas,

A. THOMAZ PIRES.



AS CANTIGAS EM HONRA DO CONDESTAVEL ¹

Na *Chronica dos Carmelitas* de Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, Lisboa 1745, t. 1, mencionam-se algumas cantigas que, no dizer do cronista, eram cantadas pelo povo em honra do Condestavel, no sec. xv, á porta do mosteiro em que estamos hoje reunidos em sessão. Em tal crença foram elas reproduzidas na *Rev. Univ. Lisbonense*, iv, 568 e 576, no *Cancioneiro Pop.* de Th. Braga, Coimbra 1867, p. 9 ss. (em parte), na *Vida de Nun'Alvares* de Oliv. Martins (tambem em parte), p. 428 ss. Ultimamente o Sr. Th. Braga tornou a publicar no *Cancioneiro Popular*, II (1913), 377-378, o texto que publicára em 1867.

A respeito da sua autenticidade diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis no *Grundriss der rom. Philologie*, II, 234, nota 4:

«O silencio das Crônicas contemporaneas, tão circunstanciadas, de D. João I e do Condestavel; o ser tardia a tradição monacal, e as impurezas da linguagem das poesias: não permitem que acreditemos na autenticidade d'estas».

Discutamos um pouco miudamente o texto.

A mais antiga noticia que temos d'ele provém de um ms. de Fr. Manuel de Goes († 1595), citado por Jorge Cardoso no *Agio-logio*, III, 217, o qual se exprime assim:

«...Entoando [o povo] com muita graça (segundo as *Memorias* do P. F. Manoel de Goes) esta lettra:

El gran Condestabre
Nuno Alves Perera
Defendió Portugale
Con sua Bandera
E con su Pendone.
No me lo digades none,
Que Santo es el Conde.

Estas seguidilhas erão muitas, de que só achamos o seguinte pé com que todas rematavão:

No me lo digades none,
Que Santo es el Conde.

¹ Leitura feita na Associação dos Arqueólogos, no Museu do Carmo (Lisboa), aos 24 de Junho de 1917, em sessão comemorativa do 557.º anniversario do nascimento de Nun'Alvares. Cfr. *Lusa*, I, 62, e 78.

Certamente em Goes não havia mais nada alem do que Cardoso cita. Em seguida a estas poesias apparecem *traduzidas em portuguez* na *Chronica dos Carmelitas*, cujo A., já citado mais acima, Pereira de Sant'Anna, afirma que as transcreveu de um ms. de Fr. Jeronimo da Encarnação († 1631). De outra poesia, publicada na *Chronica*, p. 439,

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro,

Sant'Anna não nos indica a fonte. A poesia publicada a p. 469,

Santo Condestabre,
Bone Português,

foi transcrita, diz a *Chronica*, de «humã antiga memoria». A de p. 470,

Do Restello a Sacavem
Nem ningola, nem ninguém,

foi extrahida de «firmissimos monumentos». Estas expressões *antiga memoria*, *firmissimos monumentos* são as que usam os romancistas e os fabuladores quando querem inculcar a autenticidade de narrações fingidas.

A primeira cantiga, a unica que poderia passar por verdadeira, tem contra si o estar escrita em castelhano (ou o querer estar!) e não nos ser conhecida senão pelas *Memorias* do carmelita Goes, que tinha a peito glorificar a sua Ordem. Em *none, pendone, Portugale* he um e paragogico, como na poesia hespanhola da idade-media: cf. Menéndez Pidal, *La leyenda de los Infantes de Lara*, Madrid 1896, p. 418-419.

Esperar-se-hia que a linguagem das cantigas representasse a da Estremadura, poisque as poem na boca do povo dos arredores de Lisboa, e o carmelita, que as transcreve, pretende mostrar exactidão na transcrição fonetica; mas, em vez d'isso, temos nelas uma linguagem mixta, como na literatura de cordel e noutras peças dos seculos xvii e xviii, quando ai se imita inscientemente o falar plebeu: vê-se bem claro que se quis dar á linguagem tom popular e arcaico. Quando se comparam estes textos aos das *Cartas* publicadas pelo mesmo Sant'Anna na *Chronica*, l, 484 (e não se necessita de grande experiencia para conhecer que todas as cartas são grosseiramente apocrifas), nota-se que existe grande semelhança entre uns e outros: em todos se encontra *b* por *v*, o que é estranho ao dialecto da Estremadura; encontra-se tambem grande número de substantivos em

-ança, o verbo *sondes*, o verbo *fager* etc. Além d'isso ha completo acôrdo entre os *milagres* citados nas poesias de pg. 470, e os que a *Chronica* menciona a p. 486^{ss}. Ora tal semelhança é bem suspeita! Observam-se unicamente leves diferenças na linguagem: nos textos em prosa lê-se, por ex. *João'Esteves*, ao passo que nas poesias se lê *Joanne*, *Estês*, o que mostra que as poesias foram feitas d'acordo com a prosa, e que se disfarçou a linguagem d'estas, dando-se-lhe colorido popular. A *Chronica do Condestabre*, que dois eruditos sustentaram recentemente ter sido escrita por F. Lopes ¹, diz, na sua ed. de 1526, fl. 66, apenas o seguinte, a respeito dos milagres do Condestavel: «e fez muytas (sic) millagres naquell lugar honde seu corpo jaz: que som assaz denotados e manifestos». Não especifica nenhuns. A especificação, o comentario desenvolvido, veio depois. No *Condestabre* de Rodrigues Lobo, poema publicado a primeira vez em 1610, tambem nada se diz dos cantos populares, apesar de haver nesse episodio, se fosse verdadeiro, boa fonte de inspiração poetica. Narra-se sucintamente a morte do heroi, e faz-se rapida allusão ao milagre. Vid. canto xx, pg. 477, da ed. de 1785:

Ficou o corpo puro á patria terra,
Testemunhando a gloria da alma santa,
Que no sacro lugar aonde se encerra
Com milagres estranhos se alevanta,
Com grande devaçãõ a elle se afferra
A gente a quem da cruz o imigo espanta,²
Tendo por arma, contra o mal, segura
A terra desta propria sepultura.

Temos aqui menção de milagres vulgares, como com frequencia se contam dos locais onde estão sepultadas pessoas de virgude. Nada ha especial.

Assim, da análise externa e interna das poesias pôde concluir-se que elas são realmente apocrifas. Os carmelitas esforçavam-se o mais possivel para exalçar a memoria do Condestavel, seu confrade, que eles consideravam santo: o processo da cano-nização começou já a ser tratado em 1674 ³. As seguintes palavras de Pereira de Sant'Anna na *Chronica*, I, 469, a proposito dos cantos em que se apregoam os milagres do Condestavel, tem bastante significação: «sem desestimarmos semelhantes vulgari-

¹ Esteves Pereira, e Braamcamp Freire no *Boletim* da 2.^a cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, t. ix, pp. 255-256, 262 ss., e 378 ss.

² I. é: a gente a quem o Diabo põe medo, a gente que tem o Diabo.

³ Oliv. Martins, *Vida de Nun'Alvares*, p. 465.

dades, porque com ellas se prova ser tão constante a noticia dos referidos prodigios, que estes serviam de particular assunto ao applauso commum de *sua acreditada santidade*.

Estas poesias constituem pois obra de monges carmelitanos, que não nos deram nelas grande prova de sciencia, nem de virtude.

A gloria do *forte Nuno*,

Açoute de soberbos Castelhanos,
... o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor...¹

é grande e propria, fulge por si mesma, sem necessitar que se lhe juntem falsos atavios. Por isso, nesta festa simpatica, que fala aos nossos corações de Portugueses, sempre ciosos da independencia, da qual Nun'Alvares foi um dos propugnadores e sustentaculo, julguei a proposito renovar ideias que já em 1901 emiti num livro que publiquei em Paris², ideias que convém repisar, vistoque combatem uma lenda que desvirtua a pureza da Historia patria.

J. L. DE V.



¹ *Lusitad.*, IV, 14, 24, 30.

² *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 41 ss.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuado do vol. XIX, pag. 62)

XIII

Bem te conheço, pau de laranjeira

Bem te conheço a origem, as manhas, os costumes; bem sei como tu, tendo saído do nada, chegaste a alcançar uma situação próspera.

Este anexim alude à bem conhecida anedota popular do hortelão, que vendeu um tronco de laranjeira para se fazer a imagem de um santo, a qual foi depois colocada no frontispício da igreja da sua freguesia. Todos que passavam se descobriam ante a imagem, excepto o hortelão, que, de chapéu bem enterado na cabeça, ia dando aos ombros e resmungando: *Eu que te conheço, meu pau de laranjeira... e que tanta vez te lancei água ao pé...*

A anedota tem similar em França, mas referida á pereira, como se vê do dicionário de Bescherelle, que insere a locução: *Je l'ai vu poirier*, e acrescenta: *par allusion à ce que disait certain paysan des saints de bois de sa paroisse.*

Cfr. a expressão: *Conhecer alguém de ginjeira* ¹.

XIV

Caldeira [ou Caldeirão] de Pero Botelho [ou de Pedro Botelho.]

O inferno: «Tão certo como haver pardais, tem já o corpo metido no *Caldeirão de Pedro Botelho*». (Augusto Sarmiento, *Contos ao Soalheiro*).

¹ [A idea fundamental contida na anedota já ascende á antiguidade romana; e com ella se relaciona uma cantiga galega e uma portugueza. Vid. *Rev. Lusit.*, VII, 227.—J. L. de V.].

«E por seres tensoeira
E nom tomas meu conselho,
Lá verás de que maneira
Te chanta *Pero Botelho*
Na sua infernal caldeira».

(Simão Machado, *Comédias Portuguesas*, 181. Apud A. T. Pires, in *O Elvense* de 12. ix. 86).

Segundo a crença popular, há no inferno uma enorme caldeira, onde as almas são deitadas em azeite a ferver e que é chamada *caldeira de Pero Botelho* ou de *Pedro Botelho*¹. Esta locução vem em Bluteau, nas *Enfermidades da Língua*, etc. Insere-a também o dicionário de Vieira, que considera desconhecida a sua origem.

No preâmbulo do 3.º volume de uma colecção de manuscritos inéditos, publicados pela Biblioteca Pública Municipal do Porto², o director da mesma Biblioteca, José Pereira de Sampaio, depois de fazer referência áquelle passo do dicionário de Vieira, diz que, consoante os Portugueses, assim os Hespanhóis ignoravam a razão de ser desta locução — tanto assim que o licenciado Sebastian de Cobarruvias Orozco, na sua obra *Tesoro de la lengua castellana ó española*, (Madrid, 1611), diz que a locução *Caldeira de Pero Botelho*, tomada pelo inferno, se funda «en alguno particular que yo no alcanço», acrescentando: «Sospecho devia ser algun tintorero caudaloso, que hizo qualque caldera capacissima».

No ano de 1867 publicou Arnaldo Gama, n-*O Jornal do Porto*, em folhetins, uma novela histórica intitulada *A Caldeira de Pero Botelho*, que depois se imprimiu em volume. O romance — cuja acção decorre nos meados do século xvi — é a história dos amores infaustos de D. Beatriz de Moura e D. Diogo Botelho, filho daquelle Pero Botelho que, por querer entregar a illha da Madeira aos Franceses, foi pelo povo lançado, vivo, dentro de uma caldeira em ebulição.

Diz o romance, que apenas o corpo de Pero Botelho caiu na caldeira, se produziu uma explosão enorme, e a multidão fugiu espavorida, sem curar dos mortos e feridos que o sinistro

¹ Adolfo Coelho, *Rev. de Etnologia*, § 180.

² *Colecção de Manuscritos Inéditos agora dados á estampa* — III — *Fastigimia* — por Tomé Pinheiro da Veiga (Turpin). Porto, 1911.

havia sacrificado. Horas depois foi encontrada, reduzida a cinzas, a fornalha onde estava a caldeira. Tirada esta, conheceu-se que o fundo, por velho, ou por desgastado pelo fogo, havia cedido ao peso do líquido que nele fervia, de repente centuplicado pelo embate das camadas subitamente condensadas pelo baque do corpo de Pero Botelho, caindo em cheio e com força sobre elas.

Isto diziam os que pretendiam explicar naturalmente o fenómeno, sem lhes importar se em tal empenho diziam ou não uma tolice científica. «O povo, porém — prossegue Arnaldo Gama — é que não estava pelos autos. Impressionado como estava pelo horroroso espectáculo, a que tinha assistido, e vendo que o cadáver de Pero Botelho não aparecia entre as cinzas, que restavam daquele enorme brasido, declarou que Pero Botelho era um diabo encarnado, como evidentemente o provavam a sua soberba e a sua arrogância; e que a caldeira era, sem tirar nem pôr, a caldeira do inferno, a mesmíssima em que Belzebu faz cozer as almas daqueles que são condenados por blasfemarem de Deus. E daqui ficou em provérbio o ameaçar com a *caldeira de Pero Botelho* todos aqueles que, por suas obras, desejamos ou estamos convencidos que devem ir para o inferno».

Convém observar que as notas dos romances de Arnaldo Gama formam um magnífico repositório de bons estudos históricos, como disse Pinheiro Chagas, na sua *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, III, 86, nota 1, e em outras notas da mesma obra, na qual, por vezes, faz transcrições de trechos históricos daquele romancista.

XV

Chupado das bruxas

Variantes:

- a) **Chupado das carochas.**
- b) **Vomitado das carochas.**

Diz-se das pessoas magras e macilentas: «Divirta-se e coma-lhe bem, que anda aí magro que parece *chupado pelas bruxas*». (Camilo, *Coisas Espantosas*.) — «Veyo dar comigo, aquelle desestrado desde casou, parece que *chupado das carouchas*». (António Ferreira, *Ciosa*, act. II, sc. 2.)

Estas locuções fundam-se na crença popular de que as bruxas (também pelo povo chamadas *carochas*), chupam o san-

gue ás crianças de peito, salvo ás que trazem certos amuletos, ou são submetidas a benzeduras e outros exorcismos.

As bruxas entram pelo buraco da fechadura ou pelos buracos do telhado, e chupam o sangue ás crianças, de noite, matando-as pouco a pouco de inanição, ou de súbito se chupam desarrazoadamente, sem que as mães dêem por semelhantes malefícios.

Quando a criança se apresenta magra e com equimoses no corpo, especialmente nos membros inferiores, crê o povo que ela está *embruxada* e que as equimoses são o vestígio de mordeduras feitas pelas bruxas, para lhe sugarem o sangue.

Num conto intitulado *O fradinho da mão-furada*, publicado no *Arquivo Pitoresco*, v, 3, o diabo censura fortemente uma bruxa por ter sugado o sangue de uma criança já baptizada, deixando-a sem vida. O diabo increpa a bruxa, chamando-lhe «monstro indigno do seu favor e do título de bruxa», e ameaça-a de a sepultar nas profundezas do inferno, por ela não ter deixado que a criança vivesse até à idade de pecar. A bruxa desculpa-se, alegando que fizera grandes diligências para executar a sua maldade antes do baptismo, mas que os pais da criança lh'o haviam impedido, espalhando mostarda pela casa, levantando os ferrolhos das portas e pondo espadas nuas nas entradas delas — se não é, diz a bruxa, que procedeu semelhante efeito da virtude de alguma relíquia ou saimão que se tivesse pôsto ao infante.

O conto revela — e é, efectivamente, a crença do povo — que as bruxas atacam, de preferência, as crianças que estão por baptizar. E fazem-no quando nos aposentos não haja luz, visto que só no meio das trevas podem exercer a sua acção. Por isso, em S. Mamede do Monte, no Caramulo, quando nasce uma criança se tomam as seguintes precauções, como narra A. F. Castilho no preâmbulo ao *Presbitério da Montanha*: «Por todos os oito dias e oito noites que precedem o baptismo, é escrupulosamente velada, (a criança) para que não venham bruxas mal-fazejas a chuchá-la. Para êsse fim se mantêm de sol a sol candeia bem esperta; e ao clarão dela, com os olhos fitos no inocente, e quasi sempre em pé para que os não tome o sono, se revezam a uma e uma, fiando na roca, as amigas da casa. Algumas sabem versos muito bons contra malefícios, que vão entoando com a sua cantilena própria, enquanto com a ponta do pé embalam brandamente o bercinho. Algumas fôlhas de oliveira ou palma,

que figuraram no altar em Domingo de Ramos, queimadas nesta ocasião, diz-se que também provam muito bem, assim como seus borrifos de água benta pelas portas e janelas».

Em Famalicão (Minho), quando uma criança morre e se supõe que foi chupada pelas bruxas, não se diz que morreu, mas põe-se a ferver, numa panela barrada, a roupa da criança, e a mãe varre a casa ás-avessas (da porta para dentro) e diz:

*Assim como eu na minha casa ando a varrer,
Assim quem matou a minha menina (ou o meu menino) aqui
venha ter.*

Depois a bruxa aparece, e dão-lhe muita pancada.

Esta versão vem narrada por Leite de Vasconcelos, nas suas *Tradições populares de Portugal*, § 380, onde se lê o seguinte conto:

Era uma vez uma mulher que tinha um menino, e era vizinha de uma bruxa. Um dia disse-lhe a bruxa: «Queres que as bruxas não façam mal ao teu menino? Diz muitas vezes isto todos os dias:

Reconcol, reconquista,
ao redol desta casa
anda S. João Baptista.»

A mãe ficou muito contente; e no outro dia, logo pela manhã, quando foi vestir o menino, disse a fórmula, mas em vez de dizer «ao redol [ao redor] desta casa», disse «ao redol desta comarca»; por isso a bruxa foi ter com ela e pediu-lhe que não dissesse *comarca*, mas dissesse *casa*, porque, senão, elas não podiam fazer mal a ninguém. A mulher assim o fez, e o seu menino era o mais gordo de todos, porque as bruxas iam chupar o sangue aos outros.

A superstição de que as bruxas chupam o sangue às crianças é comum á Galiza, como se vê de uns versos de Murguia (*Cantares Galegos*).

XVI

Comer a dois carrilhos

Tirar dois proveitos ao mesmo tempo. || Receber beneficios de dois partidos contrários. || Exercer dois empregos ou duas indústrias.

A fôrma popular é *carrinhos*, que se encontra em Abel Botelho, *Próspero Fortuna*, cap. II: «... e agora vereis!... já hoje *come a sete carrinhos*».

Os Hespanhóis dizem *comer a dos carrillos*. Como *carrillo* significa «bochecha», lembrou A. T. Pires (*Rev. Lus.*, IX, 390) que a nossa locução pode ter vindo do castelhano; e no vol. XII da mesma *Rev.*, pag. 181, apresenta, em refôrço da sua opinião, os seguintes versos de um romance de Jerónimo Baía, a pag. 96, tomo IV, da *Fénix Renascida*:

Depois que vos fes a idade
tão ermitães os carrilhos,
que não mais dente com dente
posto que tremais de frio...

Efectivamente, na colecção de Rolland vem *comer a duas faces*, ou *a dous carrilhos*.

Francês: *Manger à deux râteliers*.

Inglês: *To take double fees*.

XVII

Correr Seca e Meca

Variantes:

- a) **Correr Seca e Meca e olivais de Santarém.**
- b) **Correr Seca e Meca e vales de Santarém.**

Andar por diferentes terras, por aqui e por acolá. || Vaguear, fazer digressões ao acaso. || Espalhar-se, generalizar-se, propagar-se: «Estas passaram palavra ás outras, e assim foi a nova correndo Seca e Meca e olivais de Santarém». (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro*).

¿Quais são a Seca e a Meca a que se referem a locução e suas variantes?

Suponho que é ponto ainda não esclarecido.

Os dicionários de Faria, Lacerda e Morais, inserindo a locução *correr Seca e Meca*,¹ disseram tratar-se de Ceca, em Hespanha, e da Meca asiática, mas essa suposição foi condenada por

¹ O primeiro escreveu *Ceca*.

absurda, pela impossibilidade de uma origem popular, no dicionário de Fr. Domingos Vieira ¹, segundo o qual melhor seria pensar em *Asseca*, que, por aférese, daria *Seca*, pronunciada primeiramente *Sêca*, e depois *Seca*, por influência de Meca. Informa o mesmo dicionário que Asseca e Meca são povoações nas proximidades de Santarém.

Adolfo Coelho ², é também de opinião que se deve explicar *Seca* por *Asseca* e cita, a propósito, a Ponte de Asseca, perto daquela cidade, o rio Asseca, no Algarve, e sítios assim chamados; refere ainda que *Seca* aparece, como nome de lugar, nos distritos de Viana do Castelo e Beja, e fala de Meca (Santa Quitéria de Meca) no concelho de Alenquer, que é, afinal, a Meca acima referida e que o dicionário de Vieira erradamente coloca nas proximidades de Santarém.

Já Garrett tentára esclarecer a locução, nas *Viagens na minha terra*, I, cap IX, escrevendo, a propósito da Ponte de Asseca, próximo de Santarém: «Ora de onde veio êste nome de Asseca? Algures aqui perto deve de haver sítio, lugar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e daí talvez o admirável rifão português que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que de certo encerra algum grande ditame de moral primitiva: «andou por *Seca* (*Asseca*?) e Meca e olivais de Santarém. «— Os tais Olivais, ficam logo adiante. E' uma etimologia como qualquer outra.»

Citando a forma hespanhola *Correr Seca y Meca*, opina Adolfo Coelho ³, que a locução pode ter passado de nós para Hespanha.

E' uma hipótese.

Se a locução se originou em Portugal, é evidente que não pode referir-se à Ceca de Hespanha, nem à Meca da Ásia. Em tal caso, parece também inadmissível qualquer relação com a Asseca de Santarém ou com a Meca de Alenquer, visto que, significando a locução *correr muitas terras*, não pode restringir-se a sua referência a uma área relativamente tão pequena. Por mera hipótese ocorre lembrar Meca, do concelho de Viana do Castelo, e Asseca, na freguesia de S. Tiago de Tavira, localidades em pontos opostos do nosso país e entre as quais há tal distância.

¹ Ed. de 1871-74.

² *Pedagogia do Povo Português*, in *Portugália*, I, 490.

³ *Idem*, *Ibid.*

que quem quisesse ir de uma para outra seria, efectivamente, obrigado a *correr muitas terras*.

Olivais de Santarém e *vales de Santarém* apareceriam então, nas variantes a) e b), como referências a um ponto intermédio daquelas localidades.

E' certo que esta versão carece de fundamento sério, atenta a insignificância de qualquer daquelas terras, que são pouco conhecidas; mas a Ponte de Asseca, de Santarém, e a Meca, de Alenquer, são também localidades de pouca nomeada, havendo em favor desta última apenas a notoriedade, por assim dizer regional—que desde tempos longínquos lhe trouxe a crença popular—de Santa Quitéria (seu orago) ser advogada contra a mordedura do cão danado.

Creio também que a locução nos viesse de Hespanha, onde se diz *andar de zeca en Meca*¹, *de Ceca en Meca*, e *de la Ceca á la Meca*.

Zeca foi o nome que os mussulmanos deram à grande mesquita de Córdoba, primeira do mundo depois de Meca, e ambos estes dois grandes templos eram concorridos por enorme número de peregrinos, que, para os visitarem a ambos, isto é, para *correrem Zeca e Meca*, tinham de sujeitar-se a longas viagens, que as dificuldades de transportes e o atrazo da viação doutros tempos, tornavam mais penosas e mais demoradas.

Se a locução veio de Castela até nós, parece-me então aceitável que, por identidade de denominações locais, se tivesse substituído a *Zeca* hespanhola pela *Asseca* de Santarém, e a *Meca* asiática pela *Meca* de Alenquer, associando-se-lhes os *vales*, ou os *olivais*, de Santarém como modificação vulgar nestas locuções.

XVIII

Dizem os sinos de Santo Antão: || “por dar dão,”

Ou:

«Por dar, dão» — dizem os sinos de Santo Antão.

Ambas as formas veem em Rolland.

O *Vocab.* de Bluteau insere: *Os sinos de Santo Antão, por dar dão* — e explica que se diz assim para mostrar que há pouca

¹ Salvá, *Gramatica de la lengua castellana*, Paris, 1887, p. 250. Salvá cita ainda a locução hespanhola, equivalente, *andar de zecas en colodrus*.

generosidade verdadeira, que não dê para que lhe correspondam.

NOTA

O povo costuma traduzir em linguagem o toque dos sinos. Assim, quando dobra a finados, os sinos dizem:
No Pôrto:

- Morreu uma vélha,
- morreu uma vélha.
- ¿Que nos deixou ela?
- Uma manta vélha.
- ¿Como a partiremos?
- De lombo a lombo ¹.

Em Trás-os-Montes:

- Morreu a vélha...
- ¿Que te deixou?
- Uma manta vélha ².

Em Oliveira de Azeméis:

- Cà morreu um pó... ó... bre...
- ¿Que te deixou... ó... du?
- Z-uma manta vé... é... lha...
- Partimo-la, partimo-la! ³

Quando o sino grande dos Bernardos, do Pôrto, tocava ao côro, ou quando a garrida das freiras beneditinas chamava a vésperas, o povo percebia nesses sons graves e estridentes um singular diálogo. Dizia o sino grande: *Nós temos boa sopa! Nós temos boa sopa!* Respondia a garrida: «*Porque tendes orelheira! Porque tendes orelheira!*» ⁴

O costume de traduzir em linguagem o toque dos sinos existe noutros países.

Segundo G. Pitre, «una campana di Palermo, che sonava verso l'ora della scuola, secondo il popolo, diceva: *Don Pepé, Scola c'è* (bis). Un'altra d'un monastero di Clarisse: *Semu bati* (*malate*) (bis).» Cf. também *Rev. Celtique*, III, 215 ⁵.

¹ Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 286.

² Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 342.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 286.

⁵ Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, nota 221.

Na Sicília :

Dissi la campana a lu battagghiu :

Dammi tu prima, ca ti dughu poi ¹.

No século xvii dizia-se, também na Sicília: *La campana di Manfredonia dici: dammi e danti; e si vôi praciari, fanni* ².

Dizem os Ingleses: *As the bell clinketh, so the fool thinketh.*

Os Franceses teem a locução: *Il est comme une cloche, on lui fait dire tout ce qu'on veut.*

XIX

Em papos de aranha

Atrapalhado, sem saber o que fazer. || Azafamado, atarefado.

Primitivamente significou — *andar com muito cuidado por uma coisa*. Assim, dizia-se também: *trazer uma pessoa* (ou *uma coisa*) *em papos de aranha*; *andar com alguém em papos de aranha*.

Houve quem preconizasse a forma *em palpos de aranha*, que foi rejeitada pelo dr. Gonçalves Guimarães e, depois, por Gonçalves Viana, ambos eles notáveis eruditos. Êste último sustentou no 2.º vol. das suas *Apostilas*, que a substituição da forma popular *papos de aranha* por *palpos de aranha*, foi uma lembrança desastrada, em que mais preponderou o raciocínio do que a observação dos factos, e que a emenda é inadmissível, visto que, sendo o anexam popular, nele não podiam entrar palavras que o não fossem. Ora *palpo*, diz Gonçalves Viana, é termo muito moderno e de introdução artificial, que Bluteau não registou, porque até o seu tempo não havia sido admitido na lingua, pois foi colhido ao depois no vocabulário latino: *palpum*, afim de *palpare*, cujo correspondente popular é *poupar*; devendo, consequentemente, o *palpum* ter produzido *poupo*, evolutivamente, e não *palpo*.

Cândido de Figueiredo, que também perfilhára *palpos de*

¹ G. Pitté, *Proverbi Siciliani*.

² Idem, *ibid.*

aranha ¹, veio depois a concordar com a opinião daqueles filólogos ².

Silvestre Algarvio — pseudónimo de alguém muito esclarecido que deu a lume, no antigo jornal lisbonense *Novidades*, uma série de artigos sob o título *Miscelânea de filologia portuguesa* — rejeitou igualmente a forma *palpos* e, ainda, a de *papos* ³, optando pela forma primitiva, que não seria *papos* nem *palpos*, mas sim *pappo*, do latim *pappu-s* ou do grego *páppo-s*, que designava uma espécie de tufo ou penacho filamentoso que coroa o fruto de certas plantas da família das *compostas*, como a *leituga*, o *cardo* e outras, e depois, por extensão, qualquer corpo lanoso ou penugento, como o algodão em rama, a lã aberta, etc. Segundo Silvestre Algarvio, é neste sentido que empregamos *pappos*, na denominação dos cobertores de lã felpudos e macios, os cobertores de *pappo de lã* ou simplesmente *cobertores de pappo*. (Cf. *andar envolvido em pappos*, expressão que também se emprega — diz o articulista).

Prossegue Silvestre Algarvio: «Assim *pappo de aranha* (cf. *pappo de lã*, *pappo de algodão*, etc.) é uma expressão metafórica, com a qual o povo alude à *teia de aranha*, dando a entender que ela é tão macia e delicada, como a penugem, o cotão, o algodão em rama e outras substâncias semelhantes, de que muitas vezes nos servimos para envolver os objectos delicados e estimados, cuja superfície é necessário proteger da pressão ou contacto dos objectos contíguos. Por isso se diz: *trazer uma coisa* ou *andar com uma coisa em pappos de aranha*, isto é, andar com muito cuidado, com muito empenho por uma coisa, e *por extensão*, andar com diligência, andar azáfamado por ela».

Cândido de Figueiredo, nas suas *Lições Práticas*, 2.^a ed., p., 105, repele em absoluto a teoria de Silvestre Algarvio, apodando de «arrojada» a metáfora que este descobre em *pappos de aranha*.

A despeito dos defensores de *palpos* e de *pappos* — *papos de aranha* é que continua a ser a forma geralmente usada e genuinamente popular.

¹ *Lições práticas da língua portuguesa*, 2.^a ed. p. 106.

² *Diário de Notícias* de 3-X-907, secção *Falar e escrever*.

³ *Novidades*, de 31-VIII-91.

XX

Fia-te na Virgem e não corras...

Ou:

a) **Fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas.**

b) **Fia-te na Virgem e não corras, saberás os pontapés que levas.**

Cândido de Figueiredo recolheu, no suplemento ao seu *Dicionário*, a forma trasmontana: «*Finta-te na Virgem e não corras...*», em que *fintar-se* equivale a *fiar-se*.

Diz A. T. Pires, n-*O Elvense*, n.º 587, que o anexim *fia-te na Virgem e não corras* tem origem na velha anecdota de uns rapazes que roubaram umas melancias, um dos quais, deitando a fugir, gritava para o outro: *Fia-te na Virgem e não corras, saberás os pontapés que levas*.

Eu creio que, efectivamente, o anexim deve ter origem anecdótica, e por isso apresento estoutra versão, que colhi da tradição oral, em Lisboa:

O prior de uma freguesia rural, e muito povo, retiravam de uma romaria, quando a curta distância apareceu um toiro que andava tresmalhado da manada.

O padre subiu para uma árvore, e os romeiros trataram de fugir para onde poderam, excepto uma mulher, que, ajoelhando-se próximo da árvore onde o padre estava alcandorado, exclamava, de mãos-postas e com os olhos no céu:

— Virgem Santissima, valei-me!

Foi então que o padre lhe disse, de entre a ramagem:

— Fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas!

XXI

Falar francês como uma vaca espanhola

Falar muito mal o francês, e, por extensão, falar muito mal qualquer outra lingua estrangeira.

Esta locução veio-nos de França, onde é corrente dizer-se

parler français comme une vache espagnole, corruptela de *parler français comme un basque espagnol*.

Aos Biscainhos (habitantes das duas vertentes dos Pirinéus ocidentais, tanto do lado da França como do da Hespanha) dava-se antigamente, em França o nome de *vace*, quer aos Franceses, quer aos Hespanhóis.

Assim, *parler français comme une vache espagnole* é propriamente, *parler français comme un vace* (ou *basque*) *espagnol*.

O vasconço, ou biscainho, foi durante muito tempo considerado como não tendo nenhuma relação com as línguas conhecidas. Os Biscainhos deviam ter grande dificuldade em falar as línguas das regiões vizinhas; e, quanto ao francês, devia ser muito mais estropiado pelos Biscainhos hespanhóis do que pelos Franceses, os quais, pelo menos, ouviam falar o francês nas regiões confinantes ¹.

XXII

Guarda-te de mula que faz «him», || e de mulher que fala latim

Variantes:

a) **Cabra que faz «mé», || mula que faz «him», || mulher que sabe latim, || libera nos, Domine!**

b) **De mula que diz «him!» «him!» || e de mulher que sabe latim, || tem barbas ² e grande pé, || libera nos, Domine!**

c) **De mula que faz «him», || e de mulher que fala latim, || libera nos, Domine!**

d) **Mula que faz «him» || e mulher que fala latim, || raramente tem bom fim ³.**

e) **Mulher que sabe latim || e burro que diz «him», || nunca êles terão bom fim.**

¹ Veja L. Martel, *Petit recueil des proverbes français*, § 169 e dicionários de Bescherelle, Littré e Larousse.

² Cf. os prov. a) *A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saíam*; b) *A mulher barbuda, não des pousada*.

³ Em Rolland e em Bento Pereira: *Mula que faz him, e mulher que fala latim, raramente ha bom fim*.

f) **Da mulher que sabe latim, || da mula que faz «him»,
|| e do borrego que faz «mé», || libera nos, Domine!**

Cf. *Guarda-vos Deus de moça adivinha e de mulher latina.*

Hespanhol: *Dos cosas tienen mal fin: El niño que bebe vino, e mujer que habla latín.*

Franceses: a) *Femme qui parle latin, soleil qui luit tard au matin, et enfant nourri de vin, ne viennent à bonne fin*; b) (Armagnac) *Hillo que landro, taulé que brando, e hemno que parlo latin, toustem haran ou triste fin*¹; c) (Rouergue) *D'uno miolo qui fo hi, d'uno fenno qui parlo loti, mesfiso ti*².

Italiano: (ant.) *Dio mi guardi da mula che faccia hin hin; da Bora, e da Garbin; da donna che sappia latin*³.

Cf. o prov. latino: *Odi faeminas litteratas.*

Os antigos Portugueses não tinham em boa conta a mulher que *sabia latim*, acêrca da qual também se não formava bom conceito em França, na Itália e em Hespanha, como os provérbios aqui agrupados demonstram.

Conta D. Francisco Manuel de Melo, na *Carta de guia de casados* (ed. do Porto, 1873, pag. 119): «Ouvi um dia caminhando, e não era elle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os philosophos, para citar estes auctores) enfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim».

Comenta o mesmo autor: «O riso, e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar d'ella; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que damna; mas o que comsigo traz de outros saberetes envolto aquele saber».

A seguinte anedota, ainda referida por aquele escritor (obr. e ed. cit., pag. 120), mostra o modo de pensar de antigos Portugueses a respeito do latim e das mulheres: «Confessava-se uma

¹ Bladé, *Contes et proverbes populaires recueillis en Armagnac.*

² Duval, *Proverbes patois en dialecte du Rouergue.* Rodez, 1845 (Apud Eugène Rolland, *Faune Populaire de la France*, IV, 272).

³ Pescetti, *Proverbi italiani*, Venetia, 1611. (Apud Eugène Rolland, obra e local citados na nota anterior).

mulher honrada a um frade velho, e rabujento; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: Sabeis latim? Disse-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes? Respondeu-lhe: Casada. A que tornou: Onde está vosso marido? Na Índia, meu Padre (disse ella). Então com agudeza repetiu o velho: Tende mão, filha: sabeis latim, criaste-vos em mosteiro, tendes marido na Índia? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vós é força que tragaís muito que dizer, e eu estou hoje muito depressa».

Teófilo Braga, na sua *História de Camões*, parte 1, cap. IV, diz que no tempo do Poeta havia na corte portuguesa a monomania do latim, que as damas da corte estudavam por moda, e cita os nomes de várias cortesãs que mais se notabilizaram como latinistas, entre as quais Luísa Sigêa e Joana Vaz, que se encontravam com assentamento nas moradias da casa da rainha D. Catarina, com o título de *latinas* e o ordenado de seis mil réis.

No seu livro *Vida de la Señora Infanta Dona Maria*, escrito em hespanhol e publicado em 1675, dá Frei Miguel Pacheco uma longa lista das damas e fidalgos que pertenciam à casa da última filha de D. Manuel I, lista que é consagrada, em parte, às *damas latinas* que formavam a corte literária da Infanta.

Eu creio que a má vontade dos antigos contra as mulheres que sabiam latim—isto é, contra as mulheres eruditas—provinha, principalmente, da presumível circunstância de elas descuidarem mais ou menos as coisas da vida caseira e familiar, para se entregarem ao estudo do latim, a que a moda da corte as obrigava.

Entre o povo rude das nossas aldeias, existe ainda a crença de ser prejudicial para as mulheres o sabrem ler e escrever. Provavelmente este raciocínio obedece, em parte, à idea de que a mulher que lê e escreve se alheia um tanto dos trabalhos domésticos; e já tenho ouvido a gente do povo, que o saber ler e escrever facilita às raparigas o conhecimento de muitas coisas imorais e lhes proporciona o cnsejo de manterem com os namorados certos entendimentos e confidências que as podem levar à desgraça. Lá disse D. Francisco Manuel num dos trechos transcritos: «...o latim não é o que damna; mas o que consigo traz de outros saberetes envolto aquelle saber».

XXIII

Dar ás de Vila Diogo

Ou:

Tomar as de Vila Diogo.

Dar aos calcanhates, fugir; retirar-se apressadamente: «... de sorte que a bruxa... via-se obrigada... a dar ás de Vila Diogo, para não travar relações com as arimas de Santo Estevão». (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro*).

No *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise*, de Joseph Marques (Lisboa, 1758) vb. *pié*: *colher as de Villadiogo*.

A forma *atar as de Vila Diogo* é censurada pelo autor das *Infermidades da lingua* (1754).

Em hespanhol: a) *Tomar las de Villadiego*; b) *coger las de Villadiego* ¹; c) *Tomar las calças de Villadiego* (século xvii) ².

No mesmo sentido dizem os Franceses: a) *Prendre le chemin de Saint Jacques* ³; b) *Faire Jacques des loges* ⁴; c) *Prendre la clef des champs*.

Na opinião de Gonçalves Viana, (*Apostilas*, II, 540) a frase *dar ás de Vila Diogo* deve ser castelhana e ter vindo para Portugal juntamente com outras, nos tempos em que essa lingua era familiar entre nós.

Da circunstância de a locução existir em Hespanha com significado igual ao da nossa, de haver naquele país, com o nome de Villadiego, uma vila na provincia de Leão e um logar na de

¹ Uma velha locução hespanhola dizia *tomar las calças del martillado* ou, sómente, *tomar las del martillado*, que se encontra na obra de Vicente Espinel (1551-1634) *El escudero Marcos de Obregón* e que significa «por-se a caminho, fugir». Transcrevo de um artigo de Jálilo Monreal, publicado em *La Ilustración Española y Americana*, ano xxiv, n.º xxv, onde se explica que *martillado* querê dizer «o caminho», porque os viajantes peões e os animais *le martillan ó golpean continuamente con los piés*.

² Vem nas *Cartas de Blasco de Garay, hechas en refranes*, publicadas com os *Refranes*, de Hernan Nuñez (Madrid, 1619).

³ J. I. Roquette, *Dic. português-francês* (1896) vb. *tomar*.

⁴ *Dic. de Bescherelle*, vb. *Jacques*.

Burgos, e de não existir em Portugal nenhuma vila ou outra povoação ou localidade que tenha por nome Vila Diogo, conclue Gonçalves Viana que a frase é simplesmente traduzida para português, a êle acomodada e alterados os termos mas não o significado.

Nota aquele escritor que em ambas as linguas a frase é elíptica, pois não declara aquilo «a que se dá» ou «aquilo que se toma». De mais, observa Gonçalves Viana, surge na frase portuguesa, a mais que na castelhana, o embaraço do verbo, que naquela não apresenta sentido claro, visto que *dar a* pode ser entendido no seu significado primário de *outorgar*, ou como verbo intransitivo acompanhado de complemento circunstancial de instrumento, como em *dar à bomba*, *dar à manivela*, *dar à língua*.

Voltando à locução hespanhola: ¿Que substantivo plural feminino está subentendido em *dar às de Vila Diogo*?

Sigamos Gonçalves Viana:

No *auto dozeno* de uma celebrada peça anónima intitulada *Comedia de Calisto y Melibea*, melhor conhecida pelo nome de *Celestina*¹, há uma scena em que Semprónio e Parmeno, ambos guarda-costas de Calisto, travam um diálogo entre si, no qual cada um se manifesta extremamente pusilânime, e os dois planeiam fugir. Diz Semprónio para o companheiro: «Anda, no te penen a ti esas sospechas, aunque salgan verdaderas. Apercíbete a la primera boz que oyeres, tomar calças de Villadiego».

Responde Parmeno: «Leydo has donde yo; en un corazón estamos. Calças traigo, y aun borzequies desos ligeros que tu dizes, para mejor huyr que otro».

«Por êste diálogo—observa Gonçalves Viana—ficamos sabendo já qual é o substantivo feminino plural, que no prolóquio castelhano está elidido; acrescentado a êle, resulta a seguinte expressão: *tomar las calzas de Villadiego*, isto é, *ningunas*; e como comentário do outro interlocutor, nem calças nem borzequins, portanto *pernas* e pés descalços, para correr mais à vontade. A frase castelhana deve pois interpretar-se: —*tomar las piernas*, e a portuguesa —*dar às pernas*, correspondendo ámbas a *fugir a sete pés*, modo de dizer êste último que também carece de explicação satisfatória».

Francisco Pedro Brou, no seu *Lexicon Latino-Português*,

¹ Cf. a expressão *Artes da madre Celestina*.

(Pôrto, 1900) vb. «mando», registou a forma *dar às de vi lá Dio-go*, certamente por lapso de revisão.

No seu livro *Origens de Anexins* (Lisboa, 1909), pag. 67, Castro Lopes atribui ao ditado uma origem anecdótica, que não convém deixar passar em julgado.

Diz que em 1808, estando os Hespanhóis entrincheirados em Gamonal, caiu sobre eles o grosso do exército Napoleónico, fugindo a tropa e o povo para Lerma (província de Burgos). No meio da confusão, apareceu uma «señorita» de *Villadiego*, perguntando pelo seu Gil Garcia, capitão do exército hespanhol. Alguém lhe disse que ele fugira, tomando para as bandas de Lerma, ao que ela retorquiu: «No: al contrario; el *tomó las de Villadiego*; y fue solo por me salvar; si, yo me vuelvo bien cierta de encontrarlo en mi casa; el *tomò las* (bandas) *de Villadiego*».

Para se ver o erro em que caiu Castro Lopes, basta notar-se que ele dá como origem da locução um incidente que diz ocorrido nos princípios do século XIX, quando a expressão era já conhecida em Hespanha pelo menos desde o primeiro quartel do século XVII, como se vê da nota 2 e da forma a ela referida.

Loures, 10-11-918.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.



MISCELANEA

Etymologische Einfälle

Lembranças apenas. Ideias. Criações de um momento. Etimologias sem documentação alguma. Eis o que são as Nótulas que hoje ofereço aos leitores desta Revista. Exemplos característicos da invencionice caprichosa e bem-humorada que distingue a mocidade academica. Foi em contacto com os meus ouvintes que, em qualquer das minhas *Lições de Filologia portuguesa*, no constante empenho de lhes apresentar e explicar formações linguísticas privativamente portuguesas,—amostras daquele vegetabilismo exuberante, de ingenua espontaneidade que distingue as artes e letras nacionais—oportunamente lancei (ou *trovei*) as origens de *piegas*; *caturra*; *cábula*; e *caloiro*.

Se as minhas ideias (ou *trovas*) tiverem o aplauso dos poucos que tem consciencia do duplo aspecto psico-físico da fala humana, como da multidão e da valia dos momentos artisticos, (construtivos e musicais) que actuam nas palavras como exteriorizações de conceitos, com individualismo e arbitrariedade, estas *Lembranças* passarão documentadas até onde me fôr possível, do limbo das *Miscelâneas* para o recinto das *Contribuições para o futuro Diccionario Etimologico das linguas peninsulares*.

Lá figurarão junto às explicações que pouco a pouco fui dando de *meigo* e de *saudade*, de *mouco* e *pario*, de *condão* e *consoada*, de *lazarento* e *chispêtlêo* e outros termos familiares, em que não se verificam apenas evoluções fonéticas, materiais, mechanicas, mas a par delas influxos analogicos, espirituais, psicologicos, de sorte que são criações novas.

1. *Piegas*.

Esse nome, substantivo e adjectivo uniforme, que qualifica uma pessoa de *amimada*, *niquenta*, de *sentimentalidade excessiva*, e deitou duas ramas *pieguice*, e *piegueiro* (usado no Brasil para definir gente meiga e acariciadora, de affectuosidade infantil), tem o sabor da fecunda terra patria e, se não me engano, arraiga fundo na historia. Por isso mesmo é exclusivamente português. Relativamente moderno. Só figura em obras posteriores a Bluteau e Moraes. Não me lembro, pelo menos, de o haver en-

contrado em Quinhentistas ou Seiscentistas. *Popular e de origem incerta*, dizem os poucos que o plantaram nos Campos santos dos Dicionários modernos.

A construção parece-me absolutamente isolada. Se lhe procuro rimas, encontro apenas pluraes de nomes, e segundas pessoas de verbos, (*adégas — entrégas* etc.). Se a decomponho num tema *pieg-* e na desinencia *-as*, pensando em *Maricas* e *Mariquinhas*, não dá nada, visto que *pieg-* não existe. Pelo contrário, dá muito, elucida o acto da geração, como um relampagos se separarmos *pi* = *pio* e *-egas* = *Egas*.

O *pio Egas*. Egas Moniz, o aio de Afonso Henriques, cuja piedosa lealdade fez que os poetas epicos o comparassem ao *Pio Eneas* de Vergílio, que nas costas levara de Troia o velho pai Anquises, conduzindo á direita o pequeno Ascânio e á esquerda Creusa, sua mulher.

Teremos de procurar o Pío Egas na *Afonseida* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos.

E se lá não descobrirmos o ponto de partida, teremos de supô-lo nas Aulas universitarias, ou nas dos Seminarios.

O inventor é nesse caso desconhecido. Os elementos, são todavia, clarissimos: lat. *pius* e o nome proprio luso-iberico *Egas*.

2. *Caturra*.

Tambem esse substantivo (por ora só masculino, apesar de terminar em *a*) é, a meu ver, um nome-próprio transformado em apelativo.

Sofreu todavia modificação de forma, mais incisiva do que o *Pio Egas*.

Na passagem desse a *piegas* foi suprimida apenas a vogal final do primeiro elemento que, estando em proclise ou intimo nexos com o segundo elemento, perdeu a sua independencia, a sua alma: o acento.

Em *Caturra*—que, desde já seja dito, não é senão um *Catão* de segunda ou terceira categoria, e muita vez mero Pseudo-Catão—houve substituição do sufixo originario *-ão* (*-om* até 1500), augmentativo na apparencia, por *-urra*, elemento de uso mais popular, de sentido mais grosseiro, e musicalmente tambem mais rude.

Quanto ao significado, *Cato Maior* fôra o archi-rigorista da república romana, o Censor destemido e providente que, lançando contra a assustadora prosperidade de Cartago o seu *ceterum censeo*, provocara as guerras pûnicas. Mas em Portugal *Ca-*

tão passou a ser, quanta vez, um mero affectador de austeridades. Em linguagem estudantina, *Caturra* designa a pessoa, em regra idosa, que, aferrada a ideias antiquadas, gosta de censurar todas as modernices; é amiga de discutir e criticar, teimosa, pedantesca, e difficil de satisfazer.

Ignoro a data do nascimento do primeiro *Caturra* português. Mas não acho improvável que ela se encontre na breve época áurea dos Humanistas e da Universidade de Coimbra, de 1537 a 1540 — pouco depois do aparecimento portanto em Veneza (1534) do *Livro da Velhice*, chamado *Catão Maior* ¹.

O sufixo *-urro -urra*, despectivo como todos aqueles cuja tónica é o soturno *-u-*, faz parte de um grupo diatónico de origem ibérica *-arro, -erro, -orro*.

Mas da lingua latina viera-nos, inalterada, uma formação modelar, isolada embora, o vulgarismo *saburra*.

E se *saburra* era areia ou saibro *sab-ulum*, de grão tão grosso e pesado que servia de lastro aos navios,

Cat-urra bem pode ser um *Cat-ão* ... de marca g ².

3. *Cábula*.

É contra-nome de *rábula*. Réplica humorística, certamente num improviso, de qualquer incipiente advogado. Reconheço nele reminiscências da formula vulgar *de rabo a cabo e de cabo a rabo*.

Todos sabem o que era o *rabula* (ou *ravula*) latino, do tempo de Cicero e Quintiliano. Um caudidico declamador e ladrador; um linguarudo que conhecia e empregava todos os artificios da chicana, mas sobretudo, sem nada dizer, e concluir, falava muito; tanto mesmo, que sua voz enrouquecia: *ein schreien der Sachwalter; ein Zungendrescher*.

Da sua voz estridula — da raiz *rav-* de *raveus* (onomatopaica) é que lhe veio o nome (segundo Havet e Alois Walde).

Não tenho prova de que *cabula* designasse a principio aquele que nada dizia porque nada sabia e estudava, e o advogado liviano que não ligava grande importancia às questões de que tratava.

Hoje o nome masculino (subst. e adj.), designa: o que não

¹ O original é de Cicero, que os estudantes tratavam de *Ciparrão*; a tradução portuguesa, de Damão de Goês, é dedicada ao Conde de Vimioso, o *Senteneloso*.

² Como imitações, posso lembrar apenas *panturra, bandurra, casmurra* (a par do mais usado *casmurro*); *fanfurria* (= *fanfarrão*), *calcurriar*, e como parcelas do Dicionario Castelhano: *baturro, ceburro, chapurrar, despachurrar, despanzurrar*.

estuda nem frequenta assiduamente as aulas; e por extensão: o que ardilosamente se esquivava a quaisquer obrigações. Como fem., *cabula* é a falta de assiduidade ás aulas e de aplicação nos estudos.

A *rabular rabulice* correspondem *cabular, cabulice*. E de *caturra* também se tirou *caturrar, caturrice* e *caturreira*.

4. Caloiro.

Creio que *caloiro* está por *calvoiro*. A semi-vogal *v* evaporou-se como em *fulo* de *fulvo*; *janela* de *januella*; *maneira* de *manuaria*; *manada* de *mantata*, etc., etc.

Teríamos portanto o tema *calv-* e o sufixo *-oiro*, pronuncia popular de *-orio*, com a usadissima atracção de *i* postónico pela tónica. *Calvo* (que subsiste modificado em *caveira, caaveira* de *calaveira* com *a* epentetico entre *l* e *v*) serve bem para caracterizar os estudantes do primeiro ano (antigamente os de disciplinas preparatórias), visto que era e é costume dos quintanistas cortar-lhes madeixas de cabelo tão desageitadamente que só uma tosquia completa os salva de terem aspecto ridículo.

E *-orio* como sufixo de adjectivos existe por ex. em *finorio, simplorio*.

*

Quem souber pôr em lugar do meu *Pio-Egas*; do *Catão-caturra*; do *Rábula-Cábula*; e do *Calv-orio* étimos melhores, que os apresente e terá os aplausos sinceros de

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Coimbra, Dezembro de 1917.

Carta á Ex.^{ma} Sr.^a Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a proposito das quatro etimologias precedentes ⁽¹⁾

Ex.^{ma} Senhora, de todo o meu respeito:

As etimologias que V. Ex.^a propõe reflectem sem dúvida aquella *vis summa ingenii* de que V. Ex.^a tantissimas vezes tem dado testemunho: todavia, como no caso presente, V. Ex.^a propria declara não estar plenamente convencida da certeza das

¹ Esta carta foi enviada, ainda manuscrita, á Sr.^a D. Carolina Michaëlis, que autorizou a publicação d'ella.

mesmas, não estranhará que a outros aconteça isso também. Pela minha parte, tomo a liberdade de lhe apresentar algumas objecções, e lamento não poder substituir todas as etimologias por outras mais tentadoras: apenas procuro substituir uma.

1. Para que *piegas* se explicasse satisfatoriamente por *pio Egas*, necessitava-se que *Egas Moniz* tivesse tido muita popularidade, e grande semelhança com *Eneas*, o que não acontece. Dado o conhecimento escolar de *píus Aeneas*, mais facilmente se tiraria d'esta expressão latina uma portuguesa que tivesse o sentido que aqui se discute.

(Quando se diz *F. é um piegas*, emprega-se, quanto a mim, uma expressão aparentemente comparavel a *F. é um traquina*, que é paralela a *F. é um traquina*: e assim reduziríamos *piegas* a **piega*, e teríamos em **piega* um *nomen agentis* de **piegar*, verbo formado de *pio* (voz), como *funegar* de *fumo*, *verdegar* de *verde*, *estortegar* de *torto*, etc. *Ser piegas* corresponderia pois originariamente a «pipiare», «piauler», o que convem á significação.

2. Substituir em *Catão* a terminação *-ão* por outra, seria phenomeno paralelo a muitos das linguas románicas; mas no nosso caso esperar-se-hia que a terminação substitutiva fosse *-urro*, e não *-urra*. Além d'isso o sentido primitivo de *caturra* não é de «teimoso», é de «bobo», como eu já disse no meu opusculo *As lições de linguagem*, 2.^a ed., pag. 69, e isto não condiz com o papel que *Catão* desempenhou na *Historia*.

3. A palavra *calôiro* supõe-na V. Ex.^a formada de *calvo* + *-ôiro* (por *-ório*). Mas a quêda, a que V. Ex.^a alude, da semi-vogal *i*, em *manada*, *mancira*, *janela*, etc., deu-se, como V. Ex.^a muito bem sabe, em epoca mais remota do que aquella a que V. Ex.^a refere *calôiro*. A esta objecção juntarei outra. O sufixo *-ório* na lingua moderna é muito fixo, como se vê em *finório* (que V. Ex.^a cita), em *escadório*, *casório*, etc., e a ter-se dado a metatese que V. Ex.^a supõe, não resultaria *-ôiro*, mas *-ôiro*, como se deduz da forma vulgar *Gregóiro*: cfr. *históira*, *glóira*, *Vitóira*, *nimóira*. O sufixo *-ôiro* é das epocas primitivas da lingua, e não de épocas modernas. Se em Braga ha *S. Vitóiro*, e a par temos a já mencionada forma *Vitóira*, é que esta é moderna, e aquella é antiga. Finalmente, um *calôiro* não é propriamente um *calvo*, é um «tosquiado».

4. Quanto a *cábula*, a unica objecção que faço é que seria mister reunir mais casos, e mais convincentes.

*

Espero que V. Ex.^a não veja no que digo senão uma prova da muita consideração que tudo quanto vem do saber de V. Ex.^a merece a quem se subscreve

De V. Ex.^a criado, amigo e admirador sincero,

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Sufixo -iscar nos falares do Algarve

Na linguagem popular Algarvia é muito usado o freqüentativo -iscar, de modo que, a par de formas conhecidas, aparecem, às vezes, formas estranhas á lingua culta e que os vocabularios não registam.

Assim ao lado de derivações conhecidas, como:

choviscar > *chover*
lembiscar > *lember* (= *lamber*)
mordiscar > *morder*
namoriscar < *namorar*
torriscar > *torrar*, etc.

encontram-se formas muito interessantes, tais como:

chariscar (= *cheiriscar*) > *cheirar*
comiscar > *comer*
faliscar > *falar*
miriscar-se > *mirar-se*,

vulgaríssimas na linguagem popular do Algarve.

Formação análoga temos no vocábulo *encarniscado*, muito usado também nos falares alentejanos.

Com -iscar alternam os sufixos:

-icar
-inhar
-ucar

v. g.:

corricar > *correr*
chovinhar > *chover*
cominhar > *comer*
falucar > *falar*.

Destas formas, as duas últimas não foram também ainda, que eu saiba, registadas nos dicionários ou vocabulários da língua.

Pelo que fica dito, será talvez preferível supor a derivação:

chover > *choviscar* > *chovisco*

a

chuva > *churvisco* > *chuviscar* ¹

A confirmar esta hipótese estão *lembisco* e *lembiscadela*, de *lembiscar*, também de uso corrente nos falares do sul.

Santo Amaro de Oeiras—Junho de 1917.

BERNARDINO BARBOSA.

Notas filológicas

1. Contaminação sintática.

A' extensa lista de cruzamentos sintáticos em português, apresentada por Julio Moreira ², podem juntar-se mais os seguintes:

1. «Por causa que...», expressão resultante do cruzamento da locução «por causa de...» com a conjunção «porque...», que substitue. Diz-se: «Não fui lá por causa que estive doente».

2. «Namorar com...», expressão formada por analogia com «falar com...», «conversar com...», de sentido identico a «namorar» na linguagem do povo. Diz-se: «Namora com ela ha muito tempo», em vez de «namora-a ha muito tempo».

3. «Ocasionar com que...», expressão devida á influencia de «fazer com que...», de valor ideologico igual ao do simples

¹ V. Gonçalves Viana — «Vocabulário ortográfico e ortoépico da lingua portuguesa». Lisboa, 1910, sub voc. «chuva».

² V. *Estudos da lingua portuguesa*, Lisboa, 1913, 2.º vol., pág. 67 e seguintes.

verbo «ocasionar». Diz-se: «Foi isso que ocasionou com que eu viesse» por «foi isso que ocasionou a minha vinda», ou «foi isso que ocasionou que eu viesse».

2. *Emprego de «que» por «cujo».*

Na linguagem popular o pronome relativo «cujo» é substituído pelo pronome «que». Diz-se: «Aquêlê rapaz que o pai tem um estabelecimento».

Camilo Castelo Branco aprenta no *Eusebio Macario* exemplos do facto reciproco, isto é, do emprego de «cujo» em vez de «que», «o qual», freqüente na boca de certos pseudo-alfabetos com a mania nacional da retorica. Lê-se no citado romance: «Não posso deixar de responder à saúde do senhor doutor de Abadim, *cuja* foi feita a minha filha Custodia, neste banquete em que vejo tudo quanto ha de mais respeitavel no partido da ordem, isto é, da Rainha e Carta, que felizmente nos rege pelo sabio governo do senhor conde de Tomar, *cujo* é o segundo marquês de Pombal como muito bem disse o dono desta casa e meu honrado amigo o senhor abade» ¹.

3. *Um caso de influencia fonetica progressiva.*

Epifanio Dias ² estudou os dois casos de repetição de sons, a prolepse fonetica e a influencia progressiva. De prolepse apresentou exemplos tambem Julio Moreira ³. De influencia fonetica progressiva ha mais um caso na expressão «noz noscada» que o povo de Lisboa emprega em vez de «noz moscada».

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Cartas de amor populares

Conseguí haver às mãos as três cartas de amor que a seguir transcrevo com fidelidade e que são respectivamente de um rapaz e duas raparigas de uma das aldeias do concelho de Viana-do-Castelo. E' êle de alguma illustração, como se verá, mas na sua carta não deixa de haver o jeito popular,—e as duas raparigas escrevem-lhe suas queixas e receios, pois que o rapaz a ambas namora.

¹ Edição do Porto, 1897, págs. 83 e 84.

² V. *Obras de Cristóvão Falcão*, ed. critica, Porto, 1893, pág. 106.

³ V. *Estudos da lingua portugueza*, Lisboa, 1907, vol. 1.º, pág. 8.

Eis as cartas:

*

I

Helena pode ler toda a gente	Viva eu e a
Helena toda a gente pode ver	Helena.

Adorada Helena!!!

Escrevo esta simplesmente para lhe contar quanto soffri hontem; ou para melhor dizer, quanto me fez soffrer com a sua escravidade.

Era coisa que se fizesse! Eu ir dar a (pa) ¹ caminhada em vão! Ficava mais obrigada a Helena se me dissesse que não apacesse lá. Eu confesso do fundo do meu coração. Nunca esperei aquilo da Helena. Como eu sou infeliz.

Como é triste meu soffrer. No momento em que a Maria nica ² me disse que me podia vir embora que [a Helena] não pregava a desfeita ao topinha ³ mas sim a mim (que a sorte assim o permite) se tenho um revolver na mão matava a mim e a mais alguém. Se a Helena tivesse coração de mulher sincera não fazia o que fiz. E depois para se desculpar disse que eu que não era para você. Quem sabe o meu pensamento.

Eu um pobre a quem voce chama rico, gostei sempre mais das raparigas pobres mas sim alegres como você e sinseras como julguei que voce que e ramas enganei-me. Emfim um engano quemquer ma leva. Termino por não estar mais disposto.

De quem a ama recebe o sincero coração.

Antonio...⁴

N. B. Desejava que a Helena me escrevesse só duas palavras porque queria saber um bocadinho do seu pensar.

Quem a ama

Antonio...⁵

¹ E' costume, quando se enganam na escrita, pôr entre parênteses o que deveriam riscar. E' nas escolas que lhes ensinam isto.

² Nica é alcunha, sem dúvida.

³ Nome, ou alcunha, de um rapaz.

⁴ Todo o nome por extenso.

⁵ O primeiro nome e o último apelido.

!!!!HELENA!!!!¹

Helena meu encanto	Passo noites sem dormir
Eu muito hei-de estimar	E' terrivel meu tormento
Que esteja de saude	Nem de noite nem de dia
Quando esta ahi chegar	Você me sae do pensamento
Que mal foi que lhe fiz	Ao ver o seu lindo rosto
Para me abandonar	Eu não sei o que senti
Nesta triste solidão	Só sei que fiquei cativo
Sem de mim se importar	Não posso viver sem si adiante ²
Jurei um amor sem fim	Não a quero enfadar mais
Sempre a amei com ternura	Com esta lamentação
Não julguei que tão depressa	Se em alguma coisa a offendi
Perdece a minha ventura	De todo peço perdão ³ .

Antonio...⁴

Viva a Republica Portuguesa

II

querido Antonio

bai carta fellis vuando nas azas dum paşarinho quadu ella
la chigar dalhe um a braso i um beiginho ⁵ querido Antonio
pesso-lhe por ffavor pesolhe que me man de dizer antes de du-
mingo, si eu ei de agas tar ⁶ o tupinho ⁷ se u eu ei dio agastar
ou nao se bose bem para falar con migo ou nao que tem des-
colpar o que lhi eu tenho feito quen tive a culpa foro ⁸ as nicas ⁹
por nam o deser a 12 de maio que bosses que vinho ¹⁰ ca que
eu mandava o topinha in bora

qui eu nao savia ceboses ¹¹ que vinho ca senou eu lhe fala-
va con todo gosto bose in ¹² nao save a misade que lheu tenho
querido amor.

cieu lhe dava omeu retrato com muito gosto sebosse bier
fallar con migo nonse mete muitos domingos cellu ¹³ eu non deia.

¹ Os versos enchem a 4.ª página em duas colunas.² Este «adiante» é por causa de dois versos que estão a seguir, riscados.³ Os versos estão escritos a vermelho e roxo. Devia ser intenção do A. escrevê-los a vermelho e verde, as cores nacionais.⁴ O primeiro nome é o último apelido.⁵ Uma das quadras do costume.⁶ agastar = fazer zangar.⁷ Nome, ou alcunha, a que já aliudi.⁸ = foram.⁹ Mulheres chamadas Nicas, naturalmente por alcunha, como já disse.¹⁰ = vinham.¹¹ = se vocês.¹² Deveria ser inda.¹³ = que lo (lho).

pois se borse vier falar com migo mas eu sou prove i bosse e rico i sebosse be ¹ que eu ei de andar a fazer farinha por ai tras ² mam de mo dizer

A carta que me madou

Avria ³ cõm pouco geito saime ⁴ do coração introu para dentro do peito.

o papel em quelhe is crevo çaine da palma da mão a tinta dos olhos a pena du coração

A flor dogonco ⁵
gunto o berde loureira
se eu non casar com bosse
perffiro ficar soreira ⁶

A seita a mor esta lenbarnsa ⁷ que eu vou mandar fara de conta um a parto de mão que lhe eu bou dar ⁸.

jllena...

Anno 1913

III

A... 13 — Maio de 1913

Antonio pesolhe por favor que aqui lhe bai esta carta se lha não mandasse sesmava de noute e de dia com as falas primeiras que tivemos me ficaro escrevidas dentro do meu coração a onde me fartei de sismar de noite e de dia quando suobe [sic] que a Elena lhe tinha mandado faser uma carta par lhe mandar quando eu soube era dia fes-se me noute ⁹

Antonio do coração peço-lhe por favor que se no Domingo ca bier lhe torno a pedir que se a Elena ca estiver lhe pesso que benha por a ponte de agra e se estiver eu com ella lhe pedia do fundo do coração que não lhe desse falas a ella por causa que ella ca esta muito gusada ¹⁰ por lhe bosse mandar a carta a onde ella ja lhe fes uma carta para lhe mandar reposta com a legria

¹ = vê. Lê-se bé.

² Andar a fazer farinha é andar a «empalhar» o tempo, a perder tempo, sem tirar resultado. — Por ai atrás é pelo tempo fora.

³ Abri-a.

⁴ Deverá ser saiu-me.

⁵ = do junco.

⁶ E' sorteira (=solteira).—Os versos estão todos na 3.ª pagina.

⁷ = lembrança.—Esta ultima frase está no meio da 4.ª pagina.

⁸ Fard de conta [que é] um aperto de mão que lhe eu vou dar.

⁹ Note-se esta poética expressão.

¹⁰ Satisfeita, desvanecida, cheia de gozo.

que tive ¹ de lhe chegar a carta ainda mais alegria tinha eu se no Domingo ca biesse e não estivesse com ella que ella lhe bai mandar na carta que bai a gastar o topinha e agora lhe pesso por favor que se ella agastar o topinha e bosse tiver sentido de falar com ella peço-lhe por favor que me mande desenganar

Antonio por as primeiras falas que eu tive comsigo a porta da Maria . . a primeira bes quando eu binha quando esperar a Maria . . . ² a porta da fartota ja ela hi podia seguir as nossas combersas ³ mas como bosse era mais do que eu não lhe quiz falar fez lhe essa desfeita e tem que me descurpar e a gora cheguei a falas com sigo não queria que me desfeitasse tornar a falar com a Elena bem sei que a Elena que lhe agrada mais do que eu peço-lhe reposta com isto não o estou a enfadar mais com isto lhe peço por favor que me mande reposta diante ⁴ da Elena para eu saber com o que ei de contar.

Vai carta feliz boando que lindos olhos bas ber botaraste de juelhos quando te forem 'aler ⁵

Antonio do coração receba um abraço muito muito arruxado recomemdações minhas ao M . . do Anrique e outras tantas ao J . . sou em ⁶ esta carta a aseitará por mão propria sou quem bosse sabe

Verjina . .

esta carta querendo mandar reposta a esta carta por mão propria ponha a na mão da Emilia a Deus a Deus ente ⁷ a reposta a Deus ente a primeira ⁸

*

Estas cartas dão bem ideia do género epistolar amoroso dêste povo. Porisso achei interessante e conveniente registá-las na *Revista Lusitana*.

Viana-do-Castelo, 1916.

* CLÁUDIO BASTO.

¹ Teve.

² A mesma Maria.

³ O sentido é: . . . peço-lhe por favor que me mande desenganar. Antonio, pelas primeiras falas que eu tive consigo à porta da Maria . . a primeira vez; quando eu vinha esperar a Maria . . à porta da Fartota [alcunha], já aí podiam seguir as nossas conversas, mas . . . — A carta tem palavras a mais, descabidas.

⁴ = antes. «que me mande resposta primeiro que à Elena».

⁵ A quadra, com o que se segue, está escrita nas margens do papel.

⁶ Estas duas palavras sou eu estão a mais; foi engano de escrita.

⁷ = até (até).

⁸ = até à primeira.

BIBLIOGRAFIA

I

Livros (e opusculos)

Historia de Nala e Damalanti — *Episodio do Maabárata*, tradução do D. Sebastião Rodolfo Dalgado, Coimbra, 1916.

O canto de Nala, que o ilustre professor de sâoscrito da Universidade de Lisboa, verteu agora em português, é um dos muitos episódios da vasta enciclopédia do *Maabárata*. Data de cerca de oito séculos antes de Cristo, e historia os amores de Nala, — o tipo indú da esposa dedicada e fiel, «incomparavelmente superior ao da grega Penelope» ¹. Este episódio, que foi o primeiro conhecido na Europa, onde é hoje o preferido para o estudo de sâoscrito nas Universidades, considera-o o tradutor recomendável por vários títulos: «pela sua remontada antiguidade, pela sua relativa integridade, pela sua fascinante beleza, pela sua imensa popularidade, pela sua afectividade, ora suave, ora patética, pela simplicidade de costumes que fielmente retrata, pelo intenso tom de moralidade de que está impregnado» ².

A tradução, a pesar do Sr. Dr. Sebastião Dalgado se ter cingido rigorosamente ao texto, por entender que assim se deve proceder na interpretação das antigas obras orientais, nem por isso perdeu a vernaculidade característica de todos os trabalhos do erudito sâoscritólogo.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

O anel de Policrates, estudo de critica literaria por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, 1915, um folheto de 22 paginas.

O autor tira estas conclusões do seu estudo, que esmalta com a primorosa tradução de alguns capitulos de Herodoto: «Julgo que na historia de Policrates, tirano de Samor, conforme é referida por Herodoto, ha um fundo verdadeiro que pode resumir-se assim: Policrates era natural da ilha de Samos, e viveu

¹ Pag. 6.

² Pag. 3.

na segunda metade do século VI, antes da era vulgar; pela força apossou-se do governo da mesma ilha, e promoveu a sua prosperidade; aformoseou a cidade de Samos com diversos edificios publicos; fez construir uma numerosa frota de galés, com a qual submeteu ao seu dominio não só outras ilhas circunvizinhas, mas também algumas cidades do continente, proximas da sua ilha, sendo venturoso em todas as cousas que empreendeu. Levado pela cubiça de grandes riquezas, que Oroites, satrapa do rei da Persia, lhe prometera, passou a Magnesia, e ali foi aleivosamente assassinado, e o seu cadaver exposto por ignominia sobre um poste. Mas a este fundo verdadeiro foram ajuntadas diversas tradições maravilhosas, estranhas ao mesmo personagem, e algumas de origem indiana, com fim tendencial, pretendendo-se demonstrar a precária codição da vida humana, conforme foi concebida pelos budistas»².

O folheto termina pela tradução em prosa, «e tão verbal quanto possivel», da bailada de Schiller *Der Ring des Polycrates*.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

A Evolução do Sebastianismo, por J. Lucio d'Azevedo, 1916, edição do *Arquivo Historico Português*.

O circumspecto investigador Sr. Lucio d'Azevedo fez neste seu livro — *A Evolução do Sebastianismo*, notavel por primores de estilo e riqueza de documentos e factos —, a historia completa da quimera sebastianistica, que é a fôrma mais curiosa da credulidade portuguesa.

Obra que se lê de um hausto, onde não ha uma clareira, ela não indica apenas que o Sr. Lucio d'Azevedo é literato de fino gosto; prova também que o illustre investigador é de extrema probridade literaria e possui seguro criterio historico: — nada diz efectivamente que não documente e parece ter encontrado os documentos necessarios para nada deixar por dizer.

O Sr. Lucio d'Azevedo considera no sebastianismo dois factos: a esperanza na vinda de um monarca fadado para grandes coisas; e os anelos do que o rei predestinado havia de realizar.

Dêstes anelos que precedem o aparecimento do rei fadado para miraculosos destinos, foi interprete o sapateiro Bandarra, natural de Trancoso. A materia das *Trovas* do sapateiro profeta,

² Pag. 19.

encontra-se em primeiro lugar nas tradições bíblicas e em segundo nas lendas do ciclo do rei Artur e nas profecias, agoiros e prognósticos que circularam em Hespanha no tempo de Carlos v e em que se pronunciava já o aparecimento de um rei encoberto. No espirito visionario do Bandarra, se algum rei havia que se lhe afigurava capaz de trazer ao mundo a grandeza e a justiça, esse rei era D. João III.

A verdade, porém, é que as profecias do Bandarra, mal vieram a lume, lograram voga extraordinaria. Judeus e Cristãos Novos referiam-nas ao Messias, cuja proxima chegada era então anunciada pela interpretação cabalistica. E os Cristãos Velhos, mergulhados no maravilhoso medieval, que dava à magia, à astrologia e à alquimia foros de sciencias exactas, esperavam tambem, cheios a um tempo de esperança e de terror, um grande milagre, uma radical mudança no mundo.

Entretanto dava-se o revés de Alcacerquibir. As *Trovas* do Bandarra vinham incutir confiança em melhores dias, satisfazer o patriotismo esmagado pelo tremendo desastre. D. Sebastião, que desde a nascença, encarnava os anseios da alma nacional, que nêle pressentia o rei que havia de conquistar Marrocos, desbaratar os Turcos, rehaver a Terra Santa, e fundar o imperio universal, — D. Sebastião, essa *maravilha fatal da nossa idade*, como dizia Camões ¹ (que tambem não escapou ao contagio do ambiente social), não podia ter morrido em Africa quando os vaticínios lhe predestinavam destinos tão altos.

D. João de Castro, o apostolo da religião sebastianistica, comenta então as *Trovas* do Bandarra, que são o alcorão da religião nova, encabeça-as no rei desejado e proclama que este, são e salvo, peregrina por terras longinquas. Varios reis de contrabando aparecem no entanto, e o povo crê aparecer-lhe de cada vez o monarca autentico que perdeu a corôa em Africa. Um destes impostores, o de Veneza, chegou a lograr o proprio D. João de Castro.

Estes varios reis de contrabando não desacreditaram, porém, a ideia sebastianica, que, por morte do visionario D. João de Castro, passou a ter em Manoel Bocarro Francês, famoso mathematico e astrologo. E' em Teodosio de Bragança que Bocarro descobre o novo Encoberto. A personificação vinha a proposito para poder enraizar-se no espirito nacional. O governo de Castela encontrava-se em conflicto com todo o clero português: tri-

¹ *Lusiadas*, I, 6.

butara as ordens monasticas, pedira ao Santo Officio contas dos bens confiscados aos réos, bens que os inquisidores tinham administrado sempre como proprios; e vinha irritando cada vez mais os padres da Companhia de Jesus, que eram declaradamente adversos ao dominio estrangeiro.

Foi com a importuna arma do sebastianismo que o clero em geral, e os jesuitas em particular, combateram o governo de Castela. Serviram-se do grande prestigio de que gozavam entre o povo para semear novas de maravilhas e milagres e fazer vaticínios a respeito do rei Encoberto. Foi o clero que acendeu a rebelião de Evora de 1637 e preparou os espiritos para executarem, com a serenidade de quem cumpre um mandado do destino, o lance arriscado de 1640.

Realizada a Revolução, o clero espalhou logo a fama de milagres novos que eram indício elaro de que o céu apoiava a libertação. O Bandarra, cujas *Trovas* a Inquisição havia condenado depois de obrigar o autor a abjurar os erros que pronunciara, é consagrado como o profeta nacional do alto dos pulpitos. D. João iv torna-se o rei predestinado. O Padre Antonio Vieira, comentador do Bandarra durante a Restauração, assim o proclama na tribuna eclesiastica. O seu espirito inclinado ao maravilhoso chega a afirmar que o rei alevantado, se morrer, ressuscitará para cumprir o que está escrito nas profecias.

Com a morte de D. João iv o messianismo sebastianistico abala-se, mas não se dissipa. Os espiritos que tinham visto em D. João iv o novo Messias, voltam-se outra vez para D. Sebastião, que nunca perdeu totalmente os adeptos. Antonio Vieira e a Companhia de Jesus continuavam, porém, a proclamar acomodaticamente que a corôa de Encoberto pertencia aos reis da Restauração. Chegaram a apontar como predestinado o infeliz Afonso vi que depois de demente, no Castelo de Angra, bradava noite e dia por D. Sebastião para que deixasse as suas Ilhas Encantadas e o viesse libertar a êle e à nação.

Nos ultimos anos do governo de D. Pedro ii, e depois no reinado de D. João v, o sebastianismo entra numa fase de decadencia, sem todavia prometer desaparecer, porque o descontentamento que lavra no país em virtude do correr dos negocios publicos favorecer a conservação da ceita. Sempre entre nós o abatimento despértou grandiosas esperanças e desmedidas ambições.

Com D. José, sob a mão ferrea de Pombal, a nação agitada pelo terramoto e pela guerra com a Hespanha, o sebastianismo

visto com maus olhos pelo Marquês reformador, começa a reduzir-se a uma especie de mania mansa de que ressurge, cobrando alentos novos, ao estalarem as invasões francesas. Um frade bernardo prediz ainda para um neto de D. José o quinto imperio do mundo, e a nação, em face da realidade pujante, em vez de recorrer ás armas, espera o socorro divino que, como anunciavam as profecias, o rei Encoberto lhes havia de trazer. As *Trovas* de Bandarra são de novo interpretadas: e como já se descobrira em 1640 que nelas estava previsto o cativoiro e a restauração, agora concluia-se que elas prediziam tambem as invasões napoleonicas. O profeta de momento, o Preto do Japão, assegurava que D. Sebastião havia de desembarcar em Lisboa, e depois de desbaratar os Francêses, fundar o imperio universal.

Com a expulsão dos invasores o ideal sebastianico entra na agonia. Os profetas do rei desejado passam a ser vergastados pela zombaria popular. Todavia, a despeito do escarneo geral, alguns manicacos ficaram sempre aferrados á velha crença, sobretudo pelas terras da Beira, onde outrora predominou a população hebraica e foram muito lidas as profecias da Bandarra. Ainda em 1911 as *Trovas* do sapateiro de Trancoso, que nunca deixaram de fazer parte da literatura de cordel, apesar das proibições inquisitoriais, tiveram nova edição. E pelas nossas terras de provincia, ainda de longe em longe aparece um pobre de espirito que espera o D. Sebastião — «que ha-de vir das suas Ilhas Encantadas numa manhã de nevoeiro».

Tal é, em palido resumo, o que o Sr. Lucio d'Azevedo nos diz a respeito do sebastianismo, que «é na historia o que é na poesia a saudade — uma feição inseparavel da alma portuguesa»¹.

Do que expusemos resalta sem duvida isto, que queremos que fique bem patente: o ser o trabalho do Sr. Lucio d'Azevedo o primeiro verdadeiramente solido que ainda se escreveu sobre o sebastianismo.

Garrett, a cuja rara intuição artistica nunca escapava o que era sinceramente português, foi quem primeiro notou que «no publico nunca se acreditou bem na morte de el-rei»² e que «os varios impostores que em diversas partes apareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirer confirmaram as suspeitas nacionais»³. O restaurador do teatro nacional que no

¹ *Evolução do Sebastianismo*, pag. 5.

² *Frei Luiz de Sousa*, ed. da Empresa da Historia de Portugal, pag. 93.

³ No livro e pagina citada.

Frei Luís de Sousa nos apresenta na figura de Telmo Pais, que cria nas profecias e na vinda de el-rei D. Sebastião em um dia de nevoa muito cerrada ¹, um tipo de sebastianista, chegou mesmo a abrir, aos dramaturgos, como filão estetico que devia ser explorado, o sebastianismo, que estava no character popular e que em habeis mãos devia dar «riquissimos quadros de costumes nacionais» ².

Oliveira Martins, apresenta-nos depois um quadro historico do sebastianismo na *Historia de Portugal*, em que ha um capitulo, o quarto do quinto livro, que lhe é inteiramente consagrado. O criador da historia dramatizada já enumera as mais agudas crises sebastianisticas, e vai até o ponto de pretender descortinar as remotas causas da ideia pressianica: «quando vemos—diz—que D. Sebastião se transforma num rei Artur, escondido na ilha viçosa dos bardos, somos, com efeito lovados a supôr que o elemento etnicamente dominante nas populações é em Portugal celta, pois que os seus frutos ingenuos e espontaneos tem a côr e a forma dos produtos dessa raça» ³.

Porem, muito superior e muito mais desenvolvida que o estudo, sem duvida já notavel, de Oliveira Martins, é o do Sr. Lucio d'Azevedo. *A Evolução do Sebastianismo* é uma obra que ha-de evidentemente ficar, e que terá de ser compulsada e meditada por todos aqueles que entre nós queiram continuar a estudar tão curioso assunto, que bem digno é de que chame para ele a atenção de um psicologo, que esteja á altura do historiador que dele foi o Sr. Lucio d'Azevedo. Ainda falta efectivamente avaliar o que ha de sebastianico no espirito do povo português, que diariamente se deixa ludibriar pelo conto do vigario, que crê constantemente em messias e salvadores da politica, que já-mais duvida dos talentos sob palavra de honra que se fazem nas esquinas e nos cafés, e que basta aparecer um burro carregado de livros, para logo cuidar que é nm doutor.

A obra do Sr. Lucio d'Azevedo facilitará, porém, a tarefa aos futuros escritores — e nisso está exactamente o seu mais alto elogio.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

¹ *Frei Luís de Sousa*, ed. citada, pag. 30 e 45.

² Na mesma obra, pag. 93.

³ *Historia de Portugal*, ed. de Lisboa, 1882, vol. II, pag. 79.

Alguns temas filologicos, por Francisco Pinto d'Almeida, Coimbra, 1914, folheto de 48 paginas.

O autor occupa-se da analyse filologica de alguns textos arcaicos, nomeadamente uma poesia de trovador João Soares Somesso. O folheto contem ainda algumas considerações rapidas sobre arcaismos, neologismos, e caso etimologico em português, e termina por uma serie de notas lexicograficas. O trabalho do Sr. Pinto d'Almeida, aliás feito com cuidado, tem para nós, que nunca fomos infelizmente alunos da grande romanista Sr.^a D. Carolina Michaëlis, o merito de nos revelar a illustre senhora no seu trato com os discipulos.

Abre o folheto por uma carta preambular da insigne professora, cheia de «incitamento benevolo» e em que ella propria declara que nas suas aulas de Coimbra procura «despertar o interesse de todos os ouvintes pela sua bela lingua patria».

Estas palavras da sábia filologa, como de modo geral toda a carta, e até o proprio folheto do Sr. Pinto d'Almeida, dão bem medida da obra fecunda e altamente patriotica que a Sr.^a D. Carolina Michaëlis está realizando na velha Universidade do Mondego.

JOÃO DA SILVA CORREIA

A Viagem de Antero de Quental á America do Norte, por Antonio Arroyo, um volume de 31 paginas, edição da Renascença Portuguesa, Porto, 1916.

Este livrinho do sr. Antonio Arroyo encerra curiosos episodios da viagem de Antero de Quental á America, num patacho de Joaquim Negrão, e em substituição de João de Deus, que á ultima hora, em virtude do seu estado nervoso, se recusára a embarcar.

A Viagem de Antero de Quental á America do Norte é um trabalho que merece ser compulsado, não apenas para se saber qual a influencia que no espirito do nosso grande poeta-filosofo exerceu o Novo Mundo, mas ainda para se poder fazer um juizo seguro do seu caracter, que era inacessível ao temor da morte, como se verificou na ocasião de um temporal em que o patacho esteve prestes a desfazer-se de encontro a uns cachopos.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

A Marqueza d'Alorna, pelo Marquez de Avila e Bolama, um volume de 244 paginas, Lisboa, 1916.

A importancia deste livro reside essencialmente nos documentos e cartas que contém, e que lançam jorros de luz sobre a vida da Marqueza de Alorna e, até certo ponto, sobre o caracter moral do ministro de D. José I. D. Leonor d'Almeida foi tão culta quanto infeliz. Conhecedora de umas poucas de linguas, vertendo facilmente do latim e do alemão para português, as viagens por varios paizes da Europa completaram-lhe a educação e aperfeiçoaram-lhe o talento, por modo tal que ela foi entre nós o que foi em França essa grande figura de mulher com quem Alcipe provou em Paris e Londres — M.^{me} de Itael. Da mesma maneira que esta escritora mostrou á França o germanismo, a Marqueza d'Alorna foi para Portugal «uma especie de iniciadora, de reveladora do pensamento e da poesia do norte, que nos eram desconhecidos.» ¹

Com a familia toda perseguida pelo Marquez de Pombal, victima ela propria da crueza do ministro de D. José tendo passado horas de penuria, e soffrido inumeras amarguras, nem por isso a bondade do seu coração diminuiu, como prova uma carta que escreve ao pai, preso nos carcerees da Junqueira. Ao velho Marquez, que queria Voltaire o grande demolidor, sumariamente liquidado num auto de fé, ela apresenta estas ideias a um tempo judiciosas e cristianissimas:

«De que servem homens queimados meu querido pai? Por ventura reconhecem eles a verdade na fogueira? Não é só Deus que deve pôr termo aos nossos dias». ² Outra prova de bondade d'alma e finura intelectual de D. Leonor d'Almeida está na protecção que dispensou a espiritos eleitos, nomeadamente Herculano, que acerca dela escreve:

Aquella mulher extraordinaria, a quem só faltou outra patria, que não fosse esta pobre e esquecida terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pretensões de superioridade excessiva do nosso sexo, é que eu devi incitamento e protecção literaria, quando ainda no verdor dos anos dava os primeiros passos na estrada das letras.» ³

Não é, pois, sem consideravel vantagem que se compulsa

¹ Pag. 24.

² Pag. 104.

³ Pag. 33.

o trabalho do sr. Marquez d'Avila e Bolama, que merece ficar como tipo de investigação biografica de um autor literario.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

II

Periodicos



Modern Language Notes, vol. XXIX, n.º 6 (Junho de 1914): tem um artigo de W. Crawford intitulado «Analogues to the Story of Selvagia in Montemayor's *Diana*», onde também alude a Gil Vicente.

The Journal of American Folklore. No n.º 104 (vol. XXVII, 1914) iniciou o Sr. Aurelio M. Espinosa um importante estudo intitulado *Comparative Notes on New-Mexican and Mexican Spanish folk-tales*, onde figuram também por vezes contos populares de Portugal e Brasil.

No mesmo *Journal*, n.º 106 (vol. XXX, 1917), vem: *Ten folk-tales from the Cape Verde Islands* colhidos por Elsie Clews Parsons (em crioulo, com tradução inglesa).

J. L. DE V.

III

Varia quaedam

A) Glotologia:

Linguagem medica popular, por Alberto Saavedra, separata do n.º 1 do *Portugal medico*, Porto, 1915: compreende o estudo de cerca de oitenta vocabulos e expressões populares respeitantes á medicina, que tem andado desgarrados dos dicionarios.

A linguagem medica popular de Fialho, por Alberto Saavedra, reimpressão revista e melhorada de uma separata do *Portugal Medico*, Porto, 1916.

O autor tem como unico intento «ancorar a obra de Fialho na faceta restrita da linguagem medica popular, patenteando

assim, embora num limitadíssimo campo, a riqueza surpreendente da obra desse complexo temperamento d'artista» ¹.

Apresenta cerca de duzentos vocabulos, alguns dos quais pouco vulgares e inda não inscritos nos dicionarios, e nota que Fialho é, depois de Camilo, «cujo espolio literario é dez vezes maior» ², o escritor moderno mais fecundo a este respeito.

— **Da ortografia do pronome-artigo «lo», em função objectiva**, por José A. Rizzo, 3.^a edição, S. Paulo, 1916, um folheto de 47 paginas.

O autor prova que é *dizê-lo*, *dizemo-lo*, e *di-lo* que se deve grafar em português, e não erroneamente *dizêl-o*, *dizemol-o*, e *dil-o*. São tres os argumentos de que se serve para fazer a demonstração: o primeiro de natureza arcaica e classica, o segundo fonetico, e o terceiro historico-etimologico. O Sr. José A. Rizzo, que está no campo da verdade e defende a boa doutrina, esmalta o seu folheto com as opiniões que a respeito do pronome-artigo «lo» emitiram os nossos mais eminentes filologos — Adolfo Coelho, D. Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, Júlio Moreira e Leite de Vasconcellos.

Glosas ao relatorio da comissão nomeada por portaria do governo provisorio da Republica Portuguesa, de 15 de Fevereiro de 1911, para simplificar e unificar a ortografia, um folheto de 54 paginas, Manãos, 1913. E' a critica a algumas das ideias apresentadas pela comissão encarregada da reforma da ortografia portuguesa.

Ortografia portuguesa, por Americo de Moura, Campinas, 1913; um folheto de 64 paginas. E', em certos limites, a defesa da reforma ortografica portuguesa, que o autor entende dever ser aceite no Brasil nos seus lineamentos gerais, e lhe parece ter sido sem razão combatida pela Academia Brasileira.

Revista dos liceus, Porto 1916. Aí tem publicado (no n.º 1 a 10) o illustre colaborador da *Revista Lusitana* Dr. A. C. Pires de Lima uma serie de artigos com o titulo de «Anotações ao Novo Dicionario de C. de Figueiredo».

JOÃO DA SILVA CORREIA.

¹ Pag. 11.

² Pag. 72.

B) Tradições populares portuguesas (1915-1917)

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIX, 343)

Historia do Museu Etnologico Português, por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1915, VII-445 pag., com 43 estampas.

Etnografia artistica, pelo mesmo, Lisboa 1916: fasciculo 1.º, de 12 pag.; fasc. 2.º, de 15. Com gravuras.

Cantigas quadradas, pelo mesmo, Elvas 1916, 9 paginas.

Arte popular do Alentejo — Os ganchos de meia de barro de Extremoz, por Luis Chaves, separata dos n.ºs 67 e 68 da *Aguia*, 1917.

Mealheiros, pelo mesmo, separata do n.º 22 da *Atlantida*, 1917.

Sobrevivencias neolíticas de Portugal — vestígios líticos, em concordancia ou paralelismo e na toponomia — pelo mesmo, separata do IV vol. do *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Dos tres capitulos de que a separata consta — Litolatria, Litocultura, Litonomastico, o menos curioso não é certamente o ultimo, que vem chamar a atenção para um dos ramos menos cultivados da filologia nacional — a toponimia.

*

Lusa, folha quinzenal de letras e sciencias, que em 15 de março de 1917 começou a publicar-se em Viana do Castelo, e na qual tem vindo a lume importantes estudos de etnografia, e arte popular. E' habilmente dirigida pelo Dr. Claudio Basto, bem conhecido dos leitores da *Revista Lusitana*.

Figueira, revista mensal de literatura, sciencia e arte, onde tem aparecido alguns estudos curiosos de etnografia local.

Portugal Medico, revista mensal de medicina portuguesa, que vem a lume, desde janeiro de 1915, no Porto: succedeu á *Gazeta dos Hospitais*, e nele se publicam por vezes artigos sobre crendices e medicina popular, que muito importam ao etnografo.

Terra Nossa, mensario de inquerito á vida alentejana, cujo primeiro numero saiu á luz em maio de 1916 em Lisboa, e que tem publicado já bons estudos de etnografia regional.

*

Por informações que nos deu o Sr. Leite de Vasconcellos, sabemos que ele está trabalhando activamente numa obra intitulada:

1) **Etnografia Portuguesa** (elementos para o seu estudo). Tanto com relação ao presente, como ao passado. Constará de muitos volumes, e conterá muitas ilustrações.

O mesmo autor conta publicar proximamente:

2) **No adro e no lar**, que constituirá o 2.º e último volume da *Biblioteca etnografica portuguesa*, e representará os assuntos que deviam figurar nessa *Biblioteca*, alem do já tratado no 1.º volume (*Tradições populares de Portugal*, Porto 1882). O Sr. Leite de Vasconcellos não deseja deixar totalmente incompleta a *Biblioteca*, e é por isso que publicará o referido volume.

3) **Pedaços de Portugal** (relatos de excursões). Com este titulo se coligirão em um volume os opusculos e artigos já publicados pelo autor, nos quais ele narra várias excursões que tem feito pelo país, do Norte ao Sul, e do Nascente ao Poente; juntar-se-ha um ou mais artigos ineditos. Os assuntos são não só de Etnografia, mas tambem de Arqueologia e Filologia.

JOÃO DA SILVA CORREIA.



NECROLOGIA

ATAIDE OLIVEIRA

Francisco Xavier de Ataíde Oliveira nasceu no Algoz, concelho de Silves. Frequentou o seminário de Faro, tomou ordens e bacharelou-se depois em teologia e direito na Universidade de Coimbra; desempenhou o lugar de conservador do Registo Predial em Loulé.

Investigador muito activo, deixa trabalhos de folklore de relativa importancia. Nos ultimos anos da sua vida, publicou várias monografias de localidades algarvias. Era sócio correspondente do Instituto de Coimbra e da Academia de Sciencias de Portugal. Morreu aos 73 anos.

Obras:

1— «Contos infantis». Tavira 1897. 2 vol. (sexo femenino e sexo masculino). Obra literária; apenas o VII e XIV contos do vol. 2.º mostram elementos populares.

2— «As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve». Tavira 1898, com anotações e fotografuras. É o primeiro estudo deste autor, sobre tradições populares: lendas e superstições.

Escrito com forma literária, é no entanto valioso como investigação folkloristica, bem como pela linguagem bastante rica em provincianismos algarvios. A «Revista Lusitana» deu noticia desta obra em seu vol. VII, pág. 79.

3— «Contos tradicionaes do Algarve». Tavira 1900-1905— 2 vol. Parece que o primitivo titulo do livro ao entrar no prelo seria: «Contos antigos e lendas piedosas e profanas do Algarve»; foi depois impresso com aquele titulo. O 1.º vol. contém, classificados pelo autor, 219 contos, lendas, patranhas, facécias, exemplos, casos, anedotas, e uma cantiga: uma verdadeira miscelânea com feição literaria mas curiosa. O 2.º vol. contém 220 artigos; vem muito melhorado na linguagem, traz já variantes e as localidades onde foram colhidos. A «Revista Lusitana» deu tambem noticia desta obra em seu vol. VII, pág. 160.

4— «Biografia de D. Francisco Gomes do Avelar». Pôrto, 1902, com fotografuras e notas.

5— «Cancioneiro e Romanceiro do Algarve» (Lição de Loulé). Pôrto, 1905. À parte a preocupação do autor em querer

considerar só certas variantes como autenticas esta obra é realmente valiosa e traz muitas canções e romances compilados com cuidado.

6—«A monografia do Algôs». Lisboa, 1905 — com notas. No cap. XIII trata das superstições.

7—«Monografia do Concelho de Loulé». 1905.

8—«Monografia do Concelho de Olhão da Restauração».

9—«Monografia de Alvôr».

10—«Monografia do Concelho de Villa Real de Santo António».

11—«Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve».

12—Monografia de S. Bartholomeu de Messines», 1909.

13—«Monografia de Paderne ou Paderna», 1910.

14—«Monografia de Estombar».

15—«Monografia de Porches».

16—«Monografia da Luz de Tavira», 1913.

17—«Apontamentos para a Historia da Ordem Terceira de S. Francisco de Loulé desde a sua origem até nossos dias» (em publicação?)

A «Revista Lusitana», publicando esta breve nota, presta uma justa homenagem ao falecido sacerdote, verdadeira glória da provincia do Algarve.

Lisboa, Julho de 1917.

BERNARDINO BARBOSA.

GIUSEPPE PITRÈ

Em 10 de Abril de 1915 finou-se em Palermo o ilustre etnografo G. Pitрэ, que aí havia nascido em 23 de Dezembro de 1842: vid. *L'Illustrazione Italiana* (Milão) de 23 de Abril de 1915. Pitрэ fundou e dirigiu o *Archivio per le tradizioni popolari*, que durou mais de vinte anos, e, entre outras obras, publicou a *Biblioteca delle tradizioni popolari Siciliane*, que consta de muitos volumes. Alem d'isso deve-se-lhe o Museo de Etnografia italiana, criado na cidade patria. Ultimamente Pitрэ fôra nomeado professor de *folk-lore* na Universidade panormitana: vid. *Revue des langues romanes*, LV, 497, onde se imprimiu a lição inaugu-

ral, traduzida em francês. Pitre desenvolveu pois grande actividade no campo do *folk-lore*, e prestou á sciencia serviços relevantissimos.

O falecido estava em relações com varios investigadores portugueses, e aos trabalhos d'estes se havia referido por vezes: vid. *Archivio*, I, 150, 153, 163, 165, 487, 609, 611; II, 147, 626; XII, 278-279 etc. Quem escreve estas linhas possui d'ele muitas cartas ¹.

J. L. DE V.



¹ De uma, de 14 de Março de 1882, transcrevo uns trechos, como homenagem á memoria do preclaro etnografo:

«...Io intendo que l'*Archivio* sia organo di tutti i mitografi delle varie nazioni: e il Portogallo La per me una simpatia speciale.

«...Conosce motti o canzonetti popolari che si attribuiscono al suono imitativo delle campane delle chiese? P. esempio: Una campana di Palermo, che sonava verso l'ora della scuola, secondo il popolo, diceva:

«Don Pepé

«Scola c'o (bis).

«Un'altra d'un monastero di clariense:

«Semu malati (malate) (bis).

«Se ne conosce, mi favorisca di trascrivermene qualcuno...»

Eu enviê-lhe pouco depois alguns d'estes motti ou rimas, que me agradeceu em carta de 9 de Abri de 1882. No mesmo anno appareceu no *Archivio*, t. I, p. 333 ss., um artigo de Pitre, onde elle aproveitou, como declara, o que lhe enviê: p. 340-341; e eu publiquei sobre o assunto duas notas no t. II, p. 584, que foram reproduzidas nos *Ex-santos Ethnogr.*, IV, 186.

Nas minhas pastas possuo numerosas rimas que traduzam, ás vezes de modo muito gracioso, varias vozes de sinos, da Extremadura, do Minho, da Beira etc. Não raro os sinos estabelecem dialogos entre si, por exemplo:

Em tres conventos lisboenses, de Franciscanos, Paulistas, e Carmelitas, diziam os sinos do 1.º, com humildade: — *Os pobrezinhos, os pobrezinhos*... Respondiam os sinos do 2.º, com pompa: — *Os fidalgos, os fidalgos*... E replicavam os do 3.º, em voz de falsete: — *Marotos todos, marotos todos*...

O povo, sempre que pôde, aproveita a occasião de chasquear das cousas ecclesiasticas, ao mesmo tempo que recorre com fé á Virgem Maria, nas desventuras. São contradições, de que abundam exemplos na Historia de muitos povos (literatura franceza medieval, literatura hespanhola, Gil Vicente, etc.).

CRÓNICA

Exposição etnografica em Lisboa

Em duas salas da sua escola de «arte domestica», a Snr.^a D. Albertina Paraiso organizou em 1916 uma exposição de productos da arte regional portuguesa.

Duas vantagens tem estas iniciativas, dignas sempre de bom apreço. A primeira, e de ordem material, é o auxilio que prestam directa e indirectamente á industria popular; facultam-lhe compradores, adquirem-lhe encomendas, e abrem-lhe mercado pelo conhecimento das manufacturas. A segunda, esta de ordem espiritual, que vae porêr reflectir-se na primeira, consiste em proporcionar aos estudiosos elementos de observação, e aos regionalistas o consolo das provas de vida do seu país.

Sentia-se a falta de um mostruario permanente de industria popular, para facil aquisição e mercado corrente.

No *Panorama* de 1838, p. 58, elogiam-se os beneficios que «tem feito á patria» a Sociedade Promotora da Industria Nacional, que, installada no Convento dos Paulistas, abria exposições dos productos de industria nacional. Ha quanto extincta, e que falta faz uma sociedade semelhante, para a vitalidade e incremento das artes populares!

Uma exposição permanente «devait rappeler á un public «moins préparé aux beautés des sciences archéologiques de vieux «et agréables souvenirs, faire revivre nos anciennes corporations «dans leur intimité et dans leurs moeurs, ainsi que la vie de nos «pères dans les intérieurs de leur ménage et de leurs négoce». Assim se lê no «Enseignement de l'Exposition de Malines en 1911», que pode ver-se nas *Annales de la Royale Académie d'Archéologie de Belgique*, LXIV, 6.^a serie, tomo IV, pag. 370.

Evidentemente a exposição da Sr.^a D. Albertina Paraiso, sendo a primeira que esta senhora organizou, foi uma tentativa. Teve lacunas, que, em uma exposição d'este genero, são de notar. Por exemplo, na cerâmica faltou o que de mais caracteristico é mais bello ha no país: um *asado* de Coimbra, um pucaro de Loulé, de Extremoz, Barcelos e Nantes (Chaves), uma infusa alentejana ou algarvia, uma cantarinha minhota do Prado. Em vez das imitações actuaes da louça do seculo XVIII, mais felizes na intenção do que na verdade, muito embora attaes por

vezes, poderia ter sido mais selecto e mais representado o vasilhame português.

Da louça negra faltou, além da do Prado e Molelos, a mais linda; feita por oleiros rusticos, perdidos no monte, dão-lhe algumas das formas mais gentis do meu conhecimento. Tem um tom negro bronzeado essa louça dos fornos de Vilar de Nantes, ás portas de Chaves.

De bordados e tecidos, panos e rendas, era grande o mostruario. Havia os bordados floridos e entrançados, os *crivos* de Guimarães, os bordados de rosetas de Vila do Conde, os bordados finos, azulados ou rosados, da Madeira, rendas de Vila do Conde e de Peniche, lenços de Alcobaça, com enormes flores estampadas de cores vivas, que as mulheres cruzam no peito, como as sacerdotizas de Isis amanhavam o manto.

Não faltavam as mantas listradas do Alentejo, nem as mantas, tapetes e reposteiros de Castro d'Aire. Não veio porém a algarviada de côr das mantas de farrapos, dos aventaes, das sirguilhas do Minho, a lembrarem indumentaria faraónica das mulheres da Murtosa, da Maia, de Viana, que tem no Sul continuação nos trajes dos boieiros ribatejanos e das mantas sultejanas.

A cestaria de Portugal, tão variada desde a alcoba arabica do Algarve aos gigos e cestos de Tras-os-Montes e Minho, precisa de maior apresentação. Havia-a da Beira Alta e Algarve.

As candeias, lampeões, lamparinas, todo o sistema de iluminação caseira e agricola merece logar. Viam-se porem lanternas de Viseu.

O mobiliario foi representado por alguns exemplares pregueados de Pombal, pintados de Evora, de assento de buinho, e tamboretas, bancos de tabua da Extremadura (Santarem).

A tapeçaria de palha, esparto e tabua, congénere da cestaria, teve ali das mais lindas esteiras do Algarve, coloridas, rectangulares e elipticas, e algumas monocrómicas da Beira Alta.

As rocas são prendas de namorados. Cantam os poetas do seculo XVII para cá este costume de madrigal. Vale bem a pena mostrar como se fazem rocas e principalmente se decoram. Foram estudadas as de Alcobaça pelo Sr. Natividade Vieira na *Portugalia* II vol., pag. 639-646 (com 42 illustrações).

Investigação vocabular

A Academia de Sciencias de Portugal empreendeu uma investigação vocabular pelo país. Nesse sentido o nosso prestimoso colaborador Snr. Oscar de Pratt dirigiu uma circular ao professorado e ao clero: vid. *Trabalhos* da dita Academia, v, 89-91, onde indica o plano.—Claro está que os vocabulos que assim se colherem devem ser depois passados pela feira filologica.

J. L. DE V.

Congresso transmontano

Diz-se no *Diario de Noticias* de 31 de Janeiro de 1916, que havia de realizar-se em Vila-Real, por ocasião das feiras de Santo Antonio do referido ano, uma exposição regional. O projecto era bom, porém não sei se foi levado a efeito.

J. L. DE V.

Cadeira de português numa universidade da America

Lê-se no mesmo jornal, de 26 de Março de 1916:

«*Oakland* (California), 26 de fevereiro. — Chegou a esta cidade o sr. dr. Eugene E. Vann, professor de português na Universidade de Stamford, para fazer aquisição de alguns livros portuguezes para o ensino da nossa lingua a alguns estudantes naquele estabelecimento de educação. O sr. dr. Vann esteve cerca de sete anos no Brasil, onde estudou a lingua portuguesa, falando-a e escrevendo-a com correção. E' natural do Estado da Alabama, e ha tempos que se encontra na California».

J. L. DE V.



Erratas do artigo "TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO,"

(Vol. XVIII, pag. 223 e XIX, pag. 76)

VOL. XVIII

Página	Linha	Nota	Nota se lê	Nota-se
223	4		Terras	Terra
224	19		aspecto	e aspecto
224	27		é comum	são comuns
224		I	o <i>Carpinteiras</i>	as <i>Carpinteiras</i>
224		I	o <i>Lucifeiro</i>	o <i>Lucifères</i>
232	5		(Pedrôso)	(Padrôso)
234	21		está escrita	está escrita
257	30		Tringuêda	Truiguêda
262	15		Contigo a comparei	Contigo a comparei ¹
262	33		Da casaca	De casaca
262		I	142 a 230	142 a 226
262	ultima		A d'onde quer que che- gais ¹	A d'onde quer que chegais
264	17		Indo en	Indo eu
267	ultima		sem tua mãe	com tua mãe
272		I	As quadras n.ºs 231 a 357 foram colhidas em Gra- lhas	As quadras n.ºs 342 a 357 foram colhidas em Gra- lhas, e as n.ºs 228 a 341 em Cortiços,
278		I	379 a 442	382 a 442
279	14		notar centigas	notar cantigas
279		I	Nome do	Nome de
283	1		A quinta	O quinto
287	2		retomadas	retornadas
288	3		são os onze	são as onze
299	5		Forguêda	Torguêda
299	5		borga	Corga
299	12		que dava	que dizem dava
299	18		Na Loja	Na Laja
302	17		Dum mez	... dum mez
78	6		fogo	fogo
78	9		dêles	dêle
79	6		irem	ir
79	16		Santinha	Saudinha
80	20		de	dos
81	37		<i>croças</i>	<i>croças</i>)
81	39		bom	bô
83	27		todos	todas
86	19		Padrôso	Padrôso
86	22		teos	iens
87	33		menina	avôzinha
94	38		<i>xupo</i>	<i>scupo</i>
96	21		<i>frança</i>	<i>frança</i>
104	4		Verguinhas	Verguinhas
104	6		Covelões	Covelães
104	33		Ruivães	Ruivães
110	21		tonças	touças
111	8		(diz a velha)	(diz a ovelha)
115	10		fateixa	fateixa
115	15		Digo-lhe	Digo-lho
119	13		não sabemos	só sabemos
128	5 e 6		Que nem a bica probemos	Graças a Deus
			Graças a Deus	Que nem a bica probemos
129	6		verças	berças

INDICE DO VOL. XX

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

	PAG.
Tradições populares de Santo Tirso (continuação) — por Augusto C. Pires de Lima	5
Dialecto Indo-português de Negapatão — por Sebastião Rodolfo Dalgado	40
Turquel folklórico — por José Diogo Ribeiro	54
Estudos camonianos (continuação) — por Gomes de Brito	81
Contos populares de Évora (continuação) — por Bernardino Barbosa	107
Nomes de ventos (continuação) — por Oscar de Pratt	119
Tradições populares do Baixo Alentejo — por D. Maria da Conceição Portugal Dias	129
Vocabulário barrosão — por Fernando Braga Barreiros	137
As janelas e os reis (Algarve) — por Guerreiro Gascon	175
Textos antigos portugueses — por J. J. Nunes	183
Migalhas etnográficas — por João da Silva Correia	209
Glossário dialectológico dos Arcos de Valdevez (continuação) — por Felix Alves Pereira	239
Investigações ethnographicas (artigo postumo) — por A. Thomás Pires	257
Retalhos de um adagiário — por José Maria Adrião	298

MISCELANEA:

"Mais vale um gôsto que quatro vintens," — por J. L. de V.	162
"Baçaqueira," — pelo mesmo	162
Nomes de ventos — pelo mesmo	162
Para "encantar, os ratos — pelo mesmo	163
"Haver," (impessoal) no plural — pelo mesmo	165
Etymologische Einfälle — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ..	316
Carta á Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos — por J. Leite de Vasconcellos	319
Sufixo -iscar — por Bernardino Barbosa	321
Notas filológicas — por João da Silva Correia	322
Cartas de amor populares — por Claudio Basto	323

BIBLIOGRAFIA:

I. Livros (e opusculos):

<i>Um capítulo de Semantica</i> , de Americo de Moura	167
<i>A superstição e o crime</i> , do Visconde de Carnaxide	168
<i>Contribuição para a lexicologia luso-oriental</i> , de S. R. Dalgado	173
<i>Historia de Nala e Damaianti</i> , de S. R. Dalgado	328

	PAG.
<i>O anel de Policrates</i> , de Francisco M. Esteves Pereira	328
<i>A evolução do Sebastianismo</i> , de Lucio de Azevedo	329
<i>Alguns temas filológicos</i> , de F. Pinto d'Almeida	333
<i>A viagem de Antero á America</i> , de Antonio Arroyo	334
<i>A Marquessa d'Alorna</i> , do Marquês de Avila e Bolama	335
Todos os artigos são de João da Silva Correia.	

II. Periodicos:

<i>Modern Language Notes</i> —por J. L. de V.	336
<i>The Journal of American Folklore</i> —pelo mesmo	336

III. Varia quaedam:

A) GLOTOLOGIA:

<i>Linguagem medica popular</i> (A Saavedra)	336
<i>A linguagem medica de Fialho</i> (A. Saavedra)	336
<i>Da ortografia do pronome-artigo «lo»</i> (A. Rizzo)	337
<i>Glosas ao Relatorio da Ortografia</i>	337
<i>Ortografia portuguesa</i> (Americo de Moura)	337
<i>Revista dos liceus</i>	337

B) TRADIÇÕES POPULARES (1915-1917):

<i>Historia do Museu Etnologico</i> (Leite de Vasconcellos)	338
<i>Etnografia artistica</i> (idem)	338
<i>Cantigas quadradas</i> (idem)	338
<i>Arte popular do Alentejo</i> (L. Chaves)	338
<i>Mealheiros</i> (idem)	338
<i>Sobrevivencias neolíticas de Portugal</i> (idem)	338
<i>Lusa</i> , revista (Cl. Basto)	338
<i>Figueira</i> (revista)	338
<i>Portugal Médico</i> (revista)	338
<i>Terra Nossa</i> (revista)	339

Obras de J. L. de V. em elaboração:

<i>Etnografia portuguesa</i>	339
<i>No adro e no lar</i>	339
<i>Pedaços de Portugal</i>	339

Toda esta secção III é assinada por João da Silva Correia.

NECROLOGIA:

Ataide Oliveira —por Bernardino Barbosa	340
Giuseppe Pitre —por J. L. de V.	341

CRONICA:

PAG.

Exposição etnografica em Lisboa—por L. Chaves.....	343
Investigação vocabular (O. de Pratt).....	345
Congresso transmontano.....	345
Congresso de portugêz numa Universidade da America.....	345

ERRATAS:

Das Tradições populares de Barroso.....	346
---	-----

Erratas do artigo **DETALHOS DE UM ADAGIARIO**
(pag. 298 ss.)

- A pag. 309, linha 10.^a, onde se lê *fiar-se*, deve ler-se «fiar-se».
 Leia-se *uo* em vez de *ou*, a pag. 311, linha 9.^a.
 A pag. 313, nota 1, linha 4, saiu *Ilusración* em logar de *Ilustración*.



REVISTA DE HISTORIA

(PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL)

Orgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Louçada pelo Ministerio de Instrução Publica
em Portaria de 9 de Dezembro de 1914

Assinatura (1 ano) 1\$50
Numero avulso \$40

EM PUBLICAÇÃO O VI ANO

FRANCISCO DE SALES LENCASTRE

OS LUSÍADAS

POEMA EPICO

POEM

LUÍS DE CAMÕES

Edição annotada para leitura popular

2 grossos vol. enc. 2\$40

AS NACIONALIDADES IBERICAS

(Espanha Central Espanha Mediterrañea e Portugal)

J. Augusto Coelho

I

A Theoria da Historia

1 vol. \$50

FIDELINO DE FIGUEIREDD

Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes:

- A Critica litteraria como sciencia. — 2.^a edição seguida de uma Bibliographia portugueza de critica litteraria 1910 e 1914. \$40
Antologia geral da litteratura portugueza. (a sair do prelo) \$25
Caracteristicas da litteratura portugueza. — Reimpressão revista \$70
Estudos de litteratura (artigos varios) \$70
Estudos de litteratura (2.^a serie) (a sair do prelo)
Historia da critica litteraria em Portugal. — Da Renascença á actualidade. — Esboço historico. 2.^a edição revista e seguida de appendices documentarios. 1 grosso vol. \$60
Historia da litteratura classica. — (1502-1825). Com uma introdução sobre a litteratura medieval e as origens do humanismo. 1\$20
Historia da litteratura realista. — (1871-1900). 1 vol. \$80
Historia da litteratura romantica. — (1825-1870). 1 vol. \$80
O Espirito Historico. — Introducção á Bibliotheca — 2.^a edição seguida de uma Bibliographia portugueza de theoria e ensino da historia. 1910 e 1915. 1 vol. \$30
Portugal nas guerras europeas. — Subsídios para a comprehensão d'um problema de politica contemporanea. 1914. \$30

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal , Porto, 1891	\$50
Poesia amorosa do povo português , Lisboa, 1890.	\$40
Religiões da Lusitania , 3 volumes 1897-1913	7\$50
Ensaio ethnografico , 4 volumes 1891 (1911)-1910.	3\$10
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise , Paris 1901	\$60
Estudos de Philologia Mirandesa , 2 volumes, Lisboa 1900-1901. . .	3\$00
Textos archaicos , 2. ^a ed. (esgotada).	
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa , Lisboa 1910 (esgotado) .	1\$00
Lições de Philologia Portuguesa , 1 volume cartonado, Lisboa 1911	2\$00
De Campolide a Melrose , relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia, 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915.	\$70
Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914) , 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915	1\$20

A Revista Lusitana publica-se aos fascículos, e saem quatro por ano (21 a 22 folhas).

Preço da assinatura anual: Portugal e Hespanha. 2\$50

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director, **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, R. de D. Carlos Mascarenhas, 4, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assinatura) deve ser enviada ao editor, **A. M. TEIXEIRA**, P. dos Restaurados, 17, Lisboa.